



Janey Wilcox

ALPINISTA SOCIAL

C A N D A C E B U S H N E L L

Autora de

SEX AND THE CITY





Janey Wilcox
Alpinista Social

Record

2005

Contra capa

Janey Wilcox é uma belíssima modelo de *lingerie* que deseja tudo na vida. Dirige um Porsche, agarrou um marido rico e frequenta festas de poderosos nos Hamptons. Mas nada é o bastante para ela, que usa beleza e sensualidade para abrir caminhos na alta sociedade. Candace Bushnell descreve o mundo já eternizado em seus livros anteriores – *Sex in the City* e *Quatro louras* – ao narrar a trajetória de Janey, a alpinista social que, claro, nunca perde a pose.

"O estatuto das mulheres modernas." *Isto É Gente*

"Candace Bushnell entende de Nova York como o poucos..." *Cláudia*

"Com humor e uma boa dose de crueldade, Candace analisa os relacionamentos amorosos, ou simplesmente sexuais, de mulheres bem-sucedidas na faixa dos trinta e poucos anos que circulam pelo mundo dos ricos e descolados de Manhattan." *Elle*

Abas

Você provavelmente nunca foi aos Hamptons. Nós também não. Infelizmente, não somos finas a esse ponto. Mas passamos a conhecer esse balneário dos ricos e famosos americanos depois de muito *Sex in the City*. Pois é lá que começa a trama de **Janey Wilcox, alpinista social**, o novo livro de Candace Bushnell. Ela mesma, a autora do livro que deu origem à série de TV. A mulher que contou para todo mundo como era a vida das garotas de trinta e poucos anos de Nova York, criou uma febre no mundo de pessoas querendo ser como a Carrie e fez com que comprássemos dezenas de pares de sapato, livres de qualquer culpa!

Numa cobiçada festa do *jet set* nova-iorquino, conhecemos Janey Wilcox, 33 anos. Uma modelo recém contratada para ser a garota propaganda da Victoria's Secret. A personagem já havia desfilado pelos livros de Candace. Janey é a protagonista de uma das histórias de *Quatro louras*. E, nesta nova obra, continua querendo se dar bem à custa de algum ricoço.

Por meio do mundo de Janey – uma mulher não tão superior assim, na realidade, uma verdadeira mulher *supercine* (aquela que arma tramas parecidas com as de filmes televisivos) –, vamos conhecer a rede de intrigas dos ricos e famosos. Ali as pessoas casam por interesse e as mulheres usam os cartões de crédito dos maridos loucamente. Claro, claro. Eles são uns canalhas. Candace Bushnell abandona Carrie, Samantha, Miranda e Charlotte... mas nos brinda com o lado mais sórdido da humanidade ao nos narrar o *glamour* e a felicidade *fake* das mulheres "Hamptons descontrol".

02 Neurônio

Jô Hallack, Nina Lemos e Raq Affonso

Candace Bushnell é autora de *Sex and the City* e *Quatro louras*. Jornalista, assina uma coluna no *The New York Observer* e é editora colaboradora da revista *Vogue*.

À belíssima Camille, minha mãe. E às minhas avós: Elsie Salonia, uma devoradora de livros, as saudosas Lucy e Lena, e a minha nova avó, Jane.

AGRADECIMENTOS

Um agradecimento especial a Anne Shearman, por sua sugestão de título.

Um

ERA O INÍCIO DO VERÃO do ano 2000, e na cidade de Nova York, onde as ruas pareciam cintilar de tanta poeira dourada saindo de um bilhão de empresas típicas da economia de uma metrópole em expansão, fechavam-se negócios, como sempre. O mundo havia entrado no novo milênio em paz, o presidente driblara o *impeachment* mais uma vez, e o Bug do Milênio tinha brochado, apenas chiando discretamente, como uma antiquíssima garrafa de champanhe francês. A cidade fulgurava em toda a sua magnífica, vulgar e impiedosa glória.

O assunto da vez na metrópole era o calote passado em vários clientes famosos – estimado em 35 milhões de dólares – por Peter Cannon, advogado do ramo do entretenimento. Nos meses e anos seguintes, escândalos continuariam acontecendo, bilhões de dólares se perderiam e o rombo no bolso do contribuinte americano aumentaria. Mas, nesse meio tempo, o "caso Peter Cannon" envolvia nomes de destaque suficientes para satisfazer pelo menos temporariamente os nova-iorquinos sempre ávidos por uma fofoca. Todos que eram alguém, ou conheciam o Peter, ou alguma pessoa que ele enganara de forma espetacular – mas, cá para nós, perguntavam-se eles, e os clientes do salafrário, será que não desconfiavam que isso ia acontecer?

Uma das vítimas era um roqueiro de 31 anos chamado Digger. Digger era um daqueles artistas de um nome só que, como tantos grandes talentos, começou de baixo, ainda por cima com um visual ligeiramente perturbador. Era originário de Des Moines, Iowa, tinha cabelos louro-sujo, uma pele assustadoramente branca e translúcida – através da qual se podia ver as veias azuis – e a mania de usar chapéus de feltro com aba, que eram sua marca registrada.

Quando ele olhou para o caramanchão do outro lado da piscina de gunite, onde Patty se encontrava debruçada, falando ao telefone, contemplou aquele corpinho bonito e meio cheinho dela, envolto por um maiô branco de corpo inteiro. Ela olhou-o de relance, e os olhos deles se encontraram, num entendimento mútuo. Patty levantou-se e começou a caminhar na direção de Digger, e como sempre ele se impressionou com a simplicidade de sua beleza puramente americana: os cabelos louro-avermelhados, que lhe caíam até a metade das costas, aquele narizinho gracioso, salpicado de sardas, e os olhos azuis bem redondos. Sua irmã mais velha, Janey, era considerada "deslumbante", mas Digger jamais havia concordado com isso. Embora Janey e Patty exibissem o mesmo narizinho empinado, o rosto de Janey denotava astúcia e agressividade demais para atraí-lo – e, além disso, ele achava que Janey, com aquela desmedida sede de status social e dinheiro, seu ar arrogante e leviano, e sua eterna obsessão consigo mesma, não passava de uma babaca de uma narcisista.

E agora a Patty estava diante dele, com o telefone na mão.

- Janey quer falar com você – ela disse. Digger arreganhou os lábios, numa careta, revelando dentinhos amarelados separados por espaços desiguais, e pegou o telefone.

- E aí, que é que manda? – perguntou.

- Ai, Digger. – A voz melodiosa de Janey por um leve sotaque, sempre o deixava irritado, quando tilintava assim ao telefone. – Me perdoe, por favor. Eu sempre soube que o Peter ia dar algum golpe muito, mas muito sujo mesmo. Devia ter alertado você.

- Como podia saber? – Digger perguntou, enquanto removía um pouco de tabaco dos dentes.

- Bem, nós namoramos faz alguns anos – revelou ela. – Mas só por uns 15 dias. Ele chamava todo mundo de polaco desgraçado...

Digger não disse nada. Seu sobrenome verdadeiro era Wachanski, e ele ficou ligeiramente desconfiado de que Janey tinha dito aquilo de propósito.

- E daí? – provocou.

- Daí que eu sempre soube que ele era safado. Fiquei muito chateada. O que vai fazer?

Digger olhou para Patty, e deu um sorriso escancarado.

- Bom, acho que, se ele precisa tanto assim da minha grana, pode ficar com ela.

Ouviram-se um gritinho de espanto do outro lado da linha, depois um breve silêncio, seguido pela risada melodiosa de Janey.

- Mas que reação mais... mais... zen, essa sua – disse ela, incapaz de evitar um ligeiro tom de ironia na voz. Depois, sem saber o que mais poderia dizer, acrescentou: - Bom, então a gente se vê na festa da Mimi Kilroy esta noite, não?

- Mimi, quem? – perguntou Digger, adotando o mesmo tom de voz entediado que usava quando alguém lhe fazia alguma pergunta sobre a Britney Spears. Ele sabia exatamente quem era Mimi Kilroy, mas como ela pertencia àquele segmento da sociedade que, como tantos da geração dele, Digger abominava – ou seja, os republicanos, brancos, anglo-saxões e protestantes – ele não tinha a menor intenção de dar esse tipo de satisfação a Janey.

- Mimi Kilroy – respondeu Janey, fingindo paciência. – A filha do senador Kilroy...

- Ah, sim – disse Digger. Mas não estava mais prestando atenção na conversa. Patty havia se sentado ao lado dele, e, mudado o ponto de apoio, ele passou uma das pernas em volta da cintura dela. Ela virou o rosto, olhou para ele e lhe acariciou o ombro, e como sempre ele sentiu um desejo violento pela esposa. – Então até mais, preciso desligar – disse ele, apertando o botão "OFF" do aparelho. Puxou Patty para cima de si, e começou a beijar-lhe o rosto. Estava profunda e romanticamente enamorado de sua esposa, de uma forma supersincera, e para ele só isso era importante. Peter e Janey podiam ir se foder, pensou; e provavelmente iam mesmo.

Ora, francamente, Janey Wilcox pensou. Se o Digger não estava nem aí para o dinheiro, por que não podia lhe dar um pouquinho?

Pelo pára-brisas de seu conversível Porsche Boxster prateado, ela espiou a fila interminável de carros engarrafados diante dela na Via Expressa de Long Island. Que pobreza, ficar assim presa no engarrafamento no caminho para os Hamptons, principalmente sendo uma supermodelo. Se ela tivesse um milhão sobrando, pensava, a primeira coisa que faria seria tomar o hidroavião até os Hamptons, e depois contratar um motorista, exatamente como os ricos que conhecia. Mas era esse o problema em Nova York: por mais bem-sucedida que a pessoa pensasse que era, sempre havia alguém mais rico, mais bem-sucedido, mais famoso... essa lembrança às vezes parecia suficiente para fazer a gente querer desistir. Mas a visão do capô prateado e reluzente de seu carro a reanimou um pouco, e ela se obrigou a lembrar de que, àquela altura do campeonato, não tinha motivo algum para desistir – e todos os motivos para insistir. Com um pouco de

autocontrole e disciplina, talvez acabasse conseguindo o que sempre havia desejado. Seus óculos Channel cor-de-rosa tinham escorregado pelo seu nariz e ela os empurrou para cima, com um ligeiro arrepio de satisfação por ter o acessório indispensável do verão. Janey era uma daquelas pessoas para quem o superficial mascara confortavelmente um vazio interior, e mesmo assim, se alguém a chamasse de frívola, ela ficaria genuinamente chocada. Era um tipo específico de mulher bonita, que, valorizada apenas por sua aparência, está convencida de que possui grandes reservas de talentos inexplorados. Oculto sob seu exterior vibrante e quase perfeito, jazia, segundo ela acreditava, um talento especial qualquer, que algum dia lhe permitiria dar uma contribuição significativa ao mundo, mais para artística do que para comercial. O fato de não existirem provas concretas de que essa esperança se justificava não a dissuadia, pelo contrário, ela se considerava igual a qualquer outra pessoa. Se conhecesse Tolstoy, por exemplo, tinha certeza de que ele imediatamente a reconheceria como uma espécie de alma gêmea sua. A velocidade do tráfego havia caído para trinta quilômetros por hora, e Janey tamborilava com a mão esquerda no volante, o relógio Bulgari de ouro 18 quilates faiscando ao sol. Seus dedos eram longos e esguios – uma quiromante lhe dissera certa vez que suas mãos eram "artísticas" – e o único senão eram as extremidades quadradas, com unhas roídas até o sabugo. Nos últimos nove meses, desde que havia sido escolhida, muito ao estilo Cinderela, para estrelar a nova campanha da Victoria's Secret, todos os maquiadores da cidade haviam lhe implorado para parar de roer as unhas, mas era um hábito antigo de infância que ela não conseguia abandonar. A dor física que infligia a si mesma era uma forma perversa de controlar o sofrimento psicológico que o mundo lhe infligia.

E agora, curtindo a frustração de estar ali parada naquele trânsito moroso, imaginar o hidroavião rumando na direção da praia, com as figuras mais espertas da sociedade nova-iorquina a bordo, quase a fez levar os dedos à boca, mas, pelo menos dessa vez, ela hesitou. Não precisava mesmo ficar roendo as unhas – afinal, ela mesma havia finalmente chegado ao topo. Há um ano apenas, aos 32 anos, estava praticamente arruinada – sua carreira de atriz e modelo, estagnada; ela, tão dura, que precisava pedir dinheiro aos seus amantes ricos para pagar o aluguel. E depois vieram aquelas três vergonhosas semanas em que Janey, de tão desesperada, chegara a considerar a possibilidade de se tornar corretora de imóveis, chegando mesmo a comparecer a quatro aulas de um curso de treinamento. Mas não é que a mão do destino interveio, salvando-a, como ela, aliás, já esperava o tempo todo? E lançando um olhar ao retrovisor, lembrou-se de que era bonita demais para se dar mal.

O telefone do carro tocou. Ela apertou o botão verde, achando que devia ser seu empresário, Tommy. Um ano antes, Tommy nem sequer respondia aos seus telefonemas, mas desde que ela havia faturado o contrato com a Victoria's Secret, terminando por aparecer nos *outdoors* e em todas as capas de revistas do país, Tommy se transformara em seu mais recente amigo de infância, ligando para ela várias vezes por dia e mantendo-a por dentro das últimas fofocas. Aliás, Tommy é que lhe informara naquela manhã que Peter Cannon havia sido preso em seu escritório no dia anterior, e ambos se distraíram à vera dissecando as falhas de caráter do Peter, principalmente o fato dele ter perdido a cabeça ao trabalhar com as celebridades a ponto de chegar à conclusão de que ele mesmo, Peter, estava virando uma estrela também. Nova York talvez fosse a terra da reinvenção, mas todos sabiam que havia uma linha intransponível entre "celebridades" e "serviçais". A história de Peter agora estava sendo transmitida de boca em boca

como uma espécie de lição de moral: quando se tentava burlar as leis naturais da celebridade e da fama, o resultado era provavelmente a prisão e uma possível sentença a cumprir atrás das grades.

Mas em vez da saudação bajuladora de costume - "Oi, linda" -, uma voz de mulher com sotaque inglês daqueles bem pernósticos exigiu:

- Janey Wilcox, por favor.

- É ela quem está falando - respondeu Janey, entendendo na mesma hora que a pessoa era secretária de alguém que atuava na indústria do entretenimento, ramo em que a última moda era ter uma secretária britânica.

- O Sr. Comstock Dibble está na linha. Posso passar a ligação? - E, antes que Janey pudesse responder, o próprio Comstock começou a falar.

- Janey - chamou ele, rabugento, como se pretendesse ir direto ao ponto. Janey já não via Comstock nem ouvia falar dele há quase um ano, e o som de sua voz lhe trouxe de volta uma série de associações desagradáveis. Comstock Dibble fora caso dela no verão anterior, e Janey até havia imaginado que estava apaixonada - até ele, sem mais nem menos, ficar noivo de Mauve Binchely, uma colunável alta e esquelética. Ser rejeitada por uma outra mulher (e que não era, segundo a opinião de Janey, nem mesmo remotamente bonita) havia magoado a modelo acima de tudo, já que era um fato que se repetira várias vezes antes. Embora os homens adorassem se envolver com ela, quando se tratava de casamento, sempre a preteriam em favor de uma candidata mais "apropriada".

Por outro lado, Comstock Dibble, o cabeça da Parador Pictures, era um dos homens mais poderosos da indústria cinematográfica, e era perfeitamente possível que estivesse ligando para lhe oferecer um papel em seu próximo filme. Portanto, embora ela sentisse uma tremenda vontade de lhe dar uma lição - nem que fosse apenas a de mostrar que ele não a impressionava mais - ela sabia que seria melhor pegar leve. Para sobreviver em Nova York bastava isso - renunciar a seus sentimentos genuínos, para ter a possibilidade de melhorar de vida. E então, em uma voz fria (mas, não tão fria quanto desejava), Janey respondeu:

- Pois não, Comstock?

O que ele disse em seguida, porém, desencadeou uma descarga de pânico dentro dela.

- Janey... você e eu sempre fomos amigos.

Era uma mentira deslavada, essa afirmação. Pelos padrões normais, eles não eram "amigos" - mas, à parte isso, a expressão "sempre fomos amigos" era um código empregado pelos magnatas nova-iorquinos para indicar o início de uma discussão potencialmente desagradável. Costumava significar que a primeira parte havia sido lesada pela segunda, e a implicação era que, como ambas as partes integravam uma mesma sociedade, iam tentar chegar a um acordo amigável primeiro, antes de recorrerem a advogados e a colunistas sociais. Em um segundo, o medo foi substituído pela indignação, enquanto Janey tentava imaginar como teria lesado Comstock Dibble. Ela é que havia sido rejeitada, não ele, para ela, ele é que lhe devia uma compensação. Mesmo assim, seria melhor deixá-lo pôr as cartas na mesa primeiro. Procurando se conter, ela disse, de um jeito provocaror:

- Somos amigos, é, Comstock? Imagina. Já faz quase um ano que não nos falamos. Achei que talvez estivesse ligando para me oferecer um papel no seu próximo filme.

- Não sabia que você era atriz, Janey.

Essa doeu. Comstock sabia muito bem que Janey estrelara naquele filme de aventura oito anos antes, mas ela não mordeu a isca.

- Tem um monte de coisas que não sabe a meu respeito, Comstock - respondeu, em tom brincalhão, acrescentando: - Se tivesse me telefonado mais vezes...

Sabia que ele não tinha obrigação de telefonar para ela, mas também sabia que não havia forma melhor de alfinetar um homem do que fazê-lo se sentir culpado por passar meses sem ligar depois de uma trepada.

- Estou telefonando agora, não estou?

- Então me diz: quando vou te ver? - perguntou ela.

- Foi por isso que telefonei?

- Não me diga que rompeu com a Mauve...

- Imagina, a Mauve é um amor de pessoa - elogiou ele, de certa forma insinuando que Janey não era. Mais um insulto, e Janey revidou, maliciosa:

- Por que não seria? Sabe como é, só precisou ficar parada e herdar milhões de dólares... - E a isso Comstock respondeu, em tom de advertência:

- Janey ...

- Ah, sem essa, Comstock. Sabe que é isso mesmo - replicou Janey, procurando resgatar o tom de gracejo que usara ao conversar com ele no último verão, com tanto sucesso. Em parte sentia vontade de comer Comstock vivo por tê-la rejeitado, e em parte adorava ser assim tão íntima de um dos magnatas que mandavam e desmandavam em Nova York - Afinal de contas - continuou, com voz meiga - é fácil ser boazinha quando jamais se precisou ralar para ganhar o pão...

Comstock suspirou como se ela fosse incorrigível.

- Olha o ciúme.

- Ciúme?! - retrucou Janey, num gritinho estridente. - Fala sério, Comstock! - O que mais detestava no mundo era as pessoas apontarem o dedo para ela. - Por que é que eu teria ciúmes da Mauve Binchely? - Na opinião de Janey, Mauve era praticamente uma velha coroca - quase 45 anos - com apenas uma coisa boa: os cabelos, escuros e ondulados, caindo até o meio das costas.

Só que Comstock obviamente havia se entediado com o rumo da conversa, porque de repente repetiu:

- Janey, sempre fomos amigos - e acrescentou: - Portanto, sei que não vai criar problemas para mim.

- Por que eu criaria? - quis saber Janey.

- Janey, nem vem - grunhiu Comstock em voz baixa, como se conspirasse com um cúmplice. - Sabe que você é perigosa.

A reação inicial de Janey foi gostar desse gracejo - em seus momentos mais egoístas, ela se considerava mesmo perigosa, achava que um dia iria dominar o mundo -, mas desconfiou de uma ameaça velada por trás das palavras de Comstock. No ano passado, quando estava falida, as pessoas comentavam - por trás - que ela era uma verdadeira piranha. Este ano, quando estava por cima, se virando sozinha, diziam que ela era perigosa. Mas Nova York era mesmo assim. Usando uma voz provocante para disfarçar a consternação cada vez maior que realmente sentia, disse:

- Se quer ser meu amigo, Comstock, está indo pelo caminho errado...

Ele riu, mas no segundo seguinte seu tom se tornou ameaçador.

- Olha lá, sabe que não vale a pena me sacanear... – Por um momento, Janey se perguntou se ele não iria ter um daqueles ataques legendários. Embora reconhecido como gênio do cinema, Comstock Dibble era igualmente famoso por suas explosões de fúria irracionais – costumava chamar as mulheres de “vagabundas” -, depois das quais enviava flores à vítima. Havia pelo menos uma dúzia de magnatas como ele em Nova York, que num instante eram encantadores e, no instante seguinte, viravam verdadeiras feras, mas enquanto Comstock fosse presidente da Parador Pictures, e enquanto a Parador fosse os quindins dos meios de comunicação, ele sairia incólume, e Nova York era assim também.

Uma mulher menos autoconfiante talvez se amedrontasse, mas Janey Wilcox não era assim – sempre se orgulhara de não se deixar intimidar pelos mandachuvus. E então, com uma vozinha de criança inocente assustada, perguntou:

- Está me ameaçando, Comstock?

E ao mesmo tempo ele se abriu:

- Sei que você vai à festa da Mimi Kilroy hoje à noite.

Janey ficou tão surpresa que começou a rir.

- Francamente, Comstock – disse. – Não tem coisas melhores a fazer do que me ligar por causa de uma... festa?

- Para dizer a verdade, tenho, sim – respondeu ele, adotando um tom familiar de gracejo. – E por isso estou tão danado com tudo isso. Mas que saco, Janey. Por que é que simplesmente não fica em casa?

- E você, por que não fica? – indagou Janey.

- Mauve é a melhor amiga da Mimi.

- E eu com isso? – retrucou Janey, demonstrando indiferença.

- Olha aqui, Janey – disse Comstock – Estou só tentando lhe dar um aviso como amigo. É melhor para nós dois se ninguém ficar sabendo que nos conhecemos.

Janey não conseguiu resistir, precisava mencionar seu relacionamento com ele.

- Não, Comstock – reagiu, rindo. – É melhor para você ninguém saber que você me comeu no verão passado.

E aí Comstock finalmente perdeu as estribeiras.

- Dá para calar essa matraca e me escutar? – berrou. E logo depois completou a frase – Sua vagabunda sem-vergonha!

O berro dele foi tão alto que Janey se convenceu de que as pessoas nos carros em volta dela, na Via Expressa de Long Island, tinham escutado o que ele havia dito. E se ele achava que podia falar assim com ela, estava redondamente enganado. Ela não era mais a gatinha desesperada que ele tinha comido no verão passado, e agora ele ia saber disso.

- Escuta você, Comstock – cortou, com uma tranquilidade a toda prova. – Tudo o que você está dizendo é que, se no verão passado eu era uma mulher boa para se comer, este verão não sou interessante nem sequer para te conhecer. Pois fica sabendo que comigo não é bem assim que a banda toca.

- Todo mundo sabe como a banda toca com você, Janey – respondeu ele, ameaçador.

- A diferença entre você e mim é que não tenho vergonha do que faço – reagiu Janey. Não era

inteiramente verdade, mas precisava admitir que era uma excelente frase de efeito.

Comstock, porém, não se impressionou.

- Então, pelo menos, vê se não chega perto de mim, porra. Estou te avisando, hein? Isso pode acabar prejudicando tanto a mim quanto a você.

E, depois disso, bateu o telefone na cara dela.

Filho de uma boa mãe, esse Comstock, pensou Janey, apertando o freio. O tráfego havia parado completamente, e ela inclinou a cabeça para o lado, franzindo o cenho ao ver a fila de carros.

Aquele verão devia ser o da sua consagração, pensou, irritada. Seu novo comercial, no qual fingia cantar e dançar com uma guitarra elétrica branca, vestida só com um conjunto de sutiã e calcinha de seda branca, tinha começado a passar três dias antes, cercado de muita promoção – e agora que ela era uma supermodelo famosa, sabia que esse era o momento de atacar.

Planejava trabalhar a cabeça das pessoas influentes que povoavam os Hamptons todo verão; seu sonho era ter um centro cultural onde artistas, cineastas e escritores se reunissem para debaterem tópicos intelectuais... Mas, acima de tudo, presumia que seu novo status de supermodelo significasse que ela não ia precisar mais aturar babacas como o Comstock Dibble, e acabaria arrumando um cara muito melhor. Naturalmente, queria se apaixonar, mas por trás de todo grande casal não existe nem que seja um tiquinho de interesse? E não havia nada que o público adorasse mais do que a aliança de duas pessoas famosas...

Mas repentinamente o telefonema de Comstock a fez questionar tudo isso, e por um momento, ela se perguntou, nervosa, se realmente chegara tão longe quanto havia imaginado. Durante toda a sua vida, pelo visto, fora obrigada a dormir com ricos para sobreviver – tampinhas, barrigudos, carecas, homens com pêlos nas orelhas e fungos na unha do dedão do pé, homens com dentes separados e pêlos nas costas, com pênis que nunca ficavam perfeitamente eretos, em suma, homens com os quais nenhuma mulher que se prezasse treparia, e tudo isso pelo simples fato de que eles tinham dinheiro. Tinha jurado que aquele verão seria diferente. Só que um comentário do Comstock – “Todo mundo sabe como a banda toca com você, Janey” – de repente a deixara insegura...

Ela apertou o volante, e nisso seus olhos focalizaram suas unhas roídas. Meteu depressa uma das mãos entre as pernas para não precisar pensar em seus dedos, e tentou tranquilizar-se, dizendo a si mesma que as palavras de Comstock não tinham importância. Afinal, ele provavelmente estava chateado por ela ter se tornado uma supermodelo famosa, e por tê-la deixado escapar...

Mas ao mesmo tempo era uma mesquinha recordação de tudo que havia de errado em Nova York um homem podia dormir com tantas mulheres quanto quisesse, mas quando se falava em sexo, ainda havia algumas pessoas na sociedade que se apegavam à idéia antiquada de que uma mulher não devia ter muitos amantes. Ah, uma mulher podia sair dando por aí, sim – aliás, até se esperava isso. Mas parecia haver algum limite tácito quanto ao número de homens com quem ela podia ir para a cama, e, ultrapassado esse limite, não se considerava mais essa mulher uma pessoa “casadoura”.

Que injustiça! Janey pensou, furiosa. Certamente ela tinha ido para a cama com mais homens do que a maioria das mulheres que conhecia, e sabia que por trás as pessoas diziam que ela era uma galinha. Mas o que ninguém entendia era que toda vez que ela dava para alguém, mesmo que fosse apenas um boquete em um banheiro de restaurante, era porque achava que aquele cara era “o homem certo” para ela.

Ou, pelo menos, era sempre essa sua desculpa.

O telefone tornou a tocar, e ela o atendeu, imaginando se seria Comstock Dibble, ligando de novo para pedir desculpas.

- Janey? – chamou uma voz feminina ligeiramente familiar. O sotaque era culto e da Costa Leste, e então, como se a interlocutora houvesse finalmente conseguido entrar em contato com uma amiga que há muito tempo não via, gritou: - É Mimi Kilroy. Como vai, minha querida? Por um segundo, Janey ficou surpresa demais para falar. Mimi certamente não era sua amiga do peito; aliás, essa amizade consistia de pouco mais do que esbarrões em festas ao longo dos anos. Mas logo depois ficou imediatamente encantada. Mimi Kilroy integrava a nata da sociedade nova-iorquina – seu pai era um senador famoso que, segundo boatos, podia ser indicado como ministro da Fazenda, se os republicanos vencessem a eleição seguinte; e segundo se dizia à boca pequena, Mimi, que já brilhava na sociedade desde os 15 anos, quando começou a freqüentar a Studio 54, secretamente dava as cartas na alta sociedade nova-iorquina. Nos últimos dez anos, Janey mal havia trocado mais do que três palavras com Mimi – até aquele momento, Mimi sempre fizera questão de ignorá-la ou fingira que não sabia quem ela era – e, apesar disso, Janey não se surpreendeu por Mimi estar ligando. Afinal, assim que se conseguia vencer na vida em Nova York, gente que nunca havia tomado conhecimento da nossa existência começava a tentar fazer amizade.

Daí, num tom que implicava que ela e Mimi eram mesmo velhas amigas, e que Mimi jamais havia fingido que não a conhecia nas festas, Janey rronronou:

- Oi, Mimi. Você deve estar quase louca, cuidando dos preparativos para a festa desta noite. – Depois recostou-se no banco e espiou de relance seu rosto no retrovisor, sorrindo de satisfação. Ah, sim, claro que era uma tremenda gafe em termos éticos, fingir de repente ser amiga da Mimi, só porque Mimi de repente queria ser amiga dela. Mas Janey nunca foi de fazer cerimônia, principalmente quando uma situação podia potencialmente ser promissora para ela. No segundo seguinte, Mimi exclamou, com uma ponta de culpa:

- Eu mal ergo um dedo. O pessoal do bufê e os *promoters* é que fazem tudo... Só o que eu preciso fazer é provar os *hors d'oeuvres*!

Janey ficou meio sem graça de repente. Dera exatamente duas festas, ambas um horror (por falta de dinheiro suficiente, as bebidas alcoólicas terminaram antes da hora), e o fato de que Mimi era famosa por suas festas e também capaz de contratar bufês e *promoters* só parecia destacar o abismo que havia entre as duas. Diante desse lembrete de seu status inferior, a reação costumeira de Janey teria sido um comentário malicioso. Mas dessa vez ela se conteve, e em vez de responder sarcasticamente “Não dá para contratar alguém para fazer isso também?”, ela simplesmente riu, com toda a educação.

- Meu amor – disse Mimi. – Só queria ter certeza de que você vem à festa esta noite. Tem uma pessoa especial a quem desejo apresentá-la. O nome dele é Selden Rose, e ele acabou de se mudar da Califórnia para cá... Você já ouviu falar dele? É o novo CEO da MovieTime, aquele canal de tevê a cabo... Você provavelmente é como eu, não vê televisão, mas aparentemente é um trabalho muito importante. Além disso, é lindo, tem 45 anos, divorciado, sem filhos, graças a Deus, portanto, relativamente inexperiente... Mas o melhor, minha querida, é que ele é terrivelmente, mas terrivelmente pé-no-chão. É, acho que esse é o termo. Pé-no-chão. Não se parece nem um pouco com a gente – observou Mimi, com uma risada irônica. – Claro que não

espero que se apaixone por ele, mas como ele é um velho amigo do George, e mal conhece as pessoas, seria uma enorme delicadeza sua se puder dar-lhe pelo menos um pouquinho de atenção...

- Ah, mas eu adoraria conhecê-lo – disse Janey, animada. – Ele parece divino...

- E é, minha querida – disse Mimi. – E naturalmente, jamais me esqueço de alguém que tenha me feito um favor...

A conversa prosseguiu nesse tom durante mais alguns segundos, e então Mimi desligou, dizendo: “Beijão, linda.” De repente, Janey voltou a se sentir o máximo. Selden Rose não lhe parecera particularmente promissor – pela descrição da Mimi, podia até ser outro Comstock Dibble –, mas o fato de Mimi ter ligado combinando um encontro para ela tranqüilizou-a quanto ao seu status naquela noite. Seria um tremendo tapa na cara de Comstock Dibble, além de ser uma maneira de lhe mostrar que era melhor ele não se meter com ela. Não imaginava o que Mimi tinha em mente, exatamente, ao pedir-lhe para “dar atenção” a Selden Rose (se esperava que Janey lhe pagasse um boquete no banheiro, ia ficar na saudade), mas Janey certamente lhe concederia um pouco de atenção, e quando Comstock visse que ela conseguira penetrar no círculo de amigos da Mimi, ia ficar louco da vida...

O trânsito parou de novo logo antes da Saída 70. Sentindo que seu poder pessoal se restabelecera, Janey aproveitou para abrir o imenso espelho iluminado do visor do carro. Seu reflexo jamais a decepcionava, e inclinando-se para a frente, ficou admirando fascinada sua própria beleza. Seus cabelos, longos, espessos e louros, tinham uma textura que chegava a ser cremosa; o formato de seu rosto era quase perfeito, com testa alta e queixo pequeno e bem-feito. Os olhos eram azuis, com os cantos externos ligeiramente voltados para cima, sugerindo uma certa inteligência misteriosa, ao passo que os lábios cheios (recentemente ainda mais estufados pelo dermatologista) lhe davam um certo ar de inocência infantil. Na realidade, a única falha técnica era o nariz, com uma pontinha ligeiramente arrebitada e protuberante, e mesmo assim, sem esse nariz, ela seria uma beleza fria e clássica. Entretanto por causa dele, sua beleza se tornava acessível, dando ao homem comum a impressão de que poderia tê-la, se ao menos conseguisse conhecê-la.

Aliás, ela estava tão absorta nessa auto-admiração, que só foi notar que o trânsito havia começado a fluir de novo quando o carro atrás dela buzinou com insistência algumas vezes, despertando-a do devaneio. Aborrecida e meio envergonhada, olhou no retrovisor e viu que o motorista impaciente era um verdadeiro pedaço de homem, a bordo de uma Ferrari verde-musgo. Janey imediatamente se encheu de inveja – sempre fora apaixonada por aquela Ferrari. Mas seu despeito se transformou em ciúme puro, quando viu quem era a passageira: Pippi Maus. Pippi e a irmã caçula Nancy Maus, formavam a dupla de atrizes conhecidas como as irmãs Maus de Charleston, Carolina do Sul. Tinham uns rostinhos de rato, mas corpos invejáveis raramente encontráveis na natureza; eram magras com seios naturalmente grandes.

Notoriamente destituídas de talento, para Janey elas representavam “tudo que havia de errado no mundo”; mesmo assim, haviam conseguido forjar uma carreira representando personagens peculiares em filmes independentes. Janey não conseguia imaginar como ou por que Pippi estava a caminho dos Hamptons – do ponto de vista de Janey, Pippi não era o tipo de pessoa que se encaixava por lá –, mas mistério maior ainda era o que ela estaria fazendo no carro de um homem maravilhoso como aquele. Era possível ver que ele era alto, mesmo encolhido no banco

daquela Ferrari minúscula; talvez tivesse até 1,95m, além de um corpo esguio, lábios cheios e um rosto entalhado a cinzel de um modelo masculino. Talvez fosse bicha – a Pippi, afinal de contas, era o tipo da guria que provavelmente só andava com boiolas -, mas pelo jeito másculo como ele pressionou a buzina, Janey desconfiou que ele era macho mesmo.

Como se não bastasse, a Ferrari desviou-se subitamente para um lado e foi para o acostamento. Dentro de um segundo, passou por ela, como se Janey não passasse de um inseto. Pippi soltou um gritinho de emoção quando Janey lançou um olhar furioso ao motorista. Os olhos dele encontraram os de Janey, e, por um instante, Janey ficou completamente perplexa. Pela cara de assombro que ele fez, parecia que tinha visto um anjo de relance...

Mas então o carro verde desapareceu na curva, ao pegar a saída, e Janey ficou se sentindo abandonada outra vez. Se não podia pegar o hidroavião para os Hamptons, devia estar em um carro como aquele, com um cara como aquele... Mordendo distraidamente um caquinho de unha pendurado que sequer existia, consolou-se com o fato de que tinha certeza de que o motorista da Ferrari havia se apaixonado instantaneamente por ela – e que podia muito bem ser o tipo de homem que ela estava procurando. E engrenando habilmente a terceira, ficou imaginando como seria divertido roubá-lo de Pippi Maus.

A FESTA TRADICIONALMENTE OFERECIDA no Memorial Day por Mimi Kilroy era legendaria, e restrita à nata da nata; e como todos os jornais e revistas faziam sua cobertura, era impossível fingir que ela não existia – única opção caso a pessoa não fosse convidada. Janey nunca havia sido convidada antes, e saber que cem das pessoas mais antenadas, talentosas e importantes de Nova York faziam parte dessa lista era uma pedra no sapato dela, todo verão. Por mais que tentasse – não importa quantas vezes dissesse com desdém: “por favor, é só uma festinha à toa”, jamais podia superar a clara sensação de que Mimi havia cruel e deliberadamente omitido seu nome.

E essa sensação não passava pelo raciocínio lógico – afinal, Mimi sequer a conhecia. Contudo, em anos anteriores, Janey fizera todo o possível para penetrar na festa, desde pagar um boquete para um cara que mal conhecia – na esperança de que ele a levasse como acompanhante – até fazer o reconhecimento da praia atrás da casa da Mimi para ver se conseguia entrar pelos fundos. Mas o golpe final viera quatro anos antes, quando namorava Peter Cannon, e ele tinha sido convidado para a festa da Mimi.

- Por que ela convidaria logo você? – perguntou Janey, incrédula. Ele percebeu o jeito dela e respondeu malicioso:

- Por que ela não me convidaria?

- Porque não – respondeu Janey, teimosa, querendo dizer “porque você é um João-ninguém”, mas não disse, porque isso ia dar a impressão de que ela estava namorando um João-ninguém, pode? Além do mais, queria que ele a levasse à festa.

Peter até tinha pensado em levá-la (de vez em quando, Janey notava, ele era capaz de se comportar como um ser humano), mas foi Mimi quem o impediu. Quando ele respondeu ao convite, avisando que seriam duas pessoas, a secretária da Mimi ligou pedindo o nome da acompanhante.

- Janey Wilcox – revelou ele.

Ela voltou a ligar duas horas depois.

- Sinto muito – disse. – Mas quem é a sua convidada?

- Janey Wilcox.

- Sim, mas quem é ela?

- É uma garota – respondeu ele.

- Sim, mas quem é ela, o que ela faz?

- É uma espécie de... modelo, sabe? – explicou Peter.

- Eu volto a ligar.

Janey gritou com ele.

- Por que não disse que eu sou atriz?

- Sei lá – disse Peter. – Talvez porque você já não atua em um filme faz cinco anos...

- Estou esperando o papel certo – replicou ela, histérica.

Foi quando a secretária ligou outra vez.

- Estou tão passada... – desculpou-se ela. – Acabei de falar com a Mimi e parece que este ano

estamos com a lista de convidados transbordando de gente. Ninguém vai poder trazer acompanhantes.

Era mentira, e todos sabiam.

Naquele momento, os sentimentos de Janey por Mimi cristalizaram-se em puro ódio. Ela não conhecia Mimi de verdade, mas mesmo assim a odiava – da forma que alguém odiaria uma estrela de cinema ou um político. Odiava o que ela representava.

Ao contrário da maioria das pessoas, pensou Janey, amargurada, Mimi jamais tinha precisado de nada. Nunca precisara batalhar na vida; jamais tivera que se preocupar com a maneira como ia arranjar o dinheiro do aluguel. Tecnicamente, tinha “carreiras” (como modelo da Ralph Lauren, VJ da VH1, *designer* de jóias, e mais recentemente importadora de *pashminas*, que vendia para as amigas), mas na cabeça e Janey Mimi jamais havia feito nada e não passada de uma colunável ociosa, sempre exibindo roupas de grife, cujas fotos apareciam mensalmente ilustrando matérias que cobriam festas por onde desfilavam colunáveis em diversas revistas. Para Janey, porém, a pílula mais difícil de engolir era a aparência da Mimi: alta e magricela, com aquele tipo de cabelo ralo e naturalmente louro que sempre parece oleoso. No entanto, todos viviam insistindo que ela era “uma bela mulher”. Janey mal podia acreditar. Se Mimi não fosse rica, se não viesse de uma família ilustre, não haveria sequer um homem em Nova York que olhasse para ela. Em suma, Mimi era uma propaganda descarada da injustiça da vida: se não tivesse nascido com o bumbum virado para a lua, ela não seria nada.

A mãe de Mimi era Tabitha Mason, uma estrela de cinema dos anos 1950 que vinha de uma família proeminente da Filadélfia. O pai era Robert Kilroy, dos Kilroys da Califórnia; na época do casamento deles, em 1955, ele foi o segundo mais jovem senador a ser eleito na história. No ano seguinte, quando o primeiro filho deles nasceu, Sandy, um menino, Tabitha abandonou a carreira em Hollywood para cuidar da família; dois anos depois, teve uma menina, Camille, que todos passaram a chamar de Mimi.

Na infância, Janey sabia tudo sobre Mimi – desde sua cor predileta (cor-de-rosa) até o nome do pônei que ela montava (Blaze), ou nas costas de que animal Mimi havia ganho toda uma prateleira cheia de troféus e medalhas. Janey sabia tudo isso porque, durante a década de 1960 e até o início de 1970, as revistas feministas como *Good Housekeeping* e *Ladie's Home Journal* publicaram matérias sobre a glamourosa família Kilroy; aliás, a “Ceia de Ação de Graças da Família Kilroy” era uma atração anual tão sólida que os habitantes menos glamourosos dos Estados Unidos podiam contar com ela com a mesma certeza com que contavam com Cranberry sauce. E ainda havia a própria Mimi, ano após ano, de vestido rosa, os cabelos presos em marias-chiquinhas ou em um rabo-de-cavalo com uma fita lustrosa; mais tarde, Mimi no seu primeiro vestido longo de “anfitriã”, os cabelos escorridos presos e arrematados com um daqueles coques falsos imensos que eram tão populares no início dos anos 1970. Nessas fotos, Mimi parecia ligeiramente esquelética, com enormes olhos azuis que pareciam saltar-lhe do crânio, mas com expressão sempre levemente desafiadora, como se soubesse como era ridículo tudo aquilo, e francamente tivesse coisas melhores a fazer com seu tempo.

E a pequena Janey Wilcox, de apenas seis anos, com seu rostinho rechonchudo e cabelos castanhos fartos e sem graça, estudava aquelas fotos com atenção, e se perguntava por que não podia ter nascido uma Mimi Kilroy! De algum jeito, essa tal Mimi tinha acabado por usurpar a vida que devia ser de Janey.

Mas o tempo passou, as coisas foram acontecendo, e Janey se esqueceu completamente da Mimi Kilroy – até chegar à Nova York no fim dos anos 1980.

Janey mal completara vinte anos, e tinha acabado de voltar de uma temporada de desfiles e fotos na Europa, no verão. Imediatamente um banqueiro de investimentos chamado Petie tratou de abordá-la – provavelmente tinha trinta e poucos anos, mas para Janey parecia um ancião. Seu penteado consistia em alisar para trás os cabelos escuros, deixando a testa à mostra, seus olhos eram próximos demais um do outro, e as mãos eram delicadas como as de uma menininha, mas era fácil de manipular. Certa noite, ele a levou a uma festa exclusiva e particular no Grolier Club; ele não havia sido convidado, mas como um dos grandes investidores do clube, não tiveram remédio senão deixá-lo entrar.

A festa era para o escritor sulista, Redmon Richardly, considerado maldito, e os convivas, barulhentos e bêbados, tinham um ar presunçoso, como se não houvesse gente melhor em Nova York, nem nenhum lugar melhor para se estar. Imediatamente Janey viu que Petie, de terno de tecido grosso riscadinho; tinha uma untuosidade que Janey interpretava como urbana, mas fora de seu elemento, no meio daquela gente, dava para ver claramente que ele não passava de um desprezível banqueiro.

- Vamos embora – murmurou.

Ele olhou para Janey como se ela fosse louca.

- Como é que é? – perguntou, e, pegando-lhe a mão, puxou-a para o bar, no andar de cima.

Havia no bar uma moça cercada de homens; quando Petie pediu bebidas, as pálpebras da moça adejaram, e ela pulou do banco do bar. Janey não via uma foto de Mimi Kilroy há anos, mas instintivamente soube que aquela era Mimi Kilroy, e recuou, assombrada.

Sempre se lembraria exatamente do visual da Mimi, pois vinha tentando copiar seu estilo elegante e enganosamente caro desde então. Ela usava uma camisa de um branco imaculado, com punhos grandes, enrolados até o meio do antebraço, e presos com um par de pesadas abotoaduras masculinas de ouro; a camisa estava metida no cós das calças marrom-claras de tecido acamurçado, muito elegantes. Um relógio masculino Rolex pendia-lhe do pulso como uma pulseira; na mão direita, um enorme anel oval de safira. Ela exalava dinheiro como se fosse um perfume caro.

Mimi chegou por trás de Petie e cobriu-lhe os olhos com as mãos. Ele sobressaltou-se e se virou, agarrando-lhe as mãos. Ela olhou para ele de um jeito significativo, e disse:

- Oi, querido.

Era uma dessas mulheres cuja aparência é muito melhor em pessoa do que nas fotos, como se o que a fizesse especial fosse raro e fugaz demais para ser captado no filme. Aliás, nos anos seguintes, Janey chegaria à conclusão de que talvez isso explicasse por que Mimi, com toda aquela sua sofisticação, jamais conseguiu ultrapassar as fronteiras de seu mundo pequeno e circunscrito – o que possuía não podia ser transportado nem entregue às massas. Ainda segurando a mão de Petie, ela chegou perto e disse: “Tem uma coisa que preciso discutir com você no banheiro.” De repente, uma expressão que combinava resignação e irritação surgiu momentaneamente no rosto de Petie, como se ele entendesse que estava prestes a ser usado mais uma vez.

- Num minuto – ele disse e, dando-lhe as costas, pegou o braço de Janey e puxou-a para mais perto de si. – Conhece a Janey Wilcox?

Mimi estendeu uma das mãos esguias e, sem o menos interesse, cumprimentou-a:

- Prazer em conhecê-la. – Quando seu olhar voltou a fixar o rosto de Petie, Janey ficou impressionada com o tom da voz dela – não sabia o que esperar, mas jamais tinha ouvido uma voz como aquela, tão encorpada e refinada, parecendo conter toda uma gama de significados sutis.

- Janey é nova na cidade – apresentou Petie. – É modelo.

Mimi olhou friamente para Janey e, com uma risadinha, respondeu:

- Quem não é?

Então, Janey, por um desejo inocente de causar impacto em seu ídolo, viu-se dizendo:

- Eu costumava ver suas fotos nas revistas... quando era criança...

No silêncio desconfortável que se seguiu, Janey só conseguiu pensar como sua voz havia saído esganiçada.

Mimi olhou para ela como se a avaliasse; depois, resolvendo que o que via não tinha importância nenhuma, respondeu:

- É mesmo? Não faço a menor idéia do que você está falando... – E lançando a Petie um olhar significativo, deu-lhes as costas.

Por um momento, Janey ficou ali parada, olhando Mimi, de boca aberta; sabia que havia sido sumariamente rejeitada, de forma grosseira, mas não podia entender por quê. Petie, ao ver sua expressão, disse:

- Não esquentar. Todos sabem que a Mimi odeia outras mulheres, principalmente se forem mais bonitas e mais jovens que ela... Vai se acostumar com isso – disse, rindo, ao entregar a bebida a Janey.

Janey provou o drinque, mas seus olhos não se desviavam de Mimi. Estava arrasada, mas fascinada – pela forma como ela movia os braços, pelo jeito como inclinava a cabeça; quando abria a boca para falar, Janey imaginava ouvir a voz de Mimi outra vez, e ficou paralisada, perguntando-se o que Mimi podia estar dizendo.

Só que nunca conseguiu descobrir, porque muito embora esbarrasse em Mimi vezes seguidas durante os dez anos seguintes, os olhos de Mimi sempre fitavam alguma outra coisa por cima do ombro de Janey, e sua voz fria e encorpada declarava: - Que bom ver você de novo – a saudação que os nova-iorquinos costumavam usar quando não faziam idéia se já foram ou não apresentados à pessoa. A mensagem, segundo Janey entendeu, era clara: ela e Mimi podiam até estar na mesma sala, mas Janey estava tão distante do mundo de Mimi quanto estava aos seis anos, embasbacada diante da foto dela na *Good Housekeeping*.

Só que, no fim, Janey começou a notar uma sutil mudança no comportamento de Mimi.

Enquanto antes era simplesmente reservada, nos últimos cinco anos aquele “que bom ver você de novo” passou a adquirir um tom que beirava a antipatia declarada. Janey desconfiava que era pelo fato dela ter ido para a cama com diversos homens com os quais Mimi também havia trepado, e Mimi era ciumenta.

Janey calculava que ela e Mimi tinham pelo menos dez amantes em comum, inclusive Redmon Richardly e o roteirista de cinema Bill Westacott. Ficava danada porque, embora todos soubessem que Mimi era uma voraz rata de festa que dormia com quem lhe desse na telha, ninguém jamais a chamava de vagabunda nem desaprovava seu comportamento. Isso provava mais uma verdade sobre a sociedade de Nova York: uma moça rica podia trepar com cem

homens, que as pessoas no máximo iam dizer que era boêmia, mas se uma moça pobre fizesse o mesmo, era rotulada de interesseira ou de prostituta.

Só que com tudo isso havia mudado no dia que Janey se tornou modelo da Victória's Secret. Era como se, depois de todos aqueles intermináveis anos em Nova York, ela houvesse subitamente aparecido ao vivo e em cores na frente de todos. As pessoas de repente sacaram a dela, entenderam quem era ela, e o que estava fazendo. E aí chegou o cobiçado convite para a festa da Mimi.

Exatamente um mês antes, um pesado envelope cor de creme fora entregue por mensageiro no apartamento de Janey, em Nova York. Ela morava no mesmo edifício sem elevador na rua 67 para o qual havia se mudado antes, e refletia que tinha sorte por estar em casa no momento porque, se não estivesse, não haveria porteiro para receber o convite, e aí, o que teria acontecido? No envelope constava apenas o seu nome, “Srta. Janey Wilcox”, sem endereço – do que se deduzia que era cafona pôr endereços nos convites – e mesmo antes de abrir o envelope, ela soube qual era o seu conteúdo.

Introduzindo cuidadosamente o dedo sob a aba, para não estragar o envelope (era o tipo de coisa que ela gostava de guardar), retirou o cartão bege simples que ele continha. No canto superior esquerdo, em estilo inglês, estava seu nome, escrito à mão; sob ele as palavras “Mimi Kilroy e George Paxton recebem em sua casa, na sexta, 27 de maio”. Foi nesse momento que o ódio profundo que Janey sentia por Mimi evaporou-se. Era difícil guardar raiva, principalmente quando era banhada pela luz calorosa da atenção e do reconhecimento. E Janey havia refletido que, embora Nova York fosse superficial, era uma espécie gloriosa de superficial, principalmente quando a pessoa era aceita pela sociedade.

Há três anos, aos 39, Mimi Kilroy havia finalmente assentado a cabeça e se casado com George Paxton, o bilionário.

Cinco anos antes, George Paxton que supostamente vinha dos subúrbios de Boston, o que podia significar praticamente qualquer lugar – surgira de repente na sociedade de Nova York. Era praticamente regra na sociedade nova-iorquina um bilionário aparecer de tantos em tantos anos, do nada, em geral sob a forma de um homem quarentão que enriquecera da noite para o dia e se encontrava em plena crise da meia-idade. Depois de passar suando para fazer fortuna, agora estava em posição de finalmente aproveitar a vida, e a primeira providência era procurar a primeira esposa. Tal era o caso de George Paxton.

Seus primeiros dois anos em Nova York seguiram as diretrizes de costume: todos o convidavam e mimavam, e viviam lhe arrumando encontros com moças que ele não conhecia, porque não há nada que assane mais a sociedade do que um solteiro novo cheio de dinheiro que não sabe como vai gastar. Depois ele passa namorando dois anos as melhores solteiras que o Upper East Side podia oferecer – mulheres com seios falsos e sem seios, mulheres saradíssimas pelos exercícios de Pilates, mulheres com cabelos cor de caramelo e casacos de zibelina, mulheres que sentavam à mesa da diretoria e gerenciavam suas próprias empresas, mulheres advogadas e médicas, corretoras imobiliárias, mulheres divorciadas de outros ricos; e depois de seu pênis ter sido chupado e de ter penetrado em vaginas e ânus diversos, depois de ter sido amarrado e pendurado, depois de ver seus mamilos serem apertados e seus testículos, raspados, e de suportar eternamente a mesma preocupação – se o seu pau ia ou não ia ficar duro e permanecer duro até

o fim – depois, e só depois, lhe apresentaram Mimi Kilroy.

Mimi não era o tipo de “gata” com quem George Paxton achava que ia acabar se casando – parecia um cavalo de corrida hiperativo, e George era uma cara tranqüilo – mas depois de dois anos sentindo-se uma ação ordinária da bolsa, de tão negociado, Mimi foi, como ele dizia, “uma lufada de ar fresco”. Ela não levava nada “daquilo” muito a sério e, além disso, George sempre se orgulhou de sua capacidade de reconhecer “um bom trato”. George, porém, não era o tipo de homem que as pessoas imaginavam que a Mimi escolheria como marido. Esperava um partido espetacular – um astro de cinema, um belo político, ou até mesmo um dos príncipes ingleses menos importantes – e George era a própria definição de homem comum. Mesmo assim, conseguir fisgar um bilionário era uma façanha e tanto, e não custava nada disfarçar uma pancinha de meia-idade sob um caríssimo terno italiano. E se alguém sabia gastar o dinheiro de George, esse alguém era a Mimi, portanto, todos iam sair ganhando.

Uma das primeiras coisas que a Mimi fez foi organizar a compra da velha propriedade Wannamaker no East Hampton. Durante anos esse casarão de arenito, considerado um elefante branco com seus cinquenta quartos, piscina interna e afrescos italianos importados, permanecera vazio – uma extravagância de Chester Wannamaker, que fizera fortunas com lojas de departamentos no início do século vinte e até meados dele, depois havia perdido tudo no fim da década de 1970, ao tentar expandir seus negócios. O banco executou a hipoteca da casa, e o preço era oito milhões, mas o tempo, a areia e a maresia haviam danificado a mansão, e estimava-se que a restauração custaria o dobro do preço da compra. Era exatamente o tipo de projeto que a Mimi adorava. Em abril, depois da restauração terminada, a casa contava até com um heliporto para o helicóptero de George.

E agora, na festa do feriado do Memorial Day, durante toda tarde e começo da noite, este helicóptero foi empregado sem parar no transporte de pessoas importantes de Manhattan até a casa. Às sete horas, quando Janey de Porsche rodeava a Georgica Pond Lane, o Sikorsky Black Hawk VH60 subia e desaparecia atrás das sebes próximas da casa. Janey ficou se perguntando quem estaria nele e que tipo de status seria necessário para descolar não só um convite para a festa de mimi, mas também uma carona no helicóptero, tudo isso jurando que no ano seguinte ela estaria de helicóptero.

Contudo, já era uma emoção apresentar seu convite ao mesmíssimo homem que se encontrava diante das escadas de granito polido que levavam à casa.

- Seu convite, por favor – pediu ele. Janey abriu a bolsa – pequena e enfeitada com continhas, superexclusiva porque o designer tinha feito apenas dez, e dado uma de presente a ela – e lhe entregou o convite.

- Seja bem-vinda, Srta. Wilcox – cumprimentou o homem. – Perdão. Devia tê-la reconhecido.

- Não tem problema – disse Janey, educadamente. Ergueu a batinha de seu longo Oscar de la Renta amarelo, que pedira emprestado para a ocasião, e subiu lepidamente as escadas, notando as macieiras em flor e aspirando a doce fragrância das flores. Havia malabarista entre as árvores, jogando mças douradas para o alto, e ao fim dos degraus, um quarteto de cordas tocava. As pesadas portas de madeiras que davam acesso à casa estavam escancaradas, e Janey entrou sem fôlego, embalada pelo expressivo lamento de um violino.

Mimi estava esplêndida, em um Tuleh branco, ao fim de um saguão de mármore, e com um arrepio de prazer, Janey viu que ela conversara com Rupert Jackson, o ator inglês. Mimi virou-se

e acenou, e Janey foi se aproximando, enquanto imaginava, sem se conter, que grande casal ela não se formaria com Rupert Jackson.

– Janey, minha querida – disse Mimi, avançando para pegar-lhe as mãos e beijá-la nas duas faces. Tinha pulseiras de brilhantes nos pulsos; brincos de pressão também de brilhantes lhe enfeitavam as orelhas. Como tantas nova-iorquinas, Mimi não havia envelhecido nem um pouco nos últimos dez anos, ou mais, desde que Janey a conhecera, e Janey ficou se perguntando o que Mimi teria feito.

– Que pulseiras maravilhosas – elogiou Janey.

– Ah, querida, isso não é nada – disse Mimi.

– Não é incrível esse negócio de as pessoas ricas agirem como se um milhão de dólares não valessem nada? – disse Rupert.

– Querido, conhece a Janey Wilcox, não? – perguntou Mimi.

– Não, mas é melhor eu tratar de conhecê-la – gracejou Rupert. Há dois tipos diferentes de atores, pensou Janey. Aqueles que não se parecem nada com seus personagens e aqueles exatamente iguais a eles, e Rupert Jackson definitivamente se enquadrava nessa última categoria. Era tão bonito em pessoa quanto no cinema; tinha o mesmo sorriso que formava aquele monte de ruguinhas, e o cacho de cabelos castanhos caindo na testa.

– Já suas fotos em toda parte – disse ele – e aí fiquei me perguntando como seria essa moça ao vivo e a cores. Prometa que vai falar comigo depois sobre sua lingerie.

Janey soltou uma gargalhada, e Mimi disse, brincando:

– Ora, Rupert, a Janey é a mulher mais bonita da festa, sim, mas você está praticamente noivo.

Além disso, já escolhi outra pessoa para fazer companhia a ela.

– Estou profundamente ofendido – disse Rupert. – Quem é o sortudo?

– Selden Rose – respondeu Mimi. – O novo presidente da Movie Time. Acabou de chegar de helicóptero... Ficou preso na Via Expressa de Long Island e fomos obrigados a resgatá-lo.

– Não diga! Mas que coisa mais extraordinária! Que tipo de homem precisa ser resgatado na Via Expressa de Long Island? – indagou Rupert, e simulando uma expressão de horror, virou-se para Janey e piscou. Janey foi obrigada a concordar com ele – ainda não conhecia o tal Selden Rose, mas ele já não lhe parecia tão promissor.

– Não dê ouvidos a ele – observou Mimi. – Selden é um velho amigo de George. Mas não precisa se preocupar, não é nem um pouco chato como ele. Sabe, nunca consegui entender bem o que George faz, a não ser o fato de que ele parece ser dono de tudo.

Janey e Rupert riram, educadamente, e pelo canto do olho ela viu Comstock Dibble entrando com a noiva, Mauve Binchely. Beleza – Comstock não ia ousar agredi-la na frente da Mimi. Só que Mimi estava olhando para o outro lado, e ainda não havia notado sua chegada.

– Às vezes, digo ao George que ele é meu dono – continuou Mimi, frivolumente – e ele adora. – Tinha um jeito de fazer tudo parecer segredo, e inclinando-se para Janey, enquanto lhe tocava o braço, disse: – Nunca se case, Janey, pelo menos nunca antes de ter necessidades absoluta disso. É chato demais. Mas o Selden é diferente – acham-no brilhante. Já ouvi dizer que ele adora literatura. George não lê nada, é claro, pelo menos nada que não tenha cifrões. Acho que se formou em literatura de Harvard.

Janey era capaz de sentir os olhos de Comstock lhe abrindo buracos nas costas. Inclinando a cabeça para o lado, e emitindo uma gargalhada estrepitosa e cristalina – gesto que ela copiara de

Mimi anos antes – perguntou:

– O George, você quer dizer?

– Imagina, claro que não, estou falando do Selden – disse Mimi. – O George se formou em Harvard também, mas às vezes juro que não dá para perceber... Dá só uma espiada nele! – e indicou um homem sem nada de especial, altura mediana, com um cigarro aceso em uma das mãos enquanto com a outra colocava furtivamente um coquetel de camarão na boca. – George! – chamou Mimi, dali mesmo de onde estava. George ergueu a cabeça, com ar de culpado, e pegando o guardanapo que a garçonete uniformizada lhe ofereceu, limpou a boca e se dirigiu até onde elas estavam, com toda a classe. Vendo-o de calças cor de creme e blazer azul-marinho com botões dourados, Janey foi obrigada a concordar com o que todos diziam dele: sua aparência era tão comum e sem graça que a pessoa chegava a duvidar que o reconheceria da próxima vez que o encontrasse. Até mesmo os olhos dele pareciam ter sido encaixados na cabeça em uma linha de montagem.

– Querido – disse Mimi, soltando um longo suspiro. – Sabe que não devia fumar e comer ao mesmo tempo... O que a Mãezinha diria?

– Felizmente, Mãezinha já se foi, amor, portanto duvido que apresente alguma objeção – respondeu George.

– Os maridos parecem até crianças – observou Mimi. – É uma coisa que as pessoas vivem nos dizendo, mas a gente nunca acredita, até se casar. George, já lhe apresentei a Janey Wilcox? George limpou a boca no guardanapo e estendeu seus cinco dedos curtos e grossos.

– Não a conheço, mas sei tudo sobre você – disse ele. E, de repente, sem preâmbulos, perguntou: – Como é que se sente sabendo que metade dos Estados Unidos já viu sua calcinha?

– George! – exclamou Mimi.

– Eu estava para fazer a mesma pergunta – revelou Rupert.

– Talvez deva experimentar – disse Janey.

– Acho que ia me tornar mais ridículo do que já sou – disse Rupert. E Mimi acrescentou:

– George, eu juro, benzinho, se você não fosse tão rico, eu pedia o divórcio.

Então Janey virou-se e viu Comstock e Mauve. Janey encontrou o olhar de Comstock e ele, mais do que depressa, desviou os olhos.

O momento inevitável do encontro foi evitado, porém quando Mimi disse:

– Rupert, meu amor, venha cumprimentar a Mauve, sim? Ela é apaixonada por você, mas juro que no jantar pode relaxar. – Virando-se para George, recomendou: – Quanto a você, benzinho, se é que pretende continuar dizendo inconveniências aos convidados, será que pelo menos podia ser útil? Janey precisa de uma bebida. – E levando Rupert para o outro lado, deixou Janey na companhia de George.

Assim que a levou para uma sala de estar toda rebuscada, ele começou a tagarelar sobre a reforma, mas Janey logo se distraiu. Ficou entretida com seus próprios pensamentos, ou seja, o fato de que o casamento de Mimi e George era exatamente o tipo de união que ela havia tentado evitar sua vida inteira. Não era inteiramente verdade, porque até ali *nenhum* homem – rico ou pobre – havia mostrado interesse em casar-se com ela. Mas naquele exato momento, sendo obrigada a ouvir George falar sem parar sobre os preços dos diferentes tipos de revestimentos das paredes da sala, parecia um alívio, e ela se perguntou por que a fabulosa Mimi Kilroy sucumbira ao pedido de George Paxton para se casar com ele. Ele não era tão horrível assim –

Janey era até capaz de perceber que George tinha um certo senso de humor –, mas estava completamente fora do seu elemento. Isso não era nada animador em relação ao “brilhante” Selden Rose; certamente o fato de George ser seu melhor amigo era um péssimo sinal.

Enquanto George falava sem parar – talvez sobre os métodos de embalar mobília para enviá-la da Europa para os Estados Unidos, ela achava – Janey viu Pippi Maus diante das portas francesas que levavam ao terraço e imediatamente se lembrou do tesão de homem que vira com Pippi no carro. Nesse momento, ele não estava por perto, mas isso não significava que não estivesse na festa. Usando a desculpa de que precisava tomar ar fresco, Janey foi andando na direção de Pippi, como quem não queria nada, e aí, quando já estava quase na frente dela, fingiu que havia acabado de vê-la. Tratando de simular uma expressão de surpresa agradável, disse:

– Pippi?

Pippi ergueu os olhos para ela, com a expressão típica de todos os famosos: uma mistura de ânsia de ser reconhecida e o medo de estar sendo vítima de emboscada de um tiete. Janey conteve uma gargalhada de desdém – na sua opinião, Pippi não era famosa o bastante para ficar com aquela cara, mas estendeu a mão assim mesmo:

– Janey Wilcox – apresentou-se.

– Ah, sim. – disse Pippi. Janey viu que Pippi não fazia a menor idéia de quem era ela, o que era ainda mais irritante pelo fato de que, em circunstâncias normais, Janey não teria perdido seu tempo com uma sirigaita como a Pippi. Afinal, não havia nada que Pippi pudesse fazer por ela. Só que no momento daria qualquer coisa para descobrir ao menos o nome do homem que se encontrava com Pippi naquela tarde. Portanto, foi logo dizendo:

– Lembra? Nós nos conhecemos... aí, meu Deus, não consigo me lembrar de onde nos conhecemos... Onde foi mesmo?

– Eu nem consigo me lembrar que dia é hoje, a maior parte do tempo – gracejou Pippi, inclinando a cabeça.

– Acho que passou por mim na Via Expressa de Long Island esta tarde.

Ao reconhecê-la, Pippi abriu a boca como se finalmente conseguisse entender quem era Janey.

– Acho que passei, sim – concordou ela. – Passamos por quase todo mundo. Você me viu? Eu estava em uma Ferrari verde.

Janey ignorou aquele comentário óbvio.

– Amo aquele carro de paixão.

– Eu também – disse Pippi – Gostaria que me pertencesse, mas não tenho como comprá-lo.

– Era o seu namorado?

– Ah, não, Quero dizer, o carro é dele, mas ele não é meu namorado. Ainda não, quero dizer... Ele é jogador de pólo – disse, ofegante, como se isso explicasse tudo.

Janey concordou, prudente, sabendo que aquela coitada da Pippi, com carinha de rato e olhos juntos demais, nunca teria chance, e em uma voz melosa de tanta simpatia, disse:

– Devia tê-lo trazido à festa com você.

– Eu queria, mas não deu – explicou Pippi, agoniada. – Ele precisava jantar com um velho aí... Harold sei lá de quê.

– Harold Vane? – perguntou Janey, tentando esconder seu assanhamento. Harold Vane era outro de seus ex-casos e bom amigo dela. Precisava lembrar-se de ligar para o Harold no dia seguinte e descobrir quem seria aquele misterioso jogador de pólo. – Como ele se chama? – perguntou, na

maior naturalidade.

– Não me lembro. Harold...?

– Ah, o Harold eu conheço – disse Janey, com uma risada de quem está por cima. – Estava me referindo ao jogador de pólo.

– Zizi? – Pippi perguntou. E foi aí que a ficha caiu. – Pelo menos, é assim que todos o chamam. Mas não descobri se ele tem sobrenome ou não...

– Não diga – disse Janey, sorrindo vagamente. Pippi era mesmo uma tapada, pensou ela, e agora, depois de ter conseguido o que queria, precisava livrar-se dela. Virando-se, encontrou um salvador em Rupert Jackson.

Ele estava obviamente procurando por Janey, porque veio logo na sua direção, e com tom de reprovação foi dizendo:

– Srta. Wilcox, que levada que a senhorita é. Acabei de descobrir que conhece esse safado do Peter Cannon. É verdade que teve até um caso com esse sujeito?

Janey teria preferido que Rupert não soubesse disso, mas era impossível guardar segredos em Nova York. Dentro de um segundo, a consternação dela rapidamente foi substituída pela agradável certeza de que Rupert Jackson devia mesmo estar interessado nela.

– Ah, qual é – respondeu ela. – Saí com ele da mesma forma que saio com todos os homens. Só um minutinho.

– Ah, mas você é mesmo levada – disse Rupert, soltando um gritinho de êxtase. Sua voz atraiu a atenção de quase todos na sala, e ele pediu: – Pode ir contando tudo ao seu tio Rupert. – E aí, diante de todos os convidados, pegou o braço dela e conduziu-a para um canto distante do terraço.

A festa havia aumentado as proporções e ficado mais animada, e gritos de “A noite está perfeita, não?” ecoavam pelo terraço, como se os próprios convidados tivessem providenciado o tempo, e não a Mãe Natureza.

Mas quem não ia querer levar a fama por uma noite daquelas? O ar noturno estava a uma temperatura de 22 graus, a lua brilhava cheia e uma brisa suavíssima soprava do Oceano Atlântico. O vento suave misturava-se à cadência da banda de metais, conduzindo os timbres metálicos e espalhando-os sobre a festa como um pó mágico. Espaçadas a intervalos iguais ao longo de uma balaustrada branca brilhante, árvores frutíferas floriam nos vasos, os galhos podados para lembrarem pirulitos. E emoldurada entre duas dessas árvores estava agora Janey Wilcox.

Afastando-se da multidão por um momento, Janey se colocou na sua melhor pose, três-quartos, de frente para o oceano. Suas mãos se encontravam pousadas na balaustrada, onde ela se recostava ligeiramente, empinando o peito para a frente e arqueando as costas, de forma que seus seios se destacassem. Inclinou a cabeça ligeiramente para trás e fechou os olhos, respirando o ar noturno, consciente de que, enquanto fazia isso, estava criando a impressão de uma linda jovem perdida em pensamentos.

Só que na realidade sua cabeça estava a mil. A noite já era um sucesso retumbante para ela, deduziu: tivera uma longa e promissora conversa com Rupert Jackson, e então Mimi a apresentara ao novo editor-chefe da *Harper's Bazaar*, que insinuou que talvez assinasse um contrato com ela para fazer uma capa. Em todos os seus anos como modelo, Janey jamais havia conseguido aparecer em uma capa de revista, e ficou maravilhada com os caprichos do destino,

aquela coisa de acontecerem várias coisas boas depois que uma coisa boa acontece.

Pensou também e Mimi e se perguntou por que havia odiado aquela mulher durante tantos anos – como a maioria das pessoas, Mimi era simpática depois que a gente a conhecia. Passou pela mente de Janey que talvez ela mesma fosse a culpada – talvez Mimi simplesmente houvesse desconfiado que era Janey que não gostava dela. Mas o maravilhoso em Nova York era isso: anos de rancor podiam ser apagados por um único gesto de amizade, com a compreensão tácita de que ninguém jamais precisaria reconhecer a relação estremecida de antes.

Tomou um golinho de champanhe, e ficou contemplando o oceano. Afastar-se da multidão era um velho truque que ela usava em festas para permitir que um homem interessado se aproximasse dela sem medo. Conservando o olhar perdido no mar, ficou se perguntando vagamente que tipo de peixe ia conseguir fisgar. Foi quando subitamente ouviu uma voz familiar, porém não inteiramente bem-vinda, gritando:

– Ora, vejam só quem está aqui... Janey Wilcox! Em carne e osso!

Era Bill Westacott, o roteirista.

– Meu Deus do céu, Janey – disse ele aproximando-se dela. – Mal posso andar pelas ruas de Nova York sem ver aquela sua bendita foto em algum lugar! Que é que está acontecendo, mulher?

Isso devia ser gratificante, só que vindo do Bill era só exasperante, fazendo-a lembrar-se das muitas vezes em que ele enchera sua paciência antes. Percebendo a leve malícia dele, respondeu:

– Bill! Diga-me você, o que está fazendo aqui? – Isso como se estivesse surpresa por ele ter sido convidado.

– Por que eu não estaria aqui? – perguntou ele.

Janey soltou uma risada de superioridade.

– Não há motivo para você estar aqui. Estou surpresa, só isso. – Aproximando-se mais dele e falando num tom mais baixo, disse: – Pensei que não gostasse de Mimi Kilroy.

Bill recusou-se a morder essa isca.

– Ah, Janey, qual é – cortou ele. – Posso ter tido uns probleminhas com ela, mas Mimi é uma das minhas mais antigas amigas.

– Ah, sei – disse Janey, dando-lhe um sorriso sarcástico. – Eu tinha me esquecido.

– E parece que estou me lembrando que você é que tinha alguma coisa contra ela – continuou Bill, com descuido. – “É velha, feia, e não sei por que as pessoas ainda lhe dão atenção”, era o que você dizia, se não me engano.

Janey recuou.

– Eu nunca disse isso – retrucou ela, entre os dentes, tentando esconder-se atrás de uma árvore frutífera. Por que Bill sempre fazia isso? Sempre conseguia torcer a conversa para que tudo passasse a ser culpa dela, e não era justo.

– Mas você disse, sim – insistiu ele. – Só que não vou te culpar. Já moro em Nova York há tempo suficiente para entender como é. Agora você é a bela da vez – por que não seria a melhor amiga de Mimi Kilroy?

– Estou longe de ser a melhor amiga dela – respondeu Janey, aborrecida.

– Mas vai ser – afirmou Bill, com a maior naturalidade. – Jamais perde uma chance de avançar na vida. E, lançando-lhe um olhar penetrante, acrescentou: – Sem contar que Mimi nunca perde

a oportunidade de seduzir a estrela do momento...

– Pode parar, Bill – cortou Janey, o tom de nojo na voz passando a impressão de que aquilo não merecia resposta.

Bill não se deixou intimidar.

– E aí? O que disse Rupert Jackson? – perguntou ele, com um largo sorriso.

Então era aí que ele queria chegar! Sempre o velho ciúme. Casado com uma louca, Bill tinha dois filhos, e fora amante de Janey dois verões seguidos. Jamais abandonaria a mulher, mas com típico egoísmo de macho, também não podia suportar que Janey tivesse outros namorados. No último verão, quase enlouquecera quando descobriu que ela estava andando com Comstock Dibble. Percebendo a oportunidade de espicaçá-lo, Janey indagou, em tom sedutor:

– O que acha que ele quer?

Em vez de demonstrar ciúmes, Bill soltou uma gargalhada:

– Sei lá, mas provavelmente não é o que você pensa que ele quer.

– Ah, jura? – perguntou ela erguendo as sobrancelhas, incrédula.

– Só estou afirmando o óbvio – disse Bill, com um sorriso triunfal. – O Rupert Jackson é gay.

Todo mundo em Hollywood sabe disso. A noiva é só fachada.

Janey soltou um gritinho de assombro e depois revidou com fúria.

– Não acredito que você seja despeitado a esse ponto, Bill. Só porque sua carreira está indo por

água abaixo... – Ela pretendia continuar, mas ele a interrompeu.

– Em primeiro lugar, acabei de vender um roteiro para a Universal. Portanto, minha carreira vai de vento em popa, graças a Deus – falou, sem se impressionar. – E em segundo lugar, por que é que você está sempre na defensiva? Nem todos estão querendo te perseguir o tempo todo... Aliás, eu estava só querendo te dar um conselho de amigo. Uma dica para você não fazer papel de boba com o Rupert Jackson, como fez com o Comstock Dibble no verão passado. Pelo que me lembro, fui eu que lhe disse que ele estava noivo...

– Casado. Você disse que ele era casado – replicou Janey.

– Qual é a diferença? O caso é que ele tinha outra...

Novidade... Isso ela já sabia, pensou Janey, só que assim colocadas de maneira tão clara, as palavras de Bill foram um pequeno choque, recordando-le a conversa desagradável que tivera com Comstock naquela tarde. Só que ela não ia querer que Bill percebesse que havia conseguido atingi-la em cheio, e olhando-o bem no rosto, sem pestanejar, disse, intencionalmente:

– E daí, Bill? Você não notou que a maioria dos homens que eu já tive estavam envolvidos com outra pessoa?

Como que sentindo que ela estava balançada, e prestes a dar o golpe de misericórdia, Bill perguntou, na maior calma:

– Aliás, o que aconteceu com aquele roteiro que você estava escrevendo para ele?

Esse foi um golpe baixo demais, e por um momento Janey só conseguiu imaginar por que o Bill estava sendo tão malvado. Sempre o havia considerado mau-caráter, mas nunca um homem fundamentalmente perverso. A superfície das interações sociais em Nova York era tão lisa e brilhante como uma camada de gelo, mas sob ela havia serpentes aquáticas e tartarugas mordedoras – e embora ela soubesse que existiam homens que automaticamente sentiam ciúmes do sucesso de outras pessoas, inclusive de uma mulher, jamais imaginou que Bill se encaixasse nessa categoria. Por um momento, ela se acalmou, sentindo pena de Bill, pena por ele estar

apelando tanto assim. Em seguida, minimizando a importância do comentário dele com um encolher de ombros, perguntou, sem se perturbar:

– Como assim?

Ele cruzou os braços e inclinou-se para ela, agressivamente.

– Pensei que o grande plano do verão passado fosse se tornar uma roteirista famosa de Hollywood. Não me contou que o Comstock Dibble te pagou para escrever um roteiro?

– Acontece que ele me pagou, sim – respondeu Janey, dando de ombros como se não estivesse entendendo onde ele queria chegar.

– E aí, terminou? Eles vão transformar seu trabalho em um sucesso de bilheteria com você no papel principal?

– Claro que vão – disse ela, rindo, na tentativa de fazer de tudo aquilo uma piada. Mas por dentro estava furiosa. No meio de todo aquele sucesso dos últimos meses tinha esquecido do fato de que Comstock Dibble lhe dera 30.000 dólares para escrever um roteiro no último verão – e embora ela tivesse escrito trinta páginas, jamais havia conseguido terminar. Não podia suportar a idéia de que tinha fracassado, principalmente em algo que sempre havia dito que era fácil, e no último verão, na tentativa de colocar Bill em seu devido lugar, tinha se gabado sem parar de que seu roteiro estava indo muito bem e ia ser um sucesso. E agora se via na posição constrangedora de precisar se defender diante dele.

– E aí? – insistiu Bill.

– E aí, o quê?

– Terminou mesmo? – perguntou ele, em um tom de voz superior, como se soubesse que ela não tinha terminado.

– Estou quase terminando de revisar. – Era uma mentira descarada, mas ela não conseguiu se conter. O tempo inteiro Bill lhe dissera que ela não seria capaz de escrever o roteiro, e agora não ia dar o braço a torcer e admitir que ele estava certo.

– Jura? – duvidou ele, como se não acreditasse nela. – Vai ter que me mostrar.

– Vou mostrar, tenha certeza disso.

Eles se entreolharam, num impasse – afinal, Bill não podia provar que Janey não havia escrito o roteiro –, e Janey avançou um passo, para mostrar que a conversa tinha acabado. Só que aí teve mais um choque: na direção deles, sem saber que estavam por ali, vinha Comstock Dibble, falando absorto ao telefone celular. Dentro de segundos ele iria atingir a balaustrada e estar a apenas um metro de distância deles, e Janey sabia que Bill era maldoso o suficiente para ser capaz de fazer menção ao maldito roteiro.

E o que Comstock diria? Ela olhou em volta, procurando uma saída, mas estava presa – entre um vaso de árvore frutífera e a balaustrada. O único jeito seria derrubar o Bill ou pular a grade.

Bill captou a cara de aflição dela, e virou-se para ver o que a preocupava. Comstock não fazia ainda a menor idéia de onde os dois se encontravam. Seu rosto estava vermelho de fúria, e ele se encontrava coberto da sua camada costureira e espessa de suor. Em voz exaltada, dizia:

– Se eles pensam que podem me empurrar esse lixo, vão ver só... Vou acabar com a raça dos filhos deles, juro por Deus. – Fechando o celular bruscamente, se virou bruscamente e viu Janey e Bill.

Seus olhos semicerraram-se e os lábios se esticaram, em um sorriso diabólico, revelando dois incisivos separados por um espaço imenso; Janey nutria uma desconfiança de que a mãe dele

bebida na gravidez, e Comstock Dibble, que não media mais do que 1,70m, tinha sofrido de síndrome fetal do álcool. E então, cada vez mais confusa, viu que o sorriso não era para ela, mas para Bill, e que Comstock não ia nem mesmo tomar conhecimento da presença dela.

– Westacott – saudou Comstock, estendendo a mão. – Meus amigos lá da Universal me disseram que seu roteiro é fantástico.

Bill de repente se transformou em um profissional hollywoodiano, cruzando os braços e afastando as pernas, de forma a não parecer mais alto que Comstock.

– Acabaram de me dar o sinal verde – informou Bill. – O Rupert Jackson assinou o contrato para ser o protagonista...

– Não diga – surpreendeu-se Comstock – Adoro o Rupert, ele é um excelente ator, mas vai ter dificuldade para tirá-lo da cama antes das onze...

– Já ouvi falar nisso – disse Bill. Foi quando Janey, sem conseguir mais conter-se, disse, desafiadora:

– Acabei de bater um longo papo com ele. É um amor de pessoa...

Assim que essas palavras saíram de sua boca, ela percebeu como o comentário tinha sido idiota, mas não se incomodou. Não ia ficar de pé ali, sem que ninguém tomasse conhecimento de sua presença, por isso olhou de um homem para o outro com uma expressão de quem os desafiava a desafiá-la.

Bill olhou-a meio surpreso, mas Comstock encarou-a sem pestanejar, como se jamais a tivesse visto antes e não fizesse idéia do que ela estava falando.

– E então?... – disse ela, sem graça. Incapaz de evitar o tom brincalhão em sua voz, Bill disse:

– Comstock conhece a jovem e talentosa Janey Wilcox, não?

– Ainda não tive o prazer – respondeu ele. Falou de um jeito educado, mas sua expressão dizia: “Se me trair, eu torço o seu pescoço.”

Estendeu a mão, e Janey, trêmula de raiva, a apertou. Como ousava fazer isso com ela, principalmente na frente do Bill, que sabia do caso deles? Ainda estava imaginando o que responderia, quando o celular de Comstock tocou, e virando-se como se não estivesse acontecendo nada além do fardo costumeiro de ser um produtor cinematográfico poderoso, disse a Bill:

– Perdão, mas é do estúdio. Nunca me deixam em paz, em lugar nenhum.

– Diferença de fuso – afirmou Bill. Tente a Austrália.

– Já tentei – disse Comstock. Segurando o celular na altura do ouvido, berrou: – Sim? – E começou a afastar-se, vagarosamente.

Janey só conseguiu pensar que Comstock estava escapando ileso, e avançou um passo na direção dele, na intenção de lhe dizer umas poucas e boas. Mas Bill a deteve; como ela esperava, assim que Comstock saiu do alcance da voz, ele começou a gozar com a cara dela.

– Você não trepou com esse cara? – perguntou, brincalhão. – Por que foi que não aproveitou para causar algum estrago – tipo morder o pau dele, por exemplo?

Uma dúzia de respostas mordazes passaram-lhe rapidamente pela cabeça, mas vendo a expressão de Bill, Janey hesitou. Ele estava curtindo demais vê-la assim tão obviamente transtornada, e alguma coisa lhe disse para evitar o piti que era exatamente o que ele esperava ver. Baixando a cabeça e fazendo biquinho, como uma criança magoada, ela o fitou através dos longos cílios escuros.

Diante dessa demonstração de submissão feminina, os instintos protetores masculinos de Bill manifestaram-se, e ele passou o braço gentilmente em torno dos ombros dela.

– Relaxa, Wilcox – disse ele. – Estava só brincando. Além disso, todos sabem que o Comstock é um babaca. Não tem por que se preocupar com caras como ele, a menos que seja necessário. Além disso, você é boa demais para ter que trepar com um velho safado e nojento feito ele...

– Estou bem – insistiu ela. – E aí, sentindo que Bill era o único que podia entender, desabafou: – Só fui para a cama com ele porque achei que seria bom para minha carreira!

O rosto de Bill registrou surpresa diante daquela sinceridade toda. Ele riu.

– Não posso dizer que concordo com você – raciocinou ele. – mas essa é provavelmente a coisa mais honesta que você já disse em anos.

Janey olhou-o furiosa, percebendo de repente que ele a surpreendera no contrapé. Afinal, oficialmente ela havia se convencido de que estava apaixonada por Comstock, e provavelmente dissera a mesma coisa a Bill.

– Se está querendo insinuar que sou mentirosa... – começou.

– Não estou insinuando nada. Estou é afirmando mesmo – disse Bill. – Você é mentirosa, sim, e o pior é que mente para si mesma...

– Ai, meus saís! Parece até que estão tendo uma briga de namorados – disse Mimi, chegando por trás deles.

Janey fuzilou Bill com os olhos, louca de raiva por terem sido surpreendidos em uma conversa obviamente íntima. Bill era perigoso; no futuro, ela ia ter que se cuidar para não deixá-lo encurralá-la em algum canto. Afinal, ela o deixara fazer isso antes, e toda vez eles acabavam na cama. Mas Bill nem se deixou impressionar; meteu as mãos nos bolsos, na maior naturalidade, e recostando-se na balaustrada, justificou-se:

– Janey e eu somos velhos amigos. Sempre brigamos feito irmão e irmã.

Mimi lançou a Janey um olhar solidário.

– E isso, obviamente, é a definição de amizade do Bill – comentou ela. – Vive brigando comigo desde que brincávamos no tanquinho de areia, na infância.

– Só porque você não me deixava brincar com suas pazinhas – disse Bill.

– Naquela época você era agressivo, e continua o mesmo – replicou Mimi. – De qualquer forma, vim lhe dizer que estamos servindo o jantar... Janey, você vai se sentar ao lado do Selden Rose... Ao ouvir o nome de Selden Rose, Bill subitamente deu um sorrisinho malicioso.

– Janey vai comer o coitado no café da manhã – gracejou.

– Ai, Bill! Pode parar por aí mesmo – pediu Mimi, lançando-lhe um olhar de advertência.

Depois, com um olhar de relance que indicou que Janey a seguisse, continuou: – Não sei o que há de errado com o Bill. Parece que a cada ano fica mais amargo. Acha que está passando por alguma dificuldade financeira?

Janey não tinha a menor idéia, porque só conhecia Bill há dois anos, e ele sempre havia sido assim. Só que não havia motivo para Mimi afirmar isso, portanto disse:

– Acho que o Bill simplesmente detesta mulheres, só isso.

Mimi parou e olhou-a, surpresa.

– Sabe que eu acho que você tem razão!?

– Tenho certeza de que é alguma coisa com a mulher dele – sugeriu Janey, lançando um olhar significativo a Mimi.

Mimi sorriu e, com um gesto conspirador, pegou o braço de Janey.

– Mas não resta a menor dúvida – sussurrou. – Coitada da Helen. Era uma moça tão simpática antes...

Assim que entraram juntas na sala de estar, a dor daquele encontro constrangedor com Comstock e Bill começou a passar. Afinal, naquela noite, pelo menos, não havia ninguém mais importante no salão do que Mimi Kilroy – e Mimi estava tratando Janey como se ela fosse uma de suas melhores amigas. E seu prazer se tornou ainda mais completo quando Mimi indicou-lhe um lugar no centro do salão dizendo:

– Vamos nos sentar bem aqui, Janey. Espero que não se importe, mas eu a coloquei na minha mesa.

TRÊS DIAS DEPOIS, poucos instantes depois de uma tarde, Patty Wilcox estava sentada em um banco diante da loja da Ralph Lauren, no East Hampton, esperando a irmã, Janey, aparecer. Patty imaginava por quê, se sabia que Janey ia se atrasar, tinha saído de casa às pressas para poder estar na loja exatamente à uma da tarde, hora em que haviam combinado se encontrar. Certamente não era – pensou ela, procurando inutilmente na rua – porque achasse que Janey podia ser pontual, para variar. O motivo era que, quando Janey falava, Patty pulava na mesma hora e obedecia. A relação delas era típica relação irmã mais velha-caçula, e havia horas em que Patty tinha até uma pontinha de medo da irmã...

Naquela manhã, às 11 horas, Janey ligara para ela, e naquela sua voz costumeiramente animada, que dava a entender que tudo na vida dela ia muitíssimo bem, obrigada, perguntou a Patty se a irmã queria ir fazer compras com ela, à tarde.

– Não sei – respondeu Patty hesitante. – Não sei se é conveniente.

O riso de Janey mostrou que Patty estava sendo ridícula.

– Você não precisa comprar nada.

– Não é isso – retrucou Patty. – Só não estou certa se devia ser vista fazendo compras neste momento.

– Ai, Patty! Os fotógrafos não estão te cercando o tempo todo. Ninguém vai saber quem você é. Não, pensou Patty, mas saberiam quem era Janey, e embora Patty não tivesse prova disso, passou-lhe pela cabeça de que Janey seria perfeitamente capaz de ligar para um colunista daqueles que conhecia e dizer que a esposa do Digger, que levava um calote de um milhão de dólares do Peter Cannon, estava fazendo compras na Ralph Lauren. E aí, como sempre fazia quando tinha maus pensamentos a respeito de Janey, Patty sentiu-se culpada, e sua parte culpada se viu concordando em encontrar-se com Janey à uma da tarde. E agora, faminta e ligeiramente aborrecida, Patty olhava tudo em volta, pensando em comprar uma casquinha de sorvete. Mas logo lembrou de que não podia fazer isso, porque se Janey viesse e visse a Patty tomando sorvete ia lhe lançar “aquele olhar”. E, naquele dia específico, com tudo o que estava enfrentando, Patty não precisava que ninguém a censurasse por suas fraquezas. Era preferível ficar faminta do que ser lembrada – pela Janey – do fato de que ela provavelmente precisava mesmo perder uns dois a cinco quilos.

Claro que Digger não ia concordar. Com o olhar parado rua acima, fixo no cinema (*Feixe de ossos*, um dos filmes de Comstock estava sendo exibido), ela pensou como Digger vivia lhe dizendo para enfrentar a irmã. Mas ela não estava lá muito feliz com ele no momento, e além do mais, Digger não conhecia Janey tão bem quanto ela. Digger era a única pessoa que parecia misteriosamente imune aos encantos de Janey – e, embora ela tivesse que admitir que, se esse não foi um dos motivos pelos quais havia se casado com ele, certamente era uma das coisas que a fizera gostar dele, também significava que Digger nunca entenderia como ela realmente se sentia em relação a Janey. A verdade era que, embora às vezes Patty tivesse medo de Janey em pessoa, também temia por ela.

Havia na irmã algo de muito sedutor, mas essa sedução também era perigosa, porque Janey

inevitavelmente conseguia lesar qualquer pessoa que se envolvesse com ela. Era um fato do qual Janey parecia felizmente inconsciente, e havia vezes em que Patty não conseguia deixar de desejar que alguma coisa ruim acontecesse a Janey, e ela aprendesse a lição, embora não tivesse certeza de que lição seria. E aí se sentia culpada, porque Janey era sua irmã, e não se deve pensar essas coisas das irmãs.

Contudo, mesmo quando criança, Janey não era o que se podia considerar normal, pensava Patty, de pé e perscrutando a rua em vão. Sempre houvera uma indiferença suprema em torno de Janey; todo verão no clube de campo, enquanto as outras crianças nadavam e jogavam tênis, Janey, que era gordinha e nada atlética e não gostava que a vissem de maiô (ora, mas vejamos só que ironia), sentava-se a uma mesa de piquenique no parque e jogava cartas. Outras crianças tentavam fazer amizade com ela, mas Janey as rejeitava com um comentário desdenhoso. Portanto, não era realmente surpreendente que a família inteira houvesse ficado aliviada por Janey ter sido aceita na agência de modelos Ford aos 16 anos. Naquele primeiro verão, ela ficou fora três meses, e Patty lembrava-se de que aquele havia sido o melhor verão de sua vida – conquistara o campeonato estadual de natação para crianças até 12 anos – e, para variar, ninguém da família estava brigando. Então, no verão seguinte, Janey havia supostamente ido embora para sempre. Só que isso acabou saindo pela culatra também, embora ninguém da família jamais tocasse no assunto nem dissesse por quê, inclusive Janey. Patty só soube que jamais esqueceria o fim daquele segundo verão, quando Janey tinha 18 anos, e havia acabado de voltar do sul da França, tão diferente quanto se tivesse ido a outra parte do planeta e voltado estrangeira. Estava carregada de malas Louis Vuitton e roupas de grifes da França e da Itália, sacolas da Chanel, sapatos Manolo Blahnik. Ao longo da tarde mostrava a Patty suas coisas e lhe contava quanto havia pago por elas. Patty recordou-se de que apenas uma bolsa havia custado 2.000 dólares, e, quando fez cara de espanto, Janey lhe disse – naquela nova voz que havia inventado imitando sotaque europeu – que não valia a pena viver se não fosse possível ter o que a vida tinha a oferecer de melhor.

Patty voltou ao banco com um suspiro. Sendo uma tarde de segunda-feira em junho, a rua principal do East Hampton não estava lá muito movimentada, mas Patty começava a se sentir chateada. Passou uma Mercedes, depois um Range Rover e um Lexus; parecia que ninguém nos Hamptons tinha um carro que custasse menos de 100.000 dólares. Ela se recordou de que sua própria Mercedes era igualmente cara, mas isso não a impedia de se sentir uma intrusa que, por mais que tentasse, jamais se sentiria como se realmente fizesse parte daquele cenário. Era exatamente como a Mercedes, que Digger havia pago, e portanto não pertencia realmente a ela. Talvez o problema fosse que tudo era um tanto perfeito demais, refletia; aquelas lojas de antiguidades meticulosamente bem-conservadas que se alinhavam no início da Main Street, e que por fim se mesclavam com os prédios de um branco imaculado que abrigavam lojas caras. Ou talvez fosse só aquela impressão de riqueza que o lugar causava; as vitrines da corretora de imóveis atrás dela apresentavam fotos aéreas ampliadas de mansões de dez milhões de dólares, enquanto a loja de lingerie ao lado cobrava 150 dólares por um par de calcinhas de algodão. Ou talvez fosse o fato de que estar nos Hamptons estava longe de ser o mesmo que sair de Nova York, e a qualquer momento se podia dar de cara com um conhecido inconveniente. E isso, é claro, foi exatamente o que aconteceu. Os pensamentos de Patty foram interrompidos por uma voz em *staccato* vinda do nada, muito estridente, berrando em um celular: “Mas eu te

falei para não deixar ele entrar! O cliente está furioso!” Um instante depois a figura atarracada de Roditzzy Deardrum surgiu de trás de uma árvore.

Roditzzy era uma das relações-públicas cuja foto havia sido recentemente publicada na capa da revista *New York*; era exatamente da mesma idade de Patty – 28 anos – e, graças ao dinheiro da mãe, dirigia sua própria empresa de relações públicas chamada Ditzzy Produções. Roditzzy acabaria em uma prisão francesa devido a um acidente de barco muito suspeito no sul da França, no qual vários dos seus amigos perderam braços e pernas durante uma festinha embalada por Ecstasy e organizada pela própria Roditzzy, mas, no momento, ainda não havia lhe acontecido nada de mau, e ela considerada a rainha das festas nova-iorquinas, aquela que era responsável por organizar os eventos mais irreverentes e providenciar os melhores convidados. Seu último evento fora um espetáculo ridículo – no qual cães se exibiam vestidos em roupinhas de grife feitas especialmente para a ocasião – e ela tinha conseguido convencer vários astros e estrelas de cinema meio bobocas a comparecerem. Patty sabia que se Roditzzy a visse por ali, ela já era, mas dentro de um segundo, sua oportunidade de escapular já havia passado, porque ela ouviu Roditzzy dizer: “Olha, acabei de ver Patty Wilcox, preciso ir”, e logo Roditzzy já estava ao seu lado.

– Pa-a-a-at-ty! – gritou ela, fazendo os passantes virarem a cabeça. – Como va-a-a-a-ai?

– Vou bem – respondeu Patty, enquanto Roditzzy a beijava de leve em ambas as faces.

– Faz um tempã-ão que não te vejo! – disse Roditzzy. – O que é que anda fazendo?

Essa era justamente a pergunta que Patty esperava evitar, mas como agora era inevitável, diria apenas:

– Nada.

– Nada? – perguntou Roditzzy, como se fosse incapaz de compreender uma resposta assim.

– Exatamente. Nada – confirmou Patty. – Agora só cuido da casa.

A expressão de Roditzzy indicou o contrário, mas ela disse:

– Pu-u-u-u-xa. Isso é mu-u-u-u-ito retrô. Demais.

Patty cruzou os braços e concordou, mas por dentro estava convencida de que Roditzzy olhava para ela como se fosse algum tipo de louca.

– Mas e aí, o que você faz o dia inteiro? – insistiu Roditzzy.

– Ah, umas coisas... – disse Patty. Ela certamente não ia dizer a Roditzzy que durante o ano passado andara tentando ficar grávida mas não tinha conseguido, que precisava ter um filho mais do que qualquer coisa no mundo porque amava o marido desesperadamente e precisava garantir que sua relação com ele se aprofundasse através de um filho – afinal, o que uma moça como Roditzzy podia entender sobre o mágico mistério de ser jovem, estar apaixonada e totalmente dedicada a um homem?

Roditzzy aproximou-se, tentando criar um vínculo de intimidade que não existia entre as duas, e baixando a voz, perguntou:

– Como vai o Digger? Quero dizer, depois de todo esse negócio aí que estão falando do...

– Peter Cannon? – perguntou Patty, retesando-se toda. – Vai bem.

– Beleza – disse Roditzzy. – Não sei o que deu no Peter Cannon, vai entender? Todos pensavam que ele fosse um cara formidável. Era o melhor amigo de todo mundo... Lembra daquelas festinhas muito loucas no *loft* dele? Sabe, se ao menos a gente soubesse que ele estava financiando todo aquele Cristal com a nossa grana...

– Ah, melhor deixar pra lá – cortou Patty.

– Melhor deixar pra lá mesmo – concordou Roditzky. E depois exigiu saber: – Vocês vão estar por aqui no fim de semana que vem? Preciso que venham a uma festa que vou organizar para...

– O Digger viaja em turnê – disse Patty, com a maior firmeza, interrompendo a outra. – Vai ficar fora dois meses.

– Bom, então você podia vir sozinha mesmo – insistiu Roditzky. – Vou pedir a um dos meus assistentes para buscar você de carro. Assim pode se divertir sem precisar se preocupar em como vai voltar para casa.

Roditzky ficou olhando para ela com aquele jeito animado de quem não vai aceitar não como resposta, e Patty não conseguiu protestar.

– Maravilha! – exclamou Roditzky, e depois, com o ar de alguém que precisa ir a lugares importantes visitar muitas pessoas, abriu o celular e entrou solenemente na Ralph Lauren.

Patty se deixou cair no banco, subitamente consciente de que ia passar mais dois meses sem conseguir engravidar, uma vez que o Digger estaria em turnê. Ainda por cima, seria obrigada a ir a uma festinha que não tinha o menor interesse para ela – por que é que todo mundo em Nova York estava sempre exigindo sua presença em um lugar ou outro? E tudo culpa da Janey, que havia se atrasado. Se a Janey fosse pontual uma vez na vida, talvez ela não tivesse esbarrado com Roditzky.

Mas agora, finalmente, divisava Janey, subindo ruidosamente a via 27 no seu Porsche Boxster. Era capaz de ouvi-la aproximando-se a 1,5km de distância porque ela dirigia aquele carro como se fosse um cavalo de corrida – mudava as marchas de modo a obrigar todos a ouvirem o motor girando, e fazia isso de propósito, para que as pessoas erguessem a cabeça e a vissem.

Ultimamente estava sempre querendo que todo mundo olhasse para ela e isso deixava Patty preocupada. Isso porque, antes, as pessoas nem sempre diziam coisas agradáveis sobre Janey...

O carro parou diante de Patty, e com um grande floreio Janey saiu e bateu a porta. Vestia uma blusinha de malha sem mangas da Prada e calça jeans branca (jeans branco tinha acabado de entrar na moda, mas já fazia tempo que Janey usava essas calças), e com um sorriso completamente natural, que não se parecia nada com um sorriso falso e safado que ela exibia no cartaz de rua, acenou para Patty. E, naquele momento, Patty encolheu-se toda por dentro, como sempre acontecia, e retirou todos os maus pensamentos que jamais tivera sobre Janey: afinal, como é que alguém podia ser tão bonita quanto Janey e ser má como ela imaginava?

E aí tudo ficou ainda pior, porque com um “oi, maninha” que mais parecia um trinado de pássaros, Janey pegou o braço da irmã (bem do jeito que Mimi havia feito algumas noites antes) e disse:

– Olha só, não queria te contar isso ao telefone porque sabia que você ia negar, mas quero comprar uma coisinha na Ralph para você, e depois te levar para almoçar no Nick and Toni’s – que era um dos restaurantes mais exclusivo dos Hamptons, e isso bastou para Patty sentir-se uma irresponsável outra vez.

– Será que não dá para cancelar pelo menos a compra? – perguntou Patty, querendo evitar mais um encontro casual com Roditzky Deardrum. – Estou morrendo de fome.

– Claro que não – respondeu Janey. E então, lançando à irmã um olhar penetrante, perguntou: – Aliás, como vai Digger? – seu tom foi descontraído, mas seus olhos pareceram abrir um buraco no cérebro de Patty, como se fossem verrumas e pudessem enxergar a verdade. Por um

momento, Patty teve a horrível sensação que andava tendo ultimamente, como se estivesse se afogando.

– Vai indo... – disse ela, debilmente, e Janey balançou a cabeça, compreensiva. Só que, com aquele único gesto, Patty sentiu que Janey entendia tudo. E enquanto elas subiam a rua até o Nick and Toni's, Patty refletia que o bom da Janey era que ela fazia a gente sentir que podia contar a ela todos os pensamentos terríveis, profundos, tenebrosos que passavam pela nossa cabeça. Ela compreenderia.

Aos 18 anos, Janey se considerava capaz de arrancar confidências, e rapidamente entendeu que conseguir informações era poder. Nem sempre as informações é que eram importantes (erro que a maior parte das pessoas cometia), mas sim o ato de recebê-las. Isso criava um vínculo entre ela e o confessor – um tipo de pacto de amizade tácito, que ela podia invocar mais tarde para obter aquilo de que precisasse.

E agora, sentada a uma mesa na parte dianteira do Nick and Toni's, seu rosto exibía as rugas suaves de comisseração adequadas para esse tipo de situação, e embora ela parecesse estar concentrada, uma outra parte de seu cérebro estava voltada para a porta. A qualquer momento ela aguardava a chegada de Mimi Kilroy, o que iria exigir o emprego de um outro tipo de técnica social entre as muitas que dominava.

Naquela mesma manhã, Janey telefonara para a casa de Mimi com a desculpa de que desejava agradecer-lhe por tê-la convidado para a festa. Mimi não estava, e Janey, dizendo à criada que havia atendido que era “muito boa amiga da Mimi”, conseguiu arrancar dela a informação de que depois da aula de equitação Mimi iria almoçar no Nick & Toni's. Naquele momento, Janey resolveu que ela também ia almoçar no Nick & Toni's. O único problema é que não podia almoçar lá sozinha e, fazendo uma lista mental das pessoas possíveis, decidiu chamar Patty.

Não hesitou um instante sequer em usar a irmã para alcançar seus fins; afinal, não se podia dizer que fosse adoração o que sentia por ela. Sempre amara Patty, é claro, da forma automática que as pessoas amam os familiares, mas apenas nos últimos dois anos tinha começado a gostar dela. E isso, insistia, porque não conhecia Patty antes – jamais haviam participado dos mesmos círculos sociais até Patty se tornar produtora da VH1, conhecer Digger, e, no ano passado, casar-se com ele. Desde então, Janey passara a apreciar a simplicidade e a bondade de Patty, e sua animadora falta de ambição; três meses depois de se casar com Digger, abandonara o emprego para administrar a casa e criar os filhos que esperavam ter. É claro, Janey também entendia o valor de ter uma irmã casada com um roqueiro famoso. Embora não gostasse exatamente do Digger, precisava admitir que, se a Patty tivesse se casado com um bombeiro hidráulico (como Janey imaginava que Patty se casaria), as duas irmãs não teriam se aproximado nem um pouquinho.

E com efeito, as cabeças louras unidas numa intimidade familiar, não se podia encontrar em outra parte uma imagem mais encantadora de afeição fraternal. Essa – Janey estava alegremente ciente – era exatamente a imagem que Mimi desejava ver, sabendo que iria mostrá-la em uma luz mais ampla e humana. Portanto, fazendo força para dirigir os pensamentos para longe de sua própria ambição, Janey se obrigou a concentrar-se em Patty, que estava atrapalhada com um guardanapo de linho dobrado no formato de um complicado origami de cisne.

– Patty? – chamou.

– Sim? – respondeu Patty.

– Como você está indo? De verdade?

– Bom – disse Patty, depois de dar um jeito no guardanapo e e abri-lo no colo. – Vou bem. Vi a Roditzzy Deardrum entrando na Ralph Lauren.

– Como vai a Roditzzy? Eu até gosto dela, sabe? Acho que ela é gente fina – comentou Janey.

– Gosta, é? – disse Patty. – Eu a considero uma bruxa.

– Ela é mesmo meio irritante – concordou Janey – mas no fim só está tentando vencer na vida, como todo mundo. Sempre me tratou muito bem...

– Claro que ela trata você bem...

– Você, não?

– Está tentando me obrigar a ir a uma festa no sábado à noite.

– E o que tem isso? – Janey chamou o garçom com um gesto. – Você devia ir a mais festas.

– Por quê?

– Por quê não?

– Qual é o objetivo?

– Talvez não haja objetivo. Só sair e estar com os amigos.

– A maioria dessas pessoas nem gosta umas das outras.

– Como é que você sabe disso? As pessoas não são perfeitas, sabia? Têm limites. Talvez gostem umas das outras até onde podem...

– Mas isso pra mim não basta...

– Ah, sai dessa, Patty. Qual é o problema?

– Sabe o que é? – disse Patty. – Não sei por que todos vivem tentando tanto ser essas pessoas... provar que são importantes, entende? Quando vi a Roditzzy, pensei logo: já sei qual é o problema dela. Ela tem baixa auto-estima.

Janey sorriu.

– Isso é coisa do Digger?

– Não – respondeu Patty, meio ofendida. – Pense nisso. Por que ela vive por aí, correndo e gritando tanto no celular, feito uma ratazana guinchando? Aliás, por falar nisso, nós duas podemos estar com essa síndrome de baixa auto-estima também. Já imaginou por que nunca estamos realmente felizes?

Janey refletiu sobre o que a irmã estava dizendo. Era mesmo verdade. Ela nunca se sentia totalmente feliz. Sempre tinha a ligeira impressão de estar levando rasteira da vida, de alguma forma, embora não fosse capaz de dizer exatamente de que forma.

– Está vendo? – disse Patty. – É por causa de alguma coisa que mamãe e papai fizeram com a gente quando éramos crianças. Nunca nos incentivaram a fazer nada. Já notou que nunca nos disseram que podíamos fazer sucesso? Que podíamos ser alguma coisa na vida?

– Você eles incentivaram – retrucou Janey.

Ela recostou-se na cadeira. Estava começando a aborrecer-se. Patty era uma dessas pessoas sortudas que conseguiam tudo que queriam na vida sem fazer força. Quando eram crianças, Patty era a caçula mimada, adorada pela mãe e pelo pai – Patty parecia ter uma forma especial de falar com cada um de seus pais, enquanto Janey não conseguia se dar bem com o pai de jeito nenhum e tinha uma relação antagônica com a mãe –, além de ter sido sempre considerada a

mais bonita da família. Fazia até parte da torcida organizada feminina, e, embora jamais tirasse notas realmente boas, a Universidade de Boston aceitara sua matrícula numa boa. Janey tinha a impressão de que Patty havia dado para um dos caras da secretaria para conseguir se matricular lá (o que, admitiu, seria o que ela, Janey, teria feito), mas dava para dizer só olhando para Patty, que ela era uma dessas moças que nunca renunciavam a seus valores morais para se dar bem na vida. E aí tinha conhecido o Digger e se apaixonado por ele. Janey jamais se apaixonara de verdade por ninguém, pelo menos não da forma como Patty se apaixonara, mas ainda considerava isso muito importante, e ainda acreditava que, se a pessoa conseguisse encontrar seu verdadeiro amor, teria conquistado tudo na vida. O problema, é claro, era encontrar esse amor, e ela disse, meio exasperada:

– Mas, Patty, você todos os motivos para ser feliz.

Patty olhou para o guardanapo no seu colo, jogando os cabelos louro-avermelhados sobre o ombro – ficariam bem melhores se ela os clareasse só um pouquinho, pensou Janey – e perguntou:

– Você já engravidou alguma vez?

Que pergunta!, Janey pensou, e levou um momento para responder.

– Bom... – disse, brincando. – Eu já disse a umas pessoas que tinha engravidado.

– Estou falando sério, Janey ...

– Não que eu soubesse...

– Faz um ano que estou tentando engravidar e ainda não consegui – disse Patty.

Nesse exato momento, Mimi Kilroy chegou.

Janey já estava aguardando a chegada dela há o que lhe pareceram horas, mas em vez de se comportar da maneira habitual, que seria erguer a vista e receber Mimi com um aceno, ela se obrigou a parecer completamente absorta na conversa que estava tendo com a irmã.

– Sabe, Patty – disse. – Isso não tem importância. Todos sabem que é normal levar um ano... Já foi ao médico? – Mas seus pensamentos estavam completamente concentrados em Mimi.

Na noite de sexta, ao voltar para casa da mansão na Mimi, baixou sobre Janey como que uma luz: jamais tivera nenhuma amiga, e de repente enxergou o valor de ter uma amiga como Mimi – e viu que a amizade dela talvez lhe pudesse ser mais útil do que a maior parte dos relacionamentos que havia forjado com homens poderosos. As pessoas jamais questionavam uma amizade entre duas mulheres, ao passo que viviam desconfiando da amizade entre um homem e uma mulher, principalmente se o homem fosse rico e a mulher bonita. Por outro lado, Mimi era tão poderosa e influente quanto a maioria dos homens que ela conhecia (aliás, a maioria deles até parecia ter medo da Mimi). Se ela pudesse transformar o interesse de Mimi por ela em uma amizade genuína, tinha a impressão de que seria capaz de ir longe. Com a aprovação da Mimi, todas as portas se abririam para ela...

No entanto, o único problema era que, a princípio, Janey não sabia bem como conquistar a amizade de Mimi. Não era simplesmente devido ao fato de que todos queriam ser amigos dela, e Mimi, como todas as nova-iorquinas mais famosas, não precisava de novos amigos, mas sim que Janey jamais havia desenvolvido aquele jeitinho especial de travar amizades instantâneas com outras mulheres. Quando pequena, vivia sendo traída por um grupo de menininhas que trocavam dela e a provocavam impiedosamente por ter uma paixão por um garoto mais velho; quando adulta, tinha se vingado roubando homens de outras mulheres debaixo dos narizes delas. Por isso

suas relações com mulheres sempre haviam sido precárias; Janey não confiava nelas, e elas não costumavam (frequentemente com razão) confiar em Janey. Só que a intuição de Janey jamais a deixava na mão, e naquela noite ela entendeu que a sedução nem sempre tinha como objetivo o sexo, e que talvez desse certo abordar Mimi da mesma forma que abordaria um homem.

O primeiro passo do plano de Janey consistia em fazer Mimi tropeçar nela a toda hora, daí o recurso de intimar a irmã, Patty, para almoçar com ela. Devia parecer mera coincidência ela e Patty estarem almoçando no Nick & Toni's, mas o mais importante era que, como no caso de um homem, Janey sabia que não podia parecer sôfrega demais. Queria que Mimi viesse até ela, não o contrário, e com isso em mente, insistiu em ficar em uma mesa na frente, perto da porta. A menos que Mimi fosse cega, seria quase impossível deixar de ver Janey, e então os ditames da etiqueta social a obrigariam a agir da forma mais adequada, e Mimi se veria forçada a dizer pelo menos um alô.

E aí, parecendo concentrar-se em Patty, enquanto observava Mimi pelo canto do olho, Janey tratou de fazer a expressão mais compreensiva possível.

– O que acha que deve fazer? – perguntou.

Patty, que nem tinha percebido a chegada de Mimi e sequer suspeitava das verdadeiras intenções de Janey, respondeu, desesperada:

– Não sei! Às vezes sinto medo de me transformar em uma dessas doidas que raptam bebês de outras pessoas...

E antes que Janey pudesse responder, Mimi de repente a viu e em uma voz discreta e macia, arrulhou:

– Janey, minha querida. É você?

Janey virou-se, fingindo surpresa. Mimi tinha vindo direto da aula de equitação e estava vestida com uma camisa imaculadamente branca, calças de montaria igualmente brancas e botas de montaria feitas sob medida, bem justas; uma blusa Hermès Birkin pendia-lhe do ombro, da qual saía a extremidade de um pequeno chicote de couro trançado. Em geral, era considerado de mau gosto andar pelos Hamptons em trajes de montaria, o que era visto como uma afetação recente típica do pessoal da indústria do entretenimento e de novos-ricos em visita à cidade. Mas como Mimi era tão obviamente da velha guarda, e, conforme Janey notou com uma ponta de inveja, provavelmente a única mulher do mundo que podia parecer devastadoramente esguia usando culotes brancos, em seu caso aquilo era perdoável.

– Mimi – saudou Janey, erguendo-se graciosamente da cadeira, e estendendo a mão. Se Mimi a beijasse, seria um bom sinal, mas como Mimi era mais velha e mais estabilizada, ela é que devia tomar a iniciativa. E de fato, depois de pegar a mão de Janey, Mimi inclinou-se para a frente para permitir que Janey encostasse os lábios nas suas faces, como se faz habitualmente.

– Mas que coincidência – disse Janey. – Acabei de ligar para a sua casa para lhe agradecer pelo convite para a festa.

– Foi boa, não foi? – disse Mimi. Devia ter pelo menos quarenta anos, pensou Janey, mas ainda tinha no rosto um jeito infantil extremamente cativante. – Rupert ficou absolutamente louco por você, e George me disse três vezes como te achou linda... Acabei dizendo a ele para se divorciar de mim e se casar com você. E o Selden parece muito interessado. Vocês dois pareciam estar tendo uma conversa bem animada no jantar.

Não era uma descrição muito correta, pois “desentendimento” era provavelmente o termo mais

adequado, pensou Janey, só que não era hora de revelar seus verdadeiros sentimentos por Selden Rose.

– Eu o achei extremamente interessante – disse Janey com convicção, e Mimi pareceu gostar disso.

– Acheu mesmo? – perguntou ela, mas Janey, como não tinha achado o cara nada interessante, virou-se para a irmã e falou:

– Conhece minha irmã, Patty?

Mimi estendeu a mão.

– Certamente conheço seu marido. Todos vivem dizendo que ele é muito talentoso. Dizem que vai ser o próximo Mick Jagger...

Ele não tem nada a ver com Mick Jagger! Patty sentiu vontade de gritar, mas, em vez disso, viu-se dizendo educadamente:

– Obrigada.

Certamente era irônico Mimi fingir conhecer o Digger e gostar dele, já que Digger definitivamente não gostava dela. Só que no momento seguinte, da maneira tipicamente nova-iorquina, sua irmã e Mimi pareciam ter se esquecido por completo dela, porque Mimi virou-se para Janey, e num tipo de voz de quem finge passar um carão, como se Janey tivesse mesmo feito algo errado, observou:

– Janey, não me contou que ia estar aqui no fim de semana.

– Ah, mas estou – disse Janey. – Vou ficar o verão inteiro.

– Então precisamos nos encontrar – comentou Mimi. – Durante a semana não tenho nada para fazer, é um saco. George só vem nos fins de semana, mas os filhos dele estão por aqui, e acho horrível as crianças ficarem com uma babá o tempo todo... A Mauve também está por aqui.

Conhece a Mauve, não?

– Conheço, sim – disse Janey, com um gesto de cabeça. Não era bem verdade, uma vez que Janey só fora apresentada a Mauve uma vez ou duas, mas nessa situação, “conhecer” significava nada mais que o fato de que ela e Mauve sabiam da existência uma da outra.

– Pobre Mauve – disse Mimi, num cochicho teatral, sacudindo a cabeça de forma que fez Janey desconfiar que todos já andavam dizendo “pobre Mauve” fazia anos. – Casar-se com o Comstock Dibble. Vivo dizendo a ela que não precisa fazer isso, mas ela não escuta. Diz que está apaixonada por ele. E o que ninguém entende é que eles nasceram mesmo um para o outro. Mauve tem um gênio terrível... Eles não conseguem nem decidir quando vão se casar.

Patty olhou de Mimi para Janey com um nojo cada vez maior. Não era tão ingênua que não percebesse que Mimi e Mauve eram grandes amigas, portanto, por que Mimi falava de sua melhor amiga daquele jeito? Mas naturalmente Janey ignorava completamente esse fato – tinha no rosto aquela expressão atenta de gatinho, que fazia o interlocutor pensar que era a pessoa mais interessante do mundo – e, no momento seguinte, ela disse, sem fôlego:

– Talvez eles não se casem.

– Ah, mas vão se casar – garantiu Mimi. – E aí vai ser um desastre... De qualquer forma, vai me prometer que me ligará amanhã... Adoro a Mauve, mas não preciso almoçar com ela todos os dias... Aliás, você sabe andar a cavalo?

Janey hesitou apenas um momento antes de dizer que sim.

– Excelente – disse Mimi. – Vamos dar uma cavalgada e conversar sobre o Selden. Estou

realmente empolgada com tudo isso. Pode ser até que tenha descolado uma esposa para o Selden! – E Janey, embalada pela glória do momento, soltou aquela sua típica risada tilintante e estrepitosa.

Pouco mais tarde, depois de Mauve Binchey ter chegado com sua cara de cavalo (tinha um expressão azeda no rosto, que Patty achava que podia ser permanente), e Mimi e Mauve terem se retirado para sua mesa, Janey finalmente voltou a se sentar. Parecia ter acabado de ganhar uma medalha de ouro, e Patty ficou se perguntando o que tinha a Mimi que a tornava tão interessante para Janey.

Quando pegou seu garfo (suas saladas haviam chegado enquanto ela e Mimi conversavam) Janey só conseguia pensar como aquela ceninha com a Mimi tinha saído muito melhor do que a encomenda – incredivelmente, aliás – e como, embora jamais se pudesse prever quando as pessoas como Mimi Kilroy estavam sendo sinceras, ela havia insistido muito para se encontrar com Janey. E que golpe não tinha sido: uma coisa era ser convidada para uma festa de cem pessoas, outra completamente diferente era ser convidada para passar um tempo sozinha com Mimi. Aliás, estava tão concentrada em sua vitória que, quando ergueu o olhar e viu Patty, ficou na expectativa de que ela compartilhasse aquele seu momento de glória.

Porém, a expressão no rosto de Patty a trouxe de volta à terra bem rápido. Pela cara que fez Patty parecia dar a entender que Janey a traíra, e Janey uma vez mais se recordou de que, embora Patty fosse casada com um roqueiro famoso, não estava muito por dentro das coisas da vida. No ano passado, Patty recebera certa atenção da mídia, ao casar-se com Digger, mas não tinha gostado muito daquilo e se recolheu assim que pôde, alegando que achava tudo uma “falsidade”. Por um segundo, Janey viu a si mesma e Mimi com os olhos de Patty – duas mulheres glamourosas, ridículas e superficiais trocando cumprimentos nada sinceros – e percebeu que a irmã em parte tinha razão. Só que a percepção de Patty acabava sendo excessivamente simplória: ela era imatura demais para entender o valor da hipérbole, e como se podia facilitar as coisas em nome de outras mais interessantes.

– Ai, Patty, que é que tem – começou, mas Patty a interrompeu.

– Como pôde fazer aquilo? – perguntou.

– Fazer o quê? – indagou Janey.

– Em primeiro lugar, jamais soube cavalgar na vida...

– Ah, é esse o problema? – disse Janey, não dando a mínima. – Só vamos andar... Francamente, Patty, será que montar num cavalo é assim tão difícil? – Os olhos de Janey semicerraram-se a ponto de suas íris ficarem parecendo duas frias pedras azuis, e Patty entendeu que não havia nada que Janey odiasse mais do que ver seus motivos serem contestados por alguém.

– Mas você mentiu – sussurrou Patty.

– Por favor, Patty. – Janey deixou o garfo de lado, resignada. – Preciso parar de levar tudo tão... ao pé da letra. Por que eu não iria dar uma voltinha a cavalo com Mimi Kilroy? Será que sou tão horrível que não posso nem fazer uma nova amizade?

Os cantos da boca de Patty curvaram-se para baixo e seus ombros caíram, indicando a derrota. Aparentemente mais uma vez Janey conseguira atingir o âmago emocional da situação, e embora Patty soubesse que alguma coisa estava errada, não dava para contrariar a lógica de Janey – afinal, quem era ela para dizer à irmã de quem devia ou não ser amiga? Mas será que essa amiga precisava ser Mimi Kilroy? Por que não podia ser uma pessoa normal?

– Francamente, Patty – disse Janey, com firmeza. – Mimi é ótima pessoa. E além disso, você provavelmente só está chateada por causa daquele comentário que ela fez sobre o Digger. Como é que ela ia saber que você não consegue...

– Janey!...

Lembrando-se da admiração na voz de Mimi quando ela mencionou Digger, Janey se recordou uma vez mais de como era potencialmente frutífera a aliança de Patty e Digger, e que vergonha seria se algo acontecesse para destruí-la.

– Ora, Patty – disse ela, estendendo a mão sobre a mesa para apertar a mão da irmã. – Você precisa encarar tudo isso com calma. Tenho certeza de que há uma solução simples. Já passou pela sua cabeça que talvez o Digger esteja fumando maconha demais?

O rosto de Patty mostrou ter percebido algo novo, que fez com que ela se sentisse aliviada. Janey sorriu, em reconhecimento, feliz por ter sido capaz de ajudar Patty.

Do canto dos fundos do Nick & Toni's, os olhos de Mauve Binchely voltavam-se a toda hora para Janey. Ela é linda – pensou Mauve –, é preciso reconhecer isso, mas se consolava com o fato de que a beleza de Janey era de um tipo vulgar.

– Realmente, Mimi – disse Mauve. – Como é que pode sequer falar com ela? Ela não tem nada de mais, além de uma péssima reputação. Dizem que já dormiu com todo mundo, inclusive o Peter Cannon.

– Quem? – indagou Mimi. E seguindo o olhar de Mauve, exclamou: – Janey Wilcox? – Depois soltou uma risada. – Sabe que não me importo com reputações, Mauve. Se me importasse, a primeira pessoa com quem eu não falaria seria Comstock Dibble!

Os nova-iorquinos dividem tudo em categorias minúsculas, e depois, como os especialistas de diamantes, examinam e classificam cada partícula. E isso acontecia particularmente nos Hamptons.

O trecho de quase cinquenta quilômetros que desde as cidades de Southampton até East Hampton é considerado o mais cobijado; dentro de tal categoria a área “sul da rodovia” é superior à “norte da rodovia”, sendo a rodovia a estrada de duas pistas conhecida como Via 27. Dali, uma centena de nuances pode ser empregada para se determinar o que torna um terreno mais favorável que outro, desde a proximidade em relação ao oceano até as profissões dos vizinhos. Janey estava profundamente ciente destas minúsculas distinções, mas havia uma área na qual ela sempre discordava do consenso geral: secretamente, preferia a área norte da rodovia à sul. Adorava as vastas extensões rurais e as estradinhas tortuosas familiares que havia descoberto da primeira vez em que viera aos Hamptons, dez anos antes. Dirigir por essas estradas sempre havia sido sua fuga, sendo que no passado – que realmente não tinha sido mais do que um ano antes, ela fora obrigada a passar por elas a bordo de um carro emprestado do homem com quem estivesse dormindo na época. E agora, reduzindo de terceira para segunda, e fazendo a acentuada curva ao lado de uma banca de frutas de uma fazenda a uns bons 65 por hora, apreciava imensamente o fato de finalmente estar no seu próprio carro.

Deixando a irmã e Mimi no East Hampton, ela decidira que o dia era perfeito para uma voltinha de fim de tarde. Havia uma reta da Sag Main Road até Scuttle Hole Road; Janey deslizou a alavanca do câmbio em direção à quarta e acelerou para 110. Seus cabelos, presos em um rabo-de-cavalo, sacudiam-se loucamente atrás dela; ela adorava a sensação de liberdade que a

velocidade lhe dava, e nesse momento, refletiu que não havia limite para sua fome de velocidade. Mas então precisou reduzir para fazer a curva que levava ao haras Duas Árvores. Alisando os cabelos para trás, reduziu para trinta por hora (jurava que tinha dado para ouvir o motor gemendo por ser tolhido assim) e fez um levantamento dos vários automóveis estacionados no terreno gramado e bem cuidado. Batata. Bem no finalzinho, em um ângulo arrogante para nenhum outro carro poder parar ali perto, estava a Maserati preta do Harold Vane. Ela a reconheceu imediatamente, porque três anos antes fora sua namorada o verão inteiro, e passara tempo demais naquele carro, como passageira de Vane. Harold era nervoso demais para ser um bom motorista, mas quando Janey lhe disse isso, ele a olhou alarmado, e raspou a embreagem ao mudar a marcha. Ela nunca mais tocou no assunto.

Conduziu o Boxster por uma estradinha de terra, achando que o seu querido, amado Harold, com aquela sua careca reluzente e sapatos sempre lustrosos, era mesmo um tremendo de um exibido. Mas como ele era tão encantador e generoso (emprestara dinheiro a Janey no verão passado, quando ela estava dura), era difícil culpá-lo por alguma coisa.

E agora, pensou Janey, verificando o rosto no visor com espelho e aplicando seu batom Pussy Pink, sua marca registrada, com toda a calma, ele tinha resolvido começar a jogar pólo! Isso era algo extraordinário, principalmente porque Harold, miudinho e neurótico (tinha mais de cinqüenta, mas não conseguia ficar parado), era a última pessoa que ela podia imaginar montada em um cavalo. Só que Janey tinha a “impressão” de que o pólo ia ser a coqueluche do verão, e Harold era uma dessas pessoas que adoram estar à frente das tendências do momento. E como ele havia supostamente ganho uma fortuna no mercado de ações nos últimos dois anos, por que não passaria seu tempo livre como quisesse, por mais ridículo que pudesse fazê-lo parecer? À distância, minúsculos jóqueis sobre minúsculos cavaleiros corriam para lá e para caem um campo de um verde aveludado, mas estavam longe demais para que pudesse distinguir suas identidades. Janey começou a andar tranquilamente na direção deles, pensando em como Harold ficaria contente (e surpreso) ao vê-la, e imediatamente descobriu que havia um pequeno obstáculo: tinha chovido nos últimos dois dias, e suas sandálias Dolce & Gabbana salto 7,5 afundavam na terra, o que a desequilibrava demais. Assim não vai dar, pensou ela, percorrendo aos tropeções a curta distância de volta até o carro para tirar as sandálias.

Quando se curvou para abrir a sandália, teve a desagradável sensação de que havia alguém observando-a. Detestava ser pega desprevenida – aliás, sempre havia detestado estar em situações nas quais não conseguia controlar a impressão que podia causar – e ergueu a cabeça, de repente. E não deu outra: ela não só estava sendo observada, como estava sendo observada justamente pela pessoa a quem ela queria secretamente impressionar: Zizi.

Isso é que é azar, pensou ela. Ele estava encostado em um Range Rover com os braços cruzados sobre o peito (mas de onde ele tinha vindo, pensou Janey, o campo estava deserto quando ela chegara); no rosto, um sorrisinho zombeteiro de quem acha graça, como se soubesse que ela tinha vindo especificamente para encontrá-lo. E o pior de tudo, pensou ela, enquanto se equilibrava contra o carro: ele era tão pintoso quanto ela achava que seria quando ele a ultrapassara na estrada guiando a sua Ferrari. Não, melhor ainda: era muito mais gostoso. Tinha aquele tipo perigoso de beleza masculina pela qual uma mulher podia atirar o orgulho pela janela, sem pensar – e sabia disso.

Por um segundo, ela chegou a pensar em entrar no carro e ir embora (isso, sim, ia deixá-lo

intrigado), mas aí ele se aproximou dela. Ela olhou depressa para os pés, perguntando-se se ele ia parar e conversar com ela, mas em vez disso, ele seguiu em frente a passos largos (era uns 15 centímetros mais alto que ela, que tinha 1,77m) e quando passou por ela disse, brincando:

– Você precisa de umas botas.

– Botas? – riu-se ela. – Para quê?

– Por causa da lama – respondeu ele, virando o rosto sobre o ombro.

E foi só.

Ela sentiu uma vontade quase incontível de sair correndo atrás dele – o que provavelmente era o que ele esperava que ela fizesse (que era o que ela imaginava que ele esperava que todas as mulheres fossem querer fazer) – enquanto estava parada ali meio sem equilíbrio, com um pé descalço e exposto erguido acima da grama.

E então ele parou e se virou.

– E aí? – perguntou.

– E aí o quê? – disse ela.

– Posso ajudar você?

– Estou procurando Harold Vane – explicou ela, como que para salientar o fato de que não estava atrás dele.

– Ah, *el patrón*. Eu a levo até onde ele está – disse o rapaz, lançando-lhe um olhar intenso que sugeria que podia haver um significado mais profundo por trás de suas palavras. Ele voltou até o Range Rover, abriu a porta, e tirou de dentro um par de botas de borracha.

– Aqui está – disse ele, com um sorrisinho zombeteiro.

Estendeu as botas para ela e seus dedos se tocaram. Nesse momento, uma corrente elétrica passou de um para o outro. O choque deixou Janey zonha e ligeiramente desorientada, como se perdesse todo o sentido do horizonte, enquanto outros detalhes se tornavam extremamente nítidos: uma rachadura cinzenta no bico de uma das botas pretas, a textura granulosa da grama áspera sob seus pés, e, impressa em seu cérebro, como uma queimadura, a estranha cor verde cremosa dos olhos dele, que a fazia recordar-se do morno mar caribenho onde se podem ver claramente conchas e pequenos peixes brilhantes contra um leito arenoso cor de aveia. Teria ele sentido a mesma coisa que ela, pensou, desesperada, ou seria apenas sua imaginação? E, se não tivesse sentido, o que isso significava?

Em seguida ele se pôs a atravessar o campo a passos largos com a confiança de um jovem deus, enquanto ela o seguia, desajeitada, calçada com aquelas botas, tentando acompanhar-lhe o ritmo. Não conseguia tirar os olhos dele (quem conseguiria?), e quando ele se virou e sorriu, ela viu que ele tinha aquele ar de bondade deliberada combinando com um distanciamento mundano que é a marca das pessoas cuja beleza as destacou do resto da humanidade.

– Você gosta de pólo? – perguntou, e ela respondeu com uma franqueza atípica:

– Não. Nem um pouquinho.

Ela ergueu as sobrancelhas, como que desafiando-o a desaprovar, mas houve menos agressão e mais feminilidade franca nesse gesto do que ela normalmente teria empregado com um homem com quem ela sentisse menos certeza, e ele a recompensou com uma risada agradecida. Ela respondeu com uma risada também, bem espontânea, e maravilhou-se ao ver como suas camadas de falsidade pareciam ter desaparecido, revelando quem ela realmente era. Foi então que seus olhos se encontraram em uma cintilante convivência.

– Esse dia está realmente se revelando ótimo – disse ela.

Um ribombar de cascos lhe chamou atenção, e da outra extremidade do campo de pólo um grupo de cavalos e jôqueis veio galopando na direção deles e passou pela trave no extremo oposto; atrás vinha um cavaleiro solidário, cuja forma seria melhor descrita como um saco de batatas preso precariamente a uma sela. O saco parecia estar dançando precariamente em todas as direções ao mesmo tempo; quando ele se aproximou, Janey diviso a silhueta de Harold Vane. De repente, o grupo do outro lado do campo virou-se e começou a galopar na direção de Vane; a expressão assustada de Harold indicou que ele sabia que uma colisão seria inevitável.

Abandonando toda aquela pose de pretensão jôquei, ele se entregou à mercê do cavalo, que, ele presumia, provavelmente não queria ser atropelado também, e literalmente abraçou o pescoço do animal. O cavalo, uma égua velha chamada Biscuit, que havia recentemente sido tirada da aposentadoria com o expresso objetivo de levar Harold nas costas, imediatamente entendeu o que fazer. Mordendo o freio para que Harold não conseguisse detê-la de forma alguma, por mais que puxasse as rédeas, ela tratou de correr para o estábulo num trote desabalado.

Nesse ponto, a única preocupação de Harold Vane era ficar em cima de Biscuit durante o quilômetro e meio que o separava de estábulo, de onde um cavaleiro ou tratador viria correndo com um ar aborrecido de desaprovação reprimida; mas de repente enxergou as formas agradáveis de uma linda mulher e, um segundo depois, entendeu que aquela mulher era nada mais, nada menos que Janey Wilcox. Mas que diabo estaria ela fazendo ali? imaginou. Foi quando viu, consternado, que ela estava perto – perto demais – do astro do seu time de pólo. Eles não estavam encostado um no outro (ainda, pensou ele), mas havia uma certa dose de intimidade – ela com o rosto voltado para o dele, e ele fitando-a nos olhos – e, pensou Vane, ele não permitiria em hipótese alguma que seu único goleador se envolvesse com Janey.

Definitivamente, ia precisar levar um papinho com Zizi e cortar o mal pela raiz. E só ia fazer isso – disse a si mesmo – por causa do time. Pretendia vencer e precisava da concentração total de Zizi.

E Zizi ia ser obrigado a obedecer às suas ordens, pensou, agarrando-se ao pescoço de Biscuit com a paciência de caranguejo de um ricoço que sempre sabe que vai vencer. Afinal, ele era o patrão, o homem que gastava um milhão de dólares por mês com o time, e os jogadores argentinos de pólo eram intensamente leais aos desejos de seu *patrón*. Portanto, decidiu que realmente não havia necessidade de se preocupar demais com Janey Wilcox. Recordou-se de que ela já estivera em seus braços e ele já a rejeitara, e que Janey era uma dessas mulheres que, apesar de conquistarem os homens com tremenda facilidade, não conseguiam retê-los a seu lado de jeito algum.

Só que, quando o estábulo finalmente surgiu atrás de um matagal, havia uma verdade à qual sua vaidade masculina jamais admitiria; a inveja. Sim, ele havia rejeitado Janey Wilcox, mas isso não significava necessariamente que ele queria que outro homem a tivesse. Principalmente um homem vinte anos mais jovem, cem vezes mais bonito e, acima de tudo, uns trinta centímetros mais alto.

Ele é exatamente o que eu quero, pensou Janey, voltando para casa em seu carro. Quando se tratava de emoções humanas básicas – como amor, ódio, inveja, alegria e triunfo – Janey não era sofisticada nem poética. Sentia o que sentia com a força de uma verdade genuína – e

resolveu que estava tão apaixonada por Zizi quanto jamais estivera por qualquer outro. De qualquer forma, pensou ela, saindo na Via 27 da Hayrack Road (de propósito – o trânsito vagaroso lhe daria tempo para pensar), não ia tentar conquistar Selden Rose, principalmente não agora, depois daqueles poucos minutos mágicos com Zizi. Nesse instante, com o Boxster ronronando ruidosamente com o trânsito congestionado e o peso quente do verão começando a se fazer sentir, a lembrança de seu encontro com Selden Rose na festa de Mimi três noites antes lhe trazia uma triunfante sensação de divertimento.

Sua primeira impressão de Selden lhe dizia que, pelo menos na aparência, ele era aceitável: alto e moreno, e embora obviamente com mais de quarenta, o rosto ainda guardava um pouco as feições rechonchudas da juventude. Mas quando ele apertou a mão dela, dando-lhe um sorriso vago e contido, ela percebeu que ele tinha a postura antipática de um homem que sabe que é um bom partido e não quer que ninguém se esqueça disso.

E então, com um ligeiro ar de resignação, ela sentou-se bem ao lado dele. Assim que ela se acomodou, ele fez questão de lhe dar as costas, e ela teve a nítida impressão de que ele não merecia o vestido que ela escolhera para aquela noite.

Selden parecia entretido em centralizar a conversa na metade da mesa deles.

– O problema das pessoas hoje em dia – disse, com a confiança de um homem que presume que suas opiniões serão sempre levadas a sério – é que sem guerra, não há objetivo moral... As pessoas se tornaram apáticas e amorais porque lhe permitiram esquecer a realidade da morte... Nós nos aclimatamos a ela. Hoje em dia a morte acontece por trás de portas fechadas... Ninguém nem sequer vê mais a morte...

Janey, que realmente não estava conseguindo levar aquela conversa tão a sério assim, apartou: – Aclimatamos? Que palavra rebuscada para East Hampton...

Ele se virou para ela – já era hora, pensou – e sem um resquício de sarcasmo na voz, como se realmente a considerasse uma burra, perguntou:

– Quer que eu lhe explique o significado dessa palavra?

– E estragar o prazer de ter que procurá-la no dicionário? Não será necessário – disse Janey, enquanto tomava um gole de champanhe, de uma safra seca Laurent-Perrier – aquele que vem numa garrafa linda e florida.

– Então, fique à vontade – disse ele, como se não fizesse idéia do que fazer com ela, e Janey resolveu que ele não tinha espirituosidade nem traquejo social nenhum, provavelmente porque era de Los Angeles. E então, deliberadamente virou-se para o homem à sua esquerda, e ele, para a mulher à sua direita.

O homem à esquerda de Janey era o senador republicano de Nova York, um homem descontraído mas poderoso, de seus sessenta anos, chamado Mike Matthews. Debatendo os benefícios da Nova York passada a limpo, Janey conseguiu manter o tema fluindo durante os aperitivos – um caviar de beluga luxuosíssimo sobre três minúsculas batatas frias –, mas quando os pratos foram tirados houve um hiato na conversa, e ela voltou a virar-se para Selden. Ele certamente parecia não esgotar o repertório de opiniões idiotas, segundo Janey observou, enquanto o escutava falar sobre as diferenças entre homens e mulheres com a elegante mulher de meia-idade à sua direita. Esse tipo específico de conversa era inevitável, pensou Janey, devido ao fato de Selden ser solteiro – sempre era apenas uma questão de tempo até alguém perguntar a um solteiro por que ele não estava comprometido. Como se respondendo a uma deixa, Selden

falou:

– A verdade é que, biologicamente, os homens escolhem as mulheres com base na aparência delas. – E aí teve o desplante de acrescentar, em tom triunfal: – E isso é a única coisa que o feminismo jamais conseguirá mudar.

A quarentona sorriu com indulgência, enquanto Janey soltava um risinho desdenhoso, fazendo-o voltar-se para ela.

Janey sorriu. Não podia ter sido em hora melhor; ela estava justamente aguardando uma oportunidade como aquela. Alguns dias antes quando estivera na Book-Hampton, tinha encontrado um livro neofeminista chamado *Beleza: como as expectativas dos homens arruinaram as vidas das mulheres*, e, como de costume, folheara o volume, absorvendo alguns fatos de maior destaque para usar em jantares.

– Na verdade – disse, o mais calmamente possível – você está errado. Antes dos anos 1900, portanto antes da revolução industrial, da redistribuição da riqueza e do advento das cavadoras de ouro, os homens costumavam escolher as mulheres com base na renda feminina e na sua posição social, ou em sua capacidade de gerar filhos e de trabalhar. A escolha de uma companheira não tinha nada a ver com a beleza...

– Ah, convenhamos – disse ele, desdenhoso, como se tivesse sido interrompido por uma criança irritante. Tomou um golinho de água (meu Deus, será que ele nem bebia álcool?, imaginou Janey) e comentou:

– E a Helena de Tróia, onde é que fica? – como se isso provasse tudo.

Janey sabia que ele ia lembrar da Helena de Tróia – o livro prevenira os leitores de que homens como ele sempre se lembravam dela.

– O que tem ela? – disse Janey, dando de ombros. – E os ingleses que escolhem as mulheres com base na história da sua família e no seu caráter?

– Está querendo dizer que isso é melhor? – indagou ele, com sarcasmo de um homem que não está acostumado a ser contrariado.

– Não estou dizendo que seja melhor ou pior – disse Janey, jogando os cabelos sobre o ombro. – O que estou dizendo é que você não devia fazer generalizações sobre os homens com base em seus próprios desejos imaturos. – Depois recostou-se na cadeira, o coração aos pulos dentro do peito, temendo, por um instante, que tivesse ido longe demais...

Mas certamente o havia colocado em seu devido lugar, pensou, feliz, dobrando na Ocean Road. Durante o resto do jantar, havia discordado de tudo o que ele dizia de propósito, só para ele ser obrigado a falar com ela, mesmo consciente de que ele não estava a fim. Quando o jantar terminou, ambos se levantaram ao mesmo tempo e saíram em direções opostas, e quando Selden passou por ela mais tarde, a caminho do banheiro, Janey lhe endereçou apenas um discreto cumprimento com a cabeça, só por educação, como se mal soubesse quem ele era.

E isso, decidiu Janey, quando dobrou na entrada da garagem de sua casa, era exatamente o que planejava fazer da próxima vez que o encontrasse.

JÁ ESTAVAM EM MEADOS DE JUNHO, o primeiro fim de semana da temporada de pólo em Bridgehampton, e a temperatura mantinha-se excepcionalmente em sufocantes 32 graus.

Sob uma enorme tenda branca, Janey Wilcox se encontrava sentada em uma cadeira de praia dourada, abanando-se com um exemplar da revista *Hamptons*. Seus cabelos estavam presos em um coque, e ela estava praticamente nua, com uma blusinha de alças dourada e um shortinho cor-de-rosa minúsculo. Mas o fato de estar assim com o corpo quase todo exposto não a aliviava nem um pouco do calor, e o suor escorria continuamente do pescoço pelo seu peito, terminando por penetrar-lhe entre os seios. Dois dias antes, um vento estranho e quente havia começado a soprar do norte, fustigando os banhistas com areia nas praias e cobrindo tudo com uma camada fina de pólen e poeira. Ir à praia ficou impossível – aliás, simplesmente ficar ao ar livre era desconfortável –, mas mesmo assim a temporada social de verão prosseguiu a todo vapor, e a galera dos Hamptons sorria, tirava fotos e falava das festas em que haviam estado na noite anterior com um entusiasmo abnegado.

Na tarde de sábado, o lugar onde todos deviam estar era o Pólo, embora o acordo tácito entre todos rezasse que o jogo pouco interessava a quem quer que fosse. Assistir à partida de pólo era, aliás, o que a pessoa fazia quando queria afastar-se da multidão asfixiante e glamourosa dentro da tenda VIP; contudo, durante os últimos vinte minutos, Janey e Mimi vinham desafiando de bom grado a convenção social, sentadas nas cadeiras VIP à beira do gramado, enquanto bebericavam champanhe. Mimi segurava binóculos diante do rosto. Ao afastá-los, chegou perto de Janey e, apontando Zizi, comentou:

– Minha cara, aquele rapaz ali é simplesmente irresistível. É sem dúvida a única coisa que vale a pena ver nesse jogo.

Janey soltou uma risadinha espremida e pegou o binóculo, fingindo estar notando Zizi pela primeira vez, enquanto pensava que aquela mania da Mimi de falar de vez em quando como uma velha devia ser mais uma das estranhas afetações dos ricos – que ela havia descoberto dois dias antes, quando Janey havia ligado para a amiga e perguntado se ela queria ir ao Pólo.

– Querida – disse Mimi, como se estivesse ressuscitando do túmulo –, sabe a quantas partidas de pólo eu assisti na minha vida? – Por um instante, Janey temeu que ela fosse recusar o convite. No segundo seguinte, porém, ela continuou, numa vozinha de colegial: – Mas o dever chama! Portanto, vou com você.

Tudo estaria perfeito, se não fosse a Mimi ter telefonado na sexta-feira para lhe dizer que Selden ia estar de folga no fim de semana e lhe perguntar se ela se importaria que ele fosse ao Pólo também. Nada lhe restava fazer senão fingir que não conseguia imaginar nada melhor, quando na realidade não podia imaginar nada pior. E aí Mimi havia sugerido que se encontrassem para almoçarem juntas antes, sem o Selden, para poderem falar dele. Selden era a última coisa da qual ela queria falar, principalmente quando, em matéria de homem, só conseguia se lembrar de Zizi. Mas como ela e Mimi realmente não se conheciam bem, Selden era um bom ponto de partida para outras investidas mais interessantes, especificamente conversas sobre todas as outras pessoas que ambas conheciam, tais como Comstock Dibble.

Janey era suficientemente versada em política social para saber que, até conhecer bem a Mimi e poder avaliar seus motivos, seria um erro terrível revelar a verdade sobre seu caso com Comstock Dibble; porém, não podia deixar de fazer uma vaga inferência de que, a certa altura, Comstock tinha dado em cima dela, e todos sabiam que em matéria de mulheres, não dava para conselhos. Comstock Dibble não saía da cabeça de Janey, devido à carta bem preocupante que ela recebera naquela manhã. A carta havia sido encaminhada de Nova York com o resto de sua correspondência; provavelmente fora enviada originalmente logo antes do Memorial Day. Era de Comstock Dibble, insinuando que precisavam concluir uma negociação relativa ao “roteiro” dela. Só que, da parte de Janey, o negócio entre eles já havia sido concluído, e a carta não passava de uma tentativa ridícula de Comstock Dibble de amedrontá-la – embora Janey não conseguisse atinar com o motivo pelo qual ele persistia nessa campanha de intimidação. De qualquer maneira, ela pretendia informar Comstock de que não podia ameaçá-la, e achava que a melhor forma de conseguir isso seria fingir que não sabia de nada, e mesmo se soubesse, não estava nem aí.

E dessa maneira, continuando o tema do dia, que parecia ser o “ligeiro subterfúgio”, semicerrou bastante os olhos para espiar pelo binóculo, acompanhando a sublime silhueta de Zizi quando ele ergueu o bastão e bateu com tanta fúria que a bola saiu quicando e foi parar do outro lado do campo. Era cedo demais para ela revelar seus verdadeiros sentimentos por ele, de modo que perguntou, na maior inocência:

– Quem é ele?

– Deve ser aquele jogador de pólo do qual a Pippi estava falando – respondeu Mimi. – Ela teve a impressão de que ele estava querendo dar em cima dela.

– Mas se ele está assim tão ligado nela, onde é que ela está?

– Tinha um teste para um papel.

– Ah, mas tenho certeza de que ele é um desses caras que fazem todas as mulheres pensarem que está de olho nelas – observou Janey, achando que tal regra se aplicava a todas, menos ela. Estudando o rosto de Zizi através das lentes dos binóculos, recordou-se de todas as palavras da conversa entre eles, e decidiu que aquilo havia sido espontâneo e genuíno demais para ser considerado mais uma cantada da parte dele.

– De qualquer maneira, não importa – disse Mimi. – Não dá para se casar com um jogador de pólo.

– Por que não? – perguntou Janey, revoltada.

Mimi soltou uma risada.

– Em primeiro lugar, eles são duros. E em segundo lugar, viajam o tempo inteiro. – Ergueu a mão para pedir o binóculo. – Portanto, é como se casar com um artista de circo... Quero dizer, talvez não exatamente isso. Ele deve ser muito bom de cama.

Janey imediatamente passou a defendê-lo.

– Aposto que não é nada disso – retrucou ela. – Ele me parece ser uma pessoa sensível.

– Se for mesmo – disse Mimi, devolvendo-lhe o binóculo –, não vai durar muito no East End. – Parecia ter perdido o interesse em Zizi, porque começou a olhar em torno de si. – Estou preocupada com o Selden.

Eu não, quis dizer Janey, mas em vez disso, perguntou, na maior inocência.

– A que horas ele devia estar chegando aqui?

– Às três – respondeu Mimi. – E já são quase 15 para as quatro. Espero que ele não tenha se perdido outra vez. Não está vendo o homem em algum lugar por aí, está?

Com relutância, Janey desviou o binóculo do campo de pólo, fingindo estar procurando alguém na multidão atrás dela. Mimi continuou, pensativamente:

– O George adora o Selden. Acha que ele vai lhe render muito lucro... Não que ele já não tenha, não é, mas George diz que não vai se admirar nem um pouco se o Selden tiver um G5 dentro de uns dois anos.

– Não diga! – exclamou Janey. – Mas você sabe que eu não impressiono com dinheiro.

– Janey Wilcox! – Mimi exclamou. – Mal a conheço, mas se me disser que não se impressiona com dinheiro, é uma mentirosa. E não dá para eu ser amiga de uma mentirosa! – Ela soltou essa frase em um tom estranhamente juvenil, e Janey desconfiou de que devia ser o tom usado pelas ricas no internato. Não soube dizer se Mimi estava brincando ou falando sério e sentiu a vasta diferença entre elas.

Portanto, só para pôr panos quentes, disse:

– Desconfio que toda mulher se impressiona com dinheiro...

– E se impressionam, sim – confirmou Mimi. – Não adianta fingir que não, porque não tem nada pior do que ter que sustentar um marmanjo... E não se deixe enganar pela aparência do Selden. Os homens realmente bem-sucedidos não costumam parecer grande coisa.

– Eu até que o achei... bonitão – disse Janey, quase engasgando ao pronunciar aquela palavra. E aí, para disfarçar a repulsa que sentia, acrescentou: – Mas Mimi, já lhe disse antes, não acho que ele tenha gostado de mim, sinceramente.

– Ah, mas que é isso, meu amor – retrucou Mimi. – Eu conheço os homens, e creia-me, o Selden está interessado em você, sim. Precisava ver como ficou assanhado quando eu lhe disse que ia ao jogo de pólo com você.

– Quem sabe ele mudou de idéia, então – murmurou Janey, voltando os binóculos para a entrada do campo de pólo – uma pista estreita entupida de carros que passava entre duas cercas. – Ainda tem uma fila imensa de carros querendo entrar – disse ela. – Esse é um dos problemas daqui. Eles não sabem organizar o estacionamento.

Enquanto examinava a fila de automóveis, seus olhos foram atraídos por um raro Jaguar XK 120 1948 com motor de seis cilindros. O carro era tão extraordinário (os primeiros 200 foram montados à mão), que Janey só tinha visto um em toda a sua vida: em uma mostra de carros clássicos na velha pista de corridas de Bridgehampton. Na ocasião, chegara até a pensar em tentar trepar com o dono, para poder ver o carro mais de perto, mas descobriu que o cara não estava lá. E então, perguntando-se quem teria dinheiro suficiente – para ter um carro daqueles, focalizou o binóculo na cabeça do motorista.

Havia algo perturbadoramente familiar nos cabelos do motorista, e com um sobressalto, ela constatou que o rosto era de Selden Rose. Espantada, perguntou-se o que ele estaria fazendo em um carro assim – legal demais para combinar com ele – e logo virou-se para Mimi.

– Acabei de ver o Selden Rose. Ele deve estar chegando a qualquer momento – disse, com um suspiro, refletindo que uma das mais lamentáveis regras da vida era que os caras mais cafajestes possuíam os melhores carros. E, com uma certa resignação, voltou sua atenção outra vez para o campo.

Selden Rose tinha uma cabeleira espessa de aparência penugenta que parecia não crescer, nunca e, portanto, jamais precisava de corte ou manutenção de qualquer espécie. Seu largo sorriso infantil expunha dentes endurecidos pelo flúor que não haviam sido perfeitamente alinhados pelos aparelhos ortodônticos da década de 1960. Ele era dos subúrbios de Chicago e aparentava ser um amor de pessoa. Depois de encontrar-se com ele umas duas ou três vezes, podia-se achar que ele era apenas um homem estritamente profissional concentrado em subir em uma grande empresa, mas era muito mais que isso; era um dos componentes de um grupo que tinha conseguido chegar ao cume, e na realidade era tão ambicioso que chegava a dar uma dorzinha de dente, como um gole de sacarina. Havia apenas um ou dois cargos acima do dele – presidente da MovieTime – e ele estava levando a sério o propósito de ser bem-sucedido ali, mais cedo que tarde. Sua meta era administrar toda a Splatch Verner.

A MovieTime era uma divisão da Splatch Verner, um conglomerado de meios de comunicação que considerava-se maior e mais importante do que qualquer governo e cujas diretrizes comerciais eram completamente americanas. Em outras palavras, por fora, a “empresa” cuidava bem dos empregados, cedendo-lhes benefícios e opções de compra de ações; era politicamente correta, sempre anunciando que não tinha preconceitos étnicos e combatia o assédio sexual (informações circuladas periodicamente através de mensagens pelo correio eletrônico); mas no fundo era uma firma comercial como qualquer outra, administrada por gente que concordava tacitamente que seu trabalho era a coisa mais próxima de ir à guerra sem estar na frente de combate. Nos últimos cinquenta anos, A Splatch Verner havia comprado revistas e estúdios cinematográficos, estações de tevê a cabo, editoras, provedores de Internet, telefone e satélite, e agências de propaganda. A empresa produzia entretenimento e o anunciava e distribuía; gostava de usar marcas, e contanto que o público comprasse seus produtos, e os comprasse em massa, ninguém precisava questionar suas verdadeiras motivações, que eram dar lucro a qualquer custo. Os homens que conseguiram subir ao topo na Splatch Verner compreendiam que era “diretriz da empresa” esmagar qualquer pessoa que se opusesse a eles como se fosse um inseto. Um só indivíduo não tinha chance contra eles – não tinha essa de Davi e Golias com eles. E os mandachuvas às vezes diziam, de brincadeira, que qualquer um que os ameaçasse “não voltaria a almoçar nesse mundo outra vez”.

Sendo um homem da Splatch Verener por excelência, Selden Rose não era decorativo, nem nas roupas, nem no comportamento; o único aspecto em que ele desejava expressar-se era na escolha de sua segunda mulher.

Muitos de seus colegas, que eram chefes de divisão, e como ele, eram quarentões, haviam recentemente se casado outra vez, trocando as primeiras mulheres (a maioria delas atraente, um ou dois anos mais jovens que eles, e sérias, como a primeira esposa de Selden, que era advogada), por outras mais excitantes, dez ou 15 anos mais jovens. O chefe de propaganda casou-se com a primeira bailarina do American Ballet Theatre, uma míuda, morena, sempre de olhos arregalados e misteriosamente calada; o chefe de divisão da tevê a cabo era casado com uma pianista da Rússia Branca que alegava ser descendente direta dos Romanov. Outras segundas esposas eram um gênio chinês que havia freqüentado Harvard, uma autoridade política republicana que tinha seu próprio programa na CNN, e uma figurinista. Janey Wilcox não só

entraria para esta lista, como também a superaria, tornando-se objeto de inveja na empresa. Ele já estava começando a rotulá-la mentalmente de "modelo... e beleza internacional".

Seldel Rose estacionou seu carro sobre o gramado e saiu, ajeitando os óculos Ray-Ban de grau. Normalmente, ele teria fechado a capota e trancado o carro, mas estava se sentindo excepcionalmente altivo. Tinha ficado feliz da vida ao descobrir no jantar de sexta à noite que Janey Wilcox não era tão burra quanto ele pensava que podia ser - e por trás do que ele classificava como aparência "desiludida", ele pensava entrever uma bondade infinita. Como muitos homens sem experiência efetiva, e que portanto não entendiam as mulheres, achava impossível imaginar que uma bela mulher pudesse ser na verdade uma megera, e nem podia aceitar a idéia de que ela talvez não gostasse dele. Em vez disso, atribuiu os comentários mordazes de Janey a uma natureza defensiva, o que era compreensível, vindo de uma moça essencialmente meiga que fora maltratada e intimidada por homens que não eram tão "bons" quanto ele. Desconfiava que Janey Wilcox jamais tinha sido realmente amada e que ela jamais tivera uma relação "saudável" antes (nisso, pelo menos, ele estava certo).

Percebia em Janey uma mulher que precisava ser salva.

Selden Rose gostava de pensar em si mesmo como o tipo cavaleiro salvador da pátria, um verdadeiro príncipe encantado, e enquanto andava calmamente em direção da tenda e do cordão VIP que fechava sua entrada, ele refletiu que certamente não mostrara seu melhor ângulo à moça que sentara ao seu lado na festa de Mimi. Mas isso se devia principalmente aos nervos, e ele excitou-se ao ver que uma mulher ainda podia deixá-lo nervoso. Nos dois anos desde o divórcio, Selden conheceu mulheres lindas, mas elas rendiam a ser do tipo burra vulgar de Los Angeles, que exibe a beleza com um traje adquirido naquela tarde. Só que Janey Wilcox era diferente: ela possuía sua beleza com uma espécie de genialidade.

Hoje ela teria cuidado de dar a impressão correta, pensou ele, dando seu nome a uma jovem que segurava uma prancheta. A lei na Splatch Verner era localizar o talento e arrebatá-lo antes de os outros poderem descobri-lo, e ele tinha certeza de que o mesmo princípio se aplicava a Janey. Não o incomodava que nenhum homem a tivesse visto brilhar antes, mas a regra era que, uma vez que algo fosse reconhecido por alguém, outros jamais demoravam a chegar. Portanto, sua estratégia era atacar e agir rapidamente, e antes de o verão terminar, estava determinado a arrebatá-la presa.

A moça da prancheta marcou o nome dele na lista com um tracinho e ergueu o cordão de veludo sem interesse: no curto caminho até a tenda, havia um grupinho de sete ou oito fotógrafos pelos quais Selden planejava passar disfarçadamente, sem chamar a atenção. Mas parado bem em frente dele, parecendo ao mesmo tempo feliz e resignado com a atenção dos fotógrafos, estava Comstock Dibble. Seu braço envolvia rigidamente a cintura de uma mulher alta, morena, cujo sorriso revelava um centímetro e meio de gengiva. Selden reconheceu-a com a noiva de Comstock, que ele havia conhecido na festa.

Achou graça ao fato de Comstock ter supostamente ficado noivo de uma mulher como Mauve Binchely, que era provavelmente mais velha que Comstocke isso fez com que ele pensasse que Comstock estava perdendo o jeito.

E isso não seria surpresa, pensou Selden. Comstock Dibble era um desses tipos meio rebeldes – graças a Deus, raros hoje em dia – que se deram bem onde ele não teria vingado, e portanto se sentiam no direito de agirem por conta própria. Isto estaria bem há vinte ou trinta anos atrás, mas

atualmente, quando havia bilhões de dólares a serem ganhos, Comstock era considerado uma pessoa imprevisível de temperamento incontrolável; as pessoas estavam começando a comentar que não dava para confiar nele. Selden jamais havia gostado muito de Comstock e desconfiava que ele iria pendurar a chuteira – de uma forma ou de outra – muito em breve. Só que eles eram do mesmo ramo e já se conheciam há anos e, assim, dando-lhe um tapinha descontraído nas costas e estendendo-lhe a mão, Selden cumprimentou, bem-humorado:

- Ei, Comstock!

Comstock virou-se, seus olhinhos de pálpebras avermelhadas revelando que ele esperava uma intromissão indesejada. Não dava para Selden sentir se estava contente em vê-lo ou não; acabou concluindo que não.

- Selden Rose, seja bem-vindo – disse Comstock, completando um segundo depois: - O que está fazendo aqui?

- O mesmo que você, eu acho – respondeu Selden. – Vendo os cavalinhos.

- O negócio por aqui é só esse mesmo? – perguntou Comstock, como que para colocar Selden em seu lugar com o ceticismo de quem está por dentro.

- Foi isso que ouvi dizer – disse Selden.

- Então resolveu vir aos Hamptons passear – observou Comstock, mal sendo capaz de disfarçar seu desprazer.

- Com licença – interveio um fotógrafo. – Será que podemos tirar uma foto dos dois juntos?

- Não, obrigado – respondeu Selden, dispensando-o com um gesto. Voltou-se para Comstock Dibble e, adotando o mesmo tom de sabichão que Comstock havia usado com ele, disse: – Alguns de nós prefeririam ser reconhecidos pelos colegas do que pelo público.

O comentário foi feito em tom de brincadeira, de forma não intencional, mas atingiu o alvo em cheio, e Comstock fechou a cara. O fato era que a mãe de Comstock gostava de mostrar as fotos dele aos amigos – aquilo a deixava orgulhosa, e todos o achavam um equivalente do Príncipe Charles, e ela, da Rainha-Mãe. Mas isso era algo que um babaca privilegiado como o Selden Rose jamais poderia entender.

Por um momento ele ficou parado olhando Selden desaparecer na multidão suada, até que um puxão insistente da Mauve na manga de sua camisa o trouxe de volta à terra. Ele lançou ao fotógrafos um olhar significativo, como quem diz chega. Jamais tinha gostado do Selden Rose, mas naquele instante sua inimizade cristalizou-se em um rígido e brilhante rochedo de ódio.

Tantos segredos, pensou Mimi naquela mesma tarde, olhando em torno de si à mesa. Bem, ela também tinha alguns só dela. O único que não escondia seus sentimentos era Selden; tentava conquistar Janey com um charme sedutor, servindo-lhe taças de champanhe e procurando fazê-la falar sobre sua carreira de modelo.

O grupo consistia dela mesma, Janey, Selden, Mauve e Comstock. Estavam inevitavelmente reunidos em uma mesa de canto sob a tenda, considerada uma localização privilegiada devido ao vento. Havia um balde plástico sobre a mesa, contendo uma garrafa de Veuve Clicquot, e uma travessa de sanduíches fornecida pelo ridículamente caro “Pães e Peixes” (Ladrões e Pivetes, pensou Mimi – adorava trocadilhos assim), mas ninguém parecia estar se divertindo. O clima estava tão pesado quanto o calor opressivo, e dava para sentir o cheiro de tormento no ar. Mesmo assim, Mimi estava saboreando o espetáculo.

Comstock e Janey ignoravam-se mutuamente com o tipo de artificialidade que faz uma pessoa pensar que havia mais no relacionamento entre eles do que deixavam transparecer. Por três vezes Mimi tinha visto Janey endereçar a Comstock um olhar zangado e interrogativo, e em todas as ocasiões Comstock deliberadamente virava a cabeça para o outro lado. Mauve também parecia ter percebido, porque não estava aborrecendo Janey sobre sua relação com Peter Cannon. Mauve havia visto Peter em uma festa na noite anterior, e ficou indignada por ele ter tido a ousadia de aparecer em público. Selden fingia estar interessado na conversa, mas estava na cara que torcia para Mauve calar a boca e deixá-lo conversar com a Janey. Quanto a Janey, provavelmente só porque não gostava da Mauve, defendia com unhas e dentes o direito de Peter Cannon comparecer a eventos públicos.

– Hoje em dia ninguém mais tem vergonha na cara não é, Comstock? – disse Selden. O comentário parecia conter uma farpinha bem afiada.

– A vergonha nunca levou ninguém a lugar algum – resmungou Comstock.

Fez-se um silêncio mortal na mesa. Janey tomou um golinho de champanhe e olhou para o campo de pólo, onde o time de Zizi estava recebendo uma taça de prata.

– Não sabia que gostava tanto assim de pólo – disse Selden a ela.

– Tem muitas coisas que não sabe sobre mim – respondeu ela, curta e grossa. Mimi torcia para que Janey fosse um pouquinho mais afável com Selden. Ele no fundo era um cara legal, e tinha tudo. Era um desses homens que a mulher precisa descobrir por trás das aparências. Não era glamoroso, mas orgulhoso demais, e autoconfiante para reconhecer que isso talvez fosse importante. E para ele, é claro, não era.

Comstock, porém, era um sujeito completamente diferente. Tinha um corpo horroroso – peito largo e perninhas curtas e magricelas – e, toda vez que o via, Mimi não podia deixar de imaginar se o peru dele combinava mais com a metade superior ou com a inferior do corpo. Esta tarde, ele estava todo apertado, com uma camisa preta da Prada colada no corpo, de zíper na frente, e sandálias Prada igualmente pretas, daquelas de sola grossa. Embora enxugando-se continuamente com um lenço de linho, suave em bicas, como se o mero ato de estar vivo fosse um grande esforço.

Mas isso não o impediu de ascender um charuto.

– E então, Comstock? – disse Mimi. – Ainda não me contou o que anda fazendo.

– Um filme com a Wendy Piccolo – respondeu ele.

– Quem é ela mesmo? – perguntou Mimi. – Ah, sim, eu me lembro agora. Aquela mocinha de corpo escultural.

– Não sei como é o corpo dela – disse Comstock, espiando Mauve de relance. Recostou-se na cadeira fumando, como se a conversa já estivesse encerrada. Como a maioria dos magnatas, ele não se dava ao menor trabalho de se esforçar se não fosse para lucrar alguma coisa com isso, pensou Mimi.

– Bom, pessoal – disse ela, lançando-lhe um olhar como se ele não fosse mais importante do que um criado. – Acho que está na hora d irmos embora.

Janey olhou para cima.

– Vamos ficar – disse ela. Já havia resolvido que não ia sair dali sem falar com Zizi de novo. – Quero dar parabéns ao Harold.

– Tinha esquecido de que o Harold Vane é o patrocinador do time – observou Mimi.

- Acho que também vou ficar – disse Selden. – Quero conhecer o dono.
- Eles o chamam de *patrón* – colocou Janey, com mais rispidez do que o necessário.
- Você não namorou o Harold? – perguntou Mauve.
- Namorei, sim – confirmou Janey. – Eu o acho uma gracinha.
- Ele se criou em Nova York – disse Mimi.
- Na Quinta Avenida – confirmou Janey.
- Engraçado, não o termos conhecido... – observou Mauve.
- Por que você o conheceria? – quis saber Janey. – Conhece todo mundo que morou na Quinta Avenida?
- Ele frequentou Harvard, reconheço o nome – disse Selden, entrando na conversa.
- Bom, então está provado que não é de nada – comentou Comstock – Ninguém que tenha estudado em Harvard conseguiu algo de valor na vida.
- Mas olha só o que esse aí está dizendo – disse Mimi. – Selden estudou em Harvard.
- Pelo jeito, em certos círculos isso é tabu – afirmou Selden.
- Bem, como todos vamos ficar, precisamos de mais champanhe – disse Mimi, tirando a garrafa do balde e despejando as últimas gotas na sua taça.

O grupo melhorou muito no momento em que Harold Vane e Zizi chegaram e se sentaram, mas as harmoniosas energias que se tenta reunir em uma mesa ainda estavam ausentes. Sendo uma anfitriã por excelência, Mimi não podia deixar de notar essas coisas, e viu com certo aborrecimento que Janey conseguira sentar-se entre Zizi e Harold; portanto, Selden estava agora entre Mauve e Harold. Isso era péssimo para Selden, mas Mimi podia entender os motivos de Janey: Zizi era tão atraente que era impossível para uma mulher estar perto dele e não pensar em sexo. Mimi olhou com atenção o rosto de Zizi, mais de perto. Ele não tinha nenhum ângulo ruim; quanto mais se olhava para ele, mais bonito ele ficava, de forma que a pessoa acabava sentindo que não era humano de verdade, mas uma criatura feita por Deus para um planeta mais perfeito. Janey, é claro, também era deslumbrante, mas só isso não fazia deles um par perfeito. Disfarçando o que sentia, Mimi sorriu e olhou as pessoas em volta da mesa. Harold conversava com Selden sobre negócios, enquanto Janey tentava prender a atenção de Zizi insinuando que ele era um jeca por ter crescido em uma fazenda na Argentina. Apesar de sua beleza, Janey nutria algum ressentimento contra os homens; usava aquela técnica de ser agressiva com eles para prender seu interesse. Infelizmente, Mimi pensou, tomando um gole de champanhe, estava usando aquela técnica no homem errado. Assim como uma raça de cachorro instintivamente reconhece a outra, Mimi entendeu instantaneamente que Zizi tinha valores tradicionalmente europeus, e só podia achar a agressividade de Janey desconcertante (ele, aliás, já estava começando a olhar em volta, como quem pede socorro). Além disso, a pessoa com quem Janey devia estar usando essas táticas era Selden.

De repente, Zizi voltou-se para Mimi e sorriu, e os dois trocaram um olhar de compreensão mútua. Mimi gostava de Janey; tinha para com ela aquele sentimento fraternal que as mulheres têm quando sabem que vão se tornar amigas. Mas se era para se tornarem amigas, Janey ia precisar aprender que não podia conquistar todo homem que quisesse, principalmente se Mimi estivesse presente. Ela ia precisar aprender a ceder a vez. E portanto, empregando uma técnica sua comprovadamente eficiente, disse a Zizi:

- Você jogou em Palm Beach esse ano? – Ela sabia que era a única da mesa que conhecia

alguma coisa sobre pólo, e foi assim, falando do tema predileto de Zizi, que conseguiu monopolizar por completo a atenção do rapaz.

JANEY WILCOX ERA O TIPO DE MULHER que as outras achavam que não valia nada, mas que os cachorros e as crianças misteriosamente adoravam. Nas arquibancadas do Torneio de Beisebol Huggy Bear do Quarto de Julho para Celebidades (um nome cuja origem ninguém conseguia entender muito bem) sentaram-se, um de cada lado seu, dois garotinhos. Os meninos, de seis e oito anos, não podiam ser mais diferentes um do outro – um magro de dar dó, o outro extremamente gordo. Mas, apesar disso, não só eram irmãos, como também filhos de nada mais nada menos que George Paxton e sua primeira esposa, Marlene.

O caçula, chamado Jack, apertava a mão de Janey com o tipo de fervor aberto e indisfarçado encontrado apenas nas criancinhas que ainda não descobriam o ceticismo, enquanto o mais velho, George Jr. (“George Maricas” para as crianças malvadas da sua escola), preocupava-se em estudar o placar com a curiosidade matemática de um atuário. Digger estava rebatendo.

– Se ele der uma rebatida para fora do campo e correr todas as bases, o time deles tem 53% de chance de vencer – disse Georgie, com grande confiança. Era quase uma versão em miniatura do pai, inclusive da sua propensão para unhas dos pés grossas e com tendência a frieiras, resultado de um vírus renitente. – Mas – continuou analisando o menino – se ele errar a bola, o time tem 24% de chance de perder.

– É mesmo? – perguntou Janey, espiando além do campo a base principal, onde Digger, vestido com uma camiseta regata, calças de brim “pescando siri” e um chapéu de pescador de lona no estilo normalmente usado pelos senhores idosos na Flórida (que era obviamente sua idéia de um uniforme de beisebol, pensou Janey) praticava rebatidas no ar.

– Acha que ele vai mesmo nos dar um autógrafo? – perguntou Jack nervoso, balançando um dente solto com o dedo. Seus dentes eram uma constante fonte de constrangimento – viviam querendo cair ultimamente, e embora todos dissessem que outros nasceriam, ele não tinha tanta certeza.

– E se pedirmos um autógrafo a ele, e ele negar?

– Vamos pedir a Patty, só para garantir – disse Janey toda atenciosa. Inclinou-se para falar com Patty, que estava sentada ao lado de Jack, e disse: – O Jack está com medo de o Digger não lhe dar um autógrafo.

Patty desviou o olhar de Digger a custo. Quando estava perto dele ultimamente, nesse tipo de evento, sempre temia por sua segurança, com medo de que algum fotógrafo não fosse um fotógrafo de verdade, mas algum tipo de fã neurótico que estivesse a fim de atacá-lo – e fez uma festinha na cabeça de Jack, descabelando-o.

– Se ele não te der um autógrafo, pode vir direto falar comigo – disse ela.

Tanto Janey quanto Patty eram extremamente pacientes com crianças. Ambas tinham sido babás, na adolescência, seguindo a antiga tradição, mas nos Hamptons, onde as babás eram principalmente profissionais, nenhuma moça era tão boazinha assim.

Das arquibancadas logo acima delas, Roditzky Deardrum assistia a essa cena com um misto de nojo e ciúme. Orgulhava-se de “conhecer todo mundo” – dos famosos aos expectadores, que só podiam comparecer se convidados – e podia ter se sentado ao lado de qualquer um ali, mas tinha

resolvido honrar Janey e Patty com sua presença. Claro que suas ações foram motivadas por um desejo de mostrar que era íntima do Digger. Contudo, jamais havia esperado ser trocada por... dois *pentelhos*.

E o pior de tudo, pensou Roditzky, era que eles nem apresentavam os requisitos básicos necessários às crianças – pelo menos para as crianças em público – ou seja, serem engraçadinhos. O pequeno tremia mais que um chihuahua, ao passo que o grandalhão era, bom, como direi, assim, tipo imenso. Roditzky não tinha muito contato com crianças, mas não fazia a menor idéia de que hoje em dia elas fossem tão grandes. O garoto exibia uma pança do tamanho de um homem de meia-idade. Será que não devia estar num spa ou coisa parecida, perdendo peso e recebendo uma dieta restrita de alface e suquinho de clorofila? Olhando feio para Georgie, espichou-se na frente dele, e, retomando a conversa que estavam tendo antes, disse a Janey:

– Bom, parece que ele não vai escapar do xadrez.

– Quem? – perguntou Janey, que havia deixado de prestar atenção nela alguns minutos antes.

– Peter Cannon! – lembrou Roditzky. – Meu pai é advogado e diz que, naturalmente, como não podia deixar de ser, ele também sonou impostos.

Patty deu um suspiro bem alto e revirou os olhos para Janey, que fingiu não ter percebido. Sem querer decepcionar Roditzky, que considerava “útil”, Janey lhe disse:

– O que eu não entendo é como tantos artistas de cinema confiaram num cara desses.

– Aí é que está. Os astros e estrelas não são considerados as pessoas mais espertas do mundo – afirmou Roditzky. – Além disso, o malandro pegou todos no início de carreira. Antes de estarem montados na grana – explicou ela, olhando para Patty de relance.

– Quanto tempo as pessoas vão ficar falando disso? – quis saber Patty.

– Ah, até o próximo escândalo estourar – Então vão esquecer disso rapidinho – observou Roditzky com ar de quem sabia das coisas.

No campo, um ator de cinema antigamente muito solicitado, chamado Jason Bean, lançou uma bola rápida para Digger, que agora estava na base principal. Bean havia ficado para trás quando tentou concorrer a um cargo público. O problema não foi a plataforma dele, foi a falta de imaginação – ele havia decidido se tornar político com base no fato de ter feito o papel de político em um filme. Digger tentou rebater e errou, e vários fotógrafos registraram o momento.

– Não tem nada que não seja documentado pelos *paparazzi*? – perguntou Patty.

– Patty, é um evento beneficente – observou Janey.

– Quem é aquela zinha ali? – indagou Roditzky, que era tão volúvel em matéria de concentração quanto um mosquitinho borrachudo. – Está olhando para a Patty faz mais ou menos uma meia hora.

– Que zinha?

– Aquela – disse Roditzky, indicando com a cabeça os limites da multidão. Uma moça morena, de blusa de alças de denim, minissaia também de denim e sapatos de saltos pretos baratos, olhava fixamente na direção delas. Quando a olharam, ela desviou os olhos bem depressa.

– Não faço a menor idéia – disse Patty.

– É tão Jersey! – comentou Roditzky, indignada. – Como foi que ela entrou aqui? Os Hamptons realmente não são mais as mesmas!

Janey riu, notando com ironia que algumas pessoas já diziam isso da própria Roditzky. Olhando de

relance a multidão, seus olhos semicerraram-se e o estômago ficou embrulhado, como sempre ficava quando via Zizi inesperadamente. E Janey viu que ele estava com a Mimi, em uma cena inevitável, já se tornando familiar a ponto de ser irritante, os dois entretidos em uma conversa pelo jeito bastante íntima e agradável. Janey podia até ficar desconfiada, mas Mimi tinha a tendência de ser superficialmente íntima com todo mundo, e Janey não conseguia imaginar que Zizi achasse Mimi atraente, principalmente porque ela era, pelo menos, 15 anos mais velha que ele. Além do mais, eles só pareciam conversar o tempo todo sobre cavalos. No entanto, isso causava suas próprias frustrações: como Janey já havia declarado seu total desinteresse por esse animais, era impossível meter-se na conversa deles sem dar a impressão de que estava competindo desesperadamente pela atenção de Zizi.

– Podemos ir ao Maidstone depois daqui? – perguntou George, ansioso. – Tenho um truque com as cartas que gostaria de ensinar a vocês.

– Ah, Georgie, que bondade a sua – disse Janey, enquanto observava Zizi e Mimi se encaminharem para as arquibancadas. – Mas hoje não dá. Quem sabe a Mimi te leve?

Ao ouvir o nome Mimi, o rosto de Jack ficou comprido como o de um cocker spaniel, e Georgie olhou para baixo, concentrando-se no bico do tênis. Os filhos do George não gostavam muito da Mimi, e Mimi achava que Jack era “meloso demais”. Com Georgie era pior – mal suportava olhar para o garoto, e, sempre que ele entrava na sala, ela inventava uma desculpa para mandá-lo fazer alguma coisa lá fora com a empregada.

Janey fizera amizade com os meninos porque sabia muito bem o que era ser criança e estar por fora, constantemente em dúvida do que ia acontecer. Mas ultimamente os meninos pareciam estar ficando um pouco demais na sua companhia. A princípio, ela ficou emocionada quando Mimi a convidou para acompanhá-los ao Maidstone Country Club, que era o clube mais exclusivo dos Hamptons, mas nas últimas duas semanas, em mais de uma ocasião, Mimi desaparecera durante uma hora ou mais, deixando Janey distraído os meninos sozinha. Em todas as vezes Mimi tinha voltado alegando uma emergência em sua casa, mas Janey se perguntava por quê, com uma equipe de quatro criados em tempo integral, haveria alguma coisa na casa que necessitasse tanto da atenção pessoal de Mimi.

E agora, com aquela sensação de enjôo que acompanha uma visão indesejada, Janey imaginava se aquela “crise” não seria o Zizi. Mas isso, pensou ela, tentando tranquilizar-se, era impossível. Contudo, lá estava Zizi, abaixo dela, ajudando Mimi a subir no primeiro degrau da arquibancada, seu rosto lindo e atencioso concentrado com todo o prazer em alguma coisa que Mimi estava dizendo. Por que ele não olhava mais para ela assim, Janey pensou frustrada, lembrando-se de que era exatamente assim que ele a havia olhado na primeira vez em que se viram. Mas desde aquele momento, toda vez que a via, tratava-a com uma vaga e jovial amabilidade, como se fosse o astro do futebol americano da escola de segundo grau e ela uma entre tantas moças risonhas e acanhadas apaixonadas por ele. É claro que seu comportamento apenas aumentava as chamadas do desejo de Janey, e ela sentia-se como que reduzida a uma poça quando estava perto dele.

Ja ganhá-lo, pensou, mas se ao menos pudesse descobrir como! Nas últimas semanas, Zizi havia se tornado rapidamente um astro na sociedade dos Hamptons – com sua boa aparência e carisma, era naturalmente convidado para todas as festas – e sua popularidade só havia aumentado devido a sua recusa, até então, de cair presa dos encantos de qualquer mulher.

Àquela altura, ele já podia facilmente ter andado com toda uma série de mulheres belíssimas, mas o fato de ele não ter feito isso, e de sempre aparecer sozinho, parecia indicar que era um homem que encarava a sério a busca da mulher perfeita – e do verdadeiro amor.

E o que ela não daria por esse tipo de amor, pensou Janey, olhando de propósito suas costas longas, com aqueles ombros largos que se afunilavam até uma cintura maravilhosamente fina. Ora, ela facilmente jogaria isso tudo para o alto, viajaria com ele, podiam até morar na Argentina – ela não se importaria nem se fossem pobres.

Sentiu uma pontada violenta de ciúme quando Mimi posou a mão na mão dele e o deixou puxá-la para o segundo degrau das arquibancadas. Por um segundo, Mimi desequilibrou-se em uma tábua solta e Zizi agarrou-lhe o braço para firmá-la. Eles riram, e Janey ficou se perguntando pela centésima vez o que Mimi tinha que ela não tinha. Dinheiro, sem dúvida, e status social – não restava dúvida de que Zizi se impressionava com a idéia de a Mimi ser “A Princesinha da América”. Ela arrancou um pedaço de unha com os dentes, irritada, recordando-se outra vez de que, por mais que se esforçasse, jamais podia mudar o fato de ter vindo de uma família ordinária da classe média. Só que, mesmo assim, ela é que estava em destaque, não Mimi; era ela quem aparecia na televisão, nas revistas e *outdoors*, e se isso não era o suficiente para atrair o interesse de um homem, ela não sabia o que seria. Mimi, por outro lado, não passava de uma anfitriã de eventos sociais da alta roda... e era casada, ainda por cima!

Talvez fosse isso, pensou Janey, ajeitando o cabelo sob o boné de beisebol, enquanto mirava Zizi e Mimi de olhos baixos. Talvez justamente o fato de Mimi não estar disponível é que fizesse Zizi se sentir seguro. Aos olhos dos ricos dos Hamptons, ia parecer que Zizi era algum protegido da Mimi, que ela resolvera adotar e agora levava para toda parte, exibindo-o como um cachorrinho mimado, fazendo-lhe festinha e dando-lhe sobras de lagosta da sua mesa. Para todos os efeitos, aliás, podia-se dizer que Mimi também havia feito isso com Janey. Sem dúvida, Mimi entendia que nada era mais que perfeito do que Janey e Zizi formarem um casal, e, mesmo assim, não tinha facilitado isso nem um pouquinho até o momento.

Digger tentou rebater a bola outra vez e errou, enquanto, dos dois lado de Janey, os meninos geraram de decepção. Ora, ora, pensou Janey. Ela certamente conhecia o tipo de homem que só se interessava quando achava que uma mulher não estava interessada, e se era isso que prendia o interesse de Zizi, era perfeitamente capaz de tornar-se indisponível. Ia começar a namorar alguém – qualquer um – talvez até, pensou com uma risada amarga, aquele mane do Selden Rose.

Selden... Desde aquele primeiro jogo de pólo, quando ela tinha ido para casa com ele no seu carro (podia ter resistido a ele, não ao carro), ele a seguia por toda parte, como um cachorrinho. Era uma pena, aliás, porque por um minuto ou dois, quando ela entrou no carro, fascinada com a beleza da máquina, havia até pensado nele como uma possibilidade. O carro indicava que ele tinha posição, dinheiro e bom gosto... Mas aí ele começara a falar interminavelmente sobre detalhes do carro – como havia procurado os fabricantes originais dos assentos de couro e do cromo especial usado nos raios das calotas – e depois de 15 minutos, os olhos dela tinham ficado vidrados de tédio. Selden, porém, sendo quem era, não pareceu perceber isso, nem seu interesse diminuiu, apesar das constantes recusas de Janey em sair com ele. Ela sabia que bastava levantar um dedinho que ele viria correndo, e vendo Mimi e Zizi sentando-se nas arquibancadas na frente dela, resolveu que era isso exatamente o que podia fazer.

Mimi e Zizi viraram-se e acenaram, e o pequeno Jack olhou para cima, seus olhos arregalando-se de medo. Um monte de pessoas vinha à casa do pai dele todo fim de semana, de modo que ele e o irmão, Georgie, não se davam ao trabalho de se lembrar delas, mas daquele jogador de pólo ele se lembrava. Ele tinha vindo à casa deles duas vezes quando apenas Mimi estava lá, e nessas duas vezes havia ameaçado pôr Jack em cima de um cavalo, dizendo que ia fazer dele um péssimo jogador – como se isso fosse alguma coisa que alguém jamais quisesse fazer. Sentindo o incômodo de Jack, Janey desviou os olhos de Zizi contra a vontade e puxou Jack para mais perto de si. Não sabia se ia ter seus próprios filhos (se os tivesse, ia definitivamente ter uma babá, ao contrário de Patty, que parecia pensar que havia algum tipo de superioridade moral em tomar conta dos próprios filhos), mas havia um determinado aspecto com relação às crianças sobre o qual tinha certeza: sabia que, para o tipo certo de homem, não havia imagem mais tocante do que a de uma moça sendo carinhosa com as crianças.

Digger, por fim, conseguiu acertar uma bola e a galera irrompeu em vivas.

– Pronto, agora eles têm uma chance de 27% de vencer a partida – afirmou Georgie, solenemente.

– O que acha, Jack? – perguntou Janey.

– Sei lá. Não gosto de matemática – respondeu Jack.

– Sabe o que mais? Nem eu – disse Janey. Ela sorriu e arrepiou-lhe os cabelos. Quando ele escondeu o rosto em seu braço, ela rezou fervorosamente para Zizi estar olhando para o seu lado.

Infelizmente, como tantas vezes acontece quando os seres humanos tentam obrigar a flecha do Cupido a espetar quem eles querem, o míssil atingiu o alvo errado, e foi Selden Rose, em vez de Zizi, que acabou derrubado.

Minutos antes, ao estacionar seu carro no final da longa fila de automóveis estacionados em uma obscura rua transversal do East Hampton, ele havia jurado que seria a última vez que passaria pela humilhação de vir assistir a algum evento nos Hamptons. (Ele se perdera de novo, era impossível conseguir que alguém lhe desse informações corretas nos Hamptons; davam direções vagas como “Fica atrás do A&P”, sempre partindo do princípio, é claro, que a pessoa perdida sabia perfeitamente onde ficava o tal A&P, como não podia deixar de ser.) Enquanto acompanhava a fila de carros de volta à fonte (ainda não sabia bem onde ficava o tal campo de beisebol) refletia sobre a total falta de resultados no seu verão até aquele momento. Quase todos os minutos de todos os fins de semana haviam sido empregados em alguma festa ou evento ou inauguração ou estréia (de lojas a filmes, até ridículas mostras de arte), e cada um desses acontecimentos era considerado “o point”, como se estar por ali conferisse uma identidade especial aos que comparecessem. Mas as pessoas que vinham a essas festas sempre eram as mesmas, e depois de ter visto essas mesmas pessoas em seis eventos distintos durante o fim de semana, as conversas se tornavam horivelmente banais, e Selden a essa altura já havia resolvido que esse povo dos Hamptons parecia um bando de crianças ricas em uma colônia de férias dispendiosa, onde constantemente precisavam de distrações babacas.

Ele foi se reunir à pequena aglomeração que estava passando pelo que pareciam ser os campos de esportes de uma escola de segundo grau, pensando que embora não objetasse de forma inerente à convivência social, preferia passar o tempo de forma construtiva. Em Los Angeles, a educação era rudimentar ou inexistente, mas pelo menos a “convivência social” consistia em se

fechar negócios e fortalecer relacionamentos, ao passo que aqui, parecia que o único objetivo era o fenômeno de “ser visto” – o que sugeria que, se a pessoa não fosse vista, desapareceria. Era uma luta inglória, e muitas vezes, enquanto participava desses eventos – parado em algum canto, segurando um copo de champanhe barato, e cumprimentando todos com a cabeça, distraidamente – se perguntava se alguma daquelas pessoas tinha sede de coisas belas e de um contato maior com a natureza, e buscava uma conexão que ia mais fundo do que a coincidência de estarem todos juntos no mesmo mundinho. E agora, tornando a dar seu nome a outra moça sem rosto de preto com uma prancheta e um fone de ouvido, de repente desejava que tivesse obedecido a sua intuição e trazido seu barco.

E teria feito isso, pensou com raiva consigo mesmo, se não fosse aquela miserável da Janey Wilcox. Durante o mês passado ele, ingênuo e bobo que era, fizera de tudo para comparecer a todos os eventos aos quais ela comparecia, achando que se ela o visse bastante e passasse a conhecê-lo melhor, enxergaria seu valor inerente. Mas ela o rejeitava em todas as oportunidades, desprezando seus convites para jantar com um desdenhoso “Francamente, Selden, jantar num sábado à noite nos Hamptons, em junho? Fui convidada para quatro festas!” E então começou finalmente a aceitar o fato de que ela não estava a fim dele, e jamais estaria. Já fazia um mês que ele acreditava fervorosamente que, se conseguisse afastá-la desse mundo, a verdadeira Janey Wilcox floresceria, pois pensava ter detectado nela a mesma predileção intelectual pela beleza e pela arte que ele mesmo sentia. Ela era capaz de falar durante um bom tempo (e de forma surpreendentemente inteligente, considerando-se o fato de que jamais tinha freqüentado a universidade) sobre literatura, cinema e pintura, mas agora achava que a conversa dela não era resultado de uma paixão profunda, e não passava de um artifício usado em festas para garantir a atenção de que ela tanto necessitava para subir na escala social.

Enquanto ele acompanhava a cerca atrás da base inicial, decidiu que já bastava de perder tempo com ela. Nova York estava cheia de centenas de mulheres realizadas e bonitas, e ele era um solteiro coibido; se não podia ter Janey Wilcox, certamente ia encontrar outra pessoa tão boa quanto ela, senão melhor. Só que aí o satisfatório *ploc* de uma bola chocando-se contra a madeira de um bastão o despertou de seu devaneio, e ele seguiu a trajetória da bola.

A bola subiu bem alto, acima da terceira base, e de súbito, quando seu olhar foi atraído pela visão de Janey sentada entre dois meninos de George Paxton, todas as suas resoluções foram por água abaixo. Era como se ela tivesse sido surpreendida em algum instantâneo secreto, pois seu rosto tinha um meiguice que ele jamais vira antes. A criança estava aninhada perto do seio dela (e como ele desejou estar ali ele mesmo); sua expressão possuía a radiante bondade de uma Madona. O coração dele deu um salto, e o mundo retomou seu equilíbrio, pois ele constatou que estava certo o tempo todo a respeito dela. Devia salvá-la de si mesma; ela estava se perdendo naquele caminho de frivolidade e superficialidade, e era seu dever conduzi-la até um plano mais elevado e significativo. Ele a imaginou debruçada sobre os próprios filhos dos dois (que certamente seriam mais bonitos que os de George), e então, como se o destino estivesse confirmando seus planos, ela ergueu os olhos, encontrou os dele de relance, e ambos trocaram um olhar terno e compreensivo.

De qualquer forma, ela acenou – e Selden considerou a mão dela tão graciosa quanto a asa adejante de uma borboleta.

Jack Paxton ia vomitar. Jamais devia ter engolido aquele cachorro-quente quase inteiro, assim sem vontade, mas Georgie o desafiara, e Jack ficou sem saída. Agora, de pé no meio do estacionamento, atrás do grupo de adultos, Jack sentia o estômago contrair-se, com a inevitabilidade que anuncia um vômito iminente. Seu maior medo na vida era do vômito sair pelo nariz, como havia saído quando ele tinha três anos – aliás, a mais antiga lembrança que guardava do pai era a de ter vomitado e depois dito: “Papai, o vômito saiu pelo meu nariz”, e o pai dizer: “Eu sei, meu filho...” e logo depois, sair de casa.

Jack sentiu o sangue fugir-lhe do rosto. O jogo havia terminado, mas, como sempre, os adultos levavam um tempo para sair.

– Tem uma festinha rolando na Flying Point Road – anunciou Roditzky Deardrum. Era como um cachorrinho minúsculo e barulhento, correndo em torno das pernas dos adultos e pulando para chamar-lhes a atenção.

– Não sei – disse Patty, meio vagamente. Olhou Digger de relance, sentindo o cheiro do suor dele e pensando em sexo. Queria se perder em seu corpo cuidadosamente malhado (ele tinha 1,95m, e pesava 90 quilos) e em seus olhos estranhos e sobrenaturais, que pareciam muito separados e tinham o formato de gotas de diamante. Ela sabia que ele também pensava em sexo, porque seu braço contraiu-se em torno da cintura dela, e, inclinando a cabeça em sua direção, ele piscou para ela.

Janey notou a cumplicidade entre Patty e Digger, e de pé no meio do estacionamento, naquela tarde quente e monótona, dividida entre o desejo de ter Zizi e a vontade de puni-lo dando atenção a Selden, sentiu-se repentinamente impressionada por aquela demonstração silenciosa de intimidade secreta e inabalável entre um homem e uma mulher. Ela sempre havia pensado no amor como um sentimento vago e disforme, mas naquele instante fugaz, enquanto a multidão glamourosa se dirigia para seus carros, ela entendeu de repente que o amor tinha uma forma definida, uma forma concreta que podia se expressar por atos e gestos. Quis ter o que a irmã possuía, e olhando para os três homens, Digger, Zizi e Selden, viu como Selden parecia insignificante perto dos vibrantes, altos e jovens Digger e Zizi. Selden tentava atrair o olhar dela, procurando afastá-la do grupo, mas ela sentiu de repente, com absoluta certeza, que jamais sentiria aquilo por ele, e que era inútil tentar. Consciente dessa realidade, viu que não seria capaz de aturar o Selden, por mais frutífero que isso pudesse ser para seus objetivos.

– Vou mostrar o meu novo piloto à Janey – disse Selden.

Janey olhou-o de relance, horrorizada. Não gostava da forma como ele falava, com tanta firmeza, como se houvesse algo decidido entre os dois. Estabeleceu-se uma tensão no grupo, como se o tempo estivesse se esgotando, e ela olhou para Mimi, depois para Zizi, percebendo que tanto ela quanto Mimi queriam ir para onde quer que Zizi fosse. Mas Mimi tinha os filhos.

– Não pode levar a Janey – disse Roditzky para Selden. Ela era uma dessas pessoas que só pensa nos seus próprios interesses. – O filho da Sofia Loren vai estar no coquetel.

– Eu preciso ir embora – avisou Zizi. Estava bronzeado, e os dentes eram saudáveis e brancos; parecia um deus jovem e cintilante, com aquela aura de total independência tão irresistível para as mulheres.

– Vamos com você – disse Digger. Mais uma vez, Digger e Patty trocaram aquele olhar secreto, enchendo Janey de tanta inveja que chegava a doer. Se ela ao menos pudesse se livrar do Selden, talvez conseguisse seguir o Zizi, ou pelo menos descobrir para onde ele ia.

– Vamos nessa – disse o pequeno Georgie para Jack. Ele estava observando o grupo meio nervoso, de longe, tentando acompanhar seus movimentos, pois tinha a impressão de que Mimi era perfeitamente capaz de esquecer totalmente deles e deixá-los na praia. Um grito sufocado do outro lado de um carro, e Georgie olhou em volta, encontrando Jack meio cambaleante, os olhos lacrimejando e o rosto de uma tonalidade verde nada natural. Mas enquanto Mimi se despedia de todo mundo com os beijinhos do costume – dentro de mais um ou dois minutos ela provavelmente iria embora sem eles – ele murmurou, impaciente:

– Anda logo!

Jack fez um esforço corajoso para se conter. Apertando na mão a bola de beisebol autografada que Digger lhe dera (pelo menos os adultos não haviam mentido em relação a isso), ele se encaminhou para o meio do grupo, aos tropeções.

– Acho que tem alguma coisa errada com esse menino... – alertou Roditz Deardrum, pouco antes de o estômago de Jack virar de vez dolorosamente. Apertando a preciosa bola com força entre os joelhos, ele se curvou para a frente e abriu a boca, sentindo o cachorro-quente passar ardendo na garganta, e, após uma contração final do estômago, depositar-se quase inteiro sobre o bico do sapato da Roditz Deardrum.

Sentada no interior fresco e marmorizado da mansão Wanamaker, Janey mexia os cubos de gelo no copo com uma irritação mal disfarçada, dizendo:

– Ele é só um garoto, George.

Normalmente, o opulência do ambiente a teria abrandado – agora ela entrava e saía da mansão da Mimi com tanta regularidade que a casa já parecia até sua –, mas aquele dia já estava tão confuso que ela, pelo menos dessa vez, não sentia que um cenário luxuoso fosse suficiente para acalmá-la.

– Acho que não foi mesmo culpa dele – disse Mimi. Andava de um lado para outro na imensa sala de estar, como se não conseguisse decidir se devia sentar-se ou não – ou mesmo se queria estar ali na sala. Mimi insistira para Janey vir até a casa e ajudá-la com os garotos, e Janey havia concordado, em parte porque assim não precisaria ir com o Selden, e também porque tinha tomado a resolução de jamais recusar um convite para ir à casa da Mimi. Só que, logo ao entrar, Janey percebeu que havia cometido um erro – o corredor de mármore, com seus espelhos dourados e bustos romanos, de repente lhe pareceu rococó demais e sua relação com Mimi, opressiva, como se ela estivesse se afogando na vida de outra pessoa. Olhando para a água gelada dentro do copo que tinha nas mãos, ela se questionou sobre o motivo que a teria levado a transformar-se em imediata da capitã Mimi, e desejou estar em outro lugar – qualquer lugar em que pudesse, uma vez mais, ser a protagonista de sua própria vida.

– Não dá para deixar as crianças assim no sol forte, Mimi – disse, como quem ralha, e assim que as palavras saíram de sua boca, percebeu que estava zangada, e que o motivo era a forma como Mimi se comportara em relação a Zizi. Ela ia, sim conversar com a Mimi sobre o Zizi, pensou, captando o olhar de Mimi no grande espelho que pendia sobre a lareira. Ela não podia mais deixar aquilo continuar. Se ao menos o George soubesse...

A expressão da Mimi parecia decididamente culpada, mas sendo ela a Mimi, simplesmente mudou de assunto.

– George, vai ser gentil com o Comstock quando ele e a Mauve chegarem para o jantar, não vai?

George revirou os olhos, olhou para Janey, e piscou. Parecia achar a mulher infundavelmente engraçada, não terrivelmente séria, e Janey sabia que ele adorava provocá-la.

– Dependendo do que está querendo dizer com “gentil” – disse George. – Contanto que não esteja esperando que eu *dê pra ele*...

– Ah, faça-me o favor, George! – retrucou Mimi, quando George soltou uma explosão de risadas esgançadas. Janey notou, cética, que George também parecia achar-se infundavelmente engraçado. Virou-se para Janey, para confirmar esse fato, e Janey sorriu debilmente.

– Então, não gosta do Comstock – disse ela.

– A verdade é que eu não o suporto – reconheceu George, só esperando a reação da Mimi. – Mas Mimi insiste em convidá-lo para vir aqui.

– Não insisto – corrigiu Mimi. – É um dever. Ele é noivo da Mauve, portanto não há como evitá-lo.

As grossas pálpebras do George de repente se fecharam pela metade, dando-lhe aos olhos um aspecto misterioso, e deixando seu rosto normalmente inexpressivo mais ameaçador.

– Está entrando em território perigoso, Mimi – alertou ele.

Mimi girou nos calcanhares.

– Ah, sem essa, George. Só porque ele é o único que já venceu você em uma concorrência...

– Se ele tivesse me vencido, tudo estaria bem – disse George, friamente. – Ele me tapeou, na maior cara de pau. E depois, recebê-lo aqui em casa...

– Foi há muito tempo atrás – disse Mimi.

– Assim como Auschwitz – rebateu George.

Mimi empertigou-se. Era capaz de ser terrivelmente arrogante quando achava que estavam se opondo a ela, e tão fria e desdenhosa que conseguia fazer o interlocutor sentir-se como se ela nunca mais fosse falar com a pessoa outra vez. Era uma técnica eficaz, e que Janey estava tentando copiar, mas Janey perguntava-se por que ela insistia tanto em arrumar briga com o George.

– George Paxton – disse Mimi, arredondando as vogais em um tom que se destinava a intimidar –, não é assim que pessoas refinadas procedem em sociedade. Não deixamos os negócios interferirem na amizade. Se deixássemos, ninguém mais falaria com ninguém. Além do mais, tenho certeza de que um dia você vai ter uma chance de passar a perna no Comstock, e aí vocês dois vão ser os melhores amigos do mundo.

George ergueu as sobranceiras e, como se não estivesse nem um pouco influenciado pelo discurso da esposa, observou:

– Amigo é alguém com quem a gente pode fechar negócio, Mimi.

– Sim, mas eu não ia querer ser amiga de nenhum dos seus colegas de trabalho. Acho que morreria de tédio – disse Mimi, em tom decidido.

Janey aproveitou a oportunidade para tentar sair de fininho.

– Acho que eu devia...

– Ah, não, Janey – cortou Mimi, virando-se para a amiga com um sorriso assustador. – Preciso ter uma conversa com você.

Uma criada de uniforme cinza e branco entrou na sala.

– Para a senhora, Sra. Paxton.

– Obrigada, Gerda – agradeceu Mimi, educadamente. – Já volto. George, não deixe a Janey ir

embora.

– E isso foi uma ordem – disse George, quando Mimi saiu da sala.

Janey suspirou e recostou-se na poltrona de seda branca. George tinha razão – quando Mimi falava assim, ao havia como discutir com ela. Um pouco aborrecida, Janey refletiu que era uma afetação daqueles que nasciam ricos presumirem que todos – principalmente quem não tinha dinheiro – tinham obrigação de fazer o que eles mandavam. Mas a cabeça dela estava concentrada principalmente no Zizi. Aquele jeito esquivo dele seria alguma tática, ou seria possível que ele não estivesse mesmo se sentindo atraído por ela?

Mas aí George ficou de pé e, atravessando a sala, sentou-se na beirada do sofá ao lado dela.

Janey ergueu as sobrancelhas como para perguntar o que George pretendia. Não se sentia à vontade quando ficava sozinha com ele – quando Mimi estava por perto, ele se comportava direitinho, mas nas poucas ocasiões em que Mimi se afastava e Janey era obrigada a trocar algumas palavras com ele, George lhe dera a impressão de que ela só precisava concordar para que ele fosse para a cama com ela, como se isso fosse algo que ela quisesse fazer. Não era o que ele dizia literalmente, mas os olhares abertamente lascivos que ele lançava aos seios dela. Por outro lado, ela sabia como lidar com homens como George Paxton – passara a vida inteira fazendo isso. Sem esconder o tédio, disse:

– E você, como vai passando, George?

– Ouvi dizer que anda se encontrando com o meu amigo Selden – disse ele. – George sempre tentava fazer a conversa girar em torno de algum tema ligado a sexo, como se conversar sobre isso de alguma forma fosse levar ao ato.

– Provavelmente fala com ele tanto quanto eu – replicou Janey.

– Então ele ainda não te fistou – observou ele, com malícia.

– Não sei por que acha que ele vai conseguir algum dia.

– Ah, o Selden é macaco velho – disse George, tomando um gole de uísque escocês e cruzando um dos tornozelos grossos sobre o joelho oposto, como para poder melhor mostrar seu pênis. – Ele em geral consegue o que quer. – Recostou-se no sofá, espiando disfarçadamente o quadro *Arlequins* do artista David Salle, que se encontrava pendurado do outro lado da sala. – Isso é bem engraçado, ainda mais sabendo como ele era antes. Quando estava no colegial, a vida dele era tomar LSD e jogar tênis. Não dá pra acreditar que ele chegou onde está hoje em dia. Deve ter passado metade da vida viajando, no maior barato.

Janey riu, incrédula.

– Selden Rose era viciado em LSD?

– Enquanto não comia a próxima garota da torcida feminina uniformizada do futebol – disse George, erguendo o copo até os lábios. – A grande piada era: como ele conseguiu ser admitido em Harvard?

Janey nem se incomodou em responder. Começou a se levantar, murmurando:

– Acho que vou ver onde está a Mimi...

– Espera – disse George, estendendo o braço de repente e agarrando-lhe o punho. Janey lhe lançou um olhar penetrante, e ele mais do que depressa tentou disfarçar o gesto com uma risada gostosa. – Sabe, não tem nenhum motivo para isso. Não vai conseguir tirá-la do telefone mais rápido – disse. – Além do mais, nunca tenho uma chance de conversar com você... a sós – acrescentou, os olhos inevitavelmente descendo até o peito da moça. – Gostaria que me falasse

do seu trabalho.

– Meu trabalho? – disse Janey, achando graça. – George, eu sou modelo. E, além disso, estou de férias. – Seu tom foi sarcástico, mas o questionamento de George de repente a fez sentir-se culpada. Ela não tivera a intenção de desperdiçar metade do verão. Tinha planejado ler as grandes obras da literatura, quem sabe até mesmo terminar aquele roteiro (graças a Deus ela não tinha recebido mais nenhuma insinuação de Comstock sobre o assunto); de qualquer forma, a idéia era dar algum tipo de impulso na carreira. Mas, novamente, o tempo havia-lhe escapado entre os dedos, e ela se envolvera de novo nas superficialidades da vida...

Como que lendo seus pensamentos, George observou:

– Andei estudando aquele seu comercial da televisão, e decidi que você é talentosa. Talentosa mesmo. E eu sou alguém que fez fortuna com base nesse tipo de sexto sentido.

– Não me diga, George, é mesmo? – disse ela, dando uma risada desdenhosa. Olhou para ele, tentando avaliar se estava falando sério ou simplesmente armando uma arapuca para levá-la para a cama. Só que não pôde deixar de se sentir lisonjeada – como sempre se sentia, aliás, sempre que alguém a reconhecia por algo que não fosse sua beleza.

– Bem... – disse devagar, deixando os dedos penderem do braço da poltrona. – Andei pensando que eu talvez pudesse dar uma boa produtora. – Na realidade, ela jamais tinha pensado nisso antes, mas gostou dessa idéia repentina. Dava uma boa impressão – como se ela fosse engajada.

– Como o Selden – disse George, esfregando a coxa.

– Não exatamente como o Selden – protestou Janey. Não fazia idéia do que estava falando, mas começava a se divertir. – Eu faria uns curtas que transmitissem uma mensagem importante para mim, e comunicassem alguma coisa significativa ao público americano...

– E acha que ia dar para ganhar dinheiro assim? – perguntou George. Seu rosto havia perdido a aparência apática. Janey convenceu-se de que seus olhos reluziam de interesse.

– Por que não? – rebateu ela. – Afinal, a única garantia de que se vai ganhar dinheiro é realizar alguma coisa realmente boa, algo de que o público americano realmente acha que precisa.

– Andei pensando em entrar na indústria cinematográfica também... – começou George, mas foi subitamente interrompido pelo vivaz *staccato* dos saltos de Mimi no piso de mármore.

– Vocês não vão acreditar quem era ao telefone – disse ela, entrando na sala como uma ventania. – Roditz Deardrum. Quer que alguém pague um sapato novo para ela!

O nome Roditz Deardrum trouxe à lembrança os eventos daquela tarde, e Janey franziu o cenho, mais determinada do que nunca a falar com Mimi a respeito de Zizi.

– Eu realmente preciso ir andando – disse ela, achando que essa seria a única forma de conversar com Mimi a sós.

– Vai se despedir das crianças, não vai? – perguntou Mimi, transformando-se de repente na madrastra exemplar.

– Claro que vou – disse Janey. Levantou-se, inclinando-se sobre George para lhe dar o beijinho na bochecha conforme recomendava a etiqueta.

– Não esqueça desse nosso papo – murmurou ele. – se tiver alguma idéia, ligue para mim.

Mimi parecia estar em um estado de tremenda empolgação enquanto levava Janey pelas amplas escadarias da entrada.

– Não vamos falar com as crianças ainda – disse. – Preciso lhe contar uma coisa. – Janey seguiu-a pelo longo corredor até a ampla suíte do casal, e quando elas passaram por uma série de

gravuras Currier & Ives de cavalos de corrida, pintadas à mão e emolduradas, Janey convenceu-se de que essa “coisa” tinha a ver com o Zizi. Sentiu uma opressão, apesar de o nome não ter sido ainda pronunciado; como uma criança, irracionalmente imaginou que Zizi havia dito a Mimi que estava secretamente apaixonado por ela, Janey, e pediu a Mimi que lhe desse um recado...

De um grande aposento interior contendo a enorme cama com dossel que Mimi dividia com George, portas envidraçadas levavam a um *deck* com um toldo de listras verdes. Uma mesa branca de vime se encontrava posta para o chá – um bule de porcelana azul e branca e uma travessa com sanduíches de pepino e salmão –, pois como anfitriã renomada no mundo inteiro, uma das regras de Mimi era que os seus convidados sempre encontrassem algo delicioso para beliscar a qualquer momento do dia. Mimi sentou-se à mesa e, com seus dedos longos e esguios, pegou o bule e começou a despejar água quente sobre um porta-chá de prata dentro de uma xícara, mas seus gestos pareciam mais dirigidos pelo hábito do que por qualquer desejo de nutrir-se. Seus olhos brilhavam com uma espécie de prazer malvado, como se tivesse feito algo sórdido e estivesse orgulhosa disso, e em uma voz particularmente íntima, como se Janey fosse a pessoa mais querida do mundo para ela, disse:

– Minha querida, devo confessar que fiz uma coisa terrível...

Janey foi até a balaustrada, tranquilamente, e contemplou o mar. Era aquela hora silenciosa e agradável do dia quando a noite já começou a cair, e mesmo assim a praia ainda está convidativamente morna. Com o coração batendo desenfreadamente, Janey virou-se outra vez para Mimi. Ela pretendia finalmente dizer toda a verdade sobre seus sentimentos a respeito de Zizi e, sem preâmbulos, começou:

– Sei que é muito boa amiga do Zizi... – Foi então que a expressão de espanto e culpa no rosto de Mimi a pegou desprevenida.

– Ai, Janey, jura que não vai ficar zangada – choramingou Mimi. – Eu queria te contar antes, mas não fazia idéia do que ia acontecer, e não queria que você se envolvesse. Mas você, entre todas as pessoas, vai entender...

Janey de repente sentiu o mesmo enjôo súbito que havia experimentado antes, naquela mesma tarde, e já prevendo a resposta, se viu perguntando:

– Entender o quê?

Mimi olhou-a, confusa.

– Pensei que já tinha adivinhado... Imaginei que devia saber... Zizi e eu estamos tendo um caso. Já faz três semanas.

A confirmação desse fato atingiu Janey como um soco, e por um momento ela não conseguiu falar. Mas logo depois ouviu as ondas quebrando na praia lá embaixo, e viu Mimi sentada diante dela, radiante de excitação e medo. Esperava uma reação dela, e, jogando os cabelos sobre o ombro, Janey soltou uma risada fria e disse:

– Claro que eu já sabia. Dá para notar sem muito esforço.

– Dá, é? – perguntou Mimi, horrorizada.

– Pelo menos, para mim, sim – concordou Janey. E tornou a rir daquela maneira irônica. – Afinal, conheço você tão bem, não é? – disse ela, deixando transparecer uma ponta de ironia na voz. O fato era que ela não conhecia nada da Mimi. E certamente não fazia idéia de que ela podia ser traiçoeira assim.

– Janey! – exclamou Mimi, atônita. – Você está zangada.

Ela estava mesmo zangada – na realidade, furiosa –, mas não ia dar o braço a torcer, nem que fosse pagar por isso no inferno.

– Imagina! – disse, na maior tranquilidade. E para esconder ainda mais o que sentia, perguntou: – Quando foi que começou? Na partida de pólo? – Agora via como tinha sido ingênua de convidar Mimi para aquele jogo. Mimi, que estava completamente envolvida no drama do seu romance, lançou-lhe um olhar de alívio.

– Eu o achava um gato, como todo mundo – disse ela. – Mas nem calculava que ele estivesse interessado em mim, até você sair naquela tarde com o Selden... para passear no carro dele. Foi quando o Zizi e eu combinamos de ir montar a cavalo no dia seguinte... por isso não te convidei... e aí ele me seguiu até as baías, e nos beijamos...

Janey debruçou-se na balaustrada. Por um momento, pensou que ia vomitar. Por quê, meu Deus, por que tinha permitido que Selden a convidasse a dar uma voltinha jogando Mimi sem querer nos braços do Zizi? Mas como podia ter adivinhado que Zizi se sentira atraído pela Mimi? E com a impetuosidade dos que desiludem no amor, ela culpou Zizi. Ele não passava de um gigolô... O pior tipo de oportunista que atacava as mulheres ricas e casadas. Provavelmente já estava pedindo dinheiro a Mimi. De alguma forma ela conseguiu fazer uma cara de preocupação compassiva.

– Mas, Mimi – disse ela. – Acha mesmo que é uma boa idéia...

– Ah, não – gritou Mimi. – É péssima. Mas é tarde demais. Dá para ver como é incrível, não é? Claro que estou totalmente louca por ele... – As mãos dela partiam inconscientemente os sanduíches aperitivos. – E o pior é que ele diz que também se apaixonou por mim.

Esse foi outro soco na boca do estômago. Janey podia imaginar que Zizi trepasse com Mimi por motivos escusos, mas jamais que ele estivesse apaixonado por ela.

– E o George? – sussurrou entre os dentes.

A pergunta pareceu trazer Mimi de volta à terra. Ela varreu as migalhas dos sanduíches destruídos com um guardanapo, e disse:

– O que tem o George?

– Você é casada com ele, não?

Mimi virou-se para ela. Em seus olhos via-se uma expressão desafiadora, como se Janey subitamente tivesse virado uma inimiga.

– E daí? – disse ela, dando de ombros ligeiramente. – Francamente, estou surpresa por você ser tão provinciana. Jamais esperava isso, principalmente de você. Uma reação tão burguesa diante de um caso romântico.

O clima entre as duas de repente esfriou. Nenhuma delas disse mais nada. A amizade havia chegado a uma encruzilhada. Janey podia apoiar o caso e continuar sua amiga, ou podia desaprová-lo e perder tudo.

Naquele silêncio mortal, Mimi deixou cair dois cubos de açúcar na xícara, e por um momento Janey a odiou. Quando se tratava de conquistas sexuais, ela nunca havia perdido um homem para outra antes, e mesmo assim Mimi não era “simplesmente mais uma”. Sempre conseguia tudo o que queria, porque era rica; aproveitava-se do privilégio de pertencer à alta sociedade com tanta facilidade quanto as mulheres elegantes usavam vestido de grife. Ia continuar saindo com Zizi de qualquer jeito, e não se importaria com o que Janey dissesse – simplesmente ia deixar de ser amiga dela. E uma vez mais, haveria boatos, e Janey voltaria a sentir que estava marginalizada,

lutando para se integrar...

Não, pensou ela, fria e calculista. Tinha dado muito duro cultivando aquela amizade para deixar uma porcaria de homem estragar tudo. O caso da Mimi ia beneficiá-la – ia uni-las ainda mais. E assim, dando alguns passos à frente, Janey disse:

– Só estava pensando em você, Mimi. Não quero que ele descubra.

O clima subitamente desanuviou-se. A própria natureza da amizade feminina pede que se evitem os confrontos, portanto, uma vez feito um gesto conciliador, ditam as regras que ele deve ser retribuído.

– Ah, não, Janey, não foi isso que eu quis dizer, de jeito nenhum – disse Mimi. – É que, por um momento, pensei que talvez você pudesse estar interessada no Zizi...

Ambas riram, e quando a criada, Gerda, apareceu na porta para tirar a mesa, a aparente perfeição da cena a impressionou. O toldo verde e branco drapejava suavemente na brisa e, sob ele, viam-se aquelas duas madames elegantírrimas – louras, bronzeadas e belas –, posando como duas estátuas vivas, o mar azul ao fundo. Pertinho uma da outra, divertiam-se com alguma piada que só elas entendiam. Gerda calculou que deviam estar falando sobre homens...

E, no segundo seguinte, viu que estava certa, quando entreouviu Janey dizendo:

– Longe de mim, amiga. Pelo contrário, já resolvi que vou namorar o Selden Rose.

Seis

NO DIA 10 DE SETEMBRO DE 2000, o *New York Times* anunciou que Jane (conhecida como Janey) Wilcox, de 33 anos, modelo de lingerie da Victoria's Secret, havia se casado quatro dias antes com Selden Rose, 45 anos, CEO da MovieTime, em uma cerimônia discreta e particular, realizada em Montradonia, Itália.

Também mencionou o fato de que Peter Cannon havia sido preso complementando a notícia com um artigo sobre como as penitenciárias para criminosos de colarinho branco não eram mais os clubes de campo que costumavam ser, e como os sonegadores de impostos, os estelionatários e os que se aproveitavam de informações privilegiadas iam ter a maior surpresa de suas vidas, da qual o aspecto menos desfavorável era a péssima comida.

Por enquanto, a seção de negócios alardeava o aborto de três iniciativas para criar empresas virtuais, ao passo que um jovem jornalista financeiro chamado Melvin Metzer afirmava: “Se prestar bem atenção, vai escutar o brando bater de tambores vindo de Wall Street alertando sobre desastre econômico iminente” – uma frase que, não se sabe como, passou por três revisores e acabou resultando em diversas cartas que reclamavam sobre a referência aos índios, uma vez que os índios já haviam morado em Wall Street até os primeiros colonizadores holandeses construírem um muro para evitar que entrassem.

Mas para a maioria dos nova-iorquinos foi apenas mais uma bela manhã de segunda-feira, na segunda semana de setembro. Nesse dia, Comstock Dibble estava pensando em comprar um apartamento de 10 milhões de dólares na Park Avenue, e assim subir mais um degrau na escala social, mas, como sempre, ia precisar suar a camisa. Parado no saguão do número 795 da Park Avenue, um prédio que, tanto a corretora, Brenda Lish, quanto a noiva dele, Mauve, lhe garantiram várias vezes que era um dos melhores de Nova York, seu rosto reluzia e gotas de suor formavam-se nas entradas dos seus cabelos. Contudo, seus olhos percorriam o vestibulo com prazer. Durante o fim de semana, seus contadores haviam-lhe prevenido que pela primeira vez em três anos, o balanço semestral da Parador Pictures ia mostrar um prejuízo. Mas na noite de quinta-feira, ele estava sendo homenageado pelo prefeito de Nova York por suas contribuições humanitárias para a cidade, e no próximo fim de semana ele já esperava estar fechando um contrato que lhe renderia uns 50 milhões ou mais. Recentemente vinha pensando em expandir seus horizontes – sim, adorava cinema, mas era preciso admitir que aquilo era negócio para gente jovem – e não era verdade que ele daria um excelente político? Enxugando a testa com um lenço de linho, sorriu enquanto Brenda Lish tagarelava sem parar.

– Acho que não preciso contar a história deste saguão a vocês, não é? – disse ela, voltando-se para Mauve. – Foi projetado por Stanford White e vem sendo meticulosamente conservado. Tudo é original. Se tentassem vender esse saguão na Sotheby's, acho que renderia uns 25 milhões de dólares.

As paredes eram revestidas de lambris de mogno; uma grande lareira de mármore era a peça central, e sobre seu consolo via-se um vaso com um buquê de flores de quase um metro de

altura. Porteiros uniformizados de luvas brancas passavam silenciosamente por ali, como fantasmas; o clima era de perene discrição e luxo, como se todos os eventos dos últimos oito anos houvessem deixado aquele pequeno oásis de classe intocado.

– Comstock, o que acha? – perguntou Brenda Lish.

Comstock olhou para ela – devia ser quarentona, mas, não se sabe como, conseguia comportar-se de maneira acadêmica e infantil ao mesmo tempo – mas espere só um instante, que vestido florido era aquele?

– O que acho é que... – disse devagar – não vou comprar o saguão.

Ao ouvir isso, Mauve revirou os olhos, mas Brenda riu, como se ele tivesse dito algo extremamente engraçado. Se tinha alguma noção de como contrastava com aquele ambiente – como sua grosseria sobressaía ainda mais contra aquele fundo – ele não demonstrou. Nem Brenda tomou conhecimento disso. Ela era de uma família nova-iorquina antiga, do tempo em que isso realmente significava alguma coisa, e sua avó havia morado naquele edifício. Há cinquenta anos, um homem como Comstock Dibble sequer teria recebido permissão para pôr os pés ali, mas talvez ele tivesse juízo e orgulho suficientes para não querer morar em um prédio desses. Só que aquela época já tinha passado, tal como a fortuna dos Lish; tudo havia desaparecido em meados dos anos 1980. A essa altura, Brenda, que possuía a modéstia discreta e o ajuizado senso prático de seus ancestrais puritanos, tornou-se corretora de imóveis, usando seu conhecimento privilegiado sobre os melhores imóveis de Nova York para constituir uma carteira de clientes abastados que estavam dispostos a gastar milhões e milhões de dólares no apartamento certo. Pessoalmente, ela não aprovava homens como Comstock Dibble, mas embora ele fosse mais mal-educado do que a maioria dos homens arrogantes e sem gosto, que, com suas jovens segundas esposas, haviam transformado a face da sociedade nos anos 1980, não estava completamente fora do molde. Tinha um nome, tinha dinheiro, estava sendo homenageado pelo prefeito (o que ia ajudar na hora da avaliação da diretoria, pesando a favor de considerá-lo um cidadão honrado – aliás, ele já havia mencionado que ia receber uma carta de recomendação do prefeito), e ia se casar com Mauve Binchely. Isso também ajudaria na hora da decisão da diretoria.

– Podemos ir até lá fora? – perguntou ela, e os três saíram no sol quente.

– Agora, Mauve, a você não preciso avisar – disse Brenda. – Mas sabe que não aparecem apartamentos disponíveis nesse prédio com tanta frequência assim... O último foi há três anos, portanto, se eu fosse vocês, isto é, se estiverem mesmo interessados, eu faria uma oferta logo de saída, de pelo menos o preço mínimo...

Mauve farejou o ar como se detectasse um cheiro ruim, e disse:

– Estou preocupada com o barulho.

– Barulho? – disse Comstock. De repente apareceu estar a ponto de ter um ataque de nervos, e Brenda, que ouvia dizer muita coisa das pessoas, por força do ofício, acabou se perguntando se ia presenciar uma das legendárias cenas de descontrole do homem.

– Já devia ter se acostumado com o barulho. Você já mora na Park Avenue – observou ele, virando-se para Mauve, acusador, como se ela tivesse acabado de roubar algum artigo de uma loja.

– E daí? – perguntou Mauve. – Acabei de ouvir um barulhão.

– Provavelmente foi a Brenda falando, sua boboca – disse, rispidamente.

– Eu ouvi mesmo uma buzina – insistiu Mauve, sem retribuir o insulto. Era uma das coisas de que ele gostava nela – tinha um couro mais duro do que jacaré velho.

– Bem, as janelas têm vidraça dupla, mas certamente podia mandar colocar uma tripla por, quem sabe, uns 50 mil? – disse Brenda. De repente ela se lembrou de uma coisa que ouvira sobre Comstock Dibble, como ele tinha posto umas presilhas com barbantes nos mamilos de alguma mulher e depois trepado com ela por trás, cavalgando-a como se fosse um cavalo. E, pelo jeito, a dona tinha gostado.

– Sabe que não tolero barulho – Mauve disse, empertigada. – Brenda, você se lembra, quando a gente era pequena, que eu costumava gritar toda vez que ouvia uma sirene?

– E agora não está dando para tolerar você – disse Comstock – Onde está o meu carro, diabo? Como não podia deixar de ser, ele estava bem na frente do automóvel – um Mercedes preto com vidros fumê à prova de bala.

– Até mais ver, Brenda – disse, olhando furioso para Mauve. – Deixa que eu ligo para você.

– Quando quiser – respondeu Brenda, com um ligeiro aceno.

– Ele é horrível, não é? – disse Mauve.

“Pavoroso” era pouco, pensou Brenda. Mas em vez disso, concordou:

– Ah, é.

– Mas não tem jeito. Eu o amo – afirmou Mauve.

Brenda sentiu vontade de rir. Ao contrário de suas contemporâneas, não sentia pena da “pobre Mauve”, em vez disso via sua iminente aliança com Comstock como uma espécie de castigo dos deuses. Brenda e Mauve tinham estudado no Brearley, e Comstock estava absolutamente certo – Mauve era, e sempre fora, uma boboca. Realmente gritava toda vez que uma sirene passava, e uma vez até havia feito xixi na calça. Deviam tê-la expulsado da Brearley, mas os pais tinham dinheiro demais, e algum grau de parentesco – como apenas uma centena de pessoas na cidade – com os Vanderbilts.

– Se o ama, é só isso que importa – disse Brenda.

– Ah, eu sei – disse Mauve. Tirou um estojo de pó compacto dourado de uma bolsinha Fendi azul de couro de cobra e retocou o nariz comprido e pontudo com o pó. – Eu realmente preciso ir andando, querida. A Semana da Moda começa hoje.

– Foi ótimo ver você de novo, meu bem – disse Brenda, inclinando-se para dar os beijos no ar como de costume. – Está exatamente a mesma de há vinte anos atrás.

– Você também – disse Mauve. – Sabe, eu tinha me esquecido de como eram maravilhosos esses vestidos da Laura Ashley. Talvez eles voltem à moda.

– Tudo acaba voltando – disse Brenda. Sorriu ao acompanhar com o olhar o requebrado de Mauve pela Park Avenue. Não se importava por Mauve ter insinuado que o vestido Laura Ashley que estava usando era brega; Brenda tinha sido, ela mesma, a primeira a admitir que era irremediavelmente saudosista. Mesmo assim, ganhava mais de dois milhões em comissões por ano, e sendo alguém que já estava cansada de ver poderosos levando rasteira, a última coisa que ia fazer era desperdiçar seu dinheiro com roupas de grife.

Mas como eram tolos aqueles ricos! pensou ela, erguendo a mão para chamar um táxi. Como se usar roupas de grife pudesse dar a Mauve Binchely uma personalidade... Sentou-se no banco traseiro do carro e deu ao motorista o endereço de seu próximo compromisso de trabalho. Sentia-se satisfeita – apesar dos protestos de Mauve, sabia que Comstock Dibble ia comprar o

apartamento, ou pelo menos tentaria. O apartamento no qual ele estava interessado, o 9B, tinha 371m², uma sala de estar, sala de jantar, escritório, três quartos e um quarto de empregada, mas ela desconfiava que ele teria comprado um apartamento do tamanho de uma caixa de sapatos, se fosse o único disponível. Não só porque o 795 da Park Avenue era um dos melhores edifícios da cidade, mas porque Victor Matrick, o CEO maluco da Splash Verner, morava naquele prédio, e, aparentemente, onde Victor morasse, Comstock precisava morar também. Durante todo o tempo que ela passou mostrando o apartamento a eles, Comstock fez perguntas sem parar sobre o apartamento de Victor Matrick – sua localização em relação ao 9B, seu tamanho, e até quem tinha decorado o interior. Era sempre tão previsível e ridículo, pensou Brenda, como esses homens ricos e poderosos, que deviam estar acima de todas essas coisas, quase sempre tomavam decisões com base em seus egos mesquinhos.

Apenas uns dois quarteirões ao sul, na Quinta com a Sétima avenidas, Mimi Kilroy entrou no minúsculo elevador que dava para o apartamento dela e de George, e cumprimentou o ascensorista, que apertou o botão para a portaria para evitar que ela se esfalsasse. Dois porteiros estavam lá embaixo; quando ela passou, cumprimentando-os com uma vênica, um deles correu para a pesada porta de bronze que dava para a rua e a segurou, mantendo-a aberta para Mimi passar.

– Acho que o carro não está aqui, Sra. Paxton – observou ele, muito preocupado, como se a idéia de ela andar lhe causasse um sofrimento físico.

– Não vou de carro hoje, Jésus. Vou naquilo ali. Não é maravilhoso? – Indicou um estranho veículo parado junto ao meio-fio, que consistia em um jinriquixá atrelado a uma bicicleta. Nele se encontrava sentado um rapaz magro porém vigoroso, de boné de beisebol na cabeça.

– Isso me parece perigoso, Sra. Paxton – comentou Jésus, e Mimi riu.

– Você sabe que eu sou imune a acidentes – disse ela.

Pisando na calçada, sentiu-se mais animada diante daquele dia. A Quinta Avenida era um dos lugares mais maravilhosos do mundo, e sempre a mesma, ano após ano – era uma das poucas coisas da vida com que se podia realmente contar. E então pensou em como tudo isso era interessante, o fato de uma rua lhe dar mais consolo do que a família e os amigos, mas tinha descoberto na vida que era importante obter pequenos momentos de felicidade onde quer que eles surgissem, porque muitas vezes as coisas que os outros nos dizem e que nos fazem felizes não funcionam.

Ela subiu no jinriquixá todo enfeitado, pintado de amarelo com o intuito de atrair os olhos dos turistas para quem esse tipo de transporte havia sido inventado. Cruzou as pernas, alisando a saia do seu elegante conjunto de tweed. Em seus pés, botas de couro acamurçado bege – incrivelmente práticas e absurdamente caras, mas o lace era esse mesmo. O ciclista fez um gesto com a cabeça em direção a ela e entrou no trânsito, e enquanto eles balançavam suavemente pela Quinta Avenida abaixo, ela fazia um auto-exame para tomar sua temperatura emocional.

Ela decidiu que estava feliz naquele dia. Tinha 42 anos, e recentemente seus dias transcorriam de uma ou duas maneiras: depressivos ou ridículamente levianos. Quando se sentia leviana, parecia

uma garota de 18 anos outra vez, como se não fosse tarde demais e ela pudesse ainda fazer alguma coisa, como montar uma banda de rock feminina e aprender a tocar guitarra elétrica, cantando em um palco diante de milhares de pessoas. Quando estava deprimida, sentia-se velha, sentia que não tinha feito nada na vida, sentia que em breve ia estar completamente jogada fora e ninguém nunca mais ia querer ir para a cama com ela outra vez. Ia passar pela menopausa, sua vagina ia ficar ressecada – e até ultimamente às vezes era constrangedoramente difícil ficar lubrificada, principalmente com George. Mas George não a havia mesmo procurado muito no ano anterior. Ela achava que ele talvez tivesse tendo algum caso, como a maioria dos maridos que ela conhecia, mas não se importava, contanto que ele fosse discreto.

Há alguns anos, esses pensamentos teriam sido tabu para ela. Seu pai gostava de pular a cerca (segundo lhe contava, ainda pulava) e ela tinha testemunhado o acúmulo de uma camada encardida de amargura e infelicidade por trás da aparente personalidade otimista da mãe. Quando Mimi era adolescente, odiava a mãe por jamais questionar as misteriosas noites que seu pai passava fora de casa, mas a mãe deixava claro que esse tópico não devia ser discutido, com o seguinte comentário: “Jamais vou criticar seu pai, meu amor”. Tal comentário perseguiu-a durante anos; ela às vezes se perguntava se era ele que a tornara tão rebelde dos vinte aos trinta e poucos anos, recusando-se a tomar juízo na vida, a se casar, a “fazer alguma coisa”. E, mesmo assim, como conceito, ela admirava o sacrifício que sua mãe havia feito. Costumava perguntar-se se seria algo que ela faria, e de repente compreendera, com um riso interior, que era exatamente o que tinha feito com o George. Pusera de lado suas preferências pessoais pelo que tinha acreditado que seria um bem maior.

Mas o bem maior para quem? pensava ela, enquanto passavam diante da mansão de mármore deslumbrante que antigamente, na década de 1920, era a residência particular de um milionário, mas que agora era o Frick Museum. Suas ações tinham sido em prol de si mesma, é claro; afinal, George era muito rico, e sempre se havia esperado que ela casasse com um homem rico, mesmo que fosse apenas com o objetivo de aumentar o patrimônio dos Kilroys. Mas também se sabia que ela daria uma excelente esposa para o George, que daria a ele mais prestígio. Não tinha sido fácil perceber e aceitar que esse devia ser seu objetivo na vida, de modo que durante vários anos ela relutara diante dessa idéia como um jovem garanhão que se recusa a aceitar o freio. Quando criança, ela vivia pensando que ia ser alguma coisa na vida – uma estrela, cavaleira olímpica ou até mesmo jôquei, uma atriz, uma jornalista –, mas suas tentativas de brilhar nessas profissões sempre haviam sido recebidas com uma desaprovação tácita de sua família, e embora suas objeções jamais tenham sido explícitas, elas lhe pareciam bastante com um par de algemas. Ela não podia destacar-se aos olhos do público, onde talvez fracassasse ou fosse ridicularizada pelos críticos (aliás, havia sido mesmo ridicularizada pelos críticos quando trabalhara em uma peça encenada em pequenos teatros, aos 22 anos); não podia envergonhar a família, e, acima de tudo, o pai. A mensagem implícita era: Por que ela fazia alguma coisa, uma vez que não precisava disso? Não era suficiente ser graciosa e encantadora, ter uma bela aparência e andar elegantemente vestida? E portanto, questionou-se ela, por que se arriscava, tendo um caso com Zizi?

Estava atravessando uma crise de meia-idade. Ninguém jamais disse às mulheres o que ia acontecer com elas do ponto de vista emocional quando elas chegassem aos quarenta. Primeiro, vinha uma sensação de paz maravilhosa. A pessoa entende que não dá mais para controlar tudo,

que nem tudo que lhe aconteceu na vida foi culpa sua, e muitas coisas que antes pareciam importantes de repente se percebe que não são. Mesmo assim, a mulher ainda se sente jovem, ainda dá para ler o cardápio do restaurante à noite. Vem então aquele baque chocante que é se perguntar qual é o sentido da vida, qual o sentido da *sua* vida, principalmente. De repente, a mulher quer um significado, quer uma conexão, quer amor, e nota que essas coisas de alguma forma se desgastaram; a pessoa virou um autômato, fazendo tudo automaticamente, fazendo o que sempre fez, mas sem sentir a antiga empolgação, vê a falta de objetivo que permeia tudo. Havia noites em que ia para a cama e desejava que a manhã seguinte jamais chegasse. Mas sempre chegava.

É claro que nem George, nem mais ninguém sabia dos seus sentimentos. Ela jamais falava neles. Sua mãe sempre dizia que não havia nada mais repelente do que uma mulher rica que reclama da vida. Mimi sabia que era privilegiada. Sabia que era melhor do que quase todas as outras pessoas do mundo. Tentava recordar-se disso todos os dias, tentava comunicar um pouco de alegria aos outros ao seu redor, mas por algum motivo isso simplesmente não dava certo. Foi então que conheceu o Zizi. Ela sabia que Janey se interessara por ele, e que ele estava curioso para conhecê-la, mas Mimi tinha tomado providências urgentes para cortar o mal pela raiz. Aquele insignificante do Harold Vane já havia mesmo alertado Zizi para não se envolver com ela. Janey tinha conquistado, não se sabia como, uma péssima reputação, corriam boatos de que ela era uma vagabunda, aceitava dinheiro dos homens, mas Mimi não necessariamente acreditava neles. O azar da Janey era que ela não tivera o ímpeto necessário para conquistar um homem como o Zizi, cujo pai, sem que Janey nem mais ninguém soubesse, era na realidade um conde alemão. Sua família se mudara para a Argentina antes de Zizi nascer, e Zizi, sendo o segundo filho e, portanto, sem direito a herdar dinheiro nem título, tinha decidido tornar-se jogador de pólo.

Zizi era o homem com quem ela teria se casado se não tivesse se casado com George, e se ele tivesse 15 anos a mais. Esse era um dos mais cruéis truques da vida, impossível de ser resolvido até que ele se desenrolasse e revelasse seu verdadeiro significado. Ela não podia separar-se do George (não conseguia imaginar como ia enfrentar o escândalo resultante), mas por enquanto também não podia deixar de encontrar-se com Zizi. Ele era provavelmente o último rapaz bonito com quem ela treparia na vida.

O trânsito havia ficado mais lento na rua 65, e o ciclista do jinriquíxá aproveitou para virar-se para sua passageira e sorrir.

– Perdão, esqueci de me apresentar: meu nome é Jason.

– O meu é Mimi – disse Mimi. Inclinou-se para a frente e estendeu a mão, tanto por condicionamento quanto na tentativa de disfarçar a formalidade com a qual revelara seu nome. – Você mora aqui mesmo, Jason?

– Moro com um amigo no Brooklyn – disse ele, e ela imediatamente imaginou uma casa geminada caindo aos pedaços. Só havia passado no Brooklyn no caminho para o aeroporto, quando o motorista pegou aquele atalho para evitar o engarrafamento.

– Sei – disse ela.

– Só no verão – explicou Jason. – Sou de Iowa. Faça esse trabalho no verão para poder pagar meus estudos.

– Muito bem – disse Mimi. – Estou gostando de ver sua disposição.

Ela sorriu e, lançando um olhar de relance para a esquerda, viu que estavam passando pelo enorme edifício de arenito onde ela havia sido criada. Sua família tinha um andar inteiro – 920m² – com duas empregadas irlandesas, que dormiam no emprego e tudo. Olhando para cima, via a janela de seu antigo quarto, e de repente lembrou-se de sua infância. O Zoológico do Central Park ficava bem do outro lado da rua, e quando Mimi era bem pequena, ouvia os leões rugindo de noite... E pela primeira vez em anos, ela se lembrou de que gostava de pensar que o pai estava com os leões nas noites em que não voltava para casa.

Os leões já tinham ido embora há muito tempo, tendo sido resgatados do zoológico anos atrás por defensores dos direitos dos animais. Agora, porém, havia mesmo falcões peregrinos no parque, fartando-se com os pombos, esquilos e ratos, e de vez em quando um cachorrinho – aliás, o chihuahua de uma senhora idosa fora agarrado por um desses mesmos falcões na metade leste da rua 63, quando ela o levou para um passeio de manhã cedo, dois dias antes. O incidente tinha sido noticiado na segunda página do *New York Times*; suspeitava-se que dois falcões estavam fazendo ninho sob um rebuscado beiral no Hotel Lowell.

Dois andares abaixo, em uma ampla suíte que consistia de um vestibulo, sala de estar, dois quartos, três banheiros e uma lareira que funcionava de verdade, um casal recentemente unido pelos laços do matrimônio se preparava para suas próprias investidas na cidade. Selden Rose encaixou um par de abotoaduras de ouro pelos orifícios apropriados de sua camisa branca impecavelmente engomada, enquanto sua esposa Janey aplicava uma fina linha de delineador líquido marrom na pálpebra.

Selden estava no segundo quarto, cantarolando sozinho. Até ali, tudo havia saído maravilhosamente bem, e ele se parabenizava por ter sido prevenido e alugado uma suíte de dois quartos naqueles meses antes de haver se mudado para Nova York. Isso significava que ele e Janey podiam agora permanecer confortavelmente no hotel enquanto procuravam um apartamento. As camareiras haviam colocando suas roupas nos armários do segundo quarto, e a secretária dele fizera com que as coisas de Janey fossem arrumadas no primeiro quarto, enquanto ainda estavam na Toscana. Tinha sido uma viagem maravilhosa, refletiu ele; tinham visto pelo menos dez igrejas, e muitos pequenos museus, e haviam se dado maravilhosamente bem, salvo o antepenúltimo dia, em que Janey tivera aquele ataque de nervos na praça da aldeia murada de Puntadellesia. Estavam bebendo o café preto italiano local em pequenas xícaras, depois de terem tirado fotos um do outro diante de uma grande arcada de pedra, sob a qual se estendia um vale que era uma colcha de retalhos composta de pequenas fazendas, apresentando quase todos os tons de azul, amarelo e verde. “Diante de uma paisagem dessas, a gente entende de onde os católicos tiraram a idéia de céu”, disse ele, e quando ela concordou laconicamente, ele achou que a falta de entusiasmo da esposa provinha simplesmente do calor.

– Que tal uma limonada? Ou um sorvete italiano? – perguntou ele. E quando ela não respondeu, só olhou para ele com aqueles enormes olhos azuis que eram da cor de safiras, ele pegou seu mapa da Toscana e o abriu na mesa de metal verde.

– Acho que podíamos jantar na mansão esta noite outra vez – disse ele. – Afinal, não tem sentido sairmos quando temos um cozinheiro. Pela manhã, podemos ir a Montrachet. Parece que há umas pinturas lindas do século XVI no museu de lá – o Metropolitano já está tentando comprá-las há nos, mas eles não deixam as pinturas saírem do país, muito menos se afastarem de uma

paisagem dessas...

Ele pensava que, como sempre, ela iria gostar dessa piadinha, mas em vez disso ele notou que havia uma expressão peculiar nos olhos dela. De repente ela jogou a xícara na rua calçada de pedras com toda a força, onde, surpreendentemente ela quicou.

– Será que você não entende? – berrou Janey. – Não estou nem aí para essas porcarias de pintura do século XVI!

Um momento, eles simplesmente ficaram parados olhando um para o outro, chocados, ambos surpresos com a força da revolta dela.

– Mas eu pensei...

– Você não pensa, Selden. Você só faz... o que quer... e espera que eu goste seja lá do que for. – E aí ela desatou a chorar.

A praça estava cheia de pessoas idosas – mulheres vestidas de preto com véus nas cabeças e homens jogando xadrez – e todos olharam para Selden e Janey, curiosos quanto à natureza daquela comoção. Ele entendeu umas frases em italiano, e as palavras, combinadas com os olhares zangados, lhe disseram que eles queriam saber por que “o homem” estava “maltratando” a “linda americana”.

Ele atirou 5.000 libras sobre a mesa, e agarrou o braço de Janey.

– Vamos – disse.

– Não vou com você. Estou com calor e estou cansada... Por que não podemos ir para Portofino ou Capri, onde pelo menos podíamos conhecer gente? Estou farta desses italianos caquéticos, de saco cheio de ir a museus e a igrejas sujas! Será que não enxerga como é sujo esse lugar?

– Depressa – retorquiu ele, com mau humor. – Senão vamos parar em alguma delegacia.

Ela o deixou levá-la para o carro, e quando se viu dentro dele e eles já haviam começado a descer vagarosamente a estrada sinuosa que saía da cidade, as lágrimas dela secaram.

– Qual é o problema? – perguntou ele. – Está naqueles dias?

– Não, não estou naqueles dias – replicou Janey. – Estou cansada de andar de carro. Estou enjoada de comer massa. E já não agüento mais ver pinturas.

– Mas nós conversamos sobre isso – insistiu ele. – Você disse que adorava Caravaggio...

– Não vimos Caravaggio nenhum.

– Então vamos ver. Vamos a Roma...

Ela começou a chorar outra vez, as lágrimas escorrendo pelas suas faces.

Ele parou no acostamento. Ela era sua jóia mais preciosa; ele não podia suportar vê-la magoada assim. Abraçou-a e puxou sua cabeça, encostando-a no ombro.

– O que foi, meu bem? – perguntou, carinhosamente. – Não chora, vai. O que quer fazer?

– Quero ir a Capri – disse ela. – Ou a Milão, pelo menos. Quero fazer compras. E aqui tudo é tão barato...

– Não dá mais tempo de ir a Capri, mas amanhã vamos a Milão, prometo – disse ele, pensando, com uma pontada de arrependimento, que era um desperdício sair da mansão três dias antes, quando tinha custado 20.000 dólares por uma semana. Mas era sensato o suficiente para entender que não era hora de pensar em dinheiro. – Vamos a Milão – garantiu-lhe – e ficamos em uma suíte do Four Seasons...

E aí, quando já estavam alegremente hospedados em uma suíte nupcial de 1.500 dólares por noite, e ela desembrulhava sacolas de roupas que ele havia comprado (com desconto, pois graças

a Deus todos os balconistas a reconheceram), ele comentou que se ela estivesse insatisfeita com alguma coisa, só precisava lhe dizer como estava se sentindo que ele entenderia...

Agora, de volta a Nova Yorke a ponto de ir para o trabalho no primeiro dia após a lua-de-mel, refletia que essas pequenas adaptações eram de se esperar no início de um casamento, e provavelmente ainda mais nesse casamento específico. Considerando-se o fato de que ele e Janey só se conheciam há apenas pouco mais de três meses, estavam se saindo extremamente bem, pensava ele, ajeitando a gravata diante do espelho do quarto de vestir. E além disso, havia aquele orgasmo do outro mundo que ela havia proporcionado a ele naquela manhã, e ao lembrar-se disso, de repente sentiu saudades da esposa, embora ela estivesse no quarto ao lado. Fechando o relógio de ouro Bulgari no punho fino, ele passou pela sala de estar e entrou na suíte do casal.

Ela estava no banheiro, aplicando maquiagem no rosto com todo o cuidado diante de um espelho de aumento redondo. Os olhos dela sorriram para ele no reflexo, e ele aproximou-se por trás dela, erguendo-lhe os cabelos e beijando-lhe ternamente a nuca.

– Oi, amor – disse ela.

– Oi, Sra. Rose – disse ele. – Agora, diga-me, o que pretende fazer o dia inteiro?

– Ir a desfiles de moda. Com a Mimi. Vamos escolher nossas roupas da próxima estação.

– Pensei que você é que ia estar na passarela.

– Hummmm... – disse ela, fechando uma pálpebra para aplicar sombra verde-malva. – Mão-de-obra demais... chatíssimo... e todas as garotas que desfilam agora são jovens e umas tábuas... pagam uma mixaria a elas... Está com pena de ter perdido a entrega dos Emmys? – perguntou ela de repente. – Li no jornal que o filme do Johnny Block foi o vencedor...

– A entrega dos Emmys acontece todo ano. Nossa lua-de-mel é só uma.

– Ah, sim – disse ela. – Tem razão... De qualquer forma, ainda podemos ir à entrega do Globo de Ouro, ou do Oscar...

– Isso é do outro lado do país – respondeu ele, brincalhão, sem querer admitir que o CEO da MovieTime sempre devia formar par com umas atrizes da empresa nessas noites. – Andei pensando – disse ele, mudando de assunto ao sentar-se na beirada da banheira de hidromassagem. – Por que não ficamos aqui no apartamento esta noite? É a nossa primeira noite depois que voltamos, e podíamos pedir serviço de quarto... caviar e bife com molho béarnaise... Por um segundo, ele pensou ter captado nela aquele mesmo olhar peculiar que vira pela primeira vez na Toscana, mas depois ela respondeu, arrependida:

– Ah, Selden... Você sabe que nós não podemos. Hoje é a primeira noite da Semana da Moda. E temos o desfile da Calvin Klein, o jantar em seguida e aquela festança da Visionnaire... Você não precisa ir, mas, se eu não for, as pessoas vão estranhar.

– E isso – disse ele, levantando-se – é uma coisa que jamais vou entender.

– Ah, mas você vai sim, amor – disse ela, sorrindo, o rosto erguido voltado para ele. – E na quarta vamos à festa da Armani e à inauguração da nova boutique Prada – no centro da cidade; na quinta, premiação da prefeitura – definitivamente não dá para escapular desse compromisso, porque o presidente da Victoria's Secret quer que nos sentemos à mesa dele...

Selden sentiu vontade cancelar tudo aquilo, mas os olhos da esposa brilhavam tanto de expectativa que ele não teve coragem de decepcioná-la.

– Onde quer que me encontre com você esta noite?

– Nas tendas do Bryant Park. Às sete – caso se atrase uns 15 minutos, não tem problema, o desfile só começa meia hora depois da hora marcada. É só entrar – eles prometeram que te dariam um lugar da primeira fila ao meu lado...

Ela de repente se virou e estendeu os braços para ele.

– Seja bonzinho, querido – pediu. – Vou sentir tanta saudade sua hoje. Acho que não vai dar para suportar até as sete.

– Nesse caso, não vou me atrasar – disse ele, separando-se dela com dificuldade.

Alguns minutos depois, estava na rua e sentando-se no banco traseiro do Lincoln Town Car, um carro de passeio preto estilo diplomático, que o levava para o trabalho e o trazia para casa todos os dias. Recostou-se no banco de couro e pegou o telefone, discando para seu escritório.

A secretária atendeu.

– Sou eu – disse. – Alguém telefonou?

– Gordon White acabou de ligar – disse ela. – Devo ligar para ele?

Dentro de alguns segundos, Gordon White, seu colega da MovieTime, estava na linha.

– Selden – saudou ele, a voz carregada de insinuações maliciosas. – Como foi a lua-de-mel?

– Fantástica – respondeu Selden.

– Viu a entrega dos Emmys? – perguntou Gordon.

– Johnny Block ganhou. Isso é excelente para nós.

– Mas ele não agradeceu à MovieTime.

Selden franziu o cenho e de repente virou outra pessoa.

– Manda o setor responsável examinar o contrato dele – disse, olhando pela janela enquanto o carro passava vagorosamente pelo Hotel Sherry-Netherland na Quinta Avenida. – Deve haver alguma brecha. Veja se dá para tirar o nome dele dos créditos.

Ele já foi! pensou Janey. E de repente sentiu alívio.

Dava para respirar agora.

Deixou de lado a escovinha de maquiagem e se jogou na cama. Não é que não amasse Selden Rose – havia momentos, até dias inteiros, em que sentia-se perdidamente apaixonada por ele. Mas também havia outros momentos, horas e dias em que ela sentia que não o amava nem um pouquinho. Olhava para ele e sentia medo de ter cometido o maior erro de sua vida. E era impossível saber quel sentimento era o genuíno, porque todos diziam que era normal ter medo, era uma parte normal do processo de adaptação à vida de casada.

Deitada na cama, ela se recordou dos acontecimentos que tinham levado ao casamento deles. O momento fatídico em que Mimi lhe dissera que estava tendo um caso com o Zizi a fizera lembrar da dura realidade do amor e do romance, do fato de que a escolha de um parceiro por uma mulher sempre é limitada a homens que a queiram, não o contrário. E enquanto se dirigia para a casa de Mimi naquela tarde, decidiu que não ia mais ser passada para trás. Assim como milhões de mulheres já fizeram ao longo dos séculos, ela se deixou apaixonar pelo homem que se apaixonou por ela.

Não foi fácil, no começo, e durante os primeiros fins de semana, quando ela havia permitido que ele a acompanhasse aos Hamptons e até tinha segurado a mão dele, toda parte de seu ser havia resistido; ela mal conseguia suportar dar um beijo nele. Seus beijos eram caídos e rígidos, como os de um velho; a mera idéia de ir para a cama com ele já a fazia sentir repulsa. Só que ele

persistiu, e ela ficou aguardando, em busca do lado bom do homem, esperando o momento em que ele de repente conseguiria romper as defesas dela...

O entusiasmo de Mimi ajudou-a a seguir em frente. Não tem nada que uma mulher casada adore mais do que a possibilidade de atrair os solteiros para a sua raia, e dia após dia ela argumentava em favor do Selden; ele era o tipo de solteiro que não aparecia com muita frequência; as mulheres faziam fila para estar com ele. Talvez não fosse o homem com quem Janey sempre sonhara que iria se casar; mas o homem com quem a gente se casa nunca é mesmo o príncipe encantado. Janey já havia trepado com todos os homens de Nova York, e não tinha dado certo com nenhum. E Selden era louco por ela – todos os que os viam juntos comentavam isso – e sempre era melhor ter um marido mais apaixonado pela mulher do que a mulher era por ele (se desse para aturar um casamento assim, pensou Janey).

E depois, finalmente, chegou o momento em que ela se apaixonou por ele.

Eles já namoravam havia três semanas quando Selden sugeriu uma viagem à Block Island, no barco dele. A princípio ela não queria ir, de jeito nenhum (o que, ou melhor, quem, ia estar lá em Block Island?), mas Mimi argumentou que talvez fosse bom ver o Selden de um jeito diferente. E era verdade: longe do tumulto e da competição dos Hamptons, Selden literalmente cresceu aos olhos de Janey...

Seu barco era uma coisa maravilhosa – um Chris-Craft de trinta pés, com bancos vermelhos, de madeira, uma verdadeira antiguidade. Assim que entraram no barco, a personalidade de Selden mudou: de repente ele se tornou o capitão, pilotando a embarcação com uma perícia entusiástica. Pela primeira vez, sua atenção não estava concentrada nela, mas no que ele fazia, e a criação daquele espaço possibilitou a intensificação dos sentimentos dela. De pé ao lado dele que segurava o timão, ela bebia cerveja com ele, e os dois riam das pessoas que ambos conheciam e consideravam ridículas, como Mauve Binchely. E quando ela tirou as roupas e ficou só com um sumário biquíni rosa, e ele passou um braço ao redor da cintura dela, Janey entendeu que aquela era uma das poucas vezes em sua vida em que se sentia à vontade com um homem. Ao contrário da maioria dos homens com quem ela estivera, ele não era egocêntrico...

Chegaram a Block Island salpicados de água salgada e alvorçados pelo vento, e passaram a tarde andando de bicicleta pela ilha, fazendo piquenique em uma praia rochosa cheia de galhos de árvores caídos e ossos de gaivota. Contaram um ao outro suas histórias e, naquela noite, no grande e velho hotel que dava para a baía, foi fácil ir para a cama com ele e receber seus beijos, que deixaram de ser rígidos. Depois, ela contemplou o rosto dele. Ele tinha uma mandíbula vigorosa e traços simpáticos, e embora tudo isso não resultasse em beleza (havia uma expressão quase tola na colocação da boca e dos dentes dele), ela viu que era o tipo de rosto que podia ficar bonito se contemplado com os olhos da afeição.

E então resolveu apostar nele.

Contudo, apesar de sua resolução, ainda havia momentos antes do casamento em que ela sentia um pânico tal que chegava a ficar insensível, não conseguia falar, sentia que ia afogar. E depois sonhava que estava se casando, e quando chegava ao altar, o homem errado esperava por ela. E nesses dias, quando ela sentia pânico, só conseguia ver os defeitos do Selden.

Nos dias ruins, os dias em que ela sentia que não o amava nem um pouco, tudo o mais ficava embaçado. No segundo dia deles na Toscana, Selden havia posto meias escuras com sandálias. Quando ela o viu vestido assim, percebeu que não dava para conviver com esse tipo de coisa, e

aquele tarde inteira, enquanto “passeavam pelo interior” (que parecia ser um dos passatempos prediletos dele), os lindos morros amarelados salpicados de medas de feno passaram despercebidos para ela – só conseguia ver aquelas meias azul-marinho (pareciam novas, mas mesmo assim tinha um fiapo bem no dedão na meia esquerda) dentro daquelas sandálias de couro grosso marrom. As sandálias eram Prada, mas nem sapatos de grife podiam salvar um homem de mau gosto, e a tarde inteira ela se sentiu mal por causa daquilo. Será que devia cancelar o casamento? Mas cancelar um casamento porque o noivo não sabe se vestir é de uma leviandade tal que nem mesmo ela podia admitir. Será que devia lhe dizer para tirar as meias? Mas tinha medo que sua voz revelasse tanto nojo que pudesse originar uma verdadeira ladainha de reclamações sobre ele. Portanto, nada fez e nada disse, suportando um desespero quase letal, como o do prisioneiro a caminho da guilhotina.

Finalmente, quando terminaram de passear e avistaram o ponto de referência – uma torre de arenito solitária no alto de um morro –, que apontava o caminho para a estrada de terra que levava à mansão alugada por eles, ele notou a aflição dela.

– Está tão calada – disse ele.

Ela só conseguiu balançar a cabeça, apavorada.

– Está com medo?

– E você, não está? – perguntou ela, tímida.

– Claro que estou com um pouco de medo – respondeu ele. Tirou os olhos da estrada de terra e olhou para ela, estendendo a mão para apertar a dela. Naquele sol brilhante da Toscana, os olhos castanhos dele encheram-se de pintinhas douradas. – Só que, acima de tudo, sei que amos nos dar superbem juntos. Vamos ser felizes. Vamos ter tudo que sempre quisemos... E mal posso esperar para dar tudo isso a você, querida. Eu te amo tanto...

Era o mesmo argumento que ele havia usado quando lhe pedira para casar com ele, uma semana depois daquele passeio à Block Island. Eles iam se casar dentro de cinco dias, e se ele mostrasse nem que fosse uma pontinha de hesitação, medo ou raiva, ela talvez encontrasse um jeito de tirar o corpo fora.

Mas ele não mostrou. Não era à toa que tinha conseguido se tornar CEO da Splatch Verner.

No dia do seu casamento, deitada na cama da suíte do Hotel Lowell e espiando o anel de noivado (nessa tarde, sim, haviam se divertido – tinham comprado o anel na Harry Winston um dia antes de partirem para a Toscana na lua-de-mel), ela não sentia medo. Sentia-se zozza de empolgação, e ele também – treparam assim que acordaram e depois começaram a beber champanhe, garrafa após garrafa de Cristal, que Selden mandara vir de avião especialmente de Paris.

Tinham nadado na longa e escura piscina, apreciando a água morna, incapazes de se conformar com o fato de que, dentro de mais duas horas, estariam casados. Depois haviam se vestido juntos. Ela usou um Valentino estilo grego *prêt-à-porter* (que mesmo assim custou 6.000 dólares), e ele um terno Ralph Lauren branco gelo com camisa rosa. Quando ela olhou para ele, ficou se perguntando por que havia hesitado tanto antes, porque, de repente, ele era o homem mais belo do mundo para ela, e Janey pensou, em desvario, que todas as outras pessoas iam ter que enxergar isso também.

Então os quatro convidados do casal chegaram. Ainda riam orgulhosos disso – de como tiveram só quatro convidados, e somente porque também estavam de férias na Toscana naquela época, por coincidência. Eram Harold Vane e sua mais recente namorada – Mariah, que tinha a idade

de Janey, era editora de uma revista nova sobre compras e ficou dizendo a Janey o tempo todo que ela era uma sortuda – e Ross Jared e a esposa, Constance, que Selden conhecia da Splatch Verner. Ross era CEO da divisão de Internet, e a esposa era bailarina. Era do tamanho de uma ervilha, pensou Janey, morena e mais ou menos miúda (1,55m), provavelmente com menos de cinquenta quilos. Quase não abria a boca para falar, mas pareceu embriagar-se bastante, porque mais tarde atravessou o gramado correndo, e saltando como uma fada.

A cerimônia foi no imenso pátio; Selden, mais uma vez, havia por milagre encontrado alguém para decorá-lo com grinalda de flores. Um padre católico realizou a cerimônia em italiano (Selden tinha uma avó italiana em algum lugar do passado, e disse que sentia afinidade por essa religião). Janey não entendeu nenhuma palavra, exceto as partes em que se dizia seu nome e na hora de dizer “Eu aceito”.

Mais tarde, tocaram Grateful Dead e Allman Brothers e todos dançaram até cair.

– É isso aí, gente – dizia Harold Vane, o tempo inteiro, sem parar. – É o casamento mais legal a que eu já assisti na vida.

Então Janey pensou que o medo nunca mais ia voltar.

Mas voltou. Desde o casamento, havia ocasiões em que ela se via desprezando o marido com um ódio tal que jamais tinha sentido por homem algum. Estava presa a ele e aos defeitos dele, como aquela mania de levar anos para sair de casa, porque sempre precisava ver onde estavam as chaves e a carteira no mínimo três vezes. Sem contar aquela coisa de parar no meio da rua para falar ao celular, deixando-a plantada no mesmo lugar às vezes cinco minutos ou mais, e quando ela abria a boca para protestar, ele erguia a mão, na maior grosseria. Ou mesmo aquela pança que ele cultivava, e a bunda caída e achatada e o pênis – o tamanho era perfeitamente normal, mas por que não dava para ser só um pouquinho maior? O problema era que ele havia tirado o direito de ela optar. Quando esses pensamentos tenebrosos lhe passavam pela cabeça, ela se perguntava por que não havia escolhido alguém melhor.

Sua insatisfação imaginária vinha da idéia de que sem o emprego dele, Selden Rose realmente não passava de um cara agradável de Chicago. Não tinha charme natural nenhum, não tinha talento criativo que o destacasse dos outros. Não vinha de uma família particularmente distinta (embora seu pai, ela sabia, fosse advogado, e a mãe trabalhasse em um jornal) – ele não era “poderoso” como Comstock Dibble ou George Paxton. Aliás, era um americano sem nada de especial, que provinha de uma família de classe média-alta. E embora não houvesse nada de errado nisso, também havia o passado dela – o mesmo passado do qual ela estava tentando se livrar desde que era adolescente.

Sempre havia alimentado sonhos de que, se um dia se casasse, seria com algum tipo de nobre europeu, ou com um ator de cinema, pintos ou romancista de sucesso. Imaginava-se ao lado de alguém excepcional, alguém que, a cada minuto de sua vida, se destacasse do pântano da humanidade. E casando-se com Selden Rose, havia negado a si mesma essa oportunidade para sempre.

Bem, talvez não para sempre. Selden lhe dissera, várias vezes, que não havia como prever se um casamento ia dar certo ou não, não havia como prever o que aconteceria no futuro. Não importava há quanto tempo um casal já se conhecia antes de se unir – cinco anos ou cinco minutos –, o importante era arriscar, comprometer-se. E depois viver cada dia de uma vez. O telefone tocou – dois toques curtos, indicando uma chamada da mesa telefônica – e ela

atendeu, sabendo que devia ser o recepcionista, anunciando a chegada de Mimi. Mas que babaquice a minha, pensou ela, pulando da cama. A suíte estava toda desarrumada, repleta de roupas de Milão – vestidos, sapatos e bolsas, e até luvas, espalhados – e Selden tinha sido tão bonzinho, e se empolgando tanto, ao pagar por tudo aquilo. Naturalmente, como a maioria dos homens, se queixara um pouco dos preços, sacudindo a cabeça diante de uma blusa frente-única translúcida e sem mangas, com gola de tartaruga, que se dobrava até transformar-se em um quadradinho de 15 por 15cm, com menos de meio centímetro de espessura (quinhentos dólares por um pedacinho de pano desses, que nem consegue cobrir a bundinha de um bebê?), mas ela via pelo brilho de seus olhos que ele estava adorando vestir sua linda e jovem esposa. E ela realmente gostava de lhe dar prazer...

Se ao menos ele a deixasse em paz de vez em quando! pensou, revirando uma mala aberta, em busca da tal frente-única. Vivia em cima dela, de olho nela, como se sentisse fascínio por ver o que faria a seguir. Exatamente naquela manhã, depois de ela lhe aplicar um boquete caprichado (pelo menos era fácil dar-lhe prazer desse jeito), quando estavam sentados à mesa tomando café e lendo jornal, ele de repente deixou a xícara de lado, e ela percebeu, enquanto virava uma página, que ele olhava fixamente os seus dedos. Ela atraíu os olhos dele, fulminando-o, por sua vez, com o olhar, e ele soltou uma risadinha constrangida, a boca formando aquele sorriso pateta que sempre lhe dava um frio na boca do estômago de tanto desespero. Se ao menos pudesse ensiná-lo a não sorrir assim! “É que suas mãos ficam tão lindas virando a página”, justificou-se ele, estendendo os braços para capturar a mão dela nas suas duas mãos. Curvou a cabeça e olhou para ela, abrindo uma das mãos e revelando a ela, como se fosse um passarinho, depois abaixou-se e beijou-a.

O que ela podia fazer? Não queria ser mal-educada, mas sentiu lágrimas de frustração formando-se nos cantos de seus olhos. “Ai, Selden, pelo amor de Deus”, retrucou. “Minhas unhas são horríveis...”

A campainha tocou e ela correu para a porta, abrindo-s de supetão.

– Oi, minha senhora recém-casada – cumprimentou Mimi. – Como estou feliz ao vê-la!

– Não é uma maravilha? – disse Janey, enquanto trocavam beijos. Suas apreensões sobre Selden desapareceram imediatamente, quando ela pensou de súbito: agora sou igual a você.

Em voz alta, disse:

– Entra. Está uma bagunça, é claro, porque voltamos a noite passada e as camareiras ainda não arrumaram o quarto...

– Não se apresse por minha causa – disse Mimi, entrando na sala. – Eles não vão ter o atrevimento de começar sem mim, considerando-se o quanto eu compro do Oscar... É tão engraçado, você e o Selden morando aqui, casados. O Lowell é onde todos os homens ficam quando estão se divorciando das esposas.

– Ah, eu sei – disse Janey. Tinha estado diversas vezes no Lowell ao longo dos anos.

As duas trocaram um olhar risonho de compreensão mútua. Entre elas não tinha o vínculo da amizade verdadeira, talvez, mas algo quase tão forte quanto ele: a afinidade natural que duas belas mulheres sentem uma pela outra quando tiveram experiências semelhantes na vida.

E alguns minutos mais tarde, já conversavam animadamente dentro do jinriquixá que as levava pela Quinta Avenida até a rua 42, onde os desfiles estavam acontecendo sob enormes tendas de circo brancas. Cabeças viraram-se, e ao perceberem que eram alvo de comentários, Janey e

Mimi passaram a conversar com mais animação ainda. Quando pararam na entrada da tenda, a multidão de fotógrafos olhou para cima, curiosa, erguendo as câmeras.

– Lá vem encrenca – comentou um.

– Quem são elas?

– Janey Wilcox, modelo da Victoria's Secret. Mimi Kilroy, dondoca da alta-roda – cochichou alguém.

– As Poderosas!

– Mas elas já têm muito tempo de janela.

– Poderosas da Velha Guarda, então.

– Janey! Mimi! Venham cá – gritaram.

– Janey, como vai a vida de casada? – perguntou alguém.

– Queremos ver a aliança! – disse alguém.

– A aliança, mostra a aliança!

Janey ergueu a mão esquerda.

Mimi passou o braço em torno da cintura dela e puxou-a mais para perto de si.

– E aí, como vai o Selden? – perguntou. – Estão loucamente apaixonados?

– No avião, quando a gente estava voltando para cá, ele disse a coisa mais linda do mundo – revelou Janey. – Pegou minha mão e, com a cara mais séria que eu já vi, declarou: “Janey, vamos mandar e desmandar em Nova York”.

Elas sorriram para as câmeras.

TRÊS DIAS DEPOIS, na manhã de quinta-feira, Patty Wilcox levantou-se, foi ao banheiro, e viu que estava menstruada.

Merda, merda, merda, pensou. Mas o que mais ela esperava? Digger havia passado quase o verão inteiro fazendo turnês, e ela só tinha trepado com ele uma vez nas suas últimas semanas, mas por algum motivo idiota estava torcendo para que ficasse grávida. Ridículo – ela só tinha 28 anos e eles estavam tentando há apenas um ano, e agora ela já começava a pensar que havia algo errado com ela. Devia ter acontecido a essa altura. Principalmente porque todo o resto de sua vida tinha corrido certinho conforme o planejado – mas só porque ela se esforçava muito para que tudo desse certo.

Ela inseriu um tampão na vagina e, ao fazer isso, se lembrou do filhotinho de cachorro. Da última vez em que Digger viera para casa, ela tinha dito: “Sabe, acho que se não ficar grávida mês que vem, ou mesmo se ficar, devíamos comprar um cachorrinho. Podemos batizá-lo de Triscuit. Triscuitinho. Não acha uma gracinha?”

E ele havia concordado, com a boca cheia de pizza.

– Triscuit. Gostei.

– Não precisa ser um cachorro grande – ela disse, de pé ao lado dele, acariciando-lhe os cabelos, de forma que a cabeça dele pendia para trás e aqueles olhos verdes surpreendentes fitavam os dela. – Mas precisa ter muita personalidade. Tipo não se importar se pusermos roupinhas nele e o levarmos para participar do desfile do Dia das Bruxas.

Ele pusera os braços ao redor do pescoço dela, puxando-a para o seu colo. Eles começaram a beijar-se como dois adolescentes, e depois de alguns minutos, ela disse:

– Você realmente adora um amasso...

– Adoro – reconheceu ele. – Acho que me esqueci de crescer. – Então se entreolharam e riram. Esse diálogo era uma das brincadeirinhas íntimas prediletas dos dois. Começaram no terceiro encontro quando Digger tinha vindo ao apartamento da Patty e pulado em cima dela, sem deixá-la em paz pelo menos durante uma hora. Foi essa noite, dois anos antes, que ambos perceberam como ia ser sério o relacionamento entre eles.

– Então gostou da idéia de ter um cachorro – disse ela.

– Gostei – concordou ele, esfregando a face contra a dela. – Eu te adoro, garota.

– Também te adoro, amor – disse ela. – Se alguma coisa lhe acontecesse, eu teria que morrer para poder ir para o céu e reencontrar você.

– Quem disse que eu ia estar no céu? – indagou ele.

– É para lá que você vai. Eu sei – respondeu ela.

Hoje era o dia em que ela ia ganhar o cachorro, pensou, vestindo a calcinha. Bom, pelo menos era uma coisa para se esperar. Ultimamente, ela vinha se sentindo insignificante. Queria dar uma contribuição, mas temia que o mundo não deixasse, e ela não soubesse o que realmente queria fazer.

Vestiu calças militares de cintura baixa e uma camiseta que encomendara pelo catálogo da Abercrombie & Fitch. Em geral se vestia assim, com o uniforme democrático de sua geração,

acessível a quase todos e universalmente disponível. Depois entrou no elevador e desceu até a portaria do edifício, cumprimentando com a cabeça Kenny, um homem miudinho com dedos manchados de tinta de jornal. Kenny era o jornalista da banca, e sempre ficava todo satisfeito ao avistar Digger. Muito embora fumasse apenas de vez em quando, quando estava na cidade Digger comprava um maço de cigarros dele todo dia, só para dar algum lucro à banca.

– Oi, Kenny – disse ela. Kenny estava sentado em uma cadeira dobrável de metal ao lado da banca, onde parecia empoleirar-se durante a maior parte do dia.

– Seu marido vai estar aqui em breve? – perguntou Kenny.

– Semana que vem – respondeu ela, com um suspiro. – Mal posso esperar.

Kenny acenou de maneira compreensiva com a cabeça, como se tivesse conhecimento em primeira mão de todo o sofrimento que um ser humano pudesse passar no mundo.

Depois ela passou por Sarouk, o tristonho porteiro do Oriente Médio que era mais um segurança do que propriamente um porteiro – mesmo que a pessoa estivesse tentando equilibrar pacotes ou sacolas de supermercado, ele nem se levantava de sua mesa, apenas sorria, gentilmente, como se também compreendesse as dificuldades de ser classe média em Nova York, o que significava carregar seus próprios pacotes.

– Olá, Sarouk – cumprimentou Patty, ao sair à rua.

O edifício onde ela e Digger moravam, número 15 da Quinta Avenida, era amarelado e meio decrepito, e antes havia sido o Washington Square Hotel. Ainda se podiam detectar resquícios de grandiosidade nos rebuscados afrescos dourados do teto do saguão e na grandiosa entrada de mármore da Quinta Avenida, com seu toldo dourado com bordas arredondadas. Mas ninguém jamais usava aquela entrada, como se fosse inútil fingir que o prédio ainda era elegante. As paredes dos corredores eram revestidas com estuque de uma cor verde doentia, e centenas e centenas de pessoas moravam no prédio, a maioria em minúsculos apartamentos de um ou dois quartos, com cozinhas no fim das salas de visita. Mas Patty adorava o prédio assim mesmo. Adorava as senhoras idosas esquisitas que moravam ali desde o início dos tempos, que ainda pagavam aluguel (provavelmente uns 400 dólares por mês, por um apartamento de quarto e sala) e se pavoneavam em diversos trajes interessantes. Uma delas tinha as unhas dos artelhos pintadas de roxo fosforescente, e sempre trazia consigo um cachorrinho engraçadíssimo que parecia um leão de pelúcia cujo pêlo tivesse sido gasto pelo excesso de afeição; outra usava blusinhas sem mangas, calças de cintura baixa e saltos altos sem a menor vergonha, como se desafiasse alguém a fazer comentários sobre as pelancas que pendiam ousadamente do alto de suas costas e braços. O edifício era muito boêmio, seus moradores uma mistura de gente jovem e rica do mundo do *showbiz* – como ela e Digger, que moravam nos enormes apartamentos góticos de cobertura – e pessoas trabalhadoras da classe média, que habitavam os quitinetes e os apartamentos de quarto e sala. Eram jovens com um certo glamour que pareciam estar em ascensão, ou quarentões, cinquentões e sessentões (Patty imaginava que a maioria era solteira), que aceitaram o fato de que não havia mais jeito, não iam mesmo encontrar a felicidade na vida, e a próxima coisa significativa que poderia lhes acontecer provavelmente seria um câncer. Alguns deles pareciam derrotados pelas intermináveis rotinas de empregos sem sentido, e suas roupas eram sempre pretas e ligeiramente sujas e mal-ajambradas, como se já estivessem de luto há muito tempo. Outros, no entanto, pareciam ter algum objetivo maior na vida, como a mulher de cinquenta anos que trabalhava para o Fundo de Assistência aos Animais, uma pessoa bem-

humorada, lépida e decididamente amistosa. Seu apartamento ficava em frente ao elevador, e sempre que a porta do elevador se abria no andar dela, Patty ouvia conversas animadas vindo de trás daquela porta. E isso, de certa forma, a fazia lembrar-se de que havia algo de bom na vida... Tinha sorte, e sabia disso, pensava, quando pôs os pés para fora, no sol. Provavelmente jamais precisaria preocupar-se com o que aconteceria com ela ao envelhecer, mas isso ainda ia demorar tanto a acontecer que parecia até que nem aconteceria. Havia duas mocinhas de pé junto à entrada do prédio, sugerindo quase uma certa confusão, mas Patty nem ligou – além de um ponto de ônibus localizado em frente ao edifício, uma estação PATH do trem de New Jersey ficava ali perto, por isso sempre havia pessoas por ali que pareciam não saber bem onde iam.

Patty começou a subir a Quinta Avenida e dobrou na rua Nove, pensando na sua vida. Desde que deixara o emprego, vivia tendo idéias negativas sobre o tipo de mulher que realmente era. Recentemente, andava refletindo sobre o fato de que não precisava trabalhar porque Digger era rico. A realidade era bela, mas ela não conseguia aceitá-la. Claro que podia ter evitado toda essa contradição continuando no emprego, mas aí teria que enfrentar um outro dilema e já estava começando a se cansar daquilo. Durante pelo menos um ano, antes da demissão, ela se conscientizara da verdade: produzir documentários sobre astros de rock para a VH1 só servia para dar a todos os envolvidos, inclusive a ela mesma, uma sensação de convencimento desmedido. Só dava para continuar fazendo isso mediante uma série de racionalizações que a obrigassem a concentrar-se nos intermináveis detalhes necessários para realizar a produção; e ainda por cima ela precisava acreditar que produzir o programa era de importância nacional. O sistema a enjoava, e por essa razão, ela havia se afastado, mas isso não a tornava uma pessoa admirável, sabia disso, só privilegiada. Afinal, quase todos precisavam trabalhar a vida inteira sob as mesmas condições, detestando os seus empregos, mas sem ter outra opção a não ser continuar trabalhando. E assim, em parte ela se sentia mal por ter se demitido.

E agora, sem trabalhar, deixando Digger sustentá-la, uma outra parte dela questionava-se: será que, moralmente, ela não poderia ser considerada uma puta?

Desde pequena, ela instintivamente sentia repulsa pela idéia de “casamento tradicional”. Questionava-se por que o resto do mundo não ficava enojado por essa obviamente cínica troca de sexo, trabalho doméstico e criação de filhos por um teto sobre a cabeça e comida na mesa. O fato era que a única forma de se encontrar o verdadeiro amor era não se deixar sustentar por um homem. Caso contrário, a pessoa acabava fazendo concessões e abrindo exceções; fazia amor com um homem que não considerava realmente atraente. A mulher podia se convencer que isso era perfeitamente normal, mas no fundo, pensava Patty, não passava de uma forma aceitável de prostituição.

E agora, aqui estava ela, transformada exatamente naquilo que mais desprezava.

A Sexta Avenida era uma massa pululante de seres humanos. Um grupo de garotos espinhentos passou todo desajeitado pela calçada, os reguinhos da bunda aparecendo acima da cintura das calças jeans largas. Senhoras idosas empurravam carrinhos de compras; uma jovem passou marchando e gritando ao celular: “Ainda bem que finalmente teve a coragem de me dizer isso. Há três anos nossa amizade não era mais a mesma!” Diante da Balducci’s, a loja de alimentos finos freqüentada pelos abastados, onde, segundo ela e Digger brincavam, tudo custava seis dólares, inclusive os ovos, um rapaz sem teto encontrava-se sentado, envolto em um cobertor, com uma aparência deplorável e um cachorrinho Beagle nos braços. Ele não devia ter mais de

25 anos, e um cartaz a seu lado explicava que estava tentando juntar quarenta dólares para ir de ônibus até a Pensilvânia, só que até então, em todo o ano em que Patty e Digger já moravam naquele quarteirão, ele parecia não ter intenção de ir a lugar algum.

Nessa manhã específica, ele conversava com uma moça que dobrava um cobertor.

– Já estou nas ruas desde 1997 – Patty ouviu-o dizer, orgulhoso. – Os sem-teto estão voltando.

Esse prefeito que está aí vai sair logo, logo, e então nós vamos tomar as ruas.

Patty perguntava-se como ele conseguia ficar na rua, uma vez que era política da prefeitura recolher todos os sem-teto ao longo da noite e metê-los em abrigos; alguns até diziam que os levavam para fora da cidade em ônibus. Ela tirou vinte dólares da carteira e os entregou ao rapaz, coisa que fazia quase toda semana, só por sentir-se culpada. Sabia que ele provavelmente não merecia, mas tinha tanto dinheiro, e ele obviamente tinha tão pouco, que diferença faria? Ele ergueu o olhar.

– Ah, meu anjo da guarda – disse ele. – Como vai?

– Vou bem – respondeu Patty. – Vou comprar um cachorrinho.

O sinal mudou. Quando ela atravessou a rua, Patty achou que seria capaz de se tolerar só por causa do amor. Não o amor que sentia por si mesma, que não parecia muito ultimamente, mas o amor que sentia por Digger. Entre eles, havia o tipo de sentimento raro e milagroso que as pessoas chamam de “amor verdadeiro” – aquela forma pura de afeição que torna possível até mesmo crer nas palavras ditas diante do ministro: “Na alegria e na tristeza, na riqueza e na pobreza, na saúde e na doença.” O verdadeiro amor, pensava Patty, era o oposto de sentir-se como se a pessoa tivesse um vazio dentro de si; em vez disso, era como se tivesse comido a refeição mais perfeitamente satisfatória do mundo...

Do outro lado da Sexta Avenida, duas moças, fortes e de cara fechada, vestidas de preto, com sapatos de sola grossa (provavelmente estudantes da Universidade de Nova York, pensou Patty), se encontravam diante de uma mesa, acenando com cabides. “Vamos acabar com os Republicanos agora”, berrava uma delas para os passantes. “Um voto republicano é um voto a favor da volta da Idade Média!”

– Abaixo o Bush – berrou a outra.

– Você aí – chamou a primeira moça, quando Patty tentou passar por elas. – É republicana ou democrata?

– O que acha? – perguntou Patty.

– Os republicanos querem tirar seu direito ao aborto.

– Não pretendo fazer nenhum aborto.

– É a favor ou contra as mulheres? – perguntou a garota, desconfiada.

– A favor... – respondeu Patty, meio hesitante.

A mocinha meteu uma prancheta debaixo do nariz de Patty.

– Então registre-se, para votar no Partido Democrata.

Um pouco mais adiante, na rua Christopher, ficava a loja de animais. Quatro cachorrinhos rolavam sobre maravalha de cedro – um buldogue malhado, com enormes olhos castanhos, viu Patty e pulou no vidro da vitrine. É esse que eu vou levar, pensou Patty, entrando na loja.

Sentia-se meio mal comprando um cachorrinho de uma loja de animais – todos diziam que não se devia fazer isso. Os cachorrinhos podiam estar doentes ou ter algum defeito congênito. Eram criados em fazendas de animais, onde donos cruéis obrigavam as fêmeas a terem uma ninhada

atrás da outra; depois, quando já estavam cansadas e doentes eles as matavam e elas serviam de alimento aos outros cães. Mas não era culpa dos filhotes, pensou Patty, e se ela não comprasse um, só Deus sabia o que ia acontecer com ele. Então, ela foi até o balcão.

– Gostaria de comprar um cachorrinho – pediu à vendedora.

– Tem preferência por alguma raça?

– Acho que quero aquele listradinho ali. De olhos grandes.

– É uma buldogue francesa – explicou a mocinha, abrindo a parte traseira da caixa de plexiglas tirando o cachorrinho irrequieto. – Na verdade, é da Rússia. Mas a raça é muito rara. São difíceis de se achar. Nós só conseguimos essa porque a cor dela é assim meio diferente.

– Ah, para mim a cor não importa – disse Patty, pegando o cachorrinho no colo.

Alguns minutos depois, saiu da loja com uma coleira e uma correia, e a pequena Triscuit em um transporte de cachorro de laterais acolchoadas. Quando chegou na esquina, incapaz de se conter por mais tempo, curvou-se para tirar Triscuit do transporte. Ela pulou para fora como um míssil, dando uma dentada caprichada no nariz de Patty. Patty riu – os dentinhos do filhote eram minúsculos e não terrivelmente aguçados – e, ao fazer isso, ouviu a voz de uma moça perguntar:

– Você é a Patty Wilcox, não é?

Ela ergueu a cabeça, e a princípio pensou que devia ter conhecido aquelas duas jovens, de cujos nomes não conseguiu lembrar-se, em alguma festa. Tinha algo familiar na morena, e então Patty lembrou-se, chocada, que era a mesma que estava olhando-a fixamente no tal torneio de beisebol, em julho, nos Hamptons. Foi então que percebeu que eram elas que estavam perto do seu prédio quando ela saiu, e que portanto deviam tê-la seguido. Mas por quê?

– Você é mesmo a Patty Wilcox – disse a outra. Ela era mais corpulenta que a morena, mais alta, com cabelos ruivos obviamente tingidos. A mais baixa e morena, segundo Patty pôde observar, era até bonita, e num instante Patty entendeu que eram aquele tipo de garota que vem do Brooklyn ou de New Jersey, e que inevitavelmente atravessa o rio até Manhattan para ver se consegue se dar bem. A morena, cujos seios estavam empinados e sobressaíam de uma blusinha florida meio transparente (dava para ver o sutiã de renda por baixo dela) obviamente planejava usar sua aparência para ver até onde podia chegar.

– Desculpem – disse Patty – mas acho que não conheço vocês.

– Não. Mas nós conhecemos você – disse a ruiva. Parecia estar por cima da carne seca, ao passo que a outra tinha uma cara de quem achava que Patty estava em um nível inferior ao dela. – Nosso papo é sobre o Digger.

Ah, bom, pensou Patty, com algum alívio. Deviam ser fãs, então. Duas fãs ligeiramente piradas que descobriram onde moramos e queriam conhecer o Digger. Acontecia, de vez em quando, e o melhor era ser tão gentil e amistosa quanto possível e depois se mandar bem depressinha.

– Se querem falar com o Digger, devem entrar em contato com a gravadora dele. Peçam para falar com alguém da publicidade...

As duas se entreolharam. Algo de sinistro no comportamento delas deixou Patty com a pulga atrás da orelha, e ela subitamente sentiu medo.

– Não queremos saber de publicidade – observou a morena.

– Mas você sabe que vai haver publicidade de qualquer jeito – disse a ruiva. – A Star já telefonou...

– Vocês vão me desculpar – disse Patty –, mas eu tenho um compromisso. Preciso ir... – O

filhotinho se contorcia em seus braços, e com aquela sua barriguinha gorda e perninhas curtas era tão escorregadio quanto uma pequena foca.

A ruiva deu um passo na direção de Patty.

– Achamos que vai querer escutar o que temos a dizer. A Marielle aqui tirou o dia de folga no trabalho hoje.

– Desculpem-me – insistiu Patty –, mas não posso ajudá-las.

– Ah, mas não queremos sua ajuda mesmo – explicou a garota chamada Marielle.

– Marielle vai ser uma estrela de primeira grandeza. Feito a J. Lo – disse a ruiva.

– Eu só estou tentando agir corretamente. Sandy e eu já conversamos, e achamos que o melhor seria lhe contar antes de dizer a qualquer outra pessoa – observou Marielle.

– Contar-me o quê? – gritou Patty.

– É melhor ir se acostumando à idéia de que vai ter que dividir seu maridinho – respondeu Sandy.

– A Marielle está esperando um filho dele.

– Já conversou com sua irmã ultimamente? – perguntou Selden, na maior naturalidade, como quem só queria puxar conversa.

– Ela não atende o telefone – disse Janey. – Talvez tenha ido para a Europa, encontrar-se com o Digger.

Era uma noite de quinta-feira, a noite da premiação do Humanitarian Awards for Fashion. Janey estava no quarto, diante da pequena penteadeira, sendo maquiada por uma linda mocinha oriental, enquanto uma estilista estendia três vestidos na cama. Em meio a essa pequena comoção, os olhos de Janey apertaram-se para Selden, afetuosamente; ela gostava da nova sensação de se preparar para uma noite grandiosa ao lado do marido.

– Acho que logo vai ter notícias dela – disse Selden, procurando envergonhado nas gavetas uma gravata-borboleta preta. Sentia-se meio sem graça de ter que se vestir no meio de tantos preparativos femininos.

– Ah, Barbara – disse Janey à estilista. – Acho que vou usar o Luca Luca azul com a estola de pele. Preto não dá mais, não é? Já decidi que é cor para secretárias que não têm dinheiro, porque preto combina com tudo que seja preto. Ao passo que, quando se usam roupas de outras cores, fica mais difícil combinar. É preciso saber de verdade o que se está fazendo com o guarda-roupa...

– Sabe que você tem razão? – disse a maquiadora.

– Achava que preto não fosse uma cor – disse Selden. Abaixou-se para dar um beijo na esposa, mas ela virou a cabeça para o outro lado e o beijo acabou nos cabelos.

– Meu bem, por favor – disse ela. – Minha maquiagem...

– Isso significa que não vou poder te beijar a noite inteira? – perguntou ele.

– Não – respondeu a maquiadora, bruscamente. – Não vai.

– Meu marido ainda não entende bem o que significa sair em Nova York – explicou Janey.

Selden achou melhor ir para a sala de estar preparar um drinque.

Pôs três pedras de gelo em um copo e serviu-se de um dedo e meio de vodka. Não sabia se podia aturar mais uma dessas noites – e olha que era apenas quinta-feira. Contou nos dedos: era a oitava festa a que tinham comparecido naquela semana, embora Janey houvesse lhe dito que esta seria uma noite tranqüila, porque era a única festa à qual seriam obrigados a ir. E não estava

cansado só das festas, mas dos preparativos intermináveis – horas de penteados e maquiagem, idas e vindas aos estúdios dos figurinistas para pedir vestidos emprestados, gente ligando para combinar o transporte, mensageiros entrando e saindo. Era como se o objetivo não passasse, na maior parte das vezes, de uma foto do New York Post de domingo, ou na coluna social da revista *Vogue*. Selden não era capaz de enxergar a finalidade de tudo isso, mas não queria ser desmancha-prazeres. Quando Janey frequentava os lugares badalados da cidade, havia nela um brilho que não tinha na Toscana. Vindas do outro quarto, ele ouvia aquelas agradáveis gargalhadas escandalosas dela...

– Seu marido é adorável – ouviu a estilista dizer, seguida logo depois pela resposta de Janey:

– Não é mesmo? Arranjei um especial, não foi?

Ele suspirou. Desde que haviam voltado da lua-de-mel, ela vinha atacando Nova York com o apetite de uma alpinista que resolveu atingir o pico mais alto, enquanto ele, pelo jeito, não passava de um guia com faixa de cetim na cintura e gravata-borboleta. Mas dizia a si mesmo que não podia durar muito; ela se cansaria de todas aquelas noitadas e acabaria assentando a cabeça, engravidando, eles teriam filhos. Tinham combinado de comprar um apartamento dentro em breve na Park Avenue ou na Quinta, mas ele estava começando a achar que talvez fosse melhor esperar e comprar uma casa nos bairros residenciais mais distantes, em Greenwich ou Katonah – afinal, ele não precisava morar na cidade, e, além disso, não dava para imaginar como iam criar os filhos ali...

No momento seguinte, porém, seus pensamentos foram interrompidos pelo triunfante: “Que tal” da Janey, e ele se virou para vê-la resplandecente em um vestido simples, tomara-que-caia. Sua pele ainda mantinha uma cor dourada do verão, e o azul do vestido realçava o azul dos olhos dela, de forma que eles pareciam saltar do rosto da moça como safiras cintilantes. Seus cabelos estavam parcialmente soltos, longos cachos pendendo na nuca em um estilo anos 1970 – o que, segundo Selden lembrou, Janey lhe dissera que estava na moda outra vez. E de repente, ele perdoou tudo.

– Você está absolutamente linda – murmurou ele, subitamente satisfeito por sair ao lado dela. Lembrou-se, por outro lado, do que ele era e o lugar que ocupava no mundo; era um homem extremamente bem-sucedido, com uma esposa deslumbrante – era o que todo homem queria ser, e tinha tudo que sempre havia imaginado que gostaria de ter.

No elevador, enquanto desciam até a portaria, ele pegou a mão de Janey e apertou o corpo contra o dela, dessa vez com cuidado para não lhe borrar a maquiagem. Mesmo assim, sentiu que ela estava tensa.

– Você está belíssima – disse outra vez.

– Ai, querido – suspirou ela. – Obrigada. – Havia um espelho no elevador, e ela mirou-se de relance nele, arqueando uma sobrancelha. Depois levou a mão ao pescoço. – Só acho que está faltando um colar – disse ela.

– Não precisa de colar nenhum – sussurrou ele, querendo dizer que era linda mesmo sem jóias.

– Ah, mas eu preciso sim – disse ela, deliberadamente ignorando o elogio. – Podia ter pedido um emprestado na Harry Winston, mas eles costumam mandar um segurança para vigiar a jóia, e achei que você não ia gostar muito disso.

– E não ia mesmo – riu ele. – Já chega dividir sua atenção com o resto da cidade de nova York.. Por um breve segundo, ele achou que ela ia revirar os olhos, mas aí o elevador se abriu, e ela se

tornou a esposa sorridente e carinhosa, pegando-lhe a mão enquanto seguiam para a limusine que os aguardava. Quando ela se sentou no banco traseiro, disse:

– Andei pensando que devia contratar uma assistente. Barbara ficou boba de ver que não tenho uma. Diz que todo mundo tem assistente, e eu sei que a Mimi tem também...

– Quem é Barbara? – indagou ele.

– Selden! É a estilista. Trabalha com todo mundo, veste todos os artistas de cinema, quando eles vêm aqui...

– E quanto custaria isso? – perguntou ele.

– Ah, sei lá – disse ela, encolhendo os ombros, como se dinheiro não fosse problema. – Uns duzentos por dia.

Duzentos dólares por dia! pensou ele. Eram 4.000 por mês – quase tanto quanto sua secretária ganhava na firma. Naturalmente ele queria que ela tivesse tudo que queria, e o problema não era o dinheiro em si, mas na educação de classe média, que lhe dizia que, como ela trabalhava – e se tratava de assunto de trabalho – ela devia pagar a assistente do bolso dela.

Ele já havia descoberto que a esposa tinha aversão a gastar seu próprio dinheiro, mas mesmo assim arriscou:

– Claro que pode fazer o que quiser com seu próprio dinheiro...

– Mas achei que ela podia trabalhar para nós dois – disse Janey, virando-se para ele, surpresa. – Podia fazer todo tipo de coisa, como por exemplo levar suas camisas para a lavanderia para serem lavadas a seco... Precisa de camisas limpas, não?

Ele sempre havia cuidado de suas próprias camisas, mas de repente se deixou emocionar pelas preocupações da esposa em relação a ele. Pegando-lhe a mão e acariciando-lhe a palma, disse: – Se é assim, podemos conversar sobre o assunto depois.

Mas em um segundo, ela já parecia ter esquecido tudo sobre a conversa, e puxando a mão de volta, começou a retocar rapidamente o batom, já que haviam chegado ao seu destino.

Uma hora depois, Selden Rose encontrava-se sentado, com os olhos vidrados, diante de uma travessa cheia de algum tipo de peixe, seu tédio começando a transformar-se em irritação. À sua direita estava Janna Glancy, editora-chefe da *Vogue*. Depois de trocarem alguns comentários rápidos, tinha ficado bem claro que nada tinham em comum, e a Srta. Glancy, de óculos escuros, dera as costas a ele e agora estava conversando animadamente com o homem à sua direita, um famoso *designer* de calçados. Enquanto isso, ele havia descoberto que a jovem à sua esquerda literalmente não sabia falar – pelo menos em inglês – e do que conseguira deduzir das poucas palavras em espanhol que reconheceu com o que sabia dos tempos de escola, tinha acabado de chegar de alguma fazenda do Brasil para ser modelo na campanha da Victoria's Secret. Duas cadeiras além, encontrava-se Mauve Binchely, que ele pelo menos conhecia um pouco e certamente sabia falar inglês, mas a disposição dos convidados na imensa mesa redonda tornava quase impossível às pessoas conversarem se não estivessem sentadas lado a lado.

E portanto, ele ficou só tomando água gelada, fingindo estar apreciando o ambiente. O “salão” era na verdade um espaço amplo e cavernoso na rua 42 leste em frente à estação Grand Central, que Selden achava que devia ter sido um banco no passado. Estava cheio de mesas redondas com dez cadeiras cada, e até que haviam se esforçado para enfeitá-lo: toalhas com estampado imitando pele de leopardo, com vasos no centro, contendo flores pretas e brancas. Os homens

estavam de gravata-borboleta, e as mulheres usavam vestidos maravilhosos – com o fim expresso de superarem-se umas às outras. Apesar de todo aquele glamour, a noite se arrastava e tudo lhe parecia cada vez mais cansativo, como se os convidados, na esperança de que acontecesse algo diferente, mais uma vez se lembrassem de terem comparecido a festinhas como aquela e que, no fim, nada mudava.

A exceção, pensava ele, era sua mulher. Observando-a do outro lado da mesa, maravilhava-se diante do fato de que, à medida que a noite evoluía, ela parecia ficar cada vez mais animada. Seu rosto brilhava de prazer e seu sorriso era quente e claramente convidativo: um desfile de gente bonita parava perto dela para dar-lhe parabéns pelo recente casamento – e então ela gesticulava e acenava para Selden. E agora, empurrando o peixe no prato sem animação nenhuma, ele se obrigava a lembrar que, embora soubesse que Janey gostava de “frequentar”, estava começando a entender o que isso realmente significava. E certamente não tinha esperado uma reação dessas quando eles chegaram e andaram pelo tapete vermelho...

Ele já havia frequentado eventos em Hollywood, mas como nunca fora alvo de fotos, não tinha prestado muita atenção. Mas assim que a limusine deles parou diante da tenda, foram abordados pela inevitável mocinha de preto, que explicou que era sua acompanhante da noite, e que “tomaria conta” deles, gritando depois no microfone do fone de ouvido que Janey Wilcox tinha chegado. Em um segundo, viram-se quase afogados pelo ofuscante mar de flashes. Os fotógrafos gritavam o nome dela, pedindo-lhe para olhar para a esquerda, para a direita, para dar um passo à frente ou para trás, e por um segundo ele pensou: Espera só um pouquinho. Não era bem isso que eu queria... se quisesse isso, teria se casado com uma estrela de cinema.

Mas ela estava segurando a mão dele, e chegando perto para que ele a beijasse – sua maquiagem não parecia problema quando ela se encontrava diante dos paparazzi. Depois eles lhe pediram fotos só dela, e por um momento ele ficou parado ali sozinho, sentindo-se inútil. Só que, graças a Deus, a jovem de preto o salvou e o levou para longe dali.

Mas Janey não havia terminado ainda, e as fotos e entrevistas continuaram pelo menos durante mais vinte minutos. Só que, quando ele pensou que Janey tinha finalmente sido liberada, que podiam tomar um drink e conversar um pouquinho, eles foram levados para uma área VIP, onde mais fotógrafos pediram para tirar fotos de Janey. E mais uma vez ele ficou sentindo-se redundante ali.

E então foram levados até sua mesa. O que não foi fácil, por causa da multidão, cujos componentes Janey parecia “conhecer” de uma forma ou de outra. Eram como um bando de crianças que haviam acabado de voltar à escola depois das férias de verão.

– Ei Janey! Como passou o verão?

– Foi fabuloso, meu amor. Eu me casei.

– Janey, querida! Adorei seu vestido!

– Obrigada, querida. É Luca Luca. Meu novo italiano predileto.

– Meu bem, vamos nos sentar, por favor – pediu ele a certa altura, tentando afastá-la de um homem baixo, vivaz e efeminado.

– Não vá se esquentar com isso – disse ela. – Ninguém se senta até o último minuto, mesmo. E o Oliver está me falando da viagem dele a Capri, que era onde nós devíamos ter passado nossa lua-de-mel...

E daí por diante.

Aparentemente, eles estavam em uma das melhores mesas, embora não estivesse claro para Selden o que levava esta mesa a ser melhor que as outras, – a menos que fosse devido à presença de Comstock Dibble, que era um dos homenageados da noite. Janey tinha ficado surpresa, e, segundo ele achava, secretamente feliz, por descobrir que seu lugar era ao lado de Comstock Selden simplesmente ficou chateado.

– Vamos trocar os nomes de lugar – sugeriu.

– Selden! Não dá. Sabe que os maridos e mulheres não podem se sentar lado a lado. Além disso, alguém sempre nota quando a gente troca os lugares e depois acaba na Página Seis. – E aí ela havia sorrido e permitido que ele lhe desse um levíssimo beijo nos lábios.

Comstock e Mauve chegaram à mesa logo antes do primeiro prato ser servido. Comstock estava animado e loquaz, como um homem que tinha acabado de chegar do frio e sabe que tem bom uísque e um charuto cubano à sua espera. Aquela era sua praia, e ele sabia disso.

– Mas que chateação, esse jantares, não, Rose? – perguntou ele, como se ele e Selden fossem velhos amigos.

– Você tem toda a razão.

– Espera só até a Dona Maria te arrastar para três em uma só noite.

– Acho que a Dona Maria tem coisas melhores a fazer.

Comstock nada respondeu, só levantou as sobrancelhas em uma expressão que implicava que Selden tinha muito a aprender. Depois, avistando alguém que conhecia atrás de Selden, tratou de ir dando o fora.

O fato era que, segundo Selden pensava, empurrando o peixe para o prato, o que Comstock Dibble fazia, pensava ou diria não teria a menor importância para ele, se Comstock não estivesse sentado ao lado de Janey.

Desde o momento em que se sentaram lado a lado, Selden tinha a nítida impressão de que Comstock estava tentando jogar charme para cima dela. Se não soubesse que era impossível, teria até pensado que eles já haviam tido um caso. Havia uma familiaridade inconfundível na forma como Comstock inclinava a cabeça para ela e falava pelo canto da boca, e do jeito ligeiramente malicioso com que ela recebia os comentários dele, como se já os tivesse ouvido antes. Mas todos sabiam qual era a reputação do Comstock com as mulheres – o impressionante era que, apesar da feiúra, ele conseguia atrair a atenção de qualquer mulher...

Do outro lado da mesa, Comstock Dibble chegou perto de Janey e disse:

– Seu marido não tira os olhos de nós. Acho que está com ciúmes.

– Ciúmes! Ai, Comstock, não seja ridículo. Ele está loucamente apaixonado por mim, só isso.

– Mas você está loucamente apaixonada por ele?

– Claro que estou – disse Janey, terminando sua terceira taça de champanhe. Já tinha bebido demais, mas não se sentia embriagada. – Você é mesmo um canalha, hein, Comstock?

– Sabe que sou canalha, mas você também é. Talvez pudéssemos ser canalhas juntos outra vez.

Janey soltou uma gargalhada.

– O que a Mauve ia pensar?

– Mauve não ia saber.

– Eu não faço mais essas coisas. Agora sou casada, lembra?

– Não faz mais agora, mas depois vai voltar a fazer, quer apostar? – disse Comstock.

Janey sabia que devia ter ficado ofendida, mas não dava para se incomodar com isso. O fato é

que estava aliviada. Ele tinha sido grosseiro com ela o verão inteiro, mas pelo jeito o que o estava incomodando antes daquela noite não o incomodava hoje, e ele não mencionara as duas cartas que lhe enviara. Naturalmente, estava todo inchado, o peito estufado naquele smoking feito um pinguim, com todos falando como ele era maravilhoso, graças ao prêmio recebido da prefeitura. Mas ela também estava eufórica, e embora a lua-de-mel tivesse sido chata, sua volta triunfante fizera tudo aquilo valer a pena. Dando a Comstock um sorriso insinuante, sugeriu:

– Acho que a gente devia mesmo tentar reatar nossa amizade.

O sorriso de Comstock diante dessa sugestão foi o de um leão pronto para engolir a presa – podia-se praticamente ver a saliva pingando dos dentes dele.

– Mas claro – disse ele. – Acho que devíamos mesmo.

– Sobre que diabo você estava falando com o Comstock Dibble? – perguntou Selden na limusine, ao voltarem para casa.

Janey encolheu os ombros.

– Sobre filmes, o que mais? Estava lhe dizendo que ele devia adaptar *The Custom of the Country*, da Edith Wharton, para o cinema. Nunca fizeram isso, e ele ia abafar.

– E ele aceitou seu conselho?

– Por que não? É uma boa idéia – disse ela, apoiando a cabeça no encosto. – Achei a noite fantástica, não achou?

– Sem dúvida – disse Selden. Olhou pela janela as lojas acesas na Madison Avenue. – Não sabia que você e o Comstock eram tão amigos assim.

– Não somos – disse Janey. – Mas naturalmente, com o passar dos anos, fui conhecendo melhor a figura...

– É impressionante um homem daqueles receber um prêmio de reconhecimento como filantropo.

– Bem, ele roda muitos filmes aqui na cidade – justificou Janey, estendendo o braço para pegar a mão do marido.

– Mas isso não faz dele um filantropo.

– Selden, pelo amor de Deus – disse ela. – Todos sabem que essas coisas são teatro, falsidade.

Ninguém espera que sejam autênticas. – E, virando-se para ele com os olhos faiscando de animação, desferiu o golpe: – Se pensar bem, não é diferente dos Emmys. Todos sabemos que é tudo política.

Ele abriu a boca para protestar, mas pensou melhor. Precisava admitir que ela não estava inteiramente errada. Portanto, percorreram o resto do caminho em silêncio.

O recepcionista do hotel os saudou na portaria do Lowell.

– Sr. Rose, correspondência para o senhor – disse ele, entregando-lhe várias cartas. Selden conferiu os endereços: todas eram para Janey, encaminhadas de seu endereço antigo.

– Cartas para você – disse ele, entregando-lhe o pacote.

– Obrigada, Neil – disse Janey ao recepcionista. – Estava mesmo esperando por isso.

No elevador, ela fez questão de olhar os envelopes, lançando de vez em quando olhares rápidos ao marido com um sorriso frio que indicava que não ia tomar conhecimento do mau humor dele.

Selden já percebera que era uma artimanha dela, mas tinha o efeito de fazê-lo sentir-se como um garoto malvado que ficou de mal com a mamãe querida – e ele sabia que não seria capaz de

suportar esse gelo durante muito tempo. Quando chegaram ao apartamento, ele disse: “Vou para a cama”, mas ela só lhe lançou aquele sorriso frio e curioso, e sentando-se à escrivaninha diante da lareira, respondeu:

– Vou abrir minhas cartas. Não demoro.

Ele tirou o paletó, e jogou-o em uma cadeira, depois tirou as calças e a gravata. Foi para o banheiro e escovou os dentes, então olhou para a cama vazia e entrou na sala.

Ela havia acendido o fogo elétrico Duracell da lareira. Estava sentada, abrindo um envelope com uma espátula de prata. O brilho quente do fogo tinha convertido a cor da sua pele em um tom de cobre lustroso; seus cabelos louro-pálidos reluziam sobre suas costas. Que tolo ele era! Discutir com ela por causa de uma bobagem, pensou. Foi até perto da esposa, afastou-lhe os cabelos e beijou-lhe a nuca.

– Oi, querido – saudou ela.

– Deve achar que sou maluco – disse ele.

– Não consigo é adivinhar por que se chateia assim. Eu faço tudo que posso para fazer você ficar bem...

– Eu sei, querida – disse ele, contornando-a para se colocar diante dela. Abaixou-se e pegou a mão da mulher. – Só que não dá para suportar a forma como o Comstock Dibble olhava para você. Ficam passando pela minha cabeça umas idéias malucas, como por exemplo que talvez você já tenha ido para a cama com ele, ou quem sabe estivesse pretendendo ir. E só consigo pensar que, se você tivesse mesmo ido para a cama com ele, ou se algum dia já foi, eu nunca mais ia ser capaz de olhar para você, muito menos de ficar casado com você... – Parou de repente. – Sei que sou um cretino, meu amor. Vai ter que me perdoar.

Ele soltou uma risadinha, mas por um segundo, pensou ter visto uma expressão de culpa no rosto da esposa. Só que os cantos dos olhos dela apertaram-se, expressando uma certa indulgência.

– Comstock Dibble – disse, rapidamente em voz nervosa. – Ah, Selden, ele é a última pessoa do mundo com quem vai ter que se preocupar. Eu o acho nojento. E, francamente, me sinto até meio ofendida de você pensar que eu possa ter ido para a cama com ele. – Sua voz tinha um tom divertido e autoconfiante, mas por dentro ela estava preocupada. Se ele encarava a coisa com aquela seriedade toda, ia precisar garantir que ninguém descobrisse a verdade.

Ele a puxou para si, erguendo-a, e abraçou-a, acariciando-lhe os cabelos.

– Não dá para evitar. Sou ciumento. Vamos para a cama agora?

Ela retribuiu o beijo dele por um instante, mas depois se afastou.

– Dentro de um minuto – disse. – Eu realmente preciso ler essas cartas. Tem vários convites aqui e pode haver algum evento ao qual eu queira comparecer. – E, captando a expressão no rosto do marido, acrescentou, brincando: – Viu? Se tivéssemos uma assistente, eu não ia precisar fazer isso.

– Tem razão – disse ele, reagindo na mesma moeda. – Vou assistir ao noticiário e ver se aconteceu alguma coisa importante no mundo enquanto você planeja nossa agenda social.

– Depois me conta se explodiram alguma coisa – disse ela, alegremente, quando ele foi para o quarto.

Ela suspirou, passando as mãos nos cabelos enquanto removia os grampos que haviam mantido o penteado armado a noite inteira. Enquanto seus cabelos caíam-lhe sobre os ombros, ela ouviu uma trovoadas e o tamborilar pesado da chuva que caiu a seguir, nos telhados e na rua sendo

atraída até a janela. Provavelmente ia acabar contando o caso que tivera com Comstock a Selden, suspirou, principalmente se o Comstock continuasse enviando cartas para ela. Mas depois de perdida a oportunidade, não dava mais para contar. De qualquer maneira, certamente não reataria a amizade com Comstock, pelo menos não agora. Não gostava de mentir para o marido, mas, por outro lado, mentir para os homens costumava ser uma questão de sobrevivência. Além disso, o que Selden não sabia não podia magoá-lo...

Ao contemplar a rua distante e reluzente, seu olhar foi atraído por uma figura solitária do outro lado da calçada, curvando-se para proteger-se da chuva, enquanto tentava desesperadamente chamar um táxi. Ao olhar com mais atenção, Janey viu que era uma mocinha linda, de vestido toalete preto e sapatos de salto alto. Só que ela não podia deixar de ser linda, estando naquele bairro – provavelmente tinha saído de alguma festa chique cheia de ricos arrogantes, que trocavam lindas mocinhas como cartas de jogadores de beisebol. E de repente, Janey viajou no tempo, lembrando-se de como era alguns anos antes, quando ia a festas na esperança de conhecer algum salvador e rezava para ter dinheiro suficiente para o táxi, caso não conhecesse ninguém. E quando a moça ergueu o rosto como quem lamenta, “por que eu, meu Deus?”, a chuva escorreu-lhe pelas faces, pelos cabelos, pelas pernas e penetrou-lhe nos sapatos. Então Janey sentiu o desgosto da moça, sentiu a sensação dos sapatos se enchendo de água e se estragando para sempre; sapatos nos quais ela havia gasto os últimos 200 dólares que tinha, porque eram de grife e estavam em liquidação...

Com um suspiro de resignação, a moça dirigiu um último olhar de relance para a rua, percebendo que não ia dar para pegar um táxi, e que teria que ir a pé para casa. Janey quis abrir a janela e gritar: “Vem para cá! Está quentinho e seco aqui!”, mas era uma idéia ridícula, principalmente porque o marido esperava impaciente por ela no quarto ao lado. E se ela insistisse em convidar a mocinha para subir, Selden poderia presumir que era uma sugestão para um *mégane à trois*, e por tudo que ela já sabia, a mocinha talvez até topasse em troca da chance de se abrigar da chuva. Provavelmente já tinha aprendido que sexo era um preço baixo a pagar por uma cama quentinha com lençóis limpos e um banheiro sem baratas...

Janey encostou a cabeça na vidraça, olhando a moça descer a rua depressa, a cabeça baixa, tentando se proteger da chuva. Provavelmente já estava se arrependendo da noite, pensou Janey. As moças bonitas eram uma categoria em si mesma, refletiu, às vezes era melhor não ser uma delas. Sempre diziam às moças bonitas que sua aparência as tornaria especiais, que beleza significava que algo maravilhoso as aguardava logo ali na esquina, mas essa maravilha toda, para começo de conversa, costumava não passar de um par de sapatos caríssimos encharcados. Relutante, ela se afastou da janela, sabendo que no fundo ela era aquela moça. A única diferença entre elas é que agora Janey era um sucesso e havia se casado com um produtor de filmes rico... Bom, supostamente ela havia pago por isso, pensou Janey, distraidamente, sentando-se outra vez à escrivaninha e selecionando uma carta no meio da pilha. Quando viu no remetente o emblema em relevo da “Parador Pictures”, seus pensamentos deram meia-volta. Com um pânico cada vez maior, virou a carta e constatou que não havia selo; e que estava endereçada a ela no Hotel Lowell, o que significava que possivelmente havia sido entregue por um portador naquela tarde mesmo.

Com a mão trêmula, abriu o envelope com a espátula e desdobrou a carta.

Era igualzinha às anteriores, só que esta era oficial, assinada pelos advogados do Comstock, que

exigiam que ela devolvesse os 30.000 dólares que ele havia lhe pago por um roteiro que ela supostamente jamais tinha entregue. Sentiu-se chocada e enraivecida, e só conseguiu pensar: “Mas que ousadia a dele!” Ele lhe devia esse dinheiro depois de todas aquelas trepadas com ela. Então era por isso que estava sendo tão amigável a noite inteira – na verdade achava que podia seduzi-la para fazer o que ele queria, certo de que ela não teria coragem de se opor a ele...

– Está ficando muito solitário o quarto – disse Selden, chegando por trás dela, Janey sobressaltou-se. Depois virou-se para ele, tentando recompor-se.

– O que foi? – perguntou ele. – Parece que alguma coisa te mordeu.

– Não foi nada – respondeu ela, dando uma leve risadinha. Por um momento, hesitou. Será que devia contar a Selden sobre a carta? Se fizesse isso, teria que lhe contar tudo sobre seu relacionamento com Comstock Dibble, e não dava para fazer isso, pelo menos não naquele momento... – É só uma carta de alguma instituição beneficente – mentiu. – Pedindo para eu ser a presidente do comitê deles... se eu puder doar dez mil dólares. Francamente – prosseguiu ela. – Dá para imaginar uma coisa dessas? Já não chega quererem usar meu nome, ainda querem dinheiro?... Como se eu tivesse dez mil dólares para ir doando assim...

– Só isso? – perguntou Selden, dirigindo-lhe um sorriso indulgente.

– Bobagem, não é? – disse ela, amassando a carta e jogando-a no fogo.

– SÓ ISSO? – perguntou a funcionária da caixa.

Ela era imensamente gorda. Olhinhos minúsculos espreitavam Janey, desconfiados, como se fazendo esforço para ver através da adiposidade que os engolfava. Uma enorme pelanca, do tamanho de um remo, pendia do braço dela.

– Só – disse Janey, empurrando a revista para a outra.

Janey olhou em torno de si, disfarçadamente. Caramba, que loja mais suja, aquela. Cheia de gente de cara comprida, também. Havia apenas dois caixas, atendendo os clientes sem a menor pressa, e pelo menos vinte pessoas aguardavam para pagar suas compras, mas o esquisito mesmo era que as pessoas na fila não estavam reclamando. Nem pareciam impacientes, como se estivessem abatidas demais para protestarem e tivessem se conformado com o fato de que uma boa parte da vida delas se resumia a esperar para comprar um chocolate e uma garrafa plástica de dois litros de refrigerante.

– Um dólar e 39 centavos – disse a caixa, olhando de relance para o outro lado.

– Como? – perguntou Janey.

– Um dólar e 39 – repetiu a caixa, olhando-a como se ela fosse retardada.

Janey revirou a bolsa, nervosa, à procura de trocados. Mas o que é que custava um dólar e 39 centavos hoje em dia? pensou. Uma quantia tão pequena e inconveniente, que era melhor levar a revista de graça. Foi aí que a caixa realmente a encarou, o rosto radiante ao reconhecê-la.

– Espera aí – disse. – Eu não te conheço de algum lugar?

Janey ficou petrificada. Não fazia idéia de como responder a essa pergunta. Será que devia dizer “não” de um jeito bem esnobe e sair correndo, ou devia explicar que era Janey Wilcox, modelo da Victoria’s Secret, e que provavelmente a moça a vira na tevê?

– Ah, já sei – disse a caixa. – Você é aquela modelo das calcinhas e sutiãs.

Janey estendeu a mão para pegar a revista.

– Sou – disse ela, confirmando com a cabeça e dando um sorriso forçado.

– Ei, Washington – berrou a caixa, para a funcionária à sua direita. – Essa aqui é a modelo da Victoria’s Secret.

– Ah, é? – A outra caixa olhou Janey de cima a baixo. – Por que é que eles não usam gordas como modelos? Eu sou um tesão.

– Piranhuda branca mais magricela – ouviu um dos clientes resmungar baixinho.

Ela sentiu que enrubescia, mas procurou não responder ao insulto. Saiu correndo e emergiu da drogaria Duane Reade na Segunda Avenida, trêmula e ofegante.

Mas que diabo estava acontecendo nesse mundo? pensou ela, olhando em torno à procura do carro de aluguel. Quem eram aquelas pessoas? Será que estavam tão perdidas que achavam que ser magro era ruim? E ela nem era tão magricela assim! Qualquer dia provavelmente ia precisar fazer uma lipoaspiração... Viu o carro alguns metros rua acima e correu para ele, abrindo a porta e jogando-se no reconfortante interior de couro preto.

O motorista, um indiano chamado Rashneesh, olhou para ela pelo retrovisor.

– Para onde agora, senhorita?

– Para o Four Seasons – respondeu ela, ofegante. – O restaurante. Na rua 52 leste. Não o hotel.

Com o coração ainda aos pulos em relação à hostilidade gratuita de ser chamada de piranha branca magricela, pegou a revista e começou a abanar-se com ela. Mas o que ela teria feito para merecer uma agressão assim tão arbitrária? O mundo estava assim hoje em dia, cheio de gente rancorosa, invejosa, que sentia que merecia mais alguma coisa, simplesmente porque tinha nascido – e por que todos eles pareciam querer ser modelos de lingerie?

E agora essa ! pensou, abrindo a revista. A palavra “STAR” estava impressa em letras brancas enormes no alto da capa; sob ela, uma foto de Gwyneth Paltrow, meio tristonha. “O sofrimento de Gwyneth na Entrega do Oscar” era a legenda. E lá no alto, acima de Gwyneth, via-se uma foto minúscula de Digger, suado e com um guitarra na mão, e o seguinte título: “Roqueiro Escondia o Filho Bastardo”.

Ela não queria, mas precisava ler o artigo. Apenas duas horas atrás, enquanto ela terminava a sessão de fotos para o catálogo da Victoria’s Secret, Patty lhe telefonara, revelando em uma baixa e contida: “Saiu na *Star*”. Depois desligou.

– Alguém aí tem a revista *Star*? – gritou Janey.

– Por quê? – perguntou o fotógrafo.

– Minha irmã está nela – disse ela.

– Mas que fantástico! – disse o maquiador, natural da Costa Rica. – Sair na *Star* é o sonho da minha vida...

– Não é uma dessas revistas que fuçam os podres das pessoas? – perguntou a assistente do fotógrafo.

– Eu adoraria que alguém fuçasse os meus podres. Jam encontrar tanta coisa interessante...

– Como o quê, por exemplo? Camisinhas?

– Camisinhas usadas não são interessantes – disse Janey com firmeza, como se o assunto estivesse encerrado.

Bem, a vida dela agora era essa, pensou, folheando rapidamente a revista. A irmã estava na *Star*. A matéria ocupava uma página logo no início da revista. Havia uma foto enorme do Digger bem no centro, e uma foto menor de uma garota morena metida em um vestidinho preto digno de uma adepta de sexo sado-maso. Uma foto ainda menor mostrava Patty na rua, curvada sobre um cachorrinho marrom e branco sentado na calçada. Os cabelos dela estavam desgrenhados, e ela parecia ter acabado de sair da cama, o que, Janey imaginava, era mesmo o que tinha acontecido. Mas que cachorro era aquele? E então ela se lembrou que, em algum ponto no meio de toda aquela zorra, Patty havia comprado um cachorrinho. Começou a ler:

A tentadora cantora Marielle Dubrosey passou uma noite de amor com Digger... e agora vai ter um bebê!

Em plena ascensão artística, a bela de 22 anos conheceu Digger nos bastidores de um concerto em Minneapolis, e os dois acabaram passando a noite juntos.

“Assim que Digger pôs os olhos em Marielle, dava para ver faíscas voando entre os dois”, revelou uma amiga de Marielle à *Star*. “Ele não conseguia tirar as mãos dela. Beijava-a e apalpava-lhe os seios o tempo todo”.

Bom, pensou Janey. Isso parecia mesmo coisa do Digger. Ele também não conseguia parar de apalpar a Patty.

Digger levou Marielle para o quarto, onde passaram a noite fazendo amor apaixonadamente... Só às quatro da tarde seguinte é tornaram a ver os dois.

E agora a belíssima Marielle está grávida dele!

O problema é que Digger já é casado – com a ex-produtora da VH1, Patty Wilcox, de 28 anos. Patty é a beleza escultural [Mas, que exagero, pensou Janey] que conquistou o coração de Digger há dois anos, quando se conheceram durante a produção de um programa na VH1.

“Patty e Digger se amam de verdade”, disse uma fonte não identificada. “Patty não vai desistir dele assim tão fácil.”

“Não me importo”, diz Marielle, que planejava ter o bebê em maio. “Não quero magoar a esposa dele, mas Digger é um homem maravilhoso e um amante fantástico. É talentoso e gentil. A noite que passei com ele será sempre inesquecível!”

Janey jogou a revista no banco do carro. Mas que droga de matéria! Por que o Digger tinha sido tão burro? Pegar logo uma dona que estava na cara que era uma zinha – ela provavelmente havia tramado aquilo tudo. Tinha armado uma arapuca e Digger caíra feito um carneirinho. Agora ia ter que pagar por isso. Só que não era Digger que estava pagando, era a Patty. Ele tinha acabado com a vida da Patty... ela jamais ia se recuperar de um golpe desses.

Então viu a mão, sinuosa, voltar a pegar a revista. A mão parecia agir por conta própria e começou a folhear a revista, voltando à reportagem.

Pediu a matéria e estudou a fotografia de Patty. Enquanto fazia isso, um terrível pensamento lhe ocorreu. Ela estava verdadeiramente sentindo um bocadinho de... *inveja*.

Mas que nojeira! Como é que podia pensar assim? Só que estava mesmo com ciúmes, reconheceu. Ela é que queria estar na *Star*. Não na situação da Patty, é claro. Mas se ela aparecesse ali em algum canto – na seção de moda, por exemplo –, isso definitivamente ajudaria na sua carreira. Todas as mulheres que apareciam nessas páginas eram atrizes e muito mais famosas, mas certamente era mais bonita, e no mínimo tão atraente quanto elas...

Releu a matéria e estudou a fotografia de Patty. Enquanto fazia isso, um terrível pensamento lhe ocorreu. Ela estava verdadeiramente sentindo um bocadinho de... *inveja*.

Recostou-se no assento, subitamente revoltada contra a injustiça da vida. Todos os dias eram uma luta só para conservar o nosso lugar no mundo. Durante os últimos dois anos, ao fotografar para a capa do catálogo da Victoria's Secret, ela havia lutado para ser um modelo de paciência, tentando ser legal com todo mundo e evitando reclamar quando as luzes estouravam ou quando o cabeleireiro não conseguia assentar aquele fio de cabelo no alto da cabeça dela, ou quando o figurinista passava horas ajeitando os enchimentos do sutiã – deliberadamente e o tempo todo lhe apalpando os seios, Janey pensava. Era tão chato ser modelo agora – isso é que ninguém entendia – e o salário que ela recebia era para ficar sentada, muito bem comportadinha... e tudo por quê? Uma foto que as pessoas veriam e sobre a qual comentariam: “Branca piranhuda mais magricela, Branca piranhuda mais magricela...”

O carro passou devagar pela estrada do Four Seasons, que se encontrava bloqueada por vários automóveis pretos com divisória para o passageiro, como o dela. Olhando para cima, ela gritou para o motorista: “Pode parar aqui!”

– Mas, moça – disse ele, virando-se para ela. – Não dá para eu parar no meio da rua. A

prefeitura inventou essas leis novas. Se eu parar aqui levo uma multa de 400 dólares!

– Não estou nem aí – respondeu Janey. Meu Deus do céu, ultimamente, toda vez que a gente entra num carro de aluguel ou num táxi, os motoristas reclamam de alguma nova multa em potencial que a prefeitura estava querendo impingir a eles, como se fosse culpa dela. – Não quero ter que andar tudo de volta – disse ela. Abriu a porta e saltou, mas não antes de pedir ao motorista para aguardar. – E veja se pára na frente do restaurante quando eu voltar – disse, batendo a porta com força.

Ela passou pela porta giratória do restaurante com toda a classe, e lá dentro encontrou uma senhora muito gentil que lhe pediu para tirar o casaco, muito embora ela não estivesse de casaco. E de repente ela se lembrou como era terrível tratar mal os serviços, e ficou feliz por Mimi não estar ali para ver o que ela havia feito. Mesmo assim, considerando-se as circunstâncias do seu dia, aquilo fez com que ela se sentisse muito melhor.

Patty estava sentada sozinha no meio de um enorme sofá de couro marrom. Seus cabelos estavam envoltos em um lenço amarelo tipo bandana, bem ao estilo cantor de rap – Janey ficou surpresa por deixarem-na entrar no Four Seasons daquele jeito – e até do outro da sala deu para ver que ela tinha emagrecido. Mais de uma semana havia se passado desde que a tal Marielle abordara Patty na rua, mas durante os primeiros cinco dias, ela não havia contado a ninguém, nem mesmo a Digger. Em vez disso, tinha se trancado no apartamento, recusando-se a atender o telefone e a porta.

Depois de dois dias suplicando pelo telefone (ele estava em uma turnê pela Europa com o conjunto dele), Digger finalmente conseguira que o senhorio do edifício destrancasse a porta e procurasse Patty; supostamente ele havia encontrado a moça na cama com jujubinhas em formato de ursinhos grudadas no cabelo, como se isso fosse tudo que ela tinha para comer em casa. (“Patty, pelo amor de Deus, jujubinhas de ursinho?”, reclamou Janey). E Patty respondeu que eram o alimento predileto do Digger...

Mimi fizera a bondade de acompanhar Janey até o apartamento de Patty três dias antes, depois de Janey ter recebido um telefonema da mãe que por sua vez recebera um telefonema do Digger (por que o Digger não podia simplesmente ter ligado para ela ele mesmo? pensou Janey; provavelmente porque Digger sabia que Patty ia soltar os cachorros em cima dele), dizendo à mãe que Patty estava “chateada” com “alguma coisa”, e que alguém devia dar uma olhada para ver como ela estava. Como se encontrava em Amsterdã, nada podia fazer, mas já tinha cancelado uns espetáculos para poder voltar a Nova York no dia seguinte.

– Ele parecia estar doído? – perguntou Janey à mãe.

E a mãe, francesa de nacionalidade, que gostava de fingir que era uma madame requintada, respondeu:

– Como assim, “doído”? Não sei o que é “doído”.

– Se ele estivesse sob o efeito da maconha, mãe, talvez estivesse inventando tudo isso – suspirou Janey.

Mas pelo jeito não estava.

Janey e Mimi tinham ido ao apartamento da Janey, e conseguido extrair uma história muito deturpada da traição de Digger. Então Mimi havia dado a Patty um sedativo e deixado um punhado de pilulas de Xanax para ela tomar quando acordasse.

– Ela podia ter morrido – disse Janey, de cara fechada.

– Eu sei – respondeu Mimi.

Agora Janey debruçava-se sobre a mesa para beijar a irmã.

– Oi, meu bem – disse ela, bem animada. – Como está passando?

– Bem – respondeu Patty, em voz resignada.

– Está tomando os comprimidos? – indagou Janey. – Não tome mais do que três por dia...

– Não vou tomar, pode ficar sossegada – respondeu Patty. – Por que está assim toda maquiada?

– Tive uma sessão fotográfica hoje – respondeu Janey, como se falasse com uma criancinha. –

Da Victoria's Secret.

– E como foi? – perguntou Patty.

– Imagina... – suspirou Janey. – Uma chatice.

Patty deu um sorriso leviníssimo.

– Agora, Patty meu amor – continuou Janey –, espero que não se importe, mas Mimi vem almoçar com a gente.

– Não me importo – disse Patty. – Não me importo com mais nada.

– Ótimo – aprovou Janey, desdobrando o guardanapo e colocando-o no colo. – A Mimi sabe lidar com esses escândalos, entende? Tem muita experiência nisso. Já publicaram matérias sobre ela na *Star* duas vezes...

– Ah, foi? – perguntou Patty. – E por quê?

– Ah, casos com artistas de cinema. Ela até já saiu na capa uma vez quando saiu com o Príncipe Charles.

– Tudo mentira – disse Mimi, sentando-se no sofá do outro lado de Patty. Debruçou-se na mesa para falar com Janey, com Patty no meio como se fosse um velho surdo, e perguntou: – Como ela está hoje?

– Melhor, eu acho – respondeu Janey.

– Já descobriram mais alguma coisa sobre o Digger?

– Ainda não.

– Ótimo, então não perdi nada.

O garçom se aproximou da mesa delas.

– Vou tomar uma taça de champanhe com caviar – disse Janey.

– Caviar? – perguntou Patty.

– Come uma porção também. Vai fazer você se sentir bem melhor – recomendou Janey.

– Traz caviar para ela – pediu Mimi ao garçom. – Aliás, traga caviar para três... Não, estou com fome. É melhor cinco porções de caviar...

– Perfeitamente, madame, cinco porções de caviar – anotou o garçom.

– E uma garrafa de Veuve Clicquot, que tal? – disse Mimi, olhando para Janey.

Janey deu de ombros. Nunca tinha sido louca por champanhe, mas Mimi era, e nos últimos três meses ela própria vinha desenvolvendo uma perdição por essa bebida. – Acho que Veuve cai muito bem durante o dia.

– Quem vai pagar a conta? – perguntou Patty.

– O Digger, meu bem – respondeu Mimi, dando-lhe palmadinhas afetuosas na mão. – É uma das primeiras coisas que precisa aprender: quando um homem trai, ele paga. E paga muito.

O garçom voltou à mesa com a garrafa de champanhe e um balde de gelo.

– Três taças? – indagou, em dúvida, olhando para Patty.

– Acho que só duas, obrigada – agradeceu Janey. – Champanhe pode ser demais para ela...

– Agora, Patty, meu amorzinho – disse Mimi –, conte-me tudo: o que ele disse?

– Ele disse que não fez nada – respondeu Patty, olhando de Janey para Mimi.

Janey e Mimi entreolharam-se.

– Claro que vai negar – disse Janey. – Mas a desculpa, qual foi?

– Disse que ela é que veio atrás dele. Teve uma festa no quarto dele, mas ele não dormiu lá. Pegou a chave do Winky – o baterista – e dormiu no quarto dele. Disse que foi o Winky que dormiu com... com...

– A piranha? – perguntou Mimi, com um aceno de cabeça. – E aposto que esse Winky confirmou a história. Mas que safado, jogando a responsabilidade em cima de outra pessoa...

– Ele diz que ela está inventando tudo isso para conseguir publicidade. Para a carreira dela – explicou Patty, olhando para Janey.

– Agora escuta aqui, minha cara – disse Janey. – Sabe o que precisa fazer, não sabe?

– Não – disse Patty. – Não sei o que fazer. Meu mundo caiu.

– Essas coisas acontecem de vez em quando – observou Mimi.

– Vai ter que largar esse cara – disse Janey.

– Não posso largar o Digger – respondeu Patty.

– Quando eles começam a trair, em geral não param – disse Mimi.

– Sabe lá quantas ele já não comeu antes dessa? – acrescentou Janey.

– Mas ele diz que não foi... – protestou Patty, debilmente.

– Ah, qual é, Patty? Claro que ele vai negar. Tenho certeza de que ele ainda te ama e percebeu que cometeu um erro daqueles. Mas a garota está grávida! Grávida! Vai ter o bebê que você é que devia ter tido – frisou Janey, recostando-se no encosto, triunfante.

– Ei, Janey, pega leve – disse Mimi, tomando um golinho de champanhe.

– Ela precisa encarar a verdade de frente – explicou Janey. – Não tem jeito.

– Mas e se o bebê não for dele? – perguntou Patty. Sob circunstâncias normais, ela teria se horrorizado diante do fato de Janey estar tocando nos seus problemas de infertilidade diante de Mimi. Mas desde que começara a tomar aquelas pílulas maravilhosas que a Mimi lhe dera, esse tipo de coisa já não a incomodava mais...

– Mesmo que não seja, você tem que se livrar dele – disse Janey. – E se ele te der esse golpe de novo? – Que um homem a maltratasse, ainda vá lá, pensava Janey, mas a irmã dela estar sofrendo assim...

Mais ou menos uma hora depois, Patty escoltou Janey e Mimi até os respectivos carros. Estavam ambas mais do que ligeiramente bêbadas, e Patty percebeu que, uma vez mais, embora fosse ela a protagonista do problema, Janey havia conseguido roubar a cena. Ela é que devia estar danada... Mas não estava. Mais uma vez, graças àquelas pilulazinhas que a Mimi tinha lhe dado... Como é que elas as chamavam? Bonecas. Aquelas bonequinhas lindas estavam deixando tudo cor-de-rosa...

– Patty, olha só – disse Janey, muito séria. – Eu vou com a Mimi no carro dela e você vai no meu.

– Posso pegar um táxi – disse Patty.

– Mas de jeito nenhum, meu amor – negou Mimi. – Ninguém pega táxi quando se pode ir de

carro com chofer.

– A Victoria’s Secret me mandou um – disse Janey. – Portanto, não se preocupe, é de graça. Ela foi até o motorista, que estava dentro do carro falando no celular.

– Será que dá para o senhor levar minha irmã para casa? – perguntou. Ele pareceu fazer cara de má vontade, e ela se lembrou do seu ataque de nervos ao chegar ao restaurante. Devia lhe dar uma gorjeta, pensou, e abrindo a carteira, ficou indecisa entre uma nota de cinco e uma de dez. No fim, resolveu que cinco seria suficiente.

O motorista olhou da nota para Janey. Sacudiu a cabeça bem de leve.

– Obrigada – disse Janey.

– Eu é que agradeço – disse ele, sarcasticamente.

– Coitadinha – comentou Mimi, quando o carro se afastou do meio-fio.

– Ela é a última pessoa com quem eu esperava que isso acontecesse – disse Janey. Sempre achei que eles estavam realmente apaixonados um pelo outro. – Sacudiu a cabeça. – Isso só vem provar que não dá para confiar em qualquer um...

– Terrível, não? – disse Mimi. – Muhammad – disse ela ao seu motorista. – Não acha que as tentações do mundo são mais fortes que o amor verdadeiro?

– Acho sim, madame – disse o motorista, confirmando. – E isso é muito, muito triste.

Mimi estendeu o braço e tocou a mão de Janey.

– De qualquer forma, estou tão feliz de ver você, querida. Sempre nos divertimos tanto, não?

– Muito – respondeu Janey.

– Será que fomos muito severas com ela? – perguntou Mimi. E então, batendo a palma da mão na boca, disse: – Quase me esqueci de te contar. Mauve está dizendo que o Comstock vai comprar um apartamento no número 795 da Park. Por dez milhões de dólares!

– Está brincando – disse Janey, com o espanto necessário.

– Mas, querida – disse Mimi, maliciosamente, mudando de assunto. – Você ainda tem aquele seu apartamento?

– O da rua 67 leste? – perguntou Janey.

– Acha que o Zizi podia morar lá?

O nome “Zizi” fez Janey estremecer ligeiramente, como o nervo de um dente que de repente dói. Mimi raramente tocava no nome de Zizi, e durante algum tempo Janey torceu para que o romance tivesse esfriado. Mas se a Mimi estava querendo encontrar um lugar para ele morar, era óbvio que isso não acontecera, e saber disso deixou os dentes de Janey cerrados. Ela ainda não conseguia entender como Zizi podia ter preferido Mimi a ela. Realmente não estava a fim de ter Zizi como inquilino do seu apartamento – simplesmente porque não queria facilitar os encontros entre ele e Mimi. Mas recusar assim de cara prejudicaria a amizade entre elas.

– Tudo bem – respondeu Janey vagamente. – Só que eu estava pensando em alugá-lo.

– Ah, mas o Zizi pode pagar – respondeu Mimi.

Depois dessa, Janey ficou sem alternativa.

– Combinado, então – concordou ela.

– Vai sair esta noite? – perguntou Mimi. Agora que já haviam tratado do assunto do apartamento, ela não queria mais ficar falando naquilo. Ainda desconfiava que Janey quisesse Zizi para si, e aquilo a magoava um pouco.

Janey revirou os olhos.

– Temos que ir a Greenwich. *Connecticut*. Para um jantar da Splatch Verner.

– Mas que... horror – disse Mimi.

– Vou ter que conhecer todas as outras esposas dos funcionários da Splatch Verner.

– Vai arrasar, querida. Todas vão se morder de inveja.

O carro parou na rua 63 com a Madison, e Janey saiu.

– Tchau, minha linda – despediu-se.

– Tchau – disse Mimi. – Telefona para mim amanhã e me conta tudo.

– Vou telefonar mesmo – disse Janey.

O carro se afastou e Janey olhou em torno de si. Estava tão civilizado ali – era realmente um alívio.

Quando entrou na rua que levava ao Hotel Lowell, passou por um bistrozinho francês chiquérrimo. Debaixo do toldo verde se encontravam alguns homens europeus atraentes, vestidos com o uniforme euro-lixo, composto de jeans, mocassins italianos e casacos esportivos caros. O proprietário Christian, homem de constituição mediana com um rosto semelhante ao de um artista de cinema, estava parado do lado de fora, fumando. Assim que viu Janey ficou radiante e ergueu os braços.

– Ah, lá vem ela! – exclamou. – Você sumiu depois que casou!

Ele pegou-lhe a mão esquerda e, com uma pantomima cômica, disse:

– Deixe-me ver a aliança! Ah, muito, mas muito bonita – elogiou, olhando-a com respeito.

– Meu marido é maravilhoso – disse ela.

– Ah, mas ele é que tem sorte – disse Christian, gesticulando com o cigarro na mão. – Nunca deve se esquecer disso!

Janey afastou-se sorridente. Era o final de setembro, mas ainda estava quente, 21 graus, uma temperatura perfeita. De alguma forma, ela conseguira se dar melhor que todos, pensou, convencida. Sua situação era certamente melhor que a da Patty, que tinha um marido galinha, e a da Mimi, cujo marido era tão asqueroso que ela precisava trepar com outra pessoa... Além disso seu marido estava profundamente apaixonado por ela, e ela não se importava de trepar com ele nem um pouco. Assim, ao entrar no saguão do Hotel Lowell, com passos confiantes, sentiu que finalmente estava pisando em terreno firme...

Só que sua ilusão de segurança foi estilhaçada quase de imediato.

– Sra. Rose – cochichou o recepcionista. – Tem um homem aqui esperando para falar com a senhora. – Pela cara do recepcionista, ela era capaz de jurar que a tal pessoa não era do tipo bem-vindo no Hotel Lowell. Virando-se, ela viu um homem com rosto deformado e cheio de caroços sentado em uma das duas poltronas de uma saleta; quando ela deu um passo na direção dele, ele se ergueu.

– Janey Wilcox? – perguntou ele. Estava de terno de poliéster bege pespontado na frente e ao longo das lapelas; Janey achou que ele havia se “vestido a rigor” para a ocasião.

Subitamente ela sentiu medo.

– Sim? – perguntou, fingindo impaciência.

– Tenho uma carta para a senhora. Precisa assinar aqui.

Ela desconfiou na hora.

– De quem é? – quis saber.

– Da Parador Pictures.

Seus olhos semicerraram-se como se ela estivesse tentando bolar um jeito de recusar a carta.

– E se eu não assinar? – perguntou.

– Pode fazer o que quiser – disse o homem. – Mas, se não assinar, vou voltar amanhã. E depois de amanhã também...

Janey olhou para trás. O recepcionista e o mensageiro observavam a conversa dos dois pelo rabo de olho; se ela fizesse um escândalo, aquilo ia virar motivo de fofoca e alguém acabaria mencionando o assunto ao Selden. Tirando a caneta da mão do homem, ela assinou rapidamente o seu nome e apanhou a carta, guardando-a na bolsa.

– Está tudo bem, Sra. Rose? – indagou o recepcionista.

– Tudo – respondeu ela, sorrindo.

Mas não estava nada bem, pensou ela, subindo no elevador e depois caminhando pelo corredor rumo à suíte. Virou a chave na fechadura e entrou no quarto como um vendaval, jogando a bolsa em uma cadeira. Depois rasgou o envelope e leu rapidamente a carta. Era exatamente igual às outras, exigindo que ela pagasse 30.000 dólares à Parador Pictures... Como é que Comstock tinha coragem de exigir dinheiro dela? Principalmente quando ia torrar 10 milhões em um apartamento...

A rigor, ela podia pagar, porque tinha dinheiro na poupança. Mas era tudo que ela possuía no mundo, e ela tinha aberto aquela conta 15 anos antes, ao voltar daquele primeiro verão que passara “desfilando” na Europa. Desde então, havia poupado tudo que podia, pondo dinheiro de lado toda vez que recebia um cheque – pois sabia que seu futuro era incerto, que algum dia podia precisar de cada centavo daquele dinheiro para sobreviver. Não era justo que Comstock Dibble, que era rico, tirasse nem que fosse um dólar dela, e além disso, ela tinha merecido o dinheiro, não tinha? Tinha tentado escrever o tal roteiro, e Comstock havia trepado com ela à vontade... Ficou andando de um lado para o outro na sala. Precisava pensar! Precisava fazer alguma coisa... Precisa pôr um fim naquilo de vez. Mesmo que desse os 30.000 ao Comstock, não havia garantia que ele parasse – era perfeitamente capaz de imaginar alguma outra transgressão só para continuar extorquindo dinheiro dela. Se ao menos ela fosse homem, pensou. Homens como Comstock Dibble tinham seu próprio clube particular; o acordo tácito era que eles jamais se metessem com ninguém que tivesse advogados igualmente poderosos. Ela se sentou em uma cadeira diante da escrivaninha, tamborilando com os dedos no estofamento de couro. Havia momentos na vida de uma mulher em que ela não podia resolver as coisas sozinha – enfrentar Comstock Dibble sozinha seria tolice. Antigamente ela costumava usar os homens para cuidar dos problemas para ela; além disso, ela tinha um bocado de experiência na arte da manipulação; era só uma questão de encontrar o homem certo para a tarefa.

O telefone começou a tocar, mas ela o ignorou. Precisava da ajuda de um homem rico e poderoso como o Comstock, ou mais do que ele. Selden estava fora de cogitação, no momento, e Harold Vane também já havia emprestado dinheiro demais a ela antes (dinheiro que ela, a rigor, ainda “devia” a ele também), para estar disposto a ajudá-la novamente. Ia precisar se um homem que não soubesse de seu passado, que acreditasse que Comstock estava querendo se aproveitar dela. Mas isso não ia ser difícil, porque ele estava mesmo!

O problema era que os homens costumavam prestar esse tipo de favor em troca de sexo, ou da promessa de sexo. Mas isso ela não poderia oferecer agora, justo agora que estava casada. Ela

fechou seus olhos e pôs as mãos na testa. Suas mãos estavam atadas e que diferença isso faria agora?

Se Selden descobrisse – mesmo que fosse apenas sobre o dinheiro –, ele certamente faria perguntas e então poderia descobrir que ela e Comstock tiveram um caso durante todo o verão. Ela poderia ter contado a verdade a Selden quando teve a chance, mas ele tornou tudo muito difícil e agora era tarde demais. Se ela ao menos pudesse encontrar alguém que odiasse Comstock tanto quanto ela... Tirou as mãos da testa e olhou em volta em busca de inspiração. Seus olhos encontraram uma fileira de convites sobre o consolo da lareira, e, furiosa, ela se ergueu. Não dava para voltar ao passado: ir de festa em festa na esperança de conhecer “alguém”, mamar nas tetas de quem mal podia suportar, pagar boquetes para homens que fingiriam que nem a conheciam quando a vissem de novo. E ainda por cima, aquela preocupação constante com dinheiro e o medo mesquinho do que aconteceria com ela no futuro – quando sua beleza diminuísse e ela não tivesse mais nada a oferecer...

Com um grito de desespero, ela varreu os convites de cima do consolo da lareira com a mão. Um cartão branco e pesado com letras em relevo caiu a seus pés; era o convite para o Espetáculo de Inverno do Balé da Cidade de Nova York. Mimi chefiava o comitê e já pedira a Janey para sentar-se com ela e George...

George! pensou ela. E olhando os convites, jogados sobre o tapete, imediatamente sentiu vergonha, como uma criancinha que acabou de estragar seu brinquedo predileto em um acesso de fúria.

Pegando os convites um a um, ela os recolocou com cuidado sobre o consolo da lareira, e quando tudo já estava de volta ao seu lugar, ela pegou o telefone e ligou para George.

Meia hora depois, um SUV Mercedes preto parava diante de uma entrada discreta de um edifício na Park Avenue, na rua 69. O SUV tinha vidros fumê à prova de balas, uma televisão e conexão com a Internet; no ano anterior, havia substituído a limusine como veículo predileto dos magnatas. O argumento que mais pesava na hora da venda era que em uma emergência podia ser usado como escritório móvel, permitindo que o magnata fizesse negócios enquanto se afastava das massas revoltadas que exigiam comida porque as leitoras ópticas das caixas de supermercado haviam parado de funcionar – uma das previsões mais populares referentes ao Bug do Milênio: o que aconteceria com os computadores quando o relógio batesse o primeiro minuto do dia 1º de janeiro de 2000? Mas como a maioria das profecias apocalípticas, a do Bug do Milênio tinha vindo e passado sem causar maiores distúrbios, sem interrupção do fluxo de bens e serviços. Só que o SUV de luxo continuou na moda.

Esse carro em particular era de George Paxton; o motorista, Sr. Pike, era um Sikh que usava turbante. Como o outro motorista de George, Muhammad, o Sr. Pike tinha treinamento em artes marciais, mas George gostava de soltar a piadinha de que ele guardava uma espada no turbante, uma impossibilidade física, na qual a maioria das pessoas acreditava. Vestido com os tradicionais trajes indianos, uma túnica de seda bordada, faixa de cetim na cintura e calças combinando com as outras peças, o Sr. Pike saiu do carro e abriu a porta de trás. O único problema no SUV é que é impossível entrar ou sair dele de maneira graciosa, e assim, depois de um instante arrastando os pés para decidir qual a perna que sairia primeiro, George Paxton saltou do veículo.

Usando um terno de corte impecável, ele estava que era um besouro preto de tão reluzente.

Conforme ele esperava, Janey Wilcox o aguardava ao lado da portaria, com a bolsa apertada contra o peito e o comportamento apreensivo e desconfiado de uma pessoa que escondia plutônio; quando ela o viu, imediatamente abaixou o braço e jogou os cabelos sobre um dos ombros tentando afetar naturalidade.

Ela era mesmo lindíssima, pensou George.

Estendendo-lhe um braço de besouro, no fim do qual se encontrava um enorme relógio Bulgari de ouro 18 quilates, ele disse:

– Bem-vinda. Entre, deixe-me mostrar-lhe o lugar.

Apertou uma pequena campainha de ouro ao lado de uma pesada porta de madeira que parecia não ter maçaneta. Um alto de cadavérico homem vestido de casaca e calças cinzentas abriu a porta.

– Boa noite, Sr. Paxton – disse o homem, curvando-se ao cumprimentá-lo.

– Boa noite, Buswell – respondeu George, animado. – Sr. Buswell, esta é Janey Wilcox, amiga da minha patroa. Estou lhe mostrando o apartamento em segredo, portanto não conte a ninguém.

– Perfeitamente, Sr. Paxton.

Ela o seguiu de boa vontade através do minúsculo vestibulo, pintado de azul-celeste com molduras brancas em forma de concha, mas reclamou do elevador.

– George, eu... – começou. Ele estendeu uma das mãos, abrindo a porta de latão com a outra. – Vai haver muito tempo para isso – disse ele, fazendo-lhe um gesto para que entrasse. O elevador não tinha mais do que três metros quadrados, e, espremendo-se nos cantos, George disse: – O único problema com esses lugares são os elevadores. Eles os construíram quando essas máquinas eram uma invenção recente, e ninguém confiava muito nelas – um elevador costumava ser mais um luxo que uma necessidade.

O elevador subiu vagarosamente, rangendo, e ela sorriu para ele, mas George percebeu uma ponta de pânico em seus olhos. Ela provavelmente pensava que ele lhe exigiria favores sexuais, mas ele achava que, depois do seu encontro, ia acontecer justo o contrário.

– George, para onde está me levando, afinal? – indagou ela, com humor suficiente na voz para evitar que a pergunta parecesse ofensiva. E com um olhar meigo para indicar que ela nada precisava temer em relação a ele (aliás, ela nada devia temer mesmo, àquela altura), George aproximou-se dela e disse:

– É surpresa. Sei que admira coisas bonitas, e achei que gostaria de ver isso.

– Mas o que é? – gritou ela, quando o elevador parou e a porta se abriu. George saiu em um vestibulo com piso de mármore marchetado com paredes brilhantes de nogueira; a madeira antiga, por ser tão cara, quase nunca era usada como lambri.

– É um apartamento – disse ele.

– Um apartamento? – ela perguntou, olhando em torno com um misto de assombro e chateação. O imóvel estava completamente vazio, já que os antigos moradores haviam se mudado no ano anterior, mas mesmo sem mobília era impressionante. O teto em formato de rotunda tinha um pé-direito de quatro metros e tanto, pintado com nuvens e querubins e com molduras douradas. Quando Janey ergueu a cabeça, George observou como a pele do pescoço dela era lisa e jovem, e admirou o lindo perfil do esterno até o peito.

– Ah, mas não é qualquer apartamento – disse ele, levando-a para o maior dos três salões da frente. – É o maior e mais grandioso apartamento de Nova York, e o mais caro também. Dois

mil metros quadrados, trinta cômodos, 12 quartos – tudo pelo módico precinho de 30 milhões de dólares.

– George! – exclamou ela, espantada.

Ele a olhou, avaliador. Diante de tal riqueza, ela parecia ter se esquecido temporariamente do misterioso problema que a motivara a ligar para ele, suplicando que se encontrasse com ela imediatamente. – Mas você já tem um apartamento – disse, acusadoramente, como se não fosse permitido ama pessoa ter mais de um.

– Tenho mesmo – afirmou ele. – Mas é muita sorte um apartamento desses surgir no mercado e a gente ter dinheiro para comprá-lo. Eu tenho. Sabe quem morava aqui antes?

– Não – disse Janey, sacudindo a cabeça.

– Maury Finchberg. Lembra-se dele? Em meados da década de 1980, era o homem mais rico de Nova York.

– Todo mundo dizia que ele era feio demais – exclamou Janey.

– Ele realmente parecia um jabuti – disse George, sentando-se em um dos aquecedores. Estava se divertindo à vera, adorando o assombro dela enquanto girava vagarosamente no chão diante dele, mas também quando se é imensamente rico, como ele era, a pessoa passava quase o tempo todo se divertindo.

– O que vai fazer com ele? – indagou Janey.

– Vou dá-lo à Mimi como presente surpresa de Natal. – Ele se recostou, para apreciar o olhar chocado dela – e, como desconfiava que veria, inveja. Mas que mulher não sentiria inveja? – Janey – disse ele, apoiando um tornozelo sobre o outro joelho. – Já se perguntou por que um homem enriquece?

– Essa é fácil – disse ela, com o jeito zombeteiro de uma criança que pensa que lhe fizeram uma pergunta idiota. – Para obter sexo.

– É, todas as mulheres pensam isso – respondeu George, sorrindo. – mas não está dando a nós, os ricos, crédito suficiente. A verdade é que alguns de nós enriquecemos para fazer o bem.

– Ah, George, sem essa – disse ela, girando para ele e fingindo agressividade. – Qual foi o bem que você já fez na vida?

– Ai é que está! – respondeu ele. – Como a maioria das pessoas você desdenha os ricos. Muito embora seja casada, assim, por coincidência, com um deles.

– Selden nem chega aos seus pés, George – replicou ela. – Mas não acha que, depois de um certo ponto, isso deixa de ter importância? – perguntou ele.

– Mas tem, é claro – disse ela. – Selden não teria como comprar um apartamento assim.

– Eu estava pensando em doar o apartamento à cidade para que fosse transformado em escola – disse ele. – Mas infelizmente esse tipo de doação de grande porte acaba saindo pela culatra – o público não se satisfaz pensando que você é ruim porque você é rico e seus sócios passam a pensar que você perdeu o juízo. Logo antes dele ficar pobre, Maury Finchberg doou uma enorme parte de sua fortuna para reformar o Sistema metroviário ... O resultado foi que a Receita federal caiu em cima e sua empresa foi desmantelada depois que o governo a tomou dele.

Entendo – disse Janey, pensativa. Franzindo ligeiramente a testa, ela se virou e caminhou devagar até a janela, dando-lhe o privilégio de admirar seu perfil e suas formas no melhor ângulo. À janela, ela se virou, e seus olhos cintilaram para ele. Esbanjando charme. – Você não é nenhum pouco como eu pensei que fosse, George – disse baixinho.

Ele não se surpreendeu; segundo sabia, não era bom em festas nem em grandes reuniões públicas, mas sim um homem que revela seu modo de ser apenas àqueles mais íntimos dele. Mas o comentário dela lhe mostrou que, apesar de não querer, ela estava se deixando fascinar por ele - a qualquer minuto podia começar a dar em cima dele.

Ela era, pensou, um espécime lindo demais para que ele deixasse passar sem comer, e ele já havia decidido que, se tivesse oportunidade, iria a luta - embora, em respeito a Selden, não ousasse dar o primeiro passo.

A realidade era que ele provavelmente jamais precisa rio fazer isso: não havia se tornado várias vezes bilionário sem conhecer a natureza humana, conhecia até bem demais o comportamento de mulheres que se viam subitamente diante de um homem que tinha dinheiro a rodo; às vezes ele até acreditava que suas reações eram biológicas. As únicas que conseguiam resistir a um homem podre de rico eram jovens e idealistas, que ainda não sabiam o que iam enfrentar na vida; ou os tipos verdadeiramente talentosos e criativos, que possuíam algo maior que o dinheiro; ou vez por outra, uma ricaça que não precisava dele. Mas as mais desesperadas eram as assim chamadas mulheres de carreira - ou brincavam de trabalhar até encontrarem um homem rico, ou estavam mesmo trabalhando, cansadas e conscientes de todos os contras do trabalho árduo e loucas por umas férias. Em ambos os casos, os dois tipos eram os mais sexualmente vorazes - em geral lá pelo final do primeiro encontro já estavam se oferecendo no mínimo para pagar um boquete, por acreditarem, erradamente, que isso provaria a ele, de alguma forma, que gostavam dele só por ele ser quem era, e não estavam querendo tapeá-lo, ficando só na provocação. E isso, pensou ele, esfregando o rosto enquanto contemplava Janey, era exatamente o que ele apreciava em mulheres como a Mimi - ela jamais havia fingido que gostava mesmo dele como pessoa. Desde o início, tinha deixado claro que o considerava um grosseirão irremediável, e o toleraria apenas enquanto ele continuasse rico.

Janey Wilcox, porém, era de outro tipo. Onde Selden Rose via uma inocente ele pressentia uma manipuladora. Não culpava o Selden por ter se casado com ela - Selden ainda estava na lida, tentando galgar os degraus da empresa em direção a um cargo mais alto, e, como a maioria dos homens espertos, compreendia o valor de se ter a mulher certa -, só torcia para que Janey não lhe causasse nenhum sofrimento. Afinal, Selden já sofrera o bastante com sua primeira esposa. E assim, sorrindo da forma cativante diante do comentário.

E assim, sorrindo da forma cativante diante do comentário dela, ele disse:

- Você também não é como eu imaginava que fosse.

Ele se recostou na janela, apreciando o óbvio prazer dela, e pensando que mentia apenas em parte. A verdade é que ela era exatamente o que ele achava que seria. A única exceção era que, sob aquele exterior sofisticado, frio e ligeiramente estudado, ela possuía um lado infantil. Esse lado, desconfiava ele, podia ser ou cálido e carinhoso, ou cruel e exigente, dependendo de seu nível de conforto; se ela fosse pressionada, ele imaginava que seu id buscaria satisfação a qualquer custo, mesmo que isso significasse sua autodestruição.

Estendendo a mão, ele disse:

- Mostre-me a tal carta que deixou você tão preocupada.

Uma onda de alguma emoção - raiva? frustração? - surgiu no rosto dela, e, pondo a mão na bolsa, ela tirou a carta e a entregou a ele, enojada. - Trata-se de um assunto tão constrangedor - ela disse, mas ele ergueu a mão, fazendo sinal para que ela se calasse, e, enquanto ela observava,

ele começou a ler em silêncio.

"Prezada Sra. Wilcox:

No dia 15 de junho de 2000, estivemos tentando entrar em contato com V. Sa. para tratar de assunto relativo ao roteiro sem título destinado à Parador Pictures. Esta é nossa quarta tentativa.

Soubemos que V. Sa. tinha um acordo verbal com Comstock Dibbe para entrega de um roteiro original. Em relação a esse roteiro em pauta (doravante "Roteiro Sem Título"), nossos registros indicam que V. Sa. recebeu um cheque de 30.000 dólares em 23 de maio de 1999. De acordo com os estatutos da Associação dos Escritores dos Estados Unidos. Um acordo verbal seguido de adiantamento deve ser considerado equivalente a um acordo desta Associação para um roteiro Sem Título e regulado segundo seus padrões e normas vigentes - tanto a entrega quanto seus respectivos pagamentos.

Tais normas exigem a entrega do Roteiro sem título dentro de 90 (noventa) dias. Se tal Roteiro não for entregue dentro desse prazo, o contrato, desrespeitado pelo Escritor será considerado cancelado. Neste caso, o Escritor deverá indenizar o Estúdio (Parador Pictures) dentro de 30 (trinta) dias a partir da data da quebra do contrato, todas as quantias recebidas.

Segundo consta em nossos registros, V. Sa. não entregou nem fez qualquer tentativa de entregar o dito Roteiro Sem Título. Como já se passaram 18 meses desde que recebeu o pagamento por este trabalho, devemos solicitar que devolva a quantia recebida - especificamente um cheque em nome da Parador Pictures no valor de 30 mil dólares.

Se tiver alguma dívida, ou caso tenha, escrito de fato um Roteiro Sem Título, ou quem sabe possa ter detectado algum mal-entendido a respeito dessa questão, favor entrar em contato conosco.

Atenciosamente ...

George sorriu consigo mesmo, dobrando a carta e colocando-a atrás dele no parapeito da janela. Obviamente havia muito mais coisas por trás da história revelada pela carta, e ao examinar o rosto de Janey, ele se perguntou até que ponto ela lhe teria contado a verdade.

- Bom - começou ele. - O que Selden achou disso?

- Selden? - disse ela, incapaz de evitar uma ponta de exasperação na voz. Ela se conteve; estava claramente se preparando para fazer uma representação. Abaixando os olhos e olhando para ele, como uma criança que sabe que fez bobagem, disse: - Para dizer a verdade, eu não pude contar ao Selden ainda ...

- Então, pode contar a mim, mas não ao seu marido - disse ele.

Ela se sentou ao lado dele no aquecedor, forçando-o a se deslocar para a beirada.

- Se o Selden descobrir, ... - começou ela, e depois desviou o olhar rapidamente.

- Mas o Selden conhece muito bem esses contratos - explicou George, em tom de quem defende um argumento razoável. - Ele provavelmente já deve ter enviado umas cartas assim.

- É exatamente esse o problema - disse ela, cobrindo o rosto graciosamente com as mãos. - Se o Selden descobre ... - tornou a dizer, posicionando o corpo de forma a praticamente suplicar que ele a consolasse.

Os olhos castanhos baços de George brilharam de interesse.

- Ah, já entendi - adiantou ele. - Não é um assunto estritamente profissional.

- Isso - confirmou ela, com alívio. Ela abaixou as mãos e fitou George nos olhos com sinceridade.

- O único problema é ... Posso confiar em você, George? Precisa me prometer que não vai contar a ninguém, nem mesmo ao Selden.

_ Juro pelo que há de mais sagrado - disse George, em tom tranquilizador.

_ Eu fui muito burra mesmo - disse ela, o olhar parado a meia distância.

- Não tinha dinheiro nenhum no bolso, e não sabia o que estava fazendo ... e o Comstock Dibble se aproveitou de mim!

Por um momento, ele se surpreendeu. Não fazia idéia de que ela se envolvera com Comstock Dibble, mas por outro lado aquilo fazia sentido.

As pessoas viviam dizendo que ela já tinha dormido com Deus e o mundo. Disfarçando, George prosseguiu:

- Continue.

_ Eu o conheci numa festa - continuou ela. - Já faz algum tempo, e, bom, vamos dizer assim, eu estava mal de vida. Comstock se aproximou de mim ...

_ Como sempre faz com todas - completou George, solidário.

_ E foi muito persistente - disse Janey, confirmando. - Eu até gostei dele, naquele momento. Não estava com ninguém, mesmo ... e pensei que ele também não estava.

_ E não se importou com a reputação dele? - perguntou George, erguendo as sobrancelhas.

_ Eu aceito as pessoas como eu as vejo, George. Nunca ligo para "reputações" - disse Janey, a voz assumindo um tom ligeiramente magoado. - Então, quando ele disse que me amava, eu acreditei.

- Ele lhe disse tudo isso ...

_ E mais - gritou ela. - Disse que queria ... se casar comigo.

A essa altura, George pensou, ele já tinha certeza de que ela estava mentindo. No entanto, foi dando corda:

- E o que você respondeu?

_ Bom, eu lhe disse que era impossível, claro. Eu tinha acabado do conhecer o homem. E mal sabia eu que ...

- Que ele já estava noivo de outra pessoa.

_ Isso - disse Janey, desviando os olhos, pois lembrar-se disso renovou-lhe uma mágoa.

George quase riu, mas tinha o princípio de jamais ser cruel, a menos que fosse preciso. Em vez disso, perguntou, com tanta neutralidade quanta foi capaz de manter:

- Então você foi para a cama com ele?

- George! - disse ela, fingindo estar chocada.

O rosto dele ficou sério.

- Quer que eu a ajude, Janey. Então preciso saber a verdade.

- Claro que fui - disse Janey, lançando-lhe um olhar ousado e sedutor, a ponto de ele pensar que ela ia abrir-lhe a braguilha e meter a mão lá dentro. - Eu não tinha motivo para não ir. Achei que estávamos namorando. Achei que ele falava sério. E aí, bem, ele deve ter começado a se sentir inseguro. Não tem nada pior que um homem que se sente inseguro...

- Principalmente se for o Comstock Dibble - disse George.

- Ele se ofereceu para me ajudar - contou Janey. - Foi idéia dele ou escrever um roteiro. Então ... me deu 30 mil dólares para alugar uma casa de veraneio. - De repente ela levou a mão à boca e inclinou-se para a frente, como se fosse vomitar. - Acabei de perceber como isso é horrível.

Deve estar pensando ...

George encostou-se na parede, balançando a cabeça, compreensivamente.

- Trinta mil dólares é um bocado de dinheiro, sob qualquer aspecto.

- Mas eu não tive culpa nenhuma! - protestou Janey. - Não fazia a menor idéia ... Acreditei de verdade que ele quisesse me ajudar.

- E escreveu o tal roteiro? - perguntou George, calmamente.

- Isso não vem ao caso - protestou Janey. Mostrar a carta ao George, tudo bem, mas o roteiro já eram outros quinhentos. - O problema é que eu rompi o relacionamento no casamento da minha irmã, quando descobri que ele estava noivo. E francamente, não voltei mais a pensar nesse assunto até que recebi a carta. - Janey abaixou a voz para George precisar se aproximar para ouvi-la. - Você é um homem rico e poderoso, George. Não sabe o que é ser uma mulher solteira. Esse tipo de coisa acontece o tempo todo, e a gente não tem quem nos defenda. Eu só podia sacudir a poeira e dar a volta por cima.

- Entendi - disse George.

- Ele não conseguiu suportar o fato de que me casei. E sou feliz continuou Janey. - Quando o encontrei na noite em que ele foi premiado pela prefeitura, como Filantropo do Ano, ele chegou a ter o deslize de dizer que queria voltar a dormir comigo. Naturalmente, eu ri na cara dele, mas depois comecei a receber essas cartas!

- Então acha que ele está chantageando você?

- Claro que ele está me chantageando - respondeu Janey. E assim que as palavras lhe saíram da boca, ela se convenceu de que eram a pura verdade. - Eu não me importaria de combatê-lo sozinha - disse ela desenhando na perna da calça com a mão -. Porque sei que estou certa. Mas, se fizer isso, vão publicar matérias na imprensa, e acho que Selden não ia gostar nada disso.

- Claro que não - disse George concordando. - Faziam a mulher dele parecer uma prostituta. Janey abriu a boca espantada - até aquele momento, não tinha refletido no que os outros podiam pensar, só em como tudo aquilo era inconveniente para ela. E de repente, como que ouvindo a deixa, seus olhos se arregalaram, e ela se virou para George com uma expressão de choque enquanto duas lágrimas lhe escorriam pelo rosto.

George ficou sem saber o que pensar. Desconfiou que eram lágrimas de crocodilo, mas percebeu que a representação dela estava conseguindo emocioná-lo.

- O caso é o seguinte, Janey - começou ele. - Por piores que sejam as motivações do Comstock, ele provavelmente tem razão em lhe enviar essa carta, e o melhor jeito de se livrar dele é simplesmente indenizá-lo. Finja que foi um empréstimo que ele fez a você ...

O rosto dela empalideceu, e ela levou a mão ao estômago, como se achasse aquilo nojento demais para se considerar. Inspirou profundamente, e se levantou.

- Isso estaria muito bem ... se fosse com você - disse, acusadora. - Mos o fato é que não tenho esse dinheiro.

- Ora, vamos, Janey - replicou George, na maior calma. - Como é que não tem dinheiro? Você é uma modelo famosa, deve ter 30 mil dólares disponíveis ...

- Não tenho dinheiro "disponível" - disse ela, friamente. - Modelos não ganham tanto quanto se pensa. Minha agência fica com 25%, e depois o governo leva metade. Tenho sorte de levar 150 mil por ano... E, caso já tenha esquecido, isso mal basta para pagar um aluguel em Nova York

- Mas você tem o Selden - disse ele, em voz mansa.

- Acho uma pobreza uma mulher depender totalmente do marido para tudo - retrucou Janey, lançando-lhe um olhar penetrante.

Ai. Meu pai do céu. Pensou ele, passando uma das mãos no cabelo. Se ela tem esse tipo de orgulho, jamais vai devolver o dinheiro. E enquanto ela se exibia pegando a carta e colocando-a na bolsa, ele se viu dividido entre o desejo de ajudá-la e o desejo de lavar as mãos diante daquela situação.

- Se for por causa de 30 mil... - disse ele.

Ela girou nos calcanhares.

- Não vou aceitar dinheiro do marido da minha melhor amiga desdenhou ela, impressionada pela ironia, já que, antigamente, ela certamente teria aceitado. Mas não era uma questão de dinheiro, era uma questão de princípios. Ela já estava cheia de ser aporrinhada pelos Comstock Dibles da vida. - Além do mais – indagou ela - não vê que se eu pagar o que ele quer, nada o impedirá de me apresentar alguma outra queixa no futuro? - E aí ela se dirigiu à porta.

- O problema é o seguinte - disse ele às suas costas.

- Sim? - Ela parou, mas não se virou.

- Uma coisa é eu ter uma rixa com o Comstock Dible – explicou ele. - Mas outra completamente diferente é me envolver nos problemas dos outros ... Se eu o chamasse ao telefone, ele provavelmente me diria para eu ir tomar naquele lugar.

Ela virou o corpo de perfil, olhando para ele sobre o ombro.

- Entendo perfeitamente - disse ela, em voz fria. - Eu só gostaria que me fizesse um favorzinho apenas. Se não se importar, pode fingir que nunca tivemos essa conversa?

George de repente desatou a rir. Ela não era mesmo como ele imaginava afinal- certamente tinha mais peito do que ele achava que teria. Levantou-se e deu um passo na direção dela, dizendo:

- Então admite. Só quer que eu dê uma chamada naquele safado.

Seus olhos se encontraram, num gesto de compreensão mútua.

- Isso - concordou ela, inclinando a cabeça.

- Devia ter dito isso logo no início - disse George, com grosseria.

- Eu teria dito - explicou ela -. Mas não me deu chance.

- Pode deixar- disse ele, pondo a mão no bolso e procurando as chaves, um gesto que mostrava que ele já estava pensando em ir embora - Vou mandar meus advogados terem uma conversinha com os advogados dele.

Por um momento, nenhum dos dois disse nada; dentro de mais um segundo, ele se convenceu de que ela ia cair em seus braços, o que talvez fosse um problema, porque ele começava a pensar que gostava dela mais do que estava preparado para gostar. Foi em direção ao elevador, e ela o seguiu, os passos ecoando no apartamento vazio.

_ Não dá para imaginar como seria morar em um lugar assim - comentou ela, olhando em torno de si.

_ Mimi provavelmente é uma das poucas mulheres no mundo que dão conta disso - disse ele. - Não é que você não pudesse, veja bem ...

_ Ah, eu não entendo nada de casas nem de decoração – protestou ela, modestamente. - Só sei desfilar de sutiã.

Se sua intenção era fazê-lo lembrar-se de seus seios, ela certamente havia conseguido, pensou ele, ao entrarem no elevador. Tentando mudar de assunto, ele disse:

_ Posso lhe pedir para me fazer um favorzinho? - E pensou em lhe pedir para guardar segredo do

apartamento, não contar nada a Mimi.

Só que ela aparentemente entendeu que ele estava querendo alguma sacanagem, porque chegou mais perto (no espaço minúsculo do elevador, eles quase se tocavam) e, virando a cabeça de modo que sua boca chegou a roçar no ouvido dele, murmurou:

_ Claro que te faço um favor, George. Serei eternamente grata a você ... Só precisa me pedir.

E então a porta do elevador se abriu e eles quase caíram no saguão.

Buswell estava segurando o portão da rua.

- Boa noite, Sr. Paxton - despediu-se.

_ Boa noite, Buswell. Volto semana que vem - comunicou George,

Quando já estavam na calçada, George estendeu a mão para se despedir:

- Muito bem ...

Mas Janey o puxou para a frente, oferecendo-lhe o rosto para um beijo. Quando ele se aproximou para lhe beijar a face, ela inclinou a cabeça para o lado de forma que o beijo foi parar - ele tinha certeza de que intencionalmente - pertinho da boca de Janey.

- Até mais, George - disse, alegremente. E quando se afastou, virando-se uma vez para acenar para ele, George entendeu, contrariado, que tinha acabado de ser total e completamente manipulado.

- Não sei bem se deve usar isso em um jantar em Greenwich - opinou Selden.

- O que? Isto? - Janey respondeu, olhando o seu vestido com uma inocência calculista. - O que há de errado com ele? - perguntou ela, aproximando o tronco do espelho enquanto inclinava a cabeça para prender um enorme brinco de argola no lóbulo da orelha.

- Ele é só um pouquinho... - disse Selden, meio aflito, sem saber como descrever o traje.

- Um pouquinho, o quê? - perguntou Janey. - É incrivelmente chique.

- Não é o tipo de vestido que se usa em uma boate? - perguntou Selden.

- Acho que sim - respondeu Janey, franzindo o cenho. - Mas a verdade é que eu o estava guardando para uma ocasião especial.

- Sei - disse Selden, sacudindo a cabeça enquanto saía do banheiro. Não queria brigar com a mulher por causa de um vestido; por outro lado, não queria que ela o acompanhasse a um jantar da empresa em Greenwich parecendo uma prostituta russa.

- Talvez pudesse cobri-lo um pouco, com alguma coisa assim tipo um suéter, que tal? - sugeriu ele.

- Ai, Selden, que coisa mais brega - disse ela, saindo do banheiro enquanto ajeitava o brinco na orelha. - Será que você é capaz de imaginar como um suéter ia ficar horrível sobre este vestido aqui? Daria a seus amigos a impressão de que tenho vergonha de usá-lo.

Quem me dera que tivesse pensado Selden, mas logo em seguida se sentiu culpado.

O vestido em questão era um minivestido de plástico de época que Janey descolara com o figurinista Michael Kors alguns dias antes. - Era uma peça de desfile, que tinha sido criada para um desfile de alta costura em meados da década de 1980, e havia apenas cinco deles. Mas Janey o viu e simplesmente ficou louca por ele, e mesmo contra os protestos do coitado do Michael, um amor de criatura, resolveu experimentá-lo.

O efeito foi arrasador - era como se o vestido tivesse sido feito para ela - e Michael, naturalmente, não teve escolha senão "emprestá-lo" - na cabeça de Janey, permanentemente. Segundo ela pensava, admirando-se no espelho de corpo inteiro preso no armário aquele vestido

era a arma perfeita para acabar com as outras esposas da Splatch Verner; com ele ninguém conseguiria se esquecer de que ela era a notoriamente sedutora Janey Wilcox, modelo da Victoria's Secret. Os maridos iam babar, enquanto as mulheres rangeriam os dentes, e ninguém ia poder fazer nada a respeito disso.

Se ao menos o Selden não fosse tão conservador, pensou ela, abrindo o armário para procurar um par de botas. Por outro lado, aquilo era divertido... Encontrando as botas sob uma enorme pilha de caixas de sapatos, ela refletiu sobre como era fácil chocá-lo, e como isso lhe dava tanto prazer, pois significava que ela estava na direção e o dominava.

– O que acha destas? – perguntou, mostrando um par de botas brancas de verniz com fivelas Gucci sobre o peito do pé. Sem esperar a resposta, ela se sentou na cama e calçou as botas, fechando os zíperes laterais sobre os lados das suas panturrilhas. – Eu as comprei em 1994... Achei que eram tão caras na época – custaram 800 dólares, e eu estava dura –, mas agora me sinto satisfeita por tê-las comprado... São peças de colecionador, sabia?

– Ah, são? – indagou Selden. Ele não soube o que dizer, pois jamais se interessara por roupas, mas parece que ela só sabia falar sobre este assunto ultimamente.

Ela ficou de pé, para exibir o traje completo. Com as botas de verniz, ela tinha mesmo ficado igualzinha a uma puta da Sexta Avenida, pensava Selden, cada vez mais contrariado. Ele estava esperando aquela noite com a maior expectativa – queria exibir a esposa e mostrar a ela o tipo de vida que podiam ter – e mais uma vez ela tinha conseguido estragar tudo, sem querer. Ele queria que ela vestisse alguma coisa mais normal, alguma coisa romântica... por que sempre colocava seus desejos na frente dos dele? Seu comportamento parecia proposital, como se ela soubesse, mas não se importasse como suas ações poderiam afetá-lo.

Como não era capaz de expressar o que pensavam ele se limitou a perguntar:

– Quanto custou o vestido? – Era uma pergunta legítima – ele tinha acabado de quitar seu cartão American Express, e já havia quase adoecido diante da quantia que ela tinha gasto em Milão – quase quarenta mil dólares. Era impossível, pensou ele, que alguém pudesse precisar de tanta roupa assim, e mesmo assim ela foi e comprou mais um vestido.

– Ora, seu bobinho – disse ela, fingindo que estava lhe passando uma descompostura, de brincadeira. – É só por isso que você está preocupado? Foi de graça, se você quer saber a verdade. O figurinista me deu de presente.

– Ah, bom – foi tudo o que ele disse, pensando que, uma vez mais, ela havia conseguido fazê-lo parecer bobo. Ele precisava mudar de humor, pensou. E olhando o relógio de relance, avisou:

– Precisamos ir... O carro já está esperando lá embaixo.

Nesse momento, ela deve ter compreendido que ele estava aborrecido com ela, porque dando um passo à frente e levantando a cabeça para ele de um jeito submisso, disse:

– O que foi, Selden? Qual é o problema? – E então, mudando de tática, perguntou: – Não quer que eu pareça sensual? – A voz era provocante e travessa.

– Sim, mas... – começou ele, pensando que essa talvez fosse uma chance de convencê-la a mudar de roupa sem lágrimas, mas ela de repente se ajoelhou e, com os dedos hábeis de uma especialista, abriu-lhe a braguilha.

Janey caiu de boca com prazer. Desde que saíra de perto do George, já estava excitada. De repente percebeu o quanto a ameaça de denúncia por parte do Comstock Dibble a acabrunhava antes; agora liberta, ela via que a vida podia continuar como devia ...

Com um suspiro que pareceu de prazer, Selden pôs as mãos na cabeça dela, torcendo para o ato terminar logo e eles não chegarem atrasados ao jantar. Passou-se um minuto, e ele gemeu involuntariamente. Mas que babaca ele era! Quase todos os homens nos Estados Unidos dariam o braço direito para estarem nessa posição – dono de uma esposa que não só era um objeto de desejo mas uma praticante ávida do sexo, disposta a dar satisfação sem que o homem lhe pedisse.

Mark Macadu e sua esposa, Dodo Blanchette Macadu, moravam em uma imensa e recentemente construída monstruosidade, que apelidaram zombeteiramente de A McMansão. Situada em uma península caríssima que se projetava para dentro do estreito de Long Island, a casa foi construída segundo os moldes do que o arquiteto imaginava ser uma "mansão colonial" – se é que uma casa assim já tivesse real e historicamente existido. Tinha revestimento em tábuas de madeira branca e quatro colunas que subiam de uma entrada com degraus e piso de pedra; dentro dela, havia quatro lareiras, seis quartos, um jardim de inverno (na verdade uma estufa anexa contendo algumas poltronas excessivamente estofadas) e, no fundo da casa, a atração principal: uma cozinha moderníssima de quase cinquenta metros quadrados.

No meio dessa cozinha, cercada por uma imensa bagunça composta de tigelas, utensílios, panelas de cobre, dois processadores de alimentos, vinho tinto derramado e uma trilha de farinha que ia misteriosamente da porta dos fundos até a pia, Dodo Blanchette se encontrava diante de uma imensa mesa auxiliar, debruçada sobre uma tábua de cortar carne, preparando o jantar. Dodo atacava todos os aspectos de sua vida com o fanatismo de uma executiva determinada, achava que a pessoa devia sempre "aperfeiçoar-se" cada vez mais, e se formara recentemente em gastronomia num curso de duas semanas no Instituto de Culinária dos Estados Unidos. Havia se especializado em "carne de vitela" – e em transformar qualquer cozinha em um pesadelo.

Ali por perto, com uma expressão que traduzia horror e admiração, estava Sally Stumack, uma adolescente que morava na casa ao lado. Sally era alta e conseguia parecer pesadona e desajeitada ao mesmo tempo; seu cabelo era comprido, louro e crespo, e ela usava óculos com o ar desafiador de uma jovem que está decidida a não participar das Olimpíadas da beleza. A eternamente empreendedora Dodo tinha "contratado" Sally para ajudá-la nos jantares, sendo que sua melhor característica era ser submissa; assim Dodo podia mandar nela à vontade.

– Sally, me passa o batedor de ovos – exigiu Dodo. Estava fazendo minúsculas panquecas sobre as quais planejava colocar pedacinhos de salmão defumado decorados com ovas de salmão para servir como entrada.

– Onde é que ele está? – perguntou Sally, correndo pela cozinha como uma ratazana desajeitada.

– Na pia, talvez? – indagou Dodo. Despejou em uma vasilha, um pouco de leite que acabou respingando o catálogo da Victoria's Secret, aberto em uma página onde se via a foto de Janey de maiô dourado. Dodo pegou o catálogo e sacudi as gotas de leite que haviam caído sobre a vasilha. – Não consigo acreditar que o Selden vai trazer uma modelo da Victoria's Secret aqui – resmungou pela quinquagésima vez naquele dia.

– Mas não é a esposa dele? – perguntou Sally em uma voz esganiçada. Tinha acabado de achar o batedor na lata de lixo, e estava lavando-o sem que Dodo percebesse. Durante a última hora, Dodo falara incansavelmente em Janey Wilcox, e Sally estava torcendo para ela parar – por sua vez, ela jamais conhecera uma modelo da Victoria's Secret, e estava curiosíssima para vê-la.

– O problema – disse Dodo, tirando o batedor das mãos do Sally – é que esse modelo da Victoria's Secret vai desequilibrar o balanço do poder por aqui. Todos os homens, inclusive o meu marido, vão ficar babando por causa dela. Eu já avisei: se ele tentar sequer olhar na direção dela, vai passar um mês sem eu lhe pagar um só boquete. Homens são como cachorros – explicou ela. – Reagem a reforços positivos e negativos.

– Não sei com o que está preocupada – disse Sally. – Você é tão bonita quanto ela.

– Isso foi exatamente o que eu disse ao Mark – respondeu Dodo. Mexeu furiosamente a massa, depois tornou a olhar de relance para o relógio grande e redondo acima da pia dupla de porcelana. – Meu amorzinho, será que dá para me ajudar mexendo isso aqui um instante? Tenho que subir e mudar de roupa. – Enxugou as mãos no avental, e saiu correndo da cozinha.

– Mas eu não sei o que fazer – gritou Sally.

– Apenas mexa – instruiu Dodo.

Ao passar pela sala de jantar, parou para admirar seu reflexo. Arrepiando o cabelo, disse em voz alta: "Você está um tesão!" Embora Dodô fosse, superficialmente, uma jovem muito autoconfiante, estava longe de ser bela – seu rosto quadrado tinha um quê de masculino e a pele era muito clara e sardenta – mas estava tão convencida de que era atraente que os outros acabavam se perguntando se não estariam deixando escapar alguma coisa.

No vestibulo, ela encontrou o marido, Mark, que estava acabando de chegar. Mark Macadu possuía uma cabeleira escura e encaracolada, e conseguira conservar-se em forma até os quarenta, ponto no qual tinha engordado demais, deixado a primeira esposa e, quatro anos depois, se casado com Dodo. Mark era dinâmico e sensato, todos o consideravam "muito boa praça" e havia momentos em que ele rezava para que sua esposa não fosse maluca.

– A-lô – cumprimentou ele, jogando o *New York Post* em uma mesa de canto.

– Oi, garotão – saudou Dodo, o que era um certo exagero, pois Mark só tinha 1,62m. – Desço num instante. A Sally está na cozinha.

Ela subiu as escadas, quase galopando, e passou por um corredor acarpetado até chegar à suíte de casal, no fim do corredor. Uma vez lá dentro, fechou a pesada porta de carvalho e virou a chave, trancando-a. Apanhou a bolsa e começou a revirá-la, procurando alguma coisa no meio de uma confusão de recibos velhos, números de telefones escritos em guardanapos, unhas postizas, quatro batons, lenços usados, pinças de sobrançelha, pó compacto, duas canetas vazando, uma carteira quase estourando de tão recheada, quatro notas de cem dólares, um pincel de aplicação de rímel e uma escova cheia de fios quebrados de um cabelo louro pálido.

Frustrada, jogou tudo aquilo na cama, e, afastando os objetos, finalmente encontrou o que estava procurando: um saquinho minúsculo, cheio de pó branco.

Inserindo o dedinho no saco, tirou um pouco de pó na ponta de uma longa unha de acrílico. Como Janey, Dodo também roía as unhas, mas preferia morrer a contar para alguém, e uma vez por semana marcava uma hora para aplicar e pintar suas unhas falsas. Fechou uma narina e inalou o pó; depois, fechando a outra narina, repetiu o processo. Deixando sobre a cama o conteúdo da bolsa, colocou o saquinho na sua gaveta de lingerie, depois foi ao banheiro dar uma olhada no nariz.

Dodo Blanchette considerava-se uma jovem absolutamente moderna. Tinha 33 anos, e, em sua própria opinião, era extremamente bem-sucedida: era descaradamente ambiciosa, alegremente competitiva e se intitulava neofeminista; acreditava em mulheres ajudando outras mulheres (daí

pedir a ajuda de Sally) e vivia pensando em como avançar na carreira, como dominar o mundo, e como fazer seu nome sair publicado nos jornais. Tinha milhares de amigas e sua expressão preferida era "As mulheres é que mandam!" que ela acompanhava batendo a palma da mão aberta contra a palma de uma outra pessoa, bem no alto. Como muitas mulheres jovens de sua geração, não tinha o menor escrúpulo em usar o sexo para vencer na vida, e havia invariavelmente trepado com todos os seus chefes, forma pela qual tinha conhecido Mark. Mas o problema era que tudo aquilo era tão cansativo! Como repórter de estilo de vida do canal CBS local (ela cobria tudo, desde estréias de filmes até o melhor lugar para se conseguir um bronzado artificial, incluindo gatinhos que caíam das janelas dos apartamentos), acordava toda manhã às seis horas para ir à academia malhar, depois ela e Mark pegavam um carro às 7h30 para a viagem de uma hora até a cidade, durante a qual ela lia quatro jornais, depois ela precisava pesquisar a matéria, depois faziam-lhe os cabelos e a maquiagem, depois ela em geral ia "para a locação", e depois voltava ao estúdio para editar a matéria, depois aparecia na tevê, depois precisava pôr as fofocas em dia com os amigos, o que costumava incluir infundáveis coquetéis em barzinhos da moda, e depois tinha que sair para jantar, consumindo vários copos de vinho branco ou tinha que voltar para casa e fazer o jantar para o Mike e qualquer outra pessoa que tivesse sido convidada com o objetivo de talvez lhes facilitar o progresso em suas carreiras. Tinha a maior fé no trabalho árduo, e em fazer uma coisa bem-feita, desde que tivesse se decidido a fazê-la, e costumava dizer que aconteciam mais coisas em sua vida em uma semana do que na vida da maioria das pessoas em um ano. Mas, além de tudo isso, precisava cuidar de sua aparência, precisava ser magrinha e elegante e, portanto, vivia tentando perder cinco quilos. Dodo era, por natureza, uma garota bem atlética e robusta, que jogava futebol quando adolescente, e até integrara a seleção da Tufts University. Tinha seios grandes e caídos, que levantava com sutiãs de sustentação e que sempre haviam fascinado os homens durante toda a vida dela, mas isso não era tudo, pois já havia feito lipoaspiração da cintura até os joelhos duas vezes. Quando tinha 22 anos e era estagiária do *New York Times*, tinha descoberto tanto a cocaína quanto o poder de seus seios; depois de seis meses foi demitida, aparentemente porque nunca conseguia chegar ao trabalho antes das onze, mas secretamente porque andava de caso com o chefe, que era casado – quando a esposa dele descobriu, obrigou-o a demitir Dodo. Desde essa época, mantinha sob controle seu vício de consumir cocaína, mas jamais foi capaz de controlar o vício de se sentir atraída por homens poderosos. Subconscientemente, sentia-se influenciada pelas descrições de lindas mulheres nos anúncios, e tentava ser como elas, mas ao mesmo tempo ficava horrorizada com o poder que as bonitas e burras exerciam sobre os homens. *Beleza: Como as expectativas dos homens arruinaram as vidas das mulheres* era um dos seus livros prediletos, e ela vivia citando trechos dele

nos jantares, tal como "a recente obsessão do homem pela beleza feminina é no mínimo parcialmente responsável pelo desgaste do conceito de família". Contudo, ela não podia resistir ao desejo de ter um homem poderoso obcecado por ela e por sua beleza...

De pé diante do espelho do banheiro, ela começou a aplicar batom vermelho; depois inclinou-se para a frente e estudou sua boca no espelho, empurrando o lábio superior para cima com o dedo. Se aplicasse umas injeções de colágeno, ia parecer tão bela quanto Janey Wilcox, pensou, e aí imaginou por que estava se preocupando tanto. Janey Wilcox certamente era uma burra diplomada, e a verdade era que, no círculo deles, não importava a beleza de uma mulher – se ela

não fosse uma profissional realizada, se não fosse capaz de falar de negócios e política, se não fizesse nada de significativo, os homens em geral perdiam o interesse e a ignoravam. Mas mesmo se a mulher fosse capaz de fazer todas essas coisas ainda não era garantia de um homem prestar atenção constante nela, Dodo pensou amargurada. Nos últimos seis meses, ela sentira que o marido estava menos interessado nela: costumava observá-la na televisão todo dia às cinco, mas ultimamente, quando ela lhe perguntava o que ele havia achado, ele admitia que tinha perdido o noticiário, usando a desculpa de que havia se "esquecido". Ela foi obrigada a lhe comunicar, em termos bastante explícitos, que um homem não podia simplesmente "esquecer" da esposa assim, como se ela fosse um molho de chaves. Antigamente, seus ataques de cólera garantiam os resultados necessários, mas ultimamente, quando ela ficava furiosa, ele simplesmente revirava os olhos e ia para o outro cômodo assistir à tevê. Portanto, era mesmo culpa dele ela ter recentemente acabado nos braços de seu melhor amigo, Paul Lovelady. Paul Lovelady e sua esposa Carolina, que era pianista concertista e alegava ser algum tipo de princesa russa (coisa na qual Dodo não acreditava), viriam para o jantar; durante toda tarde, no intervalo entre a preocupação com Janey Wilcox, Dodo havia se perguntado se Paul iria dar algum jeito de ficar sozinho com ela. No mês anterior, ela e Paul tinham ido para a cama juntos duas vezes – ambas no fim de semana, quando Mark estava malhando e Carolina tinha ensaio no Lincoln Center; ela e Paul passavam agora mais ou menos uma hora por dia conversando por telefone. Paul lhe dizia que ela era "brilhante" e "linda", e embora Carolina fosse supostamente uma de suas melhores amigas, Dodo não se sentia culpada. Faz tempo que ela decidira que a culpa era uma emoção inútil, e seu sentimento quanto a homens casados era simples: se uma esposa não pudesse evitar que o marido a traísse, não era problema dela, Dodo. Passou um brilho nos lábios e os apertou um contra o outro, e, ao sair do banheiro, ouviu o canto de sereia do papelote de cocaína chamando-a. Ela deu mais duas cheiradinhas rápidas, só para levantar o moral, e aturar o que certamente seria uma longa noite, jurando que só consumiria esse pouquinho... até amanhã.

E lá embaixo, Mark Macadu entrava na cozinha com um certo medo, farejando no ar sinais de desastre. Nos três anos de casamento com Dodo, ele havia aprendido a esperar qualquer coisa – em diversas ocasiões tinha entrado na cozinha e encontrado alguma coisa em chamas – e embora ele tivesse um medo horrível de a casa pegar fogo, Dodo jamais se preocupava com isso, dizia que incêndio na cozinha era coisa normal, principalmente se a pessoa fosse chefe de cozinha diplomada, como ela era. Ele não achava que duas semanas de aulas de culinária iam tornar uma pessoa uma especialista em gastronomia, mas Dodo insistia que era verdade, e ele já percebera que costumava ser mais fácil concordar com ela do que o contrário, mesmo que isso significasse concordar com uma mentira.

Só que naquela noite em particular, tudo estava calmo. A cozinha estava uma bagunça, é claro, mas era sempre assim, e a doce pequena (grande?) Sally, a vizinha, estava lá, mexendo alguma coisa em uma tigela, enquanto um cheirinho tentador de carneiro assado vinha do forno.

– Oi, Sr. Macadu – cumprimentou Sally.

– Olha aqui, Sally – disse Mark, indo até a geladeira pegar uma garrafa de vinho branco. – Pode me chamar de Mark. Não sou seu pai...

– Eu sei, Sr. Macadu – disse ela.

Sempre diziam a mesma coisa quando se encontravam, e pegando um saca-rolhas preto especial

Rabbit, ele sorriu consigo mesmo, pensando em como era agradável e civilizada a zona residencial dos subúrbios em comparação com a cidade grande.

Carolina e Paul Lovelady chegaram exatamente às sete e meia. Carolina curvou-se para dar um beijo em Dodo e perguntou:

– Ela já chegou?

E quando Dodo sacudiu a cabeça, inclinou-se para o outro ouvido dela e sussurrou:

– Tem alguma aí?

– Na minha gaveta de lingerie – respondeu Dodo, também aos cochichos. Nos últimos dois anos, Dodo e Carolina haviam se tornado grandes amigas, em grande parte devido à sua predileção pela cocaína, um segredo que guardavam ciosamente dos maridos.

Vendo as duas mulheres trocando segredinhos, e temendo de repente que Dodo tivesse contado a Carolina sobre o seu caso, Paul disse:

– O que vocês duas estão cochichando agora? – E revirou os olhos para Mark.

– Nada – respondeu Dodo. – Estávamos só falando da modelo da Victoria's Secret.

– Paul passou o dia inteiro pensando nela – entregou Carolina. – Não quer admitir, mas eu sempre consigo adivinhar o que ele está pensando. Não é, querido? – perguntou ela, dando-lhe um tapinha afetuoso na bochecha.

Paul sentiu outra pontada de pânico, desejando de repente jamais ter ido para a cama com Dodo, para começar. Tinha pensado que tudo não passava de uma trepadinha amistosa com a vizinha, mas depois da segunda vez, ela começara a telefonar para ele o dia todo no trabalho. Ele teria que acabar com aquilo, a começar daquela noite, mas depois viu os peitos de Dodo, de relance, e mudou de idéia. Ela estava de terninho, com apenas um sutiã por baixo; seus seios forçavam as lapelas para os lados, e ele enxergava o bordado do sutiã azul; o mesmo sutiã que ela tinha usado da primeira vez em que treparam. Na mesma hora ele se lembrou de como eram macios aqueles seios cheios e consoladores, e resolveu que só mais uma vezinha não ia matar ninguém – principalmente porque a esposa dele não era nem de longe tão bem-dotada assim. Carolina era elegante, sim, mas depois de mais ou menos um ano de casados, ele já havia parado de considerá-la sexy.

Em voz alta, ele disse:

– Espera aí... eu sou um americano macho, com sangue nas veias. Não dá para evitar...

E Dodo replicou:

– Contanto que conserve a sua pica dentro das calças... – e lançou-lhe um olhar significativo.

– Preciso ir ao banheiro – avisou Carolina, subindo as escadas e desaparecendo.

Ross e Constance Jared chegaram cinco minutos depois. Constance, como em geral Dodo achava, estava estranhamente vestida, uma camisa azul cheia de babados e uma saia de veludo que lhe caía até abaixo dos joelhos, como se ainda estivesse querendo dar a impressão de ser uma adolescente virginal, coisa que realmente era, logo assim que entrou no American Ballet Theatre. Carolina achava Constance esquisita, mas Dodo sempre a defendia – era uma moça perfeitamente simpática e meiga, sempre dizia, um pouco atarantada porque seus pés haviam sido espremidos em sapatilhas durante sua vida inteira. Mas acima de tudo Dodo gostava de Constance porque ela não abria a boca, e portanto jamais roubava as atenções da Dodo.

Os três casais entraram na sala de estar, onde havia uma mesa posta com tigelas de nozes e azeitonas e uma travessa de queijos franceses macios. Durante 15 minutos, os homens falaram sobre política de gabinete, enquanto Dodo e Carolina analisavam a personalidade de uma das colegas de Dodo, uma jovem caloura que, segundo a própria Dodo jurava, andava lhe lançando uns olhares meio agressivos. Então a campainha tocou, e depois de um lapso momentâneo na conversa, todos voltaram disfarçadamente aos seus respectivos temas.

Sally abriu a porta. Uma vez que os primeiros convidados já houvessem chegado, Dodo sempre a "deixava" abrir a porta, como um "favor", dizendo-lhe que ia aperfeiçoar sua habilidade de anfitriã, mas em geral aquilo só fazia Sally se sentir uma criada. Esta noite, porém, ia ser diferente, e ela não se incomodou em fazer papel de mordomo – ia ser a primeira pessoa a pôr os olhos na tal Janey Wilcox, e estava toda empolgada diante dessa perspectiva.

Dodo havia mencionado que Janey era provavelmente uma piranha de primeira, e embora Sally já houvesse encontrado várias piranhas convictas na sua escola particular, ainda estava para ver uma versão adulta. Aliás, jamais havia visto uma modelo em carne e osso. Dodo lhe disse que Janey não ia parecer tão linda quanto nas fotos, mas Sally não sabia se acreditava nisso ou não. De qualquer forma, certamente não estava preparada para a visão que lhe encheu os olhos quando abriu a porta, e recuando um passo, ela quase tropeçou no tapete oriental.

Sally tinha consciência de que ela mesma era alta – tinha 16 anos e quase 1,75m –, mas perto dela Janey parecia uma criatura de proporções amazônicas. Sally jamais tinha visto alguém tão perfeito assim – não sabia que um ser humano podia ser tão belo. E quando Janey falou, sua voz cobriu Sally inteira, como um creme. E o que ela disse foi:

– Seus pais estão em casa?

– Ah! – balbuciou Sally, girando a maçaneta da porta, à toa. – Eles não são meus pais... quero dizer, eu sou a vizinha... – disse, sem saber o que fazer.

– Que ótimo – disse Janey, olhando em volta de um jeito que Sally teve certeza de que era um desdém bem-humorado. Havia um quadro imenso da Dodo no hall de entrada, usando colar de pérolas e um penhoar – a pintura havia sido copiada de uma foto, e não era lá muito boa –, e quando os olhos de Janey a enxergaram, um leve sorriso lhe esticou os lábios, e Sally de repente sentiu vergonha por Dodo.

– Estão todos na sala de estar – disse ela, ofegante, observando Janey e Selden, enquanto entravam desfilando na sala seguinte. Depois ela correu feliz para a cozinha. Janey Wilcox era tão linda quanto nas fotos, sem tirar nem pôr, e Dodo ia ficar uma fera. A única coisa decepcionante em Janey era o marido, pensou ela, bebendo disfarçadamente um copinho de vinho branco – detalhe que os Macadus, que eram alcoólatras inveterados, jamais notariam.

Alguém com a beleza de Janey devia ser estrela de cinema, pensou Sally. Não devia estar com um sujeito ordinário que parecia o pai dela, o Sr. Macadu ou qualquer outro homem ali do bairro.

– Mark! – exclamou Selden, bem alto entrando na sala de estar.

Markergueu o olhar – aliás, todos ergueram – e então rapidamente desviaram os olhos, com a exceção de Mark, que avançou ousadamente, com os braços estendidos. Pegou a mão de Selden entre suas duas mãos, e depois eles se deram tapinhas nas costas.

– Esta é minha esposa, Janey – anunciou Selden.

Mark sorriu, tomando cuidado para não parecer amistoso demais, e apertou a mão de Janey.

Todos os homens estavam tentando olhar para qualquer coisa menos para Janey, Dodo pensou aborrecida, o que só deixava ainda mais óbvio que o que todos eles queriam era ficar admirando-a boquiabertos. Janey era exatamente, pensou Dodo, o que todo homem queria – uma mulher vagabunda, sensual e com cara de burra – e, depois de dar um tempo, levantou-se do sofá e atravessou a sala.

– Olá. Você deve ser a Janey – disse.

– Sim, e você...

– Dodo Blanchette. A esposa do Mark – disse Dodo, friamente, furiosa por Selden não ter informado Janey pelo menos o seu nome. Mas também, pensou, talvez tenha dito, e Janey simplesmente fosse burra demais para se lembrar dele. – Tiveram dificuldade de encontrar nossa humilde casinha? – perguntou.

– Para dizer a verdade, o motorista se perdeu – respondeu Janey.

– Mil perdões – disse Mark Macadu. – Dodo nunca foi muito boa em indicar direções... não seria capaz de encontrar o caminho de volta dentro de um saco de papel.

Dodo lançou um olhar fulminante a Mark. Não sabia quem queria matar primeiro: o marido... ou Janey Wilcox.

– Gostaria de propor um brinde – disse Dodo, batendo no seu copo d'água com a faca. Ficou de pé, meio desequilibrada, segurando o copo de vinho tinto bem alto em um ângulo perigoso – já tinha tomado muito vinho e cheirado mais cocaína do que havia planejado – e estava se sentindo bem dopada. – Ao mais novo membro de nossa família. Janey Wilcox, seja bem-vinda. – Apoiado, apoiado!

Janey tomou um golinho do seu vinho e voltou a recostar-se na cadeira, obrigando-se a sorrir. Nunca seria um membro daquela pequena família, pensou, por mais que se esforçasse. Era uma estranha que não falava a língua deles, e, olhando as outras pessoas na mesa, sentiu-se completa e irremediavelmente só.

Aquela Dodo era uma louca, pensou. Antes do jantar, ela insistira em mostrar a casa a Janey e, no meio do caminho, fez questão de enfatizar que podiam morar na cidade, mas por cinco milhões tinham mais espaço em Greenwich... e aí tinha levado Janey para a sua suíte e lhe oferecido cocaína, que Janey havia recusado. Apesar disso, Dodo prendera Janey no seu banheiro durante uns bons 15 minutos, gabando-se da sua técnica para evitar a gravidez, que consistia em fazer um teste de ovulação e evitar sexo nos dias em que estava fértil.

– Dá para me imaginar grávida? – perguntava o tempo todo. – Mas é o que eles querem, todos esses homens. Querem a gente só para trepar e fazer filhos – como se a gente já não trabalhasse duro o suficiente! Eu preciso tomar conta desta casa enorme, e o Mark, Deus sabe que ele não faz nada...

E depois vinha a Carolina. Carolina possuía o tipo de rosto comprido e aristocrático que deveria ter sido considerado o auge da beleza há duzentos anos atrás. Mas, sob a superfície, tinha o ar revoltado e vigilante de uma mulher que sabe que o marido a está traindo, mas ainda não obteve provas. O que não seria difícil, pensou Janey, uma vez que Dodo estava se derretendo toda para cima do Paul, marido da Carolina, sussurrando piadinhas no ouvido dele e apertando a perna contra a dele...

E finalmente, a coitadinha da Constance. Era tão magricela que Janey pensou que ela estava

prestes a desmaiar por falta de alimentação, e todos a ignoravam, como se ela fosse uma boneca grande que alguém tinha trazido para a mesa e sentado em uma cadeira.

E eram todos tão esnobes e seguros de si...

– Ainda digo que os republicanos vão acabar com a economia – afirmou Ross, convencidíssimo, para Selden.

– Qual é, Ross? Isso é besteira, e sabe disso – retrucou Selden. – A economia determina seu próprio curso – o fato do presidente ser republicano ou democrata é irrelevante...

– Como a única pessoa neste grupo que trabalha na televisão, digo que o mercado de ações vai se recuperar – disse Dodo.

– Ross, meu querido, você se esqueceu completamente do Reagan – disse Carolina.

Janey nada disse enquanto comia pedacinhos de carneiro. A carne estava malpassada demais para o seu gosto, e ela ficou se perguntando se carneiro malpassado podia causar intoxicação alimentar.

– Tem dinheiro investido em ações? – Ross lhe perguntou de repente.

– Uma pequena quantia – respondeu Janey.

– Janey provavelmente tem um gerente que toma conta das aplicações dela. Não é assim que as modelos fazem? Para não precisarem saber nada do mercado – disse Dodo.

– Para dizer a verdade, várias modelos investem seu próprio dinheiro – disse Janey.

– Outro dia eu estava conversando com um cara que está envolvido na indústria da moda – desfiles, fotos, modelos – e ele me disse que o segredo de uma porção delas é que são inteligentes – disse Paul. – Precisam ser, para poderem vencer na vida.

– Ora, convenhamos, Paul – interveio Carolina, contrariada. – Inteligentes em comparação a quê? E no silêncio que se fez, ela rapidamente acrescentou: – Não me referia a você, Janey. Então alguém rapidamente mudou de assunto, falando da excursão de alpinismo que todos haviam feito à Índia no ano anterior.

Janey achou impossível concentrar-se naquela conversa. Detestava esportes, e nunca havia estado na Índia. Consultando de relance e disfarçadamente o relógio, viu que só eram nove e meia. Mas que grupo estranho eles eram, pensou ela. Se não se soubesse quem era casado com quem, jamais conseguiria descobrir os pares com certeza, pois não parecia haver qualquer profundidade real por trás da afeição entre os membros de cada casal. Pareciam adolescentes brincando de serem adultos...

– O que devemos fazer este ano? – perguntou Caroline.

– Ainda acho que devíamos mandar as Ferraris de avião para Montana e participar de uma corrida – disse Michael.

– Você tem uma Ferrari, não tem, Rose?

– Tenho coisa melhor – disse Selden. – Um Jaguar XK 120.

– Que velocidade ele pode atingir?

Selden deu de ombros.

– Uns cento e oitenta, cento e noventa por hora, talvez?

– Vamos deixar você comendo poeira – disse Dodo.

– Por que em Montana? – perguntou Janey, de repente, tentando entrar na conversa.

– Por que lá não tem limite de velocidade, talvez? – informou Carolina, com uma voz apenas sutilmente áspera, para que os homens não percebessem a grosseria.

– Você só trabalha como modelo, Janey? — perguntou Dodo. Em seguida, olhando os outros convidados como se talvez tivesse dado um passo em falso, emendou depressa: — Dizem que muitas modelos costumam ter outras atividades, não é? Como aquela mocinha tão elegante, que tem aquele rosto incrivelmente bonito... como é mesmo o nome dela? — perguntou, voltando-se para Carolina.

– Está falando da Christy Turlington — respondeu a outra. — Tem sua própria empresa e linha de roupas — acho que até produz vídeos de ioga...

– Isso, Janey — disse Paul, lançando-lhe o olhar malicioso de um bêbado. — Fale-nos sobre você. Todos ficaram olhando fixamente para ela. Janey começou a sentir um pânico cada vez maior — estava quase zozna. De repente sentiu-se como que sufocada; não conseguia mais sentir seu corpo; até mesmo seu traje, que normalmente lhe teria dado uma sensação de identidade, não parecia estar adiantando nada... Se ela não respondesse alguma coisa, todos pensariam que era uma idiota, e ela não ia lhes dar essa satisfação de jeito nenhum.

Tomando um gole de vinho, disse, com a maior tranquilidade:

– Para dizer a verdade, sou produtora de cinema...

– É mesmo? — disse Dodo, impressionada.

– No que está trabalhando? — perguntou Carolina, tirando um cigarro da bolsa.

– Ai, Carolina, não fuma não, vai — pediu Paul.

– Não enche — respondeu Carolina, acendendo o cigarro.

– Escrevi um roteiro no verão passado — disse Janey, descobrindo, como sempre, que uma vez que começasse a mentir, ficava cada vez mais fácil. — Neste exato momento estou iniciando o processo de produção do filme.

Tomou mais um gole de vinho, sem ousar olhar para Selden. Ela pôde ver pelo rabo do olho que Selden estava com uma expressão chocada. Como se ele não acreditasse que ela era capaz de pregar uma mentira daquelas. Mas qual seria a alternativa, para ela?

– Qual é o tema do filme? — perguntou Carolina.

– É sobre uma modelo e de como todos tentam usá-la — revelou Janey.

– História manjada — disse Selden, descartando a idéia.

– O Selden está zangado porque eu ainda não tinha contado a ele — disse Janey a Carolina e Dodo. Voltando-se para Selden, acrescentou: — Eu não te contei, meu amor, porque queria que fosse surpresa. De que outro jeito pensava que eu estivesse passando as tardes?

Isso causou um acesso de riso em todos.

– Não achou que ela estivesse fazendo compras, achou? — perguntou Dodo.

– Jamais serei capaz de adivinhar o que vocês mulheres, fazem — respondeu Selden. E mudando de assunto bem depressa, perguntou a Ross: — E o Velhinho, como é que vai? — O Velhinho era o codinome que eles usavam para Victor Matick, o idoso CEO da Splash Verner.

– Cada vez mais maluco — disse Ross.

– Disseram que ele comprou um avião — informou Mark.

– Avião? — zombou Paul. — Do que está falando? É um avião a jato daqueles tipo jumbo, um 727...

– Alguém tem alguma idéia de onde estão indo parar aqueles lucros? — perguntou Selden.

Debruçando-se na frente dele, Dodo murmurou para Janey:

– Sabe, já fui modelo também.

– Foi mesmo? – perguntou Janey, fingindo interesse.

– Durante dois meses – disse Carolina, desdenhosa. – Já eu, fui durante um ano inteiro.

– O que foi que você disse? Não é bem assim – contestou Dodo. – Fui modelo dos maiôs Tropicana durante dois anos...

– Que seja. De qualquer forma, foi um horror – replicou Carolina.

– Não sei como você agüenta – disse Dodo. – É chatíssimo. Sem contar o fato de todos os fotógrafos quererem te levar para a cama...

– Tem razão – disse Janey. – É mesmo um saco. Mas o mais estranho – disse ela, saboreando o vinho – é que, apesar disso, quase todas as mocinhas bonitas que conheci já tentaram ou estão tentando ser modelos.

– Resumo da ópera – disse Janey, irônica, quando eles chegaram ao carro. – Aquela vizinha até que era simpática, não?

– Todos eles foram simpáticos. São gente muito boa – retrucou Selden.

Janey recostou-se no assento, amuada. De repente se sentiu zangada, embora não soubesse por quê, e sentiu que iam brigar.

– Aquela Constance é um amor de pessoa, sempre na dela – disse Janey. – Mas fico preocupada, achando que tem algo errado com ela. Será que ela sofre de algum tipo de distúrbio alimentar?

– Ela até que é interessante, se a gente se der ao trabalho de conversar com ela – observou Selden.

– Ah, bom – disse Janey. – Olhou pela janela, perguntando-se se eles iam conseguir chegar em casa antes de a briga começar. Se conseguissem, talvez pudessem evitá-la.

Entendendo a resposta dela como um recuo estratégico, Selden disse:

– Já a mulher do Mark, a Dodo, é muito divertida.

– E como – disse Janey, vagamente. – Mas não cozinha muito bem. Acha que carneiro malpassado pode dar problemas de digestão?

– É muito bem-sucedida – uma das jovens mais bem-sucedidas no ramo dos noticiários – disse Selden. Olhou para Janey, perguntando-se o que haveria de errado com ela. Sua primeira esposa, Sheila, sempre tivera muitas amigas, e tinha se especializado em fazer amizade com as esposas de seus colegas de trabalho. – Janey, a verdade é que você nem deu uma chance a elas.

Janey virou-se para ele, atônita.

– Eu? – perguntou, pensando em como os homens são burros. – Elas me detestaram desde o começo. Não viu a cara da Dodo quando eu entrei? E ouviu os comentários delas sobre modelos?

– Ora, talvez você não devesse ter posto aquele vestido! – retorquiu Selden. Pronto, ele havia dito aquela frase fatal. Provavelmente não devia, mas pelo menos tinha conseguido desabafar...

Ela sacudiu a cabeça, amargurada.

– Seus colegas parece que gostaram dele – disse, sarcástica.

Isso também já era demais, pensou ele. Por que eles viviam brigando? Toda vez que ele tentava ter uma conversa civilizada com ela, a coisa se transformava em uma disputa ridícula entre vontades. Ela era exatamente assim naquela primeira noite em que se conheceram. E apesar de ele ter sempre achado que a conversa entre eles naquela ocasião não passara de uma excitante troca de gracejos antagônicos, estava começando a se perguntar se aquela animosidade não representaria uma diferença irreconciliável de valores entre os dois. E como se isso não bastasse,

ela havia mentido dizendo que era uma produtora...

– Acho que precisamos ter uma conversa muito séria – disse ele.

– Acha, é? – perguntou ela. – Sobre o quê, posso saber? Não pode esperar que eu fique parada, aceitando os insultos de todo o mundo sem me defender...

– Está certo – disse ele. – Não posso fazer nada quanto à forma como eles se sentem. Mas por que disse a eles que estava produzindo filmes, meu Deus do céu?

– Por que não devia ter dito isso a eles? – indagou ela, os olhos fuzilando o marido.

– Porque é mentira – disse ele, quase gritando.

Como sempre, toda vez que ele perdia a paciência, ela adquiria vantagem.

Cruzando os braços, replicou:

– Não vai dar para aceitar essa bronca como se eu fosse uma criança. Nem mesmo de você, Selden Rose.

Agora ele caiu na defensiva.

– Tem razão. Não é bronca. Eu só queria saber por quê. Você é minha mulher, droga...

– E por isso espera que eu lhe conte tudo? – perguntou ela, mudando habilmente o tema da discussão.

A essa altura, ele já conhecia aquela artimanha, pelo menos.

– Janey – disse. – Você não é produtora. E que idéia maluca foi aquela de dizer que escreveu um roteiro?

O roteiro! Como é que ela tinha chegado tão perto de revelar seu segredo? Em um movimento ofensivo, ela respondeu, depressa:

– Talvez não tenha produzido – nem escrito – nada ainda. Mas devia saber que é uma coisa que estou pretendendo fazer, no futuro, e é uma resolução muito, mas muito séria mesmo. Portanto, se não aceitar isso, é melhor resolvermos essa discordância aqui e agora.

Por um momento, ele ficou dividido entre a vontade de sacudi-la, como se ela fosse uma criança – arrancando dela a verdade – e um desejo doido de dar uma risada. A verdade nua e crua era que ela não fazia a menor idéia de como era ser uma produtora, nem tinha a menor noção do que era necessário para se fazer um filme – depois de uns dias brincando de ser produtora, provavelmente ia se cansar e voltar às compras. E assim respondeu:

– Faça o que quiser, então.

– Obrigada – disse ela. Enfiou o dedo na boca e desviou o olhar. Até aquele momento, não tinha a menor intenção de levar adiante esses planos; teria desistido se Selden não tocasse mais no assunto. Mas estava começando a achar que talvez fosse uma boa idéia; as reações de Dodo e Carolina haviam lhe mostrado que fazer isso lhe daria o respeito que ela tanto almejava.

Naturalmente, não tivera a intenção de mentir, mas agora que já havia decidido, não era mais uma mentira, independente do que Selden estivesse pensando...

Deu um olhar de relance pela janela. Estavam na estrada agora, voltando à cidade, passando por postos de gasolina e *outdoors*, e casas sem nada de criativo – coisa mais deprimente seria morar ali, pensou, sentindo-se de repente aliviada porque a noite já havia terminado.

– Olha só – disse ela, tocando a mão dele num gesto conciliador. – Não vamos brigar, tá? Ainda mais por causa de um bando de pessoas que eu provavelmente nunca mais vou ver de novo...

Selden recolheu a mão, aborrecido. Será possível que não pudessem mesmo encontrar nada em comum?

– Claro que vai tornar a vê-las – disse ele. – Principalmente se nos mudarmos para Greenwich. Vamos vê-los o tempo todo...

– Mudar para Greenwich? – gritou ela, horrorizada.

– É – disse ele, fingindo paciência. – Essa era a idéia, desde o início.

– Era? – perguntou ela, apavorada. Não conseguia se lembrar de terem conversado sobre Greenwich antes, a não ser em relação à visita daquela noite. Se eles se mudassem para Greenwich, ela morreria, pensou, não passaria de uma dona-de-casa – talvez até terminasse igual à Dodo...

– Mark disse que tem uma casa maravilhosa à venda na mesma rua deles, um pouco adiante, com vista para o lago. Podíamos ter um barco lá. Lembra de como nos divertimos naquele verão?

Ela o olhou de relance; o rosto dele estava impassível, e havia em seus olhos uma dureza, como se ele quisesse desafiá-la a brigar outra vez. Mas seu sexto sentido lhe avisou que agora não era o momento para arriscar uma nova briga e, assim, ela cedeu.

– Lembro – disse, vagamente. – Seria mesmo bom.

Ele imediatamente se descontraiu e, pensando que a crise já havia terminado, pegou a mão dela.

– Não sei se a casa tem um pier, mas podemos construir um, é claro. A casa tem lugar suficiente para tudo que quisermos fazer. Podemos até construir uma sala de ginástica, se você quiser...

Fazer exercícios era seu passatempo menos predileto, mas ela murmurou:

– É, isso talvez fosse interessante...

– Vou ligar para o Mark amanhã e pegar o nome do corretor.

Ela bocejou, fingindo estar sonolenta. Aproximando-se dele, apoiou a cabeça em seu ombro; ele logo começou a acariciar-lhe os cabelos.

Ela fechou os olhos, embora não estivesse cansada. Sua cabeça girava, na tentativa de bolar várias formas de fuga, e de repente entendeu que casar-se com Selden Rose talvez tivesse sido um erro terrível. Inevitavelmente, seus pensamentos se voltaram para George e seu apartamento. Ela dissera que não conseguiria morar naquele lugar, mas agora, diante da possibilidade de se mudar para Greenwich, via que tinha tentado tapar o sol com a peneira. De repente, nada lhe parecia melhor do que morar no apartamento mais grandioso de Nova York, e se ela tivesse algum juízo, teria procurado o George há muito tempo e se casado com ele, em vez do Selden.

George, pensou, sobressaltada. George – com todo o seu poder e dinheiro –, esse, sim, era o tipo de homem com quem ela devia ter se casado.

A ESTRELA DE NATAL de seis metros de altura pendia precariamente sobre a interseção da Quinta Avenida com a rua 57, os postes de iluminação achavam-se enfeitados com guirlandas, e as vitrines das lojas de departamentos exibiam manequins com roupas elegantes combinando com a época do ano. Em dezembro do ano 2000 fez um frio de amargar – uma média de apenas três graus abaixo de zero. Mas os restaurantes e as lojas se encontravam repletos de fregueses determinados a gastar tanto quanto possível, pois as revistas de moda anunciavam que as peles estavam de volta e o excesso também – de relógios de plástico adornados com brilhantes autênticos até botinhas de pele de crocodilo vermelhas de cinco mil dólares. Alardeou-se que a barriguinha era a nova zona erógena, exibida até mesmo no rigor do inverno, e por uma certa quantia um cirurgião plástico da Califórnia remodelava a vagina de uma mulher para que parecesse bem mais jovem.

– Como se o que Deus nos deu não fosse suficiente! – declarou Pippi Maus indignada, enquanto saía do restaurante Cipriani pela porta giratória. Pippi estava meio tonta; conforme Janey notou com uma desaprovação satisfeita, ela estava sempre *ligeiramente* bêbada, embora naquela tarde em particular Janey também estivesse.

– É mesmo? – respondeu Janey, pensando que a vagina da Pippi provavelmente era a única parte do corpo dela que ainda era original.

– Mimi não entende – disse Pippi. – Dizem que acontecem coisas ali embaixo quando as mulheres envelhecem.

– Como assim? – quis saber Mimi.

– Você sabe. Os lábios vaginais. – Eles... ficam flácidos, se arreganham, entende? – explicou Pippi, rindo, ao se segurar no braço da Janey. – O que significa que os meus devem estar tão afastados quanto o Grand Canyon, se eu levar em consideração todos os homens com que fui para a cama...

– Ai, Pippi, tenha dó. Esse é o maior absurdo que eu já ouvi – disse Mimi, calçando as luvas. – Agora você me deixou absolutamente apavorada. E se... alguém... olhar bem para as minhas partes íntimas e achar que eu estou velha?

– Está se referindo ao Zizi? – perguntou Pippi, cobrindo a boca, como se de repente tivesse percebido que havia revelado um segredo. – Mas é claro que ele te acha velha – disse ela. Seu tato equivalia ao seu andar, desajeitado e claudicante, como se ela jamais tivesse dominado a arte de andar de salto alto na vida. Seu passo instável, combinado com a voz alta e o próprio fato de ela ser Pippi Maus, a atriz, estava começando a atrair a atenção das pessoas na rua.

– Olha aqui, Pippi – disse Janey, tentando botar panos quentes. – Não quer acabar nas colunas de fofoca outra vez, quer?

– Eu vivo nas colunas de fofoca – disse Pippi. – E posso declarar com conhecimento de causa que eles vivem mentindo.

– Então, vamos a pé ou de carro? – perguntou Mimi.

– De carro – respondeu Janey com firmeza, avaliando as condições de Pippi. Ela "amava" Pippi de paixão, "adorava-a", e até concordava com Mimi que achava Pippi "hilária". Mas

secretamente a aborrecia o fato de que passar tempo com Pippi costumava obrigá-la a se comportar como babá. Pippi cedia a todos os seus impulsos: enchia a cara, cheirava cocaína e tinha a mania de sumir – desaparecendo em qualquer banheiro com um homem que tivesse acabado de conhecer em uma festa ou desmaiando debaixo de alguma mesa. Depois todos precisavam sair procurando a Pippi, e, depois de encontrá-la, todos tinham que ajudá-la a recobrar-se de seus ataques de histeria. Podia estar soluçando por causa de algum sinal de menosprezo que ela imaginava que alguém havia lhe endereçado, ou quem sabe planejando alguma terrível vingança contra alguém que houvesse lhe causado algum dissabor. Janey adoraria não precisar aturá-la, mas ela passava tanto tempo na companhia de Mimi ultimamente, que era inevitável conviver com ela.

– Além do mais, Mimi – continuou Pippi (quando estava embriagada ou doidona, ficava agressiva, e martelava sem parar um assunto pelo qual ninguém mais se interessava) –, você tem vinte anos a mais do que ele. Já esteve com um homem que tem vinte anos a mais que você sem achá-lo repelente de tão velho?

– Sim – disse Janey.

– Mas você gosta de homens mais velhos – disse Pippi, como se Janey não contasse; e Janey caiu na defensiva:

– Selden não é velho.

– É pelo menos 15 anos mais velho; isto é, se você não está mentindo a respeito da sua idade...

– Pippi! – alertou Mimi, indicando seu carro.

– Afinal – disse Pippi, dando de ombros. – Eu minto sobre a minha idade. Não que eu vá contar a verdade a vocês...

– Eu sei qual é a verdade – disse Mimi. – Lembre-se, querida: já te conheço desde que nós tínhamos dez anos...

O Mercedes preto chegou de mansinho perto da curva, e Muhammad saiu, abrindo a porta de trás.

– Obrigada, Muhammad – agradeceu Mimi, educadamente. As três entraram, e o carro integrou-se devagar ao trânsito engarrafado de fim de ano na Quinta Avenida. A corrida de dez quadras provavelmente levaria 15 minutos, mas, pensava Janey, era tão elegante estar em uma Mercedes com chofer, ser rica e vestir-se com estolas de peles, rir e estar ligeiramente embriagada depois de um almoço regado a champanhe em um dos mais exclusivos restaurantes da cidade, ser bela e ter amigos bonitos e famosos e estar a caminho de um leilão de jóias na Christie's. Ela tocou a janela com o seu dedo enluvado, sorrindo diante da perfeição de tudo. Tinha feito a capa do catálogo de Natal da Victoria's Secret usando um conjunto de calcinha e sutiã incrustados de brilhantes, que fora entregue ao estúdio fotográfico por um segurança armado. Quando ela apresentou o sutiã na coletiva de imprensa, o segurança se conservara a menos de um metro de distância dela. Só que o golpe de misericórdia foi a capa da *Maxim*, onde ela aparecia com um traje de couro preto, que não passava de algumas tiras bem colocadas, cravejadas com tachinhas de prata. A combinação das duas capas – a bela angelical e inocente versus a maliciosa e provocante – tinha gerado uma quantidade violenta de publicidade; quase todos os programas de televisão abordaram o assunto.

Ao seu lado no carro, Pippi começou a remexer-se, incomodada, procurando um cigarro na bolsa.

– Por falar nisso, como vai o Selden? – perguntou.

– Estamos nos dando maravilhosamente bem – respondeu Janey, com firmeza. Não era completamente verdade, mas ela não ia reclamar do Selden com a Pippi. E desde que aparecera nas duas capas de revista ela e o marido pareciam ter chegado a uma espécie de trégua no relacionamento, e Selden nem sequer mencionava mais Greenwich. Janey desconfiou que a empolgação de ver a mulher na capa de duas revistas ao mesmo tempo, sabendo que milhões de homens a desejavam, provavelmente se encontrava por trás da mudança de comportamento dele, mas não estava a fim de ir muito fundo. Ultimamente, Selden andava sendo tão obediente quanto um cachorrinho, tão disposto a agradá-la quanto havia sido na época em que se casaram, e quando ele ocasionalmente mencionava uma mudança de residência, ela suspirava, afetando desânimo e respondia: "Eu bem que gostaria, mas ando tão ocupada, o que posso fazer?" Mimi, porém, era outra história.

– Janey, você já ligou para a Brenda Lish? Eu juro que se vocês dois se divorciarem, será porque você e o Selden enlouqueceram de tanto morar naquele hotel.

A risada de Janey tilintou tão sonora quanto uma sineta.

– O Selden nunca está em casa mesmo. Aliás, nem mesmo percebe onde está morando.

Pippi tragu o cigarro com força, e Janey, meio incomodada, apertou o botão para abrir a janela um pouco. O ar gelado penetrou quando Pippi dizia:

– Ora, ele certamente parecia estar notando a Wendy Piccolo no Dingo's numa dessas noites, mas não entendi nada. Ela é tão minúscula que a gente até pensa que é impossível alguém notá-la.

Os lábios de Janey ainda estavam arqueados em um sorriso, mas seus olhos faiscaram de rancor.

– O que está insinuando, Pippi? – perguntou ela. – Que o Selden está tendo um caso?

– Claro que não – respondeu Mimi, firmemente. – Ele só está casado há três meses. Mas se vocês não encontrarem uma casa para morarem...

– Conheço milhares de homens que dormiram com outra na noite antes do casamento – insistiu Pippi. – Até conheço um que hospedou a amante no mesmo hotel em que passou a lua-de-mel, no quarto ao lado...

– Isso é porque você só conhece artistas de cinema – observou Janey.

– Alto lá! eu também sou artista de cinema – lembrou Pippi, ouriçando-se toda em defesa da profissão. Janey riu, achando graça naquela arrogância. Por mais tempo que passassem juntas na companhia de Mimi, jamais iriam ser verdadeiramente amigas. Havia competição demais da parte de Mimi, que Janey achava simplesmente ridículo, principalmente porque ela não se considerava gente da mesma laia de Pippi. "O nariz dela é tão... pontudo", arrulhou Janey a Mimi, certa tarde. E Mimi respondeu: "Eu sei, mas os homens a acham um tesão." Sem nada dizer, Janey sorriu como quem sabe das coisas: o único motivo pelo qual os homens achavam Pippi um tesão era o fato de ela estar sempre se oferecendo.

– Selden não é do tipo que se envolve em romances – disse Mimi, com firmeza. – Creia-me, Janey vai ter um caso antes dele.

Por um momento, a realidade da relação da própria Mimi com Zizi ficou suspensa no ar, e aí Janey disse, com frivolidade:

– Não dá para eu me imaginar traindo o Selden. Mas acho que tenho sorte. Casei com um homem pelo qual estou realmente apaixonada.

Essa não era a verdade pura e verdadeira, ela sabia, pois havia momentos demais nos quais ele a irritava para que ela se enganasse sobre seus sentimentos pelo marido. Mas havia dito essa frase tantas vezes – a repórteres em coletivas, na fila do tapete vermelho, às pessoas que a parabenizavam nas festas – que a essa altura ela já se tornara automática.

– Mas, eu não! – disse Mimi, com a maior cara de pau, como que tentando se convencer de que isso não tinha importância.

– Qual é, meu bem, você o ama, sim – afirmou Janey.

– Amo, mas não estou apaixonada – disse Mimi. Acrescentou, vivamente: – Nada de falarmos do George aqui, sim?

– Combinado – disse Pippi, numa voz esganiçada. – Vamos falar do Zizi. O que vai dar de presente de Natal para ele?

– Um relógio – respondeu Mimi. – Ele vive dizendo que precisa de um relógio bom. E é verdade. Se a pessoa for um homem sem relógio nesta cidade, onde todos os outros homens têm um relógio de 15 mil dólares, ela se sente posta de lado.

O lado cruel de Janey a instigou a soltar uma risadinha de desprezo, mas ela se conteve, virando o rosto para a janela e encostando os nós dos dedos enluvados nos lábios. Nos três meses desde que Zizi fora viver em Nova York, ele havia mudado para pior. Janey já vira aquilo acontecer um milhão de vezes: nos Hamptons, Zizi havia aparentado ser um cara de uma lisura a toda prova: era sempre cortês, e não levava todas para a cama. Mas não havia tantas tentações nos Hamptons como havia na cidade, e, de uma hora para outra, ele se tornara notoriamente conhecido no circuito dos clubes, prolongando-se nas festas até quatro da manhã, e adquirira a reputação de galinha. Sua aparência era irresistível para as mulheres – dizia-se que várias tentavam a sorte com ele toda noite – e Patty até lhe contou que qualquer garota que conseguisse levá-lo para a cama se tornava uma sócia de um certo "Clube Secreto do Zizi".

Se ao menos Mimi a escutasse!, Janey pensou, frustrada. Ela havia tentado alertar Mimi várias vezes de que Zizi não era o que parecia ser, mas Mimi parecia interpretar seus conselhos como uma prova de que Janey sentia ciúmes. Toda vez que Janey ficava sabendo que ele havia pulado a cerca, ou o via com alguma mocinha esprevidada, sentia-se aliviada por tê-lo rejeitado; essa era sua versão para o que houvera entre eles. Mimi ainda pagava o aluguel dele, apesar de tudo, e Janey achava que, dada a dureza do Zizi, ele ia acabar conhecendo uma jovem rica e desejável cujo patrimônio o induziria a casar-se, e deixaria a Mimi fora de si. Janey podia quase imaginar a educadíssima Mimi Kilroy espumando pela boca...

Quando passaram pela Tiffany, onde uma fila de turistas ávidos pedia para entrar, Janey mordiscava a pontinha da luva. Sempre havia se orgulhado de sua capacidade de analisar as verdadeiras intenções de um homem e do fato de nunca ter mentido para si mesma quanto ao que um homem realmente queria, por isso havia uma parte dela que não tinha paciência com mulheres como Mimi, que se iludiam voluntariamente quanto às verdadeiras intenções do amante. Só que, agora, sua amizade com Mimi exigia que ela também escondesse a verdade sobre Zizi, e ela se perguntava o que aconteceria quando não pudesse mais mentir...

– E o tio George? – perguntou Pippi. Janey estremeceu; detestava aquela familiaridade imprópria que Pippi demonstrava em relação às pessoas, mas Mimi nem percebia.

– Acho que vou comprar para ele um par de abotoaduras – disse Mimi. – Alguma coisa antiga e rara, talvez um par de platina da Asprey's; de qualquer forma, ele vai gostar, contanto que sejam

exclusivas e ninguém mais tenha um par igual.

– Ah, eu acho que o George tem um gosto excelente – disse Janey. Mimi soltou uma gargalhada ululante, e estendeu o braço sobre Pippi para tocar na mão de Janey. – Não me diga que está de paixãoite pelo meu marido, Janey – embora eu não possa conceber solução mais perfeita. Se quiser ficar com ele, seja feliz, ainda que eu não consiga imaginar o que alguém iria fazer com dois maridos... Você definitivamente vai ter que aprender a decorar uma casa, meu amor!

Mimi continuou rindo e Pippi também começou a rir, e quando o carro encostou no meio-fio, e as três saíram, Janey sentiu o rosto ficar vermelho. Desde aquela tarde no apartamento, George continuava na cabeça dela – e quando eles se encontravam nas festas, ela tinha certeza de que "pintava um clima" entre eles, embora, naturalmente, como sempre houvesse outras pessoas em volta, nada jamais tivesse acontecido.

– A verdade é que eu acho o George um amor de pessoa – disse Janey, em tom afetado.

Mimi voltou a rir.

– Ele é o melhor que há, querida, realmente não há a menor dúvida disso. E eu realmente o adoro...

Mas quando entraram no leiloeiro, Janey se perguntou como George se sentiria quando visse as tais abotoaduras diante do presente que pretendia dar a Mimi.

Duas horas depois, na Christie's, Janey estava no caixa, pagando um colar de pérolas negras de 50 mil dólares com o cartão American Express do Selden. Ainda se sentia meio tonta de excitação por ter dado um lance pelas pérolas e vencido, e assinou "Janey Wilcox Rose" com empáfia, na linha do recibo do cartão de crédito, evitando deliberadamente olhar o total. Com o imposto, deviam ser uns 54.000 dólares, e embora a casa de leilões se oferecesse para enviar as pérolas para fora do estado, evitando assim o imposto sobre circulação de mercadorias, Janey simplesmente riu e disse que, se Selden podia pagar 50.000 dólares, daria para pagar o imposto também.

– Mas aí é que você se engana – disse Mimi, em tom de quem ralha. – Os homens não se preocupam em torrar dinheiro, desde que eles obtenham alguma vantagem com isso, mas odeiam gastar dinheiro sem necessidade.

– Ah, é só pagar um boquete pra ele – aconselhou Pippi. – Aposto que ele esquece tudo isso. – Acenou para um táxi e saiu claudicando na direção do carro, o casaco de pele de raposa se abrindo e revelando fartos seios apertados pelo fino tecido de um suéter de caxemira verde. Pegando o braço de Janey, enquanto contornavam a esquina, em passo despreocupado, Mimi disse:

– Não liga para a Pippi. Ela é uma gracinha, mas também é invejosa. Principalmente agora que você está se dando tão bem, e a carreira dela está indo para o buraco. Quase enlouqueceu ao ver a capa da *Maxim*.

– O que foi que ela disse, exatamente? – indagou Janey.

– O de sempre. Só que não entendia por que tinham escolhido você para a capa da *Maxim*, e não ela.

– Mas ela já não faz um filme que preste há três anos – protestou Janey. – E o último virou DVD logo de cara.

– Não interessa. Ainda assim ela pensa que é tão famosa quanto era há dez anos. E como somos

amigas dela, permitimos que ela pense assim.

– Acho que ela pode acabar se tornando um perigo – teimou Janey, mas Mimi soltou uma risada.

– A Pippi? É burra demais para ser um perigo, embora eu não seja boba de deixá-la sozinha na mesma sala que essas pérolas que você acabou de comprar. Ela tem tendência de confundir o que pertence a ela com o que pertence aos outros.

Janey riu e instintivamente tocou a gargantilha de pérolas negras que, na emoção da posse, havia decidido usar em casa, perguntando-se uma vez mais por que Mimi escolheria ter uma amiga como a Pippi. Como que lendo a pergunta em seus olhos, Mimi disse depressa:

– Eu sei que a Pippi é um saco, e falta pouco para ser louca de pedra, mas crescemos juntas, e ela é como uma irmã pra mim. A madrinha dela era a melhor amiga da mamãe, e como a Pippi e a irmã dela nunca tiveram uma família de verdade, quando pequena ela passava praticamente todas as férias com a gente. Além disso, todos temos defeitos – eu sei que tenho, e, na minha idade, prefiro ser perdoada por eles. Quando a gente faz quarenta anos, acontece uma coisa engraçada: passa a enxergar a vantagem de ser boa com as pessoas.

Janey soltou uma risadinha nervosa que costumava usar para disfarçar sua vergonha por ser pega em flagrante, e disse:

– Não tive a intenção de...

– Ah, não, claro que não – disse Mimi. – É que podemos entender a Pippi, porque entendemos o que vem passando. Está cansada, desesperada e apavorada, e ainda por cima, dura e sem homem para tomar conta dela; não é à toa que sente inveja assim.

– Tem razão, claro – concordou Janey.

Mimi sorriu e apertou o braço da Janey.

– Preciso correr. Prometi pegar os filhos do George no aeroporto. Mas a gente se vê depois, não? Janey concordou com um aceno da cabeça e ficou olhando Mimi correr para o carro dela. Tinha tantos pequenos gestos elegantes, como a forma pela qual batia uma vez no vidro do carro para mostrar ao motorista o caminho, e o jeito de inclinar a cabeça enquanto esperava ele abrir a porta. Quando estava prestes a se sentar, Mimi fez uma pausa para recolher as dobras do casaco de peles. – Se o Selden implicar com você por causa do colar – gritou – diga-lhe que eu te obriguei a comprá-lo!

– Pode deixar – respondeu Janey. Por um momento, ficou vendo o carro desaparecer no trânsito, e depois dobrou a esquina, caminhando pela avenida Madison. Com as mãos nos bolsos do seu casaco branco de marta, sentiu feliz o ar gélido de dezembro e contemplou o céu calmo e cinzento lá em cima, e aquela expectativa silenciosa no ar, que antecede a neve. Uma alegria evidente transparecia nos rostos das pessoas que passavam na calçada, como se, diante da possibilidade de cair neve, o Natal houvesse começado para valer.

Janey sempre havia considerado a primeira vez que caía neve como um dia especial, quando qualquer coisa podia acontecer, e voltou a tocar as pérolas no seu pescoço. Era sinal de boa sorte, pensou ela, ter comprado as pérolas no mesmo dia da neve, mas no instante seguinte, esse bom humor dela sumiu diante da inevitável reação que certamente Selden teria. Ele tinha muito dinheiro – através de perguntas sutis, ela havia descoberto que ele devia ter um patrimônio de pelo menos trinta milhões – mas quando precisava gastá-lo, o comportamento dele era decididamente burguês. Sua expressão predileta era “Tenha certeza de que realmente precisa disso?”, que empregava toda vez que descobria uma das novas compras dela. Finalmente,

frustrada, ela havia reagido: "Tem certeza de que precisa mesmo ter um carro de época de quinhentos mil dólares?" Ao que ele respondeu, com frieza: "Se está se referindo ao Jaguar, trata-se de uma obra de arte. Jamais vou vendê-lo."

Ora, era isso exatamente o que diria a ele sobre as pérolas, decidiu ela: eram uma obra de arte, também! Mas ainda assim, tudo era de uma injustiça atroz, pensou Janey, abrindo caminho através da multidão que entupia as ruas fazendo compras de Natal. Principalmente considerando-se o fato de que Mimi gastara muito mais dinheiro do que ela: além de um relógio de ouro de 20 mil dólares para o Zizi, tinha comprado um colar de brilhantes de 150 mil dólares – o mesmo que havia declarado precisar assim que entraram na casa de leilões e o viram pendurado contra um fundo de veludo azul em uma vitrine com cadeado.

Como Janey desejou ter se casado com o George, em vez do Selden, enquanto se encontrava ao lado de Mimi, torturando-se por causa do colar de pérolas. Como teria sido maravilhoso ser capaz de comprar tudo que queria, jamais precisar se sentir como se tivesse obrigação de renunciar às coisas...

– Não se encontram mais pérolas assim – disse Mimi, fazendo sinal ao empregado para tirar o colar do estojo. As pérolas eram de uma cor acinzentada suave, e com 11 milímetros de diâmetro – do tamanho certo para impressionarem sem parecerem falsas. – Pelo menos, novas, não – continuou Mimi, segurando o colar diante do pescoço. – São completamente naturais – devem ter levado muitos anos para se formar, principalmente assim, todas do mesmo tamanho. Sempre achei as pérolas negras elegantírrimas. Combinam com tudo... Minha avó tinha um colar que ela usou quando foi à corte ser apresentada à Rainha Elizabeth..." Por um momento, Janey teve medo de que Mimi fosse comprar o colar de pérolas e o de brilhantes, mas de repente resolveu que o de pérolas tinha de ser dela de qualquer maneira.

– Esse colar é lindo mesmo – disse Janey, estendendo a mão para tirá-lo de Mimi. Colocou-o ao redor de seu próprio pescoço, admirando como as pérolas cinzentas se destacavam na sua pele clara, e pensando que iam parecer bem melhor no seu pescoço jovem do que no de Mimi... Não era um colar tão bonito quanto o de Mimi, nem de longe, mas servia, e Janey declarou em voz alta: – Vou ficar com ele.

– Excelente – disse Mimi. – Se conseguir comprá-lo por menos de cinquenta mil, vai ser uma verdadeira pechincha...

E assim, sentadas na terceira fileira da sala de leilões apinhada, e fazendo bonito em uma blusa de veludo e renda com uma saia justa e elegante de tweed e botas de camurça, Janey havia erguido sua plaquinha várias vezes, competindo com um gay vestido com muita elegância, que Mimi insistiu em dizer que devia estar dando os lances no lugar da esposa de algum novo bilionário, porque novos-ricos não teriam o bom gosto de perceber o valor do colar de pérolas. Envolvida no temerário prazer de dar lances, à medida que o preço ia chegando perto dos 50 mil, Janey não percebeu a ironia de também ser uma nova-rica e gastar prodigamente o dinheiro do marido; só conseguia pensar em como pareceria refinada com o colar de pérolas negras no pescoço, e em como faria amor com Selden usando apenas o colar, se fosse preciso...

– Vendido! Para a linda senhora loura ali – disse o leiloeiro, por fim – e Janey quase desmaiou diante da emoção da vitória. Uma vozinha eufórica dentro da sua cabeça lhe disse que ela havia estado na pior durante tanto tempo, que merecia esbanjar assim, e não tinha motivo para se sentir culpada – afinal, havia mulheres, como Mimi, que faziam aquilo o tempo inteiro...

E agora, andando despreocupada pela rua 50, o triunfo de conseguir aquele colar era como um gosto saboroso e metálico na sua boca, o gosto do dinheiro... e ainda havia a coitada da Pippi, incapaz de comprar qualquer coisa. Admirando a rena de arame enfeitada com luzinhas brancas que decorava o shopping da Park Avenue, sentiu de repente vergonha da sua tentativa de esfolar a Pippi Maus. Ela precisava urgentemente ser mais parecida com a Mimi, pensou: se pudesse ser mais parecida com ela – sua calma, sua brandura de coração, a capacidade de defender outras pessoas e avaliar seus motivos sem confundi-los com sua própria insegurança – talvez fosse capaz de se relacionar melhor com as pessoas. Em um segundo, porém, sua admiração por Mimi sofreu a influência venenosa do antigo ciúme; por outro lado, se ela tivesse sido criada com todas as vantagens da Mimi, com uma vida onde nada de mau jamais acontecia, seria fácil ser mais bondosa, mas logo livrou-se de tal pensamento. Não tinha motivo para sentir inveja da Mimi agora, e além do mais, Mimi era a única amiga que ela jamais tivera que realmente admirava. Chegou à esquina da rua 57. Olhando quarteirão abaixo, viu o consolador xadrez da Burberry em um toldo e resolveu entrar na loja. Ia comprar uma coisinha para o Selden – talvez uma carteira ou um chaveiro. Se voltasse para casa com um presente debaixo do braço, podia ser que ele esquecesse a compra do colar de pérolas, até porque ela nunca lhe comprava nada.

Isso a fez recordar-se do Zizi, e do que Mimi havia comprado para ele, e andando pelo quarteirão, pensou, convencida: coitada da Mimi! Janey não conseguia se imaginar "sustentando" um homem de jeito nenhum – até mesmo o pensamento de ter que pagar o jantar de um homem lhe causava repulsa. Alguns anos antes, aos vinte e tantos anos, quase trinta, havia caído na besteira de sair com um aspirante a ator extremamente gostoso, cuja melhor experiência no currículo era um papel de figurante no último filme do Woody Allen. Era noite de sábado, e ele havia levado Janey a um daqueles restaurantes horrorosos da Terceira Avenida, que servem hambúrgueres, onde precisaram esperar 45 minutos na fila para se sentarem a uma mesa. Depois, quando veio a conta, ele abriu a carteira e declarou, envergonhado, que estava duro – se ela pagasse, afirmava, ele prometia lhe dar o dinheiro no dia seguinte. Janey também estava dura – tinha quarenta dólares na carteira, que pretendia esticar por mais dois dias – e, quando pagou, sentiu que nunca havia caído tão baixo. Não só ela era uma fracassada, como também estava saindo com um fracassado.

Mas a coisa piorou ainda mais: na tentativa de ser cavalheiro (talvez para "compensar" a falta de grana), ele insistiu em acompanhá-la até em casa e, depois, em subir as escadas com ela, e entrar em seu apartamento. Uma vez lá dentro, a personalidade do homem mudou por completo. Tentou beijá-la e, quando ela o empurrou, berrou com ela, chamando-a de "puta rica", que pensava que era melhor que os outros. Isso até que era verdade, lembrou-se de pensar naquela hora – certamente pensava que era melhor que ele. E então, em uma espécie de clichê ridículo, o safado tentou estuprá-la, mas o pênis dele era minúsculo, e ele não conseguiu ficar duro ele jeito nenhum; para arrematar, em um acesso de raiva, ele saiu – mas só depois de dar uma bofetada no rosto de Janey com tanta força que ela caiu no chão.

Durante as duas horas seguintes, Janey ficou na cama com uma bolsa de gelo na bochecha – podia ter ficado louca de raiva por causa do seu rosto, mas não conseguia uma sessão fotográfica há muitos dias e a próxima estava marcada para só dali a duas semanas. Era uma bobagem total pensar em chamar a polícia; sendo solteira, sem emprego fixo, sem ninguém em sua vida para notar por onde andava, sabia que esse tipo de coisa podia acontecer a qualquer hora e que ela era

responsável por sua própria proteção. Mas o que a deixou mesmo uma onça foi ter gastado os quarenta dólares com aquele crápula. Pagar o jantar dele significava que, se quisesse comer no dia seguinte, ia precisar ligar para um dos seus "amigos" e pedir que ele a levasse para jantar; se tivesse muita sorte mesmo, talvez conseguisse escapar do ato sexual alegando estar cansada... Chegou à Burberry, onde um guarda uniformizado e sorridente segurou a porta de vidro para ela, com um "Boa tarde, senhorita". Assim que entrou na loja, recordou-se de como adorava fazer compras nas lojas de grife, onde todos eram sempre tão alegres e prestativos... O interior da loja era aquecido e bege, de algum jeito conseguindo transmitir aos seus clientes o sentimento confortável de estar envolto em um cobertor macio, e olhando ao redor para ver se achava o balcão de acessórios, viu um par de botas de salto alto até o joelho do mesmo xadrez que era a marca registrada da Burberry. De repente sentiu uma excitação agradável, quase sexual, e dando largas passadas até chegar perto das botas, pegou uma, e declarou em voz alta:

– Essa aqui eu não posso deixar de levar!

Um vendedor jovem e bonito imediatamente apareceu ao seu lado; em uma voz charmosa, perguntou:

– Posso ajudá-la, Sra. Wilcox?

– Pode – disse ela, ainda mais excitada ao notar que havia sido reconhecida. – Estou torcendo para você achar essas botas no meu tamanho – 39. Se não tiver, nem sei o que sou capaz de fazer...

O vendedor desapareceu, para ir pegar as botas, e Janey sentou-se em um sofá de couro bege, esquecendo-se completamente do Selden. Dentro de alguns minutos, ficou aliviada ao ver o vendedor voltando com uma caixa, mas depois sentiu-se quase destroçada quando ele avisou:

– É o último par, e infelizmente acho que é 38...

– Não se preocupe, eu dou um jeito de elas caberem – afirmou Janey.

– Posso ligar para outras lojas – disse o vendedor. – Talvez a loja de Los Angeles tenha um par tamanho 39...

– Mas eu quero levar as botas agora, nesse momento – explicou Janey, em tom incisivo. – Se precisar esperar para comprá-las, não vai ter a menor graça.

– Concordo plenamente, senhorita – respondeu o vendedor, com um aceno de cabeça.

Ela abriu o zíper na parte de trás da bota e forçou o pé a entrar nela – sentiu que provavelmente se arrependeria depois de usá-las durante uma hora –, mas elas podiam ceder, e ela estava decidida a comprá-las. Forçando o pé a entrar na outra bota, ficou de pé, caminhando com afetação pelo carpete até o espelho, consciente de que todos os outros fregueses da loja a admiravam e talvez até lhe cobiçavam as botas...

Diante de um espelho, com alguma coisa nova no corpo, ela fez uma fantasia sobre si mesma – como sempre, aliás. Imaginou-se usando as botas em algum lugar exótico (talvez com palmeiras e edifícios de um branco imaculado), atravessando a rua com uma expressão decidida e temerosa no rosto... estava em perigo, sozinha, com um revólver na bolsa...

E de repente, seu ouvido esquerdo captou uma voz masculina ronronando:

– Não tem nada mais sensual que uma mulher de botas pequenas demais.

E, girando nos calcanhares, ficou chateada ao descobrir que quem estava falando era Zizi, com um casaco de camurça marrom, e tão lindo quanto ela se lembrava dele no verão anterior. Mas que diabo estaria ele fazendo ali na Burberry, pensou ela. Ah, mas claro, comprando coisas com

o cartão de crédito da Mimi. Jogando os cabelos para o lado, ela respondeu, de mau humor:

– Não são pequenas demais. Estão ótimas...

– Pensei ter visto uma expressão de dor nos seus olhos – disse ele, dando-lhe um sorrisinho sardônico.

– Foi só porque... – começou ela, pensando em sua fantasia. Por que ele sempre parecia surpreendê-la?

– Parabéns – disse ele. – Ouvi dizer que casou.

– Ah, sim – disse ela, em voz fria, voltando ao sofá e sentando-se. Por algum motivo incompreensível Zizi a seguiu, e como se não tivesse nada melhor a fazer, e eles fossem velhos amigos, sentou-se ao lado dela. – Sou muito feliz, de verdade – disse ela. – Meu marido é ótimo...

– É, eu me lembro dele. Selden Rose. Parecia boa gente.

– Mas é mesmo – disse Janey, de repente irritada pelo fato de aquele "boa gente" ser aparentemente uma manifestação de menosprezo pelo Selden.

– Você está muito bem – elogiou Zizi. Ficou parado olhando para ela como se estivesse avaliando uma montaria, e Janey sentiu um formigamento no corpo por causa daquele olhar. Como era possível a mera presença daquele sujeito despertar todos os sentimentos que ela tivera por ele no verão passado? E, com a mão ligeiramente trêmula, ela abriu os zíperes das botas, meio envergonhada dos seus pés – tinha calos – envoltos naquela meia-calça de náilon bege.

– Por que não estaria? – disse ela, chamando o vendedor com um sinal. – Vou levar as botas – comunicou ela, inclinando-se e lembrando ao rapaz, com um cochicho ao seu ouvido, que tinha direito a um desconto de 30 por cento.

Lançou um olhar ousado a Zizi, desafiando-o a rir da sua cara por causa daquele desconto, que ela recebia em toda loja de grife como cortesia por estar no ramo da moda e pela possibilidade de ser fotografada com as roupas deles. Mas Zizi não disse nada, e ela comentou, propositalmente:

– Parece que você é que anda se dando muito bem, não? Vivo lendo notícias sobre você nas colunas de fofocas.

Ele riu – era como uma estátua grega cobrando vida, pensou Janey – e respondeu:

– Veja só quem está falando. Vejo seu nome em toda parte.

– Sim, mas... – começou ela, dividida entre sentir prazer por ele estar acompanhando as notícias sobre ela, e o desejo de passar-lhe uma descompostura. O que poderia dizer – que sabia que ele estava traindo a Mimi? Mas ela nem mesmo devia tocar nesse assunto, e por causa do fora que ele havia lhe dado no verão, sabia que acusá-lo de ir para a cama com outras mulheres só a faria parecer ainda mais despeitada.

O vendedor voltou com as botas e o seu cartão; ao assinar o recibo, Janey viu que se esquecera completamente do presente do Selden. Aquilo ia ter que ficar para depois, pensou ela, olhando de relance para Zizi. Dizia a si mesma que agora ela queria só sair da loja e se afastar daquele homem. De repente, sentiu raiva por ele ter rejeitado as tentativas de aproximação dela, e pondo-se de pé, ficou se perguntando qual seria o problema dele. Talvez, naquela sua sensibilidade argentina maluca, ele não a tivesse considerado alguém "à sua altura". Estendeu a mão e disse, friamente:

– Foi bom te ver, Zizi.

– Ah, que é isso – disse ele, levantando-se lentamente, como se tivesse todo o tempo do mundo. –

Pensei que nós dois fôssemos amigos.

Tremendo insulto, aquele, pensou ela, mas se deixasse seus sentimentos transparecerem, Zizi saberia que ela estava apaixonada por ele. Inclinando o rosto para fitar o dele, disse, calmamente:

– Claro que somos, Zizi... – E nesse instante, ela de repente sacou o que devia fazer.

Era um plano maquiavélico, mas mostraria a Mimi de uma vez por todas a verdadeira natureza do caráter do Zizi, pensou ela, ao abrir a bolsa e revirá-la em busca do seu batom preferido, Pussy Pink. Indo até o espelho, fez biquinho, sedutoramente, e atraindo o olhar de Zizi, lançou-lhe um olhar interrogativo. Batata, como ela havia apostado, ele respondeu com uma piscadela.

Era só disso que ela precisava, pensou, amargurada, girando o batom para guardá-lo com um gesto hábil. Ele havia passado o verão inteiro fingindo que ela não existia, mas agora, longe dos olhos vigilantes de Mimi, estava praticamente cantando Janey!

Pobre Mimi! pensou ela outra vez. Como a maioria das mulheres provavelmente não entendia como os homens podiam ser traiçoeiros, mas Janey entendia. Durante toda a sua vida, andara repelindo avanços de homens que estavam "apaixonados" por outras, casados, com filhos, e essa dura verdade havia feito com que ela chegasse a uma conclusão inabalável sobre os relacionamentos em geral – seria à toa que era cética? Bastava ver o que havia acontecido com a coitada da Patty, pensou ela. Virando-se e dando um sorriso para Zizi, decidiu que Mimi não ia passar por aquilo. Como amiga, devia isso a ela, mostrar-lhe a verdade.

Se pudesse provar a Mimi que Zizi era um safado, estaria poupando-a de muito sofrimento no futuro. Além disso, não precisava ir para a cama com o miserável, pensou, olhando com avidez seu corpo atlético, e depois permitindo-se apreciar-lhe a virilha revestida por um apertado jeans surrado. Mas se as coisas chegassem mesmo a esse ponto, o fato de Zizi ter comido a melhor amiga dela talvez fizesse Mimi acordar e recobrar o juízo, dando um chute no Zizi de uma vez por todas.

Dando um passo na direção dele, Janey disse, com toda a naturalidade:

– Nunca mais nos vimos, Zizi. Está gostando do meu apartamento?

– Ele é muito bom...

– Sinto muita saudade daquele meu apê – disse Janey, com um suspiro. – Tenho tantas lembranças boas daquele lugar...

Ele devia entender isso como uma deixa para convidá-la a ir até lá, mas em vez disso pegou a sacola dela e, dirigindo-se para a porta, perguntou:

– Para onde está indo? Posso chamar um táxi para você?

Por um momento, ela ficou surpresa pela facilidade com que ele aceitava o fato de ela ir embora, e de repente pensou que talvez estivesse enganada. Mas provavelmente jamais teria uma oportunidade igual àquela – quando a Mimi estava indo para o aeroporto e Selden se encontrava no trabalho – e, mordendo o lábio, respondeu:

– Não me decidi ainda. Para onde você vai?

– Vou a pé para casa. Adoro caminhar por Nova York

– Ah é? – indagou ela, surpresa. – Eu também. – Na verdade, nada lhe causava tanto desprazer, pois fora obrigada a andar a pé assim que viera para Nova York, já que não tinha dinheiro para táxi e tinha medo do metrô. Mas se precisasse andar ao lado dele para conseguir que ele tentasse seduzi-la, ela iria.

– Também vou para aqueles lados – disse. – Podemos ir juntos.

E lá se foram pela Avenida Madison. Ele era tão alto, tão bonito, e, ao ver o reflexo de ambos juntos em uma vitrine, ela ficou impressionada com o casal perfeito que formavam. Se estivesse com o Zizi em vez do Selden, pensou, sua vida seria bem mais emocionante, pois não havia nada de que o público gostasse mais do que um casal jovem e lindo. Seriam convidados para ir a todos os lugares e provavelmente se tornariam parte do jet set jovem internacional, freqüentando festas no castelo do Elton John, na Inglaterra, e no iate do Valentino, no sul da França...

Nesse momento, ela se lembrou de que ele não tinha onde cair morto, e, rindo-se consigo mesma, caiu na real, vendo que todas as suas fantasias sobre o homem eram apenas isso – fantasias. Se estivessem juntos, provavelmente iriam morar no apartamento dela, espremidos em um cubículo de pouco mais de cem metros quadrados, como dois camundongos presos em uma caixa de sapatos. Ela é que ia ter que comprar roupas para ele, e gastar seu precioso dinheirinho em relógios de ouro de 20 mil dólares, apesar de que, se ele estivesse com ela, pensou, olhando-o de relance pelo canto do olho, ia fazer tudo para ele nunca ter oportunidade de trai-la... E subitamente se deixou espantar de novo pelo afrontoso comportamento de Zizi. Ele podia pelo menos ter a hombridade de agir como mulher, sendo fiel à pessoa que o sustentava...

Como sempre, a conversa entre eles parecia ter esfriado. Se ela queria levá-lo para a cama, obviamente ia precisar fazer mais do que aquilo que já estava fazendo. Casando o passo com o dele, perguntou sarcasticamente:

– Exatamente o que você está fazendo aqui em Nova York, Zizi? Além de freqüentar a noite, quero dizer. Afinal, aqui não existem cavalos...

– Logo vou começar a viajar para o *patrón* – disse ele. E aí, numa voz brincalhona que trazia embutida uma insinuação maliciosa, perguntou: – Vai sentir saudades minhas?

Isso era tranquilizador, pensou Janey. Ele claramente era um daqueles caras que gostavam de achar que todas as mulheres só pensavam nele.

– Muitas – disse ela, reforçando com um aceno de cabeça e usando o mesmo tom dele. – Nem sei como vou agüentar.

– Ótimo – disse ele. – Então vou tratar de voltar a Nova York

Arrá! pensou ela. Será que ele era tão burro a ponto de acreditar que ela ia achar que ele ia voltar para Nova York por causa dela? Pois se eles mal se conheciam... Só que, pelo jeito, ele não conseguia se conter...

– Bom, sempre que você voltar, Zizi, pode ter certeza de que vou estar lhe esperando – disse ela. Seu tom de voz foi brincalhão, mas o brilho dos olhos dela insinuou que ela sabia que havia algo entre eles – a qualquer momento, tinha certeza de que ele ia passar-lhe uma cantada...

Mas em vez disso ele franziu a testa e, olhando direto em frente como se houvesse algo interessante à distância, acelerou o passo. Depois de um silêncio momentâneo, perguntou:

– Onde você está morando agora?

– Eu? Ah, em um hotel – respondeu ela, tentando evitar que a decepção lhe transparecesse na voz. – Na rua 63.

– Então, chegamos – disse ele, educadamente. – Acho que é aqui que você fica.

Ela olhou para cima, irritada, e viu que tinham realmente chegado à sua esquina. Do outro lado da rua estava a familiar loja Roberto Cavalli, cujos manequins exibiam vestidos suntuosos de seda e peles; ao lado dela, a banca de jornal onde Janey comprava suas revistas. Precisava ver

se conseguia ganhar tempo, e não havia como convidá-lo para subir ao seu apartamento. Indo até a banca, ela o chamou, virando a cabeça:

– Pode esperar um pouquinho? Eu só vou comprar um jornal...

Ela precisava evitar que ele escapasse, pensou; mesmo assim, a forma como ele mexia os pés, indicava que desejava fugir dela. Naturalmente, ele seria obrigado a agir assim, a fingir que não estava se sentindo atraído... Afinal, ela era a melhor amiga da Mimi. Sim, ele era como a maioria dos homens; fingia para si mesmo que não era culpa dele; que tudo o que tinha acontecido havia lhe fugido ao controle; portanto, só precisava de uma desculpa. Fingindo procurar uma revista, os olhos dela encontraram a *Star*, pendurada em um prendedor amarrado a um barbante. A manchete era: "Esposa de Roqueiro Isola o Marido", contendo mais um capítulo do escândalo de Digger e Patty, que a *Star* havia retomado e agora publicava semanalmente, como se fosse uma telenovela. Janey já havia lido a matéria – que contava como Patty fora se encontrar com Digger durante a turnê (verdade) e estava vigiando-o como um falcão, sem permitir que ele convivesse com os outros componentes da banda (provavelmente uma inverdade) –, mas Janey de repente enxergou nisso uma solução. Soltando um gritinho de susto, arrancou a revista do prendedor. Por um segundo, sentiu-se ligeiramente culpada por usar a infelicidade da irmã como desculpa para levar adiante suas próprias armações, mas justificou a artimanha para si mesma, dizendo-se que era justo usar um galinha para pegar outro. Sua manobra surtiu o efeito desejado, e, em um segundo, Zizi já estava ao seu lado, com o braço ao redor de seu ombro, perguntando o que era. Ela se virou para ele e, numa voz que beirava as lágrimas, disse:

– É horrível demais... um assunto vergonhoso demais para se discutir...

– Ei! Como é, que é? Vai pagar pela revista? – perguntou o jornaleiro.

– Se é tão terrível assim, talvez não deva ler – aconselhou Zizi, puxando-a para longe.

– Não. Eu preciso – disse Janey, os olhos arregalados cravados nele. – É sobre minha irmã.

Tadinha... Nunca fez nada de mal...

O rosto de Zizi demonstrou profunda preocupação; sem tirar os olhos dela, refletiu sobre a mudança necessária.

– Você está se sentindo bem? – perguntou, pegando-lhe o braço e abaixando a cabeça até o nível do rosto dela.

Ela sacudiu a cabeça.

– Eu... eu acho que vou desmaiar. Realmente sinto que preciso me sentar...

– Vou levar você para o seu hotel. Deve ser bem perto daqui...

– Ah, não. Não dá – disse ela, insistente. – São muito tradicionalistas, quadrados demais... Iam perguntar o que há de errado e acabariam lendo isso... e depois o Selden e eu podíamos ser obrigados a mudar de hotel...

– Por causa de uma notícia de jornal? Duvido – disse ele. – O que é que está escrito aí, afinal? Estava tentando tranquilizar Janey, pensou ela, mas na verdade agia como um idiota. Quanto tempo mais ia levar para cair a ficha? Agarrando o braço dele para se firmar, ela disse:

– Eu explico depois... só preciso ir a algum lugar para pensar...

– Tenho certeza que tem uma coffee shop ali na esquina – garantiu ele, dando-lhe tapinhas fraternais na mão enluvada.

– Preciso de algum lugar mais tranquilo... onde não haja gente por perto – disse Janey, pondo a

mão livre sobre a dele. Olhando-o suplicante, perguntou: – Será que não daria para irmos ao seu apartamento? Quer dizer, se não estiver esperando visita, claro...

Dez minutos depois, estava seguindo Zizi pelas escadas estreitas e imundas que levavam a seu antigo apartamento – um quarto e sala pequeno no terceiro andar de um antiquíssimo edifício de arenito castanho-avermelhado na metade leste da rua 67. Enquanto admirava o traseiro musculoso dele, refletia encantada como aqueles métodos de manipulação feminina de eficácia comprovada funcionavam com os homens, principalmente, pensou, com um homem como Zizi, que não era, na opinião de Janey, particularmente esperto. Ela sabia que, hoje em dia, a maioria das mulheres procurava evitar as artimanhas femininas, mas Janey não tinha escrúpulos quanto a essas coisas, principalmente quando o emprego de tais táticas tornava quase ridiculamente fácil conseguir o que ela queria. Sem parar para pensar, Zizi tinha chamado um táxi e empurrado Janey para dentro dele, e durante a curta corrida, ela encostara uma das suas pernas na dele, enquanto explicava o que havia acontecido com Patty. Ele ficou furioso; subindo as escadas a passos largos na frente dela, movia-se com a determinação de um homem que foi encarregado de uma missão. E então, no patamar do segundo andar, ele de repente se virou e ela quase se chocou contra ele.

Seu lindo rosto estava ligeiramente deformado pelo sofrimento, como se o esforço de pensar fosse quase demais para ele.

– Mas como você pode ter certeza? – perguntou ele.

– Ter certeza do quê? – perguntou Janey.

– Que ele é mesmo culpado. Como sabe se o Digger não está dizendo a verdade? Quem sabe essa garota não está mentindo?...

Ah, meu Deus, pensou Janey. Esperava que ele não fosse ficar falando a tarde inteira só da Patty e do Digger; se isso acontecesse, talvez fosse mesmo totalmente impossível levá-lo para a cama.

Bem, a Patty certamente parece acreditar nele – respondeu Janey, passando por ele na esperança de que ele a seguisse – desconfiava que, se não o obrigasse a continuar, podiam ficar ali parados conversando na escada. – Mas, também, ela ama esse cara.

– Talvez seja alguma coisa particular entre eles – disse Zizi, franzindo o cenho. – Coisa íntima, de casal...

Ela o olhou de relance, chateada. Será que estava tentando fazer uma referência ao relacionamento dele com a Mimi? E olhando-o de um jeito magoado, como se ela se sentisse pessoalmente ofendida com o comentário dele, respondeu:

– Mas o problema não é só esse. Não é particular. E se a garota não estiver mentindo... Bom, ninguém vai saber qual é a verdade antes de o bebê nascer. – Virando a cabeça, acrescentou: – E, ainda por cima, ainda tem a coitada da Patty. Tudo o que ela sempre quis foi ficar grávida e ter um filho do Digger...

– Sim, isso é verdade – disse ele, sonhador, como se estivesse pensando em outra pessoa. – Para uma mulher, um filho é a coisa mais linda do mundo...

Eca, pensou Janey; não há coisa mais repugnante do que um homem que acha que o único objetivo de uma mulher na vida é a reprodução, mas mesmo assim disse:

– Ah, sim. A mais linda, mesmo.

Eles chegaram ao apartamento, e, girando a chave na fechadura, ele empurrou a porta, fazendo

sinal para ela passar. Por um momento, ela se assustou diante do tamanho reduzido e da aparência deprimente do local, e por um segundo não pôde acreditar que tinha morado ali um dia.

De um ponto de vista otimista, era o típico primeiro apartamento de uma pessoa jovem, sem muito sucesso financeiramente falando, que gastava o mínimo tempo possível em casa. A sala era um túnel estreito com uma janela no fim, dando para a rua 67; o apartamento inteiro fora um dia apenas uma sala grande, mas havia sido dividido em dois cômodos com uma cozinha estreita e comprida e um banheiro microscópico que continha um box com paredes de plástico moldado em vez de banheira. Havia uma lareira rasa na sala de estar, que não funcionava, e o consolo era de compensado com um revestimento plástico imitando tijolos colados à madeira – legado do morador anterior. Janey sempre quis substituí-lo por um consolo de mármore, mas jamais tivera dinheiro para isso quando morava ali, e agora, que estava alugando o apartamento, não parecia haver motivo para a modificação.

– Está se sentindo melhor agora? Na sua casa antiga? – perguntou Zizi, tirando-lhe o casaco de peles dos ombros.

– Ah, sim, muito melhor – disse Janey.

– Vou lhe fazer um chá.

– Prefiro vodca – disse Janey. – Um dedinho de vodca com gelo e com uma gotinha de limão seria ótimo. Você tem?

Ele olhou para ela de um jeito apreensivo, mas nada disse; tirou seu próprio casaco e o pendurou no armário, indo para a cozinha.

Janey tirou alguns papéis de cima do sofá e sentou-se, cruzando as pernas. O sofá era a única peça de mobiliário decente ali – coberto de um tecido de veludo caro, era de segunda mão, tendo pertencido a Harold Vane. Janey não tolerava desordem, e sempre mantinha o apartamento arrumado, mas agora, olhando discretamente em torno, via que a bagunça tipicamente masculina estava em toda parte – a poeira acumulada de um jovem que não gosta de limpar nada e se recusa a guardar as coisas. Um cinzeiro cheio de pontas de cigarro velhas em cima da televisão, resquícios de uma longa noite passada na companhia de um amigo; três botas de montaria enlameadas jogadas em um canto; um casaco e uma camisa pendurados em uma cadeira; diante da janela, uma mesa de jogo de cartas dobrável, com uma xícara suja de café em cima. Espreitando o quarto, Janey viu que os lençóis estavam em desalinho; um travesseiro sem fronha, jazia no chão, e sobre a cômoda havia um monte de roupas. Ela se perguntava como Mimi podia vir ali, e estremeceu ao pensar que talvez essa pudesse ter sido a sua vida...

Só que, apesar de tudo, ele ainda era incrivelmente atraente, pensou, observando-o movimentar-se na cozinha apertada. Estava de suéter de caxemira preta com o tipo de caimento colado e certinho que mostrava os contornos do seu peito, e era provavelmente de grife – Prada ou Dolce & Gabbana. Quando se é jovem e lindo como o Zizi, Janey pensou, uma blusa de gola rolê e jeans são pau para toda obra.

– Não tenho limão – avisou ele da cozinha.

– Achei mesmo que não tinha – disse ela.

Ele entrou na sala de estar trazendo um copo de vidro com gelo e vodca, e Janey, quando o pegou, notou as mãos de Zizi. Eram grandes e lisas – mãos de modelo, sem as juntas saltadas que costumavam se ver em dedos finos – e ela se perguntou de repente como seria sentir aquelas

mãos sobre seus seios.

Ele se sentou no sofá, perto dela, observando-a tomar um gole da bebida.

– Está se sentindo melhor, não? – perguntou. Sua voz foi gentil o bastante, mas por trás dela Janey sentiu a vontade de se ver livre daquela voz, e se perguntou por quê.

– Um pouquinho – disse, saboreando a vodka e olhando para o rosto dele. Ele retribuiu com um olhar ligeiramente perplexo, como se não conseguisse entender bem como ela tinha acabado ali sentada no sofá dele. – Pode me dar licença um minuto? – pediu ela, ficando de pé e indo até o banheiro.

Conferiu sua aparência no espelho, e depois olhou em volta. A pia provavelmente não era limpa havia meses – havia um lodo marrom de sabonete em torno da torneira, e pasta de dentes seca na pia; uma lata de creme de barbear sem tampa encontrava-se sobre uma prateleira de vidro, ao lado de uma escova de dentes com as cerdas gastas até o finzinho, e uma escova de cabelos cheia de fiapos de cabelos louros. Ela pegou a escova, pensando que tipo de homem teria tão pouco cuidado com a limpeza e tão pouca vergonha, mas Zizi era um tipo de homem com o qual ela não estava acostumada. Era mais jovem, tinha menos dinheiro, e, pensou ela, vendo uma toalha meio mofada jogada sobre a porta do box era mais natural – a natureza essencial do macho ainda era forte nele. A maioria dos homens com os quais ela tinha ido para a cama eram higiênicos e bem treinados, como uma espécie cuidadosamente criada de cão civilizado. Quanto mais ricos eram, mais limpos se tornavam; os indícios de sujeira e bagunça pessoais eram removidos (pelas criadas), e seu estilo de relacionamento sexual era orientado em direção à meta e totalmente objetivo. Recolocando a escova na prateleira de vidro, ela imaginou como seria o Zizi – indomado, desinibido, vigoroso, explorando todas as partes do corpo dela com as mãos e com a boca, atrevido a ponto de meter a língua dentro dela, separando suas nádegas, lambendo sua bunda.

Houve uma leve batida na porta.

– Está tudo bem aí? – ela ouviu Zizi perguntar. Olhando em torno de si, apavorada, ela viu a revista *Maxim* no chão do minúsculo espaço entre o vaso e a parede, e, curvando-se para pegá-la, disse:

– Já vou sair.

Era a edição de dezembro, aquela na qual ela aparecia na capa, e vendo sua própria foto com os olhos semicerrados e sedutores, e os quadris apontando na direção da câmera (sua cintura, seus quadris e coxas haviam sido totalmente retocados, e o torso ligeiramente esticado para parecer-lhe que era mais comprida), de repente teve uma idéia. Ia lhe dar a maior emoção da vida dele; ia tornar realidade o objeto de desejo imaginário dele. O poder que sentiu ao pensar nisso a deixou meio zonha de excitação. Seria divertido e sensual, uma experiência que nenhum dos dois jamais esqueceria. Enquanto tirava a blusa e a saia com os dedos impacientes, lembrou-se de que havia representado aquele mesmo número para outros homens naquele mesmo banheiro, daquele mesmo apartamento, e que eles haviam adorado. Ela tirou a meia-calça de náilon, lembrando de que já fazia tempo que ela não se satisfazia no sexo – a última vez fora meses antes, na primavera, quando havia enchido a cara de leve (“relaxada” era uma palavra melhor) e se exibido sobre o consolo da lareira na casa de um dono de restaurante; tinha feito o homem lambe-la a boceta de baixo para cima.

Mesmo assim, não tivera muitas experiências sexuais do tipo que imaginava que fosse gostar, e

os beijos e carícias sem graça da maioria dos homens costumavam não ser suficientes para excitá-la. Ela experimentava uma estranha desconexão entre seu corpo e seu cérebro, e costumava não sentir nada – mas a ausência de sensações era compensada pela sensação de poder que experimentava em provocar as sensações sexuais dos homens. Achava que podia controlá-los por meio do sexo, e o poder é que lhe dava tesão. Adorava ver um homem perder o controle ao ser tocado por ela; às vezes essa sensação era tão avassaladora que ela imaginava ser capaz de estrangular um homem, e testemunhar o choque em seus olhos. Havia momentos, enquanto pagava um boquete, em que se perguntava, alegremente, se o homem fazia alguma idéia de como seria fácil pegar uma faca e esfaqueá-lo. E havia horas em que ela se perguntava, muito de vez em quando, se algum dia não perderia realmente o controle... mas não perdia. Nunca perdia.

Ouviu o telefone tocar na cozinha e o "Alô" vivaz, com um ligeiro sotaque, do Zizi. Verificando outra vez sua aparência no espelho, perguntou-se se não seria a Mimi. Mas não importava. Mesmo que o Zizi lhe dissesse que Mimi estava ali, ambos teriam uma explicação perfeitamente lógica, e aquele ainda era o apartamento dela; não havia por que ela não fazer uma visita a ele de vez em quando. Claro que não contaria a Mimi logo de cara sobre a indiscrição do Zizi – ia reservar a revelação para o momento certo, quando Mimi já estivesse contrariada com ele, fincando assim o último prego no caixão daquele caso entre os dois. Ou, talvez, pensou também, passando as mãos sobre o peito e a barriga, talvez nem contasse a ela. Seu momento com Zizi podia ser algo que ela quisesse repetir e, conseqüentemente, devia ser mantido em sigilo.

– Sim. Não tem problema. Eu te encontro em uma hora – ouviu Zizi dizer, e dando mais uma rápida conferida no espelho, sentiu-se aliviada por estar usando uma lingerie bonita naquele dia – um sutiã de armação meia-taça de renda branca, e fio dental combinando com ele; nos pés, sandálias de salto alto lilás, já que agora era considerado a última moda usar sandálias no inverno, pois implicava que a pessoa era rica o suficiente para não precisar andar. O colar de pérolas reluziu em torno de seu pescoço, como peltre polido, e por um instante ela pensou em Selden. Mas não, ela simplesmente não podia pensar em Selden. Não agora...

Ouviu Zizi desligar o telefone, e então, abrindo a porta do banheiro com um floreio, ficou do pé ali com uma das mãos nos quadris e a outra no batente. Na mesma voz sedutora que tinha usado nos comerciais da Victoria's Secret, arrulhou:

– Desconfio que você não vai a lugar nenhum.

Ele estava parado na cozinha, enchendo um copo d'água na torneira, e o susto que levou foi tão grande que quase deixou o copo cair na pia. A princípio, fez cara de confuso, e Janey esperou que, no segundo seguinte, aquela expressão se transformasse em expectativa. Só que, em vez disso, ele recuou, e, equilibrando o copo instavelmente na beira da pia, perguntou, apavorado:

– O que está fazendo?

– O que acha que estou fazendo? – respondeu ela, dando um passo na direção dele. Em um segundo estavam ambos entalados naquela cozinha minúscula, ele com as costas contra a parede. Ela meteu a mão atrás do pescoço de Zizi e puxou o rosto dele para baixo, para beijá-lo. Os lábios dele lhe pareceram rijos e renitentes, mas provavelmente era porque tinha se surpreendido ao vê-la ali quase nua, e disponível. Mantendo as costas eretas, ela dobrou os joelhos, deslizand as mãos para baixo sobre o peito dele, enquanto graciosamente se abaixava, ficando agachada. Olhando para o rosto dele, viu que sua expressão não havia se alterado, sendo

ainda de susto e incredulidade, e estava calculando que mudaria assim que ela pegasse o pênis dele. Abriu o botão do cós da sua calça jeans e, por um segundo, seus dedos hesitaram acima do zíper, como que em um delicioso suspense, antes de afastar as duas fileiras de dentinhos uma da outra. E justo naquele segundo a boca dele se abriu e soltou um rugido assustador.

Talvez ele quisesse dizer "não", mas o som foi mais gutural do que isso – parecia mais o grito de um animal defendendo seu território. Estendendo as mãos para ela, de alguma forma conseguiu jogá-la para trás. Ela caiu sobre o traseiro de mau jeito e depois rolou para o lado, mas antes que pudesse se erguer, ele já vinha com tudo para cima dela, como se fosse zagueiro de time de futebol americano. Ergueu-a nos braços e correu para o sofá. Pensando que ele talvez estivesse contendo o desejo há muito tempo, passou os braços ao redor do pescoço dele, e enquanto Zizi tentava atirá-la no sofá, ela o apertava mais ainda, de forma que ele não teve escolha senão cair em cima dela. Ao prendê-lo naquele abraço mortal, ela passou uma perna ao redor da cintura dele, e começou a lhe beijar o pescoço, enquanto ele lutava para se livrar. Finalmente, Zizi agarrou ambas as mãos de Janey, e as prendeu atrás da cabeça dela sentando-se sobre seu corpo e berrando:

– Mas que loucura é essa que está fazendo?

Ambos estavam ofegantes. Janey não conseguiu falar – estava excitada demais com a sensação de tê-lo ali sobre ela, daquele jeito. Era violento e sensual; ela já se recordava da textura macia e amanteigada da pele dele. Seu desejo sexual, normalmente latente, havia se exacerbado – parecia tão novo quanto na época em que era adolescente. Contorcendo-se debaixo dele, só pensava em conseguir que ele a beijasse. Queria que ele a possuísse, não importavam as consequências...

Ele observou o rosto dela um instante, e depois, enojado, jogou as mãos dela para os lados e se pôs de pé.

– É isso que... você faz com os homens? – perguntou, agressivo, com um largo gesto de um dos braços. Seu lábio superior estava arregaçado de raiva, revelando dentes brancos e saudáveis com incisivos pontiagudos. Janey olhou para ele, desejando que não tivesse interrompido aquele momento de paixão, mas gostando de ter causado uma reação assim. Sentando-se, ela estendeu a mão.

– Vem cá, vem... – convidou.

Ele sacudiu a cabeça e foi para o banheiro, batendo os pés. Voltou trazendo as roupas dela.

– Vista-se – ordenou, entredentes.

Ela riu e rolou, ficando de barriga para cima. Sabia que devia estar parecendo muito gostosa, deitada no sofá apenas com aquela lingerie sumária; dar prazer visual como esse era uma das suas poucas fontes de auto-estima, e ela ainda acreditava que ia conseguir trepar com ele.

– E se eu não estiver a fim? – perguntou, traçando languidamente um círculo no ar com o dedo. – Afinal, este apartamento é meu. Suponho que posso fazer o que quiser dentro dele...

– Vista-se! – repetiu ele, jogando as roupas em cima dela.

A humilhação de vê-lo jogar as roupas em cima dela como uma bofetada chocou Janey, fazendo-a voltar a si. Ela apanhou a saia e atirou-a de volta em cima dele, mas errou o alvo e a peça de roupa foi flutuando até pousar no chão, perto dos pés de Zizi. Estava disposta a aceitar tudo que ele tinha feito até ali, em nome do sexo perigoso, mas aquilo era uma ofensa.

– Como ousa me tratar assim? – gritou ela, pondo-se de pé num salto. Voou em cima dele,

impulsionada por uma emoção súbita e violenta, desejando acertá-lo, dar-lhe um belo tapa na cara. Ele se desviou para o lado, agarrou-lhe o punho e torceu-o atrás das costas dela, empurrando-a para longe de si.

Ela tropeçou e agarrou-se ao consolo da lareira, onde viu que ele havia colocado a foto de uma morena exótica, de cabelos negros, provavelmente sua mãe.

– Mas qual é o seu problema? – berrou ela, enxugando a boca.

– Eu é que pergunto qual é o seu – replicou ele, furioso, como se tivesse sido ofendido. – Como eu posso deixar mais claro que não estou a fim de te comer?

Ela ficou tão surpresa com a resposta dele que, a princípio, mal conseguiu entender. Aquela ausência de interesse não era possível, pensou, a menos que ele fosse gay.

– Não seja ridículo – respondeu, atrevida, conseguindo equilibrar-se emocionalmente outra vez. – Todo mundo quer trepar comigo.

Por um momento, ele a olhou com compaixão, como se não a considerasse nem um pouco sensual; sob seu olhar, ela sentiu sua autoconfiança sumir.

– É – disse ele, de mansinho. – O problema é exatamente esse.

Ele se abaixou para pegar a saia dela; ao fazer isso, ela de repente se encheu de medo. Não sabia o que ele estava querendo dizer, mas aquelas palavras tiveram o efeito de fazê-la empalidecer.

– Você queria ir para a cama comigo... no verão – disse ela, arquejante.

– Não. – Ele sacudiu a cabeça, entregando-lhe a saia. – Por favor – pediu. – Vista-se, sim? Não vá passar mais vergonha do que já passou...

A saia pendia da mão dele como uma bandeira; era um símbolo do fracasso dela, e Janey não podia aceitá-la. Achou-o inacreditavelmente arrogante. Sentiu ódio dele e ao mesmo tempo, desejo. Sentia que precisava vencer, sentia-se impelida a sair daquela experiência com alguma coisa nas mãos, por mais que isso lhe custasse.

– Sim, você queria me comer esse verão. Por que não quer admitir? – perguntou, agressiva.

Por um segundo, ele olhou para ela temeroso, calculando sua raiva e seu nível de loucura. Sem tirar os olhos dela, deixou a saia no sofá.

– Se não quiser se vestir, não vou obrigá-la – disse ele. – Mas preciso sair. Tenho um compromisso ao qual não posso faltar.

– Com a Mimi? – perguntou ela, com insolência.

– Com Harold Vane – respondeu ele. – Temos que conversar sobre uns cavalos.

– Cavalos! – escarneceu ela, dando uma risada cruel depois. – Então é isso. Você prefere cavalos a mulheres...

– Às vezes, sim – disse ele, olhando-a de cima a baixo. Depois passou por ela e entrou no quarto. Algum recanto do seu cérebro, que ainda funcionava de maneira racional, lhe dizia que reunisse os fiapos de dignidade que lhe restavam, se vestisse e fosse embora. Mas ela havia atingido aquele ponto irracional onde só é possível afundar mais ainda; ia acabar com a sua reputação, ia realizar o sacrifício feminino de seu orgulho e auto-respeito, porque não conseguia pôr de lado a idéia errônea de que isso, de alguma forma, o faria amá-la. Há muito tempo atrás, aos vinte e poucos anos de idade, tinha namorado um rapaz rico que a deixara sem explicação alguma, depois de terem se encontrado com os pais dele em um restaurante.

Em um acesso de fúria, ela enchera o jipe dele de lama ao vê-lo estacionado diante da Conscience Point Inn, um clube nos Hamptons. Ele a chamou de louca, é claro, mas ela queria

que ele explicasse seu comportamento. Tinha ouvido boatos de que ele havia descoberto alguma coisa inconfessável sobre o passado dela, e o fato de não saber exatamente o que a deixou louca, fez com que ela quisesse puni-lo...

E agora, vendo Zizi se movimentando no minúsculo quarto de dormir, ela sentia a mesma fúria dominá-la. Como ele ousava escapar ileso assim? Entrou no quarto, em passo de marcha, aproximando-se dele pelas costas – ele estava trocando de camisa, e suas costas nuas, esguias, musculosas erguiam-se diante dela.

– Quero saber por quê! – berrou. Ele se virou, pegando uma camisa de abotoar na frente de cima da cama e metendo os braços nas mangas dela.

– Mas que estupidez a sua – respondeu ele.

Ela lhe deu uma palmada no braço.

– Por que escolheu a Mimi, e não a mim?

– Não escolhi – disse ele, sem se abalar, empurrando-a ligeiramente para passar por ela. Ela foi atrás seguindo o homem pelo quarto.

– Fala! – gritou ela. – Não saio daqui sem você me falar.

– Não tenho o que dizer – respondeu ele, com aquela obstinação frustrante de macho que leva as mulheres à loucura. Foi até o armário da frente e tirou uma gravata, depois foi até o espelho, no banheiro, para colocá-la.

– O que ela tem que eu não tenho? – gritou Janey, golpeando-o com suas mãos.

Ele atingira aquele ponto em que ela não lhe interessava mais. Ela tinha ido longe demais, mas esse tipo de coisa acontecia o tempo todo com ele. Agora estava ali, arrasada, soluçando no canto do banheiro, virando o rosto molhado e inchado para ele e perguntando:

– Por quê, por quê, por quê?

Mas, para ele, ela era como um trapo, sujo e molhado jogado no chão. Ele passou por ela e pegou um blusão esportivo de caxemira no armário. Vestiu-o, e depois colocou um casaco de tweed longo sobre ele. Pegou as luvas no consolo da lareira e, quando se virou, ela estava de pé diante da porta, mãos nos quadris e pernas abertas, bloqueando-lhe a saída.

– Só deixo você sair quando me responder por quê! – berrava histericamente.

Ele suspirou. Por que as mulheres sempre faziam aquelas cenas? Ele não queria ser grosseiro, mas quando a tratara como um ser humano, ela interpretara aquilo como um sinal de que ele estava apaixonado por ela. Tinha ficado ligeiramente interessado por ela, sim, no início do verão

– mas só por um minuto, porque ela se exibia tanto que era impossível não notá-la e ficar se perguntando se valeria a pena tentar. Até que lhe informaram como ela era, e ele não queria uma mulher assim. Em voz neutra, respondeu:

– Vou ter que lhe pedir para sair da frente da porta.

– E eu vou ter que lhe pedir para me dizer por quê – disse ela, desafiadora, começando tudo outra vez.

Ele a agarrou pela cintura, e a afastou da porta. Ela tentou agarrar-se nele, de forma que ele precisou empurrá-la para o lado. Ela deu dois passos para tentar equilibrar-se e, nesse momento, ele aproveitou para abrir a porta de supetão e pular no corredor do prédio, batendo a porta atrás de si.

Por um momento, Zizi ficou recuperando o fôlego, enquanto passava as mãos nos cabelos.

Depois começou a descer as escadas. Ela não viria atrás dele agora, pensou, só de sutiã e

calcinha como estava – mesmo ela não ia ser louca de fazer isso. Quando a visse de novo, provavelmente ela fingiria não tê-lo visto, por vergonha de seu comportamento. Ele jamais contaria o incidente a ninguém e, tinha certeza, nem ela contaria; era vergonhoso demais, faria com que ela parecesse uma tola, e arruinaria sua reputação apresentar-se como uma sedutora fracassada. A essa altura, embora a questão talvez jamais fosse esquecida, não se tocara mais nela, e ele estaria a salvo, pensou.

Foi então que, ouviu um ruído de percussão nas escadas atrás dele. Virou-se, surpreso por ela ter conseguido se vestir tão depressa, e, ao vê-la, chegou a sentir nojo. Ela estava toda desgrehada e nem havia abotoado a blusa; o rosto estava grotescamente inchado e os olhos, vermelhos, achavam-se embaçados pela raiva. Essa era a verdadeira Janey Wilcox, pensou ele – uma megera histérica cuja verdadeira natureza obliterava sua beleza superficial. Sua primeira reação foi sair correndo – mas depois a fúria o dominou. Ele não era um animal, forçado a satisfazer os instintos sexuais alheios, nem era obrigado a fazer amor com os montes de mulheres que "se apaixonavam" por ele porque era lindo.

– Quer mesmo saber por que não fui pra cama com você? – berrou. O fato de ele estar pronto para responder pegou Janey de surpresa, e ela parou três degraus acima dele.

– Por quê? – perguntou ela, pondo as mãos nos quadris.

– Porque você não passa de uma puta – respondeu ele. – E eu não durmo com putas.

Ela deu um passo adiante, como se fosse esbofeteá-lo, mas ele se virou rapidamente para o outro lado, descendo as escadas depressa, enquanto ela seguia atrás aos tropeções.

– Você é um otário! – berrava ela. – Mas é mesmo uma tremenda piada... Todo mundo sabe que a Mimi é a maior puta desta cidade... Ela só está com o George Paxton por causa do dinheiro dele... – Finalmente, chegando à portaria, Zizi abriu o ferrolho e saiu. Olhou para ambos os lados da rua à procura de um táxi, e nesse segundo Janey conseguiu alcançá-lo.

– Não pense que vai conseguir escapar – ameaçou ela, entredentes. – Vou contar à Mimi que tentou me seduzir... Eu me pergunto como é que vai se sentir quando perder a boquinha. Você é o único substituído nessa história toda...

Ajeitando as luvas, ele respondeu, com frieza:

– Até você dizer isso, eu não te odiava. – E quando ele recuou, uma voz de mulher perguntou, hesitante:

– Janey? Janey Wilcox?

Ela não tirou os olhos do rosto dele, mas imediatamente passou por uma transformação. Seu rosto se acalmou, e ela passou uma das mãos sobre os cabelos, fechando a parte de cima do casaco de pele com a outra. Com um sorriso maníaco, virou-se, dizendo:

– Sim?

Zizi teve uma única impressão daquela mulher: ela era o tipo de loura bela e sem sal que se vê constantemente nas ruas do Upper East Side; podia ser qualquer pessoa, sinceramente. A mulher olhava Janey com uma expressão de surpresa ansiosa que se transformou em perplexidade quando percebeu que não fora reconhecida.

– Sou a Dodo. Dodo Blanchette... lembra?

– *Aimedeusdocéu*... Dodo! – disse Janey.

– Não estou interrompendo nada, estou? – perguntou Dodo, olhando de Janey para Zizi com um sorriso malicioso e insinuante.

– Eu preciso ir – disse Zizi, bruscamente. Percebendo sua chance de escapar, deu as costas às duas e subiu a rua caminhando rapidamente.

Ambas ficaram observando-o pelas costas. Ele possuía uma elegância indefinível, que o fazia parecer bom demais para aquela velha rua de pedras gastas de arenito, e pensar nele dessa maneira fez Janey sentir vontade de chorar de novo. Ela não entendia o que havia acontecido nem por quê – só sabia que estava com uma sensação de perda horrível, como se algo essencial houvesse sido roubado dela, e ela se sentisse esgotada.

– Mas que homem mais gostoso esse – disse Dodo, como se Zizi fosse literalmente alguma coisa que ela comeria com todo o prazer. – Gatíssimo. Se não soubesse que era impossível, teria achado que vocês dois estavam tendo uma briga de namorados!

Dodo era um desses tipos de mulher abelhuda que vivia tentando conseguir informações, pensou Janey. Suas sobrancelhas tinham sido depiladas a pinça até se reduzirem a linhas finíssimas de pêlos que marchavam sobre seus olhos como uma fileira de formigas; as pontas de seus cabelos louros oxigenados eram quebradas. Mas, por um momento, Janey sentiu a tentação de contar a Dodo toda aquela novela. Tinha a impressão de que Dodo compreenderia – até correr para casa e contar a todos os empregados da Splatch Verner quem era a esposa de Selden Rose. Dando-lhe as costas, Janey percebeu que, embora quisesse desabafar, não podia falar com mais ninguém. Não tinha nenhuma amiga do peito, nenhuma confidente digna desse nome.

– Está falando do Zizi? – disse ela, numa voz instável e alta demais. – É meu inquilino. Só passei aqui para receber o aluguel.

Dodo pareceu decepcionada ao ouvir essa informação, mas não forçou a barra.

– Aliás, por falar nisso – disse –, decidimos fazer um daqueles passeios de helicóptero que terminam com *rafting*, no Grand Canyon, em março, e estávamos querendo que você e o Selden viessem também.

Janey foi obrigada a passar vários outros minutos nesse bate-papo sem sentido com a Dodo, que estava indo para o salão fazer o pé, e quando finalmente conseguiu se livrar dela, a neve começou a cair. De repente, ela sentiu os pés, que estavam verdadeiramente uma pedra de gelo, e entendeu como era absurdo usar sandálias no inverno... precisava se arrumar antes de ir para casa, mas não sabia bem como.

Finalmente ela se abaixou, protegendo-se sob uma portaria estreita de mármore preto e tirando o celular da bolsa. Uma sensação de culpa horrorosa a fizera sentir vontade de ligar para Mimi, ouvir a voz dela – se Mimi se comportasse normalmente (e por que não se comportaria?) era porque todo aquele incidente com Zizi jamais tinha acontecido. Mas tinha acontecido, sim, e relembra-lo – como ele a jogara no chão e a chamara de puta – fazia-a encolher-se com uma vergonha que chegava a doer. Ele a magoara – cruel e deliberadamente, pensou ela –, era violento e perigoso. Por um momento, hesitou – será que devia dizer isso à Mimi? –, mas depois a vergonha se transformou em raiva, e ela discou o número da amiga.

Era capaz de jurar que a casa dos Paxton estava passando por um momento de confusão pelo alô apressado da Mimi. Ela acabara de voltar do aeroporto, onde tinha ido pegar os meninos, e eles haviam trazido o cachorro deles, que tinha mijado no tapete.

– Os meninos não param de perguntar por você, querida – disse. – Jack fica imaginando quando vai te ver... Vai vir nos visitar, não vai?

– Vou, sim, claro – disse Janey, encostando-se na parede. Passou uma das mãos nos olhos;

achava que corria o risco de ficar doente. Desejou já estar na casa elegante e quentinha da Mimi, que era mais acolhedora do que a de East Hampton, bebendo chocolate quente e brincando com os meninos...

– O que Selden disse sobre o colar? – perguntou Mimi, berrando depois para o cachorro: – Sadie, já para o seu quarto! Jack, quer me fazer o favor de levar o Sadie lá em cima?

– Ele ainda não viu o colar.

– Ah, não? – perguntou Mimi, na maior inocência. – O que você foi fazer?

– Fui fazer compras. Na Burberry... – E assim que disse isso, percebeu que tinha deixado as botas no apartamento do Zizi. Aquilo lhe daria uma desculpa para voltar lá e acertar as contas com ele.

Tal pensamento fez com que ela sentisse que havia algo de ruim e inacabado entre eles. Zizi precisava ser castigado. Precisava sofrer por rejeitá-la, precisava sentir o peso do seu ódio...

– Está tudo bem? – perguntou Mimi. – Estou achando você meio estranha...

– Bom... – começou Janey. Saiu da portaria onde havia se abrigado e foi para a calçada. Estava de volta à Madison. Passou pela Prada e viu que havia um vestido que adoraria ter na vitrine. Parou, percebendo que a pergunta de Mimi era sua chance, mas sentiu que não tinha coragem de contar toda aquela historinha sórdida à amiga.

– Aconteceu alguma coisa? Com o Selden? – perguntou Mimi, ainda totalmente inocente.

– Não, o Selden vai muito bem – disse Janey. – É que... – Ela não sabia por onde começar. Zizi agora conhecia muito mais a verdadeira Janey – será que ele ia contar tudo a Mimi?, pensou, desarmada. Com qual frequência eles se encontrariam, calculou, pensando que, se houvesse uma maneira de evitar que se encontrassem...

– É a Patty?

– É – disse Janey, aliviada. Encontrara a solução para o seu problema. – Patty e Digger vão voltar semana que vem... Acabei de falar com ela, e a coisa não está indo nada bem, por isso acho que ela vai precisar passar uma temporada no meu apartamento...

– Ah, sim. Entendo. – A voz do outro lado da linha saiu menos amistosa dessa vez.

– Sinto muito, amiga, mas não posso fazer nada – disse Janey, com firmeza, sentindo sua autoconfiança aumentando. – Ela já passou por tanta coisa...

– O apartamento é seu, Janey – disse Mimi. – Se precisa dele, é óbvio que o Zizi terá de encontrar outro lugar para ficar. Só não sei como ele vai descolar um lugar nessa semana antes do Natal...

– Talvez possa ficar na casa de East Hampton... na sua casa de hóspedes – disse Janey, perguntando-se por que não havia pensado nessa mentira antes. Tudo ia ser tremendamente inconveniente para Zizi, e quando Mimi lhe dissesse que ele teria que se mudar, ele ia entender por que, e ia sentir o poder dela sobre ele...

– Não se preocupe, meu amor. A gente vai encontrar uma saída. – Mimi de repente ficou calorosa outra vez, e por um momento Janey sentiu-se culpada, mas depois pensou: por que deveria? Mimi era rica... se queria tanto assim trepar com ele, podia hospedá-lo em um hotel – se pudesse encontrar um quarto na época do Natal. E, sentindo-se muito melhor, Janey disse:

– Eu só queria lhe avisar. Tchau, minha querida. Dá um beijão nos meninos por mim.

Ela fechou o telefone, pensando, triunfante, em como seu plano era inteligente. Com os meninos do George por perto, Mimi e Zizi talvez não pudessem ver-se de jeito nenhum, e aí o Zizi ia precisar se mudar, e George e Mimi iriam passar duas semanas em Aspen no Natal. Ela estava

segura, pensou: ia fingir que nada havia acontecido, do jeito que tinha fingido que muitas coisas na sua vida jamais haviam acontecido, e tudo ia prosseguir como antes. Então viu seu reflexo: que horror! Os cabelos, molhados de neve, estavam colados à sua cabeça; sua pele, toda borrada de maquiagem desfeita. Ela não podia deixar o Selden vê-la assim – ele vivia de olho nela, e saberia que alguma coisa tinha acontecido – e pela hora, já devia até estar em casa, perguntando-se onde ela estaria...

Ela entrou em uma coffee shop luxuosa. Era um desses lugares onde cobravam dez dólares aos clientes por um cheesebúguer, mas o banheiro era limpo. Penteou os cabelos, e prendeu-os num coque, usando os grampos que sempre levava na bolsa para emergências como essa, e depois começou a trabalhar no rosto. Enquanto retocava a pele com pó compacto, seus olhos bateram no colar de pérolas. Com um suspiro de resignação, lembrou-se de que ia precisar bancar a sedutora com o Selden também, tal como tinha bancado com o Zizi – só que Selden certamente não iria rejeitá-la.

O Recém-Construído Edifício-Sede da Splatch Verner era uma imensa laje de mármore preta, acorçada com a maior sem-cerimônia no extremo norte do Columbus Circle. Cinco anos antes, Victor Matrick tivera a brilhante idéia de consolidar todas as empresas Splatch Verner sob um único teto, para promover a sinergia, e embora o edifício tivesse sido terminado a tempo, dois anos antes, eles não conseguiam terminar a área ajardinada de jeito nenhum, ninguém sabia por quê. A área externa ainda estava em obras - para entrar no prédio era preciso passar por um labirinto de tapumes e andaimes - e, de longe, o prédio parecia brotar de uma favela.

O edifício tinha 45 andares, oito elevadores e uma loja de conveniência para os empregados assalariados, no terceiro andar. No 42º andar, encontrava-se uma sala de jantar executiva, e no alto do edifício, onde se localizavam os escritórios de Victor Matrick - entre os quais haviam um quarto de dormir e um banheiro com ducha e hidromassagem - ficava uma sala de jantar mais do que executiva, com sua própria cozinha e cozinheiro particulares, onde Victor Matrick já recebera o Presidente dos Estados Unidos em três ocasiões.

O escritório de Selden Rose ficava no 40º andar, dava para o Central Parke e tinha como vista a zona central da cidade - de sua janela, era possível ver o Empire State Building e, em um dia bem claro, o World Trade Center. Seu escritório tinha nove metros por 18 de área - maior do que muitos apartamentos de Nova York - e continha uma escrivaninha pesada e antiga de mogno, adquirida a um preço absurdo vinte anos antes, quando ele estava começando a carreira, e que o acompanhava de um cargo para outro, à medida que ele ia subindo os degraus da hierarquia da empresa. O escritório tinha duas portas: uma levava para a sala da secretária, e a outra, “secreta”, vivia trancada e dava direto no corredor, caso o ocupante da sala precisasse fazer uma saída estratégica.

Selden Rose orgulhava-se de trabalhar arduamente, mas às cinco daquele dia já estava diante da janela, vendo a neve começando a cair no Central Park. Apalpava o alto da cabeça, como se quisesse ter certeza de que todo o seu cabelo ainda se encontrava lá. Não estava pensando no trabalho, que, em si, era uma fonte de consternação, mas na esposa. Tinha acabado de receber um telefonema da American Express informando-o de que, naquela tarde, ela havia feito uma compra de 50 mil dólares no cartão, em uma famosa casa de leilões. Seu primeiro pensamento foi que talvez o cartão que ele dera a Janey tivesse sido furtado, mas então a moça “muito atenciosa” da American Express explicou que o único motivo de estarem verificando era porque a compra havia sido feita pela Sra. Selden Rose, e eles desejavam saber se ele era mesmo casado.

Ela que fosse para o inferno, pensou. Cinquenta mil era uma boa parcela da entrada do pagamento de uma casa; equivalia ao valor de uma piscina ou da comissão de um paisagista; era quanto custava a educação de um filho em uma escola particular (pelo menos, durante uns dois anos); era o salário de uma babá por um ano inteiro. A princípio, chegou a pensar que Janey simplesmente não entendia o valor do dinheiro, mas agora estava começando a desconfiar de que ela se recusava a entender sua situação de propósito. Ele era rico mesmo, pelos padrões de quase todo mundo, mas do ponto de vista técnico ainda era assalariado, e a maior parte de seu

dinheiro estava aplicada no mercado de ações, o que não era exatamente um saldo disponível na conta bancária. E aquela queda da bolsa em novembro também não havia ajudado em nada... Ele havia tentado, talvez muito indiretamente, explicar tudo isso a Janey em uma das raras noites em que os dois sozinhos jantavam em um restaurante, mas ela só tinha ficado olhando para ele, inexpressiva, acenando com aquela cabeça linda - e aí deu de cara com “um conhecido” e o tópico foi posto de lado. Ele devia tê-la obrigado a escutar - sem se importar se ela ficasse contrariada. Mas, como sempre, quando se tratava de dinheiro, ela sempre dava um jeito de fazer com que ele se sentisse mal: em vez de fazê-lo sentir que eram parceiros, agia (embora jamais tivesse dito isso com todas as letras) como se esperasse que ele fosse uma fonte inesgotável de grana, e se ele não correspondesse às expectativas dela, fosse separar-se dele. Sempre havia entre os dois uma tensão tácita, de que um dia ela o abandonaria, de que ele não era bom o bastante, o que tinha o efeito de fazê-lo provar que ela estava errada. Agora ele estava atolado, com uma conta de 50 mil dólares para pagar à American Express, e não sabia o que fazer.

Podia paga-lá, é claro, mas é que o dinheiro era dele e devia ser capaz de decidir como queria gastá-lo. E, portanto, sua cabeça ficou dando voltas e mais voltas: podia obrigá-la a devolver o que tivesse comprado, mas ela faria um escândalo e tanto, e como a maioria dos homens, ele preferia cortar um dedo do que aturar choros e gritos. Ou podia simplesmente nem sequer mencionar o fato e tirar-lhe o cartão de crédito. Mas como ia fazer isso? Se lhe pedisse o cartão de volta, ela faria outro escândalo. Ele podia tirá-lo da carteira dela escondido, e quando ela notasse que havia sumido (o que aconteceria em mais ou menos um minuto), ele podia dizer que tinha resolvido tomá-lo dela para que ela refletisse sobre as razões dele ter agido assim. Ou podia não fazer nada. O que provavelmente, raciocinou com uma sensação horrível - seria o que ia fazer.

Só que isso não o fazia sentir-se nada melhor, não aliviava a sensação de ter sido assaltado, roubado, traído. Olhando pela janela, para os lívidos floquinhos de neve caindo do céu cinzento vagarosos, a flutuar, de repente desejou jamais ter conhecido Janey e poder livrar-se dela de uma vez por todas. Teve o desejo alarmante de pular pela janela, que imediatamente se fez seguir do pensamento de que talvez ela sofresse um acidente e morresse, e aí não precisaria aturá-la, nem aturar aquela mania dela de esbanjar dinheiro nunca mais.

Seus pensamentos foram interrompidos por um animado “E aí, Rose”, e Gordon White entrou na sala. Gordon era seu vice, e particularmente gostava de se descrever como “o fiel capanga do Rose”, mas Rose sabia que ele estava torcendo para ser promovido para o cargo que Selden ocupava no momento, e, se tivesse oportunidade, daria um jeito de fazer a cabeça dele rolar direitinho.

- Gordon - respondeu Selden, quando o vice sentou-se de lado em uma das cadeiras de couro diante da escrivaninha, com as pernas penduradas sobre um dos braços como um adolescente. Na cabeça de Selden, Gordon era um típico homem nova-iorquino, ou seja, na idade de 45 anos parecia um adolescente que havia crescido demais e jamais tivera um relacionamento sério na vida. A única diferença entre um adolescente autêntico e um homem como Gordon, pensou Selden, era que Gordon ganhava seu próprio dinheiro, tinha seu próprio apartamento e seu próprio Porsche, e ninguém ia gritar com ele quando chegasse em casa às duas da madrugada. Por outro lado, pensava, olhando para Gordon, que estava com um terno de lã italiano caríssimo,

talvez a única diferença fossem os trajés...

- Já soube? Parece que os negócios da Parador podem estar indo para o buraco - disse Gordon, com a maior naturalidade, tentando tirar alguma coisa dos dentes.

- Qual é o problema? - perguntou Selden, desligado. O nome Parador o fez pensar em Comstock Dibble, e isso o levou a lembrar de Janey outra vez.

- Alguma coisa engraçada nos livros - disse Gordon.

- Tem sempre alguma coisa engraçada nos livros na indústria do cinema - afirmou Selden, sem dar importância ao que o outro dizia.

- Está bem, você venceu. Alguma coisa estranha então - insistiu Gordon. - Não sei bem o que é ainda, mas rola um boato por aí de que o seu amigo George pode estar interessado. Supostamente, ele está farejando uma venda às pressas, para apagar o incêndio.

- É o que o George faz.

- Ouvi dizer que o Comstock está louco para vender a firma. Antes que a bolsa afunde de novo.

- Todos dizem que a bolsa vai subir - retrucou Selden.

- É bom mesmo - disse Gordon, passando a mão na perna da calça para tirar um fiapo. - Preciso comprar uma casinha nos Hamptons este ano.

- Já está pensando no paisagismo? - perguntou Selden, e Gordon riu. A piada na Splash Verner era que a queda no mercado era o motivo pelo qual os jardins da empresa ainda não haviam sido terminados.

A campainha do seu telefone tocou, e Selden pegou o receptor.

- Um certo Sr. Nick Hamster está aqui, querendo falar com o senhor - anunciou a secretária, June.

- Pode mandar entrar - disse Selden.

Gordon levantou-se, fez um revólver com a mão, e apontou-o para Selden.

- Vê se não esquece da nossa conversa, Rose. Se sua mulher tiver amigos...

Minha mulher não tem amigo nenhum, pensou Selden.

Gordon White saiu, e "o Hamster", como Selden já tinha começado a pensar em apelidá-lo, entrou na sala.

Seu primeiro pensamento foi de que o Hamster era exatamente o que ele esperava que fosse – qualquer um lugar-comum. Parecia estar bem perto dos cinquenta anos, mas podia ter até 55, com um bigodão preto tingido e cabelos já ralos caindo até quase os ombros. Estava de jeans e blusão de couro marrom barato, mas se portava como alguém que sabe que está em boa forma e ainda pode vencer uma briga, o que não surpreendia, pensou Selden, uma vez que anunciava ter pertencido às Forças Especiais.

Trazia um envelope pardo, que colocou sob o braço esquerdo para poder apertar a mão de Selden.

- Selden Rose, não? – perguntou. Sua voz era rouca e sem refinamento, mas Selden também já esperava isso.

- Isso – disse Selden, apertando a mão dele. Indicou uma das cadeiras para que o homem se sentasse. – Quer sentar-se?

- Preciso mesmo descansar um pouco a carcaça – respondeu o Hamster, sentando-se. – Selden é um nome esquisito – observou, enquanto admirava o espaçoso escritório. Seus olhos eram castanhos, com pálpebras pesadas – não era homem que pudesse ser feito de bobo com

facilidade, deduziu Selden.

- É um antigo nome de família – disse Selden. – Podemos ir direto ao ponto – se não for inconveniente, é claro.

- O senhor é quem manda – afirmou o Hamster. – Provavelmente vai ficar muito satisfeito. – Empurrou o envelope pardo para Selden, sobre a mesa, e Selden de repente teve a nítida sensação de estar num filme – possivelmente ruim.

- Ah, sim? E o que temos aqui? – Selden indagou, erguendo as sobrelanceiras ao abrir o fecho de metal do envelope.

- Bom – disse o Hamster, recostando-se na cadeira e cruzando os dedos. – Para começar, ela é casada, de papel passado.

- Eu sabia – disse Selden, tirando os papéis que o envelope continha e espalhando-os sobre a escrivaninha. Eram diversas fotos em preto e branco de Marielle Dubrosey junto com um rapaz esquelético e com cara de mau, de olhos pretos e pele branca e bexiguenta; estavam parados diante de uma varanda na entrada de uma casa de conjunto residencial, provavelmente no Brooklyn, e pela cara deles, pareciam estar batendo boca. Selden ergueu a foto com um olhar interrogativo.

- Esse aí é o marido dela de papel passado – explicou o Hamster. – Um cara chamado Tim Dubrosey – trabalha na Peixaria Fulton...

- Quando diz “de papel passado” está querendo dizer... – perguntou Selden.

- Ela o está obrigando a passar por irmão dela. Pelo menos, é o que disse ao senhorio do conjunto onde eles moram.

- Irmão? – disse Selden. – Eles não se parecem nem um pouco um com o outro.

- Desde quando isso é necessário? – questionou o Hamster, encolhendo os ombros. Ficou olhando para Selden, com aqueles olhos meio cobertos pelas pálpebras, e pensando que, como sempre, os ricos não entendiam nada da vida.

Selden voltou a analisar as fotos. Uma foto escura, granulada, mostrava Marielle – já com a barriga crescida, com uma tanga sumária e sutiã de biquíni tipo cortinha – se esfregando toda no colo de um homem em um clube pé-sujo; a expressão no rosto dela era completamente indiferente, como se estivesse tentando desesperadamente se distanciar do que fazia, e Selden de repente sentiu pena dela.

- Meu Deus – observou. – Ainda por cima ela é *stripper*?

- De vez em quando ela se senta no colo dos caras por aí, mas só para financiar a carreira de cantora – disse o Hamster. – A ideia é que ela vai ser a próxima Jennifer Lopes, e o babaquinhão aí vai ser o empresário dela... Acho que ele se cansou do fedor dos peixes...

- Então é tudo armação – concluiu Selden. – O que eles querem? Grana?

- Querem o que todo mundo quer: fama e fortuna. Assistem ao *Entertainment Tonight* e ficam pensando “por que não podia ser eu ali, andando pelo tapete vermelho?” – disse o Hamster.

Selden assentou os cabelos no alto da cabeça, distraidamente.

- Esse é o problema – refletiu em voz alta. – Todos querem ser famosos, todos querem ser ricos, mas ninguém quer trabalhar para chegar lá.

- Tipo esse negócio da bolsa – afirmou o Hamster. Bateu com um polegar em cima do outro, perguntando-se quanto o Selden Rose ganharia em um ano – um, dois milhões?

A campainha do telefone tocou outra vez.

- Sim? – atendeu Selden.

- É o Craig Edgers. Quer saber se ainda está de pé o convite para tomar uns drinques no seu hotel esta noite – disse June.

- Diga-lhe que sim – pediu Selden.

O Hamster ficou de pé.

- Vou lhe fazer um relatório por escrito, mas nada disso significa que o que ela está alegando seja mentira. Ela estava mesmo no hotel do seu cunhado naquela noite, e o conheceu pessoalmente. O que precisa entender sobre as mulheres desse tipo é que elas sempre arrumam um jeito de engravidar quando precisam... e de escolher o homem certo para ser o pai.

Selden franziu o cenho.

- Ou, nesse caso, o errado.

- Todo mundo precisa assumir seus erros – disse o Hamster.

- Quanto eu lhe devo? – perguntou Selden.

O Hamster olhou a sala de relance outra vez.

- Cinco mil pratos.

Estão metendo a mão no meu bolso outra vez, pensou Selden, quando tirou o talão da gaveta; mas continuava de mãos atadas, não tinha como evitar.

Selden Rose desceu depressa a rampa de compensado que levava à Broadway. Poças já se formavam nas sarjetas por causa da neve, e ele não estava nem um pouco a fim de molhar os sapatos. Na rua, parou e olhou em volta tentando se situar. Aparentemente, tudo normal; seu carro de passeio da empresa, por exemplo, estacionado na vaga de sempre, na esquina da rua 62, com o motorista habitual, Peter, sentado atrás do volante, tomando um café da Starbucks; mas Selden percebeu uma ameaça no ar. Um carro de polícia, com a sirene ligada, passou ziguezagueando pelo trânsito na Broadway, enquanto uma mulher toda desganhada com um casaco preto comprido olhou-o com raiva sem motivo algum. Os edifícios na Broadway pareciam cinzentos e sem vida, quase soviéticos. E de repente ele se lembrou de um dia igual àquele, há quase trinta anos, quando sua mãe o havia enviado para salvar o irmão de uma seita, aos 21 anos.

Quando pequeno ele se imaginava um super-herói de histórias em quadrinhos. Ele era o único que podia roubar o soro para salvar a vida de sua mãe. No terceiro ano, defendeu o caçula em uma briga no pátio do colégio, dando um soco na barriga de um brigão gordo chamado Horace Wiley – quase morreu de medo, mas milagrosamente o garoto caiu e começou a chorar (naquele tempo diriam “abriu o berreiro”). Ele foi parar na diretoria, e a mãe foi obrigada a ir pegá-lo, mas ficou abraçando-o e tentando beijá-lo, chamando-o de meu pequeno super homem, e dali por diante esse passou a ser seu papel na família – o menino de ouro, um garoto sério e brilhante em quem sempre se podia confiar para agir corretamente e defender a honra da família.

Esse mito familiar em parte foi responsável, ele sabia, por levá-lo ao sucesso até mesmo na infância – conseguir as melhores notas (era o primeiro lugar de sua turma de escola municipal) e frequentar Harvard. Seu irmão caçula, Wheaton, diante de uma concorrência assim tão intimidadora, naturalmente foi para o mau caminho – aos 15 anos o pegaram vendendo um bagulhinho para duas garotas de 13. Sua mãe vivia dizendo que o problema de Wheaton era que

ele não achava que podia ser tão bom quanto o Selden, e portanto Selden precisava ser especialmente bom com ele, mas como a maioria dos jovens, com grande ambição e gosto pela vitória, Selden tinha muito pouca tolerância para com as fraquezas de Wheaton, que ele considerava defeitos de personalidade inatos.

Portanto, não ficou surpreso ao receber um telefonema desesperado da mãe no início de dezembro do seu primeiro ano em Harvard. Wheaton conseguira entrar na Universidade da Flórida, mas ninguém tinha notícias dele havia dois meses. E aí, uma das amigas da mamãe, uma mulher mandona chamada Mary Schekel, fez sua viagem anual para Nova York para assistir à cerimônia de acendimento das luzes da árvore de Natal no Rockefeller Center, e deu de cara com o Wheaton na Quinta Avenida (!) em frente à Tiffany (!), pedindo esmolas com um grupinho de Hare-Krishnas (!) E ele era um deles. Estava com a cabeça raspada, de túnica laranja sobre um blusão de moletom vermelho com capuz, e quando pediu dinheiro a Mary Schekel (estava na cara que não a reconhecera), ela soltou um grito e disse: “Wheaton Rose! Devia se envergonhar de estar fazendo isso!” – e aí Wheaton saiu correndo, seguido pelos outros Hare-Krishnas. A Sra. Schekel quase teve um infarto ali mesmo.

Selden estava estudando para as provas finais, mas subentendia-se que “esse assunto de família” vinha antes de qualquer outra coisa, inclusive, possivelmente, do seu futuro. A família era a coisa mais importante da vida, e fossem quais fossem seus verdadeiros sentimentos, Selden jamais questionava se “amava” a mãe e o pai, ou se “amava” o irmão. Não ligar para a família era uma heresia; os familiares eram os primeiros pelos quais ele havia desenvolvido as emoções solidárias que tornam alguém um ser humano. E assim, sentindo-se o próprio defensor dos fracos e oprimidos, foi de Amtrak para Nova York em uma fria manhã de dezembro.

Hospedou-se no Hotel Christopher em Columbus Circle, recomendado pela Sra. Schekel com o argumento de que o hotel era perto do Lincoln Center. Olhando rua acima agora, enquanto ia calmamente até o carro com o envelope pardo debaixo do braço, viu o hotel ainda no mesmo lugar, e ainda mais decadente agora, se é que isso era possível. Toldos listrados de verde e branco pendiam quase em farrapos das janelas, e um letreiro de néon anunciava o nome do hotel. Antes ele considerara o letreiro imponente, mas agora lhe parecia espalhafatoso, como uma vedete já idosa que se recusa a parar de se apresentar no palco.

Ele alcançou o carro e bateu na janela. Peter olhou para ele, mas não se incomodou em sair, e Selden abriu a porta ele mesmo.

- Qual a previsão do tempo, Peter? – perguntou Selden, só para puxar conversa.
- Vai nevar a noite inteira, Sr. Rose. Mas só alguns centímetros. Sabe o que isso significa.
- Neve misturada com lama amanhã de manhã – disse Selden. Estava nevando também no dia em que ele havia chegado a Nova York de Cambridge, mas a nevasca tinha sido forte. Era uma sexta e, por algum motivo, o trem estava lotado; ele fora obrigado a ficar de pé entre dois carros. Uma das portas não havia de fechado bem e, durante toda a viagem de cinco horas, a neve entrou pela fenda. Ele ficou ali de pé, congelando, com as mãos nos bolsos, pensando na tarefa que tinha pela frente. Havia oito milhões de pessoas em Nova York, mas ele tinha aquele poder misterioso, quase sobrenatural dos jovens, que pode fazer as coisas acontecerem; teria sido impossível admitir que corria o risco de fracassar.

E aí, no segundo dia em Nova York, milagrosamente, viu o irmão subindo a rua com outro Krishna. Wheaton estava com aparência frágil, e seus olhos castanhos pareciam estar saltando

das órbitas. Ainda vestia o tal blusão vermelho de capuz. Selden até que não levou muito tempo para convencê-lo a voltar com ele para o Hotel Christopher, e, na manhã seguinte, ambos pegaram um avião para casa, e ele foi novamente aclamado como herói...

Ele havia imaginado que iria se lembrar daquele incidente pelo resto da vida, mas em algum ponto, com o passar do tempo, ele tinha se esquecido daquilo. Quase por completo. Não pensava naquela aventura fazia anos e anos – olhando pela janela no engarrafamento entre a Quinta e a Medison, ele nem mesmo conseguia se lembrar da última vez em que havia pensado naquilo. Teria sido há dez anos... ou 15? Seu irmão era agora advogado em Chicago, casado com sua segunda esposa. Será que se lembrava do caso? Será que pensava naquilo de vez em quando, e se admirava de como fora ingênuo? Ou teria o incidente sido completamente apagado de sua memória também? E recostando-se no banco do carro, Selden pensou como aquilo era incrível, como partes inteiras de vida de alguém podiam desaparecer da lembrança, como se jamais tivessem acontecido.

E se ninguém se lembrasse delas, então, será que teriam mesmo acontecido? E se tivessem, que importância teria isso? Ele pensou em como era há 25 anos – mais cético e revoltado, mais crítico (quando terminou a faculdade e foi para Los Angeles, o pai uma vez o envergonhou dizendo que ele não sentia compaixão pelas pessoas e devia aprender a sentir um pouco) e absolutamente convencido de que tudo era importante. A vida naquela época lhe parecia seriíssima, tudo que acontecia lhe parecia importante.

Mas coisas novas aconteceram e o que era antigo desapareceu. O tempo e a natureza tinham devorado tudo. Nem mesmo a mão da morte podia deter o apagar da memória, como quando pessoas que ele conhecia vagamente morriam, e três dias depois ele percebia que havia se esquecido delas tão completamente quanto se jamais tivessem nascido.

Dali a dez anos, ponderou, será que se lembraria daquele momento? Daquele instante, exatamente agora, sentado no carro, parado no trânsito vendo um Papai Noel vermelho de pé na esquina, tocando o sininho do Exército da Salvação? Será que se lembraria de que estava fudo da vida com a mulher por gastar cinquenta mil, ou que tinha contratado um detetive particular para investigar um caso de paternidade envolvendo o cunhado? Ele não se lembraria, e de repente sentiu que sua vida estava desaparecendo diante de seus olhos. Dentro de vinte anos ele se aposentaria, e muito provavelmente nem mesmo teria lembranças para sustentá-lo...

Apanhou o envelope pardo, possuído por um desejo de segurar algo sólido. Talvez não tivesse lembranças, mas naquele momento, teria vida e, tendo vida, podia ser importante. Podia fazer coisas – que inferno, vivia fazendo coisas o tempo todo, tratando de assuntos os mais diversos e resolvendo problemas, motivo pelo qual seu cérebro não tinha mais espaço para lembranças. Ele tirou do envelope a foto de Marielle na boate de strip-tease e olhou-a atentamente. As mulheres tinham bebês o tempo todo, mas isso, pensou, era uma farsa. Se a criança fosse mesmo do Digger, pensou, zangado, ele ia acabar com a raça dele. Ele se atribuiu o papel de chefe de família e agira como leva-e-traz entre Patty e Digger, aconselhando Patty a ir viajar com Digger e pedindo à secretária dele para marcar as passagens de forma que Patty não se estressasse ainda mais. Janey fora contra, mas Selden achava que ele e Patty haviam se entendido bem, e Patty tinha escutado o que ele lhe dizia.

E agora aquela informação seria uma espécie de presente para a Patty, prova de que ela não devia desistir do seu casamento. Embora ele mesmo fosse divorciado, Selden ainda acreditava na

santidade dos laços do matrimônio, em sua capacidade de desafiar o ser humano a elevar-se a níveis superiores de amor e compreensão; e quando chegou ao Hotel Lowell e saiu do carro, já estava se sentindo um super-herói outra vez.

Seu primeiro impulso foi contar à mulher. Quando girou a chave na fechadura e entrou no vestibulo, esperou o costureiro chamado “Selden?” naquela voz aguda dela. Mas não se ouviu som algum vindo do interior da suíte do hotel, e sentindo-se ligeiramente ofendido e decepcionado, ele entrou na sala.

Jogou o envelope pardo sobre a escrivaninha e tirou um cigarro de uma cigareira de prata sobre o console da lareira. Ao afundar no sofá de chintz, percebeu de repente que estava se sentindo entediado sem ela por perto. Ela tinha seus defeitos, e o casamento dele, até o momento, certamente não se mostrara o mais perfeito. Mas Janey em si era interessante, ele jamais sabia ao certo o que ela ia fazer a seguir.

Às vezes, quando ele entrava, encontrava Janey no chuveiro, ensaboando sonolenta o corpo magnífico, e entendia que ela tinha estava tirando uma soneca ou andara passando um tempo deitada na cama, pulando para dentro do Box ao ouvi-lo entrar para esconder sua preguiça. Também sabia que ela achava que conseguia enganá-lo com seus ardis, mas essa parecia ser uma coisa mais engraçada que constrangedora e ele jamais tinha coragem de desmascará-la. E se ela não estivesse no chuveiro, em geral o chamava da sala, onde costumava encontrá-la com um dos livros clássicos na mão, ouvindo Mozart ou Beethoven no aparelho de som. Mais uma das óbvias tentativas dela de impressioná-lo com o que não era ainda ou com o que queria ser, ou pensava que ele queria que ela fosse, mas ele achava encantador o fato de ela querer esforçar-se por ele, mesmo que seus esforços fossem em sua maior parte puro fingimento.

Casar-se com Janey ou se revelaria um tremendo erro ou uma bela vitória, pensou ele, mas por enquanto precisava admitir que ainda estava na fase de lua-de-mel do segundo casamento. Havia coisas em sua mulher que o aborreciam, mas havia muita coisa divertida: desde aquele rosto de uma beleza chocante, situado exatamente na fronteira entre o anticonvencional e o clássico, até suas tentativas desesperadas de dar-lhe prazer na cama e sua indisfarçada felicidade com o novo status social. Ele precisava admitir que seu ego se sentia recompensado por ser capaz de dar a ela um felicidade na vida que, imaginava, sempre havia lhe escapado – até ela o conhecer.

Ela ficou de pé, sentindo repentinamente uma vontade de se mexer. A verdade, pensou ele, muito satisfeito consigo mesmo, enquanto ia até a janela, era que não havia homens capazes de “controlar” um mulher como Janey Wilcox, e ela, segundo o que ele imaginava, havia sofrido injustamente com isso. Em relação aos seres humanos, ela possuía o que ele gostava de pensar que era um instinto infalível de uma idiot savant combinado com o talento de uma cortesã para a manipulação. Para ele, suas artimanhas eram encantadoramente óbvias, mas ele imaginava que, para a maioria dos homens, consumidos por seus próprios egos e lugares no mundo, não eram. Até mesmo o homem mais sofisticado podia facilmente balançar diante de todo aquele charme, mas em geral a confusão e a raiva surgiam dentro de pouco tempo, e aí o homem entendia que aqueles encantos eram apenas parte de uma trama bem mais complexa.

Mas outros homens, pensou, olhando de relance para a neve que começava a cair constantemente, não eram seu problema. Aliás, podia até pensar que ele, Selden é que era o problema deles, pois ele é que tinha arrebatado o prêmio...

Olhou para o relógio – já eram mais de seis e meia. Ficou se perguntando, achando um pouco de

graça, se algum contratempo não a teria atrasado, e depois bateu nele a idéia de que talvez ela estivesse com medo de voltar para casa, com medo de ele ficar zangado por causa dos cinquenta mil. Acontece que ele não estava mais chateado com aquilo, e agora começava a se preocupar. Craig Edgers ia chegar a qualquer momento, e ele queria que ela estivesse presente...

Discou o número do celular dela, mas a ligação caiu imediatamente no correio de voz e ele sentiu-se culpado. Seria possível que alguma intuição alertara Janey de que ele planejava usá-la um pouco, fazendo com que ela resolvesse ficar longe dele? Ele sabia que aquela às vezes inadequado auto-estima de Janey iria se ofender ao constatar que estava sendo usada como objeto, exibida como um cavalo de corrida sem inteligência. No entanto, naquela noite em particular, o potencial desprazer dela não tinha importância comparado ao desejo egoísta dele de exibi-la um pouco diante do seu velho amigo.

Craig Edgers tinha sido colega de turma de Selden durante os últimos dois anos em Harvard, e muito embora eles houvessem perdido o contato um com o outro, Selden não se surpreendeu quando Craig lhe telefonou na semana anterior, aparentemente “querendo reatar a amizade”. Craig havia lido alguma matéria sobre a mudança dele para a MovieTime na seção de negócios do jornal, e soubera de seu casamento pelas colunas sociais, levando-o a confessar que sempre tinha sentido vontade de conhecer uma modelo da Victoria's Secret. Selden não conseguia resistir a tentação de exibir Janey para Craig, e convidou-o para vir com a esposa tomar um drinque no hotel.

Craig, porém, imediatamente respondeu que preferia ir sozinho, sem a mulher, Lorraine, o que, segundo Selden entendeu, lhe permitiria babar mais livremente quando visse Janey, sem medo de que a mulher se vingasse depois. No entanto, pensou, era uma indicação de sua própria maquinação o fato de ele ter se “esquecido” de contar a Janey que seu ex-colega de faculdade ia aparecer.

Sentado no sofá, notou um livro aberto virado para baixo na mesa de centro, como uma mulher abandonada após o sexo. O livro era uma edição cara, de capa dura, da República de Platão. Ao lado dele, a caneta hidrográfica cor-de-rosa bem feminina que Janey usava para sublinhar trechos do livro que lhe despertassem misteriosas emoções. Normalmente, não se importaria se ela deixasse o livro ali durante vários dias, mas sua presença na mesa de centro ao lado daquela canetinha, dando bandeira era exatamente o tipo de tentativa flagrante de simulação de intelectualidade que Craig iria notar e da qual iria zombar impiedosamente.

Selden olhou em volta, procurando um lugar para esconder o livro, e escolheu a gaveta da escrivaninha. Ela estava cheia de papéis – folhas de blocos de anotações com telefones e rabiscos, contas, envelopes vazios e duas cartas de aparência oficial – mas ele espremeu o livro lá dentro em cima de tudo aquilo e fechou a gaveta de qualquer maneira. Com o livro guardado, sentiu-se melhor, sabendo que, se Janey tentasse engajar-se numa intelectual disputa com o Craig ele não hesitaria em esmagá-la, fatiando suas idéias com a precisão de um bisturi.

Craig Edgers era um desses homens cuja única satisfação na vida provinha de uma crença inabalável na idéia de que era infinitamente superior do ponto de vista intelectual ao resto da população do mundo. Sempre tinha desejado ser um “grande romancista”; até quando era estudante, sentia uma inveja mórbida da obra de qualquer outra pessoa, que lhe parecia ser o fardo do “gênio não reconhecido”. Depois de se formar, tinha se mordido de raiva, quando Selden se mudou para Los Angeles e imediatamente conseguiu um emprego, descobrindo livros que

servissem de base para roteiros para um produtor famoso. Na sua primeira semana, Selden descobriu o livro Terra rejeitada, que se tornou um filme campeão de bilheteria, garantindo o lugar de Selden na indústria do entretenimento e lhe rendendo seus primeiros cem mil dólares; enquanto isso, Craig havia se mudado para Nova Yorke aceitado um emprego mal remunerado, conferindo fatos para o The New Yorker. Nos anos seguintes, a estrela de Selden continuou a brilhar, e Craig continuou encontrando obstáculos. Apesar de publicar inúmeros ensaios e escrever três romances — e ser considerado "um talento literário promissor" nos pequenos círculos nos quais essas coisas tinham importância — a obra de Craig havia passado, em sua maior parte, despercebida.

Só que tudo havia mudado nos últimos três meses, depois que Craig, publicou sua fantástica obra, Os Obstáculos, em setembro. O livro imediatamente pulou para o primeiro lugar na lista de mais vendidos do New York Times, e Craig estava sendo considerado o próximo Tolstoy. Comparecia a programas de entrevistas e a debates, e sua foto era publicada em toda parte - embora Selden suspeitasse que era antiga, provavelmente do tempo em que Craig ainda estava na casa dos trinta. A campanha tocou, e Selden disse ao porteiro para deixar Craig entrar.

Ficou parado ao lado da porta, numa expectativa curiosa - essa seria, pensava ele, a primeira vez que via Craig depois que ele se tornara um sucesso, e se perguntava qual teria sido o efeito disso nele. Dali a pouco, ouviu-se uma batida na porta, e Craig entrou, exalando ar gelado e cigarro. Continuava se vestindo - pensou Selden, cumprimentando-o com um abraço de urso - tão mal quanto sempre se vestira, só que agora pesava uns 15 quilos a mais.

Ele foi entrando na sala de estar, e dando uma olhada no ambiente.

- Cruzes, Rose - disse ele, com uma ironia sutil que depois de vinte anos de luta pelo reconhecimento, havia se tornado parte permanente de seu repertório verbal. - Pensei que agora que fosse um bambambã. Não esperava encontrar você morando em um hotel.

- E eu pensava que um cara só virava romancista famoso para poder se vestir como se fosse um João-ninguém - rebateu Selden.

- Você sempre teve jeito para isso, Rose, eu não -disse Craig, deixando-se cair no sofá e fazendo força para tirar um sobretudo surrado de tweed. - Lá fora está uma nevasca dos diabos.

- O que posso lhe servir? - perguntou Selden. - Vodca, cai bem?

- Lorraine vai sentir o bafo, mas que fazer? Manda. Alguma vez você pensou que ia acabar se casando com a sua mãe?

Selden riu.

- Mãe, eu tive só uma; foi suficiente.

- Daí a supermodelo dez anos mais jovem...

- Essa é a idéia - confirmou Selden, sem titubear, achando que era cedo demais para deixar o Craig aborrecê-lo.

- Com certeza - disse Craig, coçando a cabeça, que, segundo Selden observou precisava ser lavada. - Aliás - perguntou -, ainda tem notícias da Sheila?

Selden ficou tenso.

- Casou de novo no dia em que o juiz homologou o divórcio - Foi para a cozinha e serviu dois copos de vodca com gelo, pensando que a última coisa que queria era falar da Sheila e dos motivos pelos quais o casamento deles havia naufragado. - Ei, Edgers - gritou da cozinha. — Agora que conseguiu ficar famoso, não está com medo de perder sua verve e ser ejetado? —

Voltou para a sala de estar, entregou um copo a Craig e ergueu o seu, propondo um brinde. — Sabe como é, dinheiro e fama podem fazer você esquecer como o mundo, na verdade, é horrível...

— Nem me fale - disse Craig, pesaroso. - Passei metade do dia tentando fazer as pessoas se lembrarem de como devem me odiar, por—que são tão burras e eu tão inteligente. Só que agora todos concordam comigo, a não ser Lorraine. Todo dia ela me diz que, embora meu livro esteja na lista dos mais vendidos há três meses, ainda sou um babaca.

— Algumas coisas nunca mudam — comentou Selden.

Craig meteu o nariz no copo e, quando o tirou para respirar, disse:

— Preciso reconhecer, Rose. Sei que foi um choque eu escrever um best-seller, mas acho que você com esse casamento me superou.

Selden sorriu, sentando-se na poltrona.

— Sempre estive um passo à sua frente, Edgers,

— Está deixando todo mundo louco — disse Craig. O álcool estava deixando Edgers mais tagarela, e ele prosseguiu: — Estão todos falando disso. Os homens estão com um ciúme dos diabos e as mulheres estão pirando. Aham que, se o Selden Rose pode se casar com uma supermodelo, seus maridos também vão querer fazer o mesmo - e os homens concordam. Eu até me peguei olhando para a Lorraine ultimamente e me perguntando como seria...

Selden riu e tomou um gole caprichado da bebida. Craig, pensou, era ainda mais repelente do que era na faculdade, pois agora tinha aquela aparência de velho tarado.

— Não se iluda — disse ele, com um sorriso falso, perguntando-se quanto tempo levaria para se livrar dele. - Está falando como todos os outros preguiçosos do país: vê essas garotas na tevê e acha que o acesso é o único motivo pelo qual não tem uma... É como um homem de 150 quilos pensar que pode ser jóquei.

— Não fica aí me dando essas idéias — disse Craig, amargurado.

— Além do mais — continuou Selden, recostando-se na poltrona e cruzando as pernas -, pensei que você o a Lorraine estavam se dando muito bem. Todas as suas entrevistas citam seu casamento feliz de seis anos...

— Nós estamos bem - admitiu Craig, - Tão bem como duas pessoas que antes estavam loucamente apaixonadas um pela a outra podem estar. Mas falando sério agora, quem é que não pensa em ter outra mu—lher? E, principalmente, ter a mulher que aparece no outdoor? É a força impulsionadora por trás da obsessão do macho orientado para o consu—mo: a mulher como produto.

— Tenho certeza de que a Lorraine não concordaria — disse Selden, pensando na mulher de Craig. Lorraine era uma mulher baixinha, dinâmica, com cabelos louros e crespos, que militava no sentido de contro—lar todos os aspectos de sua vida, inclusive para qual lado o papel higiênico ia se desenrolar.

— Só porque ela não poderia ser um produto — respondeu Craig, zombeteiro.

— Bem — disse Selden, incapaz de discordar dessa avaliação. — Você, graças a Deus, pode.

— Estou resistindo — disse Craig, a voz carregada de sarcasmo, quan—do Selden subitamente se lembrou de ter lido recentemente que Craig tinha ofertas de transformar o livro em filme, mas até agora não havia decidido. — Ainda me resta alguma integridade artística. Ao contrário de você. — Tirou um maço de cigarros do sobretudo de tweed e os colo—cou na mesa, como se

pretendesse ficar durante algum tempo mais. — Só que parece que ambos nos tornamos lugares-comuns: o escritor de best-sellers que tenta conservar sua integridade artística, e um magnata de Hollywood casado com uma loura gostosa e burra.

Selden se ofendeu. Sabia que a idéia que Craig fazia do humor era fazer comentários mordazes e agressivos, mas isso, sentia, já era ir longe demais. Uma coisa era insultá-lo, pensou, mas outra muito diferente era insultar sua mulher. Batendo com o copo na mesa de centro com uma risada desdenhosa, respondeu:

— Vou admitir que você não é mesmo tão brilhante quanto Janey, mas ela é pelo menos tão inteligente quanto a Lorraine.

— Mas será que é tão complicada quanto ela também? — perguntou Craig, apontando o dedo para Selden, triunfante, claramente apreciando o efeito de suas palavras. — Lorraine pode não ser bonita, mas pelo menos tem alguma coisa na cabeça, quero dizer, a gente vê essas garotas e pensa: "Gostaria de levar essa mulher pra cama, mas não de tomar café com ela de manhã..."

— Nunca ouvi ninguém expressar tanta inveja assim...

— Ah, qual é Rose? Me poupa vai.

— E chega uma hora na vida de um homem em que ele começa a compreender o valor da meiguice...

— Vem cá — replicou Craig quase aos berros. — Você agora está pa-recendo um lente idoso e pervertido de Cambridge ou Oxford. Só quero saber o seguinte: vocês conversam sobre alguma coisa? Sobre o quê? Ou tudo, tirando o sexo, é uma grande chatice?

— Chatice? — perguntou Selden. — A Sheila é que era chata. — E lançou a Craig um olhar significativo, querendo dizer que achava a Lorraine chata também.

Nesse momento, Selden ouviu o som da chave na fechadura, e o da porta se abrindo e fechando.

Logo depois ouviu o trinado da Janey — "Selden...?" — e seus passos entrando no vestibulo.

Selden sentou-se mais ereto, orgulhoso, lembrando-se como era agradável a voz musical e ressonante dela, e perguntando-se se Craig havia notado também.

— Minha mulher chegou — disse ele, virando a cabeça para trás de relance. Craig olhava direto para a frente, como uma criança decidida a "não olhar", e quando ergueu o copo até a boca, Selden viu que sua mão tremia de leve. Ora essa, o cara está nervoso feito um colegial, pensou Selden, triunfante, quando respondeu: — Nós estamos na sala de estar...

Ela surgiu na porta de repente, a silhueta recortada pela luz que vi-nha dos abajures, e com o constrangimento excitante de uma atriz en-trando em cena durante uma peça, parou por um momento e então tirou devagar o casaco de peles, revelando o corpo impecavelmente torneado. Ele notou com prazer que ela estava vestida com roupas caras, na-quele estilo específico que é ao mesmo tempo sensual e distinto. Deu um passo à frente, entrando na sala, os lábios formando uma palavra, uma pergunta:

— Nós...? — perguntou.

— Um amigo meu da faculdade.

— Ah! — disse ela. Parecia constrangida; ele a conhecia o suficien-te para ver que não estava se comportando como sempre. Sua energia parecia dispersa; havia nela um nervosismo e um distanciamento, qua-se como se não soubesse se devia estar ali. Seu rosto estava meio incha-do, e ele ficou se perguntando se teria chorado. Depois ela deu mais um passo para dentro da sala e ele pensou ter descoberto a causa: a faixa grossa de pérolas negras que reluzia em torno do seu

pescoço. Então tinha sido nisso que ela havia gasto seu dinheiro! De onde estava podia ver que eram magníficas, provavelmente tinham valido o preço. A coitadinha quase morrera de medo de contar a ele.

- Mil perdões – pediu ela, oferecendo o rosto para um beijo. – Meu dia foi simplesmente ridículo. Pensei que estava com uma espinha, então fui ao dermatologista, mas acabei concordando que fizesse um leve peeling. Pode acreditar? – Ela o beijou nos lábios, acariciando-lhe os cabelos, e depois virou-se para falar com Craig.

- Sei que parece besteira, mas ser modelo é assim. A gente se torna obcecada com o mínimo defeito – e aí não tem mais nada sobre o que falar. Não admira que pensem que as modelos são burras! – E estendendo a mão, apresentou-se: - Falando nisso, meu nome é Janey Rose.

Foi um desempenho encantador, que Craig não deixou de notar. Ficou de pé, e, tomando a mão que ela lhe oferecia, curvou-se a beijou.

- Este é Craig Edgers, meu bem. Foi meu colega na faculdade. Achei que gostaria de conhecê-lo – disse Selden, considerando mais astuto apresentar as coisas assim, em vez de lhe dizer que Craig só estava ali para conhecer uma modelo da Victoria's Secret.

- Craig Edgers? – disse Janey, olhando de Craig para Selden. – Selden! – ralhou. – Por que não me contou que conhecia o Craig Edgers? – E aí, em um tom de bajulação descarada, quase embaraçoso, disse a Craig: - Você é um escritor maravilhoso. Já li todos os seus livros, antes mesmo de você entrar na lista dos mais vendidos. Acho você um gênio...

Por um lado, pensou Selden, ele precisava dar a mão á palmatória. Essa era a última reação que Craig Edgers esperava, e ele demonstrou isso. Sua agressividade, sempre á flor da pele, encolheu feito um pênis gelado, e Selden de repente entendeu por que ele se agarrava a ela com tanta fúria – sem seu tom agressivo, ficava reluzido a um intelectual desajeitado. Fez um gesto como se fosse empurrar os óculos mais para perto dos olhos, mas ao lembrar de que agora usava lentes de contato, esfregou a ponte do nariz.

- Bom – disse. – Você não é a única, pelo menos agora, não!

E Janey respondeu:

- Estou superfeliz por você. Deve ser incrível, quando todos finalmente entendem como uma pessoa é talentosa!

E Selden acrescentou depressa:

— Não enche muito a bola dele, Janey. Se conhecesse o Craig há mais tempo como eu, provavelmente ia considerá-lo um chato...

A essa altura, Janey e Craig olharam para Selden como se ele fosse um estranho que de repente houvesse interrompido seu tête-à-tête.

— Selden — disse Janey, toda ternura. — Pode ir buscar um drinque para mim?

— Mas claro — respondeu ele. Foi para a cozinha pensando. Por outro lado... Mas por outro lado o quê? Será que estava com inveja? Do Craig Edgers? Era isso o que estava sentindo? Se não soubesse que não era isso, ia pensar que Janey estava tentando seduzir o Craig. Aquele jeito intenso dela, de concentrar toda a sua energia em uma única pessoa — ele tinha pensado que estava reservado apenas para ele, Selden. Mas talvez, pensou, despejando vodca em um copo e acrescentando suco de laranja, talvez fosse mesmo para ele. Talvez toda aquela representação fosse uma forma de fazê-lo tirar vantagem — naturalmente, ela deve ter imaginado que ele queria que seu ex-colega de faculdade gostasse dela; mesmo assim, não achava que fosse

necessário ela fazer o Craig cair de quatro por ela.

A verdade é que havia sido uma bruta surpresa, pensou ele, descobrir que a esposa vinha alimentando uma obsessão secreta de dez anos pelas obras de Craig Edgers. Mesmo agora, que Craig estava recebendo a atenção do público que sempre desejara, Selden ainda não conseguia entender toda aquela badalação em torno do talento "lírico" de Craig. Ao longo dos anos, Craig lhe enviara seus primeiros dois livros e vários contos, na esperança de que Selden se interessasse em comprar os direitos para fazer o filme, mas Selden havia considerado sua obra pretensiosa e narcisista. Jamais diria isso assim na lata do Craig, mas não teve dificuldade em dizer a outras pessoas nas poucas ocasiões em que o nome de Craig surgira durante uma conversa.

Contudo, talvez ele estivesse sendo severo demais quanto aos talentos do Craig. Talvez essa severidade nascesse do ciúme. Pegando o coquetel de Janey, recordou-se de que não havia motivo para sentir ciúme do Craig: afinal, naquilo que realmente importava — dinheiro — ele tinha tanta vantagem que Craig jamais seria capaz de alcançá-lo. Não, ele estava chateado porque a verdade nua e crua era que Craig não era um grande escritor, e ele não podia acreditar que sua própria esposa não tivesse o intelecto ou o discernimento de perceber isso.

Só que isso era pegar pesado demais, pensou, obrigando-se a sorrir ao entregar o copo à esposa. Janey não era culta; mal tinha terminado o colegial. Não era justo esperar esse tipo de perspicácia dela. Enquanto ela bebia o drinque, porém, sem quase olhar para ele, Selden tremeu por dentro. Estava sentada bem na beirinha do sofá, olhando Craig com uma expressão de adoração.

- Mas é um absurdo - dizia. - Eles não entendem o valor do escritor? Quem conhece a obra melhor do que ele?... Quem conhece mais o que ela deve ser, entende seu significado inerente...? Selden precisava interromper aquele papo, pensou, sentando-se na poltrona em frente a eles. Tinha ouvido as mesmas palavras da boca dos seus amigos "intelectuais", e sabia que ela e Craig estavam tendo a conversa habitual sobre as indignidades sofridas pelo autor em Hollywood. Mas, embora não soubesse dizer por quê, ouvir essas palavras vindo da boca da esposa desvalorizava essas opiniões e as fazia parecer banais.

- Meu amor, corta essa, vai - disse ele, incisivo. - Tenho certeza de que o Craig já teve essa conversa mais de mil vezes...

Ela virou-se para o marido com uma expressão de orgulho ferido e ele de repente se sentiu culpado. Quem era ele para controlar suas conversas? E no entanto era simplesmente desconcertante ouvir essas opiniões desinformadas saindo da boca de Janey e ver Craig sorvendo-as avidamente, só porque uma moça bonita estava finalmente prestando atenção a ele. Se ao menos Janey reservasse sua precocidade intelectual para o marido, pensou Selden. Pelo menos dessa forma ele poderia orientar-lhe as idéias...

Craig devia ter percebido esse desconforto, porque se recostou contra o lado do sofá e cruzou os braços, achando graça e fazendo sinais com a cabeça para indicar Selden.

- Até agora você está certa em tudo, Janey - disse. - Mas devia reclamar com o seu marido. Ele em parte é responsável pelo estado da indústria do entretenimento hoje em dia.

- Não mereço tanto crédito — ironizou Selden.

- Mas Selden - disse Janey, a voz elevando-se ligeiramente, indignada. - Você está em posição de tomar uma atitude. Sabia que uma das pessoas que deu o lance no novo livro do Craig é o Comstock Dibble?

- Ele sabe o que está fazendo.

— Mas o Comstock Dibble? — Janey disse. Virou-se para Craig. — Sabia que o pai dele era bombeiro hidráulico? E que ele começou a carreira vendendo fitas pornográficas?

Francamente, o que esse homem entende de arte?

Selden riu e mexeu o gelo do copo, despreocupadamente.

— Isso não passa de boato — disse ele, bancando o advogado do diabo. — Se o Comstock Dibble está querendo comprar os direitos de filmagem do livro do Craig, tenho certeza de que vai adaptá-lo maravilhosamente bem.

— Mas ele não quer que o Craig escreva o roteiro — observou Janey.

— Esperteza dele.

— Ai, Selden — suspirou Janey. — Como é que se pode deixar de pedir a um escritor brilhante para escrever o roteiro do best-seller dele?

Selden ficou olhando furioso do Janey para Craig. De repente sentiu-se como se estivesse para perder o bom humor, e sabia que, se perdesse, certamente cairia muito mal. O motivo pelo qual Comstock Dibble, aliás, pelo qual ninguém queria que Craig escrevesse o roteiro, era que o livro não continha nenhum enredo discernível, e por mais doloroso que fosse para o autor entender, os filmes precisavam de um enredo. Só que se ele comesse esse tipo de discussão agora, Craig jamais iria embora, e Selden de repente quis que ele sumisse da sua frente.

— Bom — disse devagar, girando o gelo na bebida. — Talvez o Craig devesse elevar as mãos para o céu por alguém querer comprar o livro dele. Hollywood não está comprando quase nada agora.

— É besteira isso que você está dizendo, Selden Rose, e sabe disso — gritou Janey. Olhando de relance para Craig, acrescentou: — E o que o pessoal de Hollywood sempre diz, e sabe que é mentira. — Abaixou os olhos e, mudando completamente a abordagem, olhou sedutoramente para Selden. — Você é tão competente, amor... Eu disse a Craig que devia comprar os direitos de filmagem desse livro e transformá-lo em um filme original para a MovieTime!

Disse isso convicta de que ali estava uma idéia que o marido não teria de jeito nenhum, e Selden a olhou surpreso. Ela estava mesmo diferente aquela noite, pensou. Até aquele momento, sempre se conformara em ficar em segundo plano quando se tratava de debater seus negócios — ela escutava e, segundo ele acreditava, aprendia, mas jamais fez qualquer sugestão.

— Bem, o que acha, Rose? — perguntou Craig.

— Acho que vamos ter que estudar o assunto — respondeu Selden, relutante.

Os dois homens se entreolharam, furiosos, como oponentes a ponto de se engalfinharem, e Janey de repente se levantou, soltando uma risada chilreante como a de um passarinho minúsculo e feliz. O efeito, notou Selden, ligeiramente aborrecido, foi desviar imediatamente a atenção dele e de Craig para ela.

Sabendo que os dois a olhavam, Janey atravessou a sala e sentou-se na poltrona ao lado de Selden, praticamente no colo dele. Ele deslocou um pouco os quadris para o lado, para dar espaço a ela, pensando que já era hora de ela prestar nem que fosse um pouquinho de atenção nele. Atraiu o olhar de Craig, e sem trair emoção alguma, sorriu. Craig fez um ligeiro aceno de cabeça, a boca se contraiu numa expressão de desagrado, como se de repente ele houvesse entendido que havia sido traído, mas não soubesse bem por quê. Só que Selden entendeu: Craig

tinha acreditado que as atenções íntimas de Janey realmente significavam alguma coisa; achava que no fundo ela estava interessada nele, mas agora via que Selden era o único em quem ela realmente pensava...

— Peça ao seu agente para me mandar o livro — disse Selden, achando que como a ordem do seu universo havia se restabelecido, podia se dar ao luxo de ser generoso.

Craig entendeu a dica e ficou de pé.

— Acho que já está na hora de ir andando. Lorraine vai soltar os cachorros.

Janey ergueu-se languidamente, como se sua mente e seu corpo já estivessem voltados para outra coisa, e estendeu sua mão esguia, inclinando-se para a frente para beijar ambas as faces de Craig.

— Vamos nos ver de novo, não vamos? Seria ótimo nós quatro juntarmos juntos...

Como se aquilo lhe recordasse o abismo social entre os dois casais, Craig disse:

— Ah, a Lorraine não costuma frequentar restaurantes como aqueles aos quais o Selden deve levar você... — E Janey agarrou o braço dele, impulsivamente.

— Não seja bobo — disse, calorosa, levando-o até a porta enquanto lançava um olhar de relance a Selden. — Se tivéssemos escolha, comeríamos cachorro-quente na barraquinha. Não é mesmo, Selden?

— Vou lhe dizer o que vamos fazer — disse ele, murmurando junto ao ouvido dela. — Vou deixar você ficar com o colar, se prometer ir comigo olhar aquela casa em Connecticut... Por um momento, os olhos de Janey anuviaram-se como se ela tivesse inesperadamente se decepcionado. Mas logo em seguida ela suspirou e concordou. Selden ficaria perfeitamente feliz com a reação da esposa, pensou ele, se não fosse a expressão de total indiferença no rosto dela.

Aquela Janey Wilcox era mesmo capaz de se comportar como uma perfeita desclassificada, pensou Mimi, zangada, enquanto calçava um par de botas de camurça de cano curto, com arremate em pele de marta bege. Ela ouviu a empregada se movimentando no quarto e resolveu chamá-la.

— Sim, Sra. Paxton? — disse Gerda, aparecendo na porta do quarto de vestir.

— Os meninos já estão no quarto? Preciso sair para me encontrar com o Sr. Paxton.

— Estão jogando no computador — respondeu Gerda.

— Excelente — disse Mimi. Pegou uma bolsa Fendi de pele de cobra, multicolorida, verificando se havia um pente e um batom dentro. — Provavelmente vamos voltar só daqui a algumas horas, portanto, trate de ver se os meninos foram para a cama.

- Perfeitamente, Sra. Paxton - disse Gerda, perguntando-se o motivo de toda aquela austeridade por parte da patroa.

Mimi saiu andando pelo corredor a passadas largas, atravessou a sala, indo até um vestibulo, que levava a outro corredor, ao fim do qual ficavam os quartos das empregadas e dois quatinhos para os filhos do George. Espiou pela porta de um deles: George e Jack estavam sentados diante de um computador novo em folha, dos mais sofisticados, como dois animaizinhos (bem, pelo menos um grande e um pequeno) agachados diante de uma fogueira. Mal levantaram os olhos quando ela entrou.

- Boa noite, garotos - cumprimentou ela. - Seu pai e eu só vamos voltar bem mais tarde. Portanto, não esperem por nós.

- B'a noite - resmungou Jack. Por um segundo, Mimi ficou se perguntando se devia se esforçar para lhes dar um beijo maternal de boa-noite, mas a expressão ligeiramente hostil de George a desanimou, e ela fechou a porta com um ligeiro barulho, lembrando-se de repente como os meninos pareciam gostar de Janey.

Maldita Janey, pensou, tirando um casaco de zibelina do armário do corredor de entrada e colocando-o sobre os ombros. Aparentemente, não era culpa dela a irmã precisar de um lugar para ficar, mas Mimi desconfiava que isso era algum tipo de desculpa esfarrapada. Não pelo que ela havia dito, mas pela forma como tocara no assunto — sem aviso, com um tom superior na voz, como se quisesse se vingar de alguma coisa que Mimi tivesse feito. Mimi não conseguiu imaginar o que Janey estaria tramando, e isso potencialmente a colocava em uma posição de desvantagem, e por isso ela havia recuado.

Só que tudo era de uma conveniência danada, pensou com irritação, entrando no elevador. O ascensorista sorriu para ela, mas em vez de bater papo com o homem, como costumava fazer, respondeu só com um cumprimento de cabeça. Em duas semanas, ela e George viajariam para Aspen, e ela achava que conseguiria hospedar o Zizi em algum hotel, mas isso aumentaria o risco de eles serem pegos em flagrante. A beleza do apartamento de Janey, muito embora fosse absolutamente nojento (a primeira vez em que o vira, Mimi ficou chocada com o fato de Janey ter morado ali, e imaginou-a como uma fênix que renascia das cinzas de seu apartamento imundo todas as noites), era o fato de ser discreto: não havia porteiros para tomar nota das suas idas e vindas, e os outros moradores eram velhos demais ou pobres demais para saber quem ela era. Ela daria um jeito, pensou, nervosa, calçando as luvas, enquanto passava pela portaria. E, nesse meio tempo, castigaria Janey um tantinho, fingindo estar ocupada demais para falar com ela — assim Janey entenderia que não devia nunca mais se dirigir a ela naquele tom...

O porteiro abriu a porta para ela, e Mimi saiu. Nevava bastante agora, mas a Quinta Avenida se encontrava maravilhosamente silenciosa, e as luzes dos postes de iluminação, mais tênues, iluminavam a escuridão do Central Park, criando um clima de floresta encantada. Ela começou a andar até o carro, mas de repente ouviu alguém chamar seu nome, e quando reconheceu a voz de Zizi, quase morreu de susto.

Por um segundo, ficou paralisada, mas logo depois, percebendo que estava completamente visível na luz brilhante que vinha da portaria, passou rapidamente para a lateral do prédio, penetrando na área de penumbra produzida pulou pelos arbustos. Zizi estava coberto por uma espessa camada de borrifos de neve, como se já estivesse esperando a muito tempo por ela ali fora, e Mimi imediatamente entendeu que havia alguma coisa terrivelmente errada.

— O que houve? — perguntou ela, cochichando audivelmente, à maneira teatral, desejando remover a neve acumulada na cabeça dele, mas sabendo que qualquer gesto que fizesse podia ser observado e devidamente lembrado pelo porteiro.

— Preciso falar com você — respondeu ele. — A expressão em seu rosto era zangada, como se ele tivesse sido gravemente ofendido e estivesse considerando-a responsável.

— Não dá para conversarmos aqui — explicou ela, olhando em torno de si, nervosa. — Não podemos nos ver amanhã? — suplicou. E depois acrescentou: — Estou indo me encontrar com o George...

— O problema é sempre esse — comentou ele, desgostoso. E nesse momento, ela entendeu que ele estava ali para romper o relacionamento.

Recuou alguns passos pelo quarteirão, como se quisesse levá-lo para longe do perigo.

— Meu querido, por favor — disse, tentando fazê-lo raciocinar, e sabendo que o único jeito de evitar que a situação piorasse era ficar cal-ma. — Vamos conversar sobre o assunto amanhã. Eu venho pegá-lo de-—pois do almoço. Mais ou menos às duas, talvez...

Ela sacudiu a cabeça, com teimosia; ela viu que ele já havia se decidido.

— Não dá mais para a gente se encontrar — disse ele, com uma sim-—plicidade devastadora. Ela sabia que isso ia acabar acontecendo, mas recuou, sentindo-se despedaçar por dentro, ciente de que não podia dar um escândalo ali, e que não conseguiria fazê-lo mudar de idéia. Zizi era jovem e costumava ficar confuso sobre a forma de levar a vida, e quando tomava uma decisão, agarrava-se a ela com firmeza inabalável, como que para obrigar a incerteza a submeter-se à sua vontade.

Ela sentiu vontade de gritar "Por quê?" como um animal ferido, mas seus anos de traquejo social de repente entraram em ação e ela conseguiu se recobrar. Com uma expressão completamente neutra no rosto, perguntou:

— Para onde vai, então?

Ele pareceu ficar aliviado por ela não reagir chorando, e isso a magoou mais do que qualquer outra coisa, pensou com tristeza.

— Vou para a Europa — disse ele. — Falei com Harold Vane esta tarde, e viajo amanhã.

Ela sorriu para ele, como se Zizi fosse um estranho em um coquetel sentindo-se como se estivesse fora do seu próprio corpo, observando dois atores em uma peça. Estendeu a mão.

— Então, adeus — disse. Ele pegou a mão dela, procurando uma reação mais intensa no seu rosto, mas ela seria incapaz de trair o que realmente sentia. E depois em um momento de paixão, ele se abaixou e apertou-lhe os ombros com força, beijando-a no rosto.

— Algum dia vou ser rico — disse, ardoroso. — E aí venho te pro-—curar... Ela ficou chocada demais para responder. Ele a soltou e recuou um passo. Se não lhe desse as costas, se ele se aproximasse dela outra vez ou tentasse prolongar o papo, ela ia desmaiar, pensou, ia cair na calçada feito um saco vazio...

Mas ele não chegou perto dela outra vez. Depois de um último olhar ardente, virou-se abruptamente e começou a andar depressa pela calçada, dobrando de súbito em uma transversal, como se não confiasse em si mesmo, e fosse ceder à tentação de olhar para trás outra vez.

Ela ficou ali de pé mais alguns instantes, olhando na direção para a qual ele tinha ido, e depois se recompôs. Sentia-se estranhamente bem, pensou. Agora precisava tirar aquele incidente da cabeça até ficar só e poder analisá-lo e curtir seu luto em particular. Suas pernas, não soube como, a levaram até o carro. Muhammad saiu e abriu a porta.

— Espero que aquele homem não tenha incomodado a senhora — disse ele. Ela se sentou no banco traseiro; a porta fechou-se atrás dela com um estalido firme e metálico.

- De jeito nenhum — disse por fim, em voz calma, quando Muhammad se sentou no banco do motorista. — É um velho amigo meu... Só veio me dizer que a mãe dele morreu.

- Mas que tristeza — lamentou Muhammad. — Espero que ele esteja bem.

- Acho... que ele está muito transtornado com isso - disse ela, desligada, perguntando-se como aquela conversa maluca tinha começado.

O carro dobrou a esquina e começou a deslocar-se lentamente pela Avenida Madison.

Finalmente chegou ao Hotel Carlyle e Mimi saiu. George estava sentado em uma mesa com

alguns colegas de fora da cidade; foi uma tortura aturar todas aquelas apresentações. Será que devia beber? Não, preferia não beber nada, e achava a neve linda, mas in-conveniente.

Duvidava que alguém estivesse coberto de neve pela manhã, por volta da meia-noite ela devia parar de cair. George finalmente resolveu ir embora, e eles saíram pela porta giratória, com o George atrás dela. Ele nunca havia conseguido aprender os detalhes do comportamento cavalheiresco, como o fato de que um homem devia se sentar no banco de trás de um carro primeiro para a mulher não precisar deslizar pelo assento, ou que um homem devia sempre passar primeiro por uma porta giratória para a mulher não precisar empurrá-la. Na calçada, ele parou, e olhando para os dois lados da rua, perguntou:

— Devemos escolher o Pike ou o Muhammad?

Ela demorou para responder, não só devido ao absurdo que era a pergunta mas também à realidade de ter dois carros e dois motoristas. Quando era pequena, todos os que ela conhecia tinham carros e motoristas, mas ter dois teria sido considerado exagero e falta de classe, e em vez de achar a situação engraçada, como normalmente acharia, ela via agora que era meramente deprimente...

— Vamos com o Muhammad — respondeu. Seus joelhos de repente pareciam estar prestes a ceder, e ela sentiu medo de que não a sustentassem se tentasse entrar no SUV.

— Você é quem manda — disse George, segurando a porta do carro para ela entrar.

Quando ele se sentou ao lado dela, Mimi viu que George parecia estar satisfeitíssimo consigo mesmo — sua expressão era a mesma de quando ele acabara de fechar um negócio-da-china. Anteriormente, naquele mesmo dia, ele lhe pedira para se encontrar com ele no Carlyle, prometendo algum tipo de "surpresa", e ela havia ficado curiosa, mas agora não estava nem um pouco a fim de saber o que era.

— George — pediu, pondo a mão sobre a dele. — Será que essa surpresa não pode esperar até amanhã? Estou me sentindo meio... mal.

George instintivamente afastou a sua mão da dela e, quando ele fez isso, Mimi percebeu que realmente estava se sentindo enjoada. Foi dominada por uma onda de náusea, que passou em um minuto, e depois se recostou no espaldar do banco.

— Só vai demorar alguns minutos — prometeu George, impassível, e aí começou a conversar com o Muhammad sobre o mercado de ações.

Mimi se desligou dele, como costumava fazer ultimamente, e tentou pensar na sua cama, onde, se tivesse sorte, talvez estivesse dentro de meia hora mais ou menos. Só que isso de pouco adiantava; George também estaria na cama, e olhando para o rosto redondo e insípido dele, de repente desejou ir para bem longe. Pensou em gritar para Muhammad parar, e sair correndo do carro; iria para um bar local afogar as mágoas no uísque.

Só que não podia fazer isso... O carro estava estacionando diante de um prédio, na Park com a 65...

Meio confusa, Mimi olhou vagamente pela janela a pesada porta de madeira. Reconheceu o prédio de imediato; conhecia muito bem aquele apartamento — uma de suas amigas havia morado ali quando criança, e mais tarde, a despeito do fato do apartamento ter mudado de mãos diversas vezes, ela comparecera a dúzias de festas naquele mesmo lugar.

— Não estou entendendo — disse ela. — Vamos a alguma festa? Os Finchbergs já não moram mais aqui faz um ano...

George pegou o braço dela e a puxou para fora do carro.

— Não estamos indo a nenhuma festa — disse ele, erguendo as sobrancelhas, todo animado. — Mas certamente espero que comecemos a dar nossas próprias festas...

Ela parou e prendeu a respiração, imediatamente compreendendo o que ele queria dizer.

— Ai, George — disse, espantada, percebendo que por algum motivo ela parecia estar com dificuldade para respirar. — Você não...

— Eu, sim — disse ele, tocando a campainha. — Comprei-o antes mesmo de sair o anúncio.

Eles passaram pela portaria e entraram no minúsculo elevador. Mimi de repente teve a sensação distintamente desagradável de que seu aparelho digestivo estava prestes a se descontrolar horrivelmente, e sentiu o sangue lhe fugir do rosto. Mas George não pareceu notar — jamais notava nada de errado nela, nem um pouquinho, pensou ela, sentindo-se desamparada, e quase todo o tempo tentava tratá-la como uma empregada...

A porta do elevador se abriu, e eles alcançaram o magnífico vestibulo. Mimi tentou olhar um torno, mas ouviu um zumbido dentro da cabeça, e uma sombra pareceu querer insinuar-se, vinda da periferia de sua visão. A reforma e a redecação do apartamento iam levar inúmeros meses, pensou, levando a mão á cabeça para evitar aquela escuridão cada vez maior, e então George ia esperar que ela labutasse como uma escrava, sem parar — esse era o motivo pelo qual havia se casado com ela. Mas quem ela estava querendo enganar, pensou desesperada, enquanto o zumbido na sua cabeça parecia aumentar de volume. Aquela era a vida dela, a vida que ela escolhera, e agora com aquele apartamento, nunca, jamais, conseguiria escapar dela...

E em um último gesto de desespero, ela agarrou a manga do casaco de George, sentindo o tecido macio de caxemira deslizar pelos seus dedos, logo antes de cair no chão de mármore marchetado ao estilo do século XVIII.

ERA O MEIO DE DEZEMBRO, e, fora o incidente com o Zizi, o mês estava sendo maravilhoso para Janey.

Enquanto o resto do país não falava de outra coisa a não ser do escândalo da eleição presidencial, sem ver mais nada na sua frente a não ser picotes de papel abaulados e pendurados, um certo segmento da sociedade de Nova York tinha coisas mais importantes na cabeça: especialmente, o Desfile de Moda da Victoria's Secret. Pela primeira vez na história, o desfile ia ser transmitido pela televisão; na semana antes do espetáculo, todos os jornais da cidade publicaram fotos e matérias sobre as modelos, e até no New York Times saiu um artigo especial discutido se seria pouca-vergonha ou não mostrar mulheres seminuas na rede racional de televisão. Em consequência disso, Janey era reconhecida em quase todos os lugares onde ia, e embora sua "fama" não fosse do tipo que motivasse as pessoas a lhe pedirem autógrafos, era glamorosa o suficiente para lhe garantir o melhor reservado do Dingo's, o novo restaurante que era a coqueluche do momento e tinha sido inaugurado no final de novembro.

Por motivos semelhantes àquele pelo qual as abelhas decidem formar um enxame e sair da colméia, o Dingo's havia se tornado o point para se almoçar na cidade, com uma hierarquia tão regimental quanto a de um galinheiro. Por duas horas, todos os dias, entre 12h30 e 2h30, o Dingo's funcionava com base em um regime feudal, repleto de intrigas, ameaças veladas e minidisputas de poder, tão emocionantes para seus freqüentadores quanto aterrorizantes para os poucos coitados que ocasionalmente entravam ali sem saber de nada, e descobriam que não podiam ocupar uma certa mesa, ou que a espera ia ser de pelo menos duas horas.

O desfile da Victoria's Secret aconteceria na quinta-feira; na terça antes do desfile, Janey estava almoçando no Dingo's pela terceira vez em uma semana. A primeira tinha sido com o Selden, a segunda com a irmã, já de volta do Europa e demonstrando tamanha lealdade ao marido que chegou quase a embrulhar o estômago de Janey, e agora, na tarde de terça, com Craig Edgers. O maître, um escocês prematuramente grisalho chamado Wesley, havia lhe feito sinal de trás dos sobretudos de peles o caxemira comprimidos no apertado corredor de entrada, e, segurando dois cardápios bem alto, conduziu-a através daquele mar de fregueses até um dos cinco confortáveis reservados destinados às celebridades e personalidades mais poderosas da cidade. Essa atenção jamais deixava de agradada, fazendo-a lembrar-se de que a beleza realmente era sua própria recompensa — e durante esses momentos prazerosos, passava pela cabeça de Janey o pensamento de que ela nem precisava fazer nada, se assim já merecia a melhor mesa do mais exclusivo restaurante de Manhattan.

E a emoção foi redobrada por estar em companhia de Craig Edgers. Ele agora era o luminar literário indiscutível de Manhattan, prova viva de que um autor podia, uma vez mais, produzir um romance ao mesmo tempo intelectual e comercial, pondo fim a discussão que vinha incomodando o mundo editorial durante os últimos 25 anos: uma obra literária podia vender tantos exemplares quanto as que eram consideradas normalmente um "lixo"? Craig respondera à pergunta com seu sucesso, e em quase todo lugar freqüentado por Janey alguém mencionava o livro dele. A maioria das pessoas adorava o livro, mas admitia ter apenas um respeito relutante

pelo autor, que diziam ser arrogante e convencido, chegando mesmo a ser perverso.

— O que é exatamente aquilo que se poderia esperar — disse Janey a Craig, pelo telefone, ao lhe relatar uma dessas conversas. — Afinal, você mudou a face do mundo editorial americano; naturalmente as pessoas vão sentir inveja.

No entanto, a inveja não exercia efeito algum sobre o novo status de Craig, e Janey ficou mais do que satisfeita ao ver os olhares surpresos e curiosos que os dois causavam ao atravessarem o salão até a mesa a eles destinada. Craig estava com uma barba de quatro dias, que cinco anos atrás tinha sido moda entre certos atores, mas Janey podia afirmar com certeza que as pessoas tinham-na reconhecido. A galera do Dingo's se orgulhava não só de ser notícia, como também de reconhecer quem era notícia e quem era "in" bem antes de essa informação chegar ao público em geral. Craig era um novo astro arisco, e o fato de Janey ter ficado amiga dele e de ele — um intelectual genuíno — estar andando com ela, conferia à modelo um status intelectual que jamais lhe fora atribuído antes. Era, pensava ela sentindo-se bastante gratificada, uma troca justa: o glamour dela pelo intelecto dele.

Eles se sentaram no reservado, e Craig olhou-a com um jeito malicioso, que Janey já sabia, a essa altura, ser uma defesa dele, utilizada quando se sentia inseguro ou deslocado. Ele abriu o guardanapo de qualquer jeito e o colocou no colo, olhando o salão em volta com uma curiosidade indisfarçada.

— Então, é isso — disse ele — que é ser Janey Wilcox. No dia-a-dia.

— Ou estar com a Janey Wilcox — retrucou ela. Seu rosto mostrava aquela animação particularmente intensa que era sua segunda natureza quando estava em público — destinava-se a atrair olhares e mesmo assim parecer indiferente a eles. Em um tom de voz provocante, acrescentou: — Ah, admite, Craig. Vai dizer que nunca esteve aqui antes? Afinal de contas, você é apenas o mais importante autor nova-iorquino dos últimos vinte anos.

Para um homem que se orgulhava do seu intelecto, Craig era ridiculamente suscetível à bajulação gratuita, e imediatamente ficou à vontade, debruçando-se para revelar que, na verdade, ele já viera ao Dingo's antes, com seu agente, mas eles haviam sido relegados a uma das mesinhas quadradas localizadas na Sibéria, no fundo do salão. Janey sabia exatamente a reação que devia ter: indignação absoluta diante da "falsidade" como ele havia sido tratado antes de se tornar famoso. Este era um motivo freqüente de reclamação do Craig — junto com a superficialidade e a frivolidade da sociedade nova-iorquina. Janey não era, por natureza, particularmente contra a frivolidade ou a superficialidade, mas imediatamente entendeu que esse era um tema que podia ser usado para gerar uma ligação mais profunda entre ela e o escritor, e incentivou aquele ressentimento, inclusive pondo mais lenha na fogueira: denunciou como a tratavam mal antes de ela se tornar modelo da Victoria's Secret, e fez até alusão a seus problemas com o Comstock Dibble — "coisas" que ela jurava que jamais contaria a Selden. O resultado foi que Craig Edgers agora estava loucamente apaixonado por ela.

A sedução havia sido perfeitamente calculada por Janey, e se justificava por sua crença recente e incontestável de que homens como Craig Edgers — artistas intelectuais, que "compreendiam" as ânsias da alma humana — eram suas verdadeiras almas gêmeas, tipos perfeitos para se tornarem seus companheiros. Para ela, seduzir o Craig era algo totalmente diferente de, por exemplo, seduzir um homem como George. Homens como o George eram interessantes apenas porque tinham dinheiro, ao passo que homens como Craig não precisavam de dinheiro para

serem interessantes.

Ela iniciou a aproximação de maneira sutil, a princípio procurando aprofundar a amizade por telefone, usando como desculpa a possibilidade de Selden produzir o filme baseado no livro. Isso tinha levado a um almoço em um restaurante mexicano ordinário na Segunda Avenida, perto do apartamento dele, e em um outro dia, a uma visita vespertina ao apartamento em si, um dois quartos deprimente em um arranha-céu branco de tijolos, construído para as classes médias no fim da década de 1950. Era malconservado e mobiliado com móveis escandinavos baratos que provavelmente haviam sido comprados na década de 1980. Fotos dele e da esposa, Lorraine, durante várias fases do seu casamento, decoravam um aparador, e uma parede estava repleta de livros. Janey examinou as fotos, genuinamente interessada no tipo de mulher que Craig tinha desposado, e não se decepcionou; Lorraine era uma mulher atlética, de uma beleza comum, mais ou menos da idade dele, que havia conservado o mesmo penteado durante vários anos — os cabelos crespos, cortados até os ombros, sobressaíam das laterais da cabeça como asas. Janey comentara, em uma voz falsa, destinada a passar um sutil desdém, que Lorraine parecia "simpática". Também achou graça ao ver que as fotos haviam sido tiradas em diversos pontos turísticos glamourosos, como Martha's Vineyard e Aspen, indicando que embora Craig e a mulher não tivessem dinheiro, não tinham nada contra ser amigos do quem tinha.

A desculpa para sua visita havia sido examinar a coleção de Craig de livros clássicos que, segundo ela explicou, eram uma de suas paixões secretas, e a hora seguinte transcorreu em uma tensão sexual quase insuportável. Janey não tinha a menor intenção de transar com o Craig, mas não ia descartar a possibilidade, se pintasse o clima e a situação fosse lucrativa para ela.

Enquanto contemplava o exemplar premiado de *O Grande Gatsby* — uma edição autografada, com capa original mostrando os olhos de uma mulher flutuando em um céu noturno — lembrou-se de como era emocionante exercer poder sobre um homem, e imediatamente bolou um plano. O pouco tempo que passou com Craig foi uma espécie de revelação, e ela de repente entendeu o que estava faltando em sua vida, aquilo que havia impedido que ela fosse realmente feliz, ou seja, o prestígio intelectual. Seu plano não só justificaria suas ações, como também mudaria a opinião de todos a respeito dela. Sabia que as pessoas a consideravam bonita, mas agora iam ficar sabendo que ela também era inteligente.

A idéia era simples: produzir a versão cinematográfica de *Os obstáculos*. Parecia quase loucura a princípio, mas quanto mais pensava no assunto, mais ele fazia sentido. Até ali, Craig resistira à idéia de vender os direitos de filmagem do livro a Comstock Dibble, que se recusava a deixá-lo escrever o roteiro, mas Craig não precisava necessariamente do Dibble, nem de nenhum estúdio — não com tanto dinheiro dando sopa por aí. E ela conhecia muitos ricos que talvez estivessem dispostos a investir no livro e que talvez se divertissem frustrando um cara como o Comstock Dibble. Ela podia até convencer o George Paxton a fazer esse investimento — e aí o Craig escreveria o roteiro e ela escolheria os atores e o diretor, talvez até desempenhando um dos papéis femininos. E qual não seria a surpresa do Selden diante de tudo isso!

E agora, durante o almoço com Craig, ela pretendia lhe expor sutilmente seu plano. Os garçons passavam voando pela mesa deles, como moscas, a clientela blasé do Dingo's olhava disfarçadamente para os dois — e, segundo Janey imaginou, especulando loucamente sobre aquele casal incomum. Jogando os cabelos sobre o ombro, Janey debruçou-se sobre a mesa, aproximando-se de Craig e, com uma risadinha, disse:

— Ninguém ousaria fazer você se sentar na Sibéria agora.

Craig lhe deu um sorriso triunfante e respondeu:

— Principalmente agora. Eu lhe contei que a revista Time quer fazer uma matéria comigo? — E revirando os olhos, como se há muito tempo esperasse essa aprovação, acrescentou: — Finalmente.

— Ai, Craig! — exclamou Janey, sentindo uma nova onda de excitação. O comportamento nova-iorquino em geral funcionava assim; quanto mais famosos os seus amigos, melhor sua imagem, e ela não podia deixar de imaginar como o artigo do Time sobre o Craig podia melhorar sua vida. — Vão publicar sua foto na capa?

— Já falaram nisso. Mas, naturalmente, tenho minhas dúvidas. — Ele olhou para ela, de um jeito significativo. — Sabe como são essas coisas, Janey. A gente não controla o que eles escrevem, nem o tipo de ângulo pelo qual vão abordar o assunto, e não quero conspurcar minha reputação literária aparecendo em uma revista que se destina às massas.

— Mas precisa fazer isso — frisou Janey, franzindo o cenho. — Precisa entender por que é tão importante.

— Então diga — sugeriu ele. E Janey não pôde deixar de maravilhar-se novamente, diante do fato de Craig Edgers, o famoso Craig Edgers, o astro literário, estar lhe pedindo um conselho!

— Pense em todas as pessoas que vai atingir — explicou com fervor, como se o tema tivesse sido importantíssimo para ela durante a maior parte de sua vida. — Gente que provavelmente jamais leu um grande livro na vida, que acha que "literatura" é chato! — Ela olhou de relance para o prato, com modéstia. — Meu Deus, Craig — disse, de mansinho. — Ter a chance de influenciar tanta gente assim... Puxa, é simplesmente uma honra. É o tipo de coisa que eu gostaria de fazer um dia. Tem... tem um significado autêntico. Como é mesmo que dizem? É uma vida sem exame que vale a pena viver...*

Craig sorriu para ela de um jeito complacente.

— Não é bem isso, mas a idéia é mesmo essa.

— Ah, mas com certeza é mesmo — disse ela, com ousadia. — Vai precisar abrir mão de parte do controle sobre sua imagem, mas pense só nas vantagens.

Ele se recostou no espaldar do banco estofado e a olhou pensativamente.

— Você é a única pessoa com quem posso conversar sobre essa coisa toda. Minha mulher não quer ouvir...

*Janey cita uma frase de Sócrates — “uma vida sem exame não vale a pena viver” — ao contrário. (N. da T.)

— Só porque ela se sente ameaçada. Pelo seu sucesso. De repente sua vida mudou, e ela não sabe o que fazer do relacionamento entre vocês.

— Mas qual é o motivo de ter uma esposa, se ela deliberadamente se recusa a entender? — perguntou Craig, brincando com o garfo.

Janey lançou-lhe um sorriso misterioso, mas nada disse. A maioria das mulheres teria entendido aquele comentário de Craig sobre a esposa como uma chance para se mostrar superior a Lorraine em compreensão e solidariedade. Mas Janey sabia que essa técnica não costumava funcionar — fazia o homem pensar que a mulher estava louca de vontade de ficar com ele. E,

para controlar um homem, era preciso deixá-lo convencer você — não o contrário. Batata. Dentro de alguns segundos, Craig chegou pertinho dela e disse o que Janey imaginava ser uma revelação atípica dele:

— Ando pensando em você.

— Também penso muito em você — disse ela, percebendo que essa seria a oportunidade perfeita para apresentar seu plano.

— Isso vai lhe parecer loucura, mas andei refletindo... vou fazer de você um personagem no meu próximo livro. — Ele se recostou no espaldar do banco e tomou um gole de água, enquanto a contemplava pensativamente.

— Ai, Craig — disse Janey. Tinha sido pega de surpresa, e levando um momento para reorganizar sua estratégia, de repente o viu como ele devia ser para alguém que não o conhecesse e não estivesse a par de suas realizações. A impressão geral, além da camisa de lenhador xadrez, era de um homem que não era muito limpo, que sem dúvida às vezes pilhava dias sem escovar os dentes, tinha caspa entre os cílios e cravos pretos nas costas. E então, em um gesto que a chocou, devido ao lugar em que se encontravam, ele sentou-se mais na beirada do banco e pôs a mão dele sobre a dela, estabonadamente. Por um momento, ela ficou paralisada, mas entendeu depressa que, se ele achasse que ela o considerava repulsivo, ele recuaria, e ela o perderia. Em vez disso, ela pôs a sua outra mão sobre a dele o disse, em uma voz que soava a cantada:

- Sei que devia estar me sentindo lisonjeada, mas francamente, Craig assim eu me assusto. A forma como você apresenta alguns dos personagens em seu livro... bem, é positivamente maquiavélica. Você tem um jeito bem cínico de se expressar, e eu não consigo imaginar como iria me descrever — provavelmente como uma das prostitutas?

E Craig riu, dizendo:

— Pensei que era óbvio o jeito como eu a descreveria, Janey. Sabe que você é minha obsessão.

— Eu sei, Craig? — perguntou ela — com inocência suficiente, mas só com uma pontinha de advertência na voz.

Craig não ligou para a advertência.

— Se não fosse casada com meu melhor amigo — prosseguiu — eu lhe pediria para passar o fim de semana comigo agora mesmo.

— Mas Craig — gritou ela, fingindo estar chocada. — E sua esposa?

— Eu mentiria e lhe diria que ia para Chicago. Visitar velhos amigos.

Ele era tão diferente, e ao mesmo tempo assustadoramente sério, pensou Janey. Era quase... encantador.

— Podíamos dizer ao Selden que você está escrevendo um livro sobre mim — disse ela, perguntando-se até onde ele iria. — Podíamos lhe dizer que precisamos passar algum tempo juntos, para você poder... me estudar.

Aí ele chegou ao ponto onde ela queria que ele chegasse. Estava quase vesgo de desejo quando conseguiu dizer, ofegante:

— Mas eu jamais conseguiria fazer isso com o Selden. — Tomou um gole da água, e acrescentou: — Além do mais, Selden nunca ia acreditar. Não é tão burro assim. Sabe o que sinto por você — aquele miserável provavelmente está rindo de mim pelas costas!

Janey fez biquinho.

— Você tem razão, claro — concordou ela. — Mas se pudermos pensar numa forma... de passar mais tempo juntos de maneira legítima... - Ela sabia que precisava evitar lhe prometer especificamente sexo, permitindo ao mesmo tempo que ele pensasse que havia uma possibilidade de obtê-lo, no futuro... — Andei tendo umas idéias meio loucas - disse ela, brincando com o garfo. — Estapafúrdias demais para lhe contar, para dizer a verdade. Vai rir de mim.

— Rir de você seria a última coisa que eu faria — garantiu ele.

Ela o encarou, sua expressão se tornando subitamente séria.

— E se... se eu produzisse a versão cinematográfica de Os obstáculos?

Por um instante, ele simplesmente ficou olhando para ela, como cara de quem não entendeu. Claramente, era a última coisa que estava esperando, e antes que pudesse protestar ela se apressou em explicar:

— Ah, está vendo? Estraguei tudo. Sabia que ia rir de mim — e olhou para outro lado.

— Não, não. Até que é uma idéia... interessante.

— Bem, seria, se você se incomodasse de pensar um pouco nela — sugeriu ela, com uma voz macia como seda. — Quer escrever o roteiro e entrar em Hollywood, e eu posso ajudá-lo. Só precisamos de grana, alguém para investir no projeto. E é aí que eu entro. George Paxton é um dos melhores amigos do Selden, grande amigo meu também. Já investi em filmes antes. O George vai... ora, o George faz tudo que eu peço a ele. Até me disse que se eu pudesse encontrar um projeto para ele... — mentiu, na maior cara-de-pau. Os olhos de Craig semicerraram-se.

— Mas e o Selden? — indagou.

— Ah, o Selden! — exclamou Janey, frivolamente. — Aí é que vai ser bonito, Selden podia comprar os direitos do livro... mas ambos sabemos que ele não está disposto a fazer isso. Não tem sensibilidade para entendê-lo. Pense só em como ele vai ficar surpreso quando descobrir. Vai ser uma boa forma de lhe dar uma lição.

— Disse Craig, pacientemente, — Você é linda, e eu jamais insinuaria que não é inteligente. Mas é inexperiente. Essa gente de Hollywood é fogo. Todos sabem disso. Podem... não levá-la a sério.

— Porque sou modelo da Victoria's Secret? — perguntou Janey, mordendo o lábio. — Mas e as vantagens? Não tem ninguém com quem eu não possa marcar uma reunião... e se ser modelo for problema, bem, eu desisto de tudo pela chance de fazer algo importante! — gritou. — Especialmente se for algo e alguém em que eu acredite.

Ela se virou para ele, os olhos faiscantes, sabendo que não havia nada mais atraente para um homem do que a paixão, e soltou um grito:

— Ah, Craig! Se não me deixar trabalhar com você, não sei o que vou fazer!

E de repente ele se viu ao lado dela, dando-lhe tapinhas consoladores na mão, e murmurando palavras de incentivo.

— Bom... então está bem, Janey. Se quer mesmo fazer isso... Se é assim mesmo que se sente... Claro que pode...

Os ruídos do alvoroço nos bastidores produzidos por uma centena de seres humanos desvairados, concentrados na tarefa de produzir o Desfile de Moda da Victoria's Secret, não foi suficiente para abafar a voz infantil e aguda que se ergueu acima daquele tumulto e declarou: "E não é suficiente ser bonita e ter seu próprio dinheiro hoje em dia. Agora uma mulher precisa ser capaz de pagar

um boquete excelente — por encomenda — e ser safada na cama. Eu lhe perguntei: 'exatamente o que quer dizer com "safada"'? E aí ele disse: 'sexo anal, pelo menos uma vez por semana', e depois começou a vir com um papo de coleira..."

A voz de repente foi abafada por um trecho de música em staccato vinda do outro lado da fina divisória que escondia a passarela, quando Janey se virou com um sorriso de superioridade para quem estava falando. Seraphina, uma bela morena conhecida apenas por esse único nome, encontrava-se sentada duas cadeiras à frente dela, diante de um espelho de maquiagem comprido improvisado, seus olhos castanhos suaves bem abertos, muito injuriada.

A breve avaliação que Janey fizera dela, em dois ensaios vespertinos, foi a de que era uma mulherzinha burra e boboca. Com pouco mais de 21 anos, falava quase que exclusivamente dos homens que tinham tentado levá-la para a cama, e da família que deixara em uma fazenda na América do Sul. Por um momento, Janey se perguntou se parecia ridícula como Seraphina quando tinha a mesma idade, mas depois, resolvendo que não parecia, deixou de dar-lhe atenção, embora fosse difícil ignorá-la quando se estava na mesma sala que ela. Silenciada agora pelos gestos da maquiadora, que tentava contornar com um lápis seus lábios escuros e tão cheios que lembravam uma vagina, Seraphina continuou a gesticular loucamente.

Atrás de Janey, sua própria maquiadora, Contadine, estava de pé misturando uma variedade de bases líquidas sobre a mão. Os olhos delas se encontraram no espelho, quando Contadine, que tinha uma opinião a respeito de cada assunto sobre a face da terra, e sentia uma necessidade constante de expressar sua sabedoria, indicou Seraphina com a cabeça.

— Não é mesmo verdade? — disse, dando um passo para a frente e passando suavemente com os dedos a base no rosto de Janey. — Eu posso te contar cada história, minha filha... — continuou.

— Por mais que a gente exija dos homens, eles sempre controlam tudo. Toda voz que adquirimos um pouco de liberdade ou independência, eles elevam as apostas. Um Inferno. É essa coisa toda da Internet, entende? Essa pornografia em todo lugar. Antigamente eles tinham sorte se conseguissem alguém para lhes pagar um boquete. Agora querem três garotas e um macaco, e todos eles ajoelhados, fazendo reverência ao altar do pau...

Contadine riu bem alto diante da sua espirituosidade, enquanto Janey apertava os lábios, num sorriso distante. Tivera milhões de conversas como esta durante vários anos, e a pressuposta amizade somada à necessária falsa alegria sempre a cansavam; Janey entendia por que as estrelas de cinema exigiam que os maquiadores e cabeleireiros ficassem de bico calado. Mas se ela exigisse silêncio, iam passar a chamá-la de prima-dona. Só podia ficar calada e torcer para Contadine entender a deixa.

Fechou os olhos um momento, e Contadine perguntou:

— Não está nervosa, está?

Janey lançou-lhe um olhar incrédulo pelo espelho, e Contadine lhe acariciou o ombro.

— Nem eu achava que estaria. Você, pelo menos, não.

Ela chegou mais perto, abaixando a voz e olhando de relance a fileira de cadeiras onde as 11 modelos da Victoria's Secret se encontravam em estúdios diversos de arrumação dos cabelos e aplicação da maquiagem.

— Diabo, você é uma das poucas profissionais autênticas por aqui. Metade dessas garotas nunca estiveram em uma passarela digna do nome antes, e vão apresentá-las ao público logo assim, com a bunda de fora? Fala sério.

Como esse comentário não exigia bem uma resposta, Janey simplesmente encolheu os ombros, mas não havia como fazer Contadine se calar.

— Bom — continuou ela. — Já ouvi dizer que você pelo menos conseguiu se arrumar. Não li em algum lugar que se casou?

— Casei, sim — disse Janey, — Com o Selden Rose. — Ela se remexeu na cadeira e se mirou no espelho, criticamente. Embora fosse a mais velha de todas as modelos (só a alemã, Evie, de trinta anos, tinha mais ou menos a sua idade), sua avaliação profissional era que se encontrava mais bela do que jamais estivera. Sua beleza estava mais exuberante, e ela exalava uma confiança e algo mais — uma inteligência, como se tivesse uma vida real fora da passarela —, ao contrário dos rostos simplórios e ainda em formação das garotas mais jovens. E mesmo assim, depois de apenas 15 minutos naquele ambiente, ela começara a sentir o mesmo tédio que ameaçava sugá-la lentamente, até ela se tornar apenas um casulo composto de rosto, cabelo e corpo — uma casca que podia andar e falar, mas morta por dentro...

— Ah, sim — disse Contadine, estalando os dedos. — Selden Rose. É o nome dele. — Ela balançou a cabeça como se finalmente entendesse a solução de um problema de matemática. — Ele é aquele... fotógrafo, certo?

— Não — disse Janey, com uma irritação momentânea. Era supertípico de gente neste ramo pensar que conheciam tudo e todos, o que era uma ironia, dado o fato de os limites do seu mundinho serem tão restritos. — É o CEO da MovieTime.

— Mas que beleza. Ainda melhor — disse Contadine. — Um homem de negócios. Minha mãe sempre dizia, case com um homem de negócios. Eles são estáveis.

Janey olhou firme para Contadine, perguntando-se se devia deixar passar aquela informação errada sobre a profissão do Selden. Afinal, que diferença fazia?

— Naturalmente, o problema de alguns desses negociantes é que eles são chatos — continuou Contadine. — Eu tinha uma amiga, que resolveu que não agüentava mais os caras criativos que nunca pagavam nada e conheceu um consultor de investimentos...

Janey se encheu daquilo, e lançou a Contadine um sorriso de superioridade.

— O Selden não é exatamente um homem de negócios. Ele foi presidente da Columbia Pictures. Contadine fez uma pausa, e deu um piparote na pontinha da escova de maquiagem com um dedo longo e de unha feita, causando uma chuva de pó cor-de-rosa cintilante.

— Ahhhh — disse ela, concordando, com jeito de sabichona. — É por isso que eu conheço esse nome. Acho que tive uma amiga que foi namorada dele.

Janey fechou os olhos para Contadine poder aplicar o pó rosa nas suas pálpebras, evitando demonstrar o susto que levou. Nos bastidores de um desfile de moda circulavam sem parar fofocas e insinuações maliciosas, tanto repetidas quanto inventadas no local. Se demonstra-se interesse demais, no dia seguinte Contadine ia estar repetindo aquela história pela cidade inteira.

— Duvido — disse Janey, com uma risada breve destinada a abafar especulações. — O Selden só está em Nova York há seis meses, e já estamos casados há três. E antes disso, ele foi casado durante 12 anos. Então seria muito difícil...

— Eu posso lhe garantir — disse Contadine, em voz suave. — Agora que mencionou a Columbia Pictures, estou me lembrando. Foi minha amiga Estie. É cantora — ou se diz cantora, pelo menos — corrigiu Contadine, com um sorrisinho zombeteiro. — Mas estou sendo injusta. A Estie tem

mesmo talento, sabe? E é muito divertida. Mas a aparência dela atrapalha tudo.

— Surpreendente — observou Janey.

— Sabe, ela é o tipo de mulher pela qual os homens endoiam. — Contadine abaixou-se, continuando em tom conspirador. — Um desses príncipes ingleses — não me lembro qual — ficou de olho nela. Levou-a para St. Barts. Tudo muito por baixo dos panos, e ninguém devia vazar nada. Mas ela conseguiu me ligar do banheiro, dizendo que o cara tinha um pintinho minúsculo. — Contadine notou o olhar de desdém de Janey, mas prosseguiu, sem tomar conhecimento. — Ah, você ia adorá-la, garanto. E tenho quase 90% de certeza de que ela me disse que, depois disso, namorou esse tal de Selden Rose. Eu só me lembrei porque Selden é um nome esquisito. Quero dizer, não quero ofender, nem nada, mas parece nome de dentista. Janey virou-se na cadeira e soltou uma risada curta e aborrecida.

— Isso é prova de que ela não conhece o Selden. A última coisa de que alguém o chamaria seria de dentista...

— Mas eu não disse que ela o chamou de dentista — prosseguiu Contadine, com uma persistência irritante. — Só que o nome me lembrava o de um dentista. Ela disse que ele estava mesmo disposto a ficar com ela — mas ela não estava tão interessada assim. Você sabe como é tipo de mulher, ela quer se casar é com o Tom Cruise — mas ela achou que ele ia largar a esposa e se casar com ela, até que aconteceu um problema qualquer por causa de um colar...

— Um colar! — exclamou Janey.

— Isso. Estie é uma dessas mulheres... não dá para acreditar as jóias e os presentes que os homens lhe dão. Um cara lhe deu uma Ferrari só por sair com ele. Isso seria motivo para eu a detestar, não é, mas não, porque a verdade é que a Estie precisa desse dinheiro. É baixinha demais para ser modelo e, embora saiba cantar, não tem talento para ser atriz...

— Bom, ela não é o tipo do Selden, isso eu posso lhe afirmar com certeza — disse Janey, com uma autoconfiança inabalável. — Conheço o meu marido, e ele não suporta esse tipo de mulher. Por outro lado, se essa Estie estivesse a fim dele...

— Ah, a Estie nunca precisou correr atrás de homem nenhum na vida — retrucou Contadine, na maior calma, tirando um pouquinho de pó marrom da bochecha da Janey com um pincel. — De qualquer forma, eu não me aborreceria com isso. Afinal, você é que se casou com ele, não a Estie.

Janey não disse mais nada, enquanto remoía essas informações. Era provável que nem uma palavra daquela história fosse verdade, e que Contadine estivesse confundindo o Selden com alguma outra pessoa, mas, por outro lado, podia haver alguma verdade naquilo. Janey jamais conversara com o Selden sobre o motivo do seu divórcio; nas poucas ocasiões em que tinha tocado no assunto, ele só havia sorrido, como se estivesse constrangido, e dito que o motivo fora o de sempre, distanciamento entre marido e mulher.

Mas não havia tempo para pensar nisso, porque no momento seguinte, Contadine avançou e disse:

— Pronto. Pode ir, está perfeita.

E Janey imediatamente foi abordada por uma auxiliar que queria verificar como lhe caía seu primeiro "traje" — um sutiã azul cora lantejoulas. Janey seguiu-a pelo salão, passando por uma multidão de estilistas, modelos, repórteres, câmaras, publicitários e todos os outros que haviam conseguido, através de vagas conexões, pôr as mãos em um passe para entrarem nos bastidores. Enquanto ela ia até um cabide de roupas, do qual pendia um imenso cartaz branco com seu nome

escrito em caneta hidrográfica preta, um homem baixo de terno xadrez de lã correu até ela.

— Querida! — berrou. — A E! Entertainment Television quer entrevistá-la agora neste momento!

— Dentro de um minuto, Walter — respondeu ela calmamente ao publicitário. — Diga-lhes para entrevistarem a Evie antes. Ela já está pronta.

— Não está, não — retrucou Walter. — Ela acabou de brigar com um maquiador que disse que o rosto dela parecia cheio demais. Como se fosse culpa dele. — Claro, acho que eu ficaria meio chateado se alguém me chamasse de lingüiça alemã no jornal...

A atenção de Walter momentaneamente se desviou devido aos gritos de reconhecimento vitoriosos de outro rapaz, e Janey de repente achou graça em todo aquele clima circense. Era como se todos os seres humanos só estivessem no seu elemento quando envolvidos com toda a seriedade na mais frívola das atividades — e ela subitamente se lembrou de Craig Edgers. Apesar de ele acreditar no contrário, não podia haver tanto mal assim em permitir que a vida da gente flutuasse ocasionalmente impelida por uma onda de divertimento superficial, e se era assim que toda a sociedade nova-iorquina desejava se divertir, por que ela não deveria estar no centro, onde era seu lugar? Afinal, embora fosse verdade que ninguém a levaria a "sério" enquanto fosse apenas uma "modelo da Victoria's Secret", a realidade era que as pessoas não lhe dariam a menor bola se ela não fosse...

Ela passou os braços pelas alças do sutiã azul com lantejoulas, e virou-se para um espelhinho; sua ajudante, Marie, mostrou-lhe um par de almofadinhas de silicone para realçar os seios.

— Nem pensar — recusou Janey. — Meu busto já é bem grande.

— Todas usam isso — afirmou ela.

— Meus seios já são volumosos — observou Janey. — Não preciso aumentá-los.

— Mas todas querem ser maiores, Não vai querer ser a menor de todas na passarela, vai?

— Marie — disse Janey, brincando. — Acha que há uma correlação direta entre a elevação dos preços das ações no mercado e o tamanho dos peitos das mulheres? — Era a pergunta que Craig havia feito durante o almoço, e que gerou uma discussão de 15 minutos sobre homens, mulheres e dinheiro. Enquanto Janey expressava suas opiniões, Craig prestara uma atenção incrível, algo que Selden nunca fazia ultimamente. Mas o que ela esperava? Craig era um intelectual autêntico, e os intelectuais autênticos compreendiam que todos eram inteligentes e tinham uma opinião válida, se ao menos alguém os escutasse. Só que o Selden... bem, como Craig havia comentado, Selden era um tanto comprometido com o sistema, embora Janey não soubesse se concordava completamente com isso.

Marie ergueu as mãos para o alto, frustrada.

- O que eu entendo de bolsa de valores? — perguntou. — Acha que tenho dinheiro para ficar aplicando por aí? — Aproximou-se com uma almofadinha em cada mão, e Janey permitiu que ela inserisse o silicone frio sob seus seios, empurrando-os para cima e para fora do sutiã azul de lantejoulas a um ângulo alarmante.

— Agora estou parecendo uma personagem de desenho animado — reclamou Janey. Virou-se para Marie e, com um sorriso maléfico disse: — Estou pensando em mandar tirar meus implantes de silicone. O que acha disso, Marie?

Marie fez cara de quem estava para dar seu último suspiro.

— Não pode fazer uma coisa dessas! — ralhou ela. — Vai arruinar sua carreira. E que tipo de

inspiração isso será para outras mulheres?

— Janey? Agora? — perguntou Walter Speck, surgindo atrás do seu cabideiro. Janey olhou para Marie, que revirou os olhos e balançou a cabeça.

— Já sabe como é — disse Walter, entregando-lhe um roupão de seda rosa. — Você adora a Victoria's Secret, patati, patatá. A Victoria's Secret faz as mulheres se sentirem bem consigo mesmas...

— Ah, faz? — perguntou Janey.

— Não vai começar a criar problema agora, vai? — perguntou Walter, empurrando-a para um canto da sala onde havia uma equipe de filmagem. — Já chega a Evie... Sempre vocês, as mais antigas... Depois que fazem trinta anos, pensam que criaram cérebro.

— Taí, talvez tenhamos criado mesmo — disse Janey, rindo. Sentou-se na cadeira indicada e inclinou a cabeça para trás, para permitir que um maquiador lhe passasse pó compacto no rosto. — Mas não precisa se preocupar, Walter. Estou pensando em me aposentar mesmo. Fazer outras coisas.

— Ai, meu Deus, essa não — murmurou Walter.

— Esse é um anúncio oficial? — perguntou alguém.

— Claro que não — retrucou Walter.

— Janey, por favor — disse a entrevistadora. Era uma loirinha espetada e ordinária, de mais ou menos 25 anos, que só tinha de original o fato de trabalhar em um programa de tevê. — Em mais ou menos 15 minutos vai subir na passarela diante de milhares de pessoas... praticamente nua!

— Sim, vou — disse ela, como se achasse a perspectiva ligeiramente tediosa.

— Isso não te deixa... nervosa? — perguntou a mocinha. — Eu jamais seria capaz de fazer uma coisa dessas, por mais que me pagassem!

Janey lançou-lhe um ligeiro sorriso desdenhoso, pensando que o problema era justamente esse: ninguém jamais a pagaria... Em voz alta, respondeu:

— Eu considero o meu corpo uma obra de arte. Se a gente é modelo, a nossa arte é nosso corpo, assim como uma pintura é a arte do pintor.

— Nossa mãe do céu! — exclamou a garota. — Nunca pensei nas modelos como artistas. De agora em diante, vou encarar as modelos com mais respeito ainda!

Janey deu-lhe um sorriso bem largo e falso.

— Agora, uma pergunta que estamos fazendo a todas — continuou ela. — Fez alguma coisa especial hoje para se preparar para o desfile?

— Não, nada de especial — respondeu Janey, dando de ombros. Certamente aquela idiota não precisava saber das injeções de colágeno que tinha mandado aplicar nos lábios dois dias antes, que iam do nariz até os cantos da boca, nem da irrigação de colo e depilação da virilha que ela havia feito no dia anterior. — Francamente, fiz o que costumo fazer. De manhã tive umas reuniões de negócios com o meu agente, e depois almocei com o meu bom amigo Craig Edgers. O nome surtiu o efeito desejado.

— Craig Edgers? — exclamou a garota, toda arrepiada. — O romancista, autor daquele best-seller? E sobre o que conversaram?

— Ah, sobre a correlação entre o mercado de ações e como isso influência nossa percepção do corpo perfeito da mulher — disse Janey, com toda a naturalidade.

Por um momento, a moça a olhou sem compreender, e depois disfarçou rapidamente, dizendo: — Bom, certamente vamos ver corpos perfeitos aqui hoje! Muitíssimo obrigada, Janey. E obrigada também por ser uma modelo inteligente e uma inspiração para as mulheres de hoje. — Ótimo. Muito bom mesmo — disse Walter, pegando o braço de Janey e levando-a para longo. — Adorei aquela parte sobre o almoço com o Craig Edgers. — Depois ele parou e a olhou, franzindo ligeiramente a sobrançelha. — Não inventou isso, inventou? É o tipo de coisa que algum colunista social vai procurar Investigar...

— Não seja ridículo — retrucou Janey, em voz tranquilizadora. A falta de precisão sobre a data não a incomodou nem um pouco. Afinal ela havia mesmo almoçado com Craig, e todos sabiam que a imprensa sempre entendia tudo errado.

— Uma amizade entre você e o Craig Edgers — disse Walter, satisfeíssimo. — É bom pelo menos para um "vistos juntos por aí". Por falar nisso, onde foi que almoçaram?

— No Dingo's — respondeu Janey. — Onde mais?

A festa depois do desfile foi na boate Lótus. Segurando a mão de Selden e seguida por Mimi e George, Janey entrou na festa em meio a um ofuscante espocar de flashes, sentindo-se como se todos os fios de sua vida finalmente houvessem se unido para formar aquele momento de triunfo. Tinha absoluta certeza de que nenhuma das outras moças havia recebido tantos aplausos quanto ela, e estava adorando a idéia de que fora escolhida por aprovação especial. Uma vez na festa, foi rapidamente cercada por um círculo cada vez maior de gente que desejava lhe dar os parabéns; pelo canto do olho, viu a irmã com Digger, e ambos não pareciam mais estar sofrendo o mesmo tipo de assédio por parte da mídia, provavelmente por não terem se separado; de pé, a alguns metros de distância, encontrava-se Comstock Dibble. Janey não tinha notícia dele nem de seus advogados desde que falara com George, e animada pelas vitórias do dia, e consciente de que ele não ousaria fazer escândalo em um evento social, principalmente aquele no qual ela era a estrela, resolveu confrontá-lo.

Encontrou-o no bar, falando com uma atriz chamada Wendy Piccolo. Wendy era uma coisinha minúscula, com no máximo 1,50m de altura, o que a tornava, na opinião de Janey, quase invisível. Passando por Wendy sem tomar conhecimento dela, levantou as sobrançelhas e, com a seriedade inocente de uma criança, gritou:

— Comstock! Já faz séculos que não te vejo! Você nunca mais me ligou!

Comstock virou-se, os olhos fuzilando de fúria, mas, como ela esperava, não ousou demonstrar seus sentimentos. Recuperando-se rapidamente daquela abordagem inesperada por parte dela, respondeu, em um grunhido vagaroso:

— Só porque não consigo te encontrar. Você ficou tão famosa que não tem mais tempo para os velhos amigos.

— Sempre tenho tempo para você, Comstock. Sabe disso.

Ele se virou para tomar um golinho de sua bebida, na esperança de que Janey desaparecesse, mas, quando ele se virou outra vez, fez uma cara de incredulidade por ela ainda estar ali de pé diante dele. Ela lhe lançou um sorriso de superioridade, como para mostrar que não tinha medo dele, e Comstock bancou o submisso, perguntando-lhe o que ela andava fazendo ultimamente.

— Devo dizer que estou adorando estar casada — comentou Janey, olhando de relance para Wendy, de modo a incluí-la na conversa.

— Ah, eu sei exatamente quem você é agora — disse Wendy, com um sotaque arrastado,

prolongando as vogais, como se antes daquele momento Janey não tivesse o menor interesse para ela. — Você é a esposa do Selden Rose.

— Isso — disse Janey com uma alegria fingida. — Mas como é que você conhece o Selden?

— Ah, das festas — disse ela, encolhendo aquele ombrinho magricela. — E almoçamos juntos algumas vezes. Ele vivia falando da sua linda esposa, a Janey. Eu só somei dois e dois quando te vi.

Janey riu, mas em vez de apaziguá-la quanto à relação entre Selden B Wendy, o comentário da atriz a fez se sentir vagamente desconfortável. Aparentemente, Wendy foi de uma delicadeza primorosa, mas por trás de suas palavras Janey percebeu a violência de um gato que pode subitamente esticar a pata e arranhar você sem motivo algum:

— Vou procurar me lembrar de dizer ao Selden que falei com você — disse friamente.

— Selden está tentando tirar a Wendy de mim — disse Comstock, semicerrando os olhos acima da armação dos óculos.

— É mesmo? — disse Janey.

— Ele quer que eu seja a protagonista de uma série nova de televisão. Mas eu vivo lhe dizendo que só trabalho em filmes. Por outro lado, o Selden é maaaaravilhoso. E o trabalho dele é de uma intelectualidade incrível — disse Wendy, pronunciando a palavra como se fosse um docinho delicioso. — Mas é claro que sabe disso. É casada com ele. — Ela sorriu e inclinou a cabeça para o lado, o que teve o efeito incomum de fazer Janey ter vontade de esmagá-la sob o salto do sapato. — Ele está aqui? Preciso ir cumprimentá-lo. Não quero que pense que estou fingindo que ele não existe.

Ela foi saindo, rapidinho, e Janey se aproximou de Comstock, com um sorriso indulgente de desdém.

— Nossa — disse baixinho. — Ela é mesmo pequena, não?

— Minúscula — concordou Comstock — Mas é uma das atrizes mais talentosas do país hoje em dia.

— Engraçado — disse Janey. — Não dá para notar.

— Ah, ela é muito modesta. E sua carreira não vem sendo bem administrada nos últimos cinco anos. É um dos motivos pelos quais venho tentando ajudá-la.

— E depois que a ajudar... vai mandar seus advogados lhe enviarem uma carta exigindo que ela o reembolse?

As palavras saíram naquela voz suave e inocente, típica da Janey, e a princípio Comstock não esboçou reação nenhuma a não ser contrair o rosto, transformando-o em uma máscara aterrorizante que quase fez Janey recuar de medo. Sua expressão parecia dizer "Vou acabar com a tua raça", e ela sabia que, se recuasse, ele faria tudo que pudesse para destruí-la. Precisava mostrar a ele que estava errado, e com uma indignação altiva, insistiu:

- Vai?

Ele bufou, enojado.

— Estava me perguntando se você ia ter a cara-de-pau de tocar no assunto. Provavelmente pensou que, se não fizesse nada, tudo ia acabar em pizza. E aquela sua idéia de pedir ao George Paxton para jogar os advogados dele contra mim foi péssima. Devia ter me procurado você mesma.

Janey quase riu. Uma espécie de raiva desvairada a dominou, eliminando o medo que havia

sentido minutos antes.

— Vai me desculpar, Comstock, mas você é que é doido de pedra - disse, com ousadia, sem acreditar que estava tendo a coragem de desafiá-lo assim. — Você é que mandou seus advogados me perseguirem. Como é que tem coragem de dizer isso? Além do mais, eu mereci aquele dinheiro centavo por centavo.

— Ah, eu tenho certeza de que pensou que merecia — Comstock respondeu, com um sorriso diabólico. — Mulheres do seu tipo sempre acham que merecem. E certamente nunca passou pela sua cabeça que eu não mandei meus advogados ameaçarem você.

— Então nem vai assumir a responsabilidade? — perguntou ela, sabendo que esse era um dos truques que a maioria dos ricos usava - homens de sucesso que ela conhecia — quando se viam contra a parede: simplesmente alegavam que não sabiam nada a respeito do assunto.

— Na verdade vou, sim.

— E agora vai dizer que não faz idéia do que eu estou falando.

— Ah, mas eu sei do que está falando — disse ele, irritado. — E se tivesse agido corretamente..., se pelo menos tivesse vindo falar comigo primeiro... Nem mesmo os advogados do George Paxton vão poder ajudar você a tirar o corpo fora dessa, e creia-me, eles não vão querer se envolver. — Ele se aproximou dela com um sorriso assustador e seu tom mudou completamente. Falando como se, para o observador casual, eles estivessem batendo um papinho bem agradável, disse: — Já me causou muito problema, Janey, e isso é uma coisa da qual não vou me esquecer. Vou acabar me safando dessa, mas não sei se você vai.

Ela abriu a boca, espantada, e sentiu o coração bater forte de medo e fúria.

— Como ousa me ameaçar? — perguntou.

— Não entenda como ameaça — respondeu ele. — Considere isso uma advertência.

Ela abriu a boca para retorquir, mas nesse instante Mimi surgiu do nada diante deles.

— Oi, Comstock — saudou ela, em tom agradável, erguendo o rosto para receber um beijo em cada face. — Tenho certeza de que você adorou o desfile. A Janey não estava magnífica?

— Espetacular. Quem diria que uma pessoa pode ganhar tanto só por andar? — perguntou ele com uma risada cruel.

Janey reagiu com um sorriso frio; seu único prazer residia em pensar em como ele ia ficar profundamente chocado e furioso quando descobrisse que ela é que ia produzir Os obstáculos, não ele.

— E onde anda a Mauve? — perguntou Mimi. Ele a olhou surpreso.

— Pensei que vocês, meninas, sabiam tudo umas sobre as outras — disse ele. — Está em Palm Beach.

— Ah, isso mesmo — disse Mimi. — Mande um beijo pra ela por mim, sim?

— Tenho certeza de que vai falara com ela antes de mim — afirmou Comstock. Pegou seu drinque e tratou de se afastar.

— Muito bem — disse Mimi, com um sorriso frio para Janey. — Do que estavam falando, vocês dois?

— Deixa pra lá — disse Janey, encolhendo os ombros e se perguntando desesperadamente se Mimi teria escutado parte da conversa, — Comstock só está ficando louco...

— Assim como metade de Nova York — ironizou Mimi. Janey olhou para ela. Fazia alguns dias que não falava com Mimi — toda vez que ligava, Mimi dizia que estava ocupada e precisava

desligar — e agora via que a amiga estava se comportando de modo estranho. Sentindo uma pontada de pânico, perguntou-se se Mimi não estaria desconfiada de que havia acontecido algo entre ela e Zizi, mas rapidamente se tranqüilizou, dizendo-se que o problema provavelmente era ela ter dito a Mimi que Zizi teria que se mudar — afinal Mimi tinha visto que a irmã dela e Digger ainda estavam juntos.

— Escuta, Mimi — disse Janey. — Me perdoa aquele lance do Zizi, Eu não tinha a menor idéia de que Patty e Digger iam fazer as pazes...

— Ah, tenho certeza que não — respondeu Mimi, com frieza. E depois se afastou.

Janey pensou em ir atrás dela — não queria brigar com a Mimi, principalmente quando estava para envolver George em seu projeto secreto — mas ver a Wendy Piccolo apertadinha em um banco entre Selden e George chamou sua atenção.

George nem havia tocado no martíni, e olhava o salão de um jeito ausente, num comportamento que indicava que ele estava meramente tolerando a situação até poder fugir para casa. Selden, no entanto, estava inclinado para Wendy, e os dois riam como se estivessem compartilhando alguma piada só conhecida dos dois. Suas cabeças estavam tão próximas uma da outra que elas quase se tocavam; os enormes olhos castanhos de Wendy brilhavam, e seus cabelos curtos e pretos reluziam como um capacete sob a luz rosada da boate.

Por um instante, Janey ficou furiosa e só pensou em como Selden podia fazer isso com ela na sua grande noite, quando ela era a estrela, e na frente de tanta gente. Mas depois recuperou-se; afinal, aparentemente, nada de mais estava acontecendo. Selden olhou para ela e sorriu, e ao mesmo tempo os olhos do Wendy se deslocaram e registraram a presença de Janey.

Novamente, nada se viu de especificamente incomum nesses gestos. Mas para Janey eram como placas de advertência no início de um túnel longo e escuro — um túnel que descia com uma surpresa desagradável no final. Afinal, imediatamente depois de comprovar que ela estava olhando para eles, Selden e Wendy continuaram a bater o seu papinho como se ela não passasse de uma estraga-prazeres.

O instinto de Janey foi encontrar o homem mais atraente do salão e azará-lo descaradamente, mas nesse momento George a viu e acenou, meio sem jeito. Com um suspiro, ela sentou-se no banco estofado ao lado dele. Mimi ocupou o lugar ao lado de Selden e, imediatamente, se meteu na conversa entre ele e Wendy. Vendo que Selden parecia temporariamente distraído, Janey o ignorou de propósito, encostando-se em George como quem estava exausta, e chegando a permitir que ele tomasse a liberdade de beijá-la na testa.

— Beba um gole do meu drinque, Janey — ofereceu ele, empurrando o martíni para ela. — Está com cara de arrasada.

— E você nem está bebendo.

— Na quarta-feira não dá para encher a cara — justificou ele. — Nunca entendi porque aqui em Nova York as pessoas saem toda noite. Por que as maiores festas são sempre às segundas, por exemplo? Isso estraga o resto da semana.

— Deve achar que elas podiam ocupar melhor o seu tempo...

— Mas não ocupam — disse ele, sorrindo de sua própria piada. — Por exemplo, você, Janey — disse. — Você é uma supermodelo, mas eu I considero uma pessoa séria. Ainda acho que pode — e devia — se dedicar a outras coisas mais edificantes, progredir na vida.

Por um momento, ela se animou, e disse depressa:

— Por falar nisso, George, andei pensando em um projeto no qual podíamos trabalhar juntos...

— É mesmo? — disse ele.

— Mas não dá para aprofundar a idéia aqui. — Ela o olhou de um jeito insinuante, e disse: — Que tal jantarmos juntos um dia desses?

— Quando quiser. Só preciso checar com a Mimi se ela não tem mais nenhum compromisso essa noite.

— Viu o Comslock? — perguntou Janey, na maior naturalidade.

— Vi vocês se falando. Pensei que ele fosse nosso inimigo declarado — disse George. O tom de intimidade com que ele disse isso a encheu de prazer, e ela instantaneamente se lembrou de como o havia achado atraente naquela noite, dois meses antes, quando tinha ido encontrar-se com ele para ver o apartamento novo.

— E é — garantiu ela, mais do que depressa. — Mas quando a gente vem a uma festa dessas, não dá para evitá-lo. — Virando a cabeça de lado, para quase sussurrar no ouvido de George, disse: — Ele me disse coisas que me assustaram, George. Estou apavorada. Fiquei pensando se eu não devia devolver o dinheiro a ele de uma vez.

— Não faça uma coisa dessas! — rebateu ele, sussurrando, mas com veemência. Afastou-se dela um pouquinho e virou-se para olhá-la de frente. — E como é que eu fico nessa história?

— Você, George? — perguntou ela, com uma risada incrédula. — Vai me perdoar, mas não vejo como isso pode prejudicar você,

— Claro que prejudica. Agora você me envolveu no assunto. Fiz o possível e o impossível para os meus advogados ligarem, e eles ligaram. E, pelo que eu soube, eles deram conta do recado direitinho. Portanto, se devolver o dinheiro ao Comstock agora — vai parecer que eu e os meus advogados somos uns palermas. E isso é um tremendo insulto!

Janey ficou instantaneamente horrorizada; não costumava cometer esse tipo de asneira quando analisava as coisas. De repente, percebeu que não tinha a menor intenção de reembolsar Comstock, e só mencionara aquilo a George para tentar recordar a ele o vínculo especial existente entre ambos. E George, naturalmente, a levava a sério.

— Meu Deus, George — disse ela, pondo a mão sobre o coração, a atraindo o olhar dele para seus seios. — Você tem razão, claro que tem, Não entendo nada de negócios, e nem como se fazem essas coisas. Mas antes de fazer alguma coisa eu vim pedir seu conselho, não foi? Então não tem problema.

George semicerrou os olhos e Janey ficou apavorada, achando que tinha perdido para sempre a chance de se relacionar com ele profissionalmente. Olhou para ele suplicante, mordendo o lábio.

— Não fica zangado comigo não, George, por favor — murmurou, — Não falei sério. Só estava brincando... para ver como você ia reagir.

George olhou-a como se não acreditasse no que ela estava dizendo, mas depois, como se tivesse acabado de escutar uma piada engraçada, riu bem alto.

— Você é mesmo imprevisível, Janey — disse ele, sacudindo a cabeça.

Ela deu um suspiro de alívio. O perigo havia passado, e sentindo sua autoconfiança retornar, ela pôs a mão sob a mesa e apertou a perna de George.

— Você também — disse, sedutora.

Mas de repente Wendy interrompeu a conversa entre os dois. Mimi tinha conseguido prender a atenção de Selden, deixando Wendy sem ter com quem falar, e agora Wendy se voltara para o

George como se quisesse conversar particularmente com ele. Ela era zangada, pensou Janey, uma dessas mulheres que têm sempre necessidade de ser o centro das atenções de todos os homens, embora, levando-se em conta apenas sua aparência, ninguém acreditasse que se atreveria a tanto.

— Será que ouvi vocês dizendo a palavra "negócios"? — perguntou Wendy com uma avidez imprópria. — Adoro negócios. Leio o Wall Street Journal todos os dias.

O comentário fez Janey soltar uma risada alta, e ao mesmo tempo encheu-a de um ciúme doentio. Ela também lia o Wall Street Journal — se não todo dia, pelo menos duas vezes por semana — e o fato daquela criaturinha insignificante também lê-lo, de alguma forma parecia diminuir seu esforço, revelando uma tentativa patética e óbvia de demonstrar inteligência. Janey declarou em voz alta, toda empertigada:

— Claro que estamos falando de negócios. O George é um homem de negócios.

Dirigindo-se a George, Wendy respondeu:

— Ah, eu sei. Leio notícias sobre você nos jornais o tempo todo!

Mas George, ao contrário do Selden, não estava nem um pouco interessado nela, e só se incomodou de responder com um resmungo e um comentário destinado a cortar o papo:

— Só espero que não seja com muita frequência.

Janey aproveitou para inclinar-se e falar com Selden.

— Querido — disse —, estou muito cansada. Você se importa de irmos para casa?

— Passei a noite esperando por esse pedido — respondeu ele. — E depois acrescentou: —

Prometi à Wendy que lhe daríamos uma carona até a casa dela. Mora no caminho.

Acontece que não era nem um pouco "no caminho", porque ela morava em um edifício velho de arenito castanho-avermelhado no Lower East Side, e durante grande parte da viagem Janey foi obrigada a aturar o papo entre Selden e Wendy a respeito dos prós e contras das diversas peças que só eles conheciam e que haviam assistido nos últimos dez anos. Finalmente, percebendo o tédio de Janey, Wendy lhe perguntou, toda animada:

— E você, Janey? Já pensou em ser atriz?

E Janey olhou para ela atônita, antes de responder, friamente:

— Mas eu já sou atriz.

Por um momento Wendy olhou de Janey para Selden dando uma certa impressão de embaraço e confusão — a ponto de Janey se perguntar se ela não teria feito aquele comentário de propósito. Sem perceber a traiçoeira armadilha de Wendy, Selden pegou a mão de Janey e disse, orgulhoso:

— Janey trabalhou naquele filme de ação e aventura, lembra?

— Ah, sim, lembro — respondeu Wendy. — Mas infelizmente nunca assisti. Não é o tipo de filme ao qual normalmente assisto.

— aney tem o maior fã-clubes entre os adolescentes espinhentos — disse Selden.

— Ah, disso eu não tenho a menor dúvida — declarou Wendy, em uma óbvia simulação de compaixão. — E entre adolescentes já beirando a calvície também, não?

Os dois riram enquanto Janey, em silêncio, engolia esse sapo, e quando a limusine finalmente chegou diante do prédio da Wendy e ela saiu com promessas animadas de um futuro jantar, Janey virou-se para Selden e disse, com frieza:

— Cheia de graça, essa baixinha...

Mas Selden, seja por ignorância ou por uma decisão consciente de fingir que não entendia o que ela realmente queria dizer, simplesmente respondeu:

— Ah, sim. Tem muito senso de humor. É realmente uma garota extraordinária...

— Extraordinária? — repetiu Janey. — Eu dificilmente a descreveria assim.

— Ah, mas ela é. Tem a vivacidade de um azougue e foi educada exclusivamente em casa...

Veio dos Apalaches, no Kentucky... acho que a maior parte da família dela é analfabeta.

Ninguém diria que ela vem de uma família de mineiros de carvão...

— Mineiros do carvão! — zombou Janey. — Selden, o que há com você? Não vai acreditar em uma mentira dessas, vai? É um pouco bom demais para ser verdade...

— Por que não acreditaria? — perguntou ele.

— Bom, de qualquer forma, ela está loucamente apaixonada por você. Praticamente admitiu isso lá no bar.

No breve silêncio que se seguiu, Janey calculou, fula da vida, que se isso não lhe importasse, Selden teria imediatamente soltado uma risada e tirado isso da cabeça dela. Mas era vez disso ele se virou para Janey e, com um olhar confuso que indicava uma dificuldade para compreender, perguntou:

— Janey, você está com ciúme?

Ela ainda estava preparada para ficar zangada, mas de repente percebeu como era ridículo seu comportamento. Selden era a última pessoa que seria infiel. Mas talvez fosse bom ele saber que não devia brincar com seus sentimentos, e assim, jogando os cabelos para o lado, ela emitiu um incrédulo:

— Eu? Ciúme da Wendy Piccolo? Mas de jeito nenhum.

— Bom, como acha que eu me senti — perguntou, apertando a mão dela — vendo você na passarela, e sabendo que todos aqueles homens a comiam com os olhos...

— Eu diria que você deve se sentir muito, mas muito especial mesmo — respondeu ela, ficando mais carinhosa. Agora que o assunto havia se voltado para ela, Janey de repente se sentia segura outra vez.

Ele aproximou-se dela e a beijou no rosto, aconchegando-se junto à esposa.

— Está animada para o Natal? — perguntou, ansioso.

— Acho que sim — ela disse naquele tom infantil sedutor que usavam um com o outro desde que se casaram. — Mas ainda quero que me diga onde vamos, Selden Rose. Senão, como vou saber o que pôr na mala?

— Eu já lhe disse: roupas de verão — afirmou Selden, orgulhoso. Janey estremeceu ligeiramente ao ouvir aquelas palavras, o termo próprio para roupas de férias seria "resort wear". Mas ela não esperava que Selden soubesse disso. — Só espero que sejam St. Barts — disse ela.

— Pode ser — disse ele, encolhendo os ombros, brincalhão. — E pode não ser. Lembre-se de que é surpresa.

Ela soltou uma risadinha espremida e deslizou para baixo, no banco no lado dele, lembrando-se de repente de seu próprio plano — e pensando como, se tudo corresse conforme o previsto, ela logo teria uma surpresinha para ele também.

Na manhã de SEXTA, após o desfile da Victoria's Secret, Mimi estava em seu apartamento, sentada em uma das cabeceiras da mesa de mogno de mais de quatro metros. Com a cabeça baixa, olhava fixamente para o montinho de ovos mexidos no seu prato, enojada. Havia algo muito errado com ela, pensou. Estava com uma fome horrível, mas, nos últimos dias, desde que Zizi rompera o caso entre eles, a visão e particularmente o cheiro da comida a deixavam nauseada. Pegou o garfo, foguei um pouquinho de ovo, na esperança de conseguir engoli-lo, mas ele estava de um cinzento amarelado doentio, e ela desistiu, enxugando a boca com a ponta de um guardanapo de linho em vez de tentar comer. Os ovos, sem dúvida, eram um sinal do desprazer da cozinheira em ter que preparar aquela refeição — significava traba lho extra, além da obrigação de ter que chegar mais cedo. Mas Mimi tinha sido inflexível...

Com a ilusão de que eram mesmo uma família, George insistira para que ele e Mimi tomassem café com os garotos. E assim, ovos mexidos, lingüiça, bacon e torradas se encontravam no aparador, sobre bandejas aquecidas, acompanhados por suco de laranja e de toranja fresquinho, geléias variadas e um prato de geléia de laranja. George Jr. ficou parada diante do aparador, disfarçadamente colocando lingüiças quase inteiras na boca. George ergueu os olhos e o pegou em flagrante, chamando-o de volta à mesa com um "Georgie" em tom de advertência.

— Mas eu quero mais uma... — protestou o menino.

— Já comeu demais — disse George, franzindo a testa ao desdobrar o guardanapo. Ultimamente parecia que George finalmente tinha conseguido perceber que Júnior, precisava perder peso com urgência, e isso estava começando a incomodá-lo. Contudo, ainda insistia em acreditar em algum tipo de fantasia segundo a qual, em Aspen, Georgie iria emagrecer milagrosamente devido à quantidade de exercícios que iria fazer. Mimi, porém, já sabia que não era bem assim. Durante os últimos dois Natais, eles contrataram um instrutor de esqui para ficar com os garotos ti dia inteiro, mas Georgie sempre conseguia escapular, e em mais de uma ocasião foi se esconder no supermercado local...

— Se não posso comer, o que devo fazer então? — quis saber Georgie, dirigindo-se ao pai.

— Pode ficar sentado e nos ver comendo — disse George. Que crueldade, pensou Mimi, mas nada disse.

Olhou de relance para o aparador, onde Jack cortava meticulosamente uma fatia de torrada em seis minúsculos pedaços. Em geral ninguém tocava na geléia de laranja, mas naquela manhã específica, Jack parecia tê-la considerado tentadora, porque passou aquele doce pegajoso em um dos pedaços.

— Quando vamos viajar para Aspen? — questionou Georgie, como se mal pudesse esperar para ir embora dali.

— Sabe quando vamos, Georgie? — disse George. — Amanhã de manhã.

— Vamos de Lear? — perguntou Georgie.

— Vamos — respondeu Mimi.

— Por que não podemos ir de G5? — perguntou Georgie.

— Porque é grande demais para aterrissar em Aspen — disse George. — Sabe disso.

— Sei, é? — perguntou Georgie.

"Não acredito que esta seja a minha vida", Mimi quase disse em voz alta.

Jack sentou-se à mesa, içando-se para cima de uma cadeira Chippendale do século XVIII (que valia mais ou menos 15 mil dólares, pensou Mimi, incapaz, de se conter), e cruzou as pernas.

Mordiscou a torrada com geléia, mastigou pensativo algumas vezes, depois seu rosto contorceu-se de horror, e ele cuspiu aquela maçaroca meio mastigada no prato de porcelana de Sèvres à sua frente.

Mimi olhou para George, pedindo socorro.

— Jack! — rugiu George. Jack pulou como se houvesse sido atingido por uma bala de canhão e caiu da cadeira.

— Sente-se, Jack — insistiu George. Jack olhou para ele, desafiador.

— Não... — disse.

— Então vá para o seu quarto.

— Gerda — chamou Mimi. Gerda surgiu à porta e Mimi fez sinal para ela levar o prato do Jack embora.

— Detesto o meu quarto! — protestou Jack — É pequeno demais...

Ele estava mesmo a fim de bancar o pentelho, pensou Mimi, rezando para ele não se comportar daquele jeito em Aspen. Caso contrário, tinha a sensação de que finalmente ia perder a paciência...

— Então, da próxima vez que vier a Nova York, vai ter um quarto maior — disse George, como se isso resolvesse todos os problemas. — Mamãe e papai compraram um apartamento novo...

— Você e a mamãe resolveram morar juntos de novo? — perguntou Georgie, surpreso. Olhou de George para Mimi com uma expressão diabólica no rosto.

— Esta mamãe aqui — explicou George. — A mamãe Mimi. Jack começou a sacudir a cabeça, resmungando consigo mesmo.

— Quantas vezes preciso lhe dizer? — falou em uma voz estranha que quase soou como se estivesse tentando imitar um adulto. — Quantas vezes preciso lhe dizer... que ela não é nossa mamãe!

Mimi olhou-o espantada, e de repente desatou a chorar.

Cinco horas depois, exatamente à uma e meia, Mimi estava sentada no melhor reservado do Dingo's, esperando a Janey chegar, muito nervosa. Os eventos matinais a haviam deixado abalada; preocupava-se imensamente quando parecia fraca e vulnerável diante dos filhos de George. Naturalmente, George obrigara os dois a pedirem desculpas, mas daquele jeito maldoso de que as crianças são capazes, conseguiram pedir perdão sem parecerem nem um pouco arrependidos...

Ela tomou um gole de água, olhando a multidão de relance. Havia um editor de uma famosa revista de moda na cabine ao lado dela, comendo um bife malpassado; do outro lado, um locutor de telejornal famoso. Mas ela devia estar ficando saturada, por que aquela gente toda já parecia cansada, como um elenco de reserva trazido para fazer a matinê de quarta-feira de um espetáculo da Broadway. Durante quanto tempo ela seria obrigada a fazer aquilo? era o que se perguntava. Será que alguma coisa nova iria um dia acontecer na sua vida outra vez? Ou seria

assim pelo resto de sua vida, as mesmas maratonas de festinhas monótonas e comitês, e vida social, os mesmos rostos envelhecendo ou ficando cada vez mais esticados...?

Ela pegou o cardápio, na falta de coisa melhor para fazer, tentando espantar aqueles pensamentos negativos. Tudo estava bem, tudo estava normal, e ela tinha uma vida maravilhosa, tranquilizou-se Mimi. Só que desde que Zizi rompera o caso entre eles, ela andava ridiculamente sensível. Coisinhas que nunca a haviam preocupado antes, de repente lhe pareciam imensamente importantes, causando uma reação totalmente inadequada — como a bronca que tinha dado na Gerda por ela ter esquecido um pano de pó atrás do uma das cortinas da sala. Gerda havia olhado para ela como se ela fosse doida, e naturalmente ela tinha pedido desculpas, mas depois Gerda teve o atrevimento de insinuar que talvez fosse "aquela mudança".

Ela cobriu o rosto com as mãos. Seria realmente possível que ela estivesse começando a passar pela menopausa? Tinha só 42 anos, mas todos sabiam que essas coisas podiam acontecer, e se fosse verdade, certamente seria um final adequado para seu romance com Zizi. Ela ficaria oficialmente seca, e nenhum homem ia querer mais transar com ela; a vantagem seria que ela jamais teria que se preocupar em se ver de novo em uma situação como aquela em que estivera com Zizi...

Um garçom lhe perguntou se queria algo para beber, e ela pediu uma taça de champanhe. Recordou-se de que, desde o princípio, sabia que aquele caso ia precisar terminar um dia; só que não esperava ficar tão abatida quando terminasse. Talvez fosse o fato de Zizi ter rompido assim tão subitamente. Se ela não pudesse ter desmaiado, talvez tivesse inventado alguma outra desculpa para sair de perto do George e ir procurar Zizi; e se o George não tivesse insistido em chamar o médico, que lhe dera um sedativo tão forte que ela tinha dormido até às cinco horas do dia seguinte, ela provavelmente teria ido até o apartamento do rapaz. Mas quando ela acordou, já era tarde — imaginava que ele já estivesse no avião, a caminho da Europa — e ficou se sentindo como se tivesse sido castrada...

Até aquele momento, não havia percebido o quanto ele representava no sentido de tornar sua vida melhor. Ele era uma válvula de escape, uma saída que lhe permitia continuar levando o casamento com a barriga, permitia que ela fingisse que não sentia falta de nada na sua vida. Zizi lhe proporcionara aquele tipo de amor e afeição puros, destituídos de fingimento, tão maravilhosos para os jovens que o experimentam pela primeira vez. E ela estava mesmo apaixonada por ele — justo em um momento em que pensava que jamais ia se apaixonar de novo, quando acreditava que aqueles sentimentos nunca mais retornariam.

O garçom pôs uma taça de champanhe diante dela, e ela tomou um gole da bebida, torcendo para se sentir melhor. Mas as bolhas lhe arranharam o fundo da garganta, e ela de repente sentiu uma nova onda de náusea. Colocou o copo na mesa e levou o guardanapo aos lábios, rezando para não vomitar. Só que até aquele momento, essas ondas de náusea ainda não haviam acabado em vômito... Ela precisava se recompor, pensou, zangada. Aspen ia ajudar — e sua mãe não dizia sempre que uma mudança de ares era a melhor coisa para um coração partido?

Sentou-se bem ereta contra o encosto do banco estofado de camurça rosa, sentindo-se tentada a mergulhar o guardanapo no copo de água e pôr o pano molhado na testa; mas sabendo que seria um gesto óbvio demais e excessivamente dramático, preferiu consultar o relógio. Janey estava dez minutos atrasada — normalmente ficaria ligeiramente irritada de ficar esperando à toa, mas nesta tarde sabia que ia precisar deixar aquilo passar. Seus pensamentos recentes sobre Janey

havia sido severos demais. Afinal, não era culpa da Janey o Zizi ter rompido com ela, e a questão do apartamento fora pura coincidência — Patty estava com o Digger, na turnê da Europa, e como a Janey ia saber que eles haviam se reconciliado?

Mimi tinha chegado a essas conclusões naquela manhã, enquanto estava sentada, aos soluços, no quarto de vestir. Tinha finalmente aceitado que precisava desesperadamente conversar com alguém sobre sua situação, e essa pessoa provavelmente era a Janey. Mimi começou a se lembrar do lado bom da amiga. Embora Janey às vezes fosse arrogante e cheia de si, e em alguns momentos parecesse pensar que tinha direito a tudo, não seria apenas o resultado de ser jovem — ter 33 anos e sentir-se como se tivesse a vida inteira pela frente? Mimi tinha certeza absoluta de que não havia sido melhor na idade de Janey, e achava que Janey possuía um bom coração... Podia confiar em Janey. Ela estava presente no início do caso entre ela e Zizi; tinha sido leal e ficado de boca fechada; e conhecia o Zizi — pelo menos, em parte. E Janey certamente já tivera suas experiências ruins com os homens... Janey entenderia... E então ligou para Janey, convidou-a para almoçar, e francamente, ficou aliviada quando Janey aceitou com aquele seu jeito amistoso de sempre, como se Mimi não tivesse lhe dado um fora na noite anterior...

— Oi, querida — ronronou Janey, abaixando-se para beijá-la. Mimi ficou espantada — devia estar tão concentrada em seus próprios pensamentos que nem havia notado a chegada dela. Janey parecia particularmente bonita naquele dia, notou Mimi. Seu rosto brilhava de tanta animação, como se iluminado de dentro para fora. Ela sempre parecia linda, pensou Mimi, mas como a maioria das mulheres, ficava ainda mais linda quando estava feliz — Você está de bom humor hoje — arriscou Mimi.

— Ah, só por causa do desfile — disse Janey, tranqüilamente, sentando-se no banco estofado. Ela havia ficado aliviada por Mimi ter ligado naquela manhã; não falava com ela há dias, e de repente percebeu que sentia muitas saudades da amiga. Mas Mimi parecia tão... tristonha, pensou Janey, imediatamente desejando que Mimi se animasse. O dia seguinte seria o sábado da semana de Natal, e todos iam viajar, portanto aquele almoço no Dingo's era a última oportunidade de ver gente e ser vista — e ela queria aproveitar ao máximo.

— O desfile teve uma cobertura fantástica — disse Janey, numa voz alta o suficiente para chamar a atenção de outras pessoas, — E como foi meio escandaloso, todos estão comentando, claro...

— Escandaloso? — indagou Mimi, arqueando as sobrancelhas.

— Sabe como é — disse Janey. — Foi transmitido pela rede nacional de televisão, e a direita republicana está aprontando um rebuliço daqueles. Querem controlar a forma como todos pensam... — Ela percebeu a expressão no rosto da Mimi e acrescentou: — Não o seu pai, é claro...

— Claro — disse Mimi. Seu pai acabara de ser indicado ministro do Comércio do novo regime republicano.

— Ah, Mimi... como é que você vai? — perguntou Janey, após decidir que a essa altura todos no restaurante já sabiam que ela havia chegado, e podia por fim se concentrar em sua amiga.

Mimi deu de ombros e brincou com o copo d'água.

— Já sabe para onde o Selden vai te levar no Natal?

Janey sacudiu a cabeça e pediu uma vodca com gelo e uma fatia de limão. Esse ligeiro sem-

jeito entre ela e a Mimi ainda estava presente, mas ali estava uma chance de falar da origem da rixa entre as duas. — Selden e as suas surpresas! — exclamou ela, como se indignada. — Está começando a me deixar maluca... Sabe que ele nunca nem mesmo me contou que ia contratar um detetive particular?

— Selden contratou um detetive? — perguntou Mimi.

— Não sabia? — disse Janey. — Contratou um detetive para investigar Maribelle Dubrovsky, ou seja, lá qual for o nome daquela mulher, e o detetive descobriu que ela é casada. Foi por isso que Patty e Digger fizeram as pazes...

— Mas eles chegaram a se separar? — perguntou Mimi.

— Patty disse que não estavam se dando muito bem na turnê, e que ela ia deixá-lo quando voltassem — explicou Janey, escovando os cabelos longos sobre o ombro. Naturalmente, a Patty jamais havia dito isso, mas Janey sabia que Mimi jamais ia questionar. — E depois — disse Janey, melodramaticamente, como se para realçar a veracidade da história — Patty recebeu o telefonema do Selden. — Essa parte pelo menos era verdade, e Janey sorriu inocentemente. — Sinto muitíssimo por não ter te contado antes, mas toda vez que eu ligava, você estava ocupada com os meninos...

— Eu sei — disse Mimi, enfaticamente, sentindo-se ligeiramente culpada. Depois de ouvir a história toda, percebia como tinha sido boba de imaginar que Janey havia pensado em magoá-la.

— Só que a casa fica sempre uma zona quando os meninos estão lá...

— Naturalmente, agora que a Patty está com o Digger, o Zizi vai poder continuar no apartamento... — disse Janey. Dizer o nome do Zizi lhe deu a impressão de que estava comendo uma colher cheia de sujeira, o ela torceu para Mimi não ter notado...

— Ah, não tem mais importância — disse Mimi, dando de ombros. Tomou um gole de água, sem ousar beber o champanhe. — Zizi e eu terminamos — contou. E com uma risada curta e rouca, acrescentou: — Ou, para dizer a verdade, ele me dispensou.

Janey voltou ao Hotel Lowell duas horas depois, ainda zozona com a notícia do fim do romance. Naturalmente, enquanto Mimi lhe contava sua história triste, revelando o quanto amava Zizi e como era insuportável estar sem ele, Janey foi um modelo de compreensão. Gentilmente comentou que Zizi ia terminar o caso mais cedo ou mais tarde, porque ela havia escutado o boato de que ele saía com outras mulheres (mais jovens), e obviamente só estava querendo o dinheiro dela, e tentando usá-la para subir na vida, e, naturalmente, aquele velho chavão: era melhor assim, enquanto Mimi ainda tinha um pouco de dignidade, antes que se magoasse de verdade... Mas lá no fundo, seus pensamentos eram bem menos caridosos. Não seria humana se não lhe passasse pela mente apenas uma ou duas vezes que talvez Mimi tivesse merecido isso, por ter tirado Zizi dela no verão anterior... e que ela estava certa sobre Zizi o tempo todo. E quem poderia culpá-la por pensar que, de alguma forma, a briga dela com Zizi havia causado aquilo, e que tinha sido espertíssima de ter bolado aquele plano. Por um momento, pensou em contar a Mimi que Zizi lhe passara uma cantada, mas depois pensou melhor. Não podia deixar de pensar que era inteiramente possível que Zizi tivesse rompido com Mimi porque secretamente queria era ficar com ela...

— Oi, Selden, meu bem, você já está em casa — exclamou Janey, ao entrar na suíte e encontrar Selden fazendo as malas na sala de estar. — O que está fazendo em casa tão cedo, amor? —

perguntou, beijando-o tios lábios.

— As malas — disse ele. Ela estava de bom humor, dava para notar, e isso o deixava feliz.

— Mas só vamos amanhã de manhã — protestou ela.

— Às sete da manhã — lembrou ele. Entrou no quarto para procurar meias; ela o seguiu.

— Odeio acordar cedo assim — queixou-se ela, com a petulância de uma criança.

— Mas vamos estar na praia ao meio-dia — afirmou Selden. — Não vai ser gostoso?

— Acho que sim — disse ela naquela vozinha infantil que ele adorava.

— É melhor começar a arrumar suas malas também — sugeriu ele. — Quer que eu pegue suas malas para você?

— Ah, sim, Selden, por favor — pediu ela. — Vou levar a sacola Louis Vuitton e a bolsa a tiracolo — e minha bolsinha de maquiagem também, claro.

— Claro — disse ele, sorrindo. Ao abrir o armário e esticar o braço para pegar as malas na prateleira, ela veio por trás e abraçou-lhe a cintura, mordiscando-lhe a orelha.

— Aonde nós vamos, amor? — perguntou ela. — Precisa me dizer. Agora...

Ele riu e recuou alguns passos, puxando-a para a cama. Talvez eles pudessem começar as férias com um pouco de sexo pré-férias, pensou, feliz.

— Está bem, eu digo — concordou ele. — Se prometer não contar a ninguém...

— Prometo — disse ela, no mesmo tom de voz que ele,

— Vamos a Mustique!

— Mustique? — exclamou ela. Sentou-se, alarmada, mordendo o dedo. Mustique era considerada um lugar glamouroso, mas parte do encanto vinha de se estar ali com as pessoas certas. E ela não conhecia ninguém que fosse para lá este ano. — Mas... o que a gente vai fazer enquanto estiver lá? Não vamos encontrar ninguém conhecido...

— Mas aí é que está! — disse ele, ainda pensando que ela ia gostar. — É aí que você se engana. Vai conhecer as pessoas, sim. Vamos passar o Natal com toda a família Rose. Não é fantástico? Ela ficou boquiaberta, e pulou da cama.

— Mas nunca me apresentou nenhum deles — gritou.

— Pois é — disse ele. — E já está na hora de vocês se conhecerem.

— Ai, Selden — disse ela, aborrecida. Sabia que ia precisar conhecer a família dele um dia, mas tinha presumido que Selden ia lhe avisar com antecedência. E, convenhamos, passar o Natal com a família dele era ainda menos glamouroso do que passá-lo sozinha com Selden... Ela entrou no banheiro, e com uma pancadinha, fechou firmemente a porta atrás de si. Ele ouviu a fechadura girando, e ao cair de novo na cama, teve a incômoda sensação de que eles não iam ter nenhum sexo pré-férias.

O interminável, rítmico ploc-ploc de uma bola de tênis estava quase fazendo Janey adormecer. Esforçando-se para manter os olhos abertos, ela se obrigou a pelo menos fingir que estava concentrada no jogo lá embaixo. De seu ponto de observação, debaixo de uma árvore sobre a colina acima da quadra, podia ver grande parte da ilha estendendo-se diante dela, com seus gramados verdes muito bem aparados atravessados nos dois sentidos por estradas asfaltadas estreitas e pretas e, mais perto, o mar do Caribe, azul-esverdeado. Na estrada que passava ao lado da quadra de tênis, duas empregadas em uniformes engomados e alvos batiam papo animadamente enquanto subiam a colina devagar, como se não tivessem nada mais desagradável à sua frente do que uma série interminável de dias exatamente iguais a este...

Na quadra lá embaixo, Selden jogava com o pai, Richard Rose, e o irmão, Wheaton, era o árbitro. Todos os três homens estavam de branco, seguindo uma das regras da Mustique Corporation, que pedia que se usassem os trajes tradicionais do tênis. De pé no fundo da quadra, perto de Selden, Wheaton fez um gesto de cruz com os braços.

— Bola fora! — berrou. — Fora! Perdão, pai.

— Não esquentá. Ainda vou vencer esse filho da mãe — disse Richard Rose, ofegante, jogando a bola para cima e batendo nela com a raquete com toda a força.

Sentada na grama ao lado de Janey, Paula Rose, a mãe de Selden, soltou um grito de advertência, "Richard!", fazendo Selden, Wheaton e Richard Rose olharem de relance para a colina na direção delas.

— O coroa está perdendo e está começando a ficar meio injuriado — gritou Selden, entusiasmado, para Janey. Ela lhe endereçou um sorriso sem graça, quando Paula Rose deu um grito ensurdecedor:

— Vê se não esquece sua educação!

Virou-se para Janey e, sacudindo a cabeça, disse:

— Os meninos simplesmente adoram jogar tênis. Acho que o meu maior erro foi permitir que o Richard construísse uma quadra na nossa casa em Chicago.

Janey coçou uma picada de mosquito na perna, e, tentando parecer interessada, respondeu:

— Não me diga!

A primeira coisa que Selden disse ao pai quando haviam chegado, três dias antes, foi: "E aí, pai, já descobriu onde ficam as quadras?" Ela coçou com mais força e a picada começou a sangrar um pouco, dando-lhe um certo alívio. A ilha estava infestada de mosquitos; mesmo dormir sob um mosquitoireiro era uma proteção limitada, porque os insetos ficavam zumbindo era torno da rede com uma violência furiosa que a mantinha acordada durante metade da noite. Selden dormia bem, mas ela ficava exausta. Se ao menos conseguisse dormir bem uma noite, pensava desesperada, talvez fosse capaz de aturar aquela semana sem enlouquecer...

— A temperatura está perfeita para jogar tênis agora, não? — Isabelle falou, com simpatia.

Isabelle era a esposa de Wheaton, e um perfeito exemplo dos bons valores do meio-oeste: era amigosa e bondosa — e absolutamente sem sal — com uma personalidade destituída de extremos ou de ângulos interessantes.

— Graças a Deus não está quente demais agora — disse Paula Rose, concordando. — Quando se vem para estas ilhas do Caribe, é preciso jogar de manhã bem cedinho ou tarde da noite. Quando estivemos em Round Hill, há seis anos... — disse, e começou uma longa história sobre as dificuldades de se conseguir uma hora em uma quadra num clima no qual só havia duas ou três horas confortáveis para se jogar. Janey não tardou a se desligar da história, concentrando-se em uma formiga que arrastava uma folhinha pela grama a seus pés — o que foi um erro, pois de repente Paul virou a cabeça e disse:

— E aí, Janey, o que acha?

— Ah — disse Janey, erguendo a vista e tentando sorrir. Sua boca doía por estar há três dias dando sorrisos forçados diante de todo tipo de coisas com as quais não estava nem um pouco satisfeita. — O que eu acho?

— Do Richard, pegando insolação... — Paula explicou, trocando um olhar com Isabelle.

— Graças a Deus que ele se recuperou — disse Janey, tentando ver se conseguia se entrosar na

conversa.

— Ora, naturalmente ele se recuperou — disse Paula, olhando para Janey como se ela fosse uma idiota. — Mas durante aquelas duas horas, em que pedimos a todos os médicos da Jamaica... Eu tinha certeza do que ele estava sofrendo um infarto. "Pelo menos espera a gente voltar para Chicago antes de morrer", eu disse a ele. Agora, toda vez que estamos tirando férias, ele sempre promete que não vai deixar nada acontecer a ele até nós voltarmos para casa...

Embora Isabelle risse, para agradar, Janey viu-se incapaz de reagir fosse de que forma fosse. Estava tentando se entrosar, estava mesmo, recordou-se. Mas a família do Selden era tão diferente dela, que teria sido mais fácil se eles literalmente fossem de outro país, quem sabe a Suécia...

Ah, eles todos eram perfeitamente simpáticos claro — por fora. A Sra. Rose, por exemplo, pensou ela, olhando para Paula de relance. Depois de contar sua historinha, agora fingia que Janey não existia, e parecia completamente concentrada no jogo, entre Selden e Richard. Era o que as pessoas chamam de "bem-conservada"; aparecia toda manhã em uma camiseta branca limpinha e bermuda caqui, um lenço Hermès amarrado no pescoço, com cabelos cuidadosamente penteados e maquiagem no rosto. Era uma mulher atraente, e considerada pelo resto da família incansavelmente interessante porque ainda era jornalista do Chicago Sun-Times. No início da primeira noite, tinha sido tão gentil, mostrando a Janey o seu quarto, e fazendo comentários sobre as roupas, sapatos e bolsas "lindas" da Janey, que Janey chegou a imaginar que de fato poderiam vir a ser amigas, que a Sra. Rose podia vir a ser a mãe que ela jamais tivera... Só que na hora do jantar, ela havia se sentado ao lado do pai de Selden, Richard. Richard tinha um rosto caricato; advogado aposentado de uma empresa de Chicago onde Wheaton ainda trabalhava, Richard Rose agora dedicava-se à sua dieta e ao seu programa de exercícios que, segundo ele, era responsável pelo fato de que até ali ele havia conseguido evitar "o câncer". Janey, sentindo-se insegura, havia provavelmente prestado atenção demais nele, porque na manhã seguinte sentia-se um verdadeiro gelo no ar...

Na quadra lá embaixo, Selden acertou uma direita que passou fumegando por Richard. Depois, atirando no chão a raquete, declarou-se o vencedor. Dentro de um momento, os três homens vieram subindo o morro devagar, e Janey ficou de pé, torcendo para que os jogos de tênis daquele dia tivessem finalmente se encerrado. Quem sabe ela e Selden não pudessem ir tomar um drinque em algum lugar — ela tinha ouvido dizer que havia um barzinho legal ao ar livre maneiro na ilha onde Mick Jagger, segundo os boatos, costumava passar tempo...

- Vamos poder ficar com a quadra mais uma hora — disse Selden, sem fôlego. — Quem quer jogar agora? Janey?

- Você sabe que não sei jogar tênis — respondeu Janey, e antes que ela pudesse sugerir que ela e Selden fossem embora, Richard a interrompeu. Com uma admoestação do tipo "nunca é tarde demais para aprender", disse:

- Selden, precisa lhe dar umas lições.

- Não sou muito de praticar atividades físicas — justificou-se Janey, em voz fraca.

- Isabelle só foi aprender aos 31 — rebateu Wheaton. — Agora, até que joga bem. Às vezes, até consegue me vencer em um game...

- Só quando você fica com pena de mim — disse Isabelle, rindo.

- Paula? — perguntou Richard.

- Preciso ir até a casa falar com a cozinheira – disse Paula. – Quero ver se ela comprou o rosbife para o jantar de Natal... Alguém sabe se o supermercado vai ficar aberto amanhã?

- Até meio-dia – respondeu Selden.

- Que alívio – disse Paula.

Janey desistiu.

- Joguem você e o Wheaton – contou ela a Selden. – Eu acho que vou voltar para casa. Estou cansada...

- Cansada! – exclamou Richard. – Mas você é a mais jovem do grupo.

- São os mosquitos. Não consigo dormir de noite – justificou-se Janey.

- Tinha um enorme zumbindo em volta das nossas cabeças ontem à noite, não tinha, Wheaton? – disse Isabelle. – Consegui entrar dentro do mosquitoireiro, não sei como...

- Esses mosquitoireiros não adiantam nada – explicou Richard. – Temos é que usar aquele trocinho de pôr na tomada...

- Será? – disse Isabelle. – Não conseguimos descobrir como fazer o nosso funcionar.

- Eu te mostro – disse Paula. – Primeiro a gente abre aquele pacotinho de papel-alumínio e tira o repelente de dentro...

Selden deu um passo na direção da esposa e passou o braço ao redor dela. Estava suado e Janey se encolheu ligeiramente.

- Tem certeza de que não quer ver a surra que eu vou dar no Wheaton? – perguntou.

- Selden... – disse Paula, com um tom de advertência.

- Eu venho ver vocês jogarem amanhã – prometeu Janey, fatigada.

- Venham, meninas – chamou Paula. – Richard, você vem?

- Vou ficar mais um pouquinho.

Janey começou a descer o morro com Paula e Isabelle.

- O Selden está jogando tênis demais... – arriscou, tentando fazer graça. – Espero que ele não tenha um infarto ou coisa assim...

Naturalmente, Paula entendeu o comentário de outra maneira.

- Selden? – perguntou ela, expelindo uma pequena bafurada de fumaça enquanto olhava incrédula para Janey. – Selden está numa forma física invejável...

- Ah, eu sei, mas... – disse Janey, debilmente.

Havia um jipe branco estacionado no pé da colina, e Isabelle ocupou o assento do motorista.

Janey custou um pouco para levantar o banco do passageiro, sentindo a impaciência de Paula atrás dela. Finalmente empurrou o banco para a frente e entrou, sentando-se na parte de trás.

Paula se jogou no banco do passageiro.

- Tem certeza de que está a fim de dirigir? – perguntou a Isabelle.

- Absoluta. Adoro dirigir – respondeu Isabelle.

- Essas estradas são tão estreitas e cheias de curvas que me deixam nervosa – comentou Paula, rindo. E aí, como se lembrasse de que Janey também estava no carro, olhou para trás. – Você sabe dirigir, Janey? – perguntou, com a maior simpatia na voz.

- Sei – disse Janey. – Tenho um Porsche.

- Um Porsche! – exclamou Paula. – Nossa. Então você é que devia dirigir...

- Foi presente do pessoal da Victoria's Secret – disse Janey, coçando a perna.

Paula olhou para ela de relance pelo retrovisor.

- Vai precisar devolvê-lo?
- Não – disse Janey. Pelo menos, acho que não... Aliás, eu não o devolveria, mesmo que tivesse.
- Ah, não? – perguntou Isabelle. Ela e Paula trocaram olhares.
- Não – disse Janey, sua irritação à flor da pele. – Por que deveria?

Não havia como responderem educadamente a uma pergunta dessas, portanto Paula mudou de assunto.

- Seus pais não estão aborrecidos com o fato de você não estar passando o Natal com eles? – indagou.
- Não – respondeu Janey. Agora estavam na cidadezinha, uma aldeia pitoresca repleta de prédios pequenos e vivamente coloridos que abrigavam lojas onde se vendiam camisetas, sorvetes de casquinha e sarongues.
- Tem certeza? – perguntou Paula, surpresa. – Se meus meninos não passassem o Natal comigo, eu não sei o que faria...
- Não me dou tão bem assim com meus pais – disse Janey, ativa. – Minha mãe nunca gostou de mim...

Sua resposta deve ter comovido a Sra. Rose, porque ela gritou:

- Ai, Janey. Que coisa horrível!
- Está tudo bem – disse Janey. – Não é assim tão importante.

Passaram pela cidade e pela minúscula marina. Havia dois iates imensos ancorados ao largo, e Janey ficou curiosa para saber quem estava neles. Se ao menos, pensou pela centésima vez, Selden houvesse pensado em lhe dizer onde iam com antecedência... Pelo menos, ela teria conseguido descobrir quem conhecia a ilha, quem podia fazer apresentações... Era impossível não haver nenhuma pessoa interessante ali... Em vez disso, estava tendo que aturar o Selden e a família dele o tempo todo, e se dependesse da Sra. Rose, todo Natal ia ser exatamente igual àquele...

Isabelle subiu um morro íngreme com o jipe, e uma estrada ainda mais íngreme até a casa de veraneio deles, uma construção de alvenaria branca com uma enorme lareira de pedra, situada sobre um penhasco que dava para a enseada. Pelo menos a casa era boa – supostamente uma das melhores da ilha –, mas de que adiantava estar em um casarão maravilhoso se ninguém importante visse você?

- Acho que vou voltar dentro de uma hora mais ou menos para pegar os meninos – comentou Isabelle. Janey estremeceu; elas duas estavam realmente começando a mexer com os seus nervos, com aqueles coloquialismos babacas, chamando os homens de “meninos” e as mulheres de “meninas”.

- Talvez fosse bom alugarmos outro jipe – sugeriu Janey. – Assim...

Paula Rose interrompeu-a.

- Selden teve a mesma idéia, mas eu lhe disse para não desperdiçar seu dinheiro – disse, com firmeza. – Já passamos dezenas de férias em família com apenas um carro... e além disso – acrescentou – acho divertido todos viajarem juntos. É aconchegante. Exatamente como quando os meninos eram pequenos...

Agora sim, vou pirar de vez, pensou Janey, quando entraram na casa.

Ela mal passara dez minutos descansando, quando Isabelle bateu à porta e entrou no quarto.

- Está dormindo? – perguntou Isabelle.

- Não exatamente – respondeu Janey.

- Estava pensando em ir à cidade fazer umas comprinhas antes de pegar os meninos. Quer vir comigo?

- Claro – suspirou Janey, achando que ir fazer compras seria um pouco melhor do que ficar olhando para o teto.

- Eu te encontro no carro dentro de cinco minutos, então – combinou Isabelle.

Janey se levantou e se olhou no espelho de moldura de vime, com tampo de vidro. Estava ligeiramente bronzeada, a pele com um tom dourado, e com excelente aparência, apesar do cansaço. Só que sempre parecia melhor quando o tempo estava mais quente, e, tirando os shorts, pôs um vestidinho Pucci sem mangas, e sandálias douradas sem salto, e se recordou de que precisava aproveitar o melhor que pudesse...

Só que foi tudo ligeiramente decepcionante. Ela trouxera todas as suas roupas “resort wear” bonitas, e agora entendia que aquilo tinha sido um desperdício, principalmente porque o guarda-roupa de Isabelle consistia aparentemente em vestidos de algodão estampados sem corte algum, e sandálias havaianas coloridas de náilon. Mesmo que elas realmente encontrassem alguém sofisticado, ela jamais poderia apresentar Isabelle e uma vez mais desejou estar em qualquer outro lugar, menos ali – qualquer lugar onde não precisasse estar perto da família de Selden. Até Patty e Digger estavam em Aspen, já que, segundo Patty, ela e Digger haviam tido um ano tão estressante, que não suportavam estar com nenhum parente...

Isabelle se mostrava de pé junto ao jipe, com uma mochila de couro surrada pendurada num ombro, jogando as chaves para cima e apanhando-as várias vezes seguidas.

- Puxa, você está muito bem – disse, entrando no carro. – Ia te perguntar onde arranjou esse vestido, mas deve ter custado um milhão de dólares...

- Não – respondeu Janey. – É um Pucci. Custou provavelmente uns duzentos dólares...

- É muito mais do que eu poderia me dar ao luxo de gastar em um vestido de verão – observou Isabelle rindo.

- Mas pensei que o Wheaton fosse advogado – disse Janey. – E você trabalha, não...?

- Sou uma headhunter, uma “caçadora de talentos” – confirmou Isabelle. – Foi assim que conheci o Wheaton. É ótimo, porque todos os dias são diferentes. Sou o tipo de pessoa que não gosta de mesmice – explicou – e Wheaton é igual a mim, portanto combinamos bem.

Janey concordou, sem saber o que dizer. Parecia-lhe que Isabelle e Wheaton eram exatamente o tipo de gente que adorava a mesmice, pois até ali tinham se contentado em não fazer nada além de jogar tênis e ir à praia. Mas sentindo que precisava responder alguma coisa, disse:

- Wheaton é um amor de pessoa.

- Acha mesmo? – perguntou Isabelle, descrevendo uma curva fechada com todo o cuidado. – Depois que a gente já está casada há algum tempo, esquece como o marido da gente é legal.

Janey não havia gostado tanto assim do Wheaton – seus olhos eram juntos demais e o nariz assim meio de batata e torto; como Selden, tinha um ar ligeiramente apatetado, que não permitia que fosse considerado exatamente bonito –, mas agora, que já havia dito a frase, não dava para voltar atrás. – Ah, sim – disse, enfática. – Ele é... uma graça...

- Ele acha isso, pelo menos – disse Isabelle com uma risada cordial, ao estacionar o carro diante da calçada de madeira que acompanhava o lado da cidade que ficava à margem do oceano. Em

um gesto automático, Janey abaixou o tapa-sol do carro e verificou sua aparência no espelho. Quando pegou o batom, Isabelle disse:

- Estou louca para saber o nome desse batom que você usa. É tão lindo...

- É mesmo, não é? – disse Janey, passando o batom de leve nos lábios. – Não é totalmente vermelho, nem exatamente rosa...

- Um pouco de cada, não é? – disse Isabelle.

- O nome é Pussy Pink – disse Janey, recolocando a tampa no batom e devolvendo-o à bolsa. – Já o uso há anos. Encontrei-o em Paris...

- Já morou em Paris? – perguntou Isabelle.

- Já – disse Janey. – A maioria das modelos vai para Paris no início da carreira.

- Eu sempre quis morar em Paris – disse Isabelle. – Deve ser fascinante.

- Foi... interessante – concordou Janey, cautelosamente. Paris estava ligada a lembranças desagradáveis, a maioria das quais ela preferia esquecer. Mudando de assunto, perguntou: - Você e o Wheaton tem filhos?

- Não – respondeu Isabelle, prendendo o cabelo comprido e crespo na nuca com uma presilha plástica. Provavelmente ainda poderia ser bonita, pensou Janey, se cuidasse melhor de si – tingisse o cabelo para cobrir os fios grisalhos e mandasse injetar botox naquelas duas rugas profundas entre as sobrancelhas. – Mas o Wheaton tem – continuou. – Do primeiro casamento dele.

- Eu não sabia que o Wheaton tinha sido casado antes – comentou Janey, quando começaram a andar em direção às lojas.

- Foi há muito tempo atrás – disse Isabelle. – Acho que a Mandy – o nome da ex – era um tipo assim... piranha de cidade grande, sabe? E Wheaton sentiu pena dela. No fim ela ficou grávida e ele acabou se casando com ela. Tiveram uma menininha... Mas agora não é mais criança, já tem 15 anos.

- Idade difícil – observou Janey, compreensiva.

- E como – concordou Isabelle. – E ela é meio rebelde, sabe? Vivo dizendo a Wheaton que, se ele não tomar cuidado, ela vai acabar grávida, mas sabe como são os homens. Nunca enxergam as coisas que as mulheres percebem. – Parou diante de uma loja para admirar um par de sandálias havaianas enfeitadas com flores de plástico. – Mas devo reconhecer que a Paula é simplesmente fantástica. Ela ainda visita aquela menininha todo fim de semana, faça chuva, faça sol...

- E você, não quer ter filhos? – perguntou Janey, quando entraram na loja.

- Estamos tentando... – disse Isabelle, pegando o par de havaianas e virando-as para ver o preço. – Meu médico acha que vou ter que fazer fertilização *in vitro*. Mas a gente tem que tomar umas injeções, e não sei bem se quero fazer isso, entende? E depois, às vezes olho para o Wheaton e penso: espera aí, eu já *tenho* um filho...

Janey concordou. Era isso, que segundo ela entendia, a maioria das mulheres pensava dos maridos, e ela sabia que Isabelle dissera aquilo como uma maneira de aprofundar a amizade entre as duas. Mas Janey só conseguiu achar deprimente.

- Devia levar essas sandálias – sugeriu, indicando as havaianas na mão de Isabelle.

- Você acha? – perguntou Isabelle.

- Por que não?... Se você gostou – disse Janey.

- Só custam oito dólares – falou Isabelle, pensativa.

- Então nem tem o que pensar, vai comprando – disse Janey, com firmeza.
- Isabelle pagou as havaianas e elas saíram da loja. Na calçada, Isabelle virou-se para Janey e sorriu.
- Tenho certeza de que essa viagem foi uma espécie de surpresa – disse cautelosamente.
- E foi – concordou Janey.
- Paula disse a Selden para lhe contar, mas ele não quis – contou ela, empurrando as havaianas para dentro da mochila. – Acho que o Selden às vezes é bem teimoso. Mas talvez – acrescentou, com uma intuição assustadora – talvez ele estivesse com medo de que, se contasse, você não quisesse vir.
- Devemos abrir os presentes agora ou mais tarde? – perguntou Paula, toda animada. Era manhã de Natal, e todos estavam tomando café, sentados à mesa da sala de jantar, do lado de fora, sob uma treliça coberta de trepadeiras, onde faziam todas as refeições.
- Agora – exigiu Wheaton, feito uma criança.
- Vamos pelo menos até terminar o café – disse Paula. E Janey, escutando essa conversa enquanto pegava com a colher um pedaço de toranja, imaginou que Paula e Wheaton provavelmente diziam isso toda manhã de Natal, durante os últimos quarenta anos.
- É muito estranho, passar o Natal sem uma árvore – comentou Isabelle.
- Muito Los Angeles – concordou Wheaton.
- Não é verdade – disse Paula. – Selden e Sheila sempre tiveram árvore de Natal em Los Angeles.
- Só uma miudinha – disse Richard.
- Papai, quando foi que viu nossa árvore? – perguntou Selden.
- Nós estivemos lá. Não se lembra?
- Foi no ano em que a Sheila... – arriscou Wheaton.
- Não vamos comentar isso – cortou Selden, rapidamente.
- Mas nem pensar – disse Paula, concordando.
- Onde vamos abrir os presentes? – perguntou Isabelle. – Na sala de estar?
- Não tem árvore mesmo – disse Richard. – Acho melhor abri-los aqui mesmo. Relaxa um pouco, tá, Selden? – pediu.

Ainda estavam abrindo presentes minutos depois, enquanto Janey tomava um gole de suco de laranja, de olhos tristemente pregados na mesa. Perto dela, via-se uma pilha de papéis de presente usados, que Paula Rose tinha insistido em guardar, dobrando-os cuidadosamente e entregando-os para Janey “tomar conta”. Ao lado da pilha, estavam os dois presentes que Janey havia recebido: uma sombrinha da Totes, de Wheaton e Isabelle, que explicaram que não sabiam o que comprar para ela, mas que toda mulher precisava de uma sombrinha para levar na bolsa; e uma echarpe Hermès de Paula e Richards, que Janey elogiou muito, tornando depois a colocá-la na caixa cor de laranja. Janey dera a Selden um par de sandálias Prada, uma carteira de couro prensado Prada e um kit de barbear também da Prada, o qual, segundo explicou a Paula, havia comprado com desconto de 30%, mas que Paula mesmo assim declarou um “exagero”. Tudo aquilo era tão sem graça e constrangedor, penou Janey, enquanto via Isabelle soltar interjeições de prazer diante de um par de meias grossas tricotadas à mão – um presente da Paula. Selden não havia lhe contado que iam passar o Natal com a família dele, portanto, ela não havia comprado nada para eles, e toda vez que alguém abria um presente, ela se lembrava de

como se sentia deslocada...

- Ora, acho que todos sabem qual é o nosso presente – disse Selden, empurrando sua cadeira para trás e ficando de pé. Ele havia custeado todas as despesas da viagem, inclusive o aluguel da casa e a passagem para a família. Foi até Janey, e fez sinal para ela também ficar de pé, passando o braço ao redor dela. Ergueu seu copo de suco, em um brinde. – Um brinde, às nossas férias de família e à minha nova esposa, Janey. E a muitos outros Natais exatamente iguais a este.

- Apoiado – disse Richard.

- Obrigada, Selden – agradeceu Paula, estendendo os braços para um abraço. – E obrigada também a você, Janey. Realmente não precisavam.

- Bem, eu... – balbuciou Janey, sem jeito.

- Isso me recorda uma coisa – disse Selden, ficando todo empertigado de repente. – Tenho mais um presente. Para a Janey.

Todos olharam para Janey quando Selden saiu da sala.

Paula Rose arqueou as sobrancelhas.

- Espero que ele não esteja mimando você demais, Jane – disse ela, como se esse “presente extra” fosse de alguma forma culpa da Janey.

- Ah, ele é prático demais para isso – respondeu Janey.

Selden voltou com um envelope branco enorme. Entregou-o a Janey, com toda a cerimônia, e sentou-se ao lado dela.

Ela virou o envelope. No endereço do remetente, lia-se: “Millionaire Real Estate, Greenwich, CT”.

- O que é, Selden? – perguntou ela, com um misto de curiosidade e pavor.

- É um envelope! – Wheaton exclamou, rindo da sua própria piada. – Entendeu? Um envelope...?

- Tem alguma coisa dentro dele? – perguntou Isabelle.

- Claro que tem – disse Paula, bruscamente, fazendo-a calar-se.

- Abra-o! – pediu Selden, ansioso.

Dentro do envelope havia um folheto de propaganda colorido de seis páginas. Na capa estava a foto de uma árvore toda retorcida e com aparência doentia, cercada por arbustos situados em uma colina baixa. No pé da colina havia uma praia suja que terminava em um pontal cercado de água marrom-esverdeada. O título era: “Bem-vindo ao Pontal do Pirata!”

- Ai... meu... Deus – disse Janey. Ela achava que Selden já havia entendido que o assunto da casa de Connecticut estava encerrado, mas, pelo jeito, não tinha conseguido expressar bem seus sentimentos, e ele simplesmente entendera o silêncio dela como aprovação...

— Ai... meu... Deus — disse Janey. Ela achava que Selden já havia entendido que o assunto da casa de Connecticut estava encerrado, mas, pelo jeito, não tinha conseguido expressar bem seus sentimentos, e ele simplesmente entendera o silêncio dela como aprovação...

— Continua, continua — disse Selden, puxando a cadeira para mais perto da dela, e virando a página como se estivesse lendo uma história para uma criança dormir. Na página seguinte, via-se um mapa de Greenwich, Connecticut, com o “Pontal do Pirata” assinalado em vermelho; era uma península estreita, com o formato de um dedo curvado, que se projetava pelo canal de Long Island adentro. Incapaz de conter-se, Selden começou a ler em voz alta: “O Pontal do Pirata é uma área intacta de 32 mil metros quadrados situada na melhor parte da exclusiva Greenwich, Connecticut, no estreito de Long Island. A 45 minutos de Nova York, e a quatro horas de Boston, é

o sonho de qualquer milionário. Lugar reservado e sossegado, vai lhe dar a impressão de ser dono de uma ilha, e mesmo assim de estar a apenas alguns minutos de uma das principais áreas metropolitanas..."

— Você vai ter dinheiro para pagar tudo isso, Selden? — interrompeu Paula Rose.

— Claro, mãe — disse Selden. Continuou lendo: "Em oferta pela primeira vez em 125 anos, o Pontal do Pirata é um verdadeiro recanto histórico. Apenas o mais exigente comprador..."

— Não entendi nada — disse Richard Rose. Ele se levantou e ficou de pé atrás de Selden, espiando o folheto sobre seu ombro. — Já comprou essas terras?

— Fechei negócio semana passada — respondeu Selden, orgulhoso. Pegou a mão de Janey e a apertou. — Vamos construir a casa de nossos sonhos lá. Vamos ter uma piscina e uma marina privativa, uns dois ou três barcos e uma quadra de tênis...

Wheaton soltou um assobio baixo e comprido.

— Acho que vai receber muita gente — disse Isabelle, com uma risadinha.

— O que acha, querida? — perguntou Selden, apertando de leve a mão de Janey.

Todos olhavam para ela outra vez.

— Estou tão feliz... acho que vou chorar — disse Janey.

— Muito bem — disse Richard, depois de uma breve pausa, batendo nas costas de Selden. — O que vamos fazer agora?

— Ah, Richard — disse Paula. — Primeiro deixe os dois absorverem a coisa. É um passo muito grande comprar uma casa.

— Eles não compraram uma casa, compraram um terreno — disse Richard, corrigindo-a. — Está querendo dizer que eles precisam aproveitar. Assim que começarem a construir, tudo vai para o buraco.

— Vamos contratar uma empreiteira para isso, pai — explicou Selden.

— Bah — disse Richard, descartando o comentário do filho com um gesto. — Lembra de quando construímos nossa casa? — perguntou à esposa.

— Quando eu a construí, não é, bem? — disse Paula. — Não consegui obrigar você a fazer nada, lembra?

Virou-se para Janey.

— Eu nem mesmo conseguia que ele me dissesse qual o tipo de maçaneta que ele queria.

— Eu não tinha tanta folga assim naquela época — disse Richard a Selden. — Só que precisava trabalhar 15 horas por dia...

— Tem mesmo certeza de que vai ter tempo para isso, Selden? — perguntou Paula.

— A Janey vai — respondeu Selden, apertando a mão da esposa de novo. — É muito boa para prestar atenção nos detalhes. Deviam ver o trabalho que ela tem antes de sairmos à noite...

— Ah, posso imaginar... — disse Paula, debilmente. Janey recolheu a mão.

— Não é bem assim — replicou, irritada.

— Hã? — disse Selden, olhando confuso para ela.

Janey ergueu-se e foi para o banheiro. Ficou se olhando no espelho, percebendo que subitamente haviam-na capturado e limitado exatamente ao tipo de existência que ela passara a vida inteira tentando evitar.

Quando saiu, estavam assistindo a uma fita do desfile da Victoria's Secret na sala de estar. A música de fundo era "Baby don't hurt me".

— Espero que não se importe — disse Selden, olhando para ela, e fazendo sinal para que se sentasse ao lado dele, no sofá. — Queria que meus pais vissem a fita.

— Mas passou na televisão — cochichou Janey no ouvido dele, zangada.

— Ninguém nos avisou — disse Isabelle.

A tensão na sala chegava a ser palpável. O rosto de Richard Rose estava paralisado, em uma expressão de indiferença, como se não pudesse manifestar interesse algum no espetáculo diante dele. Paula assistia a tudo com uma cara de desaprovação; Wheaton parecia estar gostando.

— Prestem atenção — falou Selden, completamente desligado, — Aí vem a Janey...

De repente, Janey surgiu no alto da passarela com aquele conjunto do sutiã e calcinha de lantejoulas. Ela parou e, olhando para a multidão, começou a rebolar pela passarela com uma expressão de superioridade no rosto. Ao ver-se na tela, Janey encolheu-se: seus seios pareciam imensos, e os homens da platéia assobiavam e diziam gracejos como adolescentes em uma boate de strip-tease de péssima categoria. Percebendo o constrangimento dela, Isabelle debruçou-se e deu-lhe uns tapinhas no joelho.

— Você estava ótima, Janey — disse, gentilmente. — Não estava linda, Wheaton?

— Mas sem dúvida — murmurou Wheaton, olhando para o chão. De repente, Paula se levantou, e indo até a televisão, desligou-a bruscamente.

— Ei! — disse Selden.

— A Janey estava absolutamente linda, meu amor — disse Paula, firmemente. — Mas sinceramente não acho que isso seja fita que se veja no dia de Natal. E você, acha? — E depois, como se nada tivesse acontecido, sugeriu, muito animada: — Que tal fazermos o que fazemos todas as tardes? Irmos à praia e jogarmos tênis?

Todos se levantaram. Selden deu um tapinha no ombro de Wheaton.

— Topa uma partida rápida antes da praia?

— Mas claro — respondeu Wheaton. Eles começaram a fazer fila para sair da sala. Janey virou-se para o outro lado, plenamente consciente do fato de que, durante todo aquele vexame, nenhum deles tivera coragem de olhar para a cara dela.

— Você vem, Janey? — chamou Paula, sem virar-se.

— Daqui a pouco — disse Janey.

Estava se sentindo sufocada. Precisava sair daquela casa; precisava fugir deles. Agora estava bem claro: aquele não era o seu lugar, e ela não combinava com eles. Eles sabiam, ela sabia, e não havia como fingir que não...

Percorreu o corredor até o quarto, Selden já estava de tênis, com o short na metade das pernas, como se mal pudesse esperar para sair da casa.

— Oi, amor — disse ele, rebolando para ajudar os shorts a passarem dos quadris.

— Que vergonha você me fez passar — acusou ela,

— Ah, qual é, benzinho — disse ele, fechando o cós do short ao aproximar-se dela. Beijou-a na face. — Não liga para a mãe. Ela é muito conservadora. Sabe qual é sua profissão, só não quer que fiquemos falando nela. Não esquenta — pediu, dando-lhe uma sacudidela. — Tenho certeza de que ela gosta de você mesmo assim...

— Ela não me suporta — afirmou Janey. Foi até o armário e pegou sua mala Louis Vuitton.

— Ei! — disse Selden. — O que está fazendo?

— Estou indo embora — avisou Janey. — Vou pegar o próximo avião que sair deste lugar.

— Ah, meu amor, que é isso — estranhou Selden. — Está brincando, não está...?

— Nunca falei mais sério na minha vida — disse ela, rangendo os dentes.

Ele agarrou-lhe o braço.

— A mamãe não teve a intenção de ofender você, eu juro — disse, para abrandá-la. — Vou mandar ela pedir desculpas...

— Não é isso!

— O que é, então?

— É tudo! — respondeu ela, agressiva. — Essas férias estão sendo uma droga! Não podemos ir a um bar, tomar um drinque...

— É isso que quer fazer? — perguntou ele, recuando. — Quer sair por aí, badalando...

— Não se trata de badalar — disse ela, hesitante. — Só queria conhecer gente interessante...

— Tiramos férias para passar o Natal com a família — explicou Selden, friamente. — Só vejo minha família uma vez por ano, portanto, se não se importa, gostaria de passar meu tempo com eles — e não com um bando de estranhos que nunca mais vou ver de novo.

— Você se sente bem com isso — disse Janey — porque são seus parentes...

— Agora são seus também — retrucou Selden. Ele atravessou o quarto e pegou a raquete. —

Portando, gostaria muito que evitasse dar escândalos. Está se comportando de um jeito infantil...

— E você, não? — acusou ela.

— Talvez esteja — concordou ele, ríspido. — Mas paguei essa viagem. Ela me custou 30 mil dólares. E pretendo me divertir.

— E eu, faço o quê?

— Vai para a praia se bronzear — rebateu ele. — Eu volto em menos de uma hora, okay? — e em seguida, saiu do quarto.

Janey sentou-se na cama, amuada. Olhou para a mala e de repente percebeu que não tinha energia para ir embora — comprar passagem, fazer as malas e telefonar para pedir um táxi até o aeroporto, depois voltar de avião para Nova York, com escala em Miami, mudar de avião...

Olhou para o envelope branco sobre seu travesseiro. Selden devia tê-lo colocado ali como lembrete para ela começar a planejar a casa de ambos. Em um acesso de raiva, ela o pegou e o atirou do outro lado do quarto, onde ele bateu no espelho com um paf! satisfatório e caiu no chão. Logo depois ouviu Paula gritar, do outro lado da parede fina do quarto:

— Está tudo bem aí?

— Tudo — respondeu Janey. — Deixei cair uma coisa. — Pôs a cabeça entre as mãos, imaginando se seria possível aquele dia piorar ainda mais.

Uma hora depois, Janey estava deitada de bruços sobre uma toalha de praia listrada, deixando a areia escorrer entre os dedos e refletindo sobre como detestava Selden e sua família. Ao seu lado estava sentada Isabelle, com um chapéu de palha barato comprado na ilha, cravado no alto da cabeça. Como se percebesse — Janey não fazia idéia como — que as coisas não iam tão bem assim, Isabelle permanecia calada, fingindo ler um romance policial que tinha encontrado na casa. Paula e Richard estavam no outro extremo da praia, dando um passeio.

O silêncio entre as duas mulheres foi ficando pesado, até finalmente Isabelle deixar o livro de lado. Como se ela não tivesse mais nada a dizer, ela comentou:

— Você tem um corpão, Janey. Você malha?

— Quase nunca — disse Janey.

— Está brincando — disse Isabelle, de olhos fixos no oceano. — Eu ia ter que malhar todos os dias para ter um corpo igual ao seu.

E mesmo assim nunca teria, pensou Janey, subitamente enjoada daquela obsessão interminável que as pessoas tinham com seu corpo.

— Escuto isso o tempo todo — replicou ela, cansada de ser boazinha. — E é uma chatice. O corpo das pessoas é o que é, sabia? É como a inteligência — não dá para mudar tanto assim.

— Ih, desculpa — pediu Isabelle. — Não quis ofendê-la... — Pegou o livro e começou a ler de novo.

— Deixa pra lá — suspirou Janey. Rolou, ficando deitada de costas e fechou os olhos, sentindo-se mal imediatamente. Isabelle era a única pessoa que havia tentado ser simpática com ela, e agora Janey tinha acabado de ofendê-la. — Não é culpa sua — disse, em tom de quem se desculpa. — E que Selden e eu tivemos uma briga...

— Sobre alguma besteira — respondeu Isabelle, fazendo um sinal de que compreendia com a cabeça.

— Eu... acho que sim — disse Janey, torcendo para não precisar dar detalhes.

— Isso acontece entre mim e Wheaton toda vez que saímos de férias. Sempre tem um dia em que temos uma briga feia... sobre uma coisa totalmente sem importância... e depois ficamos zangados um com o outro durante horas até finalmente entendermos como fomos burros e fazemos as pazes. — Isabelle tornou a deixar o livro de lado e virou-se para Janey. — Acho que esse tipo de coisa é até bom para o relacionamento, não concorda? — perguntou ela. — Sempre penso que serve para desabafar...

Janey sentou-se apoiada nos cotovelos.

— Como era a primeira mulher do Selden? — indagou, como quem não queria nada. — Ele nunca fala dela...

— Ah! — disse Isabelle. Franziu o cenho. — Bom, era muito inteligente, e muito bem-sucedida — uma advogada do ramo do entretenimento. Acho que tinha montes de artistas de cinema como clientes. Mas no fim... — Ela interrompeu-se e, olhando para Janey, disse: — Promete não contar ao Selden que eu lhe disse isso? Por que eu sei que ele detesta que se comente isso, e Wheaton ia me matar...

— Prometo — disse Janey. Virou-se de lado e sorriu.

— Bom, no fim... Acho que o Selden simplesmente desistiu de dar tanta atenção a ela, ou coisa assim, porque ela começou a fazer milhares de plásticas. Não tem nada de errado em fazer plástica — acrescentou Isabelle, para deixar bem claro que não queria ofender Janey. — Mas e que parecia que ela havia se viciado nisso. Mandou colocar implantes nos seios, depois fez uma plástica no nariz, e, como se não bastasse, também mandou fazer um lifting nos olhos. Fez aquela outra operação onde eles tiram gordura de dentro da gente com um tubinho...

— lipoaspiração — lembrou Janey.

— Isso — confirmou Isabelle. — Quer dizer, ficou gostosíssima e tal, mas também meio esquisita. E depois aconteceram umas outras coisas... um negócio de um colar... e aí se descobriu que a Sheila talvez estivesse traindo o Selden... Não sei bem, mas parece que foi uma coisa dessas realmente complicada, entende?...

— Ah, foi? — perguntou Janey, incentivando-a a prosseguir.

— Foi — disse Isabelle. — Talvez seja por isso que ele acha tão importante ter uma vida normal.

Mesmo antes de te conhecer, falava em casar-se e ter filhos...

— É — disse Janey, em tom sarcástico. — Eu sei...

— Não parece ter gostado da surpresa da casa — disse Isabelle, com muito tato.

Janey suspirou, pegando um punhado de areia e deixando-a escorrer entre seus dedos.

— Não é bem isso, é que eu simplesmente não tenho tempo para me dedicar à obra. Selden não sabe, mas estou para começar a produzir um filme.

— Ah, está? — Perguntou Isabelle, impressionada.

— Isso mesmo — disse Janey, confirmando com a cabeça, — Comprei os direitos de um desses livros mais vendidos, Os obstáculos — provavelmente já ouviu falar nele —, e nos próximos dois meses vou batalhar a grana e contratar um diretor e um ator para o papel do protagonista...

— Interessante — disse Isabelle. — Sobre o que é o livro?

— Devia lê-lo — recomendou Janey. — Inclusive estou pensando em talvez desempenhar um dos papéis femininos. Já trabalhei como atriz algumas vezes...

— Já? — surpreendia-se Isabelle. — Selden não nos contou que era tão talentosa.

Sabia que ele não contaria, pensou Janey, magoada, mas nesse momento a conversa delas foi interrompida pela chegada de Paula. Ela se sentou pesadamente na pontinha da toalha de Isabelle.

— Mas que caminhada maravilhosa — comentou, ofegante. — Vocês deviam experimentar.

— Com certeza — comentou Isabelle. — Só estávamos conversando um pouco.

— Ah, é? — disse Paula. — Conversa de meninas? Isabelle olhou para Janey.

— Janey estava acabando de me dizer que vai produzir um filme.

— Não me diga! — exclamou Paula, com cara de cética. — Que filme?

— Ainda está em estudos — respondeu Janey, muito depressa. — Estamos tratando da verba agora...

Richard, que estava a alguns passos atrás de Paula, apareceu de repente e ficou de pé ao lado da esposa.

— Janey vai fazer um filme — contou Paula.

— Pensei que o Selden é que fosse produtor — disse Richard.

— Mas é — afirmou Paula. — Só que Janey diz que também vai ser produtora. — Ela arqueou as sobancelhas, lançando um olhar significativo a Richard.

— Estou curioso para saber de uma coisa — disse Richard. — Quanto tempo dura a carreira de uma modelo?

— Bom, a Lauren Hutton... — começou Janey.

— Ah, mas ela é exceção, não é? — interrompeu-a Paula. — Tenho certeza de que você vai querer filhos logo...

— Acho que sim — disse Janey, frustrada.

Selden desceu a picadinha que levava à praia. Vinha sorrindo e parecia ter sido vitorioso.

— Alô, mãe — disse, jogando uma toalha na areia. — Vai ficar satisfeita em saber que eu acabei... com a raça dele.

— Obrigada, querido — disse Paula.

— Onde está o Wheaton? — indagou Isabelle, olhando ao redor.

— Ele me deixou aqui — respondeu Selden. — Preciso voltar à casa. Esqueceu o calção de banho...

— Típico — disse Isabelle, rindo.

— Estou morrendo de vontade de dar um mergulho — disse Selden. — Quem se candidata?

— Vai, Janey... — incentivou Paula.

— Não gosto...

— A água está morninha — comentou Richard. — Quase morna demais...

Selden estendeu a mão.

— Vem, benzinho — disse.

Janey não teve escolha. Deixou-o pegar sua mão e puxá-la, pondo-a de pé. Eles começaram a andar pela areia na direção da água.

— Eu realmente não estou a fim de me molhar — disse Janey, meio chateada. — As ondas estão grandes demais...

— Vamos — insistiu Selden. — Um pouquinho de água nunca matou ninguém...

Ele a puxou para a beira do mar. Uma onda quebrou sobre os pés dela e Janey deu um pulo para trás.

— Está gelada! — gritou.

— Não está, não — disse ele. Foi entrando até os joelhos e uma onda quebrou bem no seu peito.

— Vem! — gritou. Pulou da água, cuspidando ao falar. — Está perfeita... — disse.

— Selden! — gritou Paula. Janey virou-se; Paula acenava Geneticamente. Selden saiu correndo da água como um touro, quase derrubando Janey na pressa de chegar perto da mãe,

— Que foi?

— Aconteceu alguma coisa — disse Wheaton. Estava perto das toalhas, de pé. — Acho que é melhor você e Janey voltarem para a casa...

— Mas o que foi? — perguntou Selden, pegando a toalha e enxugando o rosto.

— Uma coisa com a irmã da Janey...

— Patty? — gritou Janey, correndo pela praia na direção deles.

— Calma — disse Selden, rispidamente. — O que houve? Ela está bem?

— Eu não sei dizer. Um cara chamado Digger ligou...

— É o cunhado da Janey...

— Disse para mandar você ligar para ele... e que Patty foi presa.

— Ai, meu Deus — assustou-se Paula, levando a mão ao peito.

— Deixa que eu cuido disso, mãe — disse Selden, bruscamente, vestindo a camisa.

— Vamos todos voltar para a casa — disse Paula, catando suas coisas.

— Você fica — ordenou Selden. — Não tem motivo para deixar isso arruinar seu dia... Vamos

— disse ele, fazendo sinal para Wheaton e Janey o acompanharem.

Ele saiu correndo pela picada acima. Janey o seguia, tropeçando nas pedrinhas — na pressa, tinha esquecido os sapatos. Selden pulou no banco da frente do jipe e Janey sentou-se ao lado dele.

— Ele deixou um telefone? — perguntou Selden a Wheaton, que se sentou no banco de trás.

— Não — respondeu Wheaton. — Achei que você ia saber onde encontrá-lo.

— Mas que droga, Wheaton — disse Selden, batendo com a mão no volante.

— Onde eles estão hospedados? — perguntou a Janey.

— Não sei bem... — respondeu Janey, hesitante. — No Four Seasons... No Ritz?

— Deve ser o Ritz-Carlton — disse Selden. — Não tem Four Seasons em Aspen...

Selden subiu até a casa, espalhando pedrinhas para todos os lados. No alto da estradinha, parou o jipe com um tranco e correu para dentro. Ele está adorando isso, pensou Janey, horrorizada. Está adorando cada minuto...

Quando ela entrou, Selden já estava ao telefone, falando com Digger.

— Deixe-me falar com ele — disse Janey, estendendo a mão. Ele sacudiu a cabeça e a afastou com um gesto.

— A irmã é minha! — afirmou Janey, chiando entre os dentes.

Selden lançou-lhe um olhar feio para mantê-la à distância.

— Hum-hum, hum-hum — disse, confirmando com a cabeça. — Entendi. E pegou o nome da penitenciária... Está bem. E eles levaram as duas. Não, não vão deixar você falar com ela...

Precisa de um advogado... Não se preocupe com isso. Só fique por perto do telefone. Vou dar uns telefonemas e te ligo em seguida. — E desligou.

— O que foi? — gritou Janey.

Ele olhou para ela e se sentou em uma cadeira.

— Muito bem, até onde eu pude entender, Patty e Digger estavam em um supermercado na fila do caixa. Parece que a Marielle Dubrosey descobriu que iam para Aspen e os seguiu até lá.

Chegou pelas costas da Patty...

— No supermercado?

— No supermercado — confirmou Selden. — Ela disse uma coisa para a Patty, que se virou e deu um tapa na cara dela.

— Puxa, até que enfim a Patty reagiu — disse Janey.

— Sim, mas Marielle retribuiu com um soco na barriga dela, E aí Patty parece que a empurrou, e Marielle caiu. Então chegou a polícia e levou as duas presas,

— Vai sair em todos os jornais — disse Janey, furiosa.

— Provavelmente vai — confirmou Selden. — Só que agora, neste momento, o mais importante é tirar a Patty da cadeia.

— É melhor voltarmos para Nova York — disse Janey.

— Não podemos fazer nada em Nova York — disse Selden.

— Aqui também não — retrucou Janey.

Selden ergueu as mãos como para mantê-la fora do caminho.

— Deixa eu cuidar disso, tá? — pediu ele. — Vou ligar para Jerry Grabaw.

— O relações-públicas? — zombou Janey. — É dia de Natal...

— Para o Jerry, não vai ter problema — disse Selden. — Ele adora essas coisas

Selden finalmente deixou o telefone, três horas depois. Enquanto isso o resto da família voltou da praia e exigiu uma explicação. Não havia como compreender a situação sem relatar toda aquela história sórdida desde o início, e enquanto Janey falava, Paula Rose olhava de relance para o marido, os lábios comprimidos em uma fina linha desaprovadora. Por fim, Janey conseguiu escapulir e foi para o quarto, onde se deitou na cama, roendo furiosamente as unhas.

— Bom, por enquanto, é o que se pode fazer — observou Selden, entrando no quarto e se jogando na cama ao lado dela. Passou a mão sobre os olhos. — Jerry achou algum conhecido do juiz e conseguiu que ele fosse ao fórum tratar da fiança para a Patty poder sair. Ela vai ter que ir a uma audiência daqui a um mês, a menos que ele consiga fazê-los desistir do processo — o que é muito provável, considerando-se que é Aspen, em um lugar freqüentado por muitas celebridades

e onde esse tipo de coisa acontece o tempo todo...

— Muito bom — disse Janey, sem entusiasmo. Ficou feliz por Selden ter conseguido resolver o problema, mas chateada porque ele simplesmente tomara a frente sem consultá-la. Afinal, Patty era irmã dela, não dele, e Selden nem mesmo a deixara falar com Digger... A tal casa de Connecticut tinha sido a mesma coisa — e as férias também — pensou ela, zangada, ele simplesmente havia tomado as decisões sem nem se incomodar em consultá-la...

— Droga — lamentou-se Selden, sentando-se. — É melhor eu ir contar à minha mãe. Esse tipo de coisa costuma deixá-la nervosa...

— É melhor, sim — concordou Janey. Selden levantou-se e foi para o quarto ao lado.

— Mãe — Janey ouviu-o dizer,

— Ai, Selden — ouviu a mãe responder.

— Não se preocupe, viu? Tudo já foi resolvido — contou Selden. Janey se levantou, e foi pé ante pé até a parede. Elas eram tão finas que ela podia ouvir todas as palavras da conversa deles claramente, como se estivessem todos no mesmo quarto.

— Não gostei nada disso — comentou Paula Rose.

— Vai passar — disse Selden. — Precisa entender que Digger é um roqueiro...

— Exatamente — disse Paula. — Todo mundo sabe que os roqueiros se drogam. E Deus sabe lá o que mais...

— Mas o Digger é um cara de Des Moines, perfeitamente normal — disse Selden, tranquilizando-a.

— Mas e a irmã?

— É um amor de pessoa — garantiu Selden.

Fez-se uma pausa, e logo depois Selden perguntou:

— Mãe, o que realmente está te deixando perturbada?

— Não quero ser desmancha-prazeres, meu amor — começou — mas esse casamento seu...

— O que há de errado com ele?

— A Janey provavelmente é uma moça muito boa. Mas ela e a irmã parecem ter problemas. A irmã está na cadeia, e a Janey... sabia que ela já não fala com a mãe há meses? Só estou preocupada com seu bem-estar, meu querido. Não quero ver você magoado de novo...

— Ah, mãe — riu Selden. — Você está exagerando.

— Não estou, não — protestou Paula. — E essa história de ela ser modelo? Eu não sei bem se é o trabalho adequado para sua... esposa. Moças assim querem outras coisas...

— Você está por fora — disse Selden, rindo. — Ela não vai ser modelo para sempre. Talvez só mais um ano ou dois. E depois, é provável que você até ganhe um netinho...

— Mas, Selden, meu amor, eu não acho que a Janey esteja pensando nisso. Tenho a impressão de que ela está interessada em um estilo de vida diferente...

— Mãe, ela quer ter uma família e filhos — insistiu Selden, impaciente. — Você, por exemplo. Qual é a mulher que não gostaria de ser como você?

— Muito lisonjeiro, meu bem. Mas durante a tarde inteira ela só falou em produzir filmes...

— É só conversa, mãe — disse Selden, descartando a idéia. — Papo furado. Janey de vez em quando cisma com umas idéias que ficam batucando na cabeça dela, mas depois ela se esquece. Posso apostar com você que na semana que vem ela já terá esquecido tudo isso.

— Espero mesmo que você tenha razão — disse Paula, em tom fatalista.

Do outro lado da parede, Janey escutava tudo, a boca aberta de horror. Deslizou até o chão, levando a mão à boca, de tão chocada. De repente Selden surgiu na porta e olhou o quarto, de relance, procurando por ela. Vendo-a sentada ali no chão, perguntou:

— Querida, tem alguma coisa errada?

— Não! — respondeu Janey, mais do que depressa, começando a engatinhar para um lado e para outro. — Acabei de perder um brinco só isso. — Ficou de pé, mexendo no lóbulo da orelha.

— Desculpe — disse Selden. — Acho que não lhe dei muita atenção hoje. Estou precisando desesperadamente de um drinque... Que tal a gente dar um pulo naquele bar local de que você estava falando? Talvez a gente encontre gente interessante...

— Claro — concordou ela, sarcasticamente, a conversa dele com a mãe ainda ecoando nos seus ouvidos. — Mas e o carro? Não vamos deixar o resto da família a pé, vamos?...

— Eles simplesmente vão ter que se virar sem ele umas duas horas — respondeu Selden, com um sorriso. — Afinal, o carro é meu... eu é que estou pagando, lembra?

O resto do Natal arrastou-se, num tédio interminável. Janey fez o maior esforço possível para agradar: agora que tinha provas de que Paula não gostava dela, estava decidida a não lhe dar a satisfação de provar que estava certa. Mas isso não significava que ela precisava facilitar as coisas para Paula, e a começar da noite depois do dia de Natal, ela incitou Wheaton e Richard a jogarem pôquer — e depois que eles concordaram, Selden naturalmente foi obrigado a jogar também. Paula não gostou, mas os meninos a enxotaram — como Janey suspeitava, depois de eles começarem, não conseguiam mais parar. Paula ficou uma fera, enquanto Janey, muito esperta, sempre vencia a cada terceira rodada. Eles só jogavam com trocados, mas Janey venceu todos eles durante três noites seguidas, enchendo a bolsa de moedas de um centavo depois, o que fez com que ela se sentisse um pouquinho melhor...

Só que por dentro estava arrasada. Toda vez que olhava para Selden, lembrava-se daquela conversa que entreouvira entre ele e a mãe, e isso adicionava mais uma pitadinha de sal à ferida. Ela ia lhe mostrar, pensou; ia obrigá-lo a engolir suas palavras. E depois ele iria se arrepender...

Voltaram para Nova York no dia 31 de dezembro, chegando à suite do hotel logo depois das nove. Os vôos estavam lotados, e houve atraso em Miami. Janey só queria dormir, como se dormir apagasse a lembrança daquela horrível semana que havia passado. Mas Selden não queria saber disso — era véspera de Ano-Novo. A lareira tinha achas de bétula, e ele a acendeu, depois ligou para o serviço de quarto e pediu duas garrafas de champanhe Cristal com cem gramas de caviar de beluga.

— Não estou muito a fim de beber champanhe — disse ela, irritada, pensando que uma vez mais Selden estava fazendo o que queria, sem ligar para o que ela sentia.

— Mas na véspera de Ano-Novo se deve beber champanhe — insistiu ele. — Dá azar não fazer isso.

Ele a puxou para o sofá, ao lado dele, e se espreguiçou satisfeito, embora Janey estivesse tensa a seu lado.

— Não tem jeito melhor de comemorar o Ano-Novo do que passar uma noite romântica em casa — disse ele.

Janey nada disse, olhando furiosa paora o fogo. Jamais havia entendido o conceito de "uma noite romântica em casa". Se ela tivesse que ficar em casa, preferia assistir televisão ou comer

comida de quentinha na cama do que tentar evocar falsos sentimentos românticos...

— Tenho uma ótima idéia — disse Selden, avidamente. — Vamos a Connecticut amanhã para eu lhe mostrar o terreno. Vamos tirar o dia para relaxar — fazer um piquenique na praia, em algum cantinho, e depois uma visita ao terreno... quem sabe mais tarde possamos passar na casa dos Macadus...

Essa, pensou Janey, foi a gota d'água. Ela se levantou, foi até a escrivaninha, então virou-se e respondeu, friamente:

— Realmente precisamos conversar sobre esse terreno, Selden.

— Mas é um imóvel maravilhoso — protestou ele. — Fica bem de frente para a praia... não se consegue mais encontrar um terreno assim hoje em dia...

— Acho melhor você ir começando a pensar em vendê-lo — disse Janey com firmeza, semicerrando os olhos.

— Do que está falando? — perguntou ele, prestes a se irritar. — Acabei de comprar o terreno. Não vou vendê-lo.

— E eu tampouco vou ter tempo para trabalhar na casa. Vou estar muito ocupada nos próximos meses... talvez durante o próximo ano ou até durante os dois próximos anos.

— Ah, vai? — perguntou ele. A campainha soou, e ele se levantou, indo até a porta. — Fazendo o quê, será que posso perguntar?

Um garçom entrou com uma bandeja sobre a qual havia dois baldes com champanhe e quatro copos. Pareceu levar um tempo interminável para arrumá-los sobre a mesinha de centro.

— Quer que abra as garrafas, senhor? — perguntou.

— Tudo bem, pode deixar que eu abro — respondeu Selden.

O garçom saiu e ele tirou a rolha de uma das garrafas, servindo dois copos. O gesto pareceu acalmá-lo, e ele disse com um tom de voz apaziguador:

— Olha, se estiver com medo de engravidar... claro que vai receber ajuda. Teremos uma babá quando o bebê nascer.

Ela soltou uma gargalhada curta e cruel.

— Não estou falando de crianças — disse.

— Então está falando do quê? — perguntou ele. Ela sorriu.

— Acontece que vou produzir o filme baseado no livro do Craig, Os obstáculos. Ele já me deu permissão...

Selden, que tinha acabado de tomar um gole de champanhe, quase cuspiu tudo de tão surpreso.

Então jogou a cabeça para trás e riu. Janey olhou firme para ele, o rosto crispado de fúria.

— Não sei o que você está achando tão engraçado.

Sorrindo, ele avançou um passo na direção de Janey e tentou passar o braço ao redor dela, que se encolheu.

— Convenhamos, amor — disse ele. — Produzir um filme é coisa que dá um trabalhão. Exige anos de experiência. Nunca vai conseguir fazer isso...

— Como você pode saber?

— Eu simplesmente sei — respondeu ele. Deu-lhe as costas e remexeu as achas de lenha com um atizador de ferro. — Não me leve a mal — prosseguiu, calmamente — mas esse é o meu dia-a-dia. Nem sei dizer a você quantas pessoas vieram me procurar querendo produzir um filme, o as poucas que tentam quase sempre fracassam...

— Muito bem — disse Janey. — Eu vou tentar e, se eu fracassar, fracassei. Mas acho que vou me dar muito bem.

Ele a olhou surpreso. Depois recuou, chocado pelo ódio que viu ardor em seus olhos.

— Janey! — exclamou.

— Vai se foder — disse ela, baixinho. Saiu da sala e entrou no quarto, onde começou a esvaziar as malas. Ele a seguiu.

— Olha, Janey — começou. — Acho que não consegui me expressar bem. Não quero que você produza o filme do Craig...

— Por que não? — quis saber ela, sem olhar para ele. — Tem medo de que eu me saia bem?

— Não — disse ele, equilibrando cuidadosamente o copo sobre a mesa-de-cabeceira. Cruzou os braços. — Porque não vai dar certo. O livro de Craig não tem o tipo de trama que possa ser adaptada para o cinema. Aliás, não tem trama nenhuma...

— Você está é com inveja! — redarguiu ela. — Está com inveja porque o Craig é talentoso e você não...

De repente ela abriu a boca, assustada, e mordeu o lábio, com medo de ter ido longe demais. Só que era mesmo verdade, disse a si mesma, e talvez já fosse hora de o Selden ficar sabendo...

Ela tirou o vestido Pucci da bolsa a tiracolo e o pendurou no armário, sem nem mesmo ousar olhar para ele. Curvou-se sobre a bolsa e, ao olhar para baixo, via os pés dele diante dela.

Endireitou-se, desafiando-o a replicar.

O rosto dele estava impassível. Girando o champanhe na taça, ele disse, baixinho:

— Se quer ficar com um cara como o Craig Edgers, não sou eu quem vai impedir.

— Não precisa se preocupar — retorquiu ela. — Não vai.

Ela passou por ele, afastando-o de seu caminho, e foi para o banheiro, trancando a porta.

— Janey — disse ele. — Saia daí e venha conversar sobre isso.

— Não tenho nada para conversar com você — respondeu Janey, em tom distante, atrás da porta.

— Janey! — chamou ele. Silêncio. Ele bateu na porta. — Janey. Saia já daí de dentro!

Não se ouviu resposta. E então ele ouviu o som das torneiras totalmente abertas.

— Mas que inferno, Janey! — berrou ele. — Jeito mais horrroso de começar um ano novo!

O G5 aterrissou na pista do aeroporto Charles de Gaulle, e depois taxiou para uma pista privativa para jatinhos onde foi recebido por uma limusine Mercedes e dois fiscais da alfândega francesa. Eram 11h15, mais ou menos no meio do mês de fevereiro de 2001, e Janey olhou pela janela o dia francês cinzento e chuvoso e suspirou. Enviada para Paris com a Mimi! Era tão desagradável, pensou, ser mandada para algum lugar como uma criança malcriada enxotada para o seu quarto...

Calçou um par de luvas macias, de um cinza levemente rosado, franzindo o cenho ao fazer isso. A viagem não podia ter vindo em pior hora. Ela já estava pertíssimo de conseguir que o George assinasse uma carta de intenções com relação à produção de um filme, e então, exatamente quando parecia que ele ia se dedicar ao projeto e assinar um cheque, vinha aquele convite súbito para acompanhar Mimi a Paris. Mimi precisava ir a Paris experimentar uns vestidos de alta costura que encomendara na Dior em outubro, mas não queria ir sozinha, e se Janey a acompanhasse, ia apresentá-la a Raumont, seu decorador francês. Pelo jeito, Raumont jamais aceitava clientes novos, mas podia ser que abrisse uma exceção para Janey se ela viesse a Paris em fevereiro, quando ele tinha uma folga na agenda.

— Mas que babaquice — reclamou Janey bem alto para Selden. — Especialmente porque não temos nada para decorar!

Esse assunto era delicado para ambos, e Selden lhe lançou um olhar cauteloso.

— Vamos acabar tendo — disse, com todo o cuidado. Janey retribuiu o olhar, desafiadora. Ele não havia vendido o terreno, nem desistido da idéia de construir uma casa, simplesmente deixara de mencionar o assunto — assim como ela não mencionava seus encontros com George. — Falando sério, agora, Janey — disse ele — essa é uma prioridade inadiável — e isso a fez calar-se. Entretanto, desde que Mimi tinha sugerido a viagem a Paris, uma semana antes — "Nova York é horrível em fevereiro, não tem nada acontecendo", comentou —, Janey não podia deixar de sentir que havia algum tipo de conspiração no ar para tirá-la da cidade. Selden tinha chegado em casa certa noite todo assanhado com a viagem, depois de George lhe dar a notícia, segundo ele afirmou. Janey imediatamente ficou nervosa, principalmente porque ela mesma havia se encontrado com o George naquela tarde e o encontro dos dois não tinha ficado exatamente só nos negócios. Seu primeiro pensamento foi de que George devia ter contado tudo ao Selden — mas se tivesse, ela negaria tudo, pensou rápido; ia dizer que o George é que estava dando em cima dela, que ela o repelira e ele, em retaliação, tinha inventado tudo aquilo...

Mas Selden parecia estar aliviado, não zangado, e depois de alguns momentos ela se tranquilizou, vendo que George não era de dar com a língua nos dentes. Aliás, segundo pôde perceber, era com Selden que precisava se preocupar, não com o George. No mês anterior, desde aquela terrível véspera de Ano-Novo, Selden tinha começado a tratá-la de um jeito condescendente, como se ela não fosse inteligente, nem tivesse cabeça para entender o que ele fazia. Para quem

não soubesse de nada, pareciam um casal equilibrado, em pé de igualdade. Mas Janey estava começando a conhecer Selden melhor, a entender que ele só a queria a seu lado como uma espécie de troféu — a bela modelo da Victoria's Secret que confirmava seu status como macho alfa — e estava começando a se aborrecer com aquilo. Quando dava suas opiniões sobre show business, política ou moda, surpreendia-o olhando os outros, para ver se ela não os estava entediando ou envergonhando, e se ele achasse que estava, a interrompia, deixando-a terminar de expressar seus pensamentos paro as moscas.

Aquilo culminou em meados de janeiro durante um jantar na casa de Harold Vane. Havia duas mesas de dez convidados cada, e Janey estava sentada ao lado do senador republicano de Nova York, Mike Matthews. Era um homem bonitão, de seus sessenta anos, envolvente e poderoso, com um aperto de mão esmagador, que ele exercitava ao afirmar seus pontos de vista, agarrando a mão dela sem soltá-la, mesmo quando estava falando com as outras pessoas da mesa. Era exatamente o tipo de noite que Janey adorava, cheia de pessoas importantes e com uma conversa que ela considerava significativa. Lá para o final do jantar, o tema se voltou inevitavelmente para os prós e contras (na maioria contras — afinal, estavam em Nova York) do partido Republicano. Janey entrou em uma discussão acalorada sobre o pior defeito do Partido Republicano — o fato de eles não apoiarem nem as mulheres nem o aborto.

Havia quatro outras mulheres na mesa — sendo que uma delas era uma respeitada jornalista de telejornal, de seus cinquenta anos, que gritou logo "apoiado, apoiado" —, e de repente se fez um daqueles silêncios, durante os quais as conversas inexplicavelmente se interrompem, e a voz de Janey se fez ouvir claramente:

— Fracamente, senador! Se não apóia o aborto por convicção pessoal, afirmo que é um hipócrita. Foi solteiro durante trinta anos, e não vá me dizer que durante esses trinta anos jamais engravidou uma namorada.

Por um momento, fez-se um silêncio escandalizado na mesa, e Janey sentiu-se enrubescer de constrangimento. Virando-se para Selden, que estava sentado na outra mesa, captou a rigidez da tensão na nuca dele, mas um segundo depois o silêncio foi rompido pela calorosa risada de aprovação que se segue após uma piada bem contada, e Janey sentiu sua auto-estima elevar-se aos olhos da sala. Antes, ela era apenas uma moça bonita, sem muita importância. Agora era um deles — atraente, sim, mas com um senso de humor bastante apimentado. O senador agarrou-lhe o braço com aquela mão de ferro e dirigiu-se aos outros convidados.

— Senhores e senhoras, esta jovem senhora é exatamente aquilo de que o partido Republicano precisa! — e o jovial grupo de convivas retirou-se, indo tomar café na sala de estar.

O senador a escoltou pelo curto saguão que levava até a pomposa sala de estar, decorada por Harold no estilo Império americano, durante o qual fora construída a casa. Havia banquetas revestidas de seda, com pés em forma de garras e mesas de mármore intrincadamente marchetado, de forma que o efeito geral era de estar voltando no tempo; Janey não se surpreenderia se visse carruagens puxadas a cavalo passando pela Park Avenue.

Havia um piano de cauda em um canto da sala, e Harold contratara dois jovens cantores líricos para fazerem uma apresentação. Janey sentou-se em um canapé azul comprido, e aceitou uma xícara de café de uma criada uniformizada, sorrindo para o senador ao fazê-lo. Por um momento, ela ficou imaginando como seria ser casada com ele — principalmente porque, segundo todos diziam, ele talvez se candidatasse à presidência. Talvez fosse divertido ser a

Primeira Dama, pensou, dizendo em seguida:

— Por favor, sente-se, senador. Estou morrendo de vontade de saber se os boatos têm um fundo de verdade.

Ele aceitou o convite dela o brincou:

— Sim a maioria dos boatos realmente têm um fundo de verdade, mas se está querendo saber se vou concorrer ou não...

— Ah, eu me referia àqueles boatos sobre o senhor e aquelas senhoras, sabe... — começou Janey. E nesse momento, Selden surgiu atrás dos dois.

Janey olhou para ele, convidando-o com os olhos para reunir-se aos dois, mas a boca congelada em um sorriso tenso.

— Perdoe minha esposa, senador—pediu ele. — Ela costuma dizer coisas sem pensar antes. — Sentou-se na beirada do canapé e pegou a mão de Janey, e, em uma voz que pretendia ser brincalhona, disse: — Tem o hábito de falar de coisas das quais não entende.

— Ah, é mesmo? — perguntou o senador, vagarosamente. Dando a Selden um sorriso frio, continuou: — Ela me parece pelo menos tão inteligente, se não mais inteligente até, do que a maioria das pessoas desta sala. E só o que fez foi expressar o que a maioria delas estava pensando, mas não teve coragem de dizer.

— Contanto que não haja ofensa... — respondeu Selden, meio hesitante.

— Da minha parte, não — disse o senador, lançando um olhar solidário a Janey. — Mas se algum dia decidir que quer perder esse cara aí — propôs ele, falando diretamente com ela — eu estou disponível. — Todos os três riram, e nesse momento a música começou, pondo fim à conversa. Janey inclinou a cabeça, como se estivesse curtindo o som, mas por dentro estava revoltada. Era como se todas as suas suspeitas

sobre o comportamento de Selden em relação a ela houvessem subitamente se confirmado. Não havia como negá-lo, de forma que, no carro, a caminho de casa, ela explodiu.

— Nunca mais faça isso — disse, com raiva. Ambos ficaram olhando o tempo todo direto para a frente e, por alguns segundos, ele nada disse. Depois, esfregou o queixo com a mão enluvada e comentou com voz inexpressiva:

— Foi um comentário constrangedor.

— A única coisa constrangedora foi seu comportamento — replicou Janey, mordaz.

— Será que podemos discutir em casa, por favor? — pediu ele, indicando o motorista com a cabeça.

No hotel, o bate-boca prosseguiu voltando sempre ao mesmo ponto, Janey acusando Selden de bancar o paternalista para com ela, e de desrespeitá-la, e Selden recusando-se a reconhecer o que ela estava falando. O fato de ele não perceber os sentimentos dela deixou-a furiosa, levando-a a um ponto ao qual ela raramente chegava, até que finalmente o atacou com os punhos cerrados. Ele a jogou para trás, sobre o sofá, e ela ficou ali sentada, trêmula por causa do choro e da raiva, mas o dique havia se rompido, e ele girou nos calcanhares, louco de ódio. Janey jamais o vira tão zangado assim, e ficou apavorada.

— Se quer saber mesmo a verdade, você me envergonha, sim — assumiu ele, com uma agressividade gélida. — Noite após noite, fiquei aturando você abrindo a boca e dizendo asneira após asneira sobre coisas que você ignora, discutindo com gente que está anos-luz à sua frente em termos de experiência. Sempre consegue se dar bem porque é linda. Mas, se não fosse tão

atraente assim, ninguém prestaria atenção ao que diz!

Ela soltou um gritinho de susto. Nunca ninguém havia falado com ela daquele jeito, e a princípio ela não soube como reagir. Seria possível que tudo o que ele estava dizendo fosse verdade?

Contudo admitir isso seria mortal, e ela replicou, gritando:

— Não ouviu o que o senador disse? Que eu era mais inteligente do que a maioria das pessoas naquela sala?

— Claro que ele vai dizer que você é inteligente — disse ele, inclinando-se para ela, com uma expressão de escárnio. — Ele é político. Especialista em dizer às pessoas exatamente o que elas querem ouvir — a verdade é que se dane. Não viu como ele olhava para os seus peitos o tempo todo e segurava a sua mão com força? Eu vi, e todos os outros que estavam na sala também viram. Ele queria te comer, e estava disposto a dizer qualquer coisa para ter essa chance. E ainda pergunta por que eu me envergonho? Ainda pergunta por que não te respeito? Se pensar bem, vai descobrir que quem não tem respeito é você — por ninguém, a não ser por si mesma. — Ele começou a andar de um lado para outro da sala, cada vez mais transtornado, como se cada gesto da mão lhe desse mais corda ainda.

— Já ouvi você dizer a diretores de fama mundial como devem dirigir seu próximo filme — continuou ele. — Já ouvi você dizer a produtores quem deviam incluir no elenco e a empresárias como deviam dirigir seus negócios. E tudo isso sem ter nenhum talento especial, nenhuma realização no seu currículo...

— Está me dizendo que não tenho direito a dar minhas opiniões, só porque não possuo as mesmas vantagens que todo mundo?

— Não estou me referindo a vantagens — disse ele, girando nos calcanhares e apontando o dedo para ela. — Estou me referindo a trabalho pesado; pôr o seu na reta, arriscando-se a fracassar, vezes sem conta. — Fez uma pausa, inspirou profundamente, e continuou. — Quer saber? eu não estou nem aí para o que você diz para os seus amigos bobocas, nem para aquela cambada de homens com quem você já trepou, e que te seguem por toda parte. Mas quando está falando com meus colegas de trabalho, gente que passou a vida inteira tentando realizar alguma coisa...

Ela soltou uma risadinha.

— Não me diga, Selden. Acha mesmo que a Mimi e o George são bobocas? E essa sua idéia, então, de que já trepei com uma cambada de homens...

— Só estou dizendo que você deve parar de se exibir em algumas dessas conversas, pelo menos. Por que vive se impondo às pessoas? Experimenta ficar em segundo plano de vez em quando, para variar. Cala a boca, que aí, sim, vai descobrir que é possível aprender alguma coisa.

Ambos se entreolharam fuzilando de ódio, e Janey perguntou-se amargurada como é que ela havia sido justamente isso — alguém em segundo plano — para todos os outros homens ricos e poderosos, e mesmo assim não conseguia ser assim com seu próprio marido. Era verdade, pensou de repente, ela não o respeitava. Será que algum dia havia respeitado o Selden? Mas essa idéia era tão pavorosa que ela sabia, instintivamente, que devia virar a discussão para acabar com vítima.

— Já estou entendendo do que você está falando, Selden — disse ela, o lábio trêmulo como se estivesse para chorar. — Não quer que eu me desenvolva, nem mude. Sente-se ameaçado, Mas acontece que eu sempre fui assim. Sempre tratei de me aperfeiçoar, e tentei fazer alguma coisa significativa da minha vida. Se pensa que vou ficar só sentada ao seu lado, mansinha, está muito

enganado. E se o meu comportamento te incomoda, na minha opinião isso é problema seu e insegurança sua. Como você se atreve a tentar me culpar? — Mal acabou de falar, desatou a chorar, e correu para o banheiro.

Quando ele veio para a cama, mais ou menos uma hora depois, ela fingiu estar dormindo. Depois de algum tempo, ouviu-o roncando baixinho, mas ficou acordada durante horas. Seu orgulho combatia o seu cinismo, o orgulho lhe pedindo para divorciar-se, e o cinismo lhe fazendo ver que, por pior que o Selden fosse, ela não queria voltar a levar aquela vida que levava antes. Por fim, ela adormeceu, e acordou com o som do chuveiro, sentindo-se exausta.

Ele entrou no quarto com uma toalha enrolada na cintura. Sentou-se na beira da cama, penteando o cabelo para trás e virando o tronco de modo a ficar de frente para ela.

— Escuta — começou ele. — Ela pensou que ele fosse pedir desculpas, como costumava fazer depois de uma briga, mas em vez disso, ele disse: — Eu só acho que nunca mais devemos... brigar assim de novo, está bem?

Não era o que ela queria ouvir, mas sorriu para ele, resignada. Ele curvou-se e lhe deu um beijo rápido nos lábios.

— Até mais tarde, tá? — perguntou.

— Até — respondeu ela, com um suspiro dramático.

— Ah, Janey, sem essa. Não seja ridícula — ralhou Mimi, dois dias depois. — O George também é exatamente a mesma coisa. Ninguém nunca lhe disse que todos os maridos são iguais? Ambas estavam almoçando no Dingo's em um clima que parecia tão pesado quanto o longo inverno nova-iorquino.

— Ah, sim — prosseguiu Mimi, com um brilho malicioso nos olhos. — É uma das grandes decepções da vida, assim como ter filhos. A gente sempre pensa que vai se casar com um indivíduo, um homem que escolheu acima de todos os outros. E quando finalmente chega lá, descobre que se casou com um tipo "o homem casadouro". E no fundo, no fundo, minha querida, um marido não é melhor ou pior que nenhum outro. Aliás, tem horas que penso que todos são completamente intercambiáveis!

Janey olhou para Mimi e lhe deu um sorriso sem graça. Desde que Zizi tinha partido, Mimi mudara, pensou Janey. Havia se tornado amarga — uma daquelas quarentonas que vivem revoltadas porque sua vida não saiu como elas esperavam. Tinha de tudo, mas seu comportamento pessimista implicava que de alguma forma havia sido traída, e, uma vez mais, Janey se recordou de que, independente do que acontecesse, ela não podia acabar como a Mimi...

— Francamente, Mimi — respondeu Janey, torcendo nervosa o anel de noivado, como se fosse um sinal de escravidão e não de amor. — Para mim não tem importância o Selden ser igual a outros maridos, é o desrespeito que eu não consigo agüentar. Que atrevimento o dele!

— Desrespeito faz parte do pacote — explicou Mimi dando de ombros. — Quando um homem se casa com a gente, parte dele perde o respeito por nós justamente por termos nos casado com ele — ele conhece seus defeitos e acha que a mulher é uma boba ao aturá-los. — Mas ele está querendo me dominar! — gritou Janey.

— Ah, está? — perguntou Mimi. — Ele não acha isso, de jeito nenhum. Acha que está afirmando seus direitos de marido. O que, infelizmente, minha querida, inclui lhe dizer o que fazer.

— O George não lhe diz o que fazer — observou Janey, ardilosa. Desde que havia começado a se encontrar clandestinamente com o George, para tratar do projeto do livro Os obstáculos, sua admiração por ele havia aumentado. Ele vivia de bom humor, e eles pareciam passar metade do tempo juntos rindo...

— Claro que não — replicou Mimi, mal-humorada, franzindo o cenho. — George é mandão demais, e acho que o Selden também é. Mas se eles não fossem mandões, não seriam bem-sucedidos como são, e nunca teríamos nos casado com eles, pensa bem. — Mimi olhou firme para a Janey com um olhar penetrante como uma verruma, e continuou: — A diferença é que, quando o George começa a me encher o saco, eu o corrijo assim, de leve. É ruim a gente bater de frente com esse tipo de homem — a gente sempre perde. Depois que começam a discutir, os egos deles exigem que vençam a qualquer custo, e eles vão dizer ou fazer qualquer coisa para chegarem lá. Ah, eu sei que você é dura na queda, Janey — disse ela, com uma risadinha. — Mas creia-me, não é tanto assim. Se fosse, não teria se casado. Seria empresária ou gerente de algum estúdio cinematográfico.

— Uma mulher devia ser capaz de se casar e ser empresária! — retorquiu Janey. Mas Mimi só sorriu e disse:

— Devia, sim. Mas dá para encontrar alguma? O fato é que não existem — no máximo, duas ou três. A maioria dos magnatas não tolera esse tipo de rigidez em uma mulher. Casam-se para fugir dela.

— Mas não estou sendo rígida — insistiu Janey. — Só quero um pouquinho de respeito do Selden. Não tem motivo para ele agir como se eu não pudesse fazer nada...

Mimi levantou as sobrancelhas e riu.

— Janey — disse, com paciência. — Você tem 33 anos. Sei que acha que é velha, mas não é. Quando eu tinha a sua idade, alimentava fantasias mil sobre como minha vida ia se transformar também — sobre o que eu ia fazer, com quem eu ia me casar... Ah, eu sei que tem aspirações mais elevadas, minha amiga — continuou ela. — Mas meu conselho é dar mais uma examinada na sua vida. Vou estar prestando um desserviço como amiga se não lhe disser que está pondo em risco o seu casamento. Esse projeto que está tentando desenvolver com o George, por exemplo...

— Por que não posso desenvolver um projeto com o George? — perguntou Janey, interrompendo-a depressa. Sentia-se meio culpada em relação a George, mas não tinha intenção de deixar a Mimi adivinhar que havia na relação entre eles mais do que apenas o interesse profissional-Seu tom foi brincalhão, mas também desafiador. — Mimi, se está querendo dizer que eu não devia estar desenvolvendo um projeto com o George porque ele é seu marido, bem, também pode dizer que não posso desenvolver projeto algum com nenhum homem casado. Sim, estou trabalhando em um projeto com o George, mas ele é seu marido só por acaso.

Mimi riu.

— Meu amor — disse ela, tocando o braço de Janey —, ainda não entendeu. Não importa com quem trabalhe. O caso é que está tentando competir com o Selden.

— Até que ponto o Selden sabe? — perguntou Janey, girando o copo d'água.

Mimi suspirou.

— Eu não disse nada, e imagino que o George, também não. Mas o Selden vai descobrir um dia, e quando isso acontecer, sei que vai ficar zangado.

Janey riu um pouco alto demais, como se tudo aquilo fosse completamente ridículo.

— Como é que o Selden pode se aborrecer com isso? — perguntou inocentemente. — Devia ficar no máximo orgulhoso.

Mimi olhou-a pensativa.

— Só que não vai ficar, Janey. Será que não consegue enxergar? Ele vai se sentir como se você estivesse tentando enfraquecê-lo. Tentando lhe mostrar que é tão boa quanto ele, e ainda por cima atacando-o em um campo que realmente é importante para ele — o seu trabalho.

— Bom, então talvez o Selden precise entender que existe mais de uma pessoa talentosa nesse casamento — retorquiu Janey.

Mimi suspirou.

— Não é que ele não pense que você tem talento, Janey — disse. — Mas se quisesse se casar com alguém do ramo, se casaria. Ele já estava casado com alguém do ramo, e não funcionou. Quer alguém diferente. Tenho certeza de que ele adora o fato de você ter personalidade e opiniões próprias, mas também se casou com você porque imaginava que você fosse uma mocinha linda e meiga e completamente solidária... a ele. Ele se sente como se fosse o seu salvador...

— Salvador? Meu? Ele chegou a dizer isso?

— Não com essas palavras, exatamente, mas... vamos encarar, Janey, você nem sempre teve a melhor das reputações.

— E o Selden acreditou nisso!

— Claro que não. Se acreditasse, não teria se casado com você. — Mimi virou a cabeça para o outro lado e suspirou, — Ele acha que as coisas que as pessoas diziam sobre você... eram erradas. E eu também achava — e ainda acho, claro. Mas ele pensou que, ao se casar com você, ia lhe dar a vida que você sempre quis e merecia. E, naturalmente, achou que queria ter filhos, constituir família...

— Mas só faz seis meses que nos casamos — protestou Janey.

— Ele só quer um pouquinho de compreensão, Janey. O Selden quer sentir que você sente orgulho das realizações dele. E se insistir em tentar entrar no ramo dele, ele vai achar que não é bom o bastante no que faz.

— Claro que acho que ele é bom no que faz — replicou Janey. Jogou o guardanapo na mesa, trêmula de raiva. Por que todos viviam tentando fazê-la recuar em suas idéias, empurrá-la para o que achavam que era "o seu lugar" — e de repente todas as suas inseguranças sobre si mesma e sua capacidade retornaram com toda a força.

A sensação era ao mesmo tempo familiar e agudamente desconfortável, pois implicava um descontrole intolerável para ela. Esses sentimentos, segundo sabia, podiam ser perigosos; talvez a levassem a fazer coisas tolas, prejudiciais...

E Mimi, pensando em casamento, lhe lembrava sua mãe.

— Existem certos sacrifícios, Janey... — disse ela, gentilmente — que, se não estiver disposta a fazer, vai ser muito difícil você se dar bem em qualquer coisa...

Mimi provavelmente tinha razão, mas Janey estava zangada demais para admitir isso.

— Se está falando da mudança para Connecticut — disse ela —, não vou para lá de jeito nenhum...

Mimi lançou-lhe um olhar que Janey teve certeza de que era de piedade.

— Eu estava pensando mais na Patty — murmurou.

Janey olhou para o guardanapo, furiosa. Será que a Mimi estava tentando embromá-la de propósito? A Patty era um ponto meio sensível, e Mimi sabia disso, simplesmente porque a Patty tinha razão e Janey estava errada. Depois do incidente de Aspen — que Patty e Digger viam agora como uma das maiores piadas de seu relacionamento, especialmente o luto da Patty ir parar na cadeia — Marielle Dubrosey havia confessado que o bebê não era do Digger. A história imediatamente sumiu dos jornais como se jamais tivesse ocorrido, e Patty e Digger trataram de "se esconder", ficando mais na deles. Porém, ainda viam Janey e Selden, quando jantavam juntos — Selden parecia considerar a relação deles como um de seus "projetos especiais" — e Patty vivia agradecendo a Selden por sua ajuda e lembrando a Janey que ela e Digger agora estavam mais unidos do que nunca. Janey sempre rangia os dentes, principalmente porque a relação entre ela e seu marido não era tudo o que devia ser...

Mas não era a única, pensava Janey agora, olhando para Mimi. Recordando-se daquela tarde com Zizi, pensou, com crueldade, que Mimi era uma boba. Estava parecendo especialmente cansada ultimamente... Era como se sua beleza simplesmente houvesse desistido de se manifestar, e isto era triste demais... Só que talvez fosse de se esperar. Afinal, pensou Janey, tudo o que Mimi realmente tinha desejado na vida era o George. E se o comportamento recente do George em relação a Janey fosse indicação de alguma coisa, era completamente possível que logo, logo Mimi não tivesse nem mesmo o George para se consolar...

Janey mordiscou o lábio e ergueu a mão enluvada, acompanhando com um dedo uma fileira de gotas que escorriam pela janela do avião. Nas duas semanas depois daquele almoço com a Mimi, ela havia feito algumas coisas. Não terríveis, exatamente, mas coisas nas quais era melhor não tornar a pensar, pelo menos no momento.

Na espaçosa poltrona do outro lado do corredor, Mimi desafivelava o cinto de segurança.

— Finalmente! — gritou. — É maravilhoso ter o nosso próprio avião, mas que eu sinto saudade do Concorde, sinto. — Espreguiçou-se e virando-se para Janey, exclamou: — Você não simplesmente adora Paris?

Janey sorriu, indulgente. Ao contrário de todas as outras pessoas do mundo, ao que parecia, ela não gostava necessariamente de Paris — guardava muitas lembranças perturbadoras de lá. Mas ficou feliz por ver Mimi alegre; desde que mencionara a viagem, seu comportamento tinha mudado completamente. Era outra vez a antiga Mimi, pensou Janey, toda dinâmica e meiga, e até parecia com seu velho eu. Como que despertando de uma breve hibernação, a beleza de Mimi voltou com todo o vigor: seu rosto ficou liso e radiante, e seu novo corte de cabelo emoldurou-lhe o rosto de ondas suaves, dando-lhe ares de estrela de cinema dos anos 1950.

— Vamos — chamou Mimi, alvoroçada, apressando Janey para saírem do avião. — Não se preocupe com a bagagem — os comissários de bordo se encarregam de levá-la para o hotel. Vou dizer ao motorista para contornar a Torre Eiffel. É uma pequena tradição minha — disse, pegando o braço de Janey enquanto seguiam para o Mercedes. — De qualquer forma, vamos nos divertir. Não seria legal esquecer nossos maridos durante uma semana?

Janey riu e concordou, achando que seria mais fácil falar do que fazer. Estava perfeitamente disposta a esquecer-se do Selden, pensou, tristemente, mas não tinha a menor intenção de deixar o George escapar...

O sonho começou no oceano sob o luar.

A princípio ela podia escutar o borrífo da espuma no alto das enormes ondas verde-acinzentadas e sentiu o vento carregado de maresia no rosto. E então viu que estava montada em um imenso golfinho, de pé sobre as costas dele, segurando uma barbatana dorsal maior do que ela. Estava esguia, musculosa e bronzeada, uma valquíria de outro mundo, a única capaz de montar no mágico golfinho. Estavam indo resgatar um homem, mas quando chegaram onde ele estava, foram atingidos por uma onda gigantesca, que lançou o homem para a frente em direção a um lugar seguro. E quando a onda quebrou na praia, a moça e o golfinho desapareceram. Com o coração partido, Janey entendeu que ela, a moça, havia morrido.

O homem foi levado para uma minúscula aldeia povoada por nativos e junto com um bando variado, porém belo, de jovens americanos. Ele — que não era homem coisa nenhuma, na verdade não tinha mais de 24 anos — estava com uma das pernas quebradas. Dois dias depois, o golfinho foi encontrado, gravemente ferido. Os nativos construíram uma piscina para ele, na esperança de que se recuperasse. No dia seguinte, uma moça apareceu na aldeia. Era Janey, mas não a que estava sobre o golfinho, e sim sua irmã caçula. Não a era verdadeira irmã de Janey, Patty, mas uma espécie de gêmea sua. Era tão bela quanto Janey, mas se perguntava se iria conseguir realizar as façanhas de sua irmã. Só que precisava tentar. A heroína tinha morrido, e ela precisava descobrir o que realmente tinha acontecido.

De pé na praia, desenhou uma linha na areia com o dedão do pé. Seu coração doía por causa do golfinho ferido e da heroína morta, mas tinha uma missão a cumprir. O rapaz se aproximou, olhou para ela e instantaneamente se apaixonaram um pelo outro.

Ele levou-a para o bar Kon Tikki. Ela tinha aventuras solitárias e perigosas à sua frente, mas se perguntou se não podia se entregar ao amor uma última vez. Seria capaz de mantê-lo apaixonado? Todas as outras mulheres da ilha eram belas, muito mais belas do que ela, mas era ela que ele queria.

Ela dançou para ele no bar Kon Tikki. E depois, pegando a mão dela, ele a levou para longe dos outros. Estava apaixonado por ela. Beijaram-se e fizeram amor, unindo-se perfeitamente, como uma só pessoa, perdendo-se um no outro, e na deliciosa e avassaladora sensação do sexo puro. Ele a possuiu por todos os lados. Ela não sentiu medo, nem raiva, nem insegurança, só aquele amor cristalino e luminoso da aceitação completa...

E então, chegou a hora de ela partir. Precisava completar sua missão. Saiu andando pela praia até o cercado do golfinho. Estendeu a mão, e o golfinho olhou para ela com os olhos mais tristes que ela já tinha visto...

Com um grito profundo de angústia, ela acordou devagar, o golfinho materializando-se nos contornos rígidos de um móvel contra a parede do outro lado do quarto, o mar desaparecendo e mesclando-se com as cortinas vermelhas de seda que bloqueavam a luz do dia. Por um instante, ela não conseguiu se lembrar onde estava, nem o que estava fazendo ali, mas aí, por um processo de eliminação, lembrou-se de que se mostrava em Paris, na Plaza Athénée, onde havia chegado dois dias antes com a Mimi. Só que, emocionalmente, ainda estava no sonho. Desejava voltar, estar naquele lugar onde tinha um objetivo, e sentir aquele amor de novo... se ao menos pudesse descobrir aquele sentimento no mundo real, pensava frustrada, recostando-se nos travesseiros de penas. Se ao menos pudesse experimentá-lo uma só vez na vida real... Virando-se para olhar o relógio — eram dez da manhã — lembrou-se de que existia mesmo um homem que podia ter

satisfeito seus desejos, e esse homem era Zizi...

Por que ele não tinha querido ficar com ela? perguntava-se. E lembrando-se dos últimos momentos de seu terrível encontro com ele, do repente percebeu que em algum ponto ao longo da estrada de sua vida ela podia ter pegado o atalho errado. Esse atalho era como um tronco de árvore, dividindo-se em diversos ramos que também haviam se tornado errados, e mesmo assim ela havia prosseguido sem pensar, na esperança de que um desses caminhos do alguma forma a levasse de volta a estrada certa. Se ao menos tivesse assumido o controle da sua vida antes, e aceitado os riscos de fazer o que acreditava, talvez jamais tivesse acabado assim, pensou zangada — em Paris, e casada com um homem que não a amava, ou pelo menos não a amava como ela queria ser amada. Deitada ali naquela cama, lembranças terríveis daquela semana constrangedora em Mustique vieram com toda a força, e ela ouviu as palavras da conversa de Selden com a mãe claramente, como se eles estivessem ali, zombando dela:

"Ela e a irmã têm problemas..."

"Janey cisma com idéias..." Levou as mãos aos ouvidos, pensando que fosse gritar. De alguma forma, pensou desesperada, ia voltar para o caminho certo... Ia conseguir o respeito que merecia... Tudo isso seria possível, se ao menos o George correspondesse a suas expectativas! Tornou a olhar o relógio: 10:10, o que significava que eram pouco mais de quatro da manhã em Nova York e cedo demais para ligar. Ela havia deixado três mensagens para o George nos últimos dois dias, e a cada vez sua secretária lhe pedira para esperar na linha, voltando em seguida para lhe informar que George se encontrara em uma reunião, e só poderia ligar para ela quando terminasse. Até aquele dia, ele ainda não telefonara, e agora Janey começava a temer que ele estivesse evitando seus telefonemas deliberadamente. Se ela tivesse ficado em Nova York, teria conseguido descobrir onde ele estava e planejado esbarrar nele em um restaurante ou até mesmo na rua. George era uma criatura de hábitos, e ela havia inconscientemente registrado seus movimentos regulares: às quartas-feiras, ele almoçava no Dingo's, às quintas, no Patroon, e às cinco e meia em ponto, três tardes por semana, ele ia ao Clube Atlético Nova York, em Central Park South.

Ela fez força para sair da cama e entrar no chuveiro, regulando a temperatura para produzir uma torrente de água fria. O efeito causado pela diferença de fusos horários no organismo era sempre pior no segundo e no terceiro dias, e ela precisava estar alerta. George precisava entender que, em relação ao projeto deles, ele só tinha uma coisa a fazer: assinar os contratos e os cheques. E se ele pensava que podia adiar isso mandando-a para Paris, estava muito enganado.

A água fria a fez pensar com mais clareza, e, secando-se com uma toalha grossa, ela examinou objetivamente o "caso George". Seria possível que ela tivesse dado as cartas errado? Durante o mês anterior, desde que tocara no assunto com ele, logo depois do Ano-Novo, tinha jogado magnificamente bem, evitando dar-lhe a única coisa que — segundo ela imaginava — ele realmente queria. Graças a sua incansável (porém discreta) puxação de saco, ele finalmente havia cedido à idéia dela de produzir o filme baseado no livro de Craig, e até se convencera de seus méritos. Redigiram-se contratos, revisados diversas vezes pelos advogados dele. E aí, convencida de sua sensualidade, e certa de que o sexo selaria o pacto, ela havia "cedido" aos avanços dele certa tarde no seu escritório.

Ela sabia, quando começou a lhe contar a idéia do projeto, que era provável que acabassem chegando a esse ponto, e no início tinha tomado uma decisão fria e calculista: seu sucesso era

mais importante do que qualquer falsa noção de virtude. Naturalmente, era até bom ela achar George atraente e divertido, e às vezes até alimentava fantasias de como seria ser casada com ele. Mas só quando terminou o ato, e ele fechou o zíper das calças, é que ela desconfiou de que alguma coisa havia mudado. Ele lhe deu um caloroso beijo na face, mas foi o que ele disse depois que a perturbou:

— Obrigado — comentou ele, como se elogiasse um garçom após uma boa refeição. — Foi muito bom.

— Bom? — repetiu ela, surpresa, ligeiramente magoada pela avaliação dele. Sabendo que o ato teria que ser memorável, tinha lhe aplicado seu melhor boquete, enfiando o dedo indicador no ânus dele enquanto girava a língua na parte de cima do pênis de George.

— Tá legal — admitiu ele, ao perceber a decepção dela. — Foi muito bom. Está satisfeita agora? E aí ele a levou até a porta com tanto interesse quanto teria demonstrado pelo seu contador, e por um momento, ela se sentiu horivelmente culpada ao pensar na Mimi...

— E os contratos? — perguntou então, de passagem, tentando fingir que nada havia acontecido.

— Ah, sim, os contratos — disse ele, revirando os olhos. — Falamos sobre eles amanhã. — Ele segurava a porta para ela sair. — Janey não teve escolha senão passar por ela.

— Tenha uma boa tarde — disse, depois que ela saiu.

Mas ele não estava disposto a debater os contratos nem no dia seguinte, nem no próximo. Ah, ele ainda recebia os telefonemas dela, mas toda vez que Janey tentava falar sobre os contratos, ele tratava de mudar de assunto, e aí, como que entendendo a deixa, a secretária dele o interrompia, dizendo que havia uma ligação importante na outra linha. Quando chegou a noite de ir a Paris, ele ainda não havia assinado os contratos, nem lhe dissera quando ele os assinaria. E a essa altura, Craig já estava telefonando diariamente...

Haviam prometido a Craig pagar 300 mil dólares pelo roteiro, e mais 700 mil no dia em que comessem a rodar o filme. Janey devia receber 100 mil de adiantamento e mais 400 mil após o término da filmagem. Eles teriam 18 meses para escrever o roteiro e vender o filme a um estúdio. Naturalmente, para todos os efeitos, George era produtor também (embora, como a pessoa responsável pelo investimento, não precisasse necessariamente fazer nada), e receberia a maior percentagem dos lucros. Só que tudo era tão frustrante, pensou Janey, jogando a toalha molhada no chão do banheiro e envolvendo-se em um roupão felpudo. Principalmente quando George só precisaria assinar um cheque de 400 mil dólares — uma miséria para ele, provavelmente menos do que Mimi estava gastando em seus vestidos de alta costura...

E agora, ali estava ela, a milhares de quilômetros de Nova Yorke de George. Se pudesse falar pessoalmente com ele, não teria dúvidas de que conseguiria influenciá-lo. Se ao menos não tivesse dado sua última cartada, pensou, não estaria tão certa de que o jogo havia terminado. De repente, aqueles últimos minutos fatais com George se desenrolaram em sua cabeça como um filme ruim, e ela se jogou sobre o acolchoado da cama, socando o travesseiro, desesperada. Só que ela precisava parar de pensar nisso. Tinha que tirar aqueles dez minutos da cabeça, e jamais voltar a lembrar ou falar deles, nunca mais. Se não pensasse neles, seria como se jamais tivessem acontecido; gradativamente, "eles" seriam esquecidos, e ninguém suspeitaria de nada.

Em vez disso, precisava concentrar-se no projeto; em conseguir que George atendesse à sua ligação e assinasse os contratos, e então tudo ficaria bem.

Ela olhou de relance o quarto ao seu redor. A suíte luxuosamente mobiliada, que ela havia

considerado a princípio encantadora, com seus detalhes decorativos do século XVIII, de repente pareceu opressiva, e então lhe ocorreu a idéia de dar uma caminhada e tomar um pouco de ar fresco, para ver as coisas de forma mais otimista. Escovou os cabelos e aplicou pó no rosto, depois vestiu calças folgadas Versace com uma blusa de seda trespçada. Jogando um casaco sobre os ombros, pegou a bolsa, preparando-se para aventurar-se a passear na cidade que detestava.

— Pardonnez-moi – disse ela, inclinando-se para o atraente francês já meio calvo de pé atrás do balcão da recepção. — Est qu'il y a um message pour moi? — perguntou em seu francês estropiado, com um forte sotaque inglês. Passando pela recepção, ela havia decidido parar e perguntar se alguém lhe deixara um recado — afinal, era totalmente possível que George tivesse telefonado durante a noite, mas não quisesse perturbá-la.

- *Oui, madame* – respondeu o recepcionista, atencioso, enquanto Janey imaginava por quê: na França os carecas sempre conseguiam parecer elegantes, ao passo que nos Estados Unidos, todos se pareciam com Bruce Willis. – Acho que lhe deixaram um recado, sim.

Estava tudo bem, pensou ela, aliviada, abrindo avidamente o envelope, na expectativa. Só que era apenas uma mensagem da Mimi, pedindo a Janey que se encontrasse com ela, na Christian Dior, à uma hora.

Sua primeira reação foi de raiva e frustração, e vendo a expressão no rosto dela, o recepcionista perguntou:

- Está tudo bem com a senhora, madame?

Não está, não, ela quase respondeu, de maus modos, mas se conteve a tempo. Não podia deixar seu medo dominá-la, porque se George percebesse, isso certamente arrastaria ainda mais o processo de assinatura dos contratos...

- *C'est d'accord* – disse Janey ao recepcionista, sorrindo. George era um empresário durão, recordou-se; provavelmente estava se divertindo um pouquinho com ela para ver até que ponto ela levava aquilo a sério. Bem, pensou Janey, olhando o relógio de relance, então ele ia descobrir que ela podia ser realmente muito, mas muito dura na queda...

Faltava ainda uma boa hora e meia antes do encontro com Mimi; nesse meio tempo ia dar um pulinho naquela loja de cosméticos e pegaria mais alguns dos seus batons prediletos, Pussy Pink. Fazendo sinal para um dos táxis diante do hotel, resolveu que talvez nem ligasse para o George hoje, nem no dia seguinte, e nem mesmo no outro dia. Saber que ela estava com Mimi, e não ter notícias dela durante alguns dias, ia deixá-lo pelo menos um pouquinho nervoso...

Ela pegou o táxi para o bulevar Saint-Germain na Rive Gauche. As vistas da cidade lhe eram tão familiares como na época em que ela fora embora de lá, 15 anos antes – desde o trânsito maluco de bulevar que ia do Hotel Crillon, passando pelas Tulherias, e atravessando o Sena, até as exóticas lojinhas do bulevar Saint-Germain. Ao localizar o estabelecimento que estava procurando, ela fez sinal para o taxista parar.

A porta da loja se abriu com um tilintar de sininhos, e Janey entrou.

Era minúscula, tomada em sua maior parte por um balcão comprido que a atravessava inteiramente no sentido do comprimento – era um desses lugares onde a pessoa precisava saber o que pedir, para conseguir o que queira. Aproximando-se da balconista, Janey indagou:

- *Vous avez la rouge à lèvres*, Pussy Pink?

A lojista respondeu com um aceno de cabeça e entrou na sala de estoque. No mínimo, vir a Paris

lhe permitiria fazer um estoque de sua cor preferida de batom, pensou ela, azeda. Mas dentro de um instante a moça retornou do estoque, sacudindo a cabeça.

- Sinto muito, madame, não temos mais Pussy Pink

- Não tem mais Pussy Pink? – perguntou Janey, consternada.

- *Non, madame...*

- Bom, então quando vão receber mais? – perguntou Janey. E aí, lembrando-se de que estava em Paris, começou... – *Encore...*

- *Il est finit* – disse a mocinha, encolhendo os ombros, como se já tivesse perdido o interesse na conversa.

- Como assim, *finit*? – indagou, Janey.

- A linha. Acabou. *Non* mais.

- Mas ainda se pode comprar esse batom na Barney's – disse Janey, como se isso fosse prova de que a moça mentia.

- *Oui*. Talvez ainda tenham um ou dois, por lá – disse a moça, com outro dar de ombros desinteressado. – Mas quando acabar, acabou.

- Está querendo dizer...

- Isso – respondeu a balconista. – A cor foi... como se diz “descontinuada”?

Janey saiu da loja, chocada. Pussy Pink era seu batom predileto há 15 anos, desde que ela viera a Paris pela primeira vez... Sua colega de quarto, a Estella, havia lhe dito que sempre devia usar a mesma cor de batom para ajudar aos fotógrafos a se lembrarem dela. E isso tinha ajudado, embora talvez não da forma como ela pretendia...

E agora... Era inacreditável. Por um momento, ela ficou de pé diante da loja, completamente perdida, sem saber o que fazer. Arrancou um pedacinho de unha com os dentes, depois a cuspiu. A morte da linha Pussy Pink significava que uma parte essencial de sua identidade de fora, e ela se perguntou como poderia substituí-la. Era um aviso, pensou, apavorada... mas de quê? E então, como se guiada por um piloto automático, seus pés a levaram para uma certa transversal, e dentro de um instante ela se viu em frente a uma porta de madeira familiar.

Sim, pensou, aquela plaquinha vermelha discreta com letras douradas onde se lia ZOLLO MODELOS ainda estava na parede, assim como a maçaneta de bronze na pesada porta de nogueira que dava para um pátio interno, e, no final, degraus de pedra desgastados que levavam à Agência Internacional de Modelos Zollo. Ela jamais se esqueceria do primeiro dia depois de passar pela porta vermelha no alto da escada, pensou. Fora em 1985, e ela só tinha 18 anos de idade.

- Por que é que Nova York ainda está me mandando mocinhas bonitas? – disse Jacques Zollo, um dos donos da empresa, aos gritos, quando a viu entrar.

Janey não soube o que responder quando lhe entregou seu *book*, em silêncio.

- Alta e magra, *oui* – disse ele, acenando com a cabeça e folheando rapidamente as poucas páginas do *book*. – Mas o *visage*, o rosto, todo errado. Americano demais. Se ao menos você tivesse vindo a Paris há dois anos atrás – disse ele, apontando para uma série de capas de revistas emolduradas na parede mostrando louras de olhos azuis. – Todo mundo queria esse visual naquele tempo. Mas agora? – Deu de ombros.

- Por favor – disse Janey, desesperada, as lágrimas escorrendo pelos seus olhos. Tinha acabado de chegar de Milão, onde passara quatro meses horrorosos tentando conseguir trabalho como

modelo sem muito sucesso; sua agência de Nova York havia decidido que ela talvez se desse melhor em Paris. Janey não sabia uma palavra de francês e, para ela, cada minuto em Paris era uma agonia: ela não conseguia comprar alimentos nos mercados, pois a comida sempre estava atrás de alguma vitrine, e as pessoas precisavam pedir o que queriam aos balconistas; não imaginava como comprar pasta de dentes na farmácia e não compreendia o dinheiro – aliás, não tinha muito, mesmo. Estava cansada, dura e faminta; se não encontrasse trabalho em Paris, iam enviá-la para casa, e então sua mãe riria dela e diria: “Eu te avisei... Eu sabia que você jamais faria sucesso...”.

- Por favor – sussurrou ela, outra vez. – Eu faço qualquer coisa...

Jacques Zollo olhou-a de um jeito zombeteiro. Era um rapaz ainda novo, de trinta e poucos anos – quase bonito demais, pensou Janey – e finalmente, depois do que lhe pareceram horas, ele perguntou:

- Tiraria fotos de lingerie?

- Lingerie? – disse Janey, meio assustada. Era o único tipo de fotos que sua agência de Nova York lhe recomendara que não fizesse, mas ela tratou de mudar rapidinho de idéia. Estava diante de Jacques Zollo, desesperada e sem grana, e dando de ombros, como se não tivesse medo nenhum, respondeu: - Claro, porque não?

Jacques ainda não se convencera totalmente.

- Você não mandou fazer... – começou ele, indicando com as mãos em concha e as palmas voltadas para cima, sobre o peito, que estava falando dos seios dela.

- Implante de silicone nos seios? – completou Janey. – Não. Não, nem pensei nisso...

- Ótimo – disse ele. – Nos Estados Unidos, seios grandes são populares. Mas aqui na França, não gostamos que nossas mulheres se pareçam com vacas.

- Ah, não – disse Janey. – Eu jamais... faria uma coisa dessas no meu corpo. Jamais.

Janey deu as costas à porta de madeira e olhou a rua. Aquilo acabou sendo mentira, pensava agora, porque ela acabou mandando colocar silicone nos seios. Mas isso não era surpresa nenhuma, pois parecia que ela raramente cumpria suas promessas. E logo depois daquela primeira conversa com Jacques, ela se vira fazendo todo tipo de coisas que nunca em um milhão de anos imaginaria que faria...

Não pode se lembrar disso, ralhou consigo mesma, principalmente agora, não. Ela virou-se e começou a andar na direção do Quartier Latin, onde havia todo tipo de pequenas galerias que podiam distraí-la. Mas sua cabeça, ao que parecia, funcionava contra sua vontade, e agora que aquela lembrancinha conseguira romper a barreira, outras também corriam até ela, ameaçando afogá-la em um mar de lembranças...

Havia as entrevistas com clientes, às quais compareciam cerca de 500 jovens vindas de todas as partes do mundo, procurando trabalho desesperadamente... Os executivos do mundo da moda sempre pareciam ter um “primo” ou “amigo” que precisavam de uma acompanhante... e os empresários descontavam parte do salário da moça, se ela se recusasse a colaborar. A virtude de quase todas elas estava comprometida até certo ponto, mas as que se davam melhor eram aquelas que, por sorte, “estavam na moda” no momento. Criava-se um alarido em torno das moças, e elas conseguiam arranjar um namorado fotógrafo, o que lhes garantia mais trabalho ainda – e as protegia dos joões-ninguém que pareciam estar em toda parte. Aquelas, sim, tinham sorte – acabavam voltando para Nova York dentro de um ou dois anos, e algumas até

terminavam se tornando supermodelos...

Mas também havia outras garotas, aquelas das quais ninguém tornava a ouvir falar: as que se deixavam dominar pelo medo, cortavam os pulsos ou se drogavam demais, e acabavam no hospital. Esse tipo de incidente era bem conhecido, sendo tema de conversa entre as meninas, os empresários e os fotógrafos, mas eram papos que costumavam ser abafados e, muito pouco tempo depois, a agência de Nova York providenciava uma passagem de primeira classe para a cidade obscura da qual a garota era originária.

Janey já estava em Paris fazia duas semanas quando um desses escândalos estourou, envolvendo uma moça chamada Donna Black. Quando Janey soube da notícia, estava em um estúdio fotográfico em Le Marais, fazendo fotos de lingerie para uma empresa chamada LeBaby. Foi o primeiro emprego decente que ela jamais arrumou, e a sessão de fotos foi para uma campanha publicitária, o que significava que ela finalmente ia ganhar algum dinheiro. O anúncio ia apresentar duas moças louras se abraçando – vendendo a fantasia de que as duas estavam prestes a tirar sua lingerie LeBaby caríssima e transar uma com a outra. A nome da outra modelo era Estella; por coincidência, Estella era colega de quarto da Donna Black.

Ambas eram de Indiana, mas enquanto o pai de Donna era médico, o de Estella era um traficante de drogas do local. Estella alegava que a mãe era garçonete, mas pela forma como ela revirava os olhos, maliciosamente, sempre que dizia “garçonete”, Janey calculava que a mãe devia ser era algum tipo de prostituta.

A própria Estella era uma moça sem nada a perder. Trabalhando como modelo, tinha subido mais rápido e mais alto do que jamais poderia esperar sendo de Indiana, portanto tudo era jogo. Desbocada e engraçada, era o que a mãe de Janey teria chamado de péssima influência. Fez troça do fotógrafo, que falava muito pouco inglês, imitando seus gestos de pantomima quando ele tentava lhes mostrar o que fazer, e perguntou ao cliente quanto ele pagaria se elas realmente transassem uma com a outra. O cliente nem se perturbou; só respondeu “que é lindo pagar a uma mulher por sexo”, o que fez Estella e Janey quase se mijarem de tanto rir, e durante o resto da tarde, elas ficaram repetindo essa frase sem parar, para consternação do fotógrafo e de seus assistentes.

Lá para o fim do dia, Estella foi atender uma ligação do Jacques e voltou para o estúdio chocada.

- Donna Black acabou de esfaquear Antoine DuBourgey – anunciou, sem a menor cerimônia. Antoine DuBourgey era um executivo de uma empresa de cosméticos; aparentemente, Donna andava de caso com Antoine, até entrar no apartamento dela e surpreendê-lo na cama com outra modelo. Esse tipo de coisa acontecia o tempo todo em Paris, mas o estúdio pegou fogo; a sessão teria que continuar no dia seguinte, disse o fotógrafo, como se ninguém pudesse trabalhar diante de um prato desses.

Janey e Estella apanharam suas coisas e saíram, e ao seguir Estella pelas escadas abaixo, Janey pensou, pelo jeito como a cabeça de Estella balançava para cima e para baixo, que ela estivesse chorando. Mas quando chegaram à rua, viu que era justamente o contrário: Estella ria histericamente.

- Sempre achei que a Donna ia ter um treco um dia... Sabia que ela colecionava potes de conservas vazios? – perguntou, agarrada ao braço de Janey.

A reação imediata de Janey tinha sido de repulsa, mas durante seus poucos meses na Europa, havia descoberto que reagir instintivamente a tudo costumava ser considerado um

comportamento inadequado ou burguês. E então, observando Estella com todo cuidado, fez o que tinha aprendido a fazer nessas situações, e copiou a reação da outra. Rindo com ela, disse que não conseguia pensar em ninguém que merecesse aquilo mais do que Antoine, acrescentando:

— Você acha que ele... morreu?

— Ah, duvido e faço pouco — disse Estella, como quem sabe o que diz e tivesse conhecimento em primeira mão do assunto. - Não é fácil matar alguém com uma faca. A pessoa precisa cortar a garganta da outra ou esfaqueá-la uma dúzia de vezes. - Parou para jogar os cabelos compridos sobre o ombro. - Donna não era tão forte assim, sabe? — disse. — Não fazia quase exercício nenhum — esse é um dos motivos pelos quais o Jacques ia mandá-la embora.

As duas se entreolharam, e riram. A verdade era que as modelos nunca se exercitavam — conservavam-se magras com base em uma dieta de champanhe e cigarros.

— Mas para mim vai ser uma encheção de saco — prosseguiu Estella. — Vou precisar encontrar outra colega de quarto. A Donna nunca trabalhava, mas pelo menos o pai pagava o aluguel dela. E de repente Janey, entusiasmada com a arguta sofisticação de conhecer e entender gente tão decadente e glamourosa, viu-se oferecendo-se como voluntária para morar com Estella.

Estella morava na Rive Gauche, perto do Sena, em um apartamento de Pé-direito alto, instalado em um prédio que tinha acesso por um pátio cercado. A distribuição dos cômodos não fazia sentido para Janey havia chambres onde só se podia chegar passando por dentro de outro quarto —, mas era um passo acima do imóvel onde ela morava antes. Para todos os efeitos o apartamento era alugado por uma modelo que tinha morado em Paris cinco anos antes e havia se mudado para Nova York onde agora era "o rosto" de uma grande empresa de cosméticos e estava mobiliado com móveis que se podia encontrar em qualquer feira de quinquilharias francesa. Mas o que era mais estarrecedor para Janey era a pequena chambre ligada ao quarto de Estella. Estava atravancado com um verdadeiro butim moderno — sapatos, roupas, malas Louis Vuitton, blusões, vestidos, suéteres e jóias - tudo de grife, e custando muito mais do que Estella jamais poderia pagar. Os olhos de Janey se arregalaram ao ver tantas preciosidades e ela sentiu seu mundo expandir-se como se tivesse sido inflado com ar. Havia sido criada em um estilo de vida relativamente modesto e puritano, no qual os excessos eram tacitamente considerados um pecado, mas ao ver aquele tesouro da Estella seus valores de infância estilhaçaram-se como espelho contra o qual se joga um objeto, e de repente ela se viu olhando embasbacada o outro lado desse espelho.

— Ah, pode levar emprestado o que quiser — ofereceu Estella vendo a cara de espanto de Janey.

— É só me pedir primeiro, tá? Não suporto essas meninas que simplesmente vão pegando as coisas...

— Mas como...?

— Meu namorado - explicou Estella, dando de ombros. — Ele vive me dando presentes.

Janey ficou só olhando para Estella, confusa; os franceses eram conhecidos por serem notoriamente mão-de-vaca, achando que podiam compensar com palavras o que se recusavam a gastar em francos.

— Ele é árabe — explicou Estella, apalpando uma bolsa Chanel acolchoada de camurça, que era "o acessório indispensável" daquela estação, e que, Janey sabia, custava mais de dois mil dólares.

— Existem garotas que não gostam dos árabes. Têm medo deles porque são riquíssimos. Mas eles compram tudo o que você quiser e gostam de fazer viagens com você. Sayed tem um iate, e

vamos fazer um cruzeiro pelo sul da França este verão. É o lugar onde todo mundo vai estar. Já sabe — disse, rindo ao ver a expressão confusa de Janey. — Saint-Tropez, Cap d'Antibes e Mônaco. Sayed prometeu me apresentar ao Príncipe Albert...

Essa última saiu com uma sofisticação tão petulante que, muito embora Janey soubesse que a Estella estava contando prosa, ficou sem palavras. Não conhecia nada do mundo sobre o qual Estella falava, mas podia vê-lo, balançando ao alcance dos seus dedos, como uma pulseira de brilhantes faiscante.

— O negócio dos árabes — disse Estella, muito à vontade — é que eles sempre gostam de viver cercados de mulheres lindas. Então, talvez eu possa conseguir que o Sayed te convide para dar uma voltinha no iate dele. Se não, tenho certeza de que alguém te convidaria...

Um alarme soou na cabeça de Janey, mas ela o desligou na hora.

— Ah, vamos ver — disse, com um suspense deliberado, como se tivesse coisas melhores a fazer...

Mas, quando entrou no seu próprio quarto para desfazer suas duas malas Samsonite de laterais rígidas, azul-bebê, lembrou-se de que a mãe tivera a "generosidade" de comprá-las para a viagem dela, só que, de repente, as duas malas pareciam resumir tudo o que havia de errado e constrangedor nela; era ordinária, americana e nada tinha de sofisticado —, e ainda por cima, havia moças de origens ainda piores, que rapidamente passaram a ganhar mais. Enquanto ela remoia tudo isso, Estella surgiu à sua porta. Estava com um blusão Chanel multicolorido e jeans, a bolsa Chanel pendurada no ombro com toda a naturalidade, o exato visual, na cabeça de Janey, de uma gata glamourosa.

— Vou sair para comprar pain — avisou Estella, fazendo biquinho ao pronunciar a palavra francesa que significa "pão". — Quer mais alguma coisa? Cigarros?

— Não fumo — disse Janey.

— Não? — perguntou Estella e depois riu. — Está na hora de começar, então. Todo mundo fuma em Paris. — Ela virou-se e assobiando a melodia de um disco francês, saiu requebrando-se toda do apartamento.

Sem dizer nada, Janey voltou a desfazer as malas. Mas assim que ouviu a pesada porta do apartamento se fechar, viu-se de volta à chambre de tesouros de Estella. Recordou-se de que havia sido criada com bons valores, era uma moça decente de uma família decente, ensinada desde cedo a não cobiçar as coisas dos outros, mas agora ficava se perguntando o que isso realmente significava. Não seria apenas uma forma de evitar que as pessoas que jamais conseguiriam ter o que queriam se sentissem mal com a vida que levavam? Porque o fato era que agora ela realmente estava cobiçando aquelas coisas, com todas as suas forças e com um aguçado senso de propósito. Seria culpa sua ter sido educada para não esperar da vida mais do que algum tipo vago de emprego e uma vaga espécie de casamento com algum filho obscuro como produto? Que tipo de significado profundo ela devia tirar de tudo isso?

Mas ali, pensou ela, tocando um vestido fino de seda, estas coisas eram concretas. Não importa quantas vezes ela houvesse sido alertada contra os perigos de desejar as coisas, na cabeça dela aquelas coisas eram realizações.

Eram como uma espécie de remuneração mágica paga àqueles a quem Deus ou o destino misteriosamente escolhia homenagear, e parecia que não era preciso fazer quase nada para recebê-la. Caminhando pela sala como se estivesse dopada, Janey tirou um blusão de tecido

riscadinho do cabido; a gola era enfeitada com uma pele dourada mais macia e mais luxuosa do que qualquer coisa que ela jamais tocara antes. De pé diante do espelho de corpo inteiro, Janey vestiu o blusão sobre sua camiseta e puxou a gola para cima. Com a pele junto ao seu rosto, ela não parecia mais aquela estudante americana bonitinha no exterior. De repente se transformara em uma mulher deslumbrante para quem qualquer coisa no mundo parecia possível. Até mesmo, ao que parecia, casar-se com o Príncipe Albert e se tornar uma princesa de verdade! E enquanto se virava de um lado ao outro, apaixonando-se pelo seu reflexo, pensou: sim, ela cobiçava. Mas a diferença era que agora ela via que podia ter. E de algum jeito ela teria — logo, logo.

JANEY OLHOU PARA CIMA, assustada, percebendo que estava tão absorta em seus pensamentos, que havia atravessado o Sena e agora voltara à Rive Droite, estando perigosamente perto do Place Vendôme. Parou por um momento, e depois, como uma mariposa atraída pela chama, deu mais uns passos para a frente, encontrando-se de repente na própria praça. Supunha que, depois de 15 anos longe de Paris, seria inevitável que ela fosse parar ali, olhando para a fachada elegantemente imponente do Hotel Ritz. Não tinha sido ali, naquele exato lugar, que tudo havia realmente começado, onde ela decidira tomar aquele primeiro atalho lamentável? Onde ela estivera, há 15 anos, olhando admirada aquele mesmo hotel, a ponto de tomar uma decisão irrevogável que iria influenciar o rumo de toda a sua vida?

Mas talvez estivesse sendo excessivamente dramática. Ela era muito jovem na época, uma voz interior lhe recordou, como podia saber? Mas as pessoas sabiam, sim, disse uma outra voz interior, mesmo sendo jovens. Só que, no fim, não foi apenas um evento? Um evento que provocou outros eventos, que finalmente terminaram e depois estes tinham chegado a um fim, e ela, de alguma forma, havia conseguido "superá-los"? Ou não? Sim, porque, ao que parecia, ela ainda levava muito tempo "superando" as coisas. E se a gente vive superando o passado o tempo todo, como é possível chegar ao futuro? Ela olhou em volta e percebeu que a praça estava estranhamente deserta para uma tarde de quarta-feira; vendo um banco vazio, atravessou o calçamento de seixos e se sentou. Pôs a cabeça nas mãos, lembrando-se daquele dia, há tanto tempo atrás, em que Estella, depois de sair para pegar o tal pain finalmente voltou — três dias depois. Janey se sentira tão só e tão aliviada por Estella passar pela porta às quatro da tarde, que nem notou que as pupilas da moça estavam dilatadíssimas e suas mãos tremiam, que ela fumava um cigarro atrás do outro e não parecia capaz de dar nenhuma resposta sensata às perguntas de Janey. Finalmente, Estella entrou na cozinha, num rompante, e declarou dramaticamente que precisava de um drinque. No desespero para abrir uma garrafa de vinho, ela partiu a rolha, e Janey precisou tirar a garrafa das mãos dela o empurrar a rolha para dentro com um cabo de faca.

— Eu estava preocupada com você — disse Janey, como quem se desculpa. — Achei que talvez tivesse morrido ou sofrido algum acidente, ou quem sabe alguma coisa tivesse acontecido com a Donna...

— Ela foi embora para sempre, e eles nunca mais vão deixar ela pôr os pés na França outra vez — revelou Estella, tomando um gole de vinho direto da boca da garrafa. — E já foi tarde, a pamonha. Era um pé no saco, aquela chata...

— Mas onde você esteve?

— Eu esbarrei no Sayed, e armamos uma festa.

— Festa? Durante três dias?

— Uma vez nós festejamos durante uma semana. Bom, o fato é que não acabou ainda, e eu voltei para te pegar. O tio do Sayed está na cidade, e quem quer uma festa agora é ele. E aí, topa?

— Eles falam inglês? — perguntou Janey. Estava se sentindo tão mal, que teria ido a qualquer

lugar onde houvesse gente com quem ela pudesse conversar na sua língua. Estella simplesmente riu e respondeu:

— Mas claro, sua burrinha. Todos estudaram em Cambridge ou num desses lugares assim. E então Janey foi mudar de roupa. Quando saiu de seu quarto, Estella sacudiu a cabeça e murmurou:

— Não. Não dá. O Rasheed gosta de mulheres vestidas feito damas — explicou. Levou Janey para o seu quarto, escolheu um vestido estampado, e o empurrou para ela.

— Rasheed? — perguntou Janey.

— Rasheed al... — respondeu Estella, revelando o nome inteiro dele, Janey recuou.

Imediatamente reconheceu o nome, e ficou sem saber o que devia sentir, entusiasmo ou medo.

— Já sabe, não é? — disse Estella com um sorriso. — Ele é um dos homens mais ricos do mundo...

Janey esperava que a tal festa fosse em uma casa ou em um apartamento, mas em vez disso, ela e Estella pegaram um táxi para a Place Vendôme. Quando o carro parou diante da portaria do Hotel Ritz, Janey olhou a fachada cor de mostarda, assombrada. Era tão imensa, pensou, e tão elegante; contudo, um alarme disparou na sua cabeça.

— Um hotel? — perguntou.

— É aqui que ele mora, tolinha — disse Estella, pagando o taxista. — Ele podia comprar qualquer casa em Paris, mas mora num hotel porque é mais conveniente. Todos os ricos fazem isso.

E aí, quando estavam de pé na rua calçada de seixos diante do hotel, Estella de repente agarrou o braço de Janey, e olhou-a bem nos olhos, dizendo:

— Agora escuta bem o que eu vou dizer.

— O que é? — perguntou Janey.

— Somos amigas — disse Estella — Portanto quero que saiba como funciona a coisa. Se o Rasheed te pegar e te arrastar para a cama... Você não precisa fazer nada, entende? Mas se fizer, cobra dois mil dólares ou uma jóia.

Por um momento, Janey ficou olhando chocada para o hotel movimentado e feericamente iluminado. Arrá, pensou. Então é assim que se faz? Mas é claro que era assim, percebeu; aquele não era lugar para gente como ela e Estella, e o que ela devia fazer — precisava fazer — era dizer muito obrigada a Estella e voltar para casa.

Mas sua casa era longe demais. E ela estava de saltos altos. E nada esperava por ela em casa, a não ser talvez uma nova noite solitária. Com toda a visão dramaticamente míope da juventude, ela só podia ver diante de si uma noite longa, vazia, sem sentido, estendendo-se até uma outra noite longa, vazia e sem sentido; e semanas e até meses se passando, durante os quais não teria feito mais progresso na vida do que naquele exato momento. Ela se voltou para Estella e, com muito mais bravata do que realmente sentia, respondeu:

— Okay.

Estella pegou o braço dela, rindo, e a levou para a recepção do hotel, sorrindo para os porteiros como se fosse dona do lugar. Elas atravessaram o saguão, os saltos produzidos estalidos no mármore marchetado, e depois entraram no elevador. Lá dentro, Estella verificou no espelho como estava sua aparência, e depois virou-se para Janey dizendo com toda a calma:

— Lembre-se, são dois mil dólares ou uma jóia. Mas acho que é melhor aceitar a grana. A gente sempre pode pedir a algum namorado para comprar jóias e roupas para nós, assim não precisa

pedir dinheiro a eles, e eles não vão pensar que você é...

— Entendi — disse Janey. — Olhou seu rosto de relance no espelho, recordando-se de que, até ali, ainda estava bem: ainda não tinha aceitado dar para o Rasheed. Ia resolver quando o visse, pensou, e se não gostasse do cara, ia embora...

A porta do elevador se abriu, e elas desceram um corredor comprido cor de creme com tapete vermelho, parando no meio dele, diante do um conjunto de portas duplas. Estella tocou a campainha; em menos de um segundo, a porta se abriu, como se ele já estivesse esperando, e apareceu um homem de baixa estatura, totalmente desinteressante, de túnica marroquina. Ele se curvou ligeiramente quando elas entraram; não parecia surpreso ao vê-las, tampouco parecia estar particularmente esperando por elas.

— Rasheed está aqui? — perguntou Estella, com ousadia.

— Está terminando uma reunião de negócios. Aguardem aqui, sim? Elas entraram no salão principal da suíte. Tratava-se da sala mais grandiosa que Janey já tinha visto, cheia de conjuntos de poltronas e canapés antigos — e mesmo assim havia algo de deprimente naquela grandiosidade. Só as duas estavam na sala, e com um súbito acesso de medo. Janey gritou:

— Mas eu pensei que estivessem dando uma festa...

— Não esquentar — disse Estella, com toda a tranquilidade. — Talvez haja uma mais tarde. — Ela se jogou em um sofá cor-de-rosa, olhando o criado com atenção, e quando ele fez uma reverência e saiu da sala, Estella pegou a mão de Janey e disse, num sussurro audível:

— Venha!

— Mas não podemos simplesmente ir...

— Eu faço o que quero aqui. O Rasheed já sabe — explicou, com orgulho, puxando Janey para fora da sala de estar o entrando em uma saleta mobiliada como uma biblioteca, onde havia um bar com pia ao longo da parede. Ela remexeu nas prateleiras acima do bar e virou-se, triunfante, com uma bandejinha de prata na mão.

— Venha logo — sussurrou. — Depressa!

— Mas eu não...

— Rasheed não se importa se as pessoas cheiram cocaína, contanto que não cheirem na frente dele. — Pondo a bandeja sobre o balcão do bar, e usando uma lâmina de barbear de prata, dividiu o montinho de pó branco em quatro carreiras. Depois pegou um canudo de prata e cheirou duas, virando-se para dar o canudo a Janey. Janey ficou momentaneamente chocada — tinha ouvido falar de cocaína, mas jamais havia experimentado; até aquele ponto, ignorava completamente o motivo por trás das freqüentes idas ao banheiro das outras garotas durante as sessões fotográficas, ou porque elas constantemente enxugavam o nariz e queriam lhe contar tudo o que lhes acontecera na vida. Elas deviam simplesmente presumir que ela era igualzinha a elas, pensou Janey, e ninguém jamais se aproximou o suficiente para conhecê-la bem...

— Não me diga que nunca experimentou a branquinha — disse Estella, revirando os olhos. — Caramba. Será que vou ter que te ensinar tudo?

— Eu não... — repetiu Janey, sem graça.

— Bom, é melhor tentar — disse Estella. — Deixa tudo bem mais fácil. Vai ver só.

Janey tirou o canudo da mão de Estella e, cautelosamente, inalou Um quarto de uma das carreiras como se estivesse inalando veneno.

— Pelo amor de Deus, mulher, cheira logo tudo — exigiu Estella. — Sabe quanto custa essa

porra? — Seus olhos deslocavam-se para um lado u para o outro, nervosos, enquanto ela observava Janey, para ter certeza de que ela ia mesmo cheirar toda a cocaína. Quando Janey terminou, Estella tirou dela a bandeja e cheirou direto do montinho.

De algum ponto da vasta suíte veio o som de duas vozes masculinas, n Estella recolocou a bandeja na prateleira, depois extraiu uma garrafa de champagne rose de um frigobar.

Dois homens passaram pela porta.

— Rasheed! — chamou Estella. Os dois pararam e entraram no salão. Um era jovem, de trinta e poucos anos. O outro, mais velho, com talvez quarenta ou cinquenta e poucos anos. Curiosa, Janey ficou olhando o mais velho atentamente, jamais tinha visto um árabe antes, e estava meio que esperando um homem de turbante e túnica esvoaçante como um personagem saído das Mil e Uma Noites. Mas esse homem era de estatura mediana e estava vestido com um terno extremamente bem-talhado; sua pele tinha um bege amarelado, e ele cultivava um bigodinho preto-acinzentado. Era mais para atraente do que para repelente, pensou Janey, e mesmo assim seu rosto não demonstrou qualquer emoção, como se ele estivesse acostumado a esconder seus pensamentos e sentimentos de todos.

Ele parou no meio da sala, e os cantos da boca torceram-se, num sorriso frio.

— Ah, sim — disse em voz com ligeiro sotaque britânico. — Vejo que já descobriram a bebida.

— Esta é Janey Wilcox — apresentou Estella, com entusiasmo demais. Janey sentia um catarro desagradável escorrendo pela parte de trás da garganta; suas mãos começaram a ficar úmidas de repente, e ela teve a sensação exata de que ia vomitar. Arregalou os olhos para Rasheed, calculando se estaria óbvio demais que estava passando mal, mas Rasheed só a cumprimentou com a cabeça, seus olhos examinando-a rapidamente do alto da cabeça até os sapatos. O homem que o acompanhava, o mais jovem, olhou de Rasheed para as meninas; parecia não saber bem o que se passava, nem que tipo de protocolo se esperava dele. Depois de um silêncio incômodo, ele finalmente adiantou-se e estendeu a mão.

- Justin Marinelli – disse, com sotaque americano.

O americano usava óculos de armação de metal dourado e gravata amarela, e por algum motivo Janey notou que ele usava aliança. Quando apertou a mão dela, Janey teve de repente a idéia louca de se jogar nos braços dele e suplicar ajuda, de implorar que ele a tirasse de lá, cuidasse dela e a levasse para casa, mas aí Rasheed já havia começado a dizer: “Vou acompanhar o Sr. Marinelli até a porta e volto para lhes mostrar o apartamento”, - e o momento passou.

- Acho que vou enjoar – sussurrou Janey, vagamente, apoiando-se numa cadeira.

- Não seja ridícula – disse Estella, tirando a bandeja da prateleira e separando mais carreiras, rapidamente. – Isso aconteceu comigo o tempo todo na primeira vez em que cheirei – assim que cheirar mais uma carreira, vai se sentir melhor. – Janey pegou a bandeja da outra e inalou mais duas carreiras de pó e, ao fazer isso, Estella disse: - Pelo que vi, ele gostou de você.

- Ele nem mesmo apertou a minha mão – observou Janey.

- Ele é o homem mais rico do mundo – respondeu Estella, incrédula. – Não pode esperar que se incomode com essas coisas. Ele vive ocupado.

- Ocupado demais para apertar a mão de alguém?

- Escuta aqui – disse Estella. – Não deixe ele te intimidar. Vai ter que tratar esses ricos como se fossem homens comuns. Esse é o truque, entendeu? Eles no fundo adoram isso, porque...

Nesse momento, Rasheed retornou. Seus olhos escuros olharam de relance a garrafa ainda

fechada de champanhe, e ele virou-se, bateu palmas e chamou: “Mohammed!” Em um segundo, o homem que havia aberto a porta entrou correndo na sala, mas Estella foi mais rápida e com um grande floreio, pegou a garrafa e disse:

- Ah, qual é, Rasheed? Deixa que eu faço isso. Minha mãe trabalhou em um bar, sabia? Um lugar onde a pessoas vão para beber.

- Eu sei o que é um bar – disse Rasheed, olhando-a com olhos semicerrados.

- Mas nunca vai a um – replicou Estella, no tipo de tom brincalhão que se usaria com uma criança. Virou-se para Janey, enquanto fazia força para arrancar a rolha da garrafa. – Ele não bebe, sabia? – A rolha saiu com um jorro de espuma branca, e Estella recuou, rindo e segurando a garrafa bem alto, uma acompanhante profissional consumada. – Devíamos usar copos, Rasheed? Ou beber direto do gargalo?

- Copos, por favor – pediu Rasheed com um tom de voz monótono.

Janey olhou para Estella, e viu, com uma pontada de arrependimento, que ela era provavelmente a garota mais boboca que ela jamais havia conhecido. Nem mesmo sabia se gostava tanto assim dela, mas percebia que não era hora de fazer análise do caráter de Estella. Sentia uma necessidade quase insaciável de álcool. Pegou sofregamente uma taça de champanhe da mão de Estella, bebeu metade dela de um só gole e depois tornou a encher a taça até a borda. Rasheed virou-se e levou-as para fora da sala.

A “visita” ao apartamento provavelmente não passava de um pretexto para o ato sexual que talvez se seguisse, e, mesmo assim, Rasheed demorou um tempão para chegar ao ponto, explicando a história do hotel, a decoração, as pinturas, e deixando Janey impressionada com a imensidão de seu conhecimento – se ela vivesse cem anos, jamais saberia tanto quanto aquele homem. Seu conhecimento apenas servia pra reforçar a percepção de que ela tinha apenas uma educação básica e jamais seria capaz de ser tão culta assim, e se perguntava se parecia ser tão burra quanto sentia. Estella não parava de fazer comentários idiotas, e uma competição tácita surgiu entre elas – para cada comentário ridículo de Estella, Janey tentava destacar-se com uma pergunta inteligente. Se Rasheed pensasse que ela era sagaz, se ao menos visse que ela era diferente de Estella...

Por fim chegaram a uma sala grande, toda azulejada, onde havia uma piscina. Essa era a única piscina privativa dentro de uma suíte de hotel em toda França, ele lhes disse. Os azulejos haviam sido importados da Itália, há duzentos anos, e formavam no fundo da piscina a figura de Posêidon. Janey não fazia a menor idéia de quem fosse esse tal Posêidon, mas semicerrou os olhos, da forma mais inteligente possível, em direção ao sereio que segurava um tridente, enquanto Rasheed pedia licença e fazia sinal para Estella vir com ele para o outro extremo da piscina.

Houve uma rápida conversa entre eles, e Estella fez sinal de concordar com a cabeça. Ela voltou para perto de Janey enquanto Raheed permanecia perto da porta.

- Ele gostou de você. Quer lhe mostrar o quarto dele – sussurrou Estella.

Janey temia esse momento, mas surpreendentemente, quando ele veio, não sentiu medo, mas uma estranha ousadia, como se as fronteiras normais entre ela e a vida houvessem sido removidas, e então ela se virou para Estella e sorriu. Tinha pensado em recusar, mas agora sentia uma estranha sofreguidão pelo que viria a seguir. Foi até onde estava Rasheed a passos decididos e, quando ela se aproximou, ele fez sinal com a cabeça. Assim que deixaram a sala azulejada e

entraram no corredor, ele fez a gentileza de dar-lhe o braço.

Entraram em um quarto amplo com uma enorme cama com dossel. Quando ele lhe fez sinal para que ela tirasse a calcinha, Janey lembrou-se de que era praticamente virgem. Tinha trepado exatamente três vezes, com um estudante americano da Universidade Rutgers que conhecera em Milão. A experiência fora dolorosa e, em grande parte, aborrecida, e ela havia se surpreendido por seu distanciamento emocional em relação ao ato. Toda vez que ele iam para a cama, ela se sentia totalmente fora do seu corpo, como se flutuasse acima de si mesma, observando os movimentos com um desinteresse entediado – um fato que o estudante americano não pôde deixar de observar. Ele se sentira ofendido e irritado com a ausência de reações dela, e finalmente acusou-a de ser frígida. Isso ocorrera em um café ao ar livre, enquanto tomavam café, e Janey quase gritou de vergonha, já que, sem ter nenhum conhecimento de causa teve a certeza de que ele tinha razão. Muda de pavor, simplesmente se levantou e foi embora, e quando viu que ele não ia segui-la, chorou. E então, depois de refletir um pouco sobre o assunto, viu que na verdade não se sentia nem um pouco atraída por ele. Ele tinha uma mania de higiene que chegava a ser patológica – vivia lavando as mãos – e quando estavam nos cafés, ele insistia em limpar seus talheres com um lenço desinfetante tirado de um pacote que sempre carregava na mochila.

E agora, sentada na cama, sem a calcinha e com os tornozelos cruzados, Janey observava Rasheed abrir o zíper das calças, e sentia aquele mesmo distanciamento curioso. Ela ficou imaginando o que ele faria, perguntou-se se ele ia amarrá-la e estuprá-la. Aquilo não lhe pareceu algo desagradável, meramente uma coisa que provavelmente não ia acontecer, principalmente quando Rasheed tirou uma cueca samba-canção inglesa, e dobrou-a com todo o cuidado no banco ao pé da cama. Aproximou-se de Janey, e ela viu que ele já estava de pau duro, seu pênis era maior do que o do estudante americano, sendo o corpo ocre-escuro e a cabeça cor de café. Ele ergueu a mãos – por um segundo, Janey pensou que ele ia beijá-la – mas só desabotoou os primeiros três botões do vestido dela. Enfiando as mãos dentro do vestido, puxou os seios dela pra fora. Olhou-o pensativo, mas sem tocá-la. Depois ergueu a saia dela e abriu-lhe as pernas, gentilmente. Janey se deixou cair de costas sobre o colchão.

Ficou olhando para o dossel. Era cheio de pregas minuciosas, com um apanhado no centro, e Janey ficou pensando como elas conseguiam fazer pregas num tecido tão pesado assim. Sentiu os dedos dele explorarem suas partes íntimas e entrando em sua vagina, e ouviu-o dizer: “Bonita e apertadinha – muito bom”, mas aquilo não parecia ter nada a ver com ela. Depois ele se ergueu apoiado nos braços e penetrou ela. Foi desagradável e ligeiramente doloroso, e uma vez mais Janey imaginou por que as pessoas achavam o sexo tão bom assim – ele não devia estar gostando mais daquilo do que ela. Concentrou-se nas preguinhas do dossel acima dela, pensando em quantas pessoas deviam ter trabalhado naquilo, e perguntando-se se elas sabiam onde o trabalho delas ia acabar – sobre a cama do homem mais rico do mundo, que pagava moças para deixá-lo penetrar nelas – e, dentro de um minuto ou dois, tudo já havia terminado.

Ela sentiu-o tirar o pênis, e sentou-se. Ele deu-lhe um tapinha afetuoso na perna e sorriu – seu sorriso pareceu genuíno, porém frio – e disse: “Muito bem. Terminamos.” Por um momento, ficou indignada – será que aquele interlúdio não tinha mais importância para ele do que uma pausa para o cafezinho? – e sentiu vontade de gritar: “Mas é só isso?” Alguma coisa nele a fez conter a língua, apesar do que Estella havia lhe dito.

Ela pulou da cama e recolocou a calcinha. Ele voltou a vestir a cueca, e, enquanto guardava a camisa dentro da calça, foi até uma escrivaninha sobre a qual se encontrava uma valise de couro comum. Ele a abriu, e Janey ficou assombrada ao ver que estava cheia de dinheiro.

Era exatamente o tipo de coisa que se vê nos filmes, mas nunca se espera ver na vida real. Janey não conseguiu descobrir qual era o valor das notas, mas eram dólares americanos, todos em maços, muito bem empilhados. A experiência de ver uma valise de verdade cheia de dinheiro, por si só, já era quase uma remuneração, pensou, e sentiu vontade de rir de alegria. Por um segundo, teve uma visão e si mesma dando uma porrada no Rasheed, agarrando a valise, e fugindo dali. Devia haver pelo menos 40 ou 50 mil lá dentro, e certamente o homem mais rico do mundo não sentiria falta de alguns milhares de dólares. Ia significar tão pouco para ele, e tanto para ela...

Os dedos dele manusearam ligeiramente um maço de notas, depois ele se virou e veio direto até ela, com a mão estendida. Janey recebeu o dinheiro. Não queria parecer gananciosa, mas não pôde deixar de espiar disfarçadamente quanto era – três notas de mil dólares.

Ela nunca tinha recebido tanto dinheiro assim, e por um momento, pensou que ia desmaiar. Rasheed pegou-a pelos ombros e puxou-a para si, beijando-lhe as duas faces. E aí disse a coisa mais estranha do mundo:

- Espero que tenha lhe dado prazer.

Janey olhou bem firme para ele, e seus olhos arregalaram-se. Sentiu vontade de rir bem alto, mas sabia que já era ruim estar olhando assim para ele com o que devia ser uma expressão incrédula no rosto. Como é que um homem pode ser rico dessa maneira, inteligente desse jeito, e burro a ponto de acreditar que podia mesmo ter lhe dado prazer?... Então tudo fez sentido para ela, de forma tão nítida e aguçada quanto a ponta de um lápis: esse era o negócio, e tudo incrivelmente fácil. De repente, sentiu uma sensação de poder avassaladora, e tornando a olhar de relance o dinheiro, mentiu com a facilidade de uma criança amoral, com palavras que usaria muitas e muitas vezes depois...

- Ah, sim, Rasheed – concordou. – Você foi absolutamente maravilhoso.

O rosto dele se iluminou de orgulho, quando ele lhe deu o braço. Inclinando-se conspirador para ela, disse:

- Da próxima vez, talvez você possa mexer um pouquinho. Só para me agradar, sim? Então ia mesmo haver uma próxima vez. E por que não? Apertando ligeiramente o braço dele, ela respondeu:

- Claro, Rasheed.

- Agora vou levá-la de volta a sua amiga.

Assim que voltaram para o salão, ele disse:

- Espero que tenha gostado da visita, Srta. Wilcox. – Virando-se com um aceno educado da cabeça, acrescentou. – Por favor, me dêem licença. Preciso tratar de negócios, mas podem ficar à vontade, e sirvam-se do que quiserem.

- Obrigada – agradeceu Janey. Olhou para cima e viu Estella olhando-a fixamente do outro lado da sala, os olhos repletos de curiosidade. Mas graças a Deus ela nada disse, pois dois rapazinhos estavam também por ali, bebendo champanhe e cheirando coca.

Janey despertou no dia seguinte às sete da noite. Sua garganta estava tão seca que ela mal podia respirar, e uma das narinas estava completamente bloqueada. A outra produzia um som agudo e

asmático quando expelia o ar por ela, e seu corpo inteiro se sentia fraco, como se ela estivesse gripada e com febre alta. Conseguiu sair da cama e, aos tropeços pelo corredor, foi até o banheiro. Vinha música da sala de estar, e quando ela olhou, viu os dois rapazes da noite anterior, debruçados sobre uma mesa de centro. A sala fedia a fumaça de cigarro e a suor; cinzeiros e copos estavam cheios até a boca de pontas de cigarro. Ela estremeceu de nojo e entrou no banheiro depressa, fechando a porta.

Assou o nariz, expelindo catarro endurecido e amarelado – parecia que estavam saindo pedaço do seu nariz - e aí bebeu água da torneira, ávida, muito embora todos soubessem que não se devia fazer isso, borrifando em seguida o rosto com água. Não conseguia se lembrar como havia terminado a noite: ela não fazia idéia de como tinha chegado em casa, nem acabado na cama, mas ainda bem que continuava de calcinha e de camiseta. Depois se lembrou do incidente com Rasheed e, levando a mão ao estômago, escorreu de costas pela parede até cair sentada no chão, de vergonha. Como podia ter feito uma coisa daquelas? E pior ainda, concordado em fazer aquilo de novo?

Só que, aos poucos, algum tipo de racionalização autoprotetora surgiu, e ela reconheceu que no fundo, não havia sido tão mau assim: não sofrera lesão alguma e ainda tinha três notas de mil dólares novinhas em folha no bolsinho com zíper da carteira barata que usava desde o colegial – agora ela ia conseguir comprar uma bolsa Chanel novinha, linda e maravilhosa, como a da Estella. Levantou-se e bebeu água da torneira outra vez, depois olhou-se bem de perto no espelho. Parecia exatamente a mesma do dia anterior.

Voltou ao seu quarto e, quando se deitou novamente, Estella entrou. Estava só de sutiã e calcinha, e se jogou na cama de Janey, soltando risadinhas espremidas.

- Meu Deus! Mas que noite, hein? – exclamou ela. – Foi demais, não foi?

Janey riu de leve.

- O que aconteceu? – perguntou.

- Cara, você foi a alma da festa – disse Estella, com uma ponta de ciúme na voz. Janey olhou para ela assombrada – ela nunca tinha sido “a alma da festa” antes – e Estella explicou: - Ah, sim. Você dançou sobre a mesa no Le Jardinese.

- Le Jardinese? – disse Janey, e tossiu. Devagar, começou a se lembrar de tudo. Primeiro, a festa no hotel do Rasheed, que havia engrossado aos poucos, enchendo-se de jovens trigueiros – todos com sotaque europeu e parecendo podre de ricos – e montes de lindas mulheres, inclusive duas ou três modelos famosas que ela reconheceu. Depois todos foram para uma boate - Le Jardinese, supunha ela – onde ela aparentemente passara horas e horas no banheiro falando com uma americana que ficava dizendo o tempo todo: “Não deixa eles te roubarem a alma”. Mas depois disso, a noite era um branco total.

- E depois do Le Jardinese? – quis saber.

- Ah, nós voltamos para casa lá pela seis da manhã – contou Estella, bocejando. – Mas você não precisa se preocupar com nada. Estava tão doidona que Sayed te deu um Halcion e você caiu no chão, já dormindo. Então alguém trouxe você aqui para dentro, eu acho.

- Ai, meu Deus do céu. Nunca mais vou cheirar...

- Está doida? O que precisamos agora é de uma carreira para acordar – disse Estella, abrindo a mão e revelando um pacotinho de papel. Tirou um pouco de pó com a ponta da unha e segurou-o sob o nariz de Janey.

- E aí? – perguntou, depois, dissimulada. – Quanto ele te deu?

- Quê? – perguntou Janey, fungando.

- Rasheed. Quanto foi que ele te deu?

Janey olhou para ela.

- Acho que é problema meu, não?

- Só estou perguntando por curiosidade – justificou-se Estella.

- Três mil dólares.

Estella refletiu por um momento, de olhos fixos no pacotinho, e depois dobrou-o com todo cuidado.

- Isso é mais do que ele costuma dar a uma garota. Uma parte deve ser para mim.

- Para você? – exclamou Janey incrédula. – Eu é que...

- Ah, sim, mas o trato não é esse. O trato é que, se a gente trouxer uma garota para ele, e ele transar com ela, a gente ganha 500 dólares.

Por um momento, Janey ficou olhando para ela, estarrecida, sem querer entender a gravidade da situação. Como era possível... seria possível que alguém, que a gente considerasse amiga, pudesse ser tão calculista assim? Pudesse armar para cima dela e vendê-la como... um animal?

Dando as costas a Estella, enxugou o nariz e disse, devagar:

- Não pretendo levar garota alguma para ele, nunca, Estella.

Estella rolou e olhou para ela com olhos faiscantes e severos.

- Talvez você, não, mas eu levo – disse ela. – Sou obrigada, entende? Obviamente não posso transar com o Rasheed, porque namoro o Sayed. Principalmente porque estou tentando fazê-lo casar-se comigo. Além do mais, não estou entendendo o que isso tem de mais. Eu ajudei você e você me ajuda. Devia me agradecer.

- Ele me deu o dinheiro em notas de mil – explicou Janey, furiosa. – Não dá para eu rasgar uma pela metade, dá?

Estella ergueu-se e sentou-se de pernas cruzadas na cama.

- Então me dá mil.

- Não!

- Sem essa, Janey! Deixa de ser doida. Você e eu somos amigas. Precisamos nos apoiar nessas coisas. Além disso, não ia querer que ninguém descobrisse, ia?

Janey sentiu-se empalidecer. Como é que se permitira cair em uma arapuca daquelas? Sentiu-se como se houvesse caído em um poço escuro do qual não podia escapar, e puxando as cobertas sobre os ombros, respondeu, arquejante:

- Você não teria coragem.

— Ah, sou capaz de qualquer coisa — garantiu Estella, com naturalidade. — Eu sou assim.

Ninguém me passa para trás. — Por um momento, as duas se fitaram, desafiadoras, e Janey viu que não tinha jeito, que Estella estava com ela na palma da mão, que não havia como desfazer o que tinha feito. Nunca devia ter confiado em Estella; não era o tipo da garota com a qual devia ter feito amizade. Mas Estella era praticamente a única pessoa que ela conhecia em Paris, e agora que tinha dado para o Rasheed, parecia que o incidente iria uni-las pelo resto da vida. Nunca mais ia poder escapar dela; sua única opção seria continuar fingindo que eram mesmo amigas. E escondendo o tremor que sentia por dentro, ela estendeu o braço com firmeza e apanhou a bolsa ao lado da cama.

Abriu o bolsinho escondido na lateral da bolsa, e tirou uma das notas. Estendeu-a a Estella, que a tirou de seus dedos e dobrou-a com todo o cuidado, metendo-a no sutiã.

— Pode considerar os outros quinhentos dólares como o aluguel do mês que vem, se quiser — disse, tranquilamente.

— Meu Jesus, Estella — gritou Janey. — Nós somos... Estella deu um tapinha amistoso na perna de Janey.

— Se quiser pensar em si mesma dessa forma, Janey, o problema é seu — disse, com calma. — Eu não penso, jamais pensarei. Pelo amor do Deus, seja razoável — acrescentou com bondade.

— Essa porra desses árabes têm tanto dinheiro, por que é que não íamos poder ganhar um pouquinho? Vamos transar com algum homem, mesmo, então, por que não ganhamos alguma coisa com isso? Só porque os homens são uns safados... bom, esse não é nosso problema, é? Além do mais, ele não machucou você, nem nada. Não tirou pedaço de você, tirou? Porque tem montes de caras como ele — com os quais você podia ir para a cama pensando que te amam — e eles iam te tratar exatamente do mesmo jeito. — Ela ficou de pé e espreguiçou-se. — O melhor é que Sayed gostou muito de você. Disse que pode definitivamente vir conosco no iate na semana que vem. Já estive em Saint-Tropez?

Janey sacudiu a cabeça.

— Vai adorar! — exclamou Estella. É o lugar mais divertido do mundo. Se achou a noite passada boa, espero só até chegarmos a La Voile Rouge... — E saiu da sala.

Depois que a outra saiu, Janey ficou parada olhando a porta. Mas não ia para Saint-Tropez com Estella e Sayed mesmo. No dia seguinte ia começar a procurar outro apartamento; ia mentir para a Estella e dizer que o irmão dela viria a Paris no verão e ela teria que se mudar para morar com ele; e quando encontrasse com Estella, ia tratá-la bem, mas manter distância, até tudo ter passado.

Só que, no dia seguinte e no outro houve mais uma rodada de entrevistas deprimentes com possíveis clientes, e na quarta-feira ela quase gritou quando Jacques lhe disse que, muito embora ela tivesse conseguido fazer uma campanha publicitária, se não conseguisse mais trabalho logo, ele teria que mandá-la de volta a Nova York. Por isso, na quinta-feira, quando Estella lhe entregou uma passagem de avião para Nice com o nome dela, Janey estava confusa e exausta demais para recusar.

Escolheu o caminho do menor esforço. O que sempre seguia.

A princípio, Saint-Tropez lhe pareceu tão glamourosa quanto Estella lhe prometera; todo dia "oficialmente" começava às duas da tarde, com um almoço coletivo no restaurante praiano 55 (que se pronunciava Cinquant-Cinq); depois vinha o consumo de infundáveis garrafas de champanhe no La Voile Rouge, onde as mulheres tiravam as blusas e dançavam sobre as mesas; em seguida, uma soneca no iate, seguido de uma exaustiva rodada de festas, que terminavam sempre em uma boate ou outra. Ninguém ia para a cama antes das seis da madrugada, e era subentendido que as mulheres nunca pagavam. A Riviera Francesa era um prazer após o outro, e Janey rapidamente descobriu que não havia nada que desse mais felicidade do que jovens bonitas. Inteligência não era necessária — aliás, até reprovável — e tudo que se exigia era uma sofisticação superficial, facilmente obtida vestindo-se roupas de grife, e a disposição de achar tudo e todos divertidos, fingir que não se viam as indiscrições (ou fazer comentários espirituosos sobre elas) e jamais revelar a ninguém o que se sentia de verdade.

Só que, após alguns dias no iate de Sayed com Estella e vários outros depravados, Janey começou a ver que havia níveis mais elevados aos quais aspirar. Embora Sayed fosse considerado rico, ele e seus amiguinhos farristas certamente não eram os mais abastados, e para todo lugar onde olhasse, ela via pessoas mais elegantes e sofisticadas, e começou a se perguntar se perguntar se haveria algum jeito de subir mais um ou dois degraus na escala.

No sábado do segundo fim de semana, o imenso iate aportou em Saint-Tropez por volta do meio-dia, Janey e Estella se encontravam sentada na coberta do iate de Sayed, sem a parte de cima do biquíni, tomando banho de sol; a princípio, estavam concentradas demais na sua conversa para notar. Estella pintava as unhas do pé com esmalte e, a cada pincelada, demonstrava mais irritação: Janey — disse, enfezada — estava "fazendo merda".

Janey sabia qual era o problema: desde aquela noite em Paris, havia mantido pelo menos uma das suas promessas — tinha se recusado a voltar a cheirar cocaína. Ao fazer isso, porém, tinha se transformado em uma estranha, e o clima no barco estava ficando pesado.

— Por que não pode tentar ser um pouco mais... flexível? — perguntou Estella.

Flexível significava que Janey precisava dar para os amigos do Sayed.

— Se eu tiver que cheirar só para trepar com alguém, não trepo — disse Janey, obstinada.

— Mas que coisa mais ridícula — disse Estella. — Não tem motivo algum para transar se não estiver doidona. Senão, é um porre total. Além do mais — acrescentou ela —, já trepou com o Rasheed, mesmo...

— Mas aquilo foi outra coisa — replicou Janey. Não sabia bem em que era diferente, mas gostou da frase quando a disse.

— Não sei por que resolvi te ajudar — disse Estella, zangada, empurrando o pincel para dentro do vidro de esmalte e fechando a tampa. — Só te digo que, se não começar a melhorar logo, não vou mais poder te dar essa força. Os homens se cansam de pagar por mulheres que não mostram serviço, e, francamente, não acho que eles estejam errados.

Janey olhou para suas unhas das mãos e franziu o cenho. Não é que não quisesse mostrar serviço, mas é que os amigos do Sayed simplesmente não lhe pareciam estar à sua altura.

— E então? — insistiu Estella, tentando obrigá-la a se decidir, enquanto contraía e distendia os artelhos.

— Eu... — começou Janey, mas nesse momento foi interrompida pelo longo e baixo som de uma trombeta solene.

Estella imediatamente deu um pulo e correu para a amurada. O imenso iate branco atracava vagarosamente a três píeres de distância do deles — tinha lanchas e jet skis na parte traseira, e um helicóptero em cima, e era tão gigantesco que fazia o "iate" do 90 pés de Sayed parecer um barco a remo.

— É o iate do Rasheed — disse Estella, os olhos semicerrando-se em concentração. — Vou dizer ao Sayed para ir até lá e lhe dizer que estamos aqui.

Estella sumiu, descendo um lance estreito de escadas, e Janey recostou-se nas almofadas do tombadilho. Fechou os olhos, mas seu corpo inteiro formigava de excitação. Tinha a sensação de que algo estava para acontecer — de que Rasheed ia escolhê-la como sua preferida. E batata, dali a meia hora, Estella reapareceu no tombadilho com um envelope na mão. Não parecia nada satisfeita ao entregar o envelope a Janey com um tenso "Toma",

— O que é? — perguntou Janey, na maior inocência,

— Sabe o que é — disse Estella, lançando-lhe um olhar fulminante. Sentou-se de pernas cruzadas ao lado de Janey.

O envelope era quase tão pesado quanto papelão e Janey tratou de abrir a aba com cuidado tirando um cartão para recados. Nele se via gravada uma réplica dourada do iate, com o nome Mamouda sob ele, e quando Janey leu o recado, sentiu um alívio imenso. Estava praticamente dura; em troca de um breve encontro sexual, poderia ao menos comprar sua passagem de volta a Paris e sobreviver mais um mês.

— O que diz aí? — xeretou Estella, tentando ler o cartão sobre o ombro da amiga.

Janey meteu o cartão no envelope outra vez.

— É do Rasheed — ele quer que eu vá almoçar com ele no iate hoje, às duas da tarde.

— Vai perder o almoço no Cinquant-Cinq, então.

— Acho que vou — disse Janey.

— Bom, mas vê se não se esquece, hein? Seja lá o que for que ele te pagar, 500 são meus — advertiu Estella.

— Certo — disse Janey, sarcasticamente. Não tinha a menor intenção de dar a Estella um centavo sequer do seu dinheiro, e dessa vez, pensou, ia tratar de garantir que ela não recebesse nada.

Janey previu que o uso da palavra "almoço" por parte de Rasheed era um eufemismo para "sexo". Mas ao entrar no iate dele, imediatamente percebeu que o termo tinha sido empregado ao pé da letra. No tombadilho, uma imensa mesa de teca se encontrava posta com toalhas e guardanapos de pano, copos de cristal e talheres de praia; uma moça muito bonita, loura, de luvas brancas, passava uma bandeja de prata com caviar, ao passo que um rapaz louro simpático vestido com uma camisa branca e calças de brim servia champanhe rose e preparava coquetéis. Havia várias pessoas de pé ou sentadas rigidamente nas banquetas sobre o convés, e o clima era de uma elegância desesperadamente estudada, como se aqueles adultos fossem na realidade crianças que estivessem brincando de chá. O único que parecia imune àquilo era Rasheed, que se adiantou assim que viu Janey e lhe apertou a mão formalmente.

— Srta. Wilcox — cumprimentou, com um aceno de cabeça. — Estou feliz por ter vindo.

— Obrigada pelo convite — respondeu ela, espiando de relance sobre o ombro de Rasheed um homem gordo de meia-idade que havia seguido Rasheed pelo tombadilho. O homem tinha um papo bronzeado sob o queixo, que sobressaía do colarinho de uma camisa de mangas curtas xadrez, e quando avançou, lançou um olhar guloso a Janey. Com um sorriso levemente malicioso nos lábios, Rasheed virou-se e os apresentou.

— Este é o Sr. Dougrey. É do seu país, creio.

— Paul Dougrey — apresentou-se o homem, estendendo a mão rechonchuda. Tinha olhos azuis pálidos, e cabelos louros acinzentados penteados sobre o alto da cabeça partindo logo acima da orelha, e apesar de suas óbvias deficiências físicas, Janey logo viu que ele a considerava muito atraente.

— Então, você é americana — perguntou, e sem esperar resposta, continuou: — Sempre é fantástico conhecer outro americano. Tem franceses demais na França. — Enquanto ele ria com vontade da sua própria piada, um homem alto e incrivelmente lindo, com cabelos louros platinados pelo sol aproximou-se de Rasheed e sussurrou algo ao seu ouvido. Rasheed concordou com a cabeça e virou-se.

— Dêem-me licença um momento, sim? — disse. — Vou deixar os dois americanos debatendo o meio-oeste, que considero fascinante — o depois desapareceu no interior do iate.

— Então, é do meio-oeste? — perguntou Paul.

— Não, de Massachusetts — respondeu Janey.

— Sou de Indianápolis. Minha noiva insistiu para fazermos uma viagem à França, garantiu que todos estavam vindo para cá — disse ele, indicando uma mulher de corpo modelado pela aeróbica, de seus trinta e tantos anos, sentada rigidamente ao lado de uma mulher morena e de Justin Marinelli — o mesmo homem que ela conhecera na suíte de Rasheed. Ele riu. — Imaginei que seria uma boa hora de matar dois pássaros com uma pedrada só — disse. — Ela se integra na sociedade e eu fecho uns contratos com o Sr. Al...

Janey concordou, morta de vontade de se livrar do homem. Só estava na Europa há seis meses, mas já percebia, surpresa, a sutil transformação que isso devia ter produzido nela, pois subitamente entendia a tendência dos europeus de considerar os americanos barulhentos e grosseiros. Deu um passo para o lado, mas Paul se interpôs no seu caminho.

— E você, o que está fazendo aqui? — quis saber ele, com um sorriso falso, expondo dentes grandes e amarelados que lembraram a Janey os de um cão de caça golden retriever.

— Sou... modelo.

Ele se aproximou dela com um sorriso safado e disse:

— Bom, como você é americana e tem um trabalho lucrativo, talvez possa explicar qual é a dessa gente aqui.

— Qual é? — perguntou Janey, alarmada.

— Claro — respondeu Paul, aos sussurros. — Essas mocinhas aqui — disse, olhando de relance para três lindas mulheres com cara de entediadas que se encontravam juntas em um banco, bebendo champanhe silenciosamente. — Elas são... será que pode me dizer? — indagou, fazendo um gesto com a mão.

Janey recuou.

— Não faço a menor idéia — respondeu, empertigada. — Eu só estive com o Rasheed uma vez antes, e ele me convidou para almoçar...

— Bom, tem uns boatos circulando por aí. E duvido que uma dessas moças saiba inglês, e se sabem, não querem falar...

— E qual é o seu ramo de negócios? — indagou Janey, depressa.

— Munições — disse ele, cruzando os braços sobre o peito. — Rasheed e eu vamos fechar um contrato. Tenho uma empresa que faz cápsulas de bala. E o Rasheed, bem, apesar de todos esses iates maravilhosos e tudo o mais, não passa de um traficante de armas sofisticado...

Por dentro, Janey levou um susto, mas felizmente a atenção de Paul subitamente se desviou para a chegada de um famoso ator de cinema de seus sessenta anos, acompanhado de sua esposa famosa por sua elegância com um turbante de seda azul. Rasheed surgiu do nada inesperadamente e cumprimentou-os com um entusiasmo contido, quando Paul chegou perto de Janey para dizer:

— O homem tem influência, a gente precisa admitir isso. Embora eu saiba que Kim esperava conhecer algum tipo de nobre europeu...

Janey lhe deu um sorriso rápido e tratou de ir para o outro lado do tombadilho sem chamar a atenção. Debruçou-se na amurada, contemplando a vista agora já familiar do porto de Saint-

Tropez, com seus edifícios amarelos decorativos e a fileira de toldos azuis que sombreavam os cafés baratos. Embora o espetáculo exótico nunca deixasse de encantá-la, lembrando-lhe de que, apesar dos sofrimentos das últimas duas semanas, ela ainda havia conseguido chegar a algum lugar, dessa vez olhar o porto movimentado foi uma mera desculpa para observar discretamente os outros convidados.

As três “modelos” eram obviamente mulheres que o Rasheed tinha comido também e, apesar de seus óbvios encantos, eram de pouco interesse para qualquer pessoa. Janey imediatamente viu que não eram páreo para ela, mas mesmo assim serviam de advertência quanto à forma pela qual podia vir a ser tratada. Embora ela estivesse determinada a tirar dinheiro do Rasheed – sob a forma de presentes, lembrou-se a si mesma – não tinha a menor intenção de virar um desses corpos sem rosto que preenchiem espaços em uma mesa de almoço e trepavam por encomenda, e, pela primeira vez, consolou-se com o fato de que era americana e do que isso podia significar. Seus olhos procuraram Kim, a noiva de Paul; os dois agora estavam entretidos em uma conversa com o ator e sua esposa, as expressões faciais e os gestos revelando a animação exacerbada que as pessoas comuns sentem quando subitamente se vêem diante de uma pessoa famosa. Janey sentia antipatia por Kim logo de cara, porque tudo nela era cafona – desde as luzes com raízes escuras no cabelo, até as roupas, caras porém mal escolhidas – só que agora, observando Kim envolver o ator de cinema com a intimidade presumível tão fácil com nos americanos, Janey sentia uma certa simpatia por ela. Kim, que tinha seus 35 anos ou mais, não passava daquilo que parecia ser: uma mulher tentando melhorar de vida – e se isso significava ter que aturar o Paul, paciência, sobretudo porque provavelmente o amava de verdade.

Não, ela não tinha nada a temer de Kim, mas não se podia dizer o mesmo da linda morena que, segundo Janey presumiu, era esposa de Justin. Janey reconheceu seu comportamento desdenhoso como sinal de alguém nascido em uma boa e respeitável família francesa, que provavelmente possuía um título aristocrático antigo... E não pôde deixar de se divertir com o fato de que mal poderia tolerar encontrar-se em um iate com o que sem dúvida considerava companhia questionável. Seus cabelos pretos estavam presos em um coque austero, como se a severidade do penteado a protegesse de qualquer indecência que pudesse ocorrer, ao passo que Justin, de pé ao lado dela, conversava aos cochichos. Sua expressão séria revelava a frustração de um homem que se acostumou ao fato de que jamais conseguiria agradar a mulher, embora a amasse, e enquanto os observava, Janey sentiu de repente um nervosismo incômodo quanto à sua própria situação.

Deu as costas a todos por um momento, e viu, no imenso passadiço de teca, de trinta metros de comprimento, duas figuras de blusão branco deslizarem por uma porta corrediça, tão invisíveis quanto se fossem fantasmas, mas seus olhos se voltaram para Justin e a esposa. Sua cabeça estava virada para longe dele, enquanto ela mordida delicadamente uma torrada, sobre a qual se via uma pasta de minúsculas ovas pretas; embora a companhia talvez não estivesse à sua altura, ela não rejeitava o caviar do anfitrião. Justin franziu o cenho para a esposa, advertindo-a, e depois, obviamente exasperado, desviou os olhos e encontrou o olhar de Janey. Por algum motivo, ela corou, mas sustentou o olhar dele. Seus olhos estavam tão curiosos quanto os dele, e com uma cara de culpado, ele voltou a falar com a mulher, enquanto Janey fingia estar muito interessada em um tripulante que esfregava o tombadilho do iate ao lado.

Quando ela voltou ao grupo, viu Justin indo até Kim e o ator de cinema e a esposa. Seus modos

eram desenhados e confiantes; tinha o ar americano decidido de um jovem que viaja para toda parte, combinado com a paixão pela vida dos europeus. Janey logo percebeu que ele era exatamente o tipo de homem com quem uma moça poderia casar. Mas viu também, com uma ponta de raiva, que era exatamente o tipo de homem que não se casaria com uma moça como ela. As mesmas ambições que haviam atraído Janey para o iate de Rasheed também o moviam; a diferença era que a ambição dela provinha do desespero, ao passo que a dele lhe cabia de direito. Ela era, segundo percebeu, comum e ordinária demais para levar um homem como Justin a se casar com ela. E embora ela obviamente houvesse aspirado a um casamento que pudesse elevá-lo socialmente, por mais censurável que isso pudesse ser considerado, havia conseguido se sair bem. Com um certo desânimo, ela reconheceu que, por mais que falassem, o mundo era dos homens, e as regras eram feitas de forma a permitir que eles levassem o que quisessem, enquanto mulheres permaneciam indefinidamente em compasso de espera, alimentando esperanças ou abrindo caminho o melhor que podiam...

Em desespero, procurou Rasheed com o olhar, e viu que ele conversava baixinho com Paul e dois árabes, obviamente seus capangas. Ela não entendia porque fora convidada para aquele almoço, a menos que fosse para equilibrar o número de homens e mulheres. Rasheed nem ligava para ela; e duvidando que eles fossem transar sentiu de repente uma tremenda falta dos dois ou três mil que podia ter lucrado. Olhando em torno, para avaliar os outros convidados, sentiu-se mais sozinha do que em várias semanas. Sua solidão era como uma mortalha branca e transparente separando-a do mundo, e por um instante, sentiu-se como se tivesse se tornado invisível e ao mesmo tempo consciente de que cada pequeno gesto que fazia estava sendo enormemente ampliado e destacado. Jogou os cabelos sobre os ombros, desejando que tivesse aceitado os conselhos de Estella e começado a fumar – pelo menos assim teria algo a fazer com as mãos. E aí, com um alívio imenso, olhou para cima e viu o jovem bonito de pé ao seu lado.

- Parece que está precisando de um drinque, moça – disse ele, com uma alegria fácil em contraste direto com o constrangimento dela. Seu sotaque não era exatamente britânico, quando ele disse: - Não lhe ofereceram champanhe ainda?

- Eu... eu não sei – respondeu ela, indecisa, imediatamente percebendo como sua resposta tinha sido idiota.

Mas ele pareceu entender ao pé da letra.

- Como não está com um copo na mão, presumo que não – disse ele, e com um olhar incisivo chamou um dos garçons de jaqueta branca até perto deles. Dentro de alguns instantes, Janey já provava uma taça de champanhe, aliviada, olhando-o com seus grandes olhos azuis. – Não vai beber também? – perguntou.

- Não posso – respondeu ele. – Estou trabalhando.

- Trabalhando? – repetiu ela.

- Acredite se quiser, sou capitão deste iate – disse ele, inclinando-se com uma piscadela brincalhona. – Ian Carmichael – apresentou-se, estendendo a mão.

- Janey Wilcox – disse ela.

- E o que traz Janey Wilcox, jovem americana obviamente simpática, ao Mamouda? – indagou ele. Estava sorrindo, mas havia em seus olhos uma seriedade que indicava bondade em seu coração, e com uma honestidade ditada pelo desespero, Janey gritou:

- Não faço a menor idéia!

Ele a olhou de um jeito engraçado, como se avaliando a realidade de seu desespero. Inclinando-se para ela, disse, em tom conspirador:

- Ninguém sabe bem por que está neste iate, a não ser o Sr. Rasheed. Ele sabe de tudo, e eles – indicou os convidados – nada sabem. Mas creio que eles considerem tudo interessante o suficiente para fazerem o jogo dele. – Fez uma pausa, por um segundo, e depois, voltando ao tom brincalhão, perguntou: - Conhece Robert Russell?

- O ator? – perguntou Janey, sacudindo a cabeça. – Não. Eu não conheço ninguém famoso.

- Ele é muito simpático, e a esposa dele também. Por que não se apresenta a eles?

- Não posso!

- Ah, mas devia – insistiu ele. – Não pode passar a tarde inteira conversando comigo, por mais que eu esteja apreciando nosso papo.

Ela olhou bem dentro dos olhos dele. Será que estava lhe fazendo uma advertência, ou meramente lhe dando um conselho de amigo? Sentiu uma onda de atração sexual e se perguntou se ele também se sentia atraído por ela, mas os olhos do capitão estavam tão tranquilos quanto as águas azuis da enseada. E quando ela se afastou dele e se dirigiu para os outros convidados, teve a desconcertante sensação de que saía da realidade e entrava em um cenário de cinema.

Observando-a andar, Robert Russell gritou:

- Ei, a senhorita aí! – o que, Janey achou, talvez fosse motivado por seu desejo de livrar-se da companhia de Kim, logo, ela já estava aconchegada no grupinho, e algum tempo depois, Zara a esposa de Robert, tão encantadora quanto diziam, prometia lhe dar por escrito o nome da loja onde comprara o turbante...

O almoço em si parecia consistir de duas festas separadas. A ponta da mesa onde estavam Rasheed, seus asseclas, os modelos e Paul, e a ponta de Janey, da qual faziam parte Russell e Zara, Kim, Justin e esposa, que se chamava Chantal. A refeição se baseou em cinco pratos, com uma quantidade prodigiosa de vinho e utensílios de prata, e assim que Janey sentou-se à mesa, lembrou-se de que, embora tivesse sido criada sem dar atenção ao desenvolvimento de cérebro ou sem desenvolver qualquer habilidade profissional que pudesse ajudá-la a ganhar a vida, conhecia bons modos – pelo menos a ponto de saber qual garfo usar. Essa minúscula parcela de conhecimento, juntamente com o champanhe bebido, lhe deu confiança para seguir adiante em uma situação para a qual encontrava-se socialmente despreparada, e ela começou a descontraí-la quando viu Kim usar o garfo de salada para o primeiro prato de truta defumada, e captou a expressão de desprezo de Chantal. Mas Chantal, Kim e Zara possuíam algo em comum, o fato de que todas tinham filhos; e Chantal, embora só tivesse 23 anos, acabara de ter um bebê. Pareceu a Janey que, na sociedade educada, só devia haver dois tipos de mulheres, as que tinham filhos e as que não tinham, e nenhuma mulher podia odiar outra que tivesse experimentado os mistérios do parto.

Aliás, quando Kim lhe perguntou sobre o parto (antes sequer de o primeiro prato ter acabado de ser consumido), Chantal sacudiu a cabeça e olhou para baixo, consternada.

- Nenhum homem pode entender, não interessa o que digam – murmurou ela, olhando para Justin, de um jeito ressentido. Janey perguntou-se se essa seria a razão do ódio de Chantal pelo marido, ou se era meramente seu costumeiro rosário de reclamações. E então a conversa misteriosamente passou a ser sobre cortinas – especificamente as de 20 mil dólares que Kim estava pensando em comprar para o novo apartamento dela e de Paul em Nova York.

Durante todo esse tempo, Janey fazia expressões faciais apropriadas, e concordava com murmúrios, mas sua cabeça girava. Como era possível que houvesse tanto dinheiro no mundo – o suficiente para se gastar 20 mil nas cortinas de uma janela? Na cidade em que havia crescido, todos jogavam tênis ou golfe, mas também recortavam cupons e compravam bife quando custava três dólares por quilo, em vez de seis. Ela era uma intrusa naquele mundo, e, ao mesmo tempo, não lhe parecia impossível estar ali. Estudando Chantal, resolveu que certamente era tão atraente quanto ela, Janey, e que era possível aprender a ser elegante. Quase inconscientemente, começou a imitar a forma como Chantal erguia o garfo e como limpava delicadamente os cantos da boca com o guardanapo.

Justin estava sentado à direita de Janey. Ela sentia que havia algo entre os dois, embora ele parecesse estar fazendo tudo para ignorá-la. O fato de ele ser casado com Chantal lhe aguçava o interesse, e ela ficou se perguntando o que seria preciso para despertar a vontade de levá-la para a cama. Não era impulsionada pela maldade, mas pelo simples desejo da juventude de se aventurar e ver até que ponto se pode ir. Com um sorrisinho, virou-se para Justin e perguntou:

- Você também tem iate?

Ele lançou-lhe um olhar espantado, como se não soubesse se ela estava brincando ou não.

- Não – respondeu. – A família de Chantal tem uma mansão em Mougins.

Ele olhou de relance para a ponta da mesa onde Rasheed estava profundamente entretido na conversa com Paul e um dos árabes, e Janey, observando-lhe o olhar, disse:

- Trabalha para o Rasheed?

- Sou consultor de investimentos.

- Entendo – disse Janey, fazendo sinal positivo com a cabeça. Não sabia onde era Mougins nem o que era um consultor de investimentos, mas resolveu que isso não importava. Era uma tábula rasa precisando de conhecimento, sobre a qual qualquer coisa podia ser gravada e lembrada, e ela começou a lhe fazer perguntas sobre sua profissão. Tinha surpreendentemente pouca experiência com homens, mas quase imediatamente Justin se entusiasmou e começou a falar, e alguma parte do cérebro dela registrou que era assim que se conseguia prender a atenção de um homem.

Quando terminou o prato principal, todos na sua ponta da mesa estavam bastante embriagados, e Robert contava piadas sujas. Janey havia descoberto que Justin era de Buffalo – “Buffalo!”, exclamara ela. “Não é muito glamouroso!” – e que ele era o sócio mais novo da sua firma, tendo sido aprovado para estudar em Yale. Seu joelho roçou no dele, por acaso, e quando ela viu que ele não afastou a perna, fez mais pressão. Sentiu o calor e a confusão do desejo sexual dele, e tal como havia feito depois do encontro com Rasheed, uma vez mais se embriagou com o poder que possuía de atrair os homens – era quase uma droga.

Enquanto serviam uma enorme tigela de framboesas, Ian surgiu ao lado dela. Inclinou-se e sussurrou que havia um telefonema para ela, pedindo-lhe para segui-lo; Janey olhou para ele, bêbada e confusa. Mas quando ia protestar, um olhar dele a silenciou. Ela olhou de relance para Rasheed e viu os olhos dele percorrerem-na rapidamente da cabeça aos pés, como uma cobra. Depois ele lhe fez um breve sinal com a cabeça.

Ela ficou de pé, apoiando-se no encosto da cadeira. Será que ia ser agora, afinal? Se fosse, ela se sentia preparada – ia dar para o Rasheed e depois voltar para a mesa sem ninguém saber, e com três milzinhos no bolso, e ficou boba de ver que se sentia como quem está prestes a sair impune

de uma situação e não de cometer um crime ridículo. Seguiu Ian até um salão mobiliado com longos sofás e mesas de centro; havia um bar dourado em uma das extremidades, e uma pista de dança com pista de parquê, completa, inclusive com uma esfera daquelas cheias de espelhos no teto.

- Ian – murmurou ela, dando risadinhas –, quem ia me telefonar?

- Eu não faço perguntas. Não é meu departamento – respondeu ele, parecendo ligeiramente constrangido.

Mas em vez de levá-la para um quarto, ele a levou por um corredor e desceu uma escada em espiral, entrando em um aposento que era claramente algum tipo de escritório. Pediu licença e fechou a porta.

Sentado atrás de uma escrivaninha francesa rebuscada estava um dos árabes que ela vira no almoço. Ele fez sinal para que ela se sentasse.

- O Sr. Rasheed diz que a senhorita o agrada – começou. – Gostaria de convidá-la para ser hóspede dele em seu iate.

Janey ficou chocada – essa era a última coisa que esperava, embora tivesse ouvido dizer que Rasheed levava garotas em seu iate e também lhes pagava. Mas certamente não podia imaginar que ele estava tão interessado assim; ora, ele nem tinha lhe dado a menor atenção no almoço. Soltando uma risada, ela perguntou:

- Mas por quê?

- Não me cabe dizer – murmurou o árabe. – Mas ele lhe oferece dez mil dólares por semana.

Janey quase soltou uma risada escandalosa. A situação era tão ridícula que chegava a ser absurda. Como é que ela fora parar no iate de um árabe riquíssimo, recebendo uma oferta de dez mil dólares por semana para transar com ele? Era uma coisa tão doida que ela quase pulou da cadeira e saiu correndo da sala. Precisava recusar, é claro, precisava voltar para Paris e tentar encontrar trabalho como modelo, mas aí se lembrou de que não tinha dinheiro para comprar a passagem de volta, e imediatamente começou a fazer cálculos. Ela vivia com mais ou menos dois mil dólares por mês – 10 mil iriam lhe dar pelo menos cinco meses de paz.

Ela podia passar uma semana no iate – e aí retomaria sua vida e talvez até encontrasse um namorado de verdade, alguém como Justin.

- Concorda? – indagou o árabe.

- Sim, claro – respondeu Janey, sentindo-se ousada, por causa do vinho que bebera no almoço.

- Muito bem – disse o homem. – Então assine aqui. – Entregou uma folha de papel. – Não é nada. Só um acordo de confidencialidade. Vai concordar em não divulgar para a imprensa nenhuma informação sobre o Sr. Rasheed. Vai concordar em nunca escrever sobre ele. Se fizer isso...

- Que vai acontecer? Vão mandar me matar? – perguntou Janey.

Um súbito arrepio de medo havia inspirado a moça a tentar fazer um gracejo, mas o homem nada respondeu, cravando nela aqueles olhos negros.

Num segundo, ela tomou a decisão. Os dez mil dólares eram tentação demais, além disso, ela não podia imaginar um dia em que viesse a estar em posição de falar com a imprensa, muito menos escrever sobre Rasheed. Aceitando uma caneta de prata das mãos do árabe, assinou seu nome com uma caligrafia caprichada de colegial.

Sentando-se de novo na cadeira, tentou fazer um novo gracejo.

- Então? – perguntou ela. – Quando começo?

- Agora mesmo, Srta Wilcox.
- Então é melhor ir buscar minhas coisas.
- Não há necessidade. Temos gente aqui para isso.
- Mas... Tenho que me despedir dos meus amigos. Preciso lhes dizer para onde estou indo - explicou, cada vez mais apavorada.

O árabe sorriu para ela friamente e encostou as pontas dos dedos de uma das mãos nas pontas dos dedos da outra, formando uma tenda.

- Infelizmente, não temos tempo para isso – avisou.

Então ela se sentiu como se seu coração fosse subitamente apertado por uma garra gigantesca, quando ele acrescentou:

- Partimos para as ilhas turcas daqui a meia hora.

O CAUSTICANTE SOL BRANCO incidia impiedosamente nos edifícios multicoloridos que se alinhavam ao longo da pequena enseada. Já eram três da tarde, e faziam pelo menos 35 graus, porém nem o sol ardente nem o calor evitaram que o pequeno, porém obstinado, grupo de turistas se aproximasse, pela rua estreita calçada de seixos, que ia de uma ponta à outra da marina. Aninhado em uma concavidade na lateral de um morro no fim dessa rua, encontrava-se um bar com mesas na calçada, sombreado por um telhadinho precário de madeira, onde, em uma dessas mesas, Janey Wilcox estava sentada, bebendo uma Coca e se abanando com um exemplar antigo da revista *Time*.

A menos de um metro dela, um gato alaranjado e amarelo estava sentado sobre uma pilha de achas de lenha, fitando-a com seus enormes olhos esverdeados. Tinha uma das orelhas rasgada e um arranhão sobre um dos olhos, e quando viu que ela não ia pedir comida e lhe dar de comer, começou a lamber a pata e a lavar vagarosamente a cara. Janey olhou o gato irritada, enquanto bebia sua Coca do canudinho. Aquele lugar estava infestado de gatos; assim que a pessoas se sentava em uma cadeira qualquer, eles a cercavam, chagando a ter a ousadia de ocupar uma cadeira vazia da mesa do freguês.

Janey suspirou e apoiou a cabeça na mão, contemplando o porto. Achava-o de certo modo bonito, mas esse era o terceiro dia que passavam ancorados ao largo do cais, e aquele cenário já estava cansando sua beleza. As outras moças não entendiam por que precisavam passar três dias ali, mas não tinham cabeça para deduzir, mesmo depois da manhã em que, após ancorarem na baía de uma ilha distante e aparentemente desabitada, haviam recebido ordens para ficarem em seus camarotes com as cortinas fechadas.

Naturalmente, tinham obedecido, mas Janey não, de pé sobre a cama, ergueu cautelosamente uma pontinha da cortina, espreitando o lado de fora. Viu três soldados com fardas camufladas portando metralhadoras, descendo um morro pedregoso até o iate. Depois deixou-se cair na cama, cobrindo a boca com a mão e fazendo força para não gritar. Desde aquela primeira tarde, quando ela voltou ao tombadilho e não encontrou mais nenhum convidado – com exceção das três jovens – e viu a tripulação correndo para lá e para cá, recolhendo as âncoras, Janey havia se convencido de que estava para ser vendida como escrava branca. E durante as três horas seguintes, encolhida no seu camarim – que era mais ou menos mil vezes melhor que o camarote dela no iate de Sayed, até com banheira de mármore no banheiro, e quase todo tipo de xampu, sabonete e loção hidratante que se pode imaginar – continuou convencida de que ia ser vendida como escrava.

O almoço e a oferta de dez mil dólares foram apenas um estratagema para convencê-la a entrar no iate e depois vendê-la, pensou ela, gemendo na cama, em posição fetal. Afinal de contas, Rasheed era traficante de armas – Paul lhe dissera pessoalmente – e se estivesse vendendo armas clandestinamente, talvez estivesse vendendo moças também. Como se não bastasse, ninguém no mundo inteiro sabia que ela se encontrava no iate de Rasheed, a não ser Estella – e Estella não era exatamente o tipo de pessoa que ia mandar alguém resgatá-la.

Naturalmente, nada disso havia lhe acontecido – ainda, pensou Janey, contemplando a água rasa

da enseada. Do outro lado, crianças brincavam em uma praia de areia suja, e atrás delas, dois operários davam marteladas preguiçosas em uma tábua sobre um cavalete. Mas ver os soldados, assim logo de cara, dera a Janey a impressão de que ela estava certa o tempo todo – e que tudo finalmente fazia sentido: em que outro lugar eles teriam ousado fechar negócios senão em uma ilha deserta onde ninguém jamais os veria? Ela ia desaparecer tão completamente como se jamais tivesse existido, e só Deus sabia o que iam fazer com ela. Muito bem, decidiu, então iam ter uma pequena surpresa: ela já havia resolvido que só iria com eles morta.

E agora, sentada naquele botequim, sem nada para fazer, ela lembrava daquela vez no seu camarote, analisando suas reações. Era interessante o que o pânico podia fazer com uma pessoa. Durante uns bons dez minutos, ela se sentira tonta e confusa e perdera completamente a noção de onde estava – se não fosse a gravidade, ela nem teria sido capaz de distinguir o lado de cima do de baixo. E aí, por algum motivo bizarro, ela havia entrado na banheira de mármore e se coberto com toalhas. E mesmo tão amedrontada como estava, ainda conseguiu notar que as toalhas eram excepcionalmente espessas e fofas. Tinha até pensado em tomar um banho, mas rejeitou rapidamente essa idéia, porque, se eles viessem buscá-la, não ia facilitar as coisas para eles, estando nua. Finalmente, saiu da banheira, e pensando mais claramente, resolveu que, se eles fossem vendê-la, devia se preparar caso tivesse uma chance de fugir. Vestindo um short de brim, começou a encher os bolsos com tudo que podia servir de arma – tesourinha de unha, kit de costura, uma minúscula garrafinha de creme de barbear para viagem. Depois voltou sorrateiramente para a cama e tornou a espreitar pela janela.

Rasheed estava na praia, falando com os três homens. Não deu para ver o rosto dele, mas sabia que era ele, porque desde que ele partira do Sul da França, tinha passado a usar o tradicional traje árabe composto de túnica longa branca longa e esvoaçante com óculos escuros de lentes espelhadas. Os dois capangas de Rasheed estavam atrás dele, também com metralhadoras.

Todos gesticulavam muito e, logo em seguida, todos se viraram e seguiram uma picada no mato, sumindo do alcance da visão de Janey.

Ela se deixou cair outra vez na cama e sentiu a tesourinha cutucá-la. Estava bancando a maluca – afinal, era só mais uma venda de armas. Mas Rasheed era esperto. Quando as moças foram chamadas em seus quartos duas horas depois, o salão já estava arrumado como se fosse um espetáculo de inverno, completo, com neve falsa e ramos de madeira pintados de branco com tinta spray, e enfeitados com luzinhas natalinas. No meio da pista de dança havia um imenso bolo de aniversário onde se lia *Bon Anniversaire Irina*. Todos os vinte componentes da tripulação se encontravam dispostos em semicírculo, cantando “Parabéns pra você” para Irina, que era alta e morena, com seios e ancas grandes, e uma cintura milagrosamente fina. Irina, por sua vez, parecia confusa.

- Mas não é meu aniversário – protestou, com um sotaque carregado.

- Sr. Carmichael – disse Rasheed a Ian (nunca chamava ninguém pelo primeiro nome). – É verdade. A Srta. Stepova está dizendo que o aniversário dela não é hoje.

- Eu mesmo verifiquei o passaporte dela, senhor. É hoje, sim – responde Ian, convicto.

- Quem sabe eu errada? – perguntou Irina. E então Rasheed distribuiu a todas braceletes de brilhantes.

- Não era aniversário dela, sabia? – a moça chamada Sallie cochichou depois, quando as quatro se bronzeavam no tombadilho. Era inglesa, e jamais se cansava de recordar a todas que vinha de

uma boa família, com ligações com os membros da realeza, como se fosse a coisa mais natural do mundo ser hóspede no iate do Rasheed.

- Irina...se...enganar?Não? – disse a brasileira chamada Conchita. Mas conseguia falar inglês, e chorava pelo menos uma vez por dia, chamando a sua “mamãe”. Ian disse que ela sairia do iate quando chegassem a Mônaco.

- Janey? – indagou Sallie. Seu sotaque era áspero feito duas peças de metal friccionando-se uma contra a outra, e se Janey soubesse mais sobre os britânicos, teria entendido logo que as alegações da Sallie de que descendia de aristocratas eram inteiramente falsas. Mas só o que sabia era que não conseguia suportá-la. Rolando para ficar de bruços, respondeu na maior naturalidade:

- E daí? Qual é a importância disso?

- Ganha bracelete – disse Irina, sacudindo o pulso no ar.

- Sabe de alguma coisa, não, Janey? – perguntou Sallie, engatinhando até ela. – Deve ter conversado com o Ian a respeito.

- Ian?

- Até parece que não vimos você cercando o cara. Deve estar trepando com ele escondido. Não se esqueça, tem câmeras em todos os camarotes do navio.

- Então é só você assistir a fita.

- O que é fita? – indagou Irina.

Ian! pensou Janey. O som de um helicóptero a trouxe de volta ao presente, e ela fitou a aeronave preta e reluzente de Rasheed quando passou em um vôo rasante sobre a marina, erguendo-se depois no ar e desaparecendo acima da escarpada montanha atrás da cidade. Se Rasheed não estivesse por perto, talvez Ian viesse agora. Ela havia tramado a possibilidade, anunciando no almoço que queria ir até a cidade procurar jornais. Rasheed levantou as sobrancelhas e, com um sorriso tênue, disse: “Srta. Wilcox, não sabia que lia turco. Talvez tenha talentos ocultos que não conhecemos, quem sabe?”

- Ah, sim, Rasheed – respondeu, maliciosa. – Muitos.

- Então conta, Janey – disse Sallie com a boca cheia de peixe. – Está planejando desenvolver uns peitos maiores?

- O que são peitos? – perguntou Irina.

E agora, muito de leve, Janey tinha certeza de que ouvira o som do Lazer. Segurando a revista acima da cabeça para proteger os olhos, um escaler cinzento e aerodinâmico contornou a ponta da marina, pilotado por um homem louro e alto. À distância, a maioria dos tripulantes, que eram australianos ou ingleses, pareciam-se exatamente uns com os outros, mas Ian era mais alto do que todos, e ela teve certeza de que era ele. Seu coração bateu acelerado quando o escaler entrou na marina e passou pelo bar; pulando da cadeira, ela correu para a beira do cais e acenou. Ele mostrou que a tinha visto com um amplo sorriso, e manobrou o escaler até encostar no pier no centro da cidade.

Ela voltou à cadeira, girando nervosa o bracelete de brilhantes no pulso. Como isso tinha acontecido? Estava loucamente apaixonada por Ian – quando não planejava formas de esbarrar nele, passava o tempo tecendo fantasias com ele, fazendo sexo, fugindo do iate para viverem juntos. Porém, nos sete dias que tinha passado no iate, ela não conseguira ficar mais de meio minuto a sós com ele. Mas mesmo nesses trinta segundos fugazes, ela teve a certeza de que ele

era uma pessoa extremamente compreensiva, capaz de enxergar quem ela realmente era. Ele atracou o Lazer e começou a vir na direção dela. Janey se apaixonara por ele, naquela primeira noite no iate, quando, trêmula de medo, tinha encontrado com ele no tombadilho a caminho da mesa do jantar. “Vão nos vender como escravas brancas”, murmurou ela, zangada. Ele ficou tão surpreso com o comentário dela, que riu bem alto. “Já sei o que vou fazer”, disse então. “Se eles fizerem isso, eu protejo você. Juro que darei o lance mais alto.” Depois, tornou a rir, sacudindo a cabeça, incrédulo, e achando muita graça naquilo. O incidente se transformara em piada entre eles – toda vez que Janey o encontrava, dizia: “Espero que esteja economizando”, e então ele respondia: “Estou escondendo no colchão”, e piscava para ela.

Ele estava quase no bar, quando de repente dobrou e entrou em um prédio branco com uma placa de bronze de aparência oficial, a alfândega.

Tomou mais um gole de Coca e tentou obrigar o coração a parar de correr. Ele viria até onde ela estava – precisava vir. Tinha visto Janey, ela era “hóspede” no iate, ele seria obrigado a pelo menos vir cumprimentá-la. Só que imediatamente sua cabeça começou a inventar coisas. Ele a levaria de volta ao iate, e se Rasheed estivesse ausente, talvez ela conseguisse entrar no camarote dele. Sallie tinha dito que havia câmeras em todos os camarotes, mas talvez não nos da tripulação; ela não podia imaginar Ian tolerando uma câmara no seu camarote. Era tão lindo e inteligente...

Quinze minutos depois, ele saiu da alfândega, e com um aceno aproximou-se da mesa dela.

- E então, gostou dos jornais turcos? – indagou.

- Ah, descobri que não consigo ler turco de jeito nenhum – respondeu ela, tranqüila.

- Bom, a boa notícia é que vamos partir para Mônaco esta tarde. Já estive em Mônaco?

- Não, mas talvez Rasheed vá querer me expulsar do iate.

- Acho que está enganada – disse Ian, inclinando a cabeça para um lado. – Ele parece gostar muito de você.

- Provavelmente gosta do modo como jogo pôquer... precisamos voltar para o iate agora?

- Vou deixar você terminar sua Coca – respondeu Ian.

- Então vou terminar bem devagar – disse ela, olhando para ele e sorrindo. Adorava quando ele usava um tom de voz autoritário com ela. Aquilo fazia com que ela se sentisse uma criança à qual prometeram que tudo vai acabar bem. – Por que também não toma uma? – perguntou, bancando a inocente.

- Porque – disse ele, debruçando-se na mesa – não é bom a gente ser vistos juntos.

- Podemos ir lá para os fundos.

- Isso seria ainda pior. Iam pensar que estávamos nos escondendo.

- Estão de olho em nós?

- Mas claro – respondeu ele em um tom que podia ou não ser jocoso. – Está vendo aquele cara ali? – perguntou, indicando um homem robusto com cabeça raspada. – Já o viu antes?

- Nãããão.

- Ele está no iate. É um dos guarda-costas do Rasheed.

- E daí!

- Janey, por favor – suspirou Ian. – Não sabe o que eles fazem com mulheres que cometem adultério no país deles? Elas são jogadas em uma piscina vazia e apedrejadas até morrerem.

Janey deixou escapar um gritinho de susto e olhou horrorizada o homem de cabeça raspada, que

estava ocupado tentando chutar um gato que havia se aproximado demais.

- Não acredito – respondeu ela.

Ele encolheu os ombros.

- Talvez eu tome mesmo uma Coca. – Ele foi até o balcão e voltou com uma garrafa e um copo vazio; sentou-se diante dela, afastando cuidadosamente a cadeira da mesa. – Vamos falar sobre Mônaco – sugeriu.

- Não quero falar de Mônaco.

- Vai adorar – garantiu ele, tomando um gole da Coca no gargalo da garrafa. – Dá para fazer compras fantásticas. Isso sem falar nos cassinos, também.

Janey apoiou os cotovelos na mesa e debruçou-se na direção de Ian.

- Não estou interessada em compras. Não ligo para roupas. Nem quero esse bracelete! – disse ela, sacudindo o pulso.

Seus olhos semicerraram-se quando ele tomou um novo gole da garrafa.

- Todas vocês gostam de roupas. E de dinheiro.

- Ian – murmurou ela, de mansinho. – Eu te amo.

Ela jamais tinha confessado a nenhum homem que o amava, e jamais esperava fazê-lo. Mas a situação era tão irreal que as palavras simplesmente lhe saíram da boca sem que ela pudesse impedir. Foi um alívio pronunciá-las. Se estivessem apaixonados um pelo outro, aquilo tornava a realidade romântica, em vez de sórdida. Aquela viagem não ia passar de um incidente engraçado que contariam aos seus filhos...

Ele desviou o olhar, e quando olhou de novo para ela, perguntou:

- O que está fazendo nesse iate, Janey?

- Não sei...

- Desde o minuto em que a vi, eu me perguntei: “Mas o que diabo essa moça está fazendo aqui?”

Quer dizer, claro que entendo porque a maioria dessas mulheres está nesse iate. Mas você, Janey – disse ele, sacudindo a cabeça. – Não precisa fazer isso. Claro, você é linda. Mas é inteligente.

Tem miolos. Por que não volta para os Estados Unidos e vai ser médica...

- Médica?

- Alguém sabe onde você está?

- Eu já lhe disse: fui praticamente raptada...

- Tem parentes, amigos?

- Claro, minha família...

- A maioria das moças que estão viajando num iate não tem ninguém que se preocupe com elas, nem vão notar que sumiram.

- Ian – disse ela, brincando nervosamente com o bracelete. – O que você está fazendo nesse iate?

- Devia sair desse iate em Mônaco – aconselhou ele. – Vai ser fácil ir embora de lá. Volte para sua família.

- Eu vi o Rasheed fechando um contrato de armamentos.

Ian colocou a garrafa quase vazia de Coca na mesa. Levantou-se devagar.

- Vou fingir que nunca ouvi isso. E você vai fingir que jamais disse isso.

- Ian – murmurou ela. – Se eu deixar o iate em Mônaco, você vem comigo? Podemos ficar juntos?

Ele riu, rompendo a tensão.

- É melhor voltarmos para o iate.

- Fala. Podemos ficar juntos? – insistiu ela. – Sei que é louco por mim. Já percebi como me olha...

- Já, é? – disse ele, com um ar estranho, perplexo. – Então é melhor eu nunca mais olhar você assim de novo.

Mas ela não saiu do iate em Mônaco.

Em vez disso passou a pensar apenas em jogar um jogo perigoso – ser o centro de seu próprio drama – e tola como uma colegial, convenceu-se de que não podia suportar ficar longe de Ian.

Tinha certeza de que ele secretamente estava apaixonado por ela, até porque ele não havia negado, e Janey fazia o possível e o impossível para lhe causar ciúmes. Dia após dia, tinha voltado para o iate carregada de sacos da Dior e Christian Lacroix, procurando chamar a atenção dele onde quer que ele estivesse – no posto dele, no tombadilho.

- O que está fazendo, Janey? – perguntava ele, ao passar por ela.

- Não é tão ruim – respondia ela, dando de ombros.

- Não por fora, talvez, mas nós dois sabemos o que na verdade é isso, não sabemos?

- Estou apaixonada por você, Ian – sussurrava ela, suspirando.

Naturalmente escondia seus verdadeiros sentimentos de Rasheed. Mas isso não era parte do divertimento? Aquela traição a fazia sentir-se viva; aguçava seus sentidos de forma que cada momento parecia uma cena particularmente rica de um filme. Em Monte Carlo, ela se vestia com longos para acompanhar Rasheed ao cassino. Sempre atraía olhares masculinos, homens que a olhavam, tentavam falar com ela, e com a arrogância dos jovens Janey finalmente teve absoluta certeza de que era linda, e agradeceu a Deus por ter sido feita assim, incapaz de imaginar um destino pior do que ser feia.

Até que, certa noite ela teve uma surpresa desagradável.

Estava com Rasheed e um grupo de mulheres na boate Jimmy's. Quando se dirigia ao banheiro, um homem subitamente se aproximou dela e a empurrou contra a parede. Com um bafo de álcool, ele disse, em tom de desprezo: “Você deve ser muito boa de cama para estar com o Rasheed. Já ouvi dizer que ele só pega as melhores...”

Ela o empurrou, enojada, e correu para o toalete. Com a mão trêmula, abriu a bolsa Chanel e tirou seu batom Pussy Pink, aplicando retoques, para se acalmar. Estava chocada; o sul da França vivia cheio de mulheres como ela, lindas, sem meios visíveis de se sustentarem, e, sendo a França, ninguém questionava sua presença. Não podia ser assim óbvio, pensou, olhando de relance para duas moças atraentes claramente americanas. As roupas delas, segundo Janey notou, estavam longe de ser caras como as suas, e pelo rabo do olho ela viu as duas moças observando-a e depois cochichando alguma coisa.

Ela virou-se furiosa, desafiando-as a enfrentarem-na.

- O que é que vocês estão falando aí? – quis saber, agressiva.

- Nada – respondeu uma delas, dando de ombros. Mas quando elas passaram ela ouviu a outra murmurar baixinho “puta”.

Por um momento, não conseguiu respirar. Recuou um passo e mirou-se no espelho, horrorizada. Então era óbvio o que ela havia se tornado. Usava um vestido caro Thierry Mugler, com abotoaduras Chanel de ouro no punho. Tinha pensado que estava elegante, mas agora percebia que seu figurino era o traje típico das prostitutas, e sentiu vontade de rasgar o vestido,

arrancando-o do corpo. Mas então a razão falou mais alto. Belas roupas e jóias eram muito caras, e ela queria cobrir seu corpo de coisas bonitas... E não havia outro jeito de consegui-las sem dar seu corpo e sua beleza em troca. Isso seria tão diferente do que fazia uma mulher como Kim, perguntou-se, com ousadia, que se casara com um rico para poder pagar suas casas e adquirir cortinas de 20 mil dólares? A única real diferença era que ela era casada, e ela não... Voltou para o iate, amuada.

Esbarrou com Ian no salão – ele arrumava tudo para uma festa que sem dúvida ia acontecer ali mais tarde.

- Ai, Ian – choramingou ela. – Um as moças horríveis...

Vendo-lhe o rosto e adivinhando o que havia acontecido, Ian, sacudiu a cabeça.

- Janey, tem um velho ditado que diz: Quem nunca comeu melado, quando come, se lambuza.

E aí, Janey não sabia como, julho virou agosto, e em agosto, tudo desmoronou.

Ela estava em Cannes com Rasheed e outras duas moças (sempre havia outras mulheres entrando e saindo do iate, e Janey tinha aprendido a fazer o máximo para ignorá-las, chegando ao ponto de nem mesmo se lembrar de seus nomes), caminhando pelo bulevar de La Croisette em direção ao restaurante praiano do Carlton. Janey usava um vestido Ungaro sem mangas, com ombreiras bem pronunciadas; seus cabelos estavam presos num coque e ela trazia um pesado colar de pérolas Chanel no pescoço. O grupo conversava sobre uma festa a que tinham comparecido na noite anterior, em uma mansão americana de gente abastada, quando de repente ela sentiu alguém lhe agarrar o braço e uma voz masculina perturbadoramente familiar gritar:

- Janey?

Ela parou, e então, quase em câmera lenta, o resto do grupinho também se deteve e se virou, olhando curioso o jovem barbado de bermuda cáqui e sandálias Birkenstock rústicas, com uma mochila pesada pendurada nos ombros.

Era seu irmão, Pete.

Uma moça bonita de cabelos pretos e longos e uma incrível semelhança com Ali McGraw olhava tudo boquiaberta, a alguns metros de distância. Era Ana, a namorada de Pete. Eles estavam juntos desde o secundário e continuaram namorando também na faculdade. Ela avançou um passo.

- Janey? – perguntou.

Pete olhou de Janey para as moças, e depois para Rasheed. Uma expressão de repulsa e choque surgiu em seu rosto, enquanto seus dedos pressionavam o braço de Janey ainda mais forte:

- Mas que diabo está fazendo...? – berrava ele.

Uma chuva branda começara a cair de mansinho sobre a Place Vendôme. Janey olhou para cima; devia ir embora, procurar um táxi e encontrar-se com Mimi na Dior. A chuva ia lhe arruinar os cabelos e as roupas caras. Mimi devia estar se perguntando o que acontecera com Janey. Mas ela não se importava. O sofrimento de recordar tudo aquilo fazia-a sentir-se como se estivesse cheia de cacos de vidro por dentro, e a chuva leve e fria quase a aliviava.

Tinha levado dois dias para conseguir sair do iate. Ian lhe dissera que era melhor esperar, deixar o próprio Rasheed dar a idéia. Segundo os costumes, a iniciativa teria que partir dele; além disso, ela queria o pagamento.

Finalmente, na terceira manhã, ela voltou a ser chamada no escritório. Exatamente como antes,

o árabe se encontrava sentado atrás da mesa.

- O Sr. Rasheed deseja lhe agradecer por sua companhia, mas agora acha melhor a senhorita ir embora. Vai encontrar suas malas já prontas esperando-a no fim da prancha de desembarque. Um carro irá levá-la para onde quiser ir. – E então lhe entregou um pequeno estojo, de laterais rígidas, da Louis Vuitton. – O Sr. Rasheed deseja que leve isso como um sinal de sua gratidão. Recomendamos que parta imediatamente.

Ela saiu do escritório com o cofre nas mãos. Passou pelo salão e saiu no tombadilho, onde tinha comparecido àquele primeiro almoço fatídico seis semanas antes. Viu suas malas empilhadas com todo o cuidado ao lado do porta-malas de uma Mercedes preta com vidro fumê; o motorista, outro árabe, se encontrava de pé ao lado do carro. Ela olhou em torno, desesperada, procurando Ian. Ela precisava saber que ela ia embora! Será que ia deixá-la partir sem nem ao menos se despedir?

Quando chegou à prancha de desembarque, esperou um instante. O sol de agosto já estava insuportavelmente quente, e por um momento, ela se sentiu tonta. E de repente ele surgiu ao seu lado, dando-lhe o braço, delicadamente.

- Precisa de ajuda, Srta. Wilcox? – perguntou.

- E como! – gritou ela, olhando-os nos olhos, significativamente.

- Tome cuidado – recomendou ele, olhando de relance o árabe.

Ela queria dizer-lhe tantas coisas, mas não tinha tempo. Sentiu as lágrimas brotarem em seus olhos e subitamente sentiu-se exausta. Como se cansara tanto? – Ian... – disse.

- Ainda bem que está indo embora, Janey. Já era tempo.

Eles chegaram ao fim da prancha e pisaram no cais de cimento.

- Todas as suas malas estão aí? – perguntou ele, em um tom de voz oficial. Janey olhou sua bagagem, confusa. Ela não fazia idéia... ao todo, havia quatro malas Louis Vuitton, empilhadas uma sobre a outra, como a bagagem de alguma famosa atriz de cinema.

Ela pensou que fosse chorar de novo, então abriu a bolsa e tirou os óculos escuros. O árabe pôs a bagagem no porta-malas.

- Ian...

- Sim, Srta. Wilcox?

Ela não sabia o que queria dizer. Ele recuou, afastando-se do carro quando o árabe abriu a porta. Ela tornou a olhar para ele, e depois, dando três rápidos passos na sua direção, perguntou:

- Por que você está no iate?

Ele olhou para ela, e sacudiu tristemente a cabeça.

- Pelo mesmo motivo que você, Janey. Dinheiro.

- Mas...

- Tenho uma ex-esposa e um filho para sustentar na Austrália.

Ela deu um suspiro de alívio. Ele podia ser casado.

- Nunca mais vou te ver de novo?

- Não sei.

- Diga que me ama, Ian. Por favor. Porque eu ainda te amo.

Seu sorriso foi muito triste, e por um segundo, ele estendeu a mão e empurrou os óculos escuros dela um pouco mais para cima do nariz.

- É melhor você ir agora. E não chore. Lembre-se, moças crescidas não choram. – Depois

estendeu a mão e apertou a dela. – Adeus, Srta. Wilcox. Faça uma boa viagem.

Assim que ela entrou no carro e ele se afastou devagar, Janey começou a chorar de verdade, as lágrimas rolando pelas suas faces sob os óculos escuros, e então depois de alguns minutos, ela se lembrou do tal estojo Louis Vuitton, pousando sobre o banco a seu lado. Olhando de relance para o motorista, ela colocou-o rapidamente no colo e abriu o fecho com cuidado.

Ergueu a tampa, cautelosamente, e ao ver o conteúdo, recostou-se no banco, o coração aos pulos. Imediatamente esqueceu-se de Ian, esqueceu-se de tudo, aliás, que não fossem todos os maços de notas de mil dólares empilhados dentro do próprio estojo. Só conseguia pensar sem parar que tinha conseguido – apesar de tudo, tinha conseguido. E embora não soubesse exatamente o quê, sabia que e sentia bem demais...

Enquanto o carro se deslocava devagar pelo trânsito do bulevar, e depois virava em direção aos morros, ela contava o dinheiro, discretamente. Tudo estava ali, cada centavo – sua “comissão” e também o dinheiro que havia ganho no pôquer... Bom, com toda aquela grana, ela não ia precisar voltar. Estava livre! Podia ir para qualquer lugar que quisesse no mundo, fazer tudo que quisesse – podia morar no Taiti e escrever um livro. Sim, por que não? Receberia pessoas que lhe diriam como ela havia mudado suas vidas com suas palavras...

Precisava dizer ao motorista para voltar dali mesmo e seguir para o aeroporto. Lá escolheria o destino que lhe desse na telha, subiria no avião e desapareceria, completamente livre de tudo...

Mas, por algum motivo, devido ao medo e à culpa talvez, não foi o que fez. E, assim, o carro subiu várias colinas, passou por postos de gasolina, supermercados e lojas de móveis, e finalmente parou diante de uma pousada para estudantes, um edifício caindo aos pedaços com a pintura azul descascada, que ela imaginou que devia estar infestado de piolhos...

O irmão dela e a namorada dele estavam sentados no bar ao lado, tomando café. Quando o carro parou, Pete se levantou e franziu o cenho. O motorista abriu a porta e Janey saiu. Estava com um vestido Lacroix caríssimo, de sapatos de saltos altos, e de repente entendeu como devia estar parecendo ridícula. Quando o motorista retirou as malas do carro, Pete comentou:

- Meu Deus do céu. Tem certeza de que não esqueceu nada?

- Não sou mochileira – respondeu Janey.

- Falei com a mamãe. Ela disse que quer que voltemos para casa agora mesmo. Quer que partamos do aeroporto de Nice e não de Paris. E mandou dinheiro para as passagens.

- Eu tenho o meu próprio dinheiro – disse Janey.

Meu Jesus! O dinheiro! Ela teria que escondê-lo nas malas. No formulário da alfândega não constava uma proibição de se trazerem mais de 20 mil dólares em dinheiro vivo para o país? E se ela fosse descoberta e presa? Ela se sentiu tonta.

- O avião sai às três. É melhor tratarmos de ir andando.

- Posso ir ao banheiro?

Pete revirou os olhos, enquanto Janey arrastava as malas, uma a uma, para dentro do toalete. Era um toalete tipicamente francês – basicamente um buraco no cimento onde a pessoa devia se agachar, mas pelo menos o lugar estava vazio. Com as mãos trêmulas, dividiu os maços e transferiu o dinheiro para o fundo de cada uma das malas, contando-o outra vez, só para ter certeza de que tudo estava lá. Estava mesmo: cem mil dólares, em notas novinhas em folha de mil dólares.

Tomaram um táxi para o aeroporto. Apinhados no banco traseiro do carro barato, Pete virou-se

para ela, e em voz baixa que ameaçava transbordar de fúria, disse:

- Você podia ter morrido, sabia? Ninguém sabia onde você estava. – Mamãe já ia ligar para a polícia francesa.

- Eu estava bem – disse Janey, cansada. – Eu estou com cara de quem está bem, não estou?

- Você está parecendo uma...

- Olha!...

- Vai com calma, benzinho. Ela é só uma criança – explicou Ana, com bondade.

- Ela era uma criança! Agora não é mais...

- E por acaso isso é da sua conta? – disse Janey. – Não vai influenciar a sua preciosa vidinha.

- Vai matar a mamãe. Acabar com ela. Isso significa alguma coisa para você? Será que pensa em alguém além de si mesma?

- Então não diga nada a ela.

- Acho que agora não dá mais para esconder, não é? – replicou Pete, asperamente.

Janey pagou o táxi, e eles quase não trocaram mais nenhuma palavra.

Os pais foram pegá-los no aeroporto Logan. Sua mãe examinou bem as roupas e as malas dela, a boca desaparecendo em uma linha finíssima. No dia seguinte, a levou ao médico.

O diagnóstico foi mononucleose. A mãe disse que Janey tinha tido sorte de não ter contraído sífilis. No carro, no caminho de volta para casa, a mãe parou subitamente no acostamento.

- Eu preciso saber, Janey – disse.

Janey olhou para a mãe e sentiu todos os seus antigos medos da infância voltarem borbulhantes à tona. Sabia que a mãe nunca tinha gostado dela; toda conversa entre elas parecia consistir em comentários depreciativos da mãe a respeito dela, e a reação dela de se defender. A mãe abaixou o tapa-sol de seu Oldsmobile vermelho e começou a aplicar batom nos lábios.

- Você transou com ele? – indagou.

- Quem? – perguntou Janey.

- Mas que burra que você é.

- Quem, mãe? Diga o nome.

- Aquele... tal de Rasheed. – Ela se virou para Janey e disse, com raiva: - Ele é um criminoso.

- Como sabe?

- Você é realmente burra demais. Como é que eu fui ter uma filha burra desse jeito? O que foi que eu fiz de errado?

Ela tornou a dar a partida no carro e voltou para a rua, mas não tinha terminado ainda.

- Alguma vez pensou em mim e no seu pai? Todos que conhecemos no clube...

- Tá bom! – berrou Janey. – Eu vou embora. Vou para algum lugar, desapareço da sua vida.

Nunca mais vai pôr os olhos em cima de mim de novo. Pode até fingir que não existo.

- E agora, ainda por cima, está doente.

- Eu me mato.

- Deixa de ser idiota! – gritou a mãe. Dando um golpe de direção no carro, para dobrar na entrada de carros da casa, disse: - Sempre soube que isso ia acontecer. Eu te avisei. Os homens se aproveitam das moças que não são bonitas...

- Eu estava com ele porque sou linda – gritou ela, pulando do carro e batendo a porta. – E você não suporta isso, não é mãe? Simplesmente não suporta o fato de não ser mais a mais linda!

Janey passou os dois meses seguintes deitada na cama de solteira de seu antigo quarto. Sentia-se

feita a Alice no País das Maravilhas, onde tudo se encolhera misteriosamente, e ela havia crescido; às vezes sentia que ia explodir e a casa inteira explodiria ao seu redor. Sua mãe a matriculou num curso superior de dois anos em uma escola do governo, e Janey, emudecida pela vergonha, nem mesmo protestou.

Mas ela acabou se revigorando, talvez reanimada pelo fato de que tinha 10 mil dólares escondidos atrás de uma velha casinha de bonecas no armário. Enquanto estava deitada no seu quarto antigo de criança, naquele outono, achava que poderia apagar o passado e começar de novo – afinal, era jovem, e quando se tem 19 anos, não se precisa guardar cicatrizes de nada.

Mas, apesar disso, a semente havia sido plantada e estava enraizada – ou talvez a semente sempre houvesse estado lá, esperando a combinação certa de elementos para germinar, e de alguma forma a semente possuía vida própria e a impulsionara para frente, cada vez mais para frente.

Quatro meses depois, ela tornou a ver Ian. Estava de volta a Nova York, morando no apartamento que ainda alugava, e uma noite recebeu um telefonema.

Ela pegou o telefone, e ouviu uma voz masculina desconhecida dizer:

- Janey! Não acredito. Estou tentando te encontrar faz dias!

- Quem é? – perguntou ela, em tom distante.

- Não reconhece minha voz? – perguntou ele. – Adivinhe.

- Não consigo.

- É o Ian. Ian Carmichael. Estou em Nova York..

Eles concordaram em se encontrar em um bar na esquina da rua onde ficava o prédio dela. Ela não havia deixado de pensar nele, mas, quando ele entrou, ela se perguntou porquê. Seu coração esfriou: fora do ambiente natural dele, ela de repente entendeu que tudo nele estava errado. À luz impiedosa e ofuscante da cidade de Nova York, ele parecia tão sofisticado quanto um turista do meio-oeste – seu suéter era de acrílico e sua botas de couro pretas – que ele exibia com orgulho, pois acabara de comprá-las na Terceira Avenida –, eram insuportavelmente feias. Cada um deles bebeu três doses de tequila enquanto Janey tentava desesperadamente sentir a mesma coisa que sentira por ele naquele verão, mas não adiantou. Ela antes achava os dentes dele imaculadamente brancos – agora via que eram amarelados e lascados. Seus olhos – aqueles olhos azuis que ela fitara com tanta paixão – eram juntos demais, e ele havia cortado o cabelo louro de uma forma que chamava a atenção para o seu nariz. Explicou que viera a Nova York durante duas semanas para comprar equipamentos para o *Mamouda*, e não parava de comentar que não podia acreditar que estava mesmo conversando com ela. Quando pegou a mão de Janey, ela instintivamente sentiu vontade de recolhê-la.

O momento inevitável chegou, e ela levou Ian até seu apartamento. Ele a beijou de pé diante da lareira, mas a língua dele sondando sua boca fez com que ela sentisse vontade de gritar. Estava aguardando aquilo há tanto tempo – o que havia de errado com ela? Eles começaram a transar, e Janey rezou para que a paixão do verão anterior retornasse, mas ela não voltou. Quando ele passou a língua entre as pernas dela, e ela só conseguiu achar aquilo chato, rezou para que ele a penetrasse de uma vez e tudo aquilo terminasse o mais depressa possível. Finalmente ele entrou nela mas ela se sentiu tão vazia que manteve os olhos abertos, e, por fim, ele disse:

- Vou gozar. Tudo bem para você?

- Sim – respondeu ela, com um suspiro. – Goza, vai.

Assim que ele terminou, ficou deitado sobre ela. Depois, com um ligeiro suspiro e uma sacudidela de cabeça, ergueu-se da cama e começou a se vestir.

- Onde vai? – perguntou Janey.

- Vou embora. Já acabamos.

- Não estou entendendo.

- Entende muito bem.

- Mas eu...

- Olha, Janey – disse ele, vestindo o suéter. – Não diga que me ama, porque não é verdade.

- Como é que você sabe?

Ele se sentou na beira da cama.

- Você nunca me amou, Janey. Será que não consegue entender?

Ela abriu a boca para protestar, mas ele a calou com a mão.

- Foi só uma fantasia doida que você pôs na cabeça. Para não enlouquecer. Porque, se ficasse pensando no que realmente estava fazendo...

- Eu te amava de verdade! – insistiu Janey. Ela se sentou e puxou os lençóis para se cobrir.

Ele ficou de pé.

- Você é insensível. Insensível demais para amar alguém.

As palavras atingiram-na como um soco. Ela soltou um grito de susto e caiu para trás, contra a parede, mas ele se virou e saiu do quarto. Deixando de lado o lençol, ela correu atrás dele.

- Como ousa me dizer isso? Não é verdade! – Mas ele não estava nem um pouco a fim de aturar isso. Abriu a porta, e, quando se virou para Janey de novo, ela viu que seu rosto estava desfigurado de ódio.

- Você parece uma viúva-negra – comparou ele. E saiu, começando a descer as escadas.

- Ian, espera...

- Uma daquelas aranhas, viúvas-negras – resmungou para si mesmo, enquanto descia.

Ela fechou a porta e caiu atrás dela, soluçando. Por que aquilo vivia acontecendo com ela? Por que é que ninguém entendia...?

Só que depois de alguns instantes, as lágrimas secaram, e ela correu para o espelho. Ficou olhando para si mesma durante muito tempo, e depois começou a rir histericamente. Era uma piada, francamente, ser tão bela assim – um milagre. As pessoas a paravam na rua para lhe dizer que era linda; os homens espichavam os pescoços para admirá-la quando passavam de carro por ela. Dois meses antes, no início de outubro, o destino interveio a seu favor e a agência Eileen Ford ligara para ela. Uma empresa de vendas por catálogos queria contratá-la durante um mês, e dentro de dois dias ela já havia se mudado para Nova York. Não se ouvia mais a mãe falar de faculdade do governo; aliás, a própria mãe levava Janey até a estação do Amtrak, em Boston, dando-lhe um sorriso relutante e um beijo nas duas faces.

- Vê se tenta ligar de vez em quando – pediu.

Janey afastou-se do espelho e cobriu a boca, feliz. Sua beleza – sua preciosa e gloriosa beleza – a salvara.

O leve chuvisco se transformara em uma névoa fria e persistente; sentada no Place Vendôme, Janey enxugou a umidade do rosto. Será que sua beleza realmente a salvara – ou a levava por um falso atalho? Mesmo desde o comecinho, com Rasheed... se ela houvesse mesmo tentado progredir na vida, em vez de sempre confiar no destino e na sua beleza para intervirem em seu

favor, talvez tivesse se tornado alguém. Afinal, de que adiantava a beleza, e havia alguma coisa faltando dentro dela? Todos pareciam ter uma peça essencial, menos ela, e essa peça era a parte que ligava as ações a um núcleo emocional. Apesar de todos os homens com quem ela fora para a cama nos últimos 15 anos, ela só tivera seis orgasmos em toda a sua vida. E quanto ao amor... bem, eis uma coisa que ela não podia sequer começar a imaginar como era. É claro que achava que amava Selden, mas na verdade seus sentimentos por ele não diferiam tanto assim do que sentia por todos os outros homens – ou seja, ela sentira algo que se podia definir como afeição, contanto que obtivesse algo de concreto do relacionamento. Até mesmo Ian havia enxergado isso 15 anos antes. E quanto a Rasheed... isso devia ter ficado tão óbvio para ele quanto uma luz vermelha brilhando na fachada de um bordel.

Mas ela tinha nascido assim, ou será que tinha ficado assim devido às suas escolhas equivocadas? Ninguém podia nascer com um vazio interior tão grande; pelo menos havia alguma parte dela que acreditava nisso. Por enquanto, ela era capaz de ver que jamais conheceria o verdadeiro amor, nem o encontraria, até que não exigisse nada de um homem, e o dinheiro não contasse... Ergueu a cabeça e uma voz interior lhe gritou que não era tarde demais. Só precisava viver cada dia do resto de sua vida de uma forma diferente. Ainda havia tempo para consertar as coisas com George e, em vez de ficar enchendo a paciência dele, ia pôr as cartas na mesa de forma bem profissional. Ia contar ao Selden quais eram seus planos. Afinal, era até possível que Selden a amasse de verdade...

Seu relógio interno lhe disse que tinha se passado tempo demais, e olhando para o relógio de pulso viu que já era quase uma hora. Precisava se encontrar com Mimi. E de repente lhe ocorreu que, se contasse tudo a Mimi (sem tocar no tal boquete que tinha pago para o George, é claro), talvez conseguisse que Mimi influenciasse o George. O importante no momento era fazer algo de bom na vida, agir para nunca mais se ver naquela situação outra vez...

E então, como num passe de mágica, um homem alto e louro surgiu em meio à névoa, caminhando depressa na direção dela. A princípio ela não pôde acreditar em seus olhos, pensando por um segundo que o fantasma de Ian havia voltado para assombrá-la. Mas quando o homem se aproximou, ela viu que era Zizi, e de repente tudo fez sentido: Mimi tinha insistido em fazer aquela viagem porque sabia que o Zizi estaria em Paris, e havia usado Janey como escudo...

Só que talvez não fosse isso, pensou Janey, confusa, quando ele parou diante dela. No segundo seguinte, ele começou a pronunciar as palavras que ela desejava escutar...

- Você precisa vir comigo – disse com firmeza.

Ela se pôs de pé e o seguiu como que num sonho, através do saguão do Hotel Ritz, entrando no elevador. Era como se ela tivesse voltado no tempo até aquele momento fatídico em que passara por aquele saguão pela primeira vez, e agora, pensou desorientada, o destino lhe dava uma chance de voltar ao passado, para consertar o que havia feito de errado. O elevador parou no terceiro andar, e Zizi puxou-a pelo corredor como uma criança. Mas ela era uma criança, pensou Janey; estava renovada, e agora, com Zizi ao seu lado, ia recomendar tudo outra vez... E aí o sonho virou pesadelo.

Entraram em uma suíte de um quarto. No minuto em que passaram pela porta, aquela idéia maluca de que ela e Zizi iam ficar juntos rapidamente desapareceu quando ela notou a presença de Harold Vane. O que ele estaria fazendo ali?, pensou irritada. E aí ele se virou. E então viu pela

expressão de seu rosto que algo estava terrivelmente errado.

- Eu te vi da janela – disse Harold. – Mande o Zizi te buscar...

- Mas por quê? O que houve? – perguntou Janey, desconfiada.

- Todos estão te procurando – explicou Zizi.

- Me procurando? – disse Janey em voz alta. Franziu a testa, chateada. – Não entendi.

Harold aproximou-se dela com as mãos abertas.

- Janey – começou. – Você e eu já somos amigos há muito tempo. Então acho que eu é que devo lhe contar... – E aí ela soltou um grito de susto.

- Alguém morreu? Foi o Selden...? – E assim que essas palavras saíram da boca de Janey, uma vozinha pérfida, vinda bem lá do fundo, comentou que, se fosse mesmo o Selden, se ele tivesse morrido, todos os seus problemas estariam resolvidos. Ela ia ficar rica e solteira; ia poder fazer tudo o que quisesse...

- Não foi o Selden – disse Harold.

- Muito bem – disse ela, ligeiramente decepcionada. – Então, o que estou fazendo aqui? – Harold abriu a boca, para falar, mas nada saiu, e ela olhou de Harold para Zizi com uma sensação cada vez maior de pânico. Pela primeira vez, ela notou que havia uma marca estranha na testa de Zizi, como uma mancha grande de fuligem negra, e de repente percebeu que tinha visto aquela marca nas testas de todas as pessoas a manhã inteira. Um terror inexplicável se apoderou dela. O fim do mundo tinha chegado, e ela tinha sido escolhida para ir para o inferno... Solto um novo grito, apontando para a mancha no rosto de Zizi...

- É quarta-feira de cinzas – explicou Zizi, com delicadeza, pegando sua mão.

Passava apenas um pouco das sete da manhã em Nova York, e Selden Rose estava no chuveiro. Ele passou um sabonete sobre o corpo, pensando, como sempre, na esposa. Ela já estava viajando há três dias, e era exatamente como as pessoas viviam dizendo: a ausência realmente faz a paixão aumentar. Nos últimos dois dias, ele tinha chegado à conclusão de que talvez ele tivesse mesmo exagerado com ela. Ainda não queria que ela produzisse o filme de Craig, mas certamente podia ter sido um pouco mais delicado, não ter posto a coitada abaixo de zero... E com uma pontada de culpa, percebeu que o que ela havia dito sobre o ciúme que ele sentia do talento de Craig não era inteiramente errado. Ele fechou a torneira e saiu do box, pensando que, se ela realmente queria se tornar produtora, ele devia ajudá-la... Conhecia muita gente no ramo — talvez pudesse encontrar alguém que lhe desse um emprego de assistente.

Passou uma toalha nos cabelos, e enquanto os enxugava, o telefone tocou.

Deve ser ela, pensou, feliz por Janey estar pensando nele também. Ia lhe dizer que sentia saudades dela, e lhe pedir para voltar antes do combinado. Enrolando a toalha em volta da cintura, entrou no banheiro e pegou o telefone.

— Oi, querida — disse, na expectativa.

— Rose? — respondeu uma voz masculina, espantada.

— George! — reconheceu Selden, ligeiramente decepcionado. Sabia que o George era madrugador, mas não podia imaginar o que o faria ligar assim tão cedo.

— Selden — disse George. Sua voz parada fúnebre, e Selden imediatamente se perguntou se alguma coisa teria acontecido com a Mimi. — Aconteceram umas coisas, Selden — prosseguiu ele. — E tem a ver com a sua mulher, infelizmente.

Depois de mais alguns instantes dessa conversa perturbadora, Selden vestiu qualquer coisa e

correu para a portaria.

— O Post — pediu ao recepcionista. Quero o Post.

Com uma cara constrangida, como se esperasse jamais se ver nessa posição, o recepcionista estendeu o braço e pegou o jornal, entregando-o a Selden com relutância.

A manchete quase o fez cair de joelhos, e ele dobrou o jornal ao meio, rapidamente, esperando não ter visto o que pensara que tinha visto.

Com o coração batendo apressado de medo, ele voltou ao elevador (queria sair correndo, mas o recepcionista estava de olho nele) e apertou o botão. O elevador chegou, finalmente; quando ele entrou e viu que estava sozinho, abriu o jornal. As três horríveis palavras o atingiram como três socos poderosos na cabeça, e ele cambaleou para trás, perdendo o equilíbrio e batendo com o ombro contra a parede. Mas as palavras ainda estavam lá, zombando dele, em letras imensas e negras acima de uma foto colorida de Janey, tirada no desfile da Victoria's Secret. Ela estava com o conjunto de sutiã e calcinha de lantejoulas azuis, e inclinada para a câmera, com as mãos nos quadris, os lábios fazendo biquinho, como quem joga um beijo.

"MODELO/ROTEIRISTA/MERETRIZ?" — dizia a manchete, como uma multidão sarcástica que exige uma execução.

Ele abaixou o jornal, chocado. Não conseguia perceber... Não conseguia entender... Mas as palavras passavam marchando pela sua cabeça como um versinho daqueles que as crianças fazem para zombar das outras na escola: MODELO-BARRA-ROTEIRISTA-BARRA-MERETRIZ, ha, ha, modelo, barra, roteirista, barra, meretriz, ha, ha... Quando ele tornou a erguer o jornal, sentiu-se dividido; seu cérebro berrava que aquilo era simplesmente impossível, ao passo que o tremor em seu corpo lhe dizia que era possível, sim...

E bem no rodapé da página se lia, em letras menores: "Comstock Dibble Surpreendido em Escândalo Sexual por causa de um Roteiro".

Quê? — pensou ele. — E além disso, como?

A porta do elevador se abriu quando ele virou a página e leu: "Comstock Dibble é um..." Canalha! pensou, completando o resto da frase quando a porta do elevador começou a se fechar.

Atrapalhando-se com o jornal, apertou o botão ABRIR PORTA, e tudo caiu de suas mãos, as páginas se espalhando pelo chão do elevador e no corredor. A porta começou a se fechar outra vez, e ele a reteve com os cotovelos. Lutando com as páginas, conseguiu reunir toda aquela bagunça em seus braços, amassando do jeito que estava, e trêmulo de raiva e mágoa, levou todas aquelas notícias odiosas até sua porta.

Não conseguiu pôr a chave na fechadura. Virou-se e encostou-se na porta, frustrado, revirando os olhos para o teto, num pedido de ajuda. Depois conferiu o número e viu que estava diante da porta errada — tinha ido para a esquerda quando devia ter ido para a direita.

Precisava controlar-se, pensou, correndo pelo corredor e entrando no seu apartamento.

Lembrou-se de que sua especialidade era resolver problemas. Por mais terrível que aquilo parecesse, provavelmente não era tão ruim quanto parecia. Fosse o que fosse, ele ia conseguir enfrentar...

Mas será que poderia? pensou, com o estômago embrulhado. Deixou as páginas sobre o sofá e começou a examiná-las, tentando encontrar a matéria. Virou página após página de esportes — quem diria que os nova-iorquinos se preocupavam tanto assim com esportes — depois economia, mais três páginas sobre comida e restaurantes... finalmente, lá no fim do caderno, encontrou as

páginas que temia. Havia mais uma foto de Janey, do desfile da Victoria's Secret, e — cúmulo dos cúmulos — uma de Comstock Dibble, sentado na primeira fila. Estava com uma cara de sem-vergonha, e a legenda dizia que ele era o "Minúsculo Cãozinho Dibble". E Comstock realmente lembrava mesmo algum tipo do animalzinho de perninhas curtas: parecia consistir basicamente de um corpo de peito largo, com quatro apêndices minúsculos ligados a ele por alfinetes. Seus braços saíam como que espetados dos lados do corpo o os pés mal tocavam o chão.

Selden precisou olhar para outro lado.

Mas depois voltou à leitura. A vida exigia essas coisas; ele precisava ler aquilo mais cedo ou mais tarde, e deixar de ler não ia fazer a coisa desaparecer. "Comstock Dibble é um gênio do cinema que gosta de di-versão — e gosta de usar o dinheiro da sua empresa para pagar por ela", começava a matéria.

Em uma reviravolta inesperada, o Minúsculo Cãozinho Dibble foi surpreendido passando cheques na empresa para diversas mulheres — inclusive a supermodelo Janey Wilcox — em troca de sexo, alegando que o dinheiro era referente ao pagamento dos "serviços de redação de roteiros cinematográficos". O problema é que nenhuma delas é roteirista.

Embora a empresa tenha pago a roteiristas famosos como Jay McInerney, centenas de dólares para redigir roteiros de filmes de sucesso, pelo jeito nenhuma das comissões de Dibble era autêntica. Nos últimos três anos, Dibble pagou a 15 mulhe-res 30 mil dólares para escrever roteiros que jamais foram en-tregues. Um porta-voz da empresa alegou estar chocado com o fato de Dibble, um profissional muito conhecido no circuito de festas de Manhattan, recentemente homenageado pelo pre-feito no último mês de setembro por suas iniciativas benefi-centes na moda, teria dado dinheiro a mulheres em troca de sexo. "Ele nunca teve dificuldade para conquistar mulheres", disse ele. "Pode ter sido só generosidade, quem sabe?" O gosto de Dibble ia desde garotas de programa e acompa-nhantes profissionais até aspirantes a atrizes novatas e supermodelos. Há dois verões Janey Wilcox, 33 anos, a deslumbrante supermodelo que brilhou na passarela do desfile da Victoria's Secret este mês de dezembro, gabou-se a amigos que estava escrevendo um roteiro de cinema para o Minúsculo Cãozinho Dibble enquanto secretamente se divertia com ele em uma garçonnière nos Hamptons, financiada por ele. No verão pas-sado, Wilcox, que amigos afirmam ser "ambiciosa", conquistou o magnata da indústria do cinema, o milionário Selden Rose, de 45 anos, CEO do canal de tevê a cabo MovieTime, casando-se com ele às pressas em setembro. Por outro lado, Dibble, está noivo de...

Selden Rose recuou um passo. Não dava para continuar lendo, ele não conseguia... Então ela havia mesmo ido para a cama com ele, pen-sou, batendo freneticamente no alto da cabeça, como para colocar os fatos lá dentro a força. Ela linha trepado com ele. O que ela havia feito com ele? pensou, desvairado. Será que tinha chupado o pau dele? Tinha colocado o pau dele... dentro dela, onde ele, Selden, também estivera? Só imaginar tal cena já o deixava revoltado — isso e o fato de ela haver mencionado para ele. Ela lhe garantiu especificamente que não tinha feito isso, e era mentira... Essa era a parte talvez mais insuportável... ela havia mentido tido, e feito isso deliberadamente, com uma expressão totalmente inocente no rosto, como se ele fosse algum tipo de imbecil!

Deus do céu,pensou. A mãe dele tinha razão...

Ele não sabia para onde se virar, o que fazer, para quem ligar. Foi até a janela e a abriu; uma lufada de ar gelado o atingiu como uma bofetada. Do outro lado da rua estavam dois homens vestidos como se fossem para um combate, com calças camufladas e pesados blusões com bolsos protuberantes; em um segundo, ele viu que tinham enormes câmeras pretas penduradas nos ombros como metralhadoras. Então os chacais já estavam se reunindo; a essa altura o assunto devia estar sendo comentado em toda Nova York; todos deviam estar lendo a matéria e rindo dele; sua mãe ia descobrir, e também sua ex-esposa, e algum dia, se ele viesse a ter filhos, eles descobririam a história em algum arquivo morto eletrônico... e ali de pé, olhando a rua, horrorizado, viu um táxi parar e outro fotógrafo sair de dentro dele. Ele deu as costas para a janela. Foi até a cozinha e ficou olhando para a cafeteira.

O que devia fazer? pensava.

E então, uma voz esperançosa e fraquinha, lá no fundo, sussurrou que talvez não fosse verdade, que talvez tudo aquilo fosse calúnia. Os meios de comunicação viviam entendendo tudo errado; todos sabiam que inventavam coisas. Ou talvez só tivessem cometido algum equívoco, e o nome de Janey não devesse estar entre os daquelas pessoas. Se fosse verdade, pensou, eles teriam que apresentar provas, e, correndo para a sala, olhou para a pequena escrivanhinha francesa e lembrou-se da gaveta cheia de papéis da esposa...

Puxou-a de qualquer maneira. A República de Platão estava em cima de tudo. Será que ela não havia mexido nos papéis desde aquela noite com Craig Edgers — ou simplesmente decidira manter o livro ali para preservá-lo? Ele o tirou e o jogou na cadeira, depois puxou a gaveta para fora dos trilhos e jogou seu conteúdo todo no chão. Ajoelhado, começou a revirar aquela bagunça. Se fosse verdade, se ela fosse culpada, será que seria burra de guardar as provas? Mas em geral as pessoas culpadas guardavam, sim, porque cultivavam a idéia errônea de que eram espertas o suficiente para esconder a verdade. E aí seu olho captou a carta com aparência oficial que ele vira na gaveta naquela noite em que Craig tinha vindo. Pegando a carta, olhou o remetente e, com o coração na mão, leu "Parador Pictures".

Tirou a carta do envelope. A data no alto do papel era 15 de outubro de 2000. Com o rosto transformado em uma rígida máscara, ele começou a ler;

Prezada Srta. Wilcox:

No último dia 15 de junho de 2000 estivemos tentando entrar em contato com a senhorita sobre Comstock Dibble. Esta é a quarta tentativa...

Então era mesmo verdade, cada palavra de tudo aquilo — e ela sabia o tempo todo, mesmo antes de eles se casarem. Tinha-o enganado de propósito, desde o início, e tornando a olhar a quantia que ela devia, ficou assombrado. Por que não viera lhe pedir ajuda, ou por que não tinha pago a quantia sem lhe contar nada? Ele sabia que ela era mão-fechada, mas ficou bobo de ver que ela era avarenta a ponto de arriscar-se a arruinar sua própria vida... e a vida dele, também.

E agora tinha conseguido.

Mas talvez, pensou, desvairado... talvez ela não tivesse aquela quantia. E se ela tivesse enviado o dinheiro para... uma avó doente... ou estivesse pagando os estudos de uma sobrinha ou sobrinho? Quem sabe estivesse na lona, e tivesse vergonha de lhe contar?...

Em um frenesi cego, passou a olhar página por página, procurando um extrato bancário. Pulando em cima de uma folha aparentemente impressa em um computador, segurou-a mais ou menos longe de si e olhou o saldo.

Ela tinha 400 mil dólares em uma conta de poupança.

Janey tinha o dinheiro!, pensou ele, sacudindo os punhos no ar. Tinha o dinheiro aquele tempo todo...

Mas de repente sua raiva passou, e ele se sentiu dominar pelo desespero. Levou as mãos à cabeça e, em seguida, como não se lembrava de ter feito em anos, começou a soluçar.

- EROTEIROS! – anunciava alegremente a manchete do *New York Post*.

Mimi Paxton remexeu-se desconfortavelmente sobre o papel fino, sentindo-o amassar-se sob seu traseiro nu.

Da cadeira de plástico duro onde o paciente anterior havia-o deixado, atenciosamente, o *Post* parecia estar chamando-a, suplicando-lhe que fosse pego e lido. Até ali, ela tinha conseguido resistir... mas se ao menos a médica viesse, pensou impaciente. Se havia uma regra em Nova York, era essa: Por mais rico que se fosse, o paciente ainda era obrigado a esperar o médico... Ergueu uma das nádegas, tentando enfiar o avental por baixo dela, e ao fazer isso seu olhar caiu no *Post* outra vez. Duas semanas haviam se passado desde que a história havia estourado, com aquela manchete chocante e agora notória: “MODELO/ROTEIRISTA/MERETRIZ?” Algumas pessoas diziam que rivalizava com a mais famosa manchete do *Post*: “Corpo Degolado Encontrado em Bar para Mulheres sem a Parte de Cima.” Mas essa matéria tinha o que os repórteres chamavam de “pernas” – era sobre dinheiro, sexo, poder e cinema e ainda por cima, como uma personagem saída de uma agência de atores, uma linda modelo de lingerie. Os jornais ainda publicavam alguma coisa sobre o escândalo todos os dias, como uma novela em capítulos, e pelo jeito o público não enjoava daquilo, como se ninguém tivesse dado nada melhor com que se preocupar. Só que essa era mais uma outra regra de Nova York: a desgraça de alguém era o triunfo de uma outra pessoa (mesmo que isso significasse pegar um táxi num dia chuvoso na hora do rush); e a vergonha de um homem podia divertir milhões.

Em geral a capa ou a primeira página incluíam uma foto de Janey – parecia haver um estoque inesgotável delas, tanto que um dia eles fizeram uma página central inteira só de fotos dela, desde o início da carreira, o que, segundo Mimi pensou, provavelmente era ainda mais embaraçoso para Janey –, mas hoje a capa mostrava um rapaz negro com cara de pateta e óculos da moda. Ela semicerrou os olhos para ler o nome, pensou, *acabou* – Scooter Mendelsohn.

Ela nem precisava ler o *Post* para saber sobre o que era a matéria, pensou, transferindo o peso do corpo de uma nádega para outra. George havia alegremente lhe contado tudo, alegando que aquilo tinha sido “uma dos grandes momentos da história empresarial”. Bem, pensou Mimi, certamente havia sido um dos grandes momentos dele. O verdadeiro herói era aquele insignificante Scooter Mendelsohn, do Brooklyn, e George já promovera o homem a executivo júnior na Parador Pictures, o que foi um tremendo golpe para Scooter, considerando-se que ele só tinha 21 anos. Mas George tinha grandes planos para ele; disse que Scooter exemplificava exatamente o tipo de moralidade que já faltava na Parador havia anos...

Não era – explicou George – o fato de Comstock ter pago mulheres para escrever roteiros que o havia derrubado, mas a forma pela qual ele tinha procurado encobrir a coisa. Estranhamente, disse George, se Comstock houvesse pago um valor mais alto às mulheres – se tivesse oferecido a elas 100, 200 ou 300 mil; e não era incomum uma empresa pagar um roteirista e depois ficar na mão, sem o roteiro. Mas quando Comstock decidiu vender parte de sua empresa, e os contadores começaram a organizar os livros, estranharam o preço anormal (30 mil dólares em vez de 300 mil), e entraram em pânico. O departamento jurídico passou a enviar cartas, e, naturalmente,

nenhuma das mulheres respondeu – e por que responderiam?, perguntou George. Afinal, achavam que tinha recebido o pagamento em troca de favores sexuais...

E então, continuou George, inchando como um baiacu, Janey lhe mostrara a carta, e foi isso que lhe deu a idéia de comprar ele mesmo a empresa do Comstock – afinal, os melhores negócios sempre se fechavam quando o comprador possuía informações secretas que o vendedor não queria que fossem divulgadas. Entretanto, George garantiu a Mimi, essa era uma parte da história que jamais viria a público – George certamente não ia querer que as pessoas pensassem que ele estava se aproveitando de uma bobalhona como a Janey Wilcox, que até parecia contar com uma certa simpatia da opinião pública. Portanto, as únicas pessoas que ficaram sabendo que Janey tinha vindo procurá-lo eram a própria Janey, ele mesmo e, agora, Mimi...

Mas o fato de os “eroteiros” terem vindo a público nada tinha a ver com George. O ônus dessa prova encontrava-se inteiramente nas costas do próprio Comstock Dibble. Se ele tivesse admitido essa transgressão em vez de se julgar capaz de tapear George Paxton, nada disso teria sido divulgado na imprensa.

De acordo com Scooter Mendelsohn, que contou tudo a George, que por sua vez contou tudo a Mimi (e, a essa altura, a várias outras personalidades também), dois dias antes da grande reunião para fechar o negócio da compra da empresa, Comstock Dibble chamou Scooter – na época uma espécie de assistente de um assistente – à sua sala.

Comstock Dibble estava tão suado que havia praticamente uma caixa inteira de lenços de papel colados à sua cabeça. Ele sempre fora o terror do escritório, mas nas últimas duas semanas, andava especialmente assustador, chegando inclusive a fazer o seu publicitário durão chorar – um homem de 55 anos, que todos desconfiavam já haver pertencido a uma agência de notícias! Scooter sabia disso, porque em sua ida ao banheiro ouviu um cara chorando atrás de uma das portas fechadas. Viu que era ele, porque reconheceu os sapatos bicolores envernizados que ele usava. Claro que depois disso Scooter entrou na sala do Comstock completamente apavorado.

- Como é mesmo o seu nome? – perguntou Comstock

Scooter trabalhava na empresa há seis semanas, mas o medo era grande demais para se sentir ofendido.

- Scooter – respondeu.

- Pode fazer uma capa para um roteiro? – ladrou Comstock

- Claro... – concordou Scooter, perguntando-se o que ele estaria tramando.

- Ótimo. Quero que pegue esses nomes e esses títulos – disse Comstock, entregando-lhe uma lista de nomes de mulheres e títulos de filmes. – Depois pegue esses roteiros – indicou uma pilha na sua mesa –, arranque as capas verdadeiras, e substitua-as pelas novas capas. Entendeu?

Scooter, naturalmente, não entendeu nada, mas ficou com medo de dizer isso.

- E faço questão que as novas capas sejam de cores diferentes! – berrou Comstock para Scooter que, depois de pegar a pilha de roteiros, saiu depressinha do escritório.

Voltando à sua mesa, Scooter fez exatamente o que Comstock mandou, e a princípio nem pensou muito naquilo, principalmente porque todo mundo ali já havia chegado à conclusão de que Comstock era doido de pedra. Mas então ele viu o último nome, Janey Wilcox, seguido do título “História de uma Modelo” – justamente quando estava prestes a colocar essa capa em cima do roteiro de *Chinatown*. Ele conhecia aquele nome, pensou. Janey Wilcox não era aquela Modelo da Victoria's Secret? Roteirista ela não era – disso ele tinha certeza. Colocar o nome de um

roteiro “História de uma Modelo” que ela obviamente não escrevera assim na capa de um filme tão bom era zombar da indústria do cinema. Foi isso que realmente o deixou com a pulga atrás da orelha, disse ele. Se Scooter tivesse colocado o título falso na capa do roteiro do filme *Showgirls*, por exemplo, talvez nem tivesse se importado...

No fim do dia, Scooter deixou os roteiros adulterados sobre a mesa de Comstock e foi para casa. *Chinatown* não lhe saía da cabeça, por isso comprou uma caixa de minipizzas congeladas e alugou uma cópia do filme. Só então começou a pensar. Sua vida inteira havia sido moldada pelo cinema. — os filmes para ele eram tudo. Os filmes eram sagrados, faziam as vidas das pessoas valerem a pena. Ele sempre tinha desejado, desde pequeno, quando a mãe o levou para assistir a *Wall Street*, seu sonho era entrar na indústria cinematográfica. E agora que fazia parte dela não conseguia livrar-se da sensação de que de alguma forma havia cometido um crime... não conseguia deixar de perceber que Comstock lhe pedira para fazer alguma coisa... ilegal. Ele tinha visto filmes suficientes para saber que precisava tomar alguma espécie de decisão. Nos filmes, quando as pessoas não agem corretamente, alguma coisa ruim sempre acontece com elas. Ele podia ser demitido... ou pior, talvez nunca mais trabalhasse na indústria do cinema outra vez. E então decidiu que tinha que contar a alguém... mas a quem?

Enquanto assistia a *Chinatown*, de repente se lembrou de que a Parador Pictures estava sendo vendida; devia ser segredo, mas todos na empresa sabiam disso porque estavam com medo de serem demitidos. Ele não conseguia se lembrar do nome do homem que ia comprá-la, mas se lembrava do nome da empresa — Smagma — um nome que lhe pareceu tenebroso, como algo saído de um filme de James Bond...

Ele passou a noite em claro, e na manhã seguinte levantou-se cedo, mais ou menos às 7h30, ligou para informações. Havia uma empresa chamada Smagma Enterprises em Nova York, sim, e ele anotou o número. Não achava que fosse encontrar alguém no escritório tão cedo, mas resolveu ligar assim mesmo para praticar.

E então, para sua surpresa, uma senhora muito educada atendeu o telefone, dizendo:

- Smagma Enterprises.

- Eu... eu preciso falar com o presidente da Smagma — disse, nervoso.

— É o Sr. George Paxton — informou a senhora. — Quem deseja, por favor?

— A senhora não me conhece — disse Scooter. — Trabalho na Parador Pictures...

— Um momento, por favor — pediu a senhora, com muita delicadeza, como se não fosse nem um pouco surpreendente ele, o Scooter Mendelsohn, estar ligando para George Paxton...

E aí o grande homem, George Paxton em pessoa, atendeu o telefone. E Scooter lhe contou a história toda...

O grande momento chegou na manhã seguinte, quando George Paxton e seis homens de aparência muito compenetrada apareceram na Parador Pictures e se dirigiram para a sala de conferências com Comstock Dibble e seus homens.

Por volta das quatro da tarde, a secretária de Comstock apareceu na mesa do Scooter com uma pilha de roteiros — os falsos, e os verdadeiros que a empresa havia encomendado nos últimos dois anos — o os deixou ali.

— Você é que fez isso — chiou ela. — Você leva. Estou morrendo do medo.

Scooter pegou a pilha de roteiros e bateu na porta da sala de reuniões.

O que aconteceu em seguida foi como uma cena grandiosa de filme, embora tenha sido muito

melhor porque foi real.

— Obrigado... Scooter — disse Comstock, quando Scooter deixou os roteiros sobre a mesa de reuniões diante dele. Sabia que Comstock estava tentando se comportar o melhor possível, porque até lembrou do nome dele. Quando já se virava para sair, o homem na outra ponta da mesa o deteve. Scooter soube instantaneamente que era George Paxton pela forma como estava sentado — as pernas afastadas, como se já fosse o dono do lugar. — Espera um pouco, Scooter — disse George. — Por que não fica mais um pouco? Acho que vai gostar de ver isso.

Scooter olhou para Comstock, e viu aquele olhar desvairado conhecido de todos no escritório — que significava que se devia correr na direção contrária —, mas como George Paxton estava claramente dirigindo a reunião, não pôde fazer nada.

— Muito bem — disse George, fazendo sinal com a cabeça para Comstock começar.

— Certo — disse Comstock. Apontou para uma folha de papel. — Aqui está uma lista dos roteiros que encomendamos nos últimos três anos, e aqui — deu um tapinha na pilha de roteiros — estão os roteiros que chegaram...

— Então é isso. — George Paxton olhou a lista (todos tinham diante de si uma cópia dela) e depois disse: — Gostaria de ver o roteiro da Janey Wilcox, se possível.

— Não é dos melhores — afirmou Comstock Dibble. Mantinha a indefectível caixa de lenços de papel diante de si; tirou um maço e começou a enxugar o rosto. — Aliás — continuou — pode-se dizer que é péssimo. Mas resolvemos apostar em uma mulher que talvez tivesse outros talentos além dos... como direi... já bem óbvios...

Todos riram e Comstock tentou desviar a atenção de George.

— Scooter? — chamou. — Por que não faz algo útil e mostra ao Sr. Paxton o roteiro de Darren Star? Esse, sim, George — disse — é absolutamente genial...

— Tenho certeza que é — assentiu George, de bom humor, pressionando uma palma contra a outra. — Mas ainda assim gostaria de dar uma no roteiro da Janey Wilcox

— O do Darren é... — gaguejou Comstock

— Janey Wilcox...? — disse George, arqueando as sobrancelhas.

E então, de acordo com o agora legendário relato, George havia se levantado e folheado o roteiro da Janey, lendo em voz alta a famosa frase de Chinatown: "Minha filha, minha irmã, minha filha, minha irmã..."

Mas que tremenda farsa, tudo aquilo, pensou Mimi, sacudindo a cabeça enquanto tornava a olhar de relance o jornal. O que ninguém conseguia entender era como o Comstock podia ter sido tão estúpido. Mas segundo George explicou — vezes e mais vezes nos jantares íntimos aos quais vinham comparecendo em vez de seguirem seu calendário social de costume — não era incomum pessoas aparentemente bem-sucedidas pisarem na bola assim de repente.

Principalmente se estivessem fazendo alguma coisa ilegal. Forçavam a barra cada vez mais, assumindo riscos cada vez maiores, e quanto mais conseguiam sair impunes, menos se preocupavam em encobrir seus erros - como se estivessem subconscientemente querendo ser apanhados. A história estava repleta de personagens como Comstock Dibble, disse George, e com a baixa do mercado de ações ele desconfiava que no futuro eles veriam muito mais comportamentos tipo "Comstock Totó"...

Mimi suspirou e consultou de novo o relógio de pulso, perguntando quanto tempo mais teria que ficar sentada ali. Já estava ali há meia hora... Abrindo o avental devagar, ela olhou a barriga.

Estava começando a aparecer, e logo ela teria que contar às pessoas. Finalmente estava grávida de três meses e, embora na sua idade não se devesse contar a ninguém antes do primeiro ultrassom (caso houvesse algo errado com o bebê e fosse preciso abortar - idéia que ela sequer admitia pensar), Janey tinha descoberto duas semanas antes - e ela não sabia como — quando elas puseram as cartas na mesa em plena Christian Dior.

Mimi ficou olhando para a porta, pintada de um cinza hospitalar, desejando que se abrisse. Não se abriu, é claro, e ela passou a examinar as unhas. Já não via Janey desde aquela tarde em Paris, mas tinha ouvido falar que ela estava na cidade. Era típico da Janey, pensou: qualquer pessoa sensata já teria saído da cidade - como Mauve Binchely, por exemplo. Mauve tinha ido para Palm Beach, onde se encontrava asilada na casa da mãe, e tanto ela quanto a mãe estavam histéricas. A mãe crescera ouvindo que uma senhora só aparece nos jornais três vezes na vida - e, em apenas duas semanas, Mauve já havia aparecido dez vezes além disso. Na qualidade de (agora ex) noiva de Comstock Dibble, fora mencionada em quase todas as matérias, e o *Post* apelidou-a de "A Dondoca Furtiva". Isso também deixava Mauve louca - tanto que vivia perguntando às pessoas exatamente o que "eles" queriam dizer com isso. Na opinião de Mimi o jornal estava sendo até bondoso, considerando-se o que Mauve realmente parecia.

Ela recostou-se na mesa de exames e fechou os olhos. A pessoa que melhor se saíra fora Janey Wilcox: o jornal passou a chamá-la de "A Meretriz Modelo" e, mesmo que não fosse inteiramente verdade, e Janey não rodasse bolsinha (a não ser talvez naquele mês com o Comstock), não havia nada que ela ou o Selden pudessem fazer a respeito. Janey agora era uma figura pública, obrigada a aceitar tudo que viesse.

Mesmo assim - Mimi não podia deixar de sentir um pouco de pena dela. Ninguém merecia ser chamada de puta na imprensa todos os dias, a menos que fosse uma profissão que houvesse escolhido de livre e espontânea vontade, como aquela tal Sydney Biddle Barrows, conhecida como a Madame Mayflower. Só que era muito melhor ser chamada de "Madame" do que prostituta, porque ao menos implicava que a pessoa tinha algum tino para negócios - e no fundo, o problema da Janey, era que ela não possuía tino algum...

Isso, pelo menos, era o que Mimi explicava às pessoas, quando elas lhe perguntavam como era realmente Janey Wilcox.

Conhecendo a Janey, pensou Mimi, ela não devia estar ligando a mínima para nada daquilo. Já devia ter inventado uma outra versão para a coisa toda e se convencido de que na verdade era alguma forma de elogio...

De qualquer maneira, durante aqueles poucos minutos passados na Christian Dior, ela certamente não tinha se comportado como uma pessoa normal se comportaria, pensou Mimi, olhando o relógio de novo. Dadas as circunstâncias, porém, não havia mesmo uma maneira "normal" de agir. Só que se ela estivesse no lugar de Janey, se tivesse acabado

de saber, por Harold Vane, que estava sendo chamada de puta na capa do *New York Post*, a última coisa que teria feito seria pegar um táxi e ir para a Christian Dior. Ia estar histérica demais para isso. E a princípio, Janey lhe parecera aterrorizada. Mas depois seus olhos ficaram estranhamente vazios, como se ela houvesse desaparecido em outro mundo, e algum tipo de organismo cibernético tivesse entrado em seu corpo...

"Mimi", dissera Janey, naquela sua voz melodiosa ao entrar no provador. Mas seu sotaque estava exagerado demais, como se estivesse fazendo o papel de si mesma, e a expressão de seus olhos

era desvairada. Mimi havia pulado de terror, levando a costureira - uma mulherzinha francesa uniformizada chamada Colette - a espetá-la com um alfinete.

Chocada por ver Janey ali, Mimi olhou para o relógio e exclamou: "Janey ...!"

E então ficaram se entreolhando, ambas imaginando o que a outra saberia...

Foi uma cena horrorosa, e Mimi estremeceu só de se lembrar. Podia ter perdoado qualquer coisa a Janey, qualquer coisa, pensou Mimi, tocando a barriga - menos aquele incidente com o Zizi.

Teria perdoado o escândalo do roteiro, teria até perdoado Janey por transar com o George, coisa que, segundo ela desconfiava, se não tivesse acontecido já estava para acontecer. Mas Zizi eram outros quinhentos. Zizi era o homem que ela amava...

Uma noite antes do escândalo estourar, Mimi se encontrara secretamente com Zizi no hotel dela, na Plaza Athénée. Apesar do que Janey pensava, não sabia que Zizi estava em Paris aquela tarde, quando esbarrou com Harold Vane, na Hermès, onde ele comprava uma sela nova. Janey tinha ficado no hotel, depois de lhe dar a desculpa de que precisava dar uns telefonemas de negócios importantes, de forma que Mimi havia saído sozinha. Harold lhe disse que ele e Zizi estavam no Ritz - e que dali a dois dias eles iam embora para Deauville, para dar uma olhada em uns cavalos.

Ela havia jurado que não falaria mais com o Zizi, mas devido a seu estado, era uma questão de honra lhe revelar que ele podia ser o pai. Ela não queria nada dele, nem pretendia abandonar o George. Mas a notícia fez Zizi se sentir mal, e ele finalmente contou por que havia rompido com Mimi. - "Gigolô", Janey Wilcox lhe disse que ele era. E ele só conseguia pensar que não queria terminar igual a ela ...

E depois ele acabou contando toda a história de como Janey havia tramado entrar no apartamento dele, e tentado seduzi-lo. Mimi ficou horrorizada. Não pelo fato de Janey sentir vontade de transar com o Zizi, mas pela forma calculista com que bolou tudo - inventando aquela história de estar desorientada por causa da irmã (principalmente porque quase todos sabiam que Janey infelizmente nem sequer pensava na irmã, a não ser para usá-la), e depois vindo com aquele negócio de Patty precisar do apartamento.

Mimi ficou surpresa de ver como Janey podia ser vingativa. A princípio, não conseguia aceitar aquilo. Devia haver algum engano, pensou. Mas sua intuição feminina lhe dizia que era verdade, e seus pensamentos percorreram toda a gama de sentimentos, desde o puro ódio por Janey - achando que ela era capaz de praticamente qualquer coisa, inclusive matar — até o seu erro de tê-la adotado como sua protegida. Apesar de as pessoas viverem alertando-a de que Janey aceitara dinheiro de homens, e que havia destruído alguns lares, que até transava em banheiros, Mimi havia teimado em dizer que Janey na verdade era uma moça boa, que não passava de uma vítima infeliz de boatos maldosos, sendo seu único crime o fato de ser bela. E Mimi havia caído direitinho na armadilha: desde criança, sempre escolhia a menina ligeiramente deslocada para ser sua melhor amiga. Por exemplo, a Mauve Binchely, da qual as outras zombavam, Pippi Maus, que era alcoólatra, viciada em drogas e ninfomaniaca, e agora a Janey Wilcox, que trazia no currículo uma reputação duvidosa. Mimi até se lembrava de ter ouvido falar que Janey passara uma temporada em um iate de um árabe muito rico... Mas será que era verdade mesmo? Os defeitos da Mimi eram o orgulho e a teimosia: era quase como se, escolhendo essas mulheres como amigas, ela quisesse provar para todo mundo que todos estavam errados e ela certa, que essas mulheres, na verdade, tinham suas virtudes.

Ora, Mauve e Pippi eram suas amigas há anos, e apesar de suas óbvias excentricidades, eram amigas leais. Mas Janey havia deliberadamente tentado prejudicá-la, e Mimi sentia-se tão magoada quanto se tivesse sido traída por um amante. Pior ainda, porque ninguém esperava um comportamento assim de uma mulher — ao passo que com um homem era sempre uma possibilidade. Só que se sabia que, uma vez que se concordasse em entrar nessa...

Então Mimi decidira lavar a roupa suja com Janey e acabar a amizade. Ah, ela ainda precisaria aturar a Janey de vez em quando, sim — como Janey era casada com Selden isso agora era inevitável. Mas ia deixar bem claro que elas não podiam mais ser amigas, pelo menos por um bom tempo...

E, além disso, a entrevista não tinha saído nem um pouco conforme ela esperava...

Chuviscava quando ela saiu do hotel ao meio-dia e meia. O ar estava cortante — tão frio e úmido quanto seu coração. Enquanto corria pelo bulevar, xingava Janey Wilcox por dentro. Será que ela pensava que Mimi era tão fraca e vulnerável que a deixaria sair impune? Certamente devia saber que Zizi acabaria lhe contando — e com um gritinho de entendimento, ele subitamente percebeu que fora essa a razão que levava Janey a tentar despejar Zizi do apartamento! A manobra tinha sido tão desastrosa que chegava a ser ridícula. E pela quinta ou sexta vez naquela manhã, ela se questionou sobre o que estava para fazer. Talvez fosse melhor não dizer nada — afinal, o que estava feito estava feito, e mais de dois meses havia se passado; aquilo não iria mais influenciar sua vida agora. Ela perdoara outras amigas por transgressões, sem dizer nada, mas aí se lembrou de que nenhuma amiga havia cometido um crime assim tão clamoroso contra ela. E enquanto seguia apressada pelo bulevar rumo à Christian Dior, percebeu que o problema não era necessariamente o que Janey fizera no passado, mas o que podia fazer no futuro...

- *Bonjour*, Madame Paxton — cumprimentou a recepcionista, alegremente. — Veio experimentar o vestido?

- *Oui* — respondeu Mimi. — Estou esperando uma amiga, que vem à uma hora. O nome dela é Janey Wilcox. Pode deixá-la subir, por favor?

- Perfeitamente, Madame — disse a recepcionista, levantando-se para abrir uma porta atrás de si. — Seu provador será no *showroom* Saint Laurent...

- Sim, obrigada. Sei onde fica — disse Mimi.

E então percorrera todo aquele corredor bege rosado até a sala onde Yves Saint Laurent mostrara sua primeira coleção. Embora ela naturalmente não houvesse percebido na época, era uma certa ironia experimentar os vestidos ali. Afinal, depois de Yves Saint Laurent mostrar sua primeira coleção como figurinista, o bulevar lá fora se encheu de paparazzi e de fãs. Tinha sido um desses grandes momentos históricos, quando um homem faz seu nome...

Só que a sala, em particular, não tinha nada de especial. Era longa e estreita, com pé-direito alto, janelas francesas com venezianas, um espelho ao longo de uma parede, e toda pintada e acarpetada naquele mesmo bege rosado que transpirava dinheiro e classe.

Um cabideiro com roupas se encontrava a um canto, cheio dos vestidos maravilhosos que ela encomendara no outono anterior. No meio da sala, via-se um bloco de madeira com dois degraus. Mimi tirou toda a roupa, menos um sutiã sem alças e a meia-calça de náilon, enquanto Colette, a costureira, tirava um vestido de chiffon azul do cabideiro e enfiava os braços através da saia, segurando-a acima da cabeça de Mimi, para que ela pudesse vesti-la.

Ela estava nervosa. As roupas deviam estar meio apertadas, e ela não sabia o que fazer. Será que devia mandar abrir as costuras, e alargá-las, ou guardar tudo para o ano seguinte? Colette puxou o zíper com certa força, tentando unir os lados do corpete. Por fim ele se fechou, e ambas suspiraram aliviadas.

Colette tinha um ar ligeiramente desaprovador.

- A Madame por acaso...

- Ah, não – disse Mimi, sacudindo a cabeça. Pôs as mãos na barriga e o rosto de Colette se iluminou ao entender.

- Ahhhh – ela disse, fazendo com a cabeça sinal de que entendera. – *Está très bien, n'est-ce pas?*

- *Oui* – concordou Mimi. – *Je suis très heureuse.*

E então, mais ou menos às cinco para a uma, François, o charmoso francês que era presidente da Christian Dior, entrou no provador.

- Achei que podia querer ver isso – disse ele, mostrando-lhe um fax. Depois de olhar a folha de papel com aquela manchete terrível e irônica, Mimi soltou um gritinho. – *Excusez-moi* – pediu François. – Não pretendia transtorná-la - mas achei que talvez ela fosse amiga sua, não?

- Ela é... ou melhor, era – explicou Mimi, confusa. – Ela já deve estar a caminho daqui...

- Acho que ela não devia vir hoje – sugeriu François. – Todo o mundo da moda está comentando isso – pelo jeito ela foi modelo em Paris há muito tempo atrás.

- Sim, acho que deve ter sido – disse Mimi, vagamente. Não queria dar a François nenhuma informação que ele pudesse imediatamente repassar...

Assim que François saiu da sala, o primeiro pensamento de Mimi foi: Pobre da Janey!

Naturalmente, queria que Janey pagasse pelo seu comportamento, mas claro que não havia desejado nada assim para ela! Só que, ao olhar para o fax de novo, entendeu que não estava muito surpresa – não, não estava surpresa mesmo. Toda a cidade de Nova York devia estar lendo a matéria no café da manhã; já circulavam faxes em Paris, e provavelmente em Londres e Milão também... E, é claro, aquilo logo estaria circulando na internet. Àquela altura, Janey também devia estar sabendo de tudo, e nesse caso, ela certamente ia desistir do encontro. E tendo em vista os recentes acontecimentos, era inteiramente possível que Mimi não fosse sequer confrontá-la.

Foi aí que sentiu um peso sair de suas costas.

E mais ou menos 15 minutos depois, Janey entrou.

A primeira coisa que passou pela cabeça de Mimi foi que, por algum motivo, Janey não sabia ainda – e que ia ter que contar a ela.

- Janey! – gritou.

Janey olhou para ela desvairada, circundando o pedestal como um tigre que estivesse para devorá-la.

- Onde é que vai usar esse vestido? – perguntou.

- No espetáculo de gala do balé de Nova York – respondeu Mimi. Janey não devia saber de nada, pensou, senão por que estaria me perguntando sobre o vestido? – Eu ia te pedir para fazer parte do comitê...

- Ah, ia? – perguntou Janey, levantando as sobrancelhas de surpresa. – Estranho, não é, considerando-se a situação...

Então ela sabia, pensou Mimi nervosa. E como para confirmar esse fato, Janey continuou:

- Ah, sim. Eu sei de tudo.

Mas seu comentário seguinte quase derrubou Mimi.

- Você arrumou algum jeito de combinar tudo isso para me tirar de Paris – afirmou em uma voz estranha e misteriosamente calma.

- Janey! – gritou Mimi, chocada.

- Para poder ficar com o Zizi só para você! – acrescentou Janey, triunfalmente.

Mimi recuou de susto, quase caindo do pedestal. Quando recuperou o equilíbrio, viu que seu corpo inteiro tremia de medo e repulsa...

- Acabei de falar com o Zizi – disse Janey. – E ele me contou tudo.

Mimi ergueu uma das mãos, trêmula, até o peito, perguntando-se se ela de alguma forma havia perdido o juízo. Como é que Janey estava lhe dizendo as mesmas palavras que ela pretendia dizer a Janey?

- E pensei que você fosse minha amiga – prosseguiu Janey. – Ah, todos me diziam que você era mimada e egoísta, que sempre queria que saísse tudo do seu jeito; que faria qualquer coisa para ter o que queria. Mas eu não acreditei neles. – Ela chegou mais perto de Mimi, seus olhos faiscando como safiras negras. – Sabe quantas vezes eu tive que defendê-la? Quantas vezes precisei dizer às pessoas que no fundo você era uma pessoa legal?...

- Janey! – gritou Mimi, apavorada. – Do que está falando?

- Não posso acreditar que você fez isso comigo – exclamou Janey, avançando alguns passos em direção à outra. – Primeiro me obriga a vir a Paris com você – para encobrir o fato de que está tentando reconquistar Zizi - e aí quando fala com ele e ela a rejeita – quando ele se recusa a transar com você –, liga para o George e lhe diz para inventar essa história...

Mimi levou as mãos à boca como se fosse soltar um grito. Nesse momento, soube sem a menor sombra de dúvida que cada palavra que Zizi tinha dito era verdade. Janey simplesmente havia modificado o roteiro e mudado as falas dos personagens, colocando-se na posição de vítima. Mas seria possível que ela estivesse realmente acreditando mesmo que o que dizia era verdade?

Mimi olhou bem para ela. Os olhos de Janey estavam brilhando, mas vazios, como se os faróis altos de um carro estivessem acesos sem ninguém ao volante. Ela deu um passo à frente, e Mimi encolheu-se de medo.

- Só que não vai funcionar, Mimi – garantiu Janey. – Custa a acreditar que você tenha bolado um plano assim tão primário... Me acusar de tirar dinheiro do Comstock Dibble. Porque a verdade é que eu realmente escrevi mesmo um roteiro. E quando a imprensa souber, vão se virar contra você...

Mimi caiu de joelhos. Gritinhos de pavor que pareciam tosse saíam de sua boca. Colette correu até ela – naturalmente, seu inglês não era bom a ponto de entender o que se passava, mas sabia reconhecer quando alguém estava passando mal.

- Madame Paxton! – gritou. – *Vous êtes...*

- *De l'eau, s'il vous plait...* – pediu Mimi, ofegante.

Colette saiu correndo da sala enquanto Janey olhava-a se retirar. Depois que a moça saiu Janey avançou mais um passo. Estava com suas luvas na mão e começou a bater com elas contra a coxa, dando a impressão de que ia bater em Mimi...

- Janey – arquejou Mimi. – Precisa saber que nenhuma palavra do que disse é verdade. Eu só descobri sobre o escândalo há cinco minutos, cinco minutos antes de você entrar. E quanto ao

Zizi, eu falei com ele ontem à noite, e ele me contou...

- O quê? – perguntou Janey, ameaçadora. – Que eu tinha tentado seduzi-lo? – Ela virou a cabeça e riu. – Claro que ele ia dizer isso. É o que todo homem diz quando a gente os repudia...

- Você o chamou de gigolô – afirmou Mimi, ofegante.

- E por que não chamaria? – perguntou Janey. – Afinal, é isso que ele é, não? Um homem que se vende por sexo?

Mimi ergueu-se trêmula, ficando de pé. Só conseguia pensar que devia bolar uma forma de tirar Janey dali, de perto dela. Foi devagar até o cabideiro, segurando-se na barra de metal para não cair, e, obrigando-se a parecer calma, falou:

- Talvez tenha razão, Janey. Talvez tudo que está dizendo seja verdade...

- Claro que é – redarguiu Janey. Mas o fato de Mimi estar concordando com ela pareceu apaziguá-la um pouco. – Sei que não deve ser fácil para você, Mimi; sei o que sentia por ele – disse. – Mas quando falei com ele há uma hora atrás, no Ritz, ele me disse que você o andava seguindo, que tinha vindo à Paris atrás dele, e que ele foi obrigado a dar o fora em você. A verdade é que ele quer a mim... Ele me disse que já estaria ao meu lado, se eu não fosse casada com o Selden.

Mimi quase riu. Isso, pensou, seria a última coisa que o Zizi diria. Mas Janey estava puxando as luvas – se Mimi falasse com ela do jeito certo, dentro de instantes, ela iria embora.

- Entendo – disse Mimi, concordando pensativa com a cabeça. – E o Selden, o que vai ser dele? – perguntou, como se estivessem tendo uma conversa perfeitamente normal sobre homens e relacionamentos amorosos.

- Ah, o Selden – repetiu Janey, encolhendo os ombros. – Ele ficaria arrasado se eu o largasse... e foi isso que eu disse ao Zizi.

- Natural, não é? – disse Mimi, engolindo em seco para disfarçar sua repugnância. O pior de tudo, pensou, é que se as pessoas não conhecessem a Janey, talvez até chegassem a acreditar nela.

- Só vim aqui te alertar – disse Janey, começando a dirigir-se para a porta. E aí, com um olhar triunfante de desdém, os olhos de Janey desceram até o ventre da Mimi. – Mas estou vendo que já é tarde demais.

Mimi concordou sem nada dizer.

A mão enluvada de Janey tocou a maçaneta de bronze da porta.

- Sou sua amiga de verdade, Mimi. Sempre te adorei, desde que era criança, e via suas fotos nas revistas. Sempre quis ser exatamente igual a você quando crescesse. E torço para que, depois de tudo isso passar, ainda possamos ser amigas...

O sorriso de Mimi foi forçado.

- Mas claro, Janey – concordou cautelosa. – Sempre seremos amigas, você sabe disso.

Janey começou a passar pela porta. E depois virou-se. Com um brilho malicioso nos olhos, perguntou na maior inocência:

- Por falar nisso, quem é o pai?

- Madame! – chamou Colette, entrando na sala apressada, com um copo de água na mão, antes de Mimi poder responder. Lançou um olhar zangado a Janey e sacudiu a cabeça; Janey deu de ombros e começou a percorrer o corredor. Colette entregou o copo a Mimi.

- *Ces't tout d'accord?*

- *Non, Colette* – respondeu Mimi, fatigada, tomando alguns goles. – *Je suis très fatiguée. Je*

prenderais un'autre appointment demain...

- *Mais oui, bien sûr* – declarou Colette. – *Ces't naturellement. Ces't lê bébé.*

- *Oui* – concordou Mimi. – *Le bébé...*

- *Le bébé* – disse Mimi, em voz alta, tocando a barriga. Olhou de relance para o relógio de pulso outra vez. Mas onde havia se metido aquela médica? Fechou os olhos, chateada, e ao fazer isso viu de novo o rosto aterrorizante de Janey pronunciando aquelas últimas palavras devastadoras... Parecia que a linda cabeça de Janey se partira em duas, e uma serpente de pescoço longo havia surgido e avançado para ela, rindo e tentando mordê-la. Ela ainda podia ver sua pele negra, escamosa, e reluzente, e todos aqueles dentes e a comprida língua vermelha...

Exatamente o quê, ponderou, teria feito Janey surtar daquele jeito – reescrever completamente a verdade sobre ela e Zizi? Teria sido o choque de ver-se na capa do *Post*, ou seria outra coisa, bem mais profunda? A princípio pensou em alertar George e até Selden sobre o perigoso temperamento de Janey, mas ela precisaria revelar-se por meio de seus próprios atos. E afinal, já havia sido bastante castigada. Mimi imaginava que ela teria que se mudar para Connecticut com o Selden, onde seria obrigada a ficar escondida... Mas Selden provavelmente se divorciaria dela, e que homem seria tolo o suficiente para querê-la? Muitos, respondeu Mimi, com uma risada sarcástica. Só que Janey teria que desaparecer do mapa, pelo menos por enquanto...

Uma vizinha interior, porém, alertou-a de que Janey jamais faria isso, e, abrindo os olhos, deu um soco na mesa de exames. Precisava parar de pensar naquela Janey Wilcox, ralhou consigo mesma. Janey agora não era importante... A única coisa que realmente importava era o bebê... Era espantoso receber um presente daqueles, pensou, pondo as mãos no ventre; mesmo tendo que pagar um preço tão alto. Sim, pois, tendo esse bebê, ela se via diante de um dilema secular: não sabia exatamente quem era o pai. Sem dúvida, uma situação insuportável – por fora ela continuava a viver como se George fosse o pai, mas por dentro achava que era Zizi. O resultado era que, a cada momento do dia, ela se sentia uma fraude – o terrível segredo pesando ainda mais do que o próprio bebê. Ela não era melhor do que Janey Wilcox, pensou, e merecia ser punida também. E se a criança fosse do Zizi, seria; embora ela sáisse de dentro dela, o segredo jamais sairia – ela carregaria aquela cruz pelo resto da vida...

Mas o que ela ia fazer? Talvez a coisa mais louvável fosse um aborto, a punição adequada para se pecado, e aí o George não precisaria ser enganado. Mas por que matar uma criança *pelo crime da mãe*?

- Bom dia! – disse a doutora, toda alegre, finalmente entrando na sala. – Está pronta para ver seu ultra-som?

Mimi respondeu que sim com a cabeça, e a médica prosseguiu:

- Só há uma coisa que precisamos saber primeiro. Vai querer saber qual é o sexo, ou não?

- Vou, sim – respondeu Mimi, com cautela. Recostou-se na mesa de exames e de repente se sentiu culpada de novo, lembrando-se de que era uma pecadora. Será que a doutora era capaz de ver isso? Mas claro que não... Afinal, a criança ainda podia ser do George...

Mas torcia para não ser!, pensou, gritando por dentro. Afinal, era uma mulher que havia se apaixonado, e naturalmente desejava que a criança tivesse sido concebida por amor também.

Portanto, quem poderia culpá-la, se ela rezava fervorosamente para que o bebê fosse menino – e sáisse a cara do Zizi?

Janey Wilcox estava parada na suíte do Hôtel Lowell, alisando cuidadosamente as páginas do

New York Post daquela manhã. O telefone estava preso entre sua orelha e o ombro, concordando com a cabeça e emitindo um ocasional “hum-hum”, adicionou o jornal a uma enorme pilha de recortes a um canto da sala.

Ela estava conversando com Wendy Piccolo. Em uma dessas estranhas viradas da vida, Janey e Wendy haviam se tornado amigas pelo telefone, falando uma com a outra um vez e às vezes até duas por dia, batendo papo durante horas até Wendy precisar correr para o teatro onde fazia o papel de Blanche Dubois em *Um bonde chamado desejo*.

Aquela amizade improvável começara duas semanas antes, no dia em que a manchete do *Post* foi “MERETRIZ MODELO”, abaixo dela uma foto ligeiramente granulada de Janey, tirada do catálogo da Victoria’s Secret, na qual ela estava de penhoar translúcido e chinelas de salto, com plumas de avestruz rosa. Era aquela época do ano em que se tem a impressão de que o inverno nunca vai terminar, e naquele, o inverno de 2001, nevara consideravelmente. Montes de neve suja cobriam as ruas, e poças de lama gelada do tamanho de pequenos lagos se formavam nas calçadas. Os pés das pessoas viviam molhados, e todos, ao que parecia, estavam rabugentos. Na verdade, a amizade começou porque Wendy andava meio entediada, e Janey não podia sair da suíte.

E assim, quase duas semanas antes, às três da tarde, no dia da manchete “MERETRIZ MODELO”, o telefone tocou. No primeiro dia depois que Janey tinha voltado de Paris, o telefone havia tocado sem parar, devido às ligações dos repórteres, e Janey foi expressamente proibida de atendê-lo. Mas o hotel conhecia as necessidades especiais das celebridades e no dia seguinte trocaram o número. E então o telefone passou a não tocar mais, a não ser pelas chamadas do Selden – que ligara mais ou menos uma seis vezes para ter certeza de que ela ainda estava na suíte – e do seu novo relações-públicas, Jerry Grabaw, querendo saber se ela precisava de alguma coisa, e tranquilizando-a com a notícia de que tudo ia acabar bem... um dia.

Ora, disso ela já sabia, pensava, aborrecida. Afinal, aquela bandalheira toda não era só um... grande... imenso... engano?

Ela atendeu o telefone, já pensando que fosse o Selden, mas, era Wendy Piccolo.

- Poderia falar com o Selden, por favor? – perguntou a vizinha enganosamente meiga de Wendy, e Janey a reconheceu imediatamente.

- O Selden está... no escritório – respondeu Janey, como se qualquer pessoa inteligente soubesse disso. Wendy não se deixou intimidar. – Janey? – perguntou.

- Sim – confirmou Janey, impaciente, perguntando-se como Wendy podia pensar que poderia ser alguma outra pessoa.

- Na verdade – disse Wendy, sua voz traíndo uma pontinha de culpa –, queria mesmo era falar com você. Estava aqui pensando no que você estaria fazendo.

Janey atracou-se a essa oportunidade como uma águia que arrebatava um coelho de um campo – até ali ninguém, ao que parecia, tinha se preocupado em saber como ela estava se sentindo; todos estavam ocupados demais se preocupando com as conseqüências que o problema dela teria para eles.

- Minha vida virou um verdadeiro pesadelo – desabafou ela. – Tem mais ou menos uns cem fotografos lá fora, e não posso sair da suíte... Estou enlouquecendo. E toda essa publicidade, gente telefonando... Mas o pior de tudo – acrescentou, indo até a janela e, provavelmente pela trigésima vez naquele dia, espreitando entre as cortinas fechadas a multidão de fotografos de pé

do outro lado da rua – é que nenhuma palavra do que saiu no jornal é verdade. O que ninguém parece entender é que eu escrevi mesmo um roteiro...

- Claro que escreveu – afirmou Wendy, a voz trêmula de indignação na forma tradicional feminina de sempre defender a causa da mulher acima da causa do homem. Afinal, não era a verdade que importava, mas a justiça moral da situação, pensou. – Mesmo que não tivesse escrito – continuou – não teria importância. Foi o Comstock que cometeu o crime, não você, nem qualquer uma dessas moças.

Ah, sim. As “outras” moças. Janey já havia quase esquecido delas. Mas quem eram elas?

Garotas de programa, garçonetes, e atrizes novatas. Ninguém jamais tinha ouvido falar delas antes. Não eram famosas... Nenhuma delas aparecia na capa do *New York Post*, dia após dia. – O problema é que nenhuma delas escreveu roteiro algum – disse Janey. – E a imprensa resolveu me incluir nesse grupo...

- Porque você é bonita e famosa – explicou Wendy. – Precisa reconhecer, Janey, sem você eles nem mesmo teriam uma matéria que valesse a pena publicar.

Ela estava com toda a razão, pensou Janey, e lhe disse isso.

E aí, para sua ligeira surpresa, Wendy tornou a ligar na tarde seguinte. Tinha conversado com os outros atores do elenco do *Bonde*, disse, e todos decidiram por unanimidade que Janey era uma figura incrivelmente trágica, exatamente como Hester Prynne de *A letra escarlate*. Janey não lera esse livro, mas tinha visto o filme com a Demi Moore, e, precisava admitir, era justamente assim. Então Wendy lhe disse que alguém havia sugerido que todos encomendassem camisetas, com as palavras MERETRIZ MODELO escritas na frente, para usarem, em solidariedade a Janey. Janey riu daquela idéia, meio hesitante, mas gostou do fato de as pessoas estarem pensando nela, e até da maneira como Wendy havia falado com ela, usando a palavra *Bonde* como se Janey também fizesse parte da classe teatral.

E agora, sentada no braço do sofá de chintz florido, Janey balançava a perna de tédio. Na grande tradição feminina da amizade, ela e Wendy estavam tendo a mesma conversa que tinham todos os dias.

- É simplesmente um porre ficar aqui dentro o tempo todo – gemeu Janey.

- Eu sei, Janey – reconheceu Wendy, solidária –, mas vivo lhe dizendo: vai ter que sair dessa suíte um dia...

- Ah, sim, mas eu não posso – suspirou Janey, irritada. – Selden me mata. Ele nem me deixa chegar perto da janela.

- O que o Selden está pensando em fazer? – perguntou Wendy, mais ou menos pela décima-quinta vez. – Divorciar-se de você? Se ele fosse fazer isso, já teria feito.

- Creio que tem razão – suspirou Janey.

- Por que não devia? – perguntou Wendy, ardilosa. – Sair, quero dizer. – Ela também estava ficando meio cansada da mesma conversa manjada – queria que alguma coisa acontecesse para Janey, pelo menos ter algo de novo e divertido para contar – algo que ela pudesse repassar não só para o elenco do *Bonde*, mas também para o resto dos seus amigos.

- Talvez a gente possa sair... juntas – propôs Janey, soltando o ar durante algum tempo de forma bem lenta, como se não fosse algo que ela pudesse mesmo fazer. Naturalmente, ela também era ardilosa – sabia que se fosse vista com Wendy Piccolo – que a imprensa pelo jeito, “adorava” – isso ajudaria muito a firmar sua abalada reputação...

- Mas claro que vamos. Em breve – prometeu Wendy, sem a menor intenção de concretizar a promessa – ou certamente não em um futuro próximo. Conversar ao telefone com a Meretriz Modelo (que era como ela e todos os seus amigos se referiam a Janey por trás) era uma coisa, mas ser vista com ela? Não era burra a esse ponto e, além disso, sua agente a mataria... Mas como não queria ofender Janey (pelo menos ainda não, alguém podia fazer um filme baseado na vida dela e Wendy estava um tanto inclinada a se candidatar ao papel), acrescentou:

- Você sabe que eu adoraria ir, mas não dá – pelo menos, durante seis semanas até a peça sair de cartaz...

- Eu devia ir te ver na peça, então – disse Janey.

- Venha! – disse Wendy. – Venha mesmo, você e o Selden.

- Se ao menos pudesse fazer todos entenderem que eu realmente escrevi um roteiro... – gritou Janey, voltando ao seu tema predileto.

E aí, como sempre fazia ao surgir o assunto do misterioso roteiro, Wendy sugeria, suplicante:

- Janey, porque simplesmente não vai pegá-lo?

- Não posso, você não vê – disse ela. – Já te falei: está no meu antigo apartamento e não posso sair do hotel...

- Pode me dar as chaves – propôs Wendy. Eu passo lá e pego...

— Nunca vai conseguir encontrá-lo — explicou Janey, com um suspiro. — Aquele lugar está que é uma bagunça só — eu tinha um inquilino, sabe? Aquele jogador de pólo, o Zizi, e ele, pelo jeito, era tipo porco... Não sei nem mesmo onde posso encontrá-lo, ou se ainda está lá. Mas meu maior medo mesmo é que eu o tenha deixado naquele bangalô que aluguei no verão, lá nos Hamptons, há dois anos...

— Ah, sei — disse Wendy. — Mas mesmo assim...

— E eu nunca o entreguei — continuou Janey, tristonha. — Então não está datado. Não tem nada nele que evite que as pessoas pensem que eu o escrevi depois do escândalo... depois de ter sido acusada. — E naturalmente, havia outros motivos também, pensou ela...

— Suponho que isso seja realmente um problema — disse Wendy, uma ponta de irritação insinuando-se em sua voz.

O momento havia passado, porém, e as duas desligaram com promessas de conversarem mais tarde outra vez.

Janey chutou a perna da mesa de centro. Talvez, pensou, devesse ter mesmo dado as chaves a Wendy para ela ir procurar o roteiro no apartamento. Claro que não havia roteiro, apenas trinta páginas, mas só o fato de mandar a Wendy procurá-lo podia levá-la a pensar que havia um. Ela já podia imaginar Wendy defendendo-a diante do resto do elenco do *Bonde*: "Ela me mandou procurar o roteiro", diria Wendy, "e se não existe roteiro, por que ela faria isso?"

Só que era arriscado demais mandar a Wendy ao seu apartamento, decidiu Janey. Se ela por acaso encontrasse o roteiro... Não, resolveu, todo cuidado era pouco por enquanto... Ela se levantou e foi até a janela outra vez, espreitando cuidadosamente entre as cortinas. Havia apenas três fotógrafos agora — um grupinho variado que batia os pés no chão para espantar o frio. Pareciam a escória dos paparazzi; o tipo dos caras com quem ninguém devia conversar no segundo grau. Todos os dias, uns três ou quatro deixavam de aparecer e agora já estava bem melhor do que no dia em que ela havia voltado e entrado no hotel, dando de cara com cinquenta repórteres a postos do outro lado da rua. O pandemônio foi tal que a polícia tinha precisado

montar barricadas azuis, mas nem mesmo isso se comparava à cena no aeroporto...

Ela não fazia idéia que a matéria tivesse essa importância toda até passar pela alfândega e atravessar as portas de vaivém, atravessando o corredor que levava à saída. Ah, sabia que estava "ferrada" e que Selden estaria furioso com ela — talvez até estivesse zangado o suficiente para divorciar-se dela. Mas tinha certeza absoluta de que ia ser capaz de convencê-lo a não fazer isso — se estivesse a fim.

Portanto, quando viu o corredor entupido de fotógrafos, em vez dos motoristas de limusine do costume, em busca de seus passageiros, levou algum tempo para cair a ficha de que aquilo tudo podia ser por causa dela. E então um deles tinha gritado: "Ela vem vindo aí!", e realmente ela vinha vindo, empurrando seu próprio carrinho pesado de bagagem, cheio de malas Louis Vuitton, igualzinha a uma bocó de New Jersey — e nem mesmo tinha tido tempo de colocar os óculos escuros...

E em seguida todos começaram a gritar seu nome e a berrar coisas para ela, como: "Qual foi a maior quantia que já lhe pagaram para transar?" Eram muitos, e os flashes de suas câmeras eram literalmente cegantes... Naturalmente, sentiu medo, mas havia algo de excitante naquilo, e ela se lembrou de pensar que era assim que a Princesa Diana devia se sentir... E aí todos a cercaram — chegando perto do seu rosto, bloqueando a passagem do carrinho — até que por fim ela simplesmente não conseguiu mais se mover, e cobriu os olhos com o braço, abrindo a boca para soltar um grito...

E foi então que a mão de um homem saiu da manga de um terno riscadinho e agarrou o seu braço, puxando-a para longe, e algum outro homem apareceu para empurrar seu carrinho, como um cortador de grama, através da massa de repórteres, derrubando-os; de repente já estavam na beira da calçada, e o homem de terno riscadinho já estava procurando fazê-la entrar depressa em uma longa limusine preta com janelas de vidro fume. O homem a seguiu e entrou no carro também, batendo a porta atrás de si, enquanto os fotógrafos cercavam a limusine, ainda berrando e tirando fotos. O homem — era mais velho e atraente de um jeito conservador e chato, típico das pessoas sem imaginação — foi se arrastando até a divisória que separava os passageiros do motorista.

— Pisa, Chester, vai! — gritou para o motorista.

— E a bagagem, senhor? — Deixa que o Ronald cuida dela. Vai tratando de sair daqui antes que eles comecem a quebrar as janelas...

O carro partiu com um solavanco, e Janoy caiu contra o encosto do assento. E depois se fez silêncio. O homem virou-se para ela, e estendeu a mão.

— Aliás, sou Jerry Grabaw — apresentou-se com um ligeiro sotaque do Brooklyn. — Seu marido me contratou. Sou seu novo relações-públicas. — Sua boca esticou-se em um sorriso irônico. — Parabéns — acrescentou. — Agora ficou realmente famosa.

Janey só ficou olhando para ele, espantada.

Tornou a espreitar entre as cortinas de novo. Nos últimos cinco minutos, um dos fotógrafos tinha ido embora — mas talvez tivesse apenas ido fazer uma boquinha. Ela certamente era famosa agora, pensou, deixando as cortinas caírem de volta e relanceando os olhos para a pilha de jornais a um canto, e não devia nada ao Jerry Grabaw.

Sabia que o Selden estava pagando ao Jerry Grabaw uma grana preta, mas até ali ele não havia levado nenhuma das "teorias" dela a sério — como, por exemplo, a de que George Paxton era o

responsável por aquela calúnia. "Idéia interessante", dissera Jerry, só para ser simpático — naquele seu terno riscadinho, ele se parecia — e agia — mais como um homem de negócios conservador, do que como o relações-públicas de uma celebridade, pensou Janey, irritada. "Mas, diante dos fatos, creio que vamos precisar deixar o Comstock Dibble levar a culpa."

— O George é amigo meu, Janey — replicou Seldon, furioso, como para recordá-la desse fato óbvio. — Por que ele faria alguma coisa...

Ela ia abrir a boca para falar, mas a expressão no rosto de Seldon fez com que ela pensasse duas vezes. Talvez não fosse boa idéia, além de tudo que já havia ocorrido, o Seldon saber que ela tinha ido pedir ajuda ao George, em vez de falar com ele... nem que fora pedir dinheiro ao George... E certamente não ia querer que ele soubesse — nem sequer desconfiasse — até que ponto ela havia chegado para conseguir o que queria...

Espreitou através das cortinas outra vez. Jerry lhe dissera para manter as cortinas fechadas e ficar longe delas, porque os paparazzi tinham lentes telescópicas que podiam tirar uma foto de cem metros de distância, através do vidro — e ela tampouco ia querer que tirassem uma foto dela com aqueles trajes. Mal havia trocado de roupa nas últimas duas semanas, achando que não seria preciso, já que ninguém ia mesmo vê-la. Mas quantos fotografos estariam ali no dia seguinte? imaginou. Dois... um... talvez já tivessem todos ido embora. Estavam desistindo, percebia ela, e pelo *Post* daquele dia, que sequer mencionava o nome dela, era possível que estivessem perdendo o interesse pelo escândalo...

Dando as costas à janela, e incapaz de pensar em qualquer outra maneira de se divertir, sentou-se no sofá e pegou uma revista de moda. Já havia lido aquele exemplar pelo menos três vezes até aquele momento; de tão entediada, chegou até a ler os anúncios. Tornou a jogar a revista na mesa de centro, enojada, perguntando-se como ia preencher seu tempo até que o Seldon voltasse, às seis. Podia ligar para o Jerry e lhe pedir para trazer-lhe revistas novas; talvez até um livro. Mas estava desconcentrada demais para ler alguma coisa que exigisse tanta concentração quanto um livro... e já estava cansada de assistir à televisão.

Ai! pensou, frustrada. Estava de saco cheio de tudo...

Ficou de pé o começou a andar de um lado para outro na sala de estar. Ela tinha desejado fugir — talvez para a Europa ou para um desses haras em Montana — mas Seldon disse que ela não podia viajar. Apesar de seus problemas, ele ainda precisava ir trabalhar todos os dias, e não confiava em deixá-la sozinha. Quanto tempo mais ela ficaria presa naquela suíte? perguntava-se. Mais de duas semanas? Um mês? Seis meses?

Espreitando entre as cortinas de novo, pensou: Por que não podia sair? Todos os fotografos já haviam praticamente ido embora... E a Wendy tinha razão — ela ia ter que sair daquela suíte mais cedo ou mais tarde. Então, por que não hoje?

Só que para onde — ou com quem ela iria? Consultou o relógio — era pouco menos de meio-dia. Normalmente, a essa hora, ela estaria se arrumando para ir almoçar no Dingo's... e de repente percebeu que era exatamente isso o que faria.

O Dingo's, resolveu, era perfeito: Lá estaria a quantidade certa de gente importante — o suficiente para sua entrada causar impacto, mas não seria tanta gente a ponto de dar a impressão de ela estar querendo fazer algum tipo de protesto. Claro que também era meio arriscado. E se não lhe dessem a mesa do costume... E se nem mesmo a deixassem entrar? Mas eles seriam obrigados — e, de qualquer maneira, Wesley a adorava. Ora, ela havia praticamente tornado

aquele lugar famoso...

Mas com quem poderia ir? pensou, mordiscando uma casquinha no indicador.

Só lhe restava uma pessoa: a Patty. Ela não ia querer ir, mas Janey a obrigaria.

Uma coisa mais importante, porém, a preocupava — mais especificamente, a velha questão: O que vestir?

Ela precisava parecer perfeita na sua reentrada na sociedade, pensou, correndo para o armário. Podia usar o terninho Luca Luca vermelho com aquela linda gola de pele... E colocar o colar de pérolas negras. E com seu anel de diamante de noivado e a sua aliança de casamento de *pavê* de brilhantes da Tiffany, brilhando no dedo anular da mão esquerda, sua imagem seria exatamente oposta à de uma prostituta...

Branco! pensou, de repente. Precisava era ir de branco. Branco era a cor da pureza. Significava inocência e virtude... Mas a maior parte de suas roupas brancas era de verão — a não ser o vestido Kors de época que havia usado naquele bendito jantar em Connecticut... Ela até arquejou ao pensar na sua coragem... Será que ousaria vestir aquele? Ousaria, sim, resolveu já assanhada, correndo até o armário para pegar o vestido. Seria um gesto chocante, até audacioso; mostraria a todos que ela nem se incomodava com o que pensavam dela. E tinha um casaco de lã branco que podia usar sobre ele. Envolveria a cabeça em uma *pashmina* branca e colocaria óculos escuros... Foi até o banheiro e começou a preparar o rosto. Fazia tanto tempo que não aplicava maquiagem que a camareira guardara o estojo dela na última prateleira do armário de remédios. Ela o retirou, com um puxão, e ao fazer isso, seu último batom Pussy Pink escorregou de dentro do estojo e caiu na banheira de mármore. Sua tampa rosa se partiu com o impacto, e ela soltou um grito de horror.

O que significaria aquilo? perguntou-se, pegando os pedacinhos de plástico cor-de-rosa e segurando-os na palma da mão. O batom já era — não podia levá-lo na bolsa sem tampa, porque ele sairia do tubo e mancharia todos os outros objetos nela contidos. Talvez, pensou, tocando os fragmentos e depois atirando-os na cestinha de lixo, talvez não fosse um sinal tão agourento assim. Talvez fosse apenas um sinal de que sua vida antiga havia terminado e de algum jeito uma vida nova e melhor tinha começado.

Selden Rose encontrava-se sentado à sua escrivaninha, o olhar parado no contrato à sua frente. Andava trabalhando para conseguir aquele contrato havia meses — encomendava a um roteirista famoso uma série sobre uma família que tinha um cassino clandestino no porão de uma casa geminada no Upper East Side — e embora o roteirista não houvesse oficialmente escrito uma palavra, já estava se formando um bochicho em torno do projeto. Agora que esse contrato já estava quase terminado, ele pretendia procurar Wendy Piccolo para contratá-la para o papel da filha bela, rebelde e solteira. Mas como sempre, ultimamente, viu que mal conseguia se concentrar nas palavras escritas bem diante de seu nariz... O próprio fato de ele precisar ler um contrato de roteiro recordava-lhe constantemente a situação de Janey. Com um suspiro, pôs o contrato de lado e depois se levantou e olhou pela janela para o centro da cidade. Era mais um dia nublado, e ele mal conseguia distinguir o contorno das torres gêmeas...

Olhou para o relógio — já era mais de 11h30. Ele ainda não tinha trabalhado o suficiente naquela manhã e agora teria que ir almoçar com o Victor Matrick na sua sala privativa. Desejou poder adiar o compromisso — aliás, daria tudo para cancelá-lo — mas, naturalmente, era impossível. A

secretária do Victor havia lhe telefonado uma semana antes para combinar o almoço, e depois tinha ligado naquela manhã para confirmar.

Ele só havia almoçado com o Victor duas vezes, desde que viera para a empresa: uma, quando Victor pensava em torná-lo CEO da MovieTime, e a outra, duas semanas depois de ter assumido o cargo. Mas não se surpreendia por Victor querer almoçar com ele. De jeito nenhum. Aliás, já esperava isso, devido a toda a publicidade negativa que a Splash Verner andava tendo ultimamente.

Não fazia a menor idéia do que o Victor diria, mas imaginava que não seria agradável.

Tinha passado a manhã preocupado com isso, revirando todos os aspectos que o Velhote poderia abordar, mas finalmente havia chegado à conclusão de que - uma vez mais - ele estava perdido. Exatamente o que a mãe dele lhe dizia quando lhe telefonava a cada três dias às cinco da tarde, religiosamente - só para ver se havia alguma "novidade" pavorosa para a qual ela devia se preparar com antecedência.

Às dez para o meio-dia, ele subiu para o 42º andar, de elevador, e depois percorreu o corredor até o elevador privativo que era o único acesso para o 43º andar e o refúgio de Victor. Lá dentro havia um intercomunicador. Ele apertou o pequeno botão prateado sob ele e uma das secretárias de Victor atendeu:

— Sim?

— É o Selden Rose. Vim almoçar com o Victor.

— Claro, Selden - respondeu a mulher, animada. — Pode subir.

A porta do elevador se abriu e ele entrou.

Em três segundos, ele chegou ao 43º andar. Uma das secretárias já estava aguardando diante do elevador para recebê-lo.

— Olá, Selden — cumprimentou ela, muito atenciosa. — O Sr. Matrick está terminando um telefonema; vai precisar de mais uns cinco minutos. Enquanto isso, posso levá-lo até a sala de jantar.

Eles passaram por um corredor comprido e estreito, pintado de azul e repleto de quadros com molduras douradas nas paredes. Havia várias portas de cada lado dele, pintadas de um azul mais escuro, com frisos moldados que combinavam com o azul das paredes. No meio do corredor, a secretária parou e abriu uma das portas, mantendo-a aberta e afastando-se para o lado, para que Selden pudesse entrar.

— Bom apetite — desejou ela, e depois acrescentou: — Ah, sim, já ia me esquecendo — e lhe entregou um cartãozinho branco com a beirada do mesmo azul das portas. — Seu cardápio — explicou com uma inclinação de cabeça.

— Obrigado — disse ele. — Entrou na sala, e olhou o cartão. "Salada: Alface lisa e tomates da Califórnia, com molho de queijo roquefort Maytag". "Prato Principal: linguado fresco frito na frigideira com aspargos e brotos de batata. Sobremesa: Brownie de nozes com cobertura de sorvete de baunilha".

Deve estar uma delícia, pensou Selden, sarcástico. E distraidamente, dobrou o cartão e colocou-o no bolso, olhando em volta.

Ali se fazia de tudo para a pessoa pensar que estava na Europa e não em um prédio ainda inacabado no Columbus Circle — desde a fileira de portas envidraçadas que levava a um terraço, através das quais se viam arbustos podados em diversos formatos, agora cobertos de neve, até as

paredes revestidas de lambris, e as cadeiras da sala de jantar, em madeira trabalhada, dispostas ao redor de uma mesa posta para dois. A exceção era a imensa tela de plasma embutida na parede, em um extremo da sala — presumivelmente, para os comensais assistirem aos últimos lançamentos da Splatch Verner, enquanto consumiam as iguarias preparadas pelo chefe de cozinha privativo e cinco estrelas.

Um lugar estava posto no extremo da mesa diante da tela; o outro ficava diretamente a sua direita. Selden sentou-se na cadeira em frente a ele.

Olhou para a tela, acima da mesa, e suspirou.

Como que em um passe de mágica, a tela piscou, e um programa comandado por um homem de meia-idade até simpático começou. Era o *The Jerry Springer Show*, e Selden voltou a suspirar. O Velhote era famoso por escolher executivos para lhes mostrar episódios do programa, depois do qual fazia um discurso sobre a importância daquele show na cultura americana. Parece que hoje a vítima ia ser ele e, apesar de odiar aquele programa, começou a assisti-lo sabendo que depois teria que passar por alguma espécie de sabatina.

Na tela, um rapaz feio de doer e cheio de espinhas no rosto, com algo que parecia um rabo de rato brotando da nuca, saiu de trás de uma divisória. Depois de alguns segundos, durante os quais ele fez cara de confuso, surgiu uma lourinha até bonita (que, segundo Selden decidiu, nem de longe combinava com o Rabo de Rato); imediatamente, ela começou a berrar na cara dele.

Depois veio uma outra moça, de vestido tubinho cor-de-rosa, e começou a berrar com a lourinha. Era quase impossível entender o que estava acontecendo — não porque estavam contrariados ou por causa do que diziam mas sim porque as duas mulheres falavam palavrões o tempo todo, e os censores eram obrigados a encobri-los com bipes.

Então, a lourinha empurra a de vestido tubinho e dois seguranças robustos que pareciam já estar aturando aquilo há tempo demais, as apartam. A Lourinha volta a agredir o Rabo de Rato; e, enquanto isso, a Tubinho vira-se para a platéia e, "balançando as cadeiras", puxa a parte de cima do vestido para baixo, expondo os seios. Essas maravilhas foram rapidamente cobertas por uma tarja preta. Selden voltou a suspirar, e começou a dar tapinhas no cocuruto.

Então, percebendo o que fazia, parou. Sem dúvida, seria uma ironia por causa daquele escândalo todo.

Como se todo o resto já não bastasse.

A porta se abriu, e Victor Matrick entrou.

Selden levantou-se.

Victor Matrick era um homem alto de estrutura mediana; apesar da idade, que alguns diziam ser mais de oitenta, era a própria imagem da saúde, com uma cabeleira branca espessa e bochechas rosadas combinando com ela. Era uma pessoa notoriamente calorosa — ou, pelo menos, capaz disso — e entrando na sala de jantar com aquela postura ligeiramente curvada que os homens altos aprendem a adaptar para não baterem com as cabeças, deu tapinhas nas costas de Selden e depois agarrou as duas mãos dele com força, sacudindo-as vigorosamente para cima e para baixo.

- Selden — disse, com um sinal de cabeça. — Selden Rose. Foi muito bom você aceitar meu convite para o almoço. — Como se, pensou Selden, amargamente, ele tivesse outra alternativa. — Vamos nos sentar? — convidou, sentando-se à cabeceira da mesa. — O primeiro prato virá em um minuto; a equipe aqui é muito pontual...

- Naturalmente – murmurou Selden, sentando-se depois dele.

Victor Matrick abriu o guardanapo de linho que estava dobrado sobre o seu prato.

- E aí, o que achou do programa? – perguntou ele, indicando a tela com a cabeça.

- Bom, eu...

- Tenho certeza de que, como muita gente, você o considera simplesmente revoltante – afirmou Victor Matrick, lançando a Selden um sorriso que revelou dentes perfeitamente brancos e uniformemente espaçados – obviamente, todos postiços, claro. – Eu também costumava pensar assim, portanto eu entendo...

- Mas então – continuou, deixando claro que era um discurso que já havia feito muitas vezes antes – eu realmente comecei a pensar no assunto – disse ele, balançando a sua enorme cabeça branca. – Sempre gostei de passar um bocado de tempo pensando em tudo que realmente me preocupa, porque se puder descobrir o que me incomoda, o provável é que talvez descubra algo impressionante. E aí cheguei a uma conclusão. – Victor apoiou os cotovelos na mesa e apontou para o teto com os dois indicadores. – Quer saber qual foi?

Tenho alguma escolha? pensou Selden, sarcasticamente; mas só o que fez foi acenar entusiasmadamente com a cabeça, mostrando que queria.

- Esse programa é indecente – afirmou Victor.

- Indecente, chefe? – perguntou Selden.

- Indecente, sim – concordou Victor. – É a forma mais básica de entretenimento, e já existe há um milhão de anos – provavelmente desde que as pessoas começaram a pensar em se divertir. Olha só essa platéia, Selden – mostrou Victor, fazendo Selden tornar a olhar para a tela. – Não é diferente de quatrocentos anos atrás, quando os camponeses se sentavam em bancos de madeira e jogavam tomates nos artistas no palco, logo antes da Revolução Francesa...

- Tenho a impressão, Sr. Matrick – arriscou Selden – de que a Revolução Francesa aconteceu foi há uns duzentos anos...

- Nunca fui bom em história, Selden – cortou Matrick – A maioria dos homens modernos não é – e isso não faz a menor diferença. Olha só esses convidados – ordenou. – São anormais, monstros, camponeses... a sociedade sempre encontrou uso para eles, e eles sempre fizeram parte dela. Olha esses rostos – insistiu Victor. – Está vendo alguma inteligência neles... algum indício de uma compreensão mais profunda dos valores morais?

Selden teve que concordar que, assim de momento, não estava vendo.

- Tudo bem – disse Victor Matrick, dando um tapinha encorajador nas costas de Selden, como um pai bondoso que acabou de descobrir que o filho foi cortado do time de futebol. – Deus faz diferentes tipos de seres humanos, e não é nosso papel julgá-los. – E então, quando Selden ia começar a torcer para escapar dali só com um discurso sobre o *The Jerry Springer Show*, Victor ficou sério de repente.

Recostou-se em sua cadeira, e cruzou os braços. É agora, pensou Selden; Victor ia começar a falar do seu desempenho no trabalho ultimamente... Mas em vez disso, Victor parecia obcecado com o Jerry Springer. – Sabe qual é a diferença entre aquelas pessoas ali na tela e nós, aqui embaixo, que estamos para comer um delicioso almoço na sala de jantar privativa da presidência da Splat Verner?

Selden teve a sensação de que era melhor não responder a essa pergunta, portanto, enrolou com um – hummmmm...

- A diferença – declarou Victor – é que, embora não sejamos melhores que eles, eles não têm escolha... e nós temos. Não tem inteligência para distinguir as coisas... mas nós temos. E, portanto, embora seja perfeitamente aceitável que eles proporcionem... como direi... uma forma mais básica de entretenimento para o público em geral, para nós, que trabalhamos aqui nessa empresa e representamos a Splat Verner, não é. – Fez uma pausa, e acrescentou: - Acho que está entendendo exatamente o que estou dizendo, não?

Selden engoliu em seco.

- Sim, Sr. Matrick, entendo.

Mas não entendia, pensou. Não exatamente.

- Achei que entenderia – disse Victor. Uma porta se abriu, e um rapaz uniformizado entrou com as saladas.

- Ah, Michael – saudou Victor. – Bem na hora.

O garçom, Michael, colocou as saladas diante deles. Selden olhou para a sua, desesperado. Não ia comer tudo aquilo - nem ia ser capaz de consumir a metade... Pegando o guardanapo, apertou-o contra a boca.

- Mas elas são felizes, Victor? – perguntou, sentindo que devia dizer alguma coisa.

- Quê? – perguntou Victor. – Quem?

Agora é que estava mesmo na merda, pensou Selden.

- Essas pessoas – disse ele. – As pessoas no *The Jerry Springer Show*.

- Ai, Selden – suspirou Victor, perplexo. Depois, num gesto completamente inesperado, lançou ao seu convidado um olhar de uma tristeza tão infinita que Selden sentiu seu estômago bater no chão.

- O que você acha? – perguntou.

Selden nada respondeu, observando Victor abrir bem a boca, colocou uma garfada de alface dentro dela e começou a mastigar pensativo, olhando para Selden o tempo inteiro. Selden pensou em comer alguma coisa também, mas teve a sensação distintamente desagradável de que Victor ainda não tinha terminado.

E não tinha.

Victor engoliu, tomou um gole d'água e, sem preâmbulos, disse:

- Vai ter que tomar uma providência quanto a sua mulher.

- Minha mulher, chefe? – perguntou Selden, numa voz esganiçada.

- Sua mulher – confirmou Victor, balançando a cabeça. Pôs mais alface na boca. Selden era capaz de ver pedacinhos melados de queijo roquefort presos a suas gengivas, onde o molho se misturara à saliva de Victor. Pensou que fosse vomitar.

Durante alguns momentos, nenhum dos dois falou nada. Selden desejou que o chão se abrisse e o engolissem, ou melhor ainda, que Victor o engolissem. Inteiro. Feito um leão. Ou melhor, um crocodilo. Os leões abriam as vítimas vivas, de membro a membro. Os crocodilos afogavam suas vítimas primeiro e só depois as comiam.

E aí Victor voltou a assistir ao programa de novo, obrigando Selden a fazer o mesmo. Era, pensou Selden, a pior das torturas. Os bipes pareciam choques elétricos, ressaltando sua falta de iniciativa. Será que ele havia caído tanto e afundado tanto que ia só ficar ali sentado, sem coragem de defender nem a si mesmo, nem a Janey – sua esposa?

- Senhor – disse ele, pigarreando.

- Sim? – perguntou Victor. Seu rosto era só solicitude, o semblante de um Papai Noel moderno.

- Minha esposa – a Janey – garantiu que foi apenas vítima em tudo isso – disse Selden, hesitante. E vem reafirmando isso, pensou: embora ele ainda não pudesse dizer ao certo se era verdade ou uma tentativa calculista de reinterpretação dos fatos ou mesmo um mecanismo de defesa. – Afirma que realmente escreveu um roteiro...

- Se ela está dizendo a verdade, e se é inocente – perguntou Victor, indo direto ao ponto –, então cadê esse roteiro?

Selden não pôde responder a essa pergunta.

- Está vendo, Selden? – prosseguiu Victor. – O problema é simples. Você não consegue dar conta de uma mulher como Janey Wilcox... – E vendo a cara que Selden fez, ergueu a mão, para que esperasse ele terminar. – Não é uma crítica – observou, bruscamente. – A verdade é que a Splatch Verner tampouco pode dar conta dela. – Fez uma pausa. – Escolheu mal, Selden – afirmou Victor. – Vai ter que se livrar dela.

Selden nada respondeu. Sua boca estava seca, e ele ergueu o copo de água e encostou-o nos lábios. Victor pegou seu garfo e começou a comer de novo. Mas depois de um instante, pôs o garfo de lado e enxugou a boca. E aí, como se estivesse dando um presente a Selden, declarou:

- Naturalmente, vou lhe dar duas semanas para resolver – e sorriu.

Nesse momento, Selden finalmente entendeu o que Victor queria dizer.

La ter que escolher entre sua esposa e seu emprego.

A situação de Janey Wilcox, naturalmente, não passava de uma historinha na própria saga infundável de ambição e empreendimentos, lutas e negócios, triunfos e fracassos da cidade de Nova York — era isso que a mantinha maravilhosa e perturbadoramente sempre a mesma, e fazia dela a mais excitante cidade do inundo, e, às vezes, a mais deprimente. Portanto, ao entrar no Dingo's às 13h naquele dia, Janey teve a sensação subitamente reconfortante de que nada havia mudado, que tudo continuava igual, que talvez o escândalo nem mesmo tivesse acontecido. À porta, o mesmo empurra-empurra: as saudações calorosas de reconhecimento entre pessoas que se viram na noite anterior, os olhares não tão sutis examinando os outros clientes, e até o indispensável casal de fora da cidade, que havia lido sobre o restaurante no *Zagat's* e pensara ter acidentalmente caído no inferno. Com seus óculos escuros, e uma *pashmina* sobre seus famosos cabelos louros luzidios, Janey não atraiu mais de uns poucos olhares curiosos, o que lhe recordou como fora acertada a decisão de ir até lá.

Sua irmã, por outro lado, tinha exigido muita lábia para ser convencida. Patty não pensava que fosse uma boa idéia, e havia lhe dito isso — e Janey fora obrigada a apelar para o recurso de ameaçar suicidar-se se não saísse da suíte. Patty, claro, não tinha acreditado nela, mas disse que se Janey estava tão desesperada assim...

— Isso é ridículo — declarou Patty, ao emergir do meio da multidão.

— É divertido — disse Janey, com firmeza. — Aqui no Dingo's tudo é sempre divertido.

Elas tiraram os casacos, enquanto Janey espiava pela divisória de vidraças montadas em caixilhos que separava o vestibulo da primeira das duas salas de jantar. A sala da frente, separada da segunda sala por um bar, era o lugar para se sentar. Dia após dia, clientes ávidos aguardavam no bar, na expectativa, mas acabavam sendo levados para a decepcionante sala dos fundos, onde só viam gente comum como eles mesmos. A sala da frente era estritamente reservada para a nata da nata da sociedade nova-iorquina; celebridades em visita, dondocas, magnatas dos negócios e da mídia, editores de revistas, gente do *showbiz* e qualquer um que fosse

notícia no momento. Mas até mesmo neste paraíso havia um círculo mais restrito cujo critério de aceitação era a desejabilidade — um dos três reservados de cada lado do salão. Os reservados do lado esquerdo eram considerados ligeiramente melhores do que os do lado direito, que ficavam mais perto da porta; entre os reservados do lado esquerdo, o do meio era o mais prestigioso.

Janey havia se sentado naquele reservado uma ou duas vezes, mas costumava sentar-se mais no reservado à sua esquerda, que ela considerava não só "seu", como também o mais vantajoso: assim como permitia ver os passantes na calçada, também proporcionava a oportunidade de exibir-se para os transeuntes lá fora, e para os clientes no restaurante.

Hoje, observava ela, entregando o casaco e a echarpe para a moça do guarda-volumes, o prefeito estava sentado no reservado do meio com o comissário de polícia e Mike Matthews, o senador. Seu reservado, segundo ela notou, satisfeita, estava vazio; e imediatamente sua cabeça se encheu de visões de sucesso: ela conhecia Mike o suficiente para ir cumprimentá-lo — e ele sem dúvida a apresentaria ao prefeito, o que seria um prato para as colunas sociais. Isso sem falar do puro prazer de ser vista em seu velho reservado, e como seria divertido quando ela contasse isso ao Selden e ao chato do Jerry Grabaw, para mostrar que ambos estavam errados, que sua vida podia continuar exatamente como era antes...

E foi então que Wesley, o maitre, veio, apressado, na direção delas.

— Janey! — saudou. Estava com o cenho ligeiramente franzido e esfregando as mãos uma na outra, consternado — não era exatamente assim que ela esperava ser recebida. Mas ele a beijou como sempre, nas duas faces, e aproveitando esse momento, Janey disse, toda alegre:

— Aposto que está muito surpreso por me ver!

— Acontece que estou mesmo, amor — disse ele, com uma ligeira careta. — Seria tão bom se tivesse ligado e me dito que viria. Hoje o lugar está literalmente despejando gente pelo ladrão.

— Janey, vamos embora — sussurrou Patty. — Voltamos amanhã.

— Deixa de bobagem — retrucou Janey, com um sorriso forçado. As pessoas estavam começavam a notar sua presença; ela era capaz de perceber isso pela súbita onda de energia no ar. Seria impossível sair agora — ia parecer que ela fora deliberadamente expulsa — e aí podiam pensar que era aceitável rejeita-la, e talvez nunca mais ninguém a convidasse para ir a lugar nenhum...

Adotando um tom brincalhão, disse provocante:

— Meu amor, meu reservado está disponível...

— Mas é justamente esse o problema, paixão — afirmou Wesley, aflito. — Foi especialmente reservada. Mas tem uma mesinha ótima lá nos fundos...

— Janey, vem — sussurrou Patty, de um jeito mais insistente.

Aquele, segundo Janey bem sabia, era o momento decisivo, e para poder se sair bem, ia ter que fincar pé até o fim.

— Não tem mesas boas lá no fundo, Wesley. Sabe disso — disse, com firmeza.

Wesley riu, relutante, e Janey suspirou por dentro, aliviada.

— Aguarde aqui que vou ver o que posso fazer — disse.

Fez questão de mostrar que estava conversando com sua assistente, uma mocinha bonita que depois fez questão de mostrar que estava consultando o livro do reservas. Um instante depois, ele voltou com dois cardápios e as conduziu à primeira sala.

— Não é sua mesa de sempre, mas acho que por hoje serve — explicou Wesley, com o que,

Janey notou, era a gentileza do costume.

Enquanto estava de pé junto à porta, Janey havia notado olhares disfarçados dos outros clientes, mas agora, ao entrar, sentia que estavam olhando para ela sem se incomodar que ela notasse. As expressões, segundo ela observou, registravam empolgação, divertimento e desdém — era como estar em um palco, pensou. Mas não era isso que sempre diziam dos restaurantes de Nova York? Que pareciam teatros? Se eles desejavam um espetáculo, ela ia satisfazê-los, pensou, na defensiva. E quando entrou, toda faceira, seguindo Wesley (presumiu que Patty estivesse atrás dela, mas não podia exatamente se preocupar com a irmã naquele um mento), recordou-se de que era bela, a algo mais do que isso também. Havia muitas mulheres lindas na cidade, mas poucas tinham sido capazes de atrair as luzes dos refletores, e embora ela desejasse que essas luzes fossem um pouco mais positivas, não havia previsto que um dia ela seria o centro das atenções?

Wesley, segundo ela podia ver, estava conduzindo-as para uma mesinha modestamente situada ao lado de seu reservado tão querido, e, tratando de dar um sorriso natural, como se não estivesse ciente do zunzunzum ao seu redor, Janey foi direto até o reservado do meio, onde o prefeito e Mike Mathews se encontravam. Sua mesa era perto o suficiente da mesa deles para justificar esse desvio, decidiu, e não ia deixar passar a oportunidade de redimir-se diante dos freqüentadores potencialmente hostis do Dingo's. Tinha visto o prefeito olhá-la de relance, com curiosidade, e vira Mike fitá-la durante algum tempo, chocado, para logo depois desviar os olhos. Quando ela se aproximou do reservado, viu os três homens se contraírem e retomarem sua conversa com vigor renovado, como se estivessem fingindo que não estavam absolutamente cientes de sua presença. Mas Mike tinha sido tão gentil com ela na festa do Harold, pensava Janey, que certamente não lhe daria um fora.

— Mike! — cumprimentou ela. Sua expressão foi perfeita: uma sutil combinação de surpresa misturada com prazer.

E então Mike continuou contando sua anedota, como se ela não estivesse ali.

— Mike — chamou ela, acrescentando um tom de impaciência à voz.

O prefeito olhou para cima, vendo-a, e obrigou Mike a fazer o mesmo.

Ela esperava que o rosto dele registrasse pelo menos reconhecimento, mas em vez disso ele franziu o cenho, como se estivesse contrariado por ser interrompido, e numa voz que mostrava que não fazia a menor idéia do motivo pelo qual ela lhe dirigia a palavra, perguntou:

— Sim?

— Mike — disse Janey, sacudindo a cabeça como se para censurá-lo por não se lembrar dela. — Sou a Janey. Janey Wilcox. Nós nos encontramos umas duas vezes. Na casa do Harold Vane...

— Ah, sim, claro — disse Mike, balançando a cabeça, friamente. Fez-se um silêncio incômodo, e afinal, para livrar-se dela à moda dos nova-iorquinos, acrescentou: — Foi um prazer revê-la.

E retomou nua conversa.

— Um prazer revê-lo — retribuiu Janey, como se nada fora do normal tivesse ocorrido.

Patty já estava sentada à mesa. Não conseguiu olhar para Janey; quando ela se sentou, Patty ficou parada olhando o guardanapo.

— Bom — disse Janey, abrindo o guardanapo de forma bem espalhafatosa, e colocando-o no colo. — Quais são as novidades?

— Ai, Janey ... — disse Patty, sacudindo a cabeça.

O garçom se aproximou da mesa delas.

— Aceitam uma bebida?

— Sim — respondeu Janey com firmeza, como se estivesse esperando essa pergunta ansiosamente. — Vou tomar uma vodeda com gelo e limão, e a Patty...

Patty olhou para cima, desesperada.

— Eu quero uma água.

— Mineral ou natural? — perguntou o garçom.

— Mineral. Com gás — pediu Patty.

— Muito bem — disse Janey, recostando-se no espaldar da cadeira. — Certamente é bom estar fora daquele hotel para variar. Mike ficou contente de me ver. Você notou?

— Não — respondeu Patty, baixinho.

— Eu só fiquei chateada de não me darem meu reservado — afirmou Janey.

— Esta mesa mesmo esta boa — disse Patty.

— É horrível — disse Janey. — Fica praticamente no meio do salão... O garçom voltou a mesa trazendo as bebidas.

— Como você vai? — Janey lhe perguntou com toda a simpatia.

— Bem — respondeu ele, sem se impressionar.

— É engraçado o Wesley não ter me dado meu reservado do costume — disse Janey.

— Acho que está reservado especialmente hoje.

— Ah, mas sempre esteve especialmente reservado — explicou Janey, na maior alegria. — Só que, em geral, para mim!

O garçom luz um sinal com a cabeça, indicando que entendia, e Patty disse:

— Janey, por favor...

— Que foi, Patty? — perguntou Janey. Havia em sua voz uma espécie de petulância. — Acha que vou ficar sentada aqui leito um carneirinho... feito você? Eu não fiz nada de mais, Patty, precisa se lembrar disso...

— Está bem. Eu sei — disse Patty, olhando nervosa ao seu redor.

— Pelo amor de Deus — queixou-se Janey à irmã. — Você, mais do que ninguém, sabe que sou inocente. Sabe que escrevi um roteiro — eu lhe contei naquele verão...

— Mas isso não significa...

— É tudo culpa do George Paxton — continuou Janey, interrompendo Patty. — Ele me usou. Tirou a idéia de comprar a Parador de mim, e depois me entregou à imprensa. — Recostou-se no espaldar da cadeira, olhando para Patty, como quem esperava uma confirmação. Seu único erro tinha sido pedir ajuda a George, pensou zangada. Se não tivesse lhe mostrado aquela carta, ele jamais teria tido a idéia de comprar a empresa do Comstock, e aquele negócio do dinheiro teria passado despercebido, mesmo que ela jamais o devolvesse. Ela tinha sido uma tola por confiar nele, pensava, olhando de relance para o reservado vazio atrás dela. E se tivesse sido mais esperta, podia estar sentada lá atrás agora, e tudo acabaria bem...

— Ai, Janey — suspirou Patty — Eu nem mesmo sei do que você está falando. Mas de qualquer maneira, será que isso importa?

— Claro que importa — retrucou Janey.

Um garçom diferente veio até a mesa delas. Janey pensou que ele fosse anotar o pedido, mas em vez disso ele disse:

— Perdão, senhoras, mas vou precisar deslocar a mesa um pouquinho. — Em seguida empurrou a mesa para a frente alguns centímetros, para longe do reservado, como se elas de alguma forma estivessem contaminadas com alguma doença infecciosa...

Janey e Patty entreolharam-se.

— Vou falar com o Wesley — disse Janey. Fez menção de se levantar, torcendo para todos estarem olhando para ela. Mas nenhum rosto se voltou na sua direção, e, repentinamente, as conversas ficaram mais altas e mais movimentadas, e todos ficaram um pouco mais importantes, como acontece quando alguém realmente famoso entra em uma sala. Ao olhar em direção à entrada, Janey viu a causa da comoção: a atriz de cinema Jenny Cadine havia acabado de chegar.

Seu nome verdadeiro, segundo diziam, era Jennifer Carrey, mas ela tinha mudado para Cadine aos 16 anos, aparentemente para homenagear o personagem de Balzac ao romance *Prima Bette*. Mal chegara aos trinta anos, mas já conquistara o Oscar de melhor atriz dois anos atrás, e era tão alta e dourada quanto a própria estatueta. Estava vestida de maneira impecável, com uma blusa Yves Saint Laurent de babados que provavelmente seria o grito da moda naquela primavera, e Janey imediatamente desejou ter vindo com o terninho de tweed vermelho em vez daquele vestido de plástico branco provocante. O vestido seria perfeito para uma boate, mas agora, a luz do dia, ela percebia que podia dar a impressão de vulgaridade, ou de que ela estava querendo chamar a atenção. Tudo nela de repente lhe pareceu errado: desde seus cabelos longos e lisos (os cabelos da Jenny eram sempre diferentes, e hoje estavam tingidos de ruivo dourado, pendendo em cachos perfeitamente arredondados às suas costas), até o batom vermelho que havia usado no lugar do Pussy Pink destruído.

Enquanto Wesley conduzia Jenny triunfalmente até o reservado vazio, procurando fingir que não via Janey em seu caminho, Janey viu que Jenny estava usando batom rosa — quase do mesmo tom da sua adorada cor, que era sua marca registrada. *Preciso lhe perguntar como é o nome do batom, o onde ela o comprou*, pensou Janey, de maneira irracional, pois subitamente sentiu alívio. Então era esse o motivo da recepção fria de Wesley, pensou. Nada tinha a ver com ela ou com o escândalo. Era só o fato de Wesley ter prometido a mesa dela a uma atriz de cinema...

Atrás de Jenny veio uma mulher baixa de meia-idade, com a boca parecida com a de um peixe. Provavelmente, a relações-públicas da Jenny, pensou Janey. As duas sentaram-se no reservado, e a conversa na sala atingiu um ápice febril, enquanto todos tentavam fingir que era perfeitamente natural estarem no mesmo restaurante que uma atriz de cinema como a linda Jenny Cadine, vencedora de um Oscar da Academia...

E que glória não seria, pensou Janey, feliz. O mundo parecia ter se consertado e, amanhã, nas colunas sociais, provavelmente seria publicada a história de que Jenny Cadine fora vista almoçando no Dingo's, incluindo a lista de todos os outros que se encontravam no restaurante. Citariam o prefeito, o senador Mike Matthews e, certamente, pensou Janey, sorrindo para Patty, iam mencioná-la.

Wesley em pessoa foi até a mesa da Jenny para anotar seu pedido, e de repente o humor de Janey mudou da água para o vinho. Enquanto o via inclinando-se sobre o ombro de Jenny para apontar alguma coisa no cardápio, percebeu que Wesley jamais a tratara daquela forma — embora ela fosse uma celebridade que regularmente almoçara ali durante meses. E começou a se irritar: por que lhe pediriam para dar passagem às Jennys Cadines do mundo? Era tão bonita

quanto Jenny Cadine, pensou, olhando disfarçadamente pelo rabo do olho – provavelmente, na opinião da maioria, ainda mais. Sim, porque embora Jenny causasse uma excelente primeira impressão, quando se olhava para ela atentamente, via-se que seu rosto era na verdade meio irregular, seu nariz meio torto e um tantinho comprido demais... E então, tornado a olhar para Jenny, enquanto abria seu guardanapo e olhava superficialmente os outros fregueses, como se fosse alguma rainha, Janey ponderou: Por que não podia se tornar atriz de cinema também? Como tinha sido tola, pensou, ao tentar ser produtora. Onde estava a glória disso? Sim, porque se perguntasse a si mesma o que realmente desejava, teria que responder que sempre quis ser respeitada... sempre quis ser conduzida ao melhor reservado de todos os restaurantes... sempre quis ser a estrela incontestável em qualquer lugar onde fosse...

E foi então que aconteceu uma coisa terrível.

A relações-públicas de Cadine estava examinando a sala – sua boquinha apertada abrindo-se e fechando-se como a de um *guppy* em busca de alimento – quando deu com a presença de Janey. E seu rosto gelou.

Inclinando-se para falar com Jenny, a relações-públicas cochichou alguma coisa no seu ouvido. Jenny Cadine olhou de relance para Janey, seus olhos arregalaram-se quando subitamente entendeu tudo. Abaixou a cabeça e concordou várias vezes balançando-a, e aí Jenny e a relações-públicas se levantaram, pegaram suas coisas e se retiraram.

Fez-se um silêncio chocado no restaurante, mas como sempre, nesse tipo de situação, alguém continuava falando. A pessoa por acaso foi uma mulher que se encontrava sentada na mesa ao lado da de Janey e de Patty, e embora os outros presentes não pudessem ouvi-la, Janey e Patty ouviram a mulher espiando-se.

Tão claramente quanto se a mulher estivesse sentada à sua mesa, ambas escutaram-na dizer:

- Tudo por causa dessas irmãs escandalosas, Janey e Patty Wilcox. Uma é chamada de a Meretriz Modelo, e a outra é casada com um roqueiro. Ele engravidou uma cantora aí e a caçula, a tal da Patty, foi presa...

- Vamos embora – pediu Patty, pondo o guardanapo na mesa.

Janey sentiu a sala girando em torno de si. Até Jenny Cadine sair, as pessoas haviam-na tratado com uma certa tolerância, mas agora se comportavam de forma claramente hostil, e ninguém se preocupava em disfarçar os olhares de desdém que lhe lançavam. Janey ficou de olhar parado fixo na mesa, fazendo força para não chorar. Ia conseguir superar tudo aquilo, pensou, decidida. Ia dar um jeito... e outras pessoas provavelmente haviam passado por coisa pior e não tinham morrido.

- Janey – disse Patty, com jeito.

- Se me deixar aqui, eu morro – disse Janey.

O garçom trouxe suas saladas para a mesa. Seus modos foram inconfundivelmente frios.

- Vamos cancelar os pratos principais – pediu Patty, baixinho. – Pode nos trazer a conta, sim?...

- Perfeitamente – respondeu o garçom, sem olhar para elas.

- Janey – disse Patty. – Por que faz essas coisas? Não está vendo que tudo terminou?

Janey nada disse. Pegou seu garfo e ficou empurrando um pedaço de alface pelo prato.

- Por que quer continuar aqui, afinal? – perguntou Patty. – Por que é que ainda quer continuar a viver nesse mundo?

- Patty – suspirou Janey.

- Acabou – afirmou Patty. Nova York já era para nós duas. Não sei o que você vai fazer, mas Digger e eu vamos nos mudar para Malibu. Compramos uma casa lá, e o Digger vai tirar um ano de férias do conjunto...

- Isso é bom... – murmurou Janey, indiferente, como se não tivesse ouvido uma palavra do que Patty dizia.

- Janey... – disse Patty. Tocou o braço da irmã e sacudiu-o de leve. – Precisa me escutar. Saia de Nova York. Não sobrou nada aqui para você – talvez jamais tenha existido nada para você aqui. Precisa encontrar alguma coisa concreta. Está vivendo num mundo de fantasia... Já vive nesse mundo desde que voltou da Europa naquele verão.

Janey nada disse. O garçom trouxe a conta, e Patty abriu a bolsa, remexeu na carteira e conseguiu tirar dela cinco notas de vinte dólares.

Pôs o dinheiro na mesa, e se levantou.

- É dinheiro demais – disse Janey.

Patty só olhou para ela.

Mas ver todo aquele dinheiro pareceu reanimá-la. Janey conseguiu levantar-se, e com o queixo bem erguido, atravessou o salão e saiu para o vestibulo. A moça do guarda-volumes entregou-lhe seus casacos sem uma palavra, como se já soubessem que iam embora, e enquanto vestiam os agasalhos, Wesley apareceu.

- Janey – chamou.

Ela virou-se. Seus olhos semicerraram-se.

- Sim, Wesley? – perguntou, indiferente.

- Escuta, meu amor – disse, pegando o braço dela e levando-o até a porta. – Você e eu somos velhos amigos, portanto sei que vai entender o que tenho que lhe dizer.

Janey nada respondeu. Sua boca parecia estar cheia de serragem.

- Sabe como são essas coisas – disse Wesley em um tom de voz perfeitamente agradável. – Sobrevivemos com base na nossa clientela... por sermos capazes de atrair o tipo certo de pessoas. Se alguma coisa atrapalhar isso... meu patrão me mata, e eu perco meu emprego na certa...

Janey passou a língua sobre os dentes e engoliu em seco.

- Com licença – pediu, afastando-o para poder passar.

- Janey – insistiu ele, seguindo-a até a rua. – Não me culpe. Se eu pudesse escolher, não me importaria que você viesse aqui todo dia. Mas a relações-públicas da Jenny Cadine estava furiosa – ela não quer o nome da sua preciosa cliente aparecendo no mesmo parágrafo que o da Meretriz Modelo.

- Bom, agora ela garantiu isso.

- Janey! – gritou Wesley, às suas costas. Esfregava as mãos e pulava no mesmo lugar, na tentativa de se aquecer. – Não quero estar nessa situação, assim como você também não quer. Mas não posso perder meu emprego.

- Eu entendo – disse Janey.

Deu-lhe as costas. Não sabia onde estava nem em que direção ficava sua casa; só sabia que precisava manter a cabeça erguida e os olhos bem abertos. Olhando direto para a frente, começou a caminhar, Patty apareceu num instante, vinda lá de trás, e alcançou-a.

- Ai, Janey! – gritou, ofegante.

Ela virou a cabeça. Olhou para Patty como se tivesse se esquecido completamente de que ela

estava lá, e Patty viu que os olhos de Janey brilhavam por causa das lágrimas. Sentiu compaixão pela sua única irmã; sentiu vontade de abraçá-la, consolá-la e tranquilizá-la, dizendo que de alguma forma tudo ia acabar bem. Mas Janey nem mesmo fazia uma pausa. Caminhava sem parar, toda rígida, como se já estivesse andando há muito tempo atrás de um deserto interminável e tivesse se esquecido de como parar. E depois disse:

- Está vendo, Patty? É isso que eu estava tentando lhe explicar durante o almoço. Eu não vou deixar eles me derrotarem. Não vou deixar eles me derrubarem.

- Mas Janey ... – gemeu Patty, desesperada.

- Principalmente agora não – afirmou Janey.

- Eu saí hoje – disse Janey ao Selden.

Estava nua no banho, sob um monte de bolhinhas de sabão. Havia uma fileira de velinhas perfumadas ao longo da beirada da banheira.

- Sim, eu sei – disse Selden, debilmente. Estava tentando evitar que a raiva lhe dominasse a voz, mas se perguntava quanto tempo mais ia conseguir se segurar. Já tivera muitos dias ruins, mas este podia ser considerado o pior de todos: primeiro, o almoço com Victor Matrick, e agora essa. Jerry Grabaw havia ligado para ele às três horas, naquela tarde – tinha acabado de receber um telefonema de um dos colunistas da Página Seis, que já ouvira falar do incidente do Dingo's, explicou. E agora eles iam publicar a história na primeira página do *Post* no dia seguinte.

- Você já sabe? – perguntou Janey. Ela nem mesmo tentava mais demonstrar surpresa, observou Selden.

- Jerry me ligou – explicou ele.

- Ah, bom.

Ele saiu do banheiro e entrou no quarto, para trocar de roupa. Todas as noites eram iguais agora, e de certa forma, era uma ironia, ele ter finalmente conseguido o que sempre quis: eles ficavam em casa, pediam quentinhas ou serviço de quarto e assistiam à tevê.

- O que quer para o jantar esta noite? – gritou ele para ela.

- Sei lá – respondeu ela do banheiro. – Comida chinesa?

- Comemos comida chinesa ontem.

- Indiana?

- Acho que estou a fim de um bife – disse ele. – Vamos pedir serviço de quarto. – A verdade era que ele nem mesmo estava com fome. Mas os bons sermões do meio-oeste o faziam recordar-se de que ele precisava comer para conservar as forças.

Tirou o terno, vestiu um suéter de gola careca de caxemira e uma calça jeans. Não havia sentido, pensou, nem mesmo em comentar aquele último incidente. Não se podia fazer nada; era tarde demais.

Entrou na sala de estar e sentou-se no sofá. Dentro de um minuto, Janey veio sentar-se ao seu lado. Ele ligou a televisão. O noticiário já estava no ar. Uma adutora havia se rompido no Bronx; um incêndio ocorrera no porão de um restaurante em Chinatown. Entrou um comercial do Prozac, seguida por uma chamada do *Entertainment Tonight*. “Quem levará a estatueta de ouro?” disse a locutora loura, animadamente, como se não houvesse nada mais importante para se pensar no mundo. – Esta noite, uma prévia do Oscar...

Janey virou-se para ele.

- Vai à entrega do Oscar este ano? – perguntou.

Ele sacudiu a cabeça, sem tirar os olhos da televisão.

- Victor Matrick acha que não é uma boa idéia.

- Ah – disse ela, baixinho.

A conversa lhe trouxe à memória o almoço com Victor Matrick. Não que ele tivesse esquecido algum detalhe daquele vexame; só que as peças viviam mudando de lugar, como maçãs que flutuam em um balde cheio de água, um pensamento submergindo momentaneamente enquanto outro tomava seu lugar.

Ele ficou de pé, entrou na minúscula cozinha e começou a preparar uma vodca.

- Quer alguma coisa? – perguntou ele, com toda a educação.

- Vai tomar uma vodca? – ela quis saber.

- Vou – disse ele.

- Então também quero uma.

Era assim que suas vidas eram agora, pensou ele, tirando outro copo do armário e enchendo-o de gelo. Iam ser como dois velhos que tratavam um ao outro com toda a cerimônia e bebiam para esquecer a dor.

Só que, pensou ele, ao despejar vodca no copo dela, agora ele ia ter que tomar uma decisão.

A tarefa que Victor exigira dele era absolutamente injusta, pensou, zangado. Tinha proporções bíblicas, como quando Deus pediu a Abraão que sacrificasse seu próprio filho, ou o rei Salomão perguntou se preferiam cortar uma criancinha ao meio para resolver um impasse. Até hoje ele achava que teria permissão de ir empurrando com a barriga, partindo da idéia de que no fim tudo voltaria ao normal. Tinha se esforçado para se comportar normalmente, pensou, sua irritação profunda aumentando. Estava à sua mesa todo dia às nove, exatamente como sempre estivera – comparecia às reuniões, freqüentava almoços e supervisionava a programação. Só que, apesar do seu esforço, tudo estava agora diferente, e todos sabiam disso. Ouviam-se murmúrios no corredor e, durante metade do tempo, quando algum roteirista vinha apresentar uma idéia, sua secretária lhe falava de seus filhos, ou Gordon se gabava de suas incursões sexuais, sua cabeça começava a divagar e ele se punha a analisar cada elemento daquele desastre, pensando que, se ao menos ela tivesse lhe contado, se ao menos não tivesse sido tão mesquinha, se ao menos não tivesse se deixado enganar com tanta facilidade... e aí sua cabeça voltava àquela pergunta sem resposta: Por quê?

E então ele erguia a vista, e todos estavam olhando para ele.

E aí ele entrava em pânico, perguntando-se o que teria perdido.

Voltou para a sala de estar e entregou a bebida a Janey. Ela a aceitou com um “obrigada” por educação, sem nem ao menos tirar os olhos da televisão.

Ele olhou para ela. Vestia o mesmo jeans de grife e o mesmo blusão de moletom – onde se via a palavra PODEROSA impressa na frente, em letras azul-claras, felpudas e sujas – que ela usava praticamente todo dia desde que havia chegado da França. Como que sentindo que ele a olhava, ela se remexeu no sofá e puxou para cima o cós da calça jeans. Tomava banho todos os dias, ele sabia disso (até muito bem), mas o jeans e o blusão estavam amassados e pareciam nitidamente encardidos, e ele se recordou daquela famosa frase de Bernard Shaw: “A beleza é muito boa à primeira vista; mas quem é que consegue vê-la quando ela já faz parte da casa há três dias?” E naquela sua fúria cada vez mais intensa, pensou, amargamente: *Não, quem é que consegue?* e muito embora ainda dormissem na mesma cama todas as noites, ele nem sequer podia suportar o

pensamento de transar com ela. Toda vez que sentia vontade, via o rosto odioso de Comstock Dibble – com aqueles seus cabelos ruivos ralos e os dentes separados – rindo dele.

Ele sentou-se no sofá.

- Por que fez isso? – perguntou.

- Fiz o quê? – perguntou ela, sem nem se incomodar em olhar para ele.

Ele tomou novo gole de vodca.

- Saiu hoje.

- Ah – disse ela, secamente. – Wendy Piccolo me sugeriu.

- Quê? – disse ele, sem poder acreditar nela.

Ela se virou para ele. Em um tom de voz que implicava que em alguma altura da vida já lhe contara tudo isso, disse:

- Estava conversando com a Wendy Piccolo. Ela me disse que, mais cedo ou mais tarde, eu teria que sair, então eu concordei.

Ele pôs os óculos sobre a mesa de centro. Seus olhos semicerraram-se, confusos. – Não entendi. Quando foi que se encontrou com a Wendy Piccolo?

- Eu não me encontrei com ela pessoalmente – disse Janey, com a maior paciência, como se estivesse falando com uma criancinha do maternal. – Falei com ela ao telefone.

- Ela telefonou para você – disse Selden, incrédulo.

- Sim – disse Janey. – Telefonou. Ela me telefona todos os dias para conversarmos.

- Então você ficou amiga da Wendy.

- Isso – confirmou Janey, bebendo a vodca. E depois virou-se para ele, em um tom de voz acusador. – Não faça essa cara de surpresa, Selden. O que está pensando? Que sou tão desprezível que nem posso mais ter amigas?

- Fiquei surpreso, só isso – justificou Selden, submisso. Era o que sempre tinha de fazer com ela agora, precisava se rebaixar e bancar o submisso para não...

- Bom, então não faça cara de quem está – avisou ela. Ficou de pé, como se estivesse para pegar alguma coisa na cozinha, e o momento teria passado se ela não houvesse dito: - De qualquer forma, não pensei que se importaria. Principalmente por que ela é tão amiga sua, não é?...

Ele olhou para a expressão indiferente e ligeiramente truculenta de Janey e, sentindo-se mal, perguntou-se: Será que algum dia ela vai começar a entender o que fez? E então sua raiva rompeu o dique, saiu uivando de dentro dele como um animal selvagem. Até aquele momento, tinha sido capaz de controlar-se; não havia perdido a cabeça nenhuma vez na frente dela, não tinha berrado com ela, nem a sacudido, nem encostado um só dedo nela (embora isso tivesse passado pela sua cabeça, uma ou duas vezes), e tampouco havia chorado diante dela, embora também desejasse fazer isso. Só que agora não dava mais para segurar.

- Deixe-a em paz! – berrou.

Ela recuou um passo – mais por surpresa, pensou, do que por medo, e subitamente tudo subiu como fervura à superfície.

- Não enxerga o que as pessoas pensam de você agora? – gritou. – Você é como um vírus... um vírus perigoso e mortal que fere todos com quem você entra em contato! Praticamente arruinou minha carreira... me transformou na piada de toda a indústria... E olha só o que fez com o coitado do Craig Edgers. Aquele seu plano idiota o impediu de vender os direitos do livro para o Comstock Dibble, e agora o Dibble está fora da jogada. Você provavelmente seu um prejuízo que pode

alcançar milhões de dólares! – Tinha o rosto vermelho e sua voz estava quase rouca quando ele prosseguiu: – E o Craig, merece isso? Aquele coitado trabalhou a vida inteira para chegar onde está hoje, e com um só golpe da sua varinha maléfica você destruiu todas as suas chances! Portanto, se pensa que vou deixar você se aproximar da Wendy...

Durante todo esse tempo, ela ficou só parada, escutando. Ele nem podia acreditar. Ela não procurou rebater as acusações, não se defendeu – só o deixou desabafar sem parar, quase como se gostasse de ver aquele espetáculo de descontrole do marido...

E então girou nos calcanhares e saiu da sala.

Ele sabia exatamente o que aconteceria a seguir. Ela entraria no banheiro e abriria totalmente as torneiras, e depois, sabendo que ele ia estar com medo e contrito do outro lado da porta, fingiria que não estava ligando para ele, tomando banho como uma peça preciosa de porcelana, e quando saísse, agiria como se nada tivesse acontecido...

Ele ia esperar, pensou, irritado. Ia só esperar...

Depois de mais ou menos dez minutos, ouviu a água parar, entrando de mansinho no quarto, e aplicando o ouvido à porta do banheiro, ouvia-a espadanando água ao entrar na banheira.

- Janey! – disse, com firmeza. – Não pode lavar isso tudo só com um banho! Entendeu? Não dá para limpar toda essa sujeira com suas bolhinhas perfumadas de sabão...

Nenhuma resposta.

Com um suspiro, ele voltou para a sala.

Como sempre, sua raiva esvaiu-se e ele de repente se sentiu exausto. Simplesmente não conseguia guardar rancor. Embora fosse durão nos negócios, Victor Matricke estava com a razão; ele não tinha como segurar uma mulher como Janey Wilcox, pensou, afundando no sofá. Apoiou a cabeça nas mãos. Apesar de tudo que havia acontecido, ainda era apaixonado por ela, pensou. E se apegava à idéia de que ainda a amava. Seria impossível para ele não se apegar a ela, pois se descobrisse que não a amava, teria que iluminar com aquela mesma luz fria e brilhante todos os aspectos de sua vida, e daí talvez descobrisse que era tudo um embuste...

Alguns homens são notoriamente simplórios nos assuntos românticos, e Selden Rose, infelizmente, era um deles. Apaixonara-se por Janey Wilcox no momento em que ela se sentara ao seu lado na festa da Mimi, e naquela sua maneira simplista de pensar, tipicamente masculina, ele a amou apenas porque ela era – porque ela existia – e porque ele jamais poderia dominá-la por inteiro. Ele não queria muito dela, na realidade – só que ela o amasse um pouco, cedesse as suas vontades de vez em quando e ficasse ao seu lado. E com a cegueira irracional de um homem que se engana diante do que está convencido que é o amor, ainda esperava que ela o amasse também. Sim, pois acreditava honestamente que, se ela o amasse, apesar dos contras do relacionamento, eles conseguiriam superar tudo juntos. Quando um homem se apaixona assim, uma mulher consegue maltratá-lo terrivelmente, e embora ele possa acabar odiando-a ou chamando-a de maluca, é quase impossível convencê-lo de que isso não é o verdadeiro amor.

Mas as mulheres são mais complicadas quando se trata de suas afeições: raramente amam simplesmente pelo que é – mas pelo que pode ser e, mais importante ainda, pelo modo como isso pode afetá-las. É por isso que uma mulher suporta uma boa dose de maus-tratos no amor – assim como acredita que há algo mais a lucrar. No entanto, quando uma mulher vê que um homem não pode mais ajudá-la, quando os atos dele se tornam prejudiciais a seu estilo de vida, ela pode se desapasionar tão súbita e decisivamente quanto uma maçã cai de uma macieira. Não há

como colocar a maçã de volta no galho, assim como não há como voltar atrás no amor. O coração dela se fecha para o homem tão resolutamente quanto se ele jamais houvesse existido. E assim, enquanto Janey Wilcox se encontrava na banheira, revirando friamente sua relação com Selden Rose vezes sem conta, percebeu que estava tudo acabado.

Selden não tinha mais utilidade para ela. Aquele desabafo dele havia lhe dito tudo que ela precisava escutar. Era um fraco, um covarde – se tivesse um pingo de coragem, estaria ao seu lado no Dingo's há muito tempo, pois ninguém teria ousado dizer ao CEO da MovieTime que ele não era bem-vindo. Mas Selden não pôde nem mesmo fazer isso por ela; não se esforçara para defendê-la, e não se esforçaria no futuro; e nem sequer acreditava na sua inocência. Aquele pinguinho de afeição que ela havia sentido por ele abandonou seu corpo como a água que escorre por um ralo.

Ela nem mesmo sentia tristeza, pensou, fatigada. Nunca mais ia chorar por homem nenhum – nem pelos Selden Roses da vida, nem mesmo pelos Zisis. Agora, pensava, era apenas uma questão de esperar. Apesar de tudo que havia ocorrido, ainda tinha sua beleza. E sabia que, contanto que tivesse sua beleza, alguma coisa interessante ainda podia acontecer... e que, no mínimo, sempre haveria algum homem que a quisesse...

Só que, da próxima vez, ela teria mais cuidado. E varrendo as bolhas de sabão do corpo, aborrecida, uma vez mais se lembrou de George Paxton. Se ao menos, *pelo menos*, ela pensou, furiosa. George arruinara sua reputação, mas ela ainda não tinha terminado... ele precisava ver que era seu dever... e de alguma forma ela ia fazê-lo pagar...

Na sala de estar, Selden permanecia solenemente sentado no sofá, pensando no que ia fazer da sua relação com Janey. Ao perceber que uma vez mais estava perdido, seus olhos caíram na pilha de jornais que Janey havia formado a um canto. E enquanto Janey traçava planos no banheiro, e Selden cismava no sofá, ambos chegaram à mesma amarga conclusão; a única pessoa que saíra lucrando com tudo aquilo tinha sido George Paxton.

SELDEN ROSE ESTAVA SENTADO à sua mesa, de olho no relóginho da Tiffany sobre ela.

Passou-se um minuto, e 10h03 transformou-se em 10h04.

Ele se sentia feito a Dorothy de *O mágico de Oz*, trancafiada no Castelo da Bruxa Má, olhando a amпуlheta enquanto os grãos de areia escoavam para o fundo.

Ele tinha exatamente seis horas, 55 minutos e 43 segundos de vida.

Duas semanas haviam se passado. Duas semanas, exatamente, desde aquele dia fatídico em que ele tinha almoçado com Victor Matrick. Sua hora estava se aproximando; dentro de poucas horas tudo estaria terminado.

E ele ainda não havia tomado uma decisão.

Naquela manhã, tinha acordado e, por diversos minutos, admirado sua esposa adormecida, forçando-se a decorar seu rosto. Sua pele era lisa, sem uma ruga, da cor do marfim. Havia um tom rosado nas bochechas, e os lábios eram da cor de cerejas quase maduras. Ele jamais tinha conseguido entender por que ela sempre usava aquele batom vermelho rosado quando a cor natural de seus lábios já era tão bonita — mas havia muitas outras coisas que ele não entendia sobre ela. Seus olhos estavam fechados com força, como se ela não quisesse despertar, e suas mãos estavam cerradas frouxamente, como punhos infantis, sob seu queixo.

— Eu te amo — murmurou ele. — Eu te amo tanto...

Quis alisar seus cabelos louros e finos, afastá-los da testa, mas não queria acordá-la. Será que ela tinha alguma idéia do que podia lhe acontecer...?

Não, pensou ele, sentado no escritório. Não ia fazer aquilo. Não ia trocar a mulher pelo emprego.

Precisava impor um limite. Um homem capaz de fazer o que o Victor Matrick queria era simplesmente desalmado. Ele tinha visto homens e mulheres assim durante toda a sua carreira, primeiro em Los Angeles e agora em Nova York, e sempre os considerara "Gente Ervilha" — gente que se parece com um ser humano por fora, mas por dentro destituída de sentimentos humanos genuínos. Essas pessoas costumavam subir até o alto da hierarquia em suas áreas, mas Selden sempre tinha rido delas, com o escárnio e o alívio de alguém que acha que jamais agiria como elas para progredir e, portanto, é, por definição, superior.

E ele havia acreditado, apenas dez meses antes, quando chegara em Nova York, que seria capaz de subir até o cume da Splatch Verner, que talvez, através de trabalho árduo e desejo inato de lazer tudo certo, algum dia ocuparia o cargo do Victor Matrick.

Só que agora seus olhos tinham sido abertos. Sabia que isso jamais aconteceria assim.

Por um lado, se ele fizesse o que Victor lhe pedia, se resolvesse "se livrar" da Janey, aquilo seria interpretado como uma declaração de que ele era um homem que não perdoava ninguém. Ia ser uma pessoa temível; assustaria a todos. Seria promovido, sem dúvida nenhuma. E então escolheria uma terceira esposa, alguém mais "apropriado" para a imagem da empresa, alguém, imaginava, como Dodo Blanchette.

E se não aceitasse o "conselho" do Victor, o que aconteceria? Eles não o demitiriam logo de cara — seria arriscado demais, e até os sujeitaria a um processo por algum tipo de discriminação (discriminação contra a esposa de alguém — essa era nova, pensou ele). Em vez disso, ele seria

transferido para um desses cargos injustificáveis, nos quais cada vez mais responsabilidades lhe seriam retiradas, até por fim só lhe restarem a mesa e a secretária. E então a secretária seria transferida para outro setor, e ele seria transferido para uma sala menor, onde teria que dividir uma secretária com outra pessoa. Até que, finalmente, ele seria obrigado a pedir demissão. Em outras circunstâncias, talvez até fosse capaz de encontrar um novo emprego. Podia voltar a Los Angeles e achar um emprego como executivo em uma das grandes empresas cinematográficas — um emprego que facilmente lhe renderia um milhão de dólares por ano. Mas, no momento, sabia que era considerado uma piada — o cara que, em vez de só pagar a puta, como todo mundo, havia se casado com ela.

E tinha suado tanto a camisa, sua vida inteira! pensou, descansando a cabeça nas mãos. Seu trabalho havia sido sua alegria e sua salvação. Toda vez que ele conseguia organizar a produção de um filme e entrava no set no primeiro dia de trabalho, toda vez que um filme estreava e ele via a bilheteria fantástica, toda vez que um de seus filmes ganhava um prêmio, toda vez que era promovido, sentia-se indescritivelmente eufórico, como se o universo lhe abrisse as portas, como se o universo fosse dele... Sua primeira mulher alegava que seu vício de trabalhar arruinara o casamento dos dois; amargurada, tinha afirmado que, se ele prestasse mais atenção a ela, talvez ela nem tivesse se envolvido com um colega que trabalhava na mesma firma dela. Essa notícia doeu; ele havia ficado momentaneamente aleijado do ponto de vista emocional, principalmente quando descobriu que o tal caso se desenrolara durante os últimos dois anos de seu casamento, e que ela era tão descarada que chegara a combinar com o amante de passar o Natal em Aspen, justamente quando Selden e ela foram para lá. Selden havia até almoçado com o cara, sem ter a menor idéia do que estava acontecendo. Mas ele nunca havia amado Sheila como amava Janey, e só se casara com Sheila por culpa — depois de namorarem cinco anos, ela lhe deu um ultimato. Na época, simplesmente lhe pareceu mais fácil ceder do que precisar passar pela chateação de encontrar outra pessoa.

Se ele tivesse que escolher entre Sheila e o emprego, teria sido fácil, pensou, cruel. Mas Sheila jamais o teria colocado naquela posição — ela não tinha imaginação para isso. Janey, pensou ele, tinha um jeito estranho de conseguir arrastar todos junto com ela quando se metia em encrenca, e, nesse processo todos se magoavam. Ela era como uma sereia, concluía, atraindo marinheiros para os rochedos...

Olhou outra vez para o relógio, Eram 10:43.

A única pessoa que não se partira em mil pedaços tinha sido o George. E o George havia comprado a firma do Comstock. Parecia-lhe que o George devia ter saído com pelo menos uma perninha quebrada...

O relógio agora marcava 10:45. Ele pegou o telefone e ligou para o George.

Embora George Paxton apreciase a beleza em casa, achava que seu escritório devia refletir a idéia de que era um local de trabalho, e um dos princípios da administração era que o dinheiro não deve ser desperdiçado. Assim, sua sala, embora grande, era estritamente prática; as únicas duas concessões eram um imenso tapete de seda indiana, que Mimi havia feito especialmente, e um retrato de George de um metro e meio por três metros, de aparência ligeiramente confusa, que Mimi havia encomendado ao artista contemporâneo Damien Hirst, por meio milhão de dólares, como presente de casamento.

Havia uma longa fila de janelas de vidro, cobertas por persianas plásticas, que davam vista para as torres de vários outros edifícios de escritórios entre o norte e o centro da cidade, e no meio da sala se encontrava um conjunto de sofás e poltronas pretos e duros Le Corbusier. Em uma dessas poltronas Selden estava sentado.

Eles tomavam café em copinhos de papel azul decorados com o logotipo da delicatessen grega local.

A reunião, segundo Selden sentia, não estava indo nada bem.

— Você não tem escolha, Selden — dizia George, — Precisa examinar a coisa de um ponto de vista lógico. Faz só oito ou nove meses que a conhece, no entanto vem trabalhando já há vinte anos...

George tomou um gole de seu café, Selden estava sendo extremamente cabeça-dura, pensou. Será que não dava para o homem enxergar o que precisava fazer? Era só uma questão de orgulho, e o orgulho o havia derrubado. E se ele continuasse a deixar o orgulho atrapalhá-lo, ia ser mesmo o fim.

Selden olhou pela janela. Podia ver o interior dos escritórios do outro lado da rua, onde um homem se encontrava sentado diante de um computador enquanto conversava ao telefone. Será que ele devia dizer ao George que ainda amava Janey? perguntou-se. Mas isso provavelmente daria a impressão de que ele era um fraco. Pegou seu copinho de café em cima da mesa de vidro.

— E se tudo isso for um engano? — perguntou. — É como executar o homem errado...

George suspirou.

— Ninguém vai morrer aqui — disse ele, meio irritado. — A situação está feia, mas talvez você precise encarar os fatos de frente. Amadureça. Quer ficar em campo ou quer continuar bancando o otário?

— Se houvesse algum jeito... — balbuciou Selden.

— Meu Deus do céu, Selden — disse George, enojado. — Sabe tão bem quanto qualquer um que isso faz parte da vida de um CEO, antes de mais nada. Precisa ser capaz de tomar decisões difíceis. Ninguém se importa com as fáceis — temos assistentes para tomá-las.

— Por algum motivo ela pensa que você foi o culpado, George — disse Selden, permitindo que uma ligeira irritação surgisse em sua voz.

George revirou os olhos e sorriu.

— O que mais esperava que ela dissesse? Achava que ela ia assumir responsabilidade pessoal pelos seus atos?

— Se não assumisse, não seria a primeira — retrucou Selden.

Sobre a beirada do copo, George ficou olhando para Selden, espantado. O homem, pensou, não estava enfrentando bem a situação. Parecia exausto e meio de ressaca, e, segundo ele pôde perceber, ainda estava apaixonado por ela. Janey, adivinhou ele, ia arrastar Selden para o buraco, o que certamente Victor Matrick devia ter percebido também. A única solução seria separar Selden da Janey — e por isso (e por outros motivos também) ele jamais revelaria a Selden a história da carta de Comstock. Suspirou. Claro que havia outras coisas que ele podia ter revelado a respeito de Janey, detalhes que teriam deixado a situação bem clara. Mas ele não podia fazer isso com Selden. Não fazia sentido dar pontapés em um homem que já estava na tona, e Selden, sentia ele, não podia descer mais baixo.

— Selden — disse George. — Está procurando uma coisa que não existe.

— Não sei bem se não existe, George.

— Moças como Janey Wilcox não dão boas esposas — avisou George.

Selden colocou seu copo na mesa de vidro.

— Como assim, "moças como Janey Wilcox"? — perguntou, secamente.

— Convenhamos, Selden — ponderou George, com brandura. — Você e eu sabemos muito bem que há mulheres com quem a gente se casa... e mulheres com as quais não se deve casar. Janey Wilcox é uma das mulheres com quem não se deve casar.

— Então me dá um bom motivo — disse Selden, pressionando-o. Sua voz, Güorgi; notou, estava começando a sair desesperada. — Não estou tentando bancar o idiota — disse ele. — Só estou tentando entender.

— Ela quer alguma coisa — explicou George. — Isso está claro para todo mundo. Ela quer alguma coisa, só que ninguém consegue descobrir o que é. E duvido que até ela mesma sabia. E as pessoas que não sabem o que querem não são boas parceiras. Nem nos negócios, nem em coisa nenhuma.

— Obrigado, George — disse Selden, desanimado.

Selden Rose e George se levantaram. George sentia pena do homem, mas ele ia superar aquilo, pensou; as pessoas sempre superam. Passando o braço em torno dos ombros de Selden, disse, para encorajá-lo:

— É como cortar seu dedo miudinho. É melhor fazer isso de uma vez só — não ficar serrando o miserável com uma faca de serrinha. E depois que o dedo se vai, a gente sente que nem precisava dele, afinal...

— Certo — disse Selden. Os dois apertaram-se as mãos.

— Passe lá no nosso apartamento na semana que vem para jantar — convidou George. — Vou pedir à Mhni que combine tudo. A secretária dela vai ligar para você... — E então, Selden se retirou.

George deu um suspiro de alívio.

Foi até a janela e olhou para fora — para o mesmo homem que Selden tinha visto. Aquele cara não tinha vida, pensou George. Passava o dia inteiro diante daquele computador, todos os dias, e George se perguntou vagamente o que é que ele fazia.

Deu as costas à janela e voltou a sua mesa. Pensou em Selden e sentiu-se ligeiramente culpado. Mas o que ele ia fazer? Contar ao homem que sua esposa viera procurá-lo pedindo dinheiro para seu "projeto" maluco, um golpe sem dúvida idêntico ao que tinha tentado aplicar em Comstock Dibble? E aí lhe dizer o que ela tinha feito para tentar conseguir o dinheiro? Ele se lembrou daquele espetáculo patético que ela encenara no escritório dele naquele dia, quando havia se ajoelhado para lhe pagar um boquete. Naturalmente ele havia aceitado — quem rejeitaria?

Afinal, todo mundo sabe que um boquete não pode ser considerado sexo com todas as letras. Mas ela era como tantas dessas mulheres que tentam usar o sexo para conseguir o que querem.

Acreditam que os homens são burros e tarados a ponto de concordar com praticamente tudo — pelo único fato de uma mulher ter chupado o pau dele.

Ele tinha feito a sua parte, pensou. Tinha agradecido com toda a educação.

E isso era tudo o que ela ia receber dele.

Claro que ele sabia que aquela tarde não ia ficar por isso mesmo; ela ia voltar para insistir mais

um pouco. Mulheres como ela sempre voltavam; sempre achavam que os homens lhes deviam alguma coisa, e que podiam de alguma forma ameaçá-los para receberem esse pagamento. Por isso não havia ficado nem um pouco surpreso quando ela surgiu de repente no seu escritório mais ou menos uma semana antes.

— George — disse ela, sentando-se na poltrona Le Corbusier preta. Deixou o casaco de peles escorregar pelos seus ombros como se pretendesse ficar durante algum tempo. — Achei que entenderia por que vim aqui.

— Acho que entendo — concordou ele, levantando as sobrancelhas com um sorriso zombeteiro.

— Deixe-me adivinhar. Você sentiu saudades.

— Não me trate como uma idiota, George — replicou ela. — Pode tratar a Mimi assim, mas a mim não.

— Então a Mimi teve alguma coisa a ver com isso,

— Ela tem alguma coisa a ver com alguma coisa — disse ela, misteriosamente.

— Achei que vocês não estavam se falando mais... é verdade? — perguntou George.

— Eu é que não estou falando com ela — respondeu Janey, balançando a perna. A perna dela, notou George, estava sem meia — embora lá fora estivesse fazendo pelo menos um grau abaixo de zero — e parecia particularmente atraente naquela sandália de bico aberto.

— Se quiser que eu converse com ela...

— Eu quero é a grana — retrucou ela, bruscamente, ficando de pé.

— Grana todo mundo quer — disse George, na maior calma. — Pode me dizer o que pretende fazer para merecê-la?

— Eu já a mereço, George, sabe disso — afirmou ela, aproximando-se dele. Chegou perto da mesa de George e apoiou as palmas das mãos no tampo, inclinando-se para ele de uma forma que quase dava para ver seus seios inteiros pela gola arredondada do suéter. — Você tirou a idéia de comprar a empresa do Comstock de mim. E, segundo as práticas padrão de negócios, isso significa que me deve pelo menos honorários de intermediária.

Ele se sentou na cadeira e ficou olhando para ela. Uma vez mais se sentia impressionado com o fato dela não ser tão burra quanto parecia — nem de longe. Era uma pena, mesmo. Se ela passasse tanto tempo se dedicando a fazer algo que prestasse quanto passava imaginando golpes para aplicar nos outros, podia até ser que chegasse a algum lugar na vida.

— Estaria certa, é claro — disse ele, entrelaçando os dedos sob o queixo —, se fosse um pacto comercial normal. Ou seja — continuou ele, erguendo as sobrancelhas —, se, em vez de me procurar para ajudá-la no caso do Comstock, tivesse me mostrado a carta e me dito que aquela seria uma boa oportunidade de eu comprar a empresa dele.

— Mas não faz a menor diferença...!

— Claro que faz — disse George, balançando a cabeça, afirmativamente. — Nosso trato foi outro. Você me pediu para lhe fazer um favor — e eu fiz. E, em troca, me fez um favorzinho também. E isso, minha querida, é onde nosso relacionamento começa... e termina.

— Então não pretende fazer absolutamente nada? — insistiu Janey.

— Não — disse ele, em tom definitivo. — Não pretendo.

Ela soprou, bufou, resmungando que ele ia lhe pagar, mas ele não quis mais saber dela. Não se sentia inclinado a fazer nada por ela. Ela havia tido sua utilidade, fora uma distração momentânea, mas agora precisava cortar todos os vínculos com ela. Se não cortasse, ela voltaria

— outra vez, e mais outra, e mais outra.

Ele pegou o telefone e pediu à secretária para passar sua próxima ligação; girou a cadeira e começou a falar, de costas para ela. E quando voltou a girar a cadeira para a frente da mesa outra vez, ela já havia se retirado.

E agora, sentado à sua mesa, pensando no coitado do Selden, torcia para que ela tivesse ido embora para sempre.

A porta do elevador se abriu no andar do escritório do George, e Mimi Kilroy Paxton soltou um grito de susto, completamente surpresa ao ver Selden Rose.

O primeiro pensamento dela foi de que jamais tinha visto homem tão desolado antes. Seu rosto estava barbeado de forma desigual, mais rente em alguns lugares que em outros, como se não lhe restasse mais nem concentração nem desejo de realizar até as tarefas mais simples, e seu porte físico era o de um homem que foi vagarosamente espancado até a derrota, e consciente de que o golpe fatal está para ser aplicado, sabe que não tem mais forças para evitá-lo. Mas foram os olhos dele que a deixaram mais chocada. Seus olhos, antes vivazes, que sempre haviam brilhado com um prazer infantil como se vida contivesse todo tipo de prazer, agora estavam tão baços como um pedaço velho de papelão, exposto ao tempo e aos elementos.

Olhava direto para ela, mas seus olhos nada viam, e quando a porta se abriu, ele não fez menção de entrar, como se estivesse paralisado.

- Selden! - exclamou.

Ao ouvir seu nome, ele notou a presença dela subitamente e avançou um passo para cumprimentá-la.

- Olá, Mimi - disse.

Ela saiu do elevador e pegou o braço dele, levando-o pelo corredor.

- Selden - disse, com uma voz cheia de preocupação. - Está se sentindo bem?

- Estou tão bem quanto pode estar um homem na minha situação, suponho - respondeu ele, resignado.

- Precisa me contar tudo - disse ela, com firmeza. - Afinal, eu me sinto pelo menos em parte responsável por sua situação ...

- Você, Mimi? - perguntou ele, sacudindo a cabeça. - Não fez nada ...

- Fiz, sim - insistiu ela. - Para começar, apresentei você à Janey ...E lhe disse para se casar com você ...

- Só estava me fazendo um favor - disse Selden. - Eu lhe pedi que a apresentasse a mim, lembra?

- Mas o que vai fazer? - perguntou Mimi, com toda a delicadeza.

Sabia um pouco a respeito do aperto que Selden estava passando pelo George, que tinha ouvido falar disso pela boca de alguns executivos da Splatch Verner; a essa altura, quase todo membro dos altos escalões do ramo cinematográfico já havia escutado boatos sobre o ultimato recebido por Selden para se separar de Janey; a história circulava como uma espécie de lição de moral, alertando contra as armadilhas das mulheres perigosas ...

- Estou perdido - disse Selden, sacudindo a cabeça. - Todo mundo pensa que ela é culpada, e ela alega que é inocente.

- O que ela diz, exatamente? - perguntou Mimi.

- Diz que escreveu um roteiro ... e que o George, de certa forma, é o responsável. Diz que ele

acabou com a vida dela ...

- Ela disse por quê? - indagou Mimi.

- Claro que não. Mal consigo lembrar onde está o roteiro. Talvez porque seja tudo mentira.♦♦ - Ele olhou suplicante nos olhos de Mimi. - E agora todos concordam que eu devo me divorciar dela.

- Ah, não, Selden, não pode fazer isso! - Gritou Mimi.

- Então vou perder meu emprego - disse Selden. - A essa altura do campeonato, estou começando a achar que é a única saída. Ainda estou apaixonado por ela, sabe?

Mimi mordeu o lábio.

- Já falou com o George? - indagou ela.

- Acabei de falar. Ele não ajudou em nada - mas por que ajudaria? - perguntou Selden. - O problema não é dele.

- Ah, Selden - gemeu Mimi. E, nesse momento, tomou uma decisão. Apesar de sua resolução em contrário, andava pensando em Janey Wilcox quase constantemente, e já havia lido, temerosa, sobre a terrível humilhação que ela havia passado no Dingo's. Janey, sentia ela, já foi bastante castigada; se aquele castigo continuasse, seria como trancafiar uma pessoa por um delito menor transformando-a assim em uma criminosa de verdade, determinada a se vingar do sistema. Sabia por experiência própria como Janey era capaz de ser vingativa, e entendia que quanto mais pessoas tentassem esmagá-la, mais cresceria seu rancor. Talvez fosse obrigada a desaparecer durante algum tempo, mas voltaria depois como alguma forma de vida alienígena que andou congelada na neve -, só que maior e mais poderosa do que antes. E aí, quem poderia prever o tipo de devastação que poderia causar?

Não, decidiu Mimi, o melhor mesmo, para todos os envolvidos, seria que a vida continuasse da forma mais normal possível.

Seria um desastre se o Selden se divorciasse da Janey, pois o que ela faria então? Ficaria desesperada e revoltada ... E Mimi subitamente viu que Selden e Janey precisavam ficar juntos, e que deviam comprar uma casa na periferia de alguma cidade em Connecticut. Longe das tentações do glamour, do dinheiro e da fama, era provável que Janey deixasse de ser uma ameaça para todos; ela murcharia em segurança, como uma maçã que alguém deixou no sol durante meses e meses, e sobre a qual alguém pinta uma carinha...

- Selden - disse Mimi, puxando-o mais para perto de si. - Não sei se a Janey escreveu mesmo um roteiro, mas o que eu sei é que ela estava certa sobre o George. Ela o procurou há alguns meses, quando começou a receber as cartas, e pediu ajuda a ele ...

O rosto de Selden subitamente cobrou vida; ele parecia um cachorro que está para morder alguém.

- Então fui enganado - disse ele - Durante todo esse tempo... e pelo meu melhor amigo...

- Selden, veja bem - ralhou Mimi. - Sabe que não é bem isso. Tenho certeza de que o George não lhe contou porque não queria transtorná-lo...

- Obrigado, Mimi - agradeceu Selden, aborrecido. - Ainda bem que você finalmente teve a decência de me contar a verdade.

Selden dirigiu-se aos elevadores a passos largos, e Mimi foi atrás dele.

- Selden, não pode nos abandonar, sabe disso - avisou ela. E então as portas se abriram, e ele entrou no elevador, com Mimi gritando atrás dele, para incentivá-lo: - Você é um bom homem,

Selden. Não importa o que aconteça, lembre-se sempre de que tentou fazer o que é correto e louvável...

E então ela entrou na sala do George. Não mencionou o encontro com Selden, nem jamais mencionava mencioná-lo. Há certas coisas que as mulheres sabem das quais é melhor guardar segredo, por isso deu tapinhas nas bochechas do George e riu de todas as piadas dele, dizendo-lhe, uma vez mais, o quanto ele era maravilhoso.

Sim, pois já que chegara à conclusão de que seria preciso enganá-lo, o mínimo que podia fazer era lhe dar amor e carinho, e ser a melhor esposa e mãe que pudesse ser.

Então, ela tinha dito a verdade, disse Selden Rase para si mesmo, fitando o pequeno edifício de tijolos pretos diante dele. Pelo menos sobre uma coisa. E, como isso era verdade, era até possível que esse roteiro do qual ela tanto falava existisse também.

Ele franziu o cenho e tornou a conferir o número na porta pintada de preto. Será que era ali mesmo? perguntou-se. Podia ter anotado errado, mas sua memória era boa para números, e tinha quase certeza absoluta de que era esse o endereço que vira na correspondência repassada do apartamento dela.

Rua 67, Leste, número 124, apartamento 3A.

Ele voltou a olhar o edifício.

Nem podia ser descrito como prédio, e sequer se parecia com uma casa geminada, com a entrada no mesmo nível da rua, e ao lado de um restaurante chinês daqueles que servem quentinhas para viagem. Talvez já tivesse sido uma casa geminada, supunha, mas há muito tempo atrás alguém substituiu a fachada original por uma fachada lisa, da qual duas janelinhas espreitavam tristemente de cada um dos seus quatro andares estreitos.

O número 124 da rua 67 Leste era um desses endereços de Nova York que parece perfeitamente aceitável, mas não é. O prédio ficava em um quarteirão normalmente bom - entre as avenidas Parke Lexington mas a rua 67 acabava em uma via expressa que atravessava o Central Park; era notoriamente barulhenta e repleta de caminhões. Olhando para um lado e outro do quarteirão, Selden viu que os outros edifícios não eram tão melhores assim - como se os senhores soubessem que não havia motivo para melhorias. Na parede ao lado da porta estava uma caixinha de metal com oito botões - um painel de porteiro eletrônico. Ao lado do número 3A via-se uma tira de papel onde se lia o nome WILCOX escrito em caneta hidrográfica preta desbotada. Isso não o ajudaria, pensou, pois o apartamento estava vazio.

Procurou um botão onde se lesse a palavra Síndico, mas não encontrando nenhum, começou a apertar todos os botões, na esperança de que alguém o deixasse entrar. Dentro de apenas alguns segundos, ouviu o estalido da fechadura da porta, indicando que fora aberta, e então empurrou-a e entrou.

Diretamente à sua frente se via uma escadaria escura e estreita, e, à sua esquerda, um corredor com iluminação deprimente e quadrados de fórmica preta e branca antiga no chão. Uma mulher de meia-idade, de aparência misteriosa e com o rosto salpicado de saliências meteu a cabeça pela porta entreaberta.

- Sim? - indagou, desconfiada.

- Estou procurando o síndico - disse Selden, passando suas caras luvas pretas de uma das mãos

para a outra.

- Lá no fim do corredor - orientou a mulher, mostrando a direção com a cabeça. - Se não estiver em casa, deve encontrá-lo no bar irlandês do outro lado da rua.

O síndico, porém, estava, e Selden explicou que ele era marido da Janey Wilcox, e precisava entrar em seu apartamento.

- Ah, sim - disse o síndico. Tinha aparência envelhecida, graças à camiseta branca folgada que estava usando, mas provavelmente não era tão velho quanto aparentava. - Lembro do seu nome, li nos jornais. Como é que ela vai?

- Tão bem quanto se pode esperar - respondeu Selden, sem se abalar.

- Bom, então diga-lhe que ela precisa resolver o que vai fazer com o apartamento - avisou o síndico entregando as chaves a Selden. - Ela botou aquele cara louro para morar aqui, e ele costumava receber a visita de uma mulher de vez em quando ...

- Janey? - perguntou Selden, assustado.

- Nããão - respondeu o síndico, devagar. - Era mais velha. Tinha aí talvez uns quarenta anos.

Bom, o negócio é que ele se mudou, e agora o apartamento já está desocupado há meses. O senhorio não gosta de apartamentos vazios, mesmo que a pessoa ainda esteja pagando aluguel...

- Pode deixar que eu dou o recado - disse Selden, pegando as chaves.

Começou a subir a escadaria estreita.

Será que Janey Wilcox, a bela modelo da Victoria's Secret, tinha mesmo subido e descido aquelas escadas sujas várias vezes por dia? Por que diabo ela morava ali? No patamar do segundo andar, sentiu o cheiro inevitável de comida ruim, e franziu o nariz, enojado, e então, ao subir para o terceiro e último andar, viu que estava sendo acompanhado por uma barata enorme. Pensou em pisar e matá-la, mas depois desistiu, devido ao tamanho do bicho; aquilo só ia servir para deixar uma grande quantidade de gosma repelente e grudenta na sola do seu sapato.

A porta dela tinha três fechaduras, e ao pôr cada chave em sua fechadura correspondente, ele se perguntou de novo como ela podia ter morado ali.

E então, com uma risadinha, ele se lembrou por quê: ela era a maior pão-dura.

A porta se abriu com um rangido estranho, e por um momento ele hesitou, sem saber se queria ou não entrar ali. O apartamento fedia a lixo ou a algo que havia sido deixado apodrecendo na geladeira, e espreitando o interior fracamente iluminado, a primeira palavra que lhe ocorreu foi "sórdido".

Mas ele precisava entrar, lembrou-se. Precisava ao menos tentar salvá-la.

Deu um passo à frente. Imediatamente a sua esquerda, ficava uma cozinha minúscula com eletrodomésticos enferrujados e uma porta de armário pendurada por uma dobradiça só. Pelo jeito, já devia estar assim há algum tempo, como se Janey não tivesse se incomodado em consertá-la. À direita dele, havia uma sala de mais ou menos três por quatro metros, com uma lareira rasa e, no extremo, uma janela. A direita da janela ficava uma outra porta que dava acesso ao que se podia chamar de quarto de dormir. Ele também continha uma janela, bem como uma penteadeira, uma cama sobre uma pequena plataforma sobre estacas e, sob ela, dois cabideiros.

Ele conseguira entrar no apartamento dela, mas agora, por onde deveria começar?

Olhando para o alto, enxergou uma sacola da Burberry em cima da cama. Parecia nova; curioso, estendeu o braço e a pegou, puxando-a para baixo.

Dentro dela havia uma caixa, com um par de botas no mesmo xadrez que era a marca registrada da Burberry. Ele tornou a olhar dentro da sacola e viu o recibo: ao estudá-la, descobriu que as botas haviam sido compradas com seu cartão de crédito, e que Janey havia assinado seu nome e que recebera um desconto de trinta por cento. A data do recibo era 8 de dezembro - o mesmo dia, lembrou-se ele, em que ela havia comprado as pérolas negras. Ele ficou se perguntando qual seria a importância de tudo aquilo - a data, as botas, e o fato de ela ter deixado a sacola ali - mas não conseguiu entender nada e preferiu continuar procurando.

Voltou para a sala de estar. Uma pequena escrivaninha de madeira do tipo que os estudantes compravam em um lugar como a Door Store ficava em frente à janela. O tampo estava misteriosamente vazio, mas espiando embaixo dela, encontrou um computador laptop Apple - quase novo em folha - sobre uma pequena pilha de folhas de papel rosa.

E de repente percebeu que tinha encontrado o que estava procurando.

Ajoelhou-se e levantou o computador, tirando os papéis de baixo dele. Ela era cheia de segredos, mas não conseguia esconder bem as coisas, pensou, lembrando-se da facilidade com que havia encontrado a carta de Comstock.

E aí, percebeu: cor-de-rosa? Papel cor-de-rosa? Para um roteiro? Coisa mais inocente, de garotinha frívola.

E de fato, no alto da página, liam-se as palavras "QUEM DA MAIS?"; sob elas, "Um Roteiro de Janey Wilcox".

Ele havia encontrado o bendito!, pensou, trêmulo de emoção. E aí se lembrou da hora.

Arregaçando depressa a manga, consultou o relógio e o viu que já eram 12h30. Tinha menos de cinco horas ...

Mas não, pensou, jubiloso, não era verdade. Não era mais. Agora com aquilo nas mãos, tinha todo o tempo do mundo...

E, jogando-se no sofá vermelho de veludo desbotado, virou a página do título e começou a ler...

Vinte minutos depois, parou, e recostou-se no sofá, levando as mãos ao rosto.

Encantadora, tão encantadora, pensou, desvairado.

Ela era uma maravilha e um mistério - e, no entanto, tão evidentemente óbvio. O "roteiro" tinha apenas 33 páginas e mal lembrava o formato padrão - era mais um aglomerado de indicações para cenas com uma ou duas frases de diálogo, só para constar. Mas sentindo-se como se tivesse finalmente entendido sua esposa, e lembrando-se de seus elevados padrões em matéria de "arte", não se surpreendia por ela haver se recusado a mostrá-lo: quase tudo na sua tentativa era um clichê risível.

Voltou à primeira página. A protagonista nem sequer tinha nome Janey só se referia a ela como "A Garota". No início da história A Garota tinha quatro anos e estava em um recital de balé, fazendo o papel de velinha de bolo, girando sem parar. Depois o pai (que A Garota amava mais do que qualquer outra pessoa no mundo) vinha até ela e a abraçava, e A Mãe (ela também não tinha nome) agarrava o braço da Garota, e a puxava para longe, gritando com ela por ter sujado seu tutu. A cena seguinte já se passava algum tempo depois, quando A Garota já tinha dez anos. Ela estava no banheiro, experimentando o batom da Mãe, quando A Mãe entrava intempestivamente e "arrancava" o batom da mão da Garota.

A MÃE (rosnando)

Eu só quero que você saiba de uma coisa: Se seu pai e eu nos divorciarmos,

a culpa vai ser toda sua!

A GAROTA

Não, mamãe, por favor.

A MÃE

Eu vou trancar seu quarto até você aprender a se comportar! Olha só como você está parecendo uma vagabunda!

A GAROTA

Eu vou fugir de casa, mamãe.

A MÃE

Quem me dera! Será que tem idéia de quantos problemas já causou nesta família?

Selden sorriu com indulgência, e passou para uma cena mais adiante.

Aquela parte era ligeiramente mais interessante. A Garota estava no iate de um árabe - tinha sido enganada por uma outra garota, que ela chamava de Falsa Amiga, e fora raptada por ele, tornando-se uma espécie de escrava sexual.

Noite após noite, A Garota se encolhia aterrorizada em seu camarote, ouvindo os protestos da Garota Russa que gritava "Nyet! Nyet!" enquanto era currada pelos comparsas do árabe. "Foi então que A Garota decidiu que precisava sobreviver." Selden leu. "Ela ia sobreviver custasse o que custasse. Ia bolar um jeito."

Em seguida, vinha uma cena na qual A Garota estava sentada em uma mesa, jogando pôquer com três árabes, todos capangas do dono do iate:

ÁRABE NÚMERO UM

Aposto mais cem.

A GAROTA

Dobro a aposta. Duzentos para pôr as cartas na mesa.

ÁRABE NÚMERO DOIS

Mas como foi isso?!

A GAROTA

Ganhei. De novo.

Mas de onde ela podia ter tirado aquilo? perguntou-se Selden. Era outra vez o tipo de história antiga que as pessoas gostavam de pensar que era verdade - mas na qual ninguém realmente acreditava. Embora a parte da Garota jogando pôquer para sobreviver fosse um toque interessante, original – uma espécie de versão moderna do Barba Azul – e demonstram certa criatividade...

Mas que diferença fazia o que ela havia escrito? perguntou-se ele, juntando as páginas, feliz. A única coisa que importava era que ela havia tentado - que tivera as intenções corretas o tempo todo. E que ela lhe dissera a verdade. Vivía lhe dizendo que havia escrito um roteiro, e ele não tinha acreditado nela ...

De repente um sentimento de culpa esmagador tomou conta dele.

Mas ... ele ia compensar aquilo tudo, pensou depressa. Ia lhe dar tudo que quisesse. Agora que tinha aquelas páginas nas mãos, tudo estava claro. Janey estava certa o tempo todo: ela tinha sido enganada. Por que ele havia duvidado da esposa? E depois de enrolar as páginas com a intuição de formar um tubo, colocou-as no bolso do peito do paletó para preservá-las.

Saiu correndo do apartamento, as chaves chacoalhando na sua mão. Graças a Deus, nenhum dos dois teria que voltar ali nunca mais, pensou ele. Ia lhe dizer para desistir daquele apartamento ... Ia contar a todo mundo.

Ligaria para Jerry Grabaw e diria que tinha encontrado o roteiro ...

E depois contaria ao Victor Matrick. Girando a chave na fechadura, pensou em como isso ia ser bom. De repente se lembrou das terríveis palavras de Victor - de que a Splash Verner não podia segurar uma mulher como Janey Wilcox - e pelo menos dessa vez o Victor ia ter que admitir que estava errado. Ele veria que o oposto é que era verdade: a Splash Verner precisava de esposas como Janey Wilcox, esposas belas, inteligentes e talentosas. Sob sua tutela, Janey ia terminar o roteiro - e ele não havia ajudado dezenas de roteiristas a fazerem isso antes? E a sua imagem ia melhorar muito agora, quando as pessoas entendessem que a sua esposa era muito mais que um rostinho bonito. Até sua mãe ia se impressionar ...

Mas quando ele botou as chaves no bolso, fez uma pausa. E se as pessoas não acreditassem nele? E se dissessem que ela tinha escrito aquelas páginas depois - depois do escândalo estourar, só para aparentar inocência?

Não tinha importância, pensou com firmeza. E quando desceu correndo as escadas, percebeu que o mais importante era ele conhecer a verdade; conhecendo a verdade, não dava a mínima para o que as outras pessoas pensassem.

Janey Wilcox comtemplava deslumbrada seu reflexo no espelho do banheiro. Estava ao mesmo tempo excitada e nervosa, e sempre se acalmava ao ver que ainda era linda, que sua beleza permanecia íntegra, e não mostrava sinais de esvaír-se, apesar das provações do mês anterior. Só que essas provações, tranquilizava-se, tinham terminado - ou iam terminar. Muito em breve. Dentro de vinte minutos, chegaria um carro para levá-la ao aeroporto John Fitzgerald Kennedy, e então ela entraria em um avião, e uma nova vida ia começar ...

Depois de afastar-se do espelho - não sem uma certa dificuldade lembrou-se de que ainda tinha uma ou duas coisas para fazer antes de ir embora, e correu até o quarto de dormir.

Quatro malas Louis Vuitton encontravam-se abertas e muito bem arrumadas sobre a cama, aguardando sua inspeção final. Só precisava colocar em uma delas a caixa de veludo azul onde guardava seu colar de pérolas negras - que adquirira naquele período em que ela e Selden estavam apaixonados um pelo outro - e seu segundo bem mais precioso: um convite para a festa do Oscar promovida pela Vanity Fair.

Foi até a escrivaninha e abriu a tampa do estojo de veludo azul. Lá estava ele, logo em cima - o

convite mais cobiçado do mundo. Ela o tirou da caixa, carinhosamente, passou o dedo sobre as letras douradas em relevo que formavam as palavras "Vanity Fair", naquele mesmo tipo de letra famoso que aparecia na capa da revista todo mês, depois o abriu.

No canto superior esquerdo, seu nome, "Janey Wilcox", estava gravado em caligrafia dourada, seguido por uma convocação para participar de um jantar formal após a Cerimônia de Entrega dos Prêmios da Academia de Cinema às nove da noite em ponto. Várias centenas de pessoas haviam sido convidadas para a festa depois da entrega dos Oscars, mas o convite para o jantar era notoriamente exclusivo - atrizes e atores de cinema, diretores e chefes de estúdio estritamente de primeira linha, sendo que a imprensa só poderia entrar mais tarde, para que as celebridades pudessem ficar mais à vontade.

Naturalmente, ela logo percebeu que precisava guardar segredo á respeito do convite - principalmente evitando contar a Selden e a Jerry Grabaw, ou até mesmo a Wendy Piccolo. Portanto, tratou de tomar suas providências sem dizer nada a ninguém - felizmente se lembrando de que possuía o modelito perfeito para usar na ocasião – um frente única estilo anos 1970, de Roberto Cavalli, que tinha comprado em Milão, na sua lua de mel. Estava reservando aquele vestido para alguma grande festa de primavera, mas nada havia aparecido mais importante do que a festa do Oscar. Ela dividiria o cabelo ao meio e o deixaria solto nas costas. Naturalmente, também usaria o colar de pérolas ...

Pondo de lado o convite, tirou o colar do estojo. Por que não colocá-lo no pescoço naquele momento mesmo? pensou, eufórica. Como uma espécie de gesto comemorativo ... para dar sorte? Quando ergueu o colar à altura do pescoço, seu cotovelo esbarrou no convite e ele caiu no chão.

Ela já estava quase se abaixando para pegá-lo quando ouviu a chave na fechadura da porta da suíte. Gelou. O que o Selden estaria fazendo em casa àquela hora? pensou, subitamente apavorada. Seu avião decolava para Los Angeles às três, e ela não esperava que ele retomasse antes da hora normal, às cinco ou seis, altura em que ela já estaria sobrevoando Chicago, talvez. Contudo, literalmente não teve tempo para pensar nisso, porque no segundo seguinte ele já havia entrado saltitante no quarto, agarrado a esposa pelos braços e beijado seu rosto, exclamando: "Meu amor, meu amor!", sem parar, como algum ator de segunda em um filme romântico de péssima categoria.

Mas que diabo ela ia fazer agora? pensou horrorizada.

- Selden ... Selden, meu querido - disse ela, tentando dar à voz um tom semelhante ao dele enquanto o afastava de si. - O que foi? O que está fazendo em casa? - Em um momento, ela pensou, com o coração quase saindo pela boca de medo, ele veria as malas, e depois provavelmente tentaria impedi-la de ir ...

- Não está vendo? - disse ele, pegando seus dois ombros e olhando-a bem no rosto. Sua expressão era de êxtase. - Tudo vai dar certo agora. Tudo vai funcionar para nós dois ...

- Ah, é? - perguntou Janey, nervosa.

- Achei o roteiro! - gritou ele.

Os olhos dela se arregalaram de choque. Ela recuou um passo, afastando-se dele.

- Achou?

- No seu apartamento - respondeu ele, revirando o bolso do paletó.

Tirou um rolo de páginas cor-de-rosa, e abriu-as sobre a cama. – Não se pode dizer que seja

bem um roteiro mas prova que você tentou – que nunca, nem por um minuto, achou que estava recebendo aquele dinheiro em troca de sexo. Ola, meu amor – disse ele, apontando para a página de rosto.

– Até fez uma página com título... “quem dá mais?” é claro que não dá para manter esse ponto de interrogação, vai ter que mudá-la, mas depois você escreveu todas essas ceninhas, chegando a esboçar o que ia acontecer entre elas ...

Janey sentiu que ia desmaiar. Depois de ter escrito aquelas páginas, dois verões atrás, ela havia sentido que o roteiro não era lá tão bom assim (o que foi embaraçoso), e que ele, inevitavelmente revelava a verdade sobre seu passado ...

- Selden - balbuciou, ofegante.

Então ele ergueu os olhos e notou as malas sobre a cama.

- O que pensa que está fazendo? - gritou, consternado.

Ela de repente descobriu que mal conseguia falar.

- Eu vou ... - disse, gaguejando.

- Mas minha querida, não! - disse ele, agarrando as mãos dela, compreensivo. - Não precisa ir embora. Agora que temos o roteiro, tudo vai dar certo. - Deixou cair as mãos e começou a andar de um lado para o outro no quarto. - Já trabalho nisso faz vinte anos, e sei quando encontro alguém talentoso. Ah, com certeza o roteiro tem um monte de clichês, mas os primeiros rascunhos sempre têm, e aquele negócio da garota no iate é muito criativo ...

- Selden, não posso ... - gritou ela.

- Claro que pode, querida - disse ele, estendendo suas mãos. - Não entende? Vou ajudá-la. Vai escrever o primeiro rascunho, depois vamos arranjar alguém para reescrevê-lo. Naturalmente, a Parador ainda retém os direitos, mas agora que George é o novo dono, vai ficar fácil. Vou fazer com que ele ceda os direitos à MovieTime - e ele me deve pelo menos isso, aquele canalha ... Janey recuou, confusa. E Selden, vendo sua expressão, procurou uma resposta em seu rosto.

- Entendi - disse, como quem é experiente. - Ainda está zangada comigo porque não acreditei em você. Mas não foi bem isso, meu amor - explicou, em tom lamentoso. - Queria acreditar em você, mas estava com tanto medo que não fosse verdade ... Mas agora consigo entender como você deve ter se sentido ... Como deve ter me odiado.

Só não me diga que deixou de me amar. Não agora, que temos uma segunda chance ...

Aquilo não podia estar acontecendo com ela, pensou Janey, desorientada.

Não agora, quando finalmente tinha a chance de escapar...

- Meu bem, será que não entende? – perguntou ele. – Agente ate inclui seu nome como produtora do filme...

Ela se apoiou contra a penteadeira. Se ao menos ele fosse embora... Ela não conseguia pensar com ele assim em cima dela. Finalmente, ele lhe oferecia tudo o que ela sempre havia desejado, mas ela tinha medo ... E se ela terminasse o roteiro, o que aconteceria se ele descobrisse que era verdade? Será que a submeteria a todas aquelas humilhações abomináveis pelas quais ela havia passado no último mês? E num grito inconsciente de defesa, ela disse:

- Não ...

Ele empertigou-se.

- Como assim? - perguntou.

- Não sei bem - disse ela, agarrando o colar, desesperada. Se ao menos pudesse lhe contar a

verdade, se ao menos pudesse confiar nele ...

Foi então que as palavras que ele disse em seguida deixaram tudo horivelmente claro.

- Infelizmente, não há escolha - disse ele, secamente. - Há duas semanas, o Victor Matrick me disse que eu teria que escolher entre você e o meu emprego ... Naturalmente, eu a defendi - eu lhe disse que você tinha mesmo escrito um roteiro - mas a menos que façamos o que acabei de lhe dizer, a opção ainda vai precisar ser feita. E sei que não vai querer que eu desista do meu emprego. Não quando já estou trabalhando há mais de vinte anos para chegar onde cheguei ...

Janey sugou o ar entre os dentes. Sentiu o sangue se esvaír do seu corpo; pensou que fosse vomitar. E depois seu único pensamento era que precisava ir embora dali - precisava fugir daquela criatura desprezível que se dizia seu marido. Precisava obrigar-se a se mover e a falar, precisava permanecer calma. Não sabia quem era este Selden Rose (e na verdade, será que algum dia ela soubera mesmo?) e não tinha certeza do ponto ao qual ele podia chegar. Em voz instável, ela disse:

- Não vai ser necessário você escolher. É só que eu tenho outros planos ... - Deu alguns passos na direção da escrivaninha e descansou o braço sobre ela. De repente, lembrou-se de que o convite para a festa da Vanity Fair estava aos seus pés - se ao menos conseguisse pegá-lo e colocá-lo no estojo de veludo sem ele perceber ...

- Outros planos - disse ele, encolhendo a cabeça, surpreso, como uma tartaruga que pressente o perigo. - Que outros planos?

Janey afastou os cabelos da testa com a mão. Se pudesse obrigá-lo a calar-se, talvez até prometendo voltar ... - Acabei de receber uma boa notícia - disse, tranqüila, abrindo o colar de pérolas e colocando-o na caixa como se nada de diferente estivesse acontecendo. - Minha irmã, Patty, finalmente conseguiu engravidar. Ela e o Digger compraram uma casa em Malibu, e ela quer que eu vá para lá imediatamente. - Era uma de suas típicas meias mentiras, mas talvez ela conseguisse fazê-la passar por verdade, se Selden não ficasse todo assanhado e ligasse para a irmã para dar-lhe os parabéns. Olhando para o rosto dele, viu que ele parecia estar acreditando...

- Mas isso é ridículo - ele disse, sorrindo, de um jeito tolerante, e avançando um passo na direção dela. - Ela tem meses e mais meses de gravidez pela frente ... Você pode ir para lá quando quiser. Podemos ir juntos ... Depois que tratarmos de tudo isso ...

O rosto dela contraiu-se de frustração, e ele pareceu ter percebido a expressão de Janey, pois seus olhos repentinamente semicerraram-se, e ele disse:

- A não ser ...

- A não ser o quê? - indagou ela, concentrando sua atenção no colar.

- A não ser que você tenha alguma outra coisa em mente, não é?

- O que mais eu podia ter em mente? - perguntou ela, franzindo cenho para ele, furiosa. E aí, incapaz de se conter, seu olhar automaticamente desceu até o convite a seus pés.

Ele também o viu, e antes que ela pudesse alcançá-lo, ele pulou parti a frente e o apanhou.

Sem dizer uma palavra, examinou a capa e depois abriu-o.

A princípio a fisionomia mostrou incompreensão, e ele ficou olhando para Janey e para o convite, alternadamente, confuso. Ela só conseguia pensar que precisava apoderar-se dele, pois no rodapé estava escrito: "Favor apresentar este à entrada. Não fazemos exceções"; se ele rasgasse o convite, ou o jogasse pela janela, ela não teria tempo de conseguir outro, e aí toda a sua vida estaria arruinada. Seu futuro inteiro dependia daquele convite, e olhando para Selden, ela

de repente o odiou com a fúria de uma criança contra um irmão maior implicante. Desejou que estivesse morto - sentiu vontade de matá-lo ...

- Devolva-me o convite! - gritou.

Ele recuou um passo, afastando-se dela, com o convite entre seu polegar e o indicador, segurando-o bem alto, como se estivesse exibindo a arma de um homicídio diante de um júri.

- Um convite? - disse, grosseiro.

- E daí? É da sua conta?

_ Você escolheria uma festa, em vez do nosso casamento? – berrou ele, ameaçador.

_ Por que não? - gritou Janey. - Já estava pronto para me trocar pelo seu emprego ...

Por um momento, os olhos dele brilharam de raiva, e Janey soltou um grito de medo, temendo o que ele poderia fazer a seguir. Mas então, como se subitamente ele enxergasse a verdade nas palavras dela, a raiva desapareceu, e ele soltou um gemido de desespero de partir o coração. Deixou-se cair na beirada da cama, como um fantoche cujas cordas de repente fossem cortadas, a cabeça afundando entre as mãos.

_ Um convite - gemeu, lamentoso, sacudindo a cabeça. – Um convite para uma festa. Sempre isso ...

Janey só ficou olhando para ele.

Selden levantou a cabeça e olhou para ela com os olhos cheios de lágrimas.

_ Todos me diziam que eu devia me separar de você. Mas eu não queria. Eu ainda te amava ...

_ Mentira sua - replicou ela, furiosa. E avançando para ele, estendeu a mão.

Por um momento, ele ficou confuso. Estaria ela fazendo um gesto conciliador?

Mas aí viu que os olhos dela estavam presos no convite, que aquilo era tudo o que ela queria dele agora, e, com um suspiro imenso, arrancado do fundo do peito, ele o entregou a Janey.

Ela o pegou.

E, com aquele gesto, ele entendeu que desde o início havia se equivocado completamente a respeito dela. Ela não o amava; provavelmente, jamais o amara. Sempre acabavam tendo que fazer o que ela considerava melhor para si, e ele não havia passado de mais um degrau no seu caminho. Se ela o amasse, teria ficado com ele ... Teria feito o que ele lhe pedia, terminando o roteiro. Era um teste, e ela não tinha passado...

E alguma coisa dentro dele começou a reagir. Seu orgulho subiu à tona, das profundezas do seu desespero - e sua orgulhosa vaidade masculina finalmente se manifestou. Então, era verdade o que todos diziam dela, pensou – era mesmo uma meretriz - e ele tinha era sorte de se livrar dela. Por fim, compreendendo aliviado que seu amor-próprio era maior do que o dela, disse:

- Então acabou mesmo.

As palavras foram mais uma declaração do que uma pergunta, e havia algo de tão definitivo na voz dele que Janey se virou. Por pior que possa ser um casamento, por mais infames que sejam as coisas que duas pessoas possam dizer ou fazer uma contra a outra, resta o fato de que elas um dia declararam publicamente que se amavam. Janey de repente sentiu-se apreensiva - como se agora que ele havia declarado que a relação deles terminara, ela não soubesse se era mesmo aquilo que queria. Hesitou por um segundo. Seria realmente tarde demais? Será que devia ir até ele e rasgar o convite ela mesma? Jogar os braços ao redor de seu pescoço, e lhe dizer que estava errada?

Ela jamais seria capaz de ser ela mesma com ele; ele viveria criticando-a pelas costas. Ele era

ridículo e frágil, quase a havia trocado pelo emprego uma vez, e certamente voltaria a fazer o mesmo ...

E numa voz tão fria que gelou até mesmo ela, declarou:

- Já acabou há muito tempo, Selden.

Com todo o cuidado ela colocou o convite no estojo de jóias. Olhando para trás, viu que ele ainda estava sentado ali, os olhos perdidos no espaço, e lhe lançou um olhar de repulsa e aborrecimento. Agora que tinha terminado mesmo, desejava que ele saísse, para que ela pudesse terminar de fazer as malas - será que não dava para notar que estava atrapalhando?

Ela fechou o estojo de veludo e foi até a cama, colocando-o dentro de sua malinha carry-on Louis Vuitton. Assim que fez isso, seus olhos pousaram nas páginas cor-de-rosa do roteiro. Em um momento de fúria, apanhou-as, pensando em rasgá-las ao meio.

Só que alguma coisa fez com que ela pensasse duas vezes. E alisando bem as páginas, colocou-as dentro da mala também.

— O QUE DESEJA BEBER? — perguntou a comissária de bordo, debruçando-se sobre a poltrona vazia ao seu lado. — Champanhe? Suco de laranja? Ou alguma outra coisa? Janey quase disse "champanhe", mas se conteve.

— Água, por favor — pediu.

Em vez de sair apressada para ir pegar a bebida dela, a comissária inclinou-se em direção a ela, com ar conspirador. Falando baixinho a ponto de cochichar, falou:

— Reconheci você assim que entrou, Fica tranqüila... — disse, olhando de relance ao seu redor, como se fotógrafos estivessem para pular dos bagageiros em cima dela. — Vou tratar de garantir que ninguém a incomode durante o voo.

— Obrigada — agradeceu Janey, em tom de quem encerra o papo.

Ela apertou o cinto de segurança e recostou-se na cadeira, exalando um longo suspiro de alívio.

Ela tinha conseguido chegar em cima da hora — a comissária disse que ela fora a última a embarcar — e enquanto corria pelo aeroporto, seu grande medo era que eles tivessem cedido sua poltrona a outra pessoa. Mas não tinham, e a primeira classe nem de longe estava lotada como ela imaginava que estaria — tanto que ela ocupara os dois assentos junto à janela. Provavelmente a maior parte das pessoas que iriam comparecer à entrega do Oscar da Academia já estava em Los Angeles para participar das festas pré-Oscar. Tudo bem, pensou ela, no ano seguinte também estaria lá, quando tivesse mais tempo para planejar. E assim sua chegada na festa da *Vanity Fair* seria uma surpresa total, e as pessoas não iam ficar embasbacadas em Nova York quando lessem os jornais no dia seguinte...

— A sua água — disse a comissária, em tom agradável, entregando-lhe um copo (de vidro mesmo, pensou ela, porque estava na primeira classe) com o logotipo reconfortante da American Airlines gravado do lado.

— Obrigada — disse Janey, bem-comportada.

Tomou um gole da água e pôs o copo com todo o cuidado em uma bandejinha no descanso de braço. Teria preferido champanhe, mas não podia arriscar-se a ficar com a cara toda inchada devido à combinação de tempo de voo e álcool. Precisava estar totalmente deslumbrante na noite seguinte; sua beleza precisava ser perfeita. A noite de amanhã era sua única chance agora...

Tomou mais um gole da água e olhou pela janela os homens de uniforme cor de laranja que colocavam as últimas malas no avião. Devia ter tomado o champanhe, sim, pensou, principalmente porque era de graça. Ou melhor, corrigiu-se, principalmente porque ela é que estava pagando por ele.

Franziu o cenho e olhou sua passagem, uma vez mais boba de ver a tarifa exorbitante por um voo só de ida para Los Angeles: cinco mil dólares!

Teria ido de classe executiva para economizar 2.500, mas era famosa demais agora. Se alguém no avião contasse aos jornais que ela havia sido vista na classe executiva, iam todos debochar da cara dela.

Mesmo assim, o preço da passagem a deixava quase fisicamente doente. Será que ela havia pago alguma passagem aérea do seu bolso antes? perguntou-se. Dessa vez, não tivera escolha —

embora a *Vanity Fair* houvesse concordado em hospedá-la no Chateau Marmont por duas noites e providenciado o transporte entre o aeroporto e o hotel e entre o hotel e a festa, tinha se recusado a pagar a passagem. Ela não teria se importado muito se não fosse pelo fato de que, uma semana atrás, seu contrato com a Victoria's Secret, havia sido rescindido...

— Senhoras e senhores passageiros — anunciou a comissária de bordo pelo sistema de alto-falantes. — O comandante nos informou que fomos liberados para decolagem. Por favor, apertem os cintos e voltem sua atenção para a tela para que possamos transmitir-lhes alguns avisos referentes à sua segurança...

Janey olhou de relance para a tela bruxuleante e bocejou involuntariamente. Como se alguém, pensou ela, não soubesse afivelar um cinto de avião...

E então ela deve ter adormecido, porque, quando viu, já estava despertando. E, por um momento, não soube onde estava...

Depois se lembrou: avião, Los Angeles, festa do Oscar da *Vanity Fair*. Olhou o relógio — quatro horas haviam se passado! Como teria acontecido isso? Ela não costumava ser capaz de conciliar o sono em um avião, mas as últimas semanas devem tê-la deixado completamente esgotada. Sua garganta estava seca, e, debruçando-se sobre a poltrona a seu lado, chamou a comissária com um aceno.

— Ah, finalmente acordou — saudou a comissária, toda interessada, como se fosse uma mãe paparicando os filhos. — Perdeu o jantar... pensei em acordá-la, mas não quis incomodar. Gostaria de comer alguma coisa agora? Queijo e pãezinhos, talvez, e quem sabe um copo de vinho tinto?

— Só água, por favor — pediu Janey.

E aí, quando a comissária lhe entregava uma garrafa de Evian e um copo, ela ouviu uma voz masculina familiar, vindo de algumas poltronas à frente dela. "Quero *Erin Brockovich*" — exigiu a voz, com a impaciência de uma criança — e Janey de repente ficou impressionada ao notar aquela combinação de voz masculina com petulância infantil. Um corta-tesão incrível, pensou.

— Sinto muito, senhor — desculpu-se a comissária a seu lado. — Mas só temos três fitas, que já foram requisitadas por outros passageiros.

— Bom, então reviste esse avião! — ralhou a voz, como se não fosse capaz de entender por que ela não fizera isso ainda.

— Sinto muito, senhor, mas outros passageiros já...

— Diga a um deles para devolver o filme. Diga-lhes que é para mim...

A aeromoça deu um suspiro, e encaminhou-se para os fundos da primeira classe, revirando os olhos de impaciência. Depois que ela passou, Janey ergueu-se ligeiramente e espiou sobre o encosto da poltrona à sua frente a segunda fileira, lá adiante. Sim, pensou ela, tinha razão. Reconheceria aquele cocuruto com três fiozinhos de cabelo ruivo espetados em qualquer lugar: Comstock Dibble.

Recostou-se em sua poltrona, produzindo um ruído. Ora vejam só!, pensou. Interessante, aquilo. Ele também devia estar indo à cerimônia do Oscar e sem dúvida depois ia comparecer à festa da *Vanity Fair*. Seria preciso um delito muito maior do que pagar mulheres para transar e falsificar roteiros para ser excluído da festa. Era homem, afinal, e os homens em Hollywood podiam tudo...

Provavelmente ele devia estar pedido o filme *Erin Brockovich*, adivinhou, para refrescar sua

memória e poder puxar papo com a Julia Roberts!

— Senhoras e senhores passageiros — anunciou a voz do comandante pelos alto-falantes. — Estamos agora sobrevoando o Grand Canyon. Se olharem para a sua direita, verão um incrível pôr-de-sol...

Janey estava do lado esquerdo do avião, de forma que, naturalmente, não podia ver crepúsculo nenhum, pensou aborrecida. Olhou pela janela assim mesmo, mas só viu uma longa extensão de areia avermelhada.

E então ouviu:

— Janey? Janey Wilcox?

Ai, meu Deus do céu, pensou. Virou-se e olhou a mulher de pé no corredor a seu lado. Ela se parecia um pouco com um travesti, com uma mandíbula quadrada de homem e ombros largos, combinados com cabelos excessivamente oxigenados e unhas de acrílico vermelhas desnecessariamente longas.

— Não se lembra de mim? — perguntou ela, em voz rouca. Pela voz, parecia ter passado a noite em claro enchendo a cara de uísque e fumando cigarros.

— Ah, Dodo — disse Janey, balançando a cabeça em reconhecimento.

— Até que enfim! — exclamou Dodo. — Devo confessar que nunca esperaria vê-la neste avião! Janey levou seu copo aos lábios e deu um sorriso tenso a Dodo.

— Por que não estaria? — perguntou.

— Não digo que não devia estar — corrigiu Dodo, mais do que depressa, como para disfarçar um possível insulto. — Está indo ver a entrega do Oscar?

— Claro — disse Janey, sem se impressionar. E você, também?

— Estou na cobertura — assentiu Dodo, revirando os olhos. — Mas dá um trabalhão — a rede de televisão está fazendo cortes e eliminaram a primeira classe do orçamento. Por isso todo mundo, inclusive os locutores, são obrigados a ir de executiva...

— Que pena — disse Janey. Dodo, pensou, era mesmo um saco. E para tentar se livrar dela, acrescentou: — Bom, imagino que nos veremos na festa da *Vanity Fair*...

— Ah! — disse Dodo, erguendo as sobrancelhas. — Vai estar lá também?

— Naturalmente — concordou Janey. — Fui convidada para o jantar.

— Ah, foi? — disse Dodo, boquiaberta. E como se isso fosse demais para ela, pediu licença e foi ao banheiro.

Os passageiros da classe executiva eram expressamente proibidos de usar os toaletes da primeira classe e, por um segundo, Janey sentiu vontade de denunciá-la à comissária de bordo. Mas o fato dela ir ao jantar da *Vanity Fair*, e a Dodo não, combinado com a realidade de que a Dodo agora sabia disso, já era, segundo ela pensou, castigo suficiente.

No banheiro da primeira classe, Dodo, sentada no vaso, dissecava essa informação. Como é que aquela vaca da Janey Wilcox tinha sido convidada para o jantar do Oscar da *Vanity Fair* e ela não? Já fazia anos que tentava ser convidada para aquele evento, mas toda vez lhe diziam que "este ano não vai dar", "talvez deva tentar no ano que vem", ou seja, "quando você for mais famosa".

A vida era tão injusta! Dodo pensou, extraíndo um pedaço de papel higiênico compridíssimo para assoar seu nariz que não parava de escorrer. Aquilo só servia para mostrar que trabalho árduo não levava a nada...

E aí Dodo de repente entendeu por que e quase soltou uma risada bem alta, de tanta alegria. Tinha uma amiga que trabalhava na *Vanity Fair*—uma repórter chamada Toby Young, que uma vez lhe dissera que todo ano os editores convidavam a mulher que fora nomeada "A Burra Gostosa" do ano para a festa. E, obviamente, a Janey havia sido a escolhida da vez. Mal podia esperar para sair do avião e ligar para o Mark, pensou, jogando a maçaroca de papel higiênico no lixo. Mark ia achar aquilo o máximo, e como não iam rir com todos os seus outros amigos... Janey Wilcox, a Meretriz Modelo... agora a Burra Gostosa do ano...

Mas depois refletiu melhor: mesmo que ela fosse realmente a Gostosa e Burra, o simples fato de ela estar no jantar da *Vanity Fair* já lhe daria uma espécie de distinção que poderia representar uma vantagem.

Talvez fosse "muito chique" conhecê-la. E era possível que, quando as pessoas citassem o nome dela, fosse mais elegante e interessante comentar "Janey Wilcox é uma boa amiga minha e, na verdade, é uma pessoa maravilhosa" do que revirar os olhos de nojo.

E com isso em mente, Dodo saiu do banheiro decidida a "fazer amizade".

— Janey — disse, naquela voz roufenha.

Janey olhou para ela aborrecida, como se não pudesse acreditar que Dodo tinha voltado.

— Posso me sentar aqui? — pediu, olhando significativamente a mala carry-on Louis Vuitton, que Janey pusera na poltrona a seu lado para evitar essa possibilidade.

— Estou meio cansada, mas... — disse Janey, tirando a mala e colocando-a sob a poltrona diante de si. Dodo, pelo que podia ver, não ia desistir com tanta facilidade.

— Obrigada — disse Dodo, sentando-se. — Muito bem — continuou, como se estivessem no meio de uma longa conversa. — Devo lhe confessar que realmente a admiro. Achei que eu fosse forte, mas você deve ter a força de um cavalo. Se as pessoas estivessem dizendo de mim o que dizem de você... — e riu. — Ora, provavelmente dizem mesmo essas coisas de mim, mas só que não em público. Quero dizer — continuou, chegando tão perto que Janey sentia o bafo de bebida dela —, se resolverem ficar assim escandalizados toda vez que uma mulher paga um boquete para um cara... não vai sobrar mais lugar para notícias que valham a pena, vai?

Dodo riu escandalosamente de sua própria piada, e dois outros passageiros da primeira classe viraram-se e olharam feio para ela.

— Ih, vão cuidar da sua vida! — reagiu Dodo, baixinho.

Janey estremeceu. Tinha sido um erro deixar Dodo sentar-se. Dodo estava longe de ser uma pessoa com a qual ela devia ser vista, principalmente agora...

E então Dodo disse uma coisa que lhe prendeu a atenção.

— Achei uma falseta, isso que o Selden Rose fez com você.

— Como? — disse Janey.

— Desprezível, realmente — disse Dodo, franzindo a testa, indignada.

Janey ficou boquiaberta — será que o mundo inteiro sabia tudo sobre a vida dela?

— Está sendo mesmo muito corajosa — prosseguiu Dodo, sacudindo a cabeça, admirada. — Eu disse ao Mark que, se ele pensar em fazer uma coisa dessas comigo, eu literalmente acabo com ele. Ou então contrato um pistoleiro para matá-lo...

Janey sentiu um formigamento esquisito percorrer-lhe o corpo.

— Mark? — perguntou.

— Bom, foi o Mark que me falou — disse Dodo, desgostosa. — Embora não houvesse motivo

pelo qual não devesse contar — quero dizer, praticamente todo mundo na Splatch Verner sabe disso...

O alarme disparou a toda na cabeça de Janey.

— Coisa mais nojenta deixarem uma empresa obrigar um homem a tomar uma decisão dessas — disse Dodo. — Certamente revela como anda o mundo empresarial nos Estados Unidos hoje em dia... Para mim, você está é muito bem sem ele, e foi isso exatamente o que eu disse ao Mark

Janey recostou-se na poltrona, atordoada.

— Francamente, Dodo — disse. — Não foi bem isso o que aconteceu. Ele me suplicou para ficar...

— Bom, seja como for, espero que você se vingue desse canalha por tudo que ele fez! — exclamou Dodo, furiosa.

— Ah, sim — disse Janey, confirmando com a cabeça. Se pelo menos a Dodo fosse embora... ela precisava colocar os pensamentos em ordem...

A comissária passou por ali, e Janey lhe lançou um olhar suplicante. Ela acenou com a cabeça, para mostrar que entendia, e curvou-se ao lado de Dodo.

— Perdoe-me, senhora — disse —, mas se não for passageira da primeira classe, vou precisar lhe pedir que volte ao seu lugar. Vamos estar aterrissando em poucos minutos...

Dodo levantou-se e, lançando um olhar fulminante à comissária, desapareceu atrás da cortina azul que separava a classe executiva da primeira classe.

Mas que merda! pensou Janey, zangada. Por que tinha deixado Dodo sentar-se ali? Assim que eles pousassem, ela ia começar a espalhar aquela história em Nova Yorke em Los Angeles, ainda por cima acrescentando que falara pessoalmente com a Janey no avião. E, uma vez mais, a história não ia ser correta — pelo que sabia, ela é que havia repudiado o Selden, não o contrário. Só que agora, que tinha saído do Nova York, que naturalmente todos iam pensar que o Selden se separara dela para poder ficar no emprego, e como é que isso repercutiria na imagem dela? Havia gente que tratava seus cachorros com mais respeito...

Era só uma outra coisa que ia precisar desmentir, pensou, amargurada.

Pelo menos estava em posição de fazer algo a respeito, pensou — e ia começar logo na noite seguinte, na festa da *Vanity Fair*. Tirou a mala de baixo da poltrona da frente, e abriu-a.

Ali, bem no alto, estava a caixa forrada de veludo, e, como que para se tranquilizar, dizendo-se que tudo estava bem, ela abriu a caixa e tirou o convite de dentro dela.

As beiradas estavam tão afiadas como quando o recebera; ainda estava em perfeitas condições. Quando a festa terminasse, ela ia guardá-lo como lembrança, pensou, ia conservá-lo para sempre. Não era ele o seu amuleto?

O convite havia chegado, como por intervenção divina, no fim daquele dia em que ela atingira as raíes do desespero. Naquela manhã, a manchete do *New York Post* anunciou em letras garrafas: "MERETRIZ MODULO REPUDIADA". O artigo mencionava o fato de que seu contrato com a Victoria's Secret não seria renovado; ela havia sido substituída por um protótipo mais jovem (e presumivelmente menos controvertido): uma mocinha de 21 anos, cheia de saúde, do meio-oeste. Mas particularmente irritante mesmo foi o depoimento de Jerry Grabaw.

"Janey adorava trabalhar para a Victoria's Secret, mas parece que agora é hora dela tentar colocar outros projetos em prática", dissera ele. E acrescentou: "Janey Wilcox é uma

sobrevivente."

Ela já sabia há muito tempo que seu contrato não seria renovado, e quase já havia se conformado, até ele ter vindo com aquela palavra "sobrevivente". Como odiava essa palavra! "Sobrevivente" era alguém que precisava escalar com as mãos nuas até o alto, alguém que mal conseguia chegar lá. E isso era totalmente diferente da maneira como ela sempre se imaginara desde que conseguira sair do iate do Rasheed. Era uma vencedora, não uma sobrevivente, e essas duas coisas eram completamente diferentes.

Uma vencedora era uma pessoa à qual as coisas vinham naturalmente. Havia um motivo, pensou ela, pelo qual todos queriam conhecer uma vencedora, ao passo que, por outro lado, ninguém queria conhecer uma sobrevivente...

A palavra a deixara tão irritada que ela tinha ido até o escritório do George tomar satisfações. O encontro não terminou exatamente como ela havia pensado, mas o que esperava? George gostava de bancar o todo-poderoso, mas no fundo era um inútil — tão completamente inútil quanto Selden. Ela devia ter percebido isso no dia em que lhe pagara o boquete. Ora, ele era praticamente impotente; ela tinha precisado de uns bons dez minutos para conseguir que aquele pênis flácido tivesse alguma coisa parecida com uma ereção...

E então, sentindo-se jogada às baratas, voltou para casa. E quando se sentou, acompanhada por uma dose de vodca, estava numa fossa tão grande que pensou até em se suicidar... Ai a campainha da portaria tocou...

O convite fora entregue em mãos por portador especial, direto da sala do editor-chefe da *Vanity Fair* em pessoa, e embora tivesse chegado inesperadamente, ela não se surpreendeu nem um pouco ao recebê-lo. Já sabia o tempo inteiro que alguma coisa incrível ia acontecer, que algo ia aparecer para tirá-la daquela situação horrível — afinal, a sua vida não havia sido sempre assim? Contudo, por um breve momento, depois de rasgar o envelope e de ter visto o conteúdo, ela ficou imaginando por que a teriam escolhido para receber essa honra específica, quando metade de Nova York, ao que parecia, estava com vergonha de ser vista a seu lado. E então compreendeu na mesma hora: os editores da *Vanity Fair* sabiam que ela era uma estrela; talvez estivessem mesmo planejando um artigo especial sobre ela, havia uma chance muito boa de eles publicarem sua foto na capa da revista. E por que não? pensou. A essa altura já devia estar claro para todo mundo que as pessoas morriam de vontade de ler uma matéria sobre ela...

E, de repente, naquela tarde, o mundo havia se endireitado outra vez. E tudo teria acabado bem, pensou, recostando-se na poltrona, se não fosse aquele bate-boca com o Selden.

Ela sabia que o sofrimento da separação chegaria em algum momento, com toda a força, mas enquanto isso, ela não podia se dar ao luxo de ser fraca e ceder aos seus sentimentos. Haveria muito tempo para chorar depois (e não havia sempre?), mas agora precisava dar um jeito de torcer essa história a seu favor.

Suspirava e espiava pela janela do avião. Uma série de possibilidades lhe passou pela cabeça, mas de repente ela viu que talvez não tivesse que mentir. Não tinha acabado de testemunhar o efeito da história na Dodo Blanchette? Dodo ficara indignada ao saber da traição do Selden, e se ela havia reagido assim, outros também poderiam reagir da mesma forma. Ela diria às pessoas que Selden Rose era o único homem que ela tinha amado, e não podia acreditar no que ele havia feito com ela. Ia dizer que estava totalmente arrasada, e por que não? pensou, convencida.

Afinal, não havia nada que comovesse mais os homens do que a velha história da bela mulher

acusada injustamente...

E ainda por cima, pensou ela, olhando para a mala, tinha o roteiro para provar que era tudo mentira. Bom, ao menos para constar. O teor dele era explosivo demais para ser divulgado — toda vez que pensava nele, ela se encolhia toda de vergonha. O que era uma pena, principalmente porque Selden parecia mesmo pensar que ele tinha lá os seus méritos. Não era um azar, pensava ela, amargamente, não poder usar a única prova que podia salvá-la?...

Diante de si, ouviu Comstock Dibble reclamando com a comissária que seu champanhe estava choco, e de repente uma idéia assustadora passou pela sua cabeça. Será que teria coragem? pensou, alvoroçada, o coração batendo ferie no peito. Mas por que não? Não era exatamente o que havia pensado em Paris naquele dia, antes de saber daquela matéria publicada pelo *Post*? Que se a pessoa passasse o tempo todo tentando superar o passado, não teria um futuro?

Mordeu um dedo. Será que ia passar o resto da vida tentando encobrir um erro cometido durante a juventude? Fingir que aquilo não havia acontecido não adiantava: afinal, ela não tinha tudo que queria, e se fosse realmente honesta consigo mesma, teria que admitir que não tinha nada. Uma vez mais, ela retornara ao ponto de partida — sem emprego, sem dinheiro (a não ser suas economias no banco) e sem homem — e tendo que defender sua reputação com apenas sua beleza a seu favor...

Estremeceu. Dentro de três meses, completaria 34 anos, dentro de alguns anos seria uma quarentona. E se sua vida continuasse seguindo o mesmo padrão? E se ela terminasse como uma dessas mulheres que nunca chegam a lugar nenhum, que chegam aos quarenta sem marido e sem carreira? Ela tinha visto mulheres assim em festas, rindo alto demais e usando roupas que apenas moças de 25 deviam usar e, mesmo assim, nem mesmo um canalha como Comstock Dibble olhava duas vezes para elas...

Não!, ela quase gritou. Não ia acabar assim — precisava arriscar. Não fora isso que ela negara a si mesma — uma chance? Não vivia sempre escolhendo o atalho mais cômodo porque tinha medo — medo de não ser boa o bastante, ou de descobrir que, na verdade, não era o que acreditava ser? O medo a empurrara para os braços de Selden; o medo a conduzira a George e a toda a confusão em que se envolvera. Será que se importava com o fato das pessoas saberem do seu passado? Ela já havia sido chamada publicamente de prostituta — o que mais a vida podia lhe fazer? E ela não havia sobrevivido...?

Ai, pensou. Outra vez aquela palavra "sobrevivente". Mas talvez não fosse tão ruim. Talvez, para vencer, a pessoa tivesse primeiro que sobreviver...

E, ficando de pé, foi até a frente do avião.

— Olá, Comstock — cumprimentou, em voz cativante, como se nada tivesse acontecido entre eles.

Ele olhou para cima e franziu o cenho, irritado com a interrupção, e então, ao ver quem era, seus olhos endureceram como duas pedras frias.

— O que você quer? — perguntou.

Ela inclinou-se sobre a poltrona.

— Não acha que seria melhor nós dois sermos vistos conversando?

Ele estava prestes a protestar, mas aí um brilho lascivo surgiu-lhe nos olhos. Ele bateu com a mão na poltrona ao seu lado.

— Sobre o que deseja conversar? — indagou.

— Meu roteiro — disse ela, entregando-lhe as páginas.

Na noite da entrega dos Prêmios da Academia, uma imensa lua cor de laranja pendia sobre a cidade de Los Angeles como um medalhão de ouro, e como sempre, a imprensa relatou fielmente que sua luz não podia se comparar à dos astros humanos que desfiliavam aqui em baixo. Para o público, a noite da entrega do Oscar é um turbilhão glamouroso de façanhas aparentemente heróicas realizadas por seres humanos mais belos e abençoados, mas para os habitantes do mundinho que compõe Hollywood, também é uma noite de centenas de pequenas intrigas e superficialidades, convívios mesquinhos e manipulações novelescas. Às nove da noite, horário da Costa Oeste, a última estatueta de ouro já foi entregue, mas a noite está apenas começando.

Tanner Cole, o ator de cinema, olhou pela janela de vidro fumê de sua limusine e franziu o cenho. Diante do seu carro, havia pelo menos mais 12 limusines, todas parando para depositar seus famosos passageiros diante do estreito toldo armado no estacionamento do restaurante Morton's, local onde se realiza a festa anual da *Vanity Fair*.

— Essa não — disse ele, em voz alta. Como já dizia a dezenas de repórteres fazia anos, adorava tudo na profissão de ator, adorava tudo naquela noite e até mesmo naquela festa. Menos a fila de limusines. Detestava esperar. Realmente era possível reunir gente famosa demais em um lugar só.

Ele extraiu uma pastilha de tabaco de uma caixa de comprimidos de prata, colocando-a entre a gengiva e o lábio. O problema, pensou, era a maldita fila da imprensa. Todos os artistas precisavam ser fotografados, e se houvesse algum outro superastro na frente deles, teriam que aguardar a vez no carro para não lhe roubarem a cena. Era tudo uma chatice sem tamanho, pensou, aborrecido, e um sinal de que aqueles "astros" não eram atores coisa nenhuma. Os verdadeiros atores não se importavam com artigos na imprensa. Sabiam que não faziam parte "da obra" — e, para eles, "a obra" era a única coisa que importava.

Ele apertou o botão para abrir a janela, e cuspiu fora uma grande massa de tabaco verde e gosmenta. Tanner Cole, que havia frequentado a Escola de Arte Dramática de Yale vinte anos antes, considerava-se um intelectual e, embora só admitisse isso para seus amigos mais chegados, estava muito acima das maquinações sófregas, mesquinhos e vulgares de Hollywood. No entanto, não era por isso que deixaria de dizer aos repórteres que entre seus amigos se encontravam pessoas reais, como Craig Edgers, que, naquele exato momento, se encontrava hospedado em sua mansão no alto das Colinas de Hollywood. Quatro horas antes, ele havia deixado Craig em uma banheira de água quente, bebericando um copo de chá gelado.

Todo ano, Tanner Cole oferecia o que já se tornara uma famosa festinha pós-festa do Oscar da *Vanity Fair*, e este ano Tanner conseguira atrair Craig Edgers. Não sabia de toda a história, mas pelo jeito Craig andava tendo alguma dificuldade com o roteiro de *Os obstáculos*, e Tanner havia prometido ajudá-lo, apresentando-o a algumas pessoas. Naturalmente, Tanner havia adorado o livro (que inferno, pensou, ele também "adorava" tudo), portanto, quem poderia culpá-lo por querer desempenhar o papel principal...?

A limusine parou e ele espreitou pela janela outra vez. Ainda havia pelo menos mais seis carros à

sua frente... Quer saber do que mais? Vão se foder, pensou. Não precisava esperar. Podia descer e ir andando. Não era uma daquelas celebridades delicadas que eram tão frágeis que precisavam que alguém lhes limpasse até a bunda... E tocando o botão do intercomunicador que o conectava com o motorista, pediu:

— Aí, Kemosabe!* Pára o carro. Eu vou andando.

O motorista franziu o cenho no retrovisor.

— Tem certeza, Sr. Cole? — perguntou. — Pode ser perigoso.

— O ano passado inteiro eu estive fazendo um filme no norte da China — retrucou Tanner. —

Acho que dá para encarar a entrada de uma porcaria de restaurante em Los Angeles.

O carro estacionou e Tanner saiu, batendo a porta atrás de si.

Mais ou menos quatro carros adiante, a atriz Jenny Cadine estava sentada envolta em uma fumaça pútrida e espessa vinda do charuto do Comstock Dibble.

— Comstock, por favor — implorava ela, tossindo exageradamente e abanando a fumaça diante do rosto — Se eu soubesse que você ia fumar, jamais teria concordado em vir com você...

Comstock Dibble soltou uma risada diabólica. Seu smoking estava bem esticado sobre o peito largo, e as calças pareciam estar penduradas abaixo da sua pança. Ele havia gasto a bagatela de cinco mil dólares em um smoking sob medida, mas não parecia haver alfaiate no mundo capaz de medi-lo direito, por mais dinheiro que ele gastasse. Desabotoou a frente do paletó e, para satisfazer Jenny Cadine, enquanto deixava claro que ela não era mais importante do que seu charuto, abriu a janela um tantinho.

Jenny Cadine suspirou.

— Obrigada — disse, com um sorriso nervoso. Não estava no melhor dos humores, já que tinha acabado de perder o Oscar para Julia Roberts. Remexeu-se no banco, sentindo a saia rodada de tafetá do vestido amassar-se debaixo dela. Por que diabo havia permitido que seu estilista a convencesse a usar um figurinista novo e jovem? perguntava-se, furiosa. Além de perder o Oscar, o vestido dela, que lembrava um traje de baile dos anos 1950, caía-lhe mal, e amanhã os jornais diriam que ela parecia um enorme marshmallow cor-de-rosa...

Olhou para o charuto de Comstock, que ele tinha conseguido posicionar bem diante do rosto dela, e expeliu o ar, aborrecida.

— Sobre aquele papel... — começou.

Comstock sorriu e bateu com o charuto, deixando a cinza cair no tapete do carro.

— É bom — garantiu ele. Ele podia estar se sentindo deslocado na Park Avenue em Nova York, mas em Hollywood sentia-se completamente em casa. — Pode até lhe render um Oscar...

— Se está conversando comigo a respeito dele, é bom que renda mesmo — retrucou Jenny, contrariada.

Comstock tornou a rir.

— Não sei bem se estou — disse. — Conversando com você, quero dizer.

*"Kemosabe", nome dado ao Cavaleiro Solitário pelo seu amigo Tonto, em um *western* televisivo dos anos 1950, significa "amigo de fé" segundo explicação do personagem. Usando esse termo, o ator revela conhecer bem a televisão dessa época. Pessoas familiarizadas com esse *western* nos

Estados Unidos e até no Canadá costumam usar o termo como usaríamos no Brasil a expressão "gente boa". (N. da T.)

Jenny revirou os olhos. Odiava aquela parte do seu trabalho, mas não dava para fugir dela. Até mesmo uma atriz ganhadora do Oscar precisava lutar pelos melhores papéis — ela já vira muitas carreiras de atores e atrizes irem por água abaixo por terem escolhido os papéis errados. E então, quando sua agente ligou aquela tarde para lhe informar que toda a cidade estava em polvorosa por causa daquele novo projeto do Comstock Dibble, haviam concordado que ela devia tentar falar com Comstock a sós. Portanto, depois da cerimônia do Oscar, ela simplesmente fingira que não conseguia encontrar seu carro.

— Sem essa, Comstock — disse, mudando o tom de voz. — Sabe que mais cedo ou mais tarde vai conversar comigo sobre ele.

— Vou, é? — perguntou Comstock, exalando uma enorme baforada de fumaça de charuto. Pela primeira vez em semanas, estava se divertindo. Não havia nada de que gostasse mais do que torturar atrizes — principalmente uma assim tão cheia de si como Jenny Cadine — e, ainda por cima, tinha a propriedade mais bonita da cidade. Estava, como gostava de dizer de si mesmo, "de volta" — e não havia nada que Jenny Cadine, ou quem quer que fosse, pudesse fazer contra isso. Bem cedinho, naquela manhã, bebendo café e vestido com uma minúscula cueca samba-canção de seda vermelha, Comstock havia se sentado em sua suíte no Four Seasons Hotel e lido o roteiro de Janey. Quando terminou, pensou logo que ela tinha sido mesmo uma cretina por não ter lhe mostrado imediatamente o roteiro. Mas depois chegou à conclusão de que sabia exatamente o que fazer com ele — era o tipo de história que ele fazia como ninguém. Seria um clássico moderno — uma fábula contra os excessos, contando a história de uma mulher jovem e linda que perdeu a inocência através de sua ganância. Naturalmente, ela teria que cair, mas depois seria redimida — e não era essa a grande história humana? Pecado e salvação, alternando-se sem parar, pensou, como a sua própria história...

E agora, na limusine com Jenny Cadine, ele se parabenizava por ter se salvado outra vez. O truque era simplesmente jogar mais uma bola dourada no ar, para desviar a atenção de todo mundo. E então, assombrado diante da própria genialidade, aplaudiu-se por ter, antes de mais nada, encomendado aquele roteiro a Janey Wilcox. Ele não sabia que ela tinha algo de "especial" o tempo todo? Ele contaria a todos, sem exceção, para que todos entendessem a profundidade de seu brilhantismo ao apostar em alguém desconhecido...

Mas era melhor não pôr o carro adiante dos bois, pensou, e tirando uma baforada do charuto, olhou bem para Jenny Cadine (que certamente não estava com a melhor das aparências naquela noite) e perguntou, na maior naturalidade:

— O que sabe sobre este projeto?

Jenny Cadine não era particularmente inteligente (quase tudo que tinha na cabeça fora inculcado por seus espertos agentes e empresários), mas ela percebeu que essa era uma deixa para tentar bajular Comstock.

— Apenas que é considerado genial — revelou, amuada.

— É a história de Janey Wilcox — disse Comstock, imaginando qual seria a reação da atriz depois daquele episódio no Dingo's. Conforme esperava, Jenny vivia em um mundinho tão pequeno e insular, que nem ligou o nome à pessoa. Ela franziu o cenho e mordeu o lábio.

— Ela não foi uma espécie de feminista?

— Pode-se dizer que sim — disse Comstock, rindo, e dando-lhe tapinhas amistosos na perna. Jenny Cadine daria uma Janey Wilcox perfeita, pensou ele, se ao menos fosse dez anos mais jovem. Era uma pena que as pessoas precisassem envelhecer...

— Francamente, Comstock — disse Jenny, ofegante como se fosse morrer por causa da fumaça.

— Será que você não pode apagar esse charuto? Está matando a nós dois...

Comstock sorriu e deliberadamente soltou uma baforada pernicioso na direção dela.

— Pelo contrário, minha querida — disse ele, gargalhando. — A fumaça é um preservativo...

E em uma limusine dois carros à frente, Janey Wilcox olhava para sua mão esquerda, soltando um grito de pavor.

Ainda estava com as duas alianças, a de noivado e a de casamento.

Torcendo-as rapidamente, já estava para guardá-las na pequena bolsinha Prada de prata quando hesitou, segurando as alianças na palma da mão direita. De repente, sentiu um remorso aterrorizante. Se ao menos Selden estivesse ali para vê-la, pensou, para assistir àquele seu momento triunfal...

Olhar para suas alianças inevitavelmente fez com que ela se recordasse daquele momento, apenas sete meses antes, em que ela se encontrava de pé sob o sol branco e quente da Toscana, olhando nos olhos do homem que estava para se tornar seu marido. Tinha se convencido de que era amor o que sentia por ele, mas, uma vez mais, o amor a decepcionara e agora, estava sozinha...

A vida não devia ser assim, pensou, tristonha. Quando alguma coisa boa finalmente acontecia, não devíamos ter o direito de dividir nossa alegria com alguém? E ela sem ninguém ali, nem mesmo um amigo... Sentada sozinha naquele interior imenso e negro da limusine, ela quase sentiu vontade de... chorar.

Mas não devia fazer isso, censurou-se. Não quando o maquiador passara duas horas trabalhando no seu rosto (despesa que Janey também teve que pagar do próprio bolso — 500 dólares, porque era a noite do Oscar) e estava para comparecer à festa mais importante da sua vida. Olhando ainda para as alianças na palma da mão, sentiu-se arrependida e ao mesmo tempo excitada. Recomeços eram sempre sofridos, e ela tinha certeza quase que absoluta de que aquela noite mudaria sua vida...

E o que eram aquelas alianças, no fundo, senão um sinal de escravidão? Ela devia atirá-las pela janela, pensou, dramaticamente, mas a idéia de que podia precisar de dinheiro no futuro a deteve. Só a aliança havia custado 40 mil dólares; o que ela devia fazer era vendê-la...

E friamente depositou os anéis na bolsa, tirou o estojo de pó compacto e estudou seu rosto.

Era uma dessas noites em que Janey contava com sua melhor aparência. Sempre estava bonita, mas naquela noite em particular era como se sua beleza tivesse vida própria. Sabendo que seria convocada para exercer sua magia, ela tinha feito esse esforço extra e, naquela noite, brilhava como se iluminada por dentro. Seus cabelos estavam escorridos e reluzentes, e os dentes, contrastando contra um novo batom vermelho que havia encontrado, pareciam surpreendentemente brancos.

Mirou sou reflexo com satisfação, e depois, fechando o estojo, lembrou-se de que sua beleza não era seu único trunfo.

Por volta das onze daquela manhã, Comstock lhe telefonara para lhe informar que queria

transformar seu roteiro em um filme. Dois verões antes, quando ela havia começado a escrever a história, um telefonema como esse teria feito com que ela soltasse um grito de alegria, pois naquela época, quando estava dura e sem emprego, vender um roteiro era quase mais do que ela podia ter imaginado. Mas muita água tinha rolado debaixo dessa ponte, e ela certamente aprendera a não se contentar com pouco. Até mesmo um ano antes, teria ficado encantada de ver seu roteiro se transformar em filme, deixando Comstock à vontade para modificar o que quisesse no projeto. Mas agora era um pouco mais experiente e não estava disposta a ceder o controle com tanta facilidade. Pretendia manter as rédeas sobre o projeto o máximo que pudesse, tornando-se no mínimo a produtora...

Mas, naturalmente, não havia dito nada disso ao Comstock, pensou, convencida. A primeira pergunta dele, logo de cara, tinha sido por que ela não lhe mostrara o roteiro antes, e embora ela não conseguisse respondê-la — só a perspectiva de ter que explicar seus sentimentos sobre aqueles dois meses no iate do Rasheed quase a deixava muda —, alguma coisa lhe disse que se ela tivesse lhe entregado o roteiro antes, não estaria na posição em que estava agora. Até mesmo no verão anterior, não seria mais do que uma mocinha bonita que anotara umas coisas em papel rosa, mas agora era famosa, e todos a conheciam. Uma intuição lhe alertou que, se Comstock Dibble estava interessado em seu projeto, o provável era que outros também pudessem estar... O carro avançou até a entrada e o motorista abriu a janela dele, entregando o convite de Janey a um segurança musculoso. O segurança iluminou o interior da limusine com a lanterna e depois o motorista saiu e abriu a porta para ela.

Janey inspirou profundamente e começou a descer do carro.

E de repente, enquanto passava pelo tapete vermelho, sob um toldo florido que levava ao restaurante, foi bombardeada por uma massa barulhenta, suada e pulsante de seres humanos, que berravam para ela olhar para um lado ou para o outro, parar, virar-se, olhar sobre o ombro; acotovelando-se entre eles em busca de um ângulo melhor, os fotógrafos derrubaram as barricadas enquanto vários seguranças corriam para contê-los. Nesse tipo de evento, há sempre uma pessoa que os fotógrafos desejam fotografar desesperadamente, porque sabem que podem vender a foto aos jornais ou revistas do todo o mundo. Nessa noite, Julius Roberts, por ter conquistado o Oscar, era a número um, mas Janey Wilcox perseguia-a de muito perto, ficando em segundo. Nas mentes dos paparazzi, Janey Wilcox podia não ser atriz de cinema, mas era tão famosa e notória quanto elas, e durante a tarde inteira circularam boatos de que ela tinha escrito um roteiro explosivo, que seria produzido por Comstock Dibble, e que tudo que se havia divulgado sobre ela na imprensa era mentira.

Tanner Cole chegou à entrada do restaurante justamente quando a comoção atingia o seu clímax. Franzu o cenho, consternado, perguntando-se quem poderia estar causando um tititi daqueles. Era cedo demais para a Julia Roberts estar chegando, e nem a chegada de Pamela Anderson com Elizabeth Hurley no ano anterior tinha gerado tamanho frenesi. Será que havia em Hollywood alguma nova atriz que ele não conhecia? Enquanto ficou ali ponderando, um segurança passou por ele arrastando a fotógrafa da *People*.

— Nós te amamos, Janey — gritou a mulher, uma loura de seus trinta anos.

— Quem é aquela? — perguntou Tanner à fotógrafa.

— Tanner! Deixa eu tirar sua foto — berrou a fotógrafa.

O segurança levantou a mão para impedi-la.

— Eu já disse que por hoje basta.

Tanner deu de ombros como se aquilo não tivesse jeito.

Os seguranças abriram caminho na multidão e Tanner entrou.

— Quem é aquela gata? — perguntou ele a Rupert Jackson, vários minutos depois. A garota misteriosa se encontrava agora no meio de um grupinho de pesos-pesados de Hollywood, que incluía o editor-chefe da *Vanity Fair* e o presidente da Paramount Pictures. Ela era, observou Tanner, absolutamente deslumbrante, com aqueles cabelos longos e lisos, e os seios perfeitamente arredondados (obviamente falsos, mas e daí?) delineados sob aquele vestidinho frente-única anos 1970. Tinha idade para parecer interessante e era jovem o suficiente para ainda ser provocante, e Tanner Cole considerou-a a mulher mais bela do salão. Mas os olhos dela é que eram mesmo incríveis, pensou ele. No momento em que ele lhe devolvera a bolsa, e os olhos de ambos se encontraram, os dela haviam faiscado como safiras sob os longos cílios escuros, mas foi a expressão daquele olhar que ele considerou mais cativante. Sendo ator, gostava de pensar que era capaz de enxergar o que se passava nas almas dos seres humanos seus irmãos, e estava convencido de que tinha detectado nos olhos dela uma genuína tristeza...

— Realmente andou muito tempo distante — comentou Rupert Jackson, soltando risadinhas espremidas. — Essa é Janey Wilcox, a famosa Meretriz Modelo.

— Quê? — perguntou Tanner, chocado. Por um segundo, sentiu vontade de dar um soco em Rupert. — Uma prostituta mesmo, de verdade?

— Mas você é burro feito uma porta — censurou-o Rupert. — Obviamente comeu pés de galinha demais em restaurantes pé-sujos lá na China. Para mim, ela não é mais prostituta do que eu ou você.

— Fale por si, Kemosabe — retrucou Tanner. — Como é que ninguém me falou dela antes?

— Você não presta — disse Rupert.

— Traga-a para a minha festa, sim? — pediu Tanner. Queria passar uma cantada naquela deslumbrante Janey Wilcox, mas não tinha a menor intenção de fazer isso ali, no meio daquela gente toda. Costumava zelar pela sua privacidade.

Rupert correu para fazer aquele favor a Tanner. Sempre fazia tudo que Tanner lhe pedia. Era apaixonado por Tanner — e, como recompensa, Tanner de vez em quando deixava Rupert lhe pagar um boquete.

Janey Wilcox ficou parada no meio daquele grupinho seletos, acenando com a cabeça.

Para um observador qualquer, ela parecia estar em pleno controle da situação, com os lábios relaxados em um sorriso agradável e a atenção concentrada na presidente da American Pictures — uma mulher de seus 45 ou mais anos chamada Candi Clemens — que estava no meio de uma história sobre a festa de aniversário de seu filho de três anos. Por dentro, porém, uma dezena de diferentes pensamentos e emoções giravam em seu cérebro como dados em um copo...

Ela sabia que ia ser fotografada, mas não estava preparada para tamanha exaltação, nem para aquela demonstração de afeto tão efusiva. Apenas duas semanas antes, era uma pária e objeto de ridículo dos fotógrafos, mas agora, ao que parecia, todos, de algum modo, sabiam que ela havia escrito um roteiro — e como era gratificante ver finalmente acontecendo o que ela sempre havia previsto. Ela precisara ser escoltada por dois seguranças para poder entrar na festa e, na comoção, tinha deixado a bolsa cair...

Por um momento, ficou no chão, esquecida, enquanto ela, deslumbrada, admirava o salão. O restaurante havia sido transformado em um palácio de prata cintilante — era como se a pessoa tivesse que atravessar um espelho para alcançar o mundo de fantasia do outro lado. O chão se encontrava coberto de lantejoulas prateadas; rosas pintadas com spray prateado adornavam colunas gregas prateadas, e querubins de prata decoravam o teto e as paredes. E então um homem surgiu do nada ao seu lado. Pegou a bolsa dela no chão, e, ao entregá-la, ela jurava tê-lo ouvido murmurar a palavra "encantadora". Eles se entreolharam e ela quase perdeu os sentidos quando viu quem ele era — Tanner Cole, o ator de cinema.

— Obrigada — sussurrou Janey.

— De nada — disse ele, com um sorriso bonito. Ele se afastou, e enquanto ela o via encaminhar-se para o bar, resolveu que, se aquilo fosse uma escola de segundo grau, ele seria o zagueiro do time de futebol e, lá pelo fim da noite, ela já teria dado um jeito de ficar com ele... Mas aí viu-o conversando com o Rupert Jackson no bar. Com um sorrisinho, recordou-se daquela primeira festa na casa da Mimi, e, imaginando se Cole também não seria secretamente gay, jurou não cometer o mesmo erro outra vez. Se ao menos Bill Westcott estivesse ali para orientá-la, pensou, contrariada. Bill! Já fazia meses que não pensava nele, e era inteiramente possível que ele estivesse em Los Angeles. Fez uma anotação mental para tentar encontrar Bill no dia seguinte — se fosse ficar mesmo em Los Angeles (e estava começando a achar que ia), precisaria de aliados...

Mas não teve nem mais um segundo para pensar nisso, porque assim que avançou um passo no salão, foi praticamente cercada por um grupinho de pessoas que vinham parabenizá-la, entre elas o editor da própria *Vanity Fair* e Candi Clemens, presidente da American Pictures. Janey não sabia muita coisa sobre Hollywood (ainda) mas imediatamente sentiu que Candi Clemens era uma das pessoas mais importantes do salão — e que ser reconhecida por ela era uma verdadeira honra. E enquanto estava ali de pé escutando a Candi descrever a tal festa de aniversário (o tema tinha sido japonês, inclusive com um lago de carpas e um cozinheiro para preparar sushi para as crianças), decidiu aproveitar ao máximo aquele instante.

— Você entende, não é, Janey? — Candi dizia em um sotaque arrastado da Costa Leste, com as vogais muito abertas, como se estivesse acostumada com gente prestando atenção a cada palavra que ela dizia. — Na festa havia umas cinquenta crianças, mas como ninguém em Hollywood consome arroz, as crianças aprendem a comer sashimi assim que aprendem a andar...

Janey concordou, sabiamente; nem fazia idéia de que houvessem tantas crianças assim em Hollywood, e imaginou-as correndo para lá e para cá nos estúdios como camundonginhos...

— Teve também uma gueixa autêntica para fazer o tradicional chá japonês — continuou Candi, olhando de relance para o homem ao seu lado. — Só que isso foi principalmente para os maridos...

Janey riu da piada, sua voz repicando como uma centena de minúsculos sininhos. Candi Clemens, que tinha mais ou menos 1,65m e não pesava mais de cinquenta quilos, não era absolutamente o tipo de pessoa com o qual Janey teria se incomodado em Nova York. Seus cabelos louros estavam cortados curtos logo abaixo do queixo, sua beleza deteriorada a ponto de causar apenas aquela vaga atração de uma mulher de meia-idade, que sabe que não precisa mais usá-la. Em Nova York, Janey pensou, Candi não passaria de uma daquelas mulheres sem rosto da Park Avenue, casada com um bancário e freqüentadora da associação de pais da escola particular dos

filhos. Mas ali não era Nova York, lembrou-se feliz, e ali, em Los Angeles, Candi Clemens comandava um estúdio cinematográfico. Janey entendia que as pessoas tivessem um certo medo dela, e embora não soubesse bem o que a Candi fazia na American Pictures, já começava a pensar que aquele título, "presidente de um estúdio cinematográfico", soava como se o cargo fosse o mais glamoroso do mundo...

E enquanto Janey concordava com a cabeça, Candi começou a falar em um de seus tópicos prediletos — os perigos do arroz. Holly wood era um lugar quase impossível para as mulheres (embora todos parecessem pensar que estava melhorando) e uma das manobras ofensivas de Candi havia sido dar a suas colegas de trabalho a impressão proposital de que, embora ela fosse capaz de se comportar como uma verdadeira megera, era, antes de mais nada, uma mãe preocupada com seus filhos. Aliás, essa preocupação ("exagerada" não seria palavra forte demais para descrever qualquer aspecto da personalidade de Candi) não a impedia de estar igualmente interessada em tentar tirar esse projeto da Janey Wilcox das mãos do Comstock Dibble. Naquela manhã, sua secretária havia entrado correndo na sala dela com essa novidade: Comstock ia produzir um filme baseado em um roteiro escrito pela Meretriz Modelo. Na mesma hora Candi resolvera que ia disputar o roteiro com ele.

E assim, enquanto Candi descrevia as barbaridades perpetradas pelos carboidratos refinados nos sistemas nervosos em desenvolvimento, também avaliava, discretamente, o caráter de Janey. Já tinha ouvido falar que Janey Wilcox seria declarada a Burra Gostosa do ano e sob circunstâncias normais jamais teria lhe dado atenção. Para Candi, as burras gostosas eram como plâncton — parte necessária da cadeia alimentar e pouco mais do que isso —, mas Janey Wilcox não era uma desmiolada qualquer. Durante semanas, ela ficou acompanhando a história de Janey, perguntando-se que tipo de mulher seria capaz de sobreviver a um ataque público à sua reputação. E agora, espreitando disfarçadamente os olhos de Janey, pensou ter descoberto a resposta. Ao contrário de Tanner Cole, que detectara nela a tristeza de um anjo fatigado, Candi Clemens olhou para Janey Wilcox e viu as rodas perpetuamente em movimento da ambição. E gostou do que viu.

O projeto de Janey seria dela, decidiu. Mas tocar no assunto agora, durante a festa da *Vanity Fair*, seria fácil demais, e além disso não era assim que se fechavam negócios em Holly wood. As negociações precisavam transcorrer sob uma espécie de sigilo que rivalizava apenas com o da CIA, e portanto, Candi perguntou a Janey se ela tinha filhos.

Janey, é claro, nada sabia dessas manobras, mas percebendo que era uma oportunidade de se promover, suspirou, arrependida.

— Gostaria de ter — disse, tristonha. — Estava inclusive planejando isso, mas o meu marido...

— Ah, sim — disse Candi, compreensivamente, lembrando-se de que Janey era casada com Selden Rose. Sheila Rose, ex-esposa do Selden, era uma de suas melhores amigas, e repentinamente o fato de Janey ter escrito o roteiro, com todas as interconexões envolvidas, simplesmente ficaram irresistíveis demais.

— Precisa vir à minha casa almoçar no domingo — convidou Candi, com firmeza, como se não pudesse ter dúvida de que Janey aceitaria. — Só uma reuniãozinha — fazemos isso todo fim de semana. Vou mandar minha assistente ligar para você amanhã e lhe dar o endereço.

— Eu adoraria — disse Janey, seus olhos semicerrando-se de prazer comedido, ao constatar que, embora só estivesse em Los Angeles há menos de 24 horas, já havia sido convidada pela

presidente de um estúdio para almoçar. E na casa dela — nada menos que isso —, o que estava, sem dúvida, muitos furos acima de ir a um restaurante...

Mas mal teve tempo de regozijar-se porque assim que Candi se afastou (para cumprimentar Robert Redford), Rupert Jackson veio correndo falar com ela. Estava só observando a conversa dela com Candi e esperando uma brecha, sendo bastante versado na política de Hollywood para saber que interromper Candi Clemens constituiria uma gafe que um dia poderia lhe custar um papel.

Rupert Jackson, contudo, não era a única pessoa que observava Janey Wilcox. Do outro lado do salão, Comstock Dibble enxugava o suor do rosto enquanto fingia estar interessado na história do ator Russell Crowe sobre sua banda de rock furreca na Austrália. Só que, pelo canto do olho, estava do olho na conversa entre Janey e Candi Clemens, e não ficou nada satisfeito. Se Candi Clemens pensava que podia lhe roubar sua nova estrela, estava redondamente enganada. Janey Wilcox havia sido descoberta por ele, Comstock, e ele pretendia ficar com ela só para si. Ainda não sabia bem o quo deveria fazer com Janey (a certa altura, sem dúvida, ia excluí-la do projeto), mas enquanto isso pretendia mantê-la ocupada com bastante reuniões sem sentido para fazê-la sentir-se importante, e se precisasse pagar-lhe o hotel, pagaria. E só isso já era satisfatório, principalmente porque ele estaria pagando com o dinheiro do George Paxton... Além disso, a um metro ou dois dele, um homem alto e magro, que lembrava uma fava de baunilha seca, pegou um gole de champanhe de uma bandeja que lhe ofereceram e, erguendo-o até os lábios exangues, ficou observando o progresso de Janey enquanto ela atravessava o salão com Rupert Jackson. Notou que era linda, mas em vez de ver os contornos esculturais de uma mulher, viu a forma mais agradável de um cifrão. Aos 42 anos, Magwich Barone era o agente mais poderoso de Hollywood, muito conhecido por suas façanhas sexuais, assim como pela sua capacidade de intimidar os presidentes de estúdio a dar a seus clientes, a seu ver já indignos, ainda mais dinheiro, e Janey Wilcox, pensou ele, era um alvo perfeito. Já era uma estrela, e se não pudesse lucrar com isso, devolveria sua carteirinha à Associação dos Agentes dos Estados Unidos. Já a via como uma marca comercial em potencial... Talvez até começasse vendendo a linha de lingerie com o nome dela na QVC. Mas, enquanto isso, havia o tal projeto com o Comstock Dibble, e ele pretendia se imiscuir no assunto...

Duas horas depois, por volta da meia-noite, várias limusines pretas e compridas subiam a coleante Sunset Plaza Drive até a mansão de Tanner Cole. No banco de trás de uma delas, vinha um trio improvável, composto de Janey Wilcox, Jenny Cadine e Magwich Barone.

Magwich abriu uma garrafa de champanhe e, removendo um copinho de vidro de uma fileira em uma prateleira de madeira, olhou para Jenny Cadine e perguntou:

— Champanhe, querida?

— Sabe que não bebo — respondeu Jenny, de maus modos, como se não pudesse acreditar que Magwich não soubesse disso. Estava sentada ao lado de Janey e, desde que Comstock Dibble as apresentara, na festa da *Vanity Fair*, andava fula da vida porque aquela tal Janey Wilcox, que nem mesmo era atriz, era mais bonita que ela — principalmente porque Jenny havia imaginado que Janey Wilcox devia ser alguma dessas feministas baixinhas e morenas que nem mesmo raspam as pernas ou as axilas...

— Me engana que eu gosto — disse Magwich com um sorriso sarcástico, entregando-lhe o copo. — Também nunca fumou um cigarro na vida — continuou, revirando os olhos para o teto como se procurasse a resposta ali — e só tem 28 anos. Ou será que resolveu fazer 29 agora, só para afastar as suspeitas?

— Magwich! — repreendeu-o Jenny, pegando o copo. Virou-se para Janey com uma familiaridade confortável e disse:

— Está vendo só o que temos de suportar aqui em Hollywood?

— Ah, sim — disse Jenny, com um sorriso calculista. — Deve ser horrível para você. —

Recostou-se no banco e olhou de Jenny Cadine para Magwich Barone. Em parte, mal podia acreditar que estava em uma limusine indo para uma festinha pós-entrega do Oscar com um dos maiores agentes e uma das maiores atrizes de Hollywood, mas devido à natureza surreal daquela noite inteira ela não estava nem um pouquinho surpresa. Era uma dessas raras noites em que parecia que qualquer coisa (e tudo) podia acontecer, e tinha resolvido fluir com ela, para ver até onde seria capaz de chegar. Como tantas pessoas que havia conhecido, Magwich e Jenny eram tão diferentes dos nova-iorquinos quanto alienígenas, mas ela já estivera em contato com culturas estrangeiras antes, e aprendia rápido...

— Diga-me lá, Janey Wilcox — falou Magwich, passando-lhe um copo de champanhe. — Na melhor das hipóteses. Se um gênio sáisse de uma garrafa e estivesse querendo lhe dar qualquer emprego em Hollywood, o que escolheria? Pense na coisa mais fantástica que pode imaginar. Hora de sonhar. Realizar desejos...

Janey olhou para ele e quase riu. Já havia descoberto a propensão de Magwich para dizer coisas que pareciam tiradas de um roteiro de cinema bizarro. Apesar de sua semelhança com um bicho-pau, ele se portava como uma combinação de Cary Grant e Walter Matthau, e, no meio da festa, quando Comstock apresentava Janey a Jenny Cadine (e isso, em si, já valia praticamente o preço da passagem do avião, ver a Jenny Cadine toda atrapalhada ao perceber que Janey era a mesma moça do Dingo's), Magwich Barone subitamente surgiu do nada ao seu lado. Erguendo as sobrancelhas para Comstock Dibble, como se Comstock fosse um menininho a ponto de praticar uma travessura, apresentou-se: "Magwich Barone ao seu dispor". E antes que Janey pudesse abrir a boca para dizer alguma coisa, Magwich pegou seu braço, levou-a para um canto e disse:

— Sou seu novo agente, aliás.

— É? — perguntou Janey. Naturalmente, tinha ouvido falar no legendário Magwich Barone — alguns anos antes, circularam boatos de que ele havia trancado uma modelo muito conhecida em um armário, só a deixando sair para transar com ele e ir ao banheiro — e ela não sabia bem se devia deixar um homem desses ser seu agente. Mas já podia ver que Hollywood era um lugar onde uma moça precisava de aliados, por isso não protestou, principalmente quando ele disse: "Esse Comstock Dibble é ladino como um coíote, e mais indestrutível que uma barata, e você não dê nem mais um passo até eu ter examinado seu contrato." E quando ela lhe disse que ainda não tinha assinado contrato nenhum, preto no branco, ele se empertigara todo, como um rottweiler ao farejar um foragido...

E depois tinha parecido perfeitamente natural ele acompanhá-la à festa do Tanner Cole, e Jenny Cadine vir com eles...

— Magwich — suspirou Jenny Cadine, aborrecida. — Janey já tem emprego. Ela é uma feminista!

Janey sorriu para Magwich acima da beirada do copo de champanhe, e ele correspondeu com uma piscadela conspiradora. Janey não conseguia entender onde Jenny Cadine tinha arranjado aquela idéia, e embora ela se declarasse feminista várias vezes para os homens com quem havia namorado, tinha a sensação de que em Hollywood "feminista" era uma palavra ligeiramente obscena. Já era suficiente o fato de, por trás de seus sorrisos, a maior parte de Hollywood estar pensando que ela era algum tipo de prostituta; ela não precisava aturar a Jenny Cadine também dizendo por aí que ela era prostituta. Tirando o pó compacto da bolsa, e olhando-se no espelho, fez um biquinho sedutor com os lábios.

— Quer mesmo saber qual é o meu sonho? — perguntou. E quando Magwich, ansioso, respondeu afirmativamente com um aceno de cabeça, ela fechou o estojo de pó bruscamente e olhou para ele de um jeito atrevido. — Quero ser igualzinha à Candi Clemens — declarou. — Só vou sossegar quando for presidente do meu próprio estúdio de cinema...

Magwich deixou um assobio baixo escapar. Por um momento, pareceu surpreso, mas Janey não ficou nem um pouco preocupada. Olhando para ele através dos cílios das pálpebras semicerradas, sorriu. — Se vai ser meu agente, querido, precisa entender quem realmente sou — disse. Ela nem se importava se ele acreditava nela ou não. Afinal, dizia a todo mundo em Nova York que seria uma produtora, e muito embora eles zombassem dela, olha só onde ela estava agora...

Virando-se para olhar pela janela, viu que o carro passava por um portão de madeira no alto de uma ladeira íngreme. Em um penhasco, lá embaixo, acima de Los Angeles, encontrava-se uma casa no estilo espanhol, com paredes de estuque amarelo e telhado vermelho. O carro foi até a entrada e parou.

Os três passageiros saíram. Magwich meteu a mão sob o braço de Janey.

— Vai precisar se lembrar de uma coisa, Janey — disse calmamente. — Sou agente. Nunca conheci uma pessoa ambiciosa de quem eu não gostasse. — Fez uma pausa. — Mas por enquanto, querida — disse ele, lançando-lhe um olhar significativo —, guarde esses pensamentos para você. Vai descobrir que nesta cidade há apenas duas formas de progredir na vida — as pessoas pensarem que você é burra ou ficarem com medo de você. Meu plano é deixar eles pensarem que você é burra. Depois nós acabamos com a raça deles.

Janey abriu a boca para protestar, mas de repente pensou melhor no assunto. Era a garota nova na cidade e estava decidida a não pisar na bola. No mínimo, precisava entender as regras antes de quebrá-las...

— Mas claro, meu amor — arrulhou ela.

Sua aquiescência foi recompensada com um aperto por parte de Magwich.

— Esta noite, meu bem — disse ele, sussurrando no ouvido dela —, eu só quero que você aja como uma estrela.

Ora, isso ela era perfeitamente capaz de fazer, pensou, entrando na casa. Não era isso que ela sempre havia se considerado, uma estrela?

Um mordomo inglês uniformizado abriu a porta, e, passando por um saguão verde com chifres de veado nas paredes, os três entraram em uma ampla sala de estar. Ao longo de uma parede, portas envidraçadas davam para uma grande varanda azulejada; no outro extremo havia uma lareira de pedra. A sala estava repleta de conjuntos de sofás e poltronas superestofados de couro, mas Janey mal notou a decoração, porque seu olhar foi imediatamente atraído por Tanner Cole.

Ele estava de pé junto à lareira, com o braço apoiado no consolo; tinha tirado o smoking e vestido calças de algodão leve listrado de azul e branco, que em qualquer outra pessoa ficariam ridículas. Em Tanner Colo, porém, elas davam a impressão de um clássico macho americano — o cara que sempre ganha todos os prêmios por direito inato, e não por esforço — e de alguma forma, comparados a ele, todos os outros homens pareciam inferiores. Ele tinha o tipo de presença carismática que atrai os olhos de todos no salão, e, durante toda a festa da *Vanity Fair*, Janey achara impossível não olhar furtivamente para ele. Em diversos momentos, ao longo da noite, ela o surpreendeu olhando-a fascinado, e a julgar pela maneira como a devorava com os olhos, ela deduzira que, afinal de contas, ele não devia ser gay coisa nenhuma.

Uma vez mais, ele olhou para cima e a viu, seus olhos arregalando-se ao reconhecê-la. Mas como ele não fez menção de se aproximar dela, Janey meramente lhe deu um sorriso muito rápido. Era capaz de perceber que ele era um homem que gostava de tudo à sua maneira, e assim, por enquanto, ela ia esperar. Ia deixá-lo vir até ela, e tinha certeza absoluta de que ele viria...

E quando lhe deu as costas, quase tropeçou em Craig Edgers.

Ele estava sentado de qualquer maneira no fim de um longo sofá de camurça marrom, as pernas estendidas à sua frente, olhando melancólico para seu martini. Craig estava em Los Angeles há apenas três dias, mas já começava a entender que ser romancista famoso em Nova York era uma coisa, e, em Los Angeles, outra bem diferente. Em Nova York, todos pareciam conhecê-lo — no outro dia mesmo, uma escriturária muito bonitinha no banco o reconheceu pela foto impressa na contracapa do seu livro, o que foi uma façanha e tanto, visto que a foto havia sido tirada dez anos antes —, mas em Los Angeles, ele era invisível. Um ano antes, não teria se importado, mas seis meses de sucesso haviam-no ensinado a esperar adulação, coisa que em Los Angeles ele não recebia — nem um pinga. As pessoas tinham, sim, "ouvido falar" no livro dele e "ouvido dizer" que era ótimo. Mas até o momento não havia encontrado uma viva alma que tivesse efetivamente lido o livro, e naquela manhã, em reunião com um jovem executivo da Fox Searchlight, o rapaz tivera a temeridade de sugerir que ele substituisse o personagem principal por uma mulher de 25 anos...

E agora, seu velho amigo Tanner Cole insistira para que ele ficasse acordado e participasse da festa. Craig estava mesmo chegando à meia-idade, pensou; já era mais de meia-noite, e ele tinha a distinta sensação de que sua hora de dormir já havia passado. Mas, se fosse para seu quarto, Tanner ficaria decepcionado — e na manhã seguinte olharia Craig com aqueles olhos castanhos fúnebres, e Craig ia se sentir um fracassado. Tanner Cole era diferente de qualquer outro homem, pensou Craig; possuía uma sensibilidade fora do comum que a princípio parecia ser afetada, mas que, depois de quase vinte anos de amizade, Craig tinha certeza absoluta de que era autêntica. Era capaz de transformar o clima de uma sala com um simples olhar — se Tanner estivesse feliz, todos sentiam que a vida era maravilhosa, mas se estivesse melancólico, fazia as pessoas pensarem que estavam no inferno...

Ele ergueu a cabeça, querendo atrair o olhar de Tanner, mas em vez disso olhou para cima e viu Janey Wilcox de pé à sua frente. O choque foi tão grande que ele quase derramou sua bebida. Era como se tivesse visto alguém ressuscitado dos mortos, e a julgar pela expressão no rosto dela, a surpresa havia sido a mesma.

— Craig — exclamou, espantada. Não podia imaginar o que ele estaria fazendo na festa de

Tanner Cole, e imediatamente lembrou-se da advertência de Selden — de que ela havia "arruinado" a vida de Craig. Será que ele lhe dirigiria a palavra? pensou, e antes que ele tivesse a chance de esnobá-la, ela se sentou.

Craig estava mesmo fudo da vida com Janey, mas embora dissesse a si mesmo que era por causa da confusão que ela havia aprontado com seu roteiro, a verdade é que sentia-se frustrado pelo fato de ela ter subitamente desaparecido de sua vida. Ela certamente tinha uma desculpa, mas mesmo assim ele sentia que ela podia ter telefonado — aliás, devia ter ligado para ele, e lhe explicado a situação pessoalmente. Nas últimas três semanas, ele tinha passado a odiá-la, achando que ela tentara usá-lo de alguma forma (embora ele não soubesse exatamente como), e seu rancor foi igual ao de um amante rejeitado, que não consegue entender por que foi subitamente abandonado. Durante o mês de janeiro e parte de fevereiro, quando ela vinha ao seu apartamento ostensivamente todos os dias à tarde para debater seu roteiro, ele tinha começado a acreditar que ela estava se apaixonando por ele. Mas nunca passou pela sua cabeça que a possibilidade era improvável; afinal, ela lhe afirmara mais de uma vez como ele era genial. Os dois, pensou ele, eram como Arthur Miller e Marilyn Monroe...

Craig não era sofisticado o bastante para esconder seus sentimentos, e portanto, embora estivesse secretamente gostando de Janey ter se sentado ao lado dele (se ela tivesse fingido que não o vira, ou passado adiante, seu ódio se renovaria outra vez), queria que ela soubesse que o havia decepcionado.

— Olá, Janey — cumprimentou, formalmente, tomando um gole do seu coquetel, e olhando zangado para algum ponto a meia distância.

— Craig — disse ela, de mansinho, chegando um pouco mais perto. — Estou muito contente em revê-lo. — E estava mesmo, percebeu de repente. Hollywood era maravilhosa, mas... — É bom ver um rosto familiar — declarou, em voz alta.

— Ah, é? — retrucou Craig, petulante. — Está querendo dizer que todas essas pessoas em volta não são suas amigas?

Como sempre, Craig não era páreo para ela.

— Certamente que não — exclamou Janey. — Não conheço ninguém de verdade... Cheguei ontem. Estou vindo da festa da *Vanity Fair* — não consegui resistir à tentação de mencionar isso — e, naturalmente, todos foram muito gentis, mas não são como nós, entende?

Craig sabia muito bem disso, e foi obrigado a concordar.

Tomou mais um gole do seu drinque. Sentia que estava começando a ceder ao fascínio dela outra vez, mas não queria se entregar assim com tanta facilidade. Ela o magoara — merecia ser punida. Pensou em se levantar, mas a verdade é que ela também era a única pessoa ali que ele conhecia, e ele queria conversar com ela...

— Você podia ter telefonado — insistiu.

— Eu queria — reagiu ela, indignada. E baixando o olhar, disse: — Mas não deu. O Selden... — Ela levou os dedos aos lábios, como se não soubesse se devia continuar.

— Selden? — perguntou Craig. Seu tom foi de desprezo — nas semanas em que se descobrira apaixonado por Janey, tinha começado a pensar no Selden como seu inimigo — não era bom o suficiente para Janey, tinha decidido; não era sensível...

Janey interpretou o tom dele como uma oportunidade para falar.

— Sei que você é um dos melhores amigos de Selden — começou ela, deliberadamente

exagerando a situação para conquistar a simpatia de Craig. — Provavelmente não devia estar lhe contando isso, mas durante o mês passado fui praticamente uma prisioneira na minha própria casa. Selden não me deixava sair... Nem mesmo me deixava usar o telefone. — Fez uma pausa, para avaliar o efeito de suas palavras, e satisfeita pela cara de injuriado que Craig fez, prosseguiu: — Tenho certeza de que já soube, mas eu e o Selden nos separamos. Craig não sabia ainda, mas as palavras dela foram como música para seus ouvidos de meia-idade. Ele não podia, pensou, fazer nada (tinha medo demais de Lorraine para isso) mas só a possibilidade já o fazia sentir-se renovado...

— É uma pena — disse ele, todo satisfeito, sem sentir pena alguma.

— É e não é — afirmou Janey, dando de ombros, indicando que a vida continua. — Quanto tempo vai ficar aqui? Eu vou ficar pelo menos uma semana — disse, pensando no almoço na casa de Candi Clemens. — Devíamos nos encontrar...

Craig havia pensado em voltar no dia seguinte, mas recordou-se de que não tinha nada urgente para fazer em Nova York, e Tanner lhe dissera que ficasse quanto tempo quisesse — um mês, se estivesse a fim. E por que não ficaria? pensou. Era bom estar longe da esposa, o tempo estava magnífica, e agora que encontrara Janey...

— Talvez eu fique por aqui mais uns dias — disse ele, sem querer que ela soubesse que tinha mudado de idéia para poder se encontrar com ela mais vezes. — Contanto que o Tanner não me expulsa...

— Tanner? — perguntou Janey, surpresa.

— Tanner Cole — confirmou Craig. E incapaz de perder aquela oportunidade de impressioná-la, acrescentou: — Estou hospedado aqui na casa dele.

— Ah, está? — disse Janey, tentando não parecer excitada demais. Mas na sua mente, logo surgiu um torvelinho de possibilidades... Como "grande amiga" do Craig de Nova York, ela teria todas as desculpas possíveis para aparecer por lá, e como seria ótimo o Tanner Cole ver que ela não era apenas uma loura burra, mas uma mulher de peso, que conversava com intelectuais importantes, como Craig Edgers... E agora que estava com o Comstock Dibble no papo (e, segundo esperava, Candi Clemens também), não havia motivo por que não devesse retomar o projeto dos dois. Seria o pretexto perfeito para visitar o Craig, e se eles se encontrassem na casa de Tanner, ela com certeza acabaria esbarrando no ator, e tudo ia parecer perfeitamente espontâneo...

Olhando de relance para Tanner, do outro lado do salão, Janey decidiu que quanto mais o via mais gostava dele. Se fosse para conquistá-lo, porém, ele teria que ser só dela, e para isso precisava evitar entregar-se com muita facilidade. Estendendo a mão, tocou o braço de Edgers.

— Sei que provavelmente é um assunto delicado — começou, solidária —, mas Comstock e eu fizemos as pazes, e talvez até ele produza um filme baseado no roteiro que eu escrevi. — Craig fez cara de confuso diante dessa informação, mas ela resolveu fingir que não tinha notado, e prosseguiu: — Vou falar com ele esta semana, e gostaria de falar sobre o nosso projeto outra vez.

— Ela sorriu misteriosamente, e, recordando a breve conversa que tivera com Magwich, e a alegria dele por ver que ela ainda não havia assinado contrato, acrescentou: — Tenho certa influência sobre ele. E se ele não se interessar — continuou — conheço uma presidente de um grande estúdio que talvez se interesse.

Ela recostou-se no sofá, satisfeita com sua própria arrogância. Não era tudo necessariamente

verdade, mas a intuição lhe dizia que era a única maneira de se fechar negócio em Hollywood, e ela estava resolvida a ter sucesso. Contudo, antes que Craig pudesse parabenizá-la por seu plano, Magwich apareceu e lhe entregou uma bebida.

— Achei que podia estar com sede — disse, olhando para Craig com curiosidade, Janey fez sinal para que ele se sentasse. — Este aqui é o Craig Edgers — anunciou ela, com desenvoltura, — Craig e eu estávamos justamente conversando sobre um projeto de filme que estávamos desenvolvendo em Nova York..

E de repente, como se Janey fosse tanto seu anjo da guarda como sua musa, Craig Edgers tirou a sorte grande. Magwich Barone, que também se considerava superior à gentinha de Hollywood, era uma das poucas pessoas que havia lido o livro de Craig de capa a capa — todas as 532 páginas. Com a admiração adequada na voz, tão satisfatória para um autor, principalmente um autor como Craig Edgers, disse, espantado:

— *Os obstáculos, não é?*

— Isso — disse Craig, obviamente satisfeito.

Magwich debruçou-se por cima de Janey, na ânsia de falar com Craig.

— Sua descrição de um homem de meia-idade em busca de sua juventude interior é simplesmente devastadora — elogiou ele. — Mal consegui sair de casa durante três dias...

Craig emitiu uma risadinha de satisfação, enquanto Janey se recostava no sofá e sorria. Olhando de um homem para o outro, pensou em como era gratificante reunir as pessoas, trazendo prazer — e potencialmente proporcionando oportunidades de negócio — para ambas as partes. E se, nesse meio tempo, o resultado fosse deixá-los impressionados com ela por ter tais conexões, também não era nada mau...

Ela olhou para o outro lado do salão na esperança de encontrar o olhar de Tanner Cole (e não seria nada mau se ele a visse na companhia dos dois homens também), mas, em vez disso, quase caiu para trás ao ver um rosto espantosamente familiar. De pé ao lado de uma das portas envidraçadas que levava à varanda, estava, nada mais, nada menos que Bill Westacott...

Bill! pensou. Bill era exatamente o homem que ela estava louca para ver, e agora, como que realizando seu desejo anterior, ele estava ali. Será que havia sentido que ela estava pensando nele? perguntou-se. E então, ouvindo seu canto de sereia, tinha vindo apressado?

Olhou de Magwich para Craig. Magwich estava no meio de uma comparação entre o estilo de Craig e o do autor francês Flaubert, enquanto Craig saboreava seu drinque, quase arrebatando as costuras da sua camisa de flanela xadrez de tão convencido. Apresentavam todos os sinais de dois homens inebriados que pensam ter encontrado uma alma gêmea um no outro, e não iam nem sentir a falta dela.

— Com licença — murmurou ela, ficando de pé.

Os olhos de Bill se encheram de ruguinhas nos cantos, de felicidade, ao vê-la se aproximando dele.

— Bill! — gritou, com uma alegria genuína.

— Olá, Wilcox — cumprimentou ele, inclinando-se para beijá-la na face. Deu as costas para o salão, escondendo o corpo dela dos outros convivas, como se a quisesse toda só para si. — Vejo que já conquistou Hollywood — disse, tomando um gole da sua bebida, enquanto seu olhar penetrante perscrutava o dela. — Magwich Barone parece muito interessado, e não costuma ligar para ninguém...

Bill parecia estar sentindo uma ponta de inveja, notou Janey — um sinal de que Magwich devia ser um agente que valia a pena ter.

— Ele diz que quer ser meu agente — disse Janey, acanhada, lembrando-se de como era divertido provocar o Bill. — Mas não sei se devo aceitar. O que acha?

Bill, porém, só fez rir.

— Sem essa, Wilcox — disse. — Você me conhece bem demais para vir com esse truque para cima de mim. Nunca aceitou conselhos — nem de mim, nem de ninguém...

— Eu lhe disse — contou Janey, com um de seus cochichos orgulhosos — que um dia queria ser presidente de um estúdio cinematográfico...

Bill riu, satisfeito. Aquilo devia mesmo ter deixado o velho Magwich pasmo, pensou; ele devia estar pensando que a ambição da Janey consistia em no máximo comandar um programa de competição na tevê. — E o que foi que ele respondeu?

— Ele me disse que, para começar, era melhor eu bancar a burra — revelou Janey, franzindo o cenho. — Mas, francamente, não sei se vou poder...

Já estava quase terminando de montar o número, pensou Bill, mas depois percebeu que não era bem isso. Ela sempre tivera aquele número pronto, pensou; o problema era encontrar o palco onde representá-lo...

Até agora.

— Janey — disse, incapaz de reprimir o riso. — Tenho certeza de que é capaz de fazer tudo que quiser, inclusive bancar a burra... Aliás — continuou, mudando de assunto como se tivesse sido uma coisa espontânea —, como vai o tal roteiro? Ouvi dizer que o Comstock vai produzir o filme. Você conseguiu terminá-lo, afinal?

— Ai, meu Deus! — exclamou ela, fingindo desprazer. — Será que todos em Hollywood já sabem disso? — Contorceu-se, como se estivesse contrariada, mas Bill de repente se lembrou daquelas lânguidas tardes que haviam passado na praia, transando, dois ou três verões antes. Era tão linda naquela época, e tão cheia de vida (e de equívocos, claro, que naquele tempo o levavam à loucura), que ele havia se apaixonado loucamente por ela. Que tolice, deixá-la escapar, pensou. Devia ter se divorciado da mulher e se casado com ela, pois naquele tempo ele sabia que ela estava apaixonada por ele também...

— Vá lá, Bill — disse, suspirando resignada. Parecia ligeiramente aborrecida, mas ele viu em seus olhos um brilho malicioso. — Você tinha razão. — E quando ele arqueou as sobrancelhas para ela, Janey mordeu o lábio. — Eu não terminei exatamente — continuou, encolhendo os ombros de um jeito travesso. Chegou mais perto dele, para sussurrar-lhe ao ouvido, — Só escrevi 33 páginas. Mas a loucura maior é que isso não parece ter importância. Todos pensam que eu escrevi um roteiro. E agora não sei bem o que devo fazer...

— Vai descobrir — disse ele, a voz rouca, recuando um passo para olhar nos olhos dela. A visão quase lhe partiu o coração. Talvez fosse tudo o que ela havia passado, mas de repente, ele notou que ela tinha crescido. Agora era uma mulher...

Ele precisava ir embora.

Ao fazer isso, porém, viu os olhos de Tanner Cole percorrendo a sala em busca dela, e pelo rabo do olho, percebeu que ela estava correspondendo...

E de repente entendeu que a conversa deles tinha terminado.

— Ai, Bill — murmurou ela. Estendendo a mão, tocou o rosto dele, e ele encostou o rosto na mão

dela, prendendo-lhe o olhar. Naquele instante, todo o conhecimento que tinham um do outro — todas as suas rivalidades e rancores, seus desejos e aspirações — pareceu passar silenciosamente entre eles, e tudo foi perdoado.

E por fim, como se finalmente estivesse se permitindo aproveitar a glória da noite, ela comentou: — Não é maravilhoso?

Ela se afastou, saindo pelas portas envidraçadas, e caminhando em direção a varanda. Ele a vira usar aquele truque uma dúzia de vezes em festas anteriores, separar-se dos outros convidados para atrair um homem. Certa vez ele fora até lá zombar dela, pensou, mas de repente descobriu que tinha perdido a vontade de atormentá-la.

Deu-lhe as costas e olhou o salão. A multidão — astros de cinema e produtores, roteiristas e agentes e, de quebra, uns dois ou três maquiadores e personal trainers — havia atingido aquele momento frenético no qual todos sabem que a festa está prestes a terminar e eles ainda não conseguiram realizar aquilo que vieram fazer. Holly wood, Bill pensou sardonicamente, era o espírito empreendedor americano no que havia do melhor — a maior ganância, ambição, mediocridade e maldade. Mas isso não era inteiramente verdade, corrigiu-se. Havia também talentos legítimos — até brilhantismo — e o motivo verdadeiro pelo qual Holly wood ainda estava de pé, e pelo qual ainda continuava funcionando, era que por trás de toda aquela purpurina estava um genuíno desejo de fazer bem as coisas. Ninguém tinha a intenção de fazer um péssimo filme ou um programa ruim de televisão; a maioria das pessoas, pensou ele, só queria ter sucesso. E se nem sempre conseguiam, se ficavam aquém das expectativas, não seria esse apenas o castigo por ser humano? E quando espreitou sobre o ombro, vendo Janey ir até a varanda para ficar ali sozinha, se encheu de medo por ela e de orgulho — orgulho pela forma como ela havia se levantado e dado a volta por cima, dando alguns pequenos passos para seguir adiante. Ela era capaz de ser burra a ponto de parecer ridícula, pensou, mas, como a maioria das pessoas, seu único defeito mesmo era ser ela sua pior inimiga. Uma característica que, segundo se recordou, até ele podia ser acusado de ter...

E por um segundo, pensou em segui-la.

Mas aí se conteve. Deixe-a em paz, pensou. Deixe-a aproveitar o momento. O sucesso dela naquela noite tinha sido imenso, mas era um sucesso hollywoodiano — súbito, mágico e avassalador — destinado a terminar destruindo a alma de quem o recebia, sem de nada desconfiar. No futuro, haveria muito tempo para decepções, para a descoberta de que alguém havia traído, para a percepção de que, enquanto um dia se era "o máximo", no dia seguinte, se caía abaixo de zero, e ninguém atendia seus telefonemas...

E, pelo rabo do olho, viu Tanner Cole se dirigir à varanda. Ele não ia competir com um ator de cinema, pensou, contrariado. Agora, pelo menos, não. Janey começava uma nova jornada, e que não o incluía, pensou com súbito alívio, E quando Tanner Cole passou por ele, sentiu vontade de dizer: "Boa sorte, cara..."

Naturalmente, porém, guardou esses pensamentos. E quando voltou a olhar para Janey, disfarçadamente, naquela sua pose estudada, na varanda, teve a sensação de que Holly wood logo ia descobrir que ela não podia ser destruída com tanta facilidade assim. Ela parecia ter em si um espírito e uma esperança simplesmente imortais...

E de pé, com uma das mãos na balaustrada, Janey havia disposto o corpo em uma pose três-quartos, de frente para o panorama de luzes que se descortinava lá embaixo. Fechou os olhos,

respirando o ar noturno perfumado, e sabendo que estava criando a imagem de uma linda jovem perdida em pensamentos...

Só que dessa vez, estava mesmo perdida em pensamentos, percebeu. Seu lugar era aqui... Tudo naquela noite lhe dizia que finalmente havia encontrado seu lugar. E abrindo os olhos para admirar a vista, de repente soltou um gritinho de espanto e recuou um passo, de tanta alegria. Do ponto privilegiado onde estava, no alto das colinas de Hollywood, as luzes cintilantes de Los Angeles se espalhavam sob ela como um tapete dourado, a lhe dar as boas-vindas.